



DRAMATURGIA VITAL

O TEATRO POPULAR E MUSICAL
DO CARUARUENSE VITAL SANTOS

VOL. 1



LEIDSON FERRAZ

DRAMATURGIA VITAL

©
O TEATRO POPULAR E MUSICAL
DO CARUARUENSE VITAL SANTOS

VOL. 1

LEIDSON FERRAZ

APOIO CULTURAL:



INCENTIVO CULTURAL:



MINISTÉRIO DA
CULTURA

GOVERNO FEDERAL



UNIÃO E RECONSTRUÇÃO

DRAMATURGIA VITAL

O TEATRO POPULAR E MUSICAL
DO CARUARUENSE VITAL SANTOS

VOL. 1

LEIDSON FERRAZ

RECIFE | 2025

Organização, pesquisa, escrita, edição, revisão de texto e produtor cultural: **Leidson Ferraz**

Projeto editorial: **Claudio Lira e Leidson Ferraz**

Design e diagramação: **Claudio Lira**

Articelistas convidados: **Gilberto Brito, Sebastião Alves, Fátima Aguiar e Samuel Santos**

Assessoria de comunicação e redes sociais: **Leidson Ferraz e Cleyton Cabral**

Tradutoras e intérpretes de Libras nos lançamentos dos livros: **Jael Engrácia e Jéssica Santos**

Fotos capa: *Auto das Sete Luas de Barro* (Acervo Alcimar Vólia), Vital Santos (Jorge Clésio)
e *Rua do Lixo, 24 - Le Grand Cirque de la Vie* (Hans von Manteuffel)

Fotos contracapa: *Rua do Lixo, 24* (Pissica/Acervo Alcimar Vólia)
e *Auto das Sete Luas de Barro* (Lauro Lima)

Muitos esforços foram feitos para registrar os créditos das fotos utilizadas neste livro. Como na maior parte delas não havia qualquer indicação de quem as fotografara, contamos com o apoio dos donos e donas dos acervos particulares que autorizaram, assim, a publicação das imagens.

Todas as peças aqui registradas podem ser montadas por qualquer grupo amador, estudantil ou universitário no Brasil ou em outros países, sem nenhuma cobrança de direito autoral, desde que a estreia seja informada a Isabela Sobral (isabelasobral@hotmail.com), filha de Vital Santos, e ao editor desta publicação, Leidson Ferraz (leidson.ferraz@gmail.com). Às companhias profissionais, a intenção é favorecer ao máximo que os trabalhos possam ser realizados.

Maiores contatos: Rua do Espinheiro, 690, apt. 802, Edf. Manoel Quintas, Espinheiro - Recife/PE. CEP: 52.020-025.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Ferraz, Leidson

Dramaturgia vital : o teatro popular e musical do caruaruense Vital Santos : vol. 1 /
Leidson Ferraz. -- Recife, PE : Ed. do Autor, 2025.

ISBN 978-65-01-66115-5

1. Dramaturgia 2. Santos, Vital, 1948-2013 3. Teatro brasileiro 4. Teatro musical I.
Título.

25-296809.0

CDD-B869.2

Índices para catálogo sistemático:

1. Teatro : Literatura brasileira B869.2

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

Eu contraí o verme do teatro na feira de Caruaru. Vendo a zabumba, os cantadores de folhetos, os emboladores, os sanfoneiros, as bandinhas de pífanos, os mamulengueiros, despertei para minha vocação.

A feira de Caruaru é a maior universidade de arte popular do mundo. É aqui que se encontram os melhores e mais espontâneos artistas populares: o ceguinho da sanfona, Zé de Inês, com a sua coreografia carnavalesca e musical; Chico Porto, com o seu sorriso popular; Cacho de Coco, Calango e tantos outros tipos do nosso dia a dia.

Vital Santos



AGRADECIMENTOS

A todo mundo que torceu por este trabalho e, em especial, aos vários amigos e amigas que colaboraram cedendo informações, abrindo seus acervos ou me ajudando de alguma forma: Albanita Almeida, Alberto Brigadeiro, Altair de Sousa, André Ramos, Andresa Ferraz, Antônio Guinho, Antonio Preggo, Arary Marrocos, Beto Nery, Cadu Macêdo, Carla Martins, Carlos Sett, Célio Pontes, Chico Neto, Cleyton Cabral, Colette Dantas, Didha Pereira, Diógenes Maciel, Dinho Gonçalves, Ernesto de Albuquerque Vieira Santos Filho, Eddie Monteiro, Ednice Souza, Edu Oliveira, Emanuel David D'Lúcard, Fábio dos Anjos, Fábio Pascoal, Fátima Aguiar, Felipe Prado, Gabriel Sá, Galiana Brasil, George Filipe, Gilberto Brito, Hammai de Assis, Hans von Manteuffel, Homero Fonseca, Iva Araújo, Izabel Venâncio, Jamesson Vasconcelos, Jorge Clésio, José Francisco Filho, José Mário Austregésilo, Josias Albuquerque, Kattianny Torres, Kelly Moura, Lauro Lima, Lenice Queiroga, Leno Pereira, Lúcio Lombardi, Luiz Felipe Botelho, Luiz Pereira Neto, Marco França, Maria Alves, Maria Eliana Galindo, Mhill Moreira, Mônica Holanda, Nelly Lino, Nildo Garbo, Paulinho Souza, Pedro Aarão, Pedro Portugal, Radaméis Moura, Renato Cabral, Rita Beatriz, Ronaldo Negromonte, Romildo Moreira, Rudimar Constâncio, Samuel Santos, Sandra Rino, Sebastião Alves (Sebá), Sérgio Fonta, Severino Florêncio, Silviane Lima, Socorro Maciel, Suzana Costa, Tácito Borralho, Valéria Barbalho, Vinícius Coutinho, Walter Reis, William Smith e Williams Sant'Anna, além das equipes do *Jornal Vanguarda* (Lígia Teixeira e Nara Lyra), do *Diário de Pernambuco* (Cleodon Coelho, Fernando Correia e Paula Losada), do Arquivo Público Estadual de Pernambuco (Reginaldo Ribeiro) e da Cúria Diocesana de Caruaru.

Minha mais sincera gratidão também a Rita Marize, Ailma Andrade, Conceição de Paulo e Edson Paulo (SESC Pernambuco), por possibilitarem belos lançamentos dos livros no Recife e em Caruaru; à vereadora Cida Pedrosa e ao seu assessor José Manoel Sobrinho, que garantem parte da circulação nacional destas obras; e, por fim, a Isabela Sobral, Jandira Siqueira e Josué Euzébio, a quem dedico esta enorme pesquisa, porque, além de também colaborarem com muito material, tiveram enorme paciência para remexer em suas próprias memórias e responder a tantos questionamentos meus.

Eu e Vital estamos dando um abraço bem forte em todos vocês!

SUMÁRIO

10 | Apresentação

A arte de um fantasista nato, mas com os pés em Caruaru

36 | Feira de Caruaru

37 | Pesquisa por Leidson Ferraz

63 | Dramaturgia por Vital Santos

98 | Rua do Lixo, 24

99 | Pesquisa por Leidson Ferraz

143 | Dramaturgia por Vital Santos

166 | A Menor Pausa

167 | Pesquisa por Leidson Ferraz

185 | Dramaturgia por Vital Santos

206 | Aparição e Vagabundo

207 | Pesquisa por Leidson Ferraz

215 | Dramaturgia por Vital Santos

240 | A Árvore dos Mamulengos

241 | Pesquisa por Leidson Ferraz

262 | Dramaturgia por Vital Santos

294 | O Sol Feriu a Terra e a Chaga se Alastrou ou Os Martírios de Jorge e Rosinha

295 | Pesquisa por Leidson Ferraz

323 | Dramaturgia por Vital Santos

354 | Solte o Boi na Rua

**ou A Estória da Sogra Que Enganou Todos os Santos
Para Enricar o Genro e Acabou no Inferno**

355 | Pesquisa por Leidson Ferraz

364 | Dramaturgia por Vital Santos

390 | Bom Dia, Carmen Miranda!

391 | Pesquisa por Leidson Ferraz

393 | Dramaturgia por Vital Santos

Vital Santos (2009)
Foto: Célio Pontes



A ARTE DE UM FANTASISTA NATO, MAS COM OS PÉS EM CARUARU

Leidson Ferraz

Vital Florentino Silva nasceu em 25 de setembro de 1945 num município do interior de Pernambuco, Caruaru. Deveria ter sido em Toritama, onde sua mãe morava, distante 25 minutos de carro, mas não havia maternidade por lá na época. Severina Florentino Silva, sua genitora, era órfã de mãe, filha de fazendeiro e sempre procurou desafiar o pensamento tacanho da sociedade, tanto que se entregou a um homem casado, Álvaro Santos. Expulsa de casa pelo pai e renegada também pelos irmãos, ela teve que criar o filho sozinha. Aversa às regras sociais e um tanto feminista, Severina manteve outro relacionamento com homem casado e um segundo menino nasceu seis anos depois, João.

Por intermédio de um comerciante, Vital conheceu o pai ainda criança (ele costumava dizer que o mesmo até lhe havia pago um refrigerante nesse encontro), mas mantiveram-se distantes por quase toda a vida. No entanto, adotou o sobrenome Santos no seu registro artístico. Houve mesmo quem acreditasse que seu nome completo, erroneamente, era Vital Florentino dos Santos. Nos documentos oficiais, no entanto, sendo filho de mãe solteira, assim como seu irmão, continuou sem a presença paterna. A infância foi marcada pela pobreza. Sua mãe vivia do que ganhava na costura e da ajuda financeira de algumas irmãs. Aos 7 anos, o menino Vital já trabalhava carregando frete na feira de Toritama. Ele conheceu a miséria e, inclusive, a fome.

O nascimento em Caruaru se deu por necessidade, mas a influência que recebeu das pessoas dali, das cores, dos cheiros, dos sabores, do clima da “Capital do Agreste”, como é conhecido o município, estão na sua obra como uma indelével impressão digital. O período de idas à sua terra natal

desde a meninice, do amor ao seu lugar de origem, do próprio sentimento de família, mesmo que um tanto esfacelada frente às contingências da vida, estão expressas em muitas de suas obras. O ambiente da feira caruaruense, dos artistas populares que lá viu, das figuras excêntricas que conheceu, das situações ora hilárias ora dramáticas que presenciou ou soube de ouvido, transfiguraram-se no palco como fotografias da memória.

Ainda na adolescência, Vital passou a morar em Caruaru e, mesmo que tenha tido uma educação formal atribulada (só concluiu os estudos graças ao Mobral - Movimento Brasileiro de Alfabetização), o seu amor às artes se tornou inevitável e o fez ligar-se primeiramente ao segmento da poesia. Foi assim que ele participou do Grupo Evolução, um aglomerado de jovens artistas que teimavam em provocar e refletir sobre o mundo, entre poetas, contistas, cronistas, declamadores e gente de teatro, além de jornalistas e críticos de música e literatura. Numa sociedade moldada pelo conservadorismo, tentavam fazer cultura e arte com um pensamento inovador, progressista, mas prioritariamente discutiam política e o seu compromisso na resistência à Ditadura Civil-Militar no Brasil.

Um de seus integrantes, o hoje jornalista e escritor Homero Fonseca, em entrevista, confirmou que eles queriam apenas “se expressar” e eram “simpatizantes da esquerda” (FONSECA, 2024). O núcleo sobreviveu de 1967 a 1969 e, além da presença constante em Caruaru, levou suas ideias para palcos de colégios e quadras esportivas por cidades como Belo Jardim, Bezerros e Taquaritinga do Norte/PE. Dos projetos desenvolvidos, o show-jogral *Faz Escuro, Mas eu Canto*; a peça teatral *A Vida Sob Dois Ângulos*, de Homero Fonseca, abordando as diferenças entre o burguês e o proletário; o lançamento de um livro de poesias de Laércio de Vasconcelos no Cinema de Arte; a programação de filmes como *A Falecida*, de Nelson Rodrigues, dirigido por Leon Hirszman, no Cine Irmãos Maciel; a distribuição da revista bimensal *Evolução*, que chegou a ter Vital Santos como diretor e colaborador no 3º número, em agosto de 1968, com o poema “A Rua dos Desocupados”; a publicação de uma antologia de poemas *É Preciso Cantar o Amor e Amar o Canto*, que também virou show e contou com Vital; e a aposição de uma placa de bronze na casa de Lycio Neves, instituindo ali a “Casa da Poesia de Caruaru”.

Seus objetivos foram registrados numa das edições da revista *Evolução*, na época dirigida por Arnóbio Costa:

Não podemos prever até quando Caruaru será tão conservadora, tão reacionária, mas uma coisa deve ficar bem explícita: nós lutaremos até o fim por uma cultura nova, por uma cultura menos arcaica. Com esta promessa, continuamos tentando levar o nosso pensamento – um pensamento novo – a todos que gostem de cultura, que gostem de arte, intensificando os nossos debates, palestras, cine-fóruns, apresentações teatrais, esta revista e quaisquer promoções, sejam culturais ou artísticas. Eis o que pensamos e fazemos, mesmo não sendo compreendidos na maioria das vezes. (O QUE PENSAMOS..., *Evolução*, jun. 1968, s. p.)



Componentes e amigos do Grupo Evolução (provavelmente 1967)
Foto: Acervo Arary Marrocos

Naquele momento, em meados da década de 1960, além de gostar de ler e escrever, Vital já estava atento ao que se fazia de teatro em terras pernambucanas. Não só pelo Teatro de Amadores de Caruaru - TAC, grupo que havia sido dirigido por Luiz Mendonça, o mesmo que vivera o Cristo no espetáculo *O Drama da Paixão*, no município próximo do Brejo da Madre de Deus, e que acabou fugindo de Pernambuco por seu envolvimento com o esquerdista Movimento de Cultura Popular - MCP, na deflagração da Ditadura brasileira em abril de 1964, mas também pela intensa atividade de Hermilo Borba Filho à frente do grupo Teatro Popular do Nordeste - TPN, atuante desde 1960 no Recife. Além da admiração a esses artistas líderes, os seus conjuntos atraíam a atenção de Vital especialmente por abraçarem o “popular”, aproveitando as dores e alegrias do povo nordestino nos variados trabalhos cênicos que faziam.

Influenciado por suas estéticas e temáticas, Vital aprendeu a olhar com afincos para os seus pares. Como menino pobre que foi, esteve atento ao redor e sempre pôs na escrita para os tabladados a sua gente nordestina. Na realidade, Vital conseguiu traduzir cenicamente a vida do povo de Caruaru, seus trejeitos, seus falares, seus modos de ser e enfrentar os desafios, as tragédias, as comédias, o próprio resistir. Tudo isso com humor e poesia – seus principais ingredientes dramatúrgicos –, amalgamados à música ao vivo e à dança. Afinal, para além de dramaturgo, encenador mestre e letrista de belas canções, ele foi um coreógrafo de mão cheia. Não no sentido da técnica do dançar, mas de saber movimentar os corpos dos seus atores e atrizes com exímia precisão, numa dinâmica que surpreendia pela harmonia do conjunto.

Vital Santos criava verdadeiros quadros vivos, retratos singelos com a diversidade dos tipos físicos sempre distintos com quem trabalhou. Ele sabia manejar seus intérpretes num atuar-cantar-dançar constantes. Durante debate em 1998, no Projeto Memórias da Cena Pernambucana - O Teatro de Grupo, iniciativa da Federação de Teatro de Pernambuco - Feteape, que originou a coleção de quatro livros que lancei entre 2005 e 2009, sendo o primeiro exemplar em parceria com Rodrigo Dourado e Wellington Júnior, Vital afirmou sobre o seu processo de criação:

Meus espetáculos são pobres, miseráveis, mas tento extrair dos atores tudo o que possam dar de emoção. Não se veem cenas grandiosas, mas a grandiosidade do ator. É ele quem



Vital Santos (de braços levantados) com a equipe do espetáculo
Rua do Lixo, 24 na II Semana de Teatro de Campina Grande (1970)
Foto: Acervo Josué Euzébio

faz tudo crescer, com seu corpo, sua voz, seu talento. Quase sempre o palco fica nu. A cena vai se vestindo como se fosse um desfile de escola de samba, mas sem grandes efeitos. [...] O teatro é a luz, o cenário, o adereço, a música, tudo. Eu não sei fazer um espetáculo em que a coreografia não seja minha, porque ela já é o próprio espetáculo. Um dado importante é como costuro a encenação. Tudo meu é artesanal, e cena por cena é construída em função do sentimento do ator, que tem que ter, também, o corpo musical, transpirar música. (*Apud* FERRAZ, 2006, p. 174)

Encenador de mão cheia, Vital Santos sabia dominar a plástica das suas montagens de teatro popular e musical como ninguém, aproveitan-

do o potencial de cada intérprete na atuação, no canto e na dança com extrema maestria. Os atores que foram trabalhar com ele – incluindo eu – tinham que, necessariamente, atuar, cantar e dançar, mas sem uso de microfones ou outros aparatos técnicos modernos, sempre acompanhados por músicos instrumentistas tocando trilhas sonoras, na maioria, originais e executadas ao vivo. Difícil encontrar alguém que não tenha se encantado com suas realizações cênicas, todas preocupadas em denunciar as dificuldades do homem do Nordeste – ou dos oprimidos de qualquer lugar – tentando sobreviver e manter viva as suas práticas culturais, reiteradamente apostando numa simplicidade cativante.

Autor de peças emblemáticas como *Auto das Sete Luas de Barro*, *Olha Pro Céu*, *Meu Amor*, *Concerto Para Virgulino Sem Orquestra* (em parceria com sua ex-mulher e atriz, Alcimar Vólia) e *Rua do Lixo*, 24, entre muitas que escreveu (algumas ainda perdidas), sua obra foi toda concebida para ocupar a cena imprescindivelmente, sendo reescrita nos momentos de ensaio ou até mesmo após a estreia, no correr das apresentações. Nesse burilar constante, não por acaso ele ganhou alguns dos mais importantes prêmios do teatro brasileiro: Molière, Mambembe, APCA e Governador do Estado do Rio de Janeiro, entre outros. Mas antes de abordarmos melhor a sua dramaturgia, que até então estava totalmente dispersa e ainda era inédita em livro, continuemos a acompanhar a trajetória artística que ele trilhou e, principalmente, sua inserção em outros campos, como o político.

Quando em maio de 1973 Vital Santos ganhou o 1º Concurso de Poesia promovido pela Casa de Cultura José Condé, espaço inaugurado em 31 de janeiro daquele ano como última ação do então prefeito Anastácio Rodrigues, ele dedicou o seu poema, cujo título é *Em Algum Lugar Fora Daqui*, ao próprio político que administrara Caruaru de janeiro de 1969 a janeiro de 1973. Isso porque Anastácio Rodrigues – que faleceu em 2023, aos 94 anos – foi um grande homem que soube dar atenção à Cultura e aos artistas da cidade. Ligado ao partido MDB - Movimento Democrático Brasileiro, fazia uma espécie de “oposição consentida” ao regime ditatorial brasileiro. Vital, nas suas criações, soube atrair a atenção de um prefeito, mas também de mais gente importante, firmando apoios que o fizeram não só realizar seus sonhos teatrais, mas chegar a outros lugares, muitas vezes contando com incentivo do poder público (pelo menos no início da trajetória).



Numa confraternização em Caruaru (1971), o Grupo de Cultura Teatral com Paschoal Carlos Magno (de paletó à direita)
Foto: Acervo Renato Cabral

Para se ter ideia, o seu Grupo de Cultura Teatral - GCT, hoje Companhia Feira de Teatro Popular, ainda em plena atividade, foi o coletivo pernambucano que mais circulou pelo país nas décadas de 1970 e 1980, muito graças ao Projeto Mambembão, do Serviço Nacional de Teatro - SNT. “Para mim, a poesia do teatro sempre aconteceu e vai acontecer em grupo” (*Apud* FERRAZ, 2006, p. 175), disse ele em depoimento ao Projeto Memórias da Cena Pernambucana. Se sabia transitar com sua turma pelos corredores do poder – tanto que chegou a ocupar cargos como diretor da Casa de Cultura José Condé e até de secretário de Turismo e Cultura de Caruaru –, sua mais duradoura parceria, no entanto, se deu com o próprio embaixador do teatro brasileiro, Paschoal Carlos Magno, o mais

aclamado agitador cultural do nosso país, criador do Festival Nacional de Teatros de Estudantes, entre muitas outras ideias importantes.

Este evento lançou tanta gente talentosa nas suas sete edições (1958 no Recife; 1959 em Santos; 1961 em Brasília; 1962 em Porto Alegre; e em 1968, 1971 e 1975 no Rio de Janeiro), a exemplo de Antônio Abujamra, Amir Haddad e José Celso Martinez Corrêa, entre muitas pessoas. Com a peça *Rua do Lixo*, 24, o Grupo de Cultura Teatral participou da sexta e penúltima edição do Festival, durante uma semana, na Aldeia de Arcozelo, no estado fluminense, quando 600 jovens se reuniram para mostrar o teatro que produziam, e Vital foi contemplado com alguns dos prêmios, além de uma declaração de Willy Keller, ex-assistente de Bertolt Brecht e tradutor da peça *Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna, em toda a Europa, numa entrevista à conceituada revista *Manchete*: “Este moço descobriu aquilo que todos estão tentando descobrir no Brasil: um novo caminho para o teatro. [...] Não há dúvida de que estamos diante de um dos maiores autores brasileiros de todos os tempos” (*Apud BORBA, Manchete*, 27 fev. 1971, p. 140).

Paschoal Carlos Magno, por sua vez, não parou de tecer elogios a Vital e abrir portas para o seu grupo. A amizade dos dois era tão profícua, que o carioca deu nome a um teatro que aquela turma inaugurou em Caruaru, no ano de 1971, com apenas 50 lugares, devidamente registrado pela imprensa com certo alarde, mas que, curiosamente, só funcionou no dia da sua inauguração. Talvez seja, no mundo, o teatro de vida mais curta, quem sabe? Em 1974 foi a vez de Paschoal receber o título de cidadão caruaruense conferido pela Câmara Municipal. Vital, quando esteve à frente da Fundação Cultural de Caruaru, inspirado pelo mestre, criou, junto ao seu pessoal do GCT, o I FETEC - Festival de Teatro Estudantil de Caruaru, com programação no Teatro João Lyra Filho de 2 a 9 de novembro de 1974.

A ideia era estimular os estudantes à experiência teatral, promover debates, conferências e distribuir prêmios aos melhores. Além da participação de nove instituições de ensino da cidade, como os colégios Nicanor Souto Maior, Diocesano, Municipal e Sete de Setembro, o evento contou com a visitante peça *O Que Mantém um Homem Vivo*, de Bertolt Brecht, pelos atores Renato Borghi e Cláudia de Castro, do Teatro Vivo, de São Paulo/SP. O encerramento se deu com um texto dirigido pelo próprio Vital Santos, *Recortes da Infância*, a partir da vida e obra do poeta caruaruense



Antígona (1972), de Sófocles, dirigida por Vital Santos
como lançamento do Teatro da Universidade do Agreste - TUA
Foto: Acervo Renato Cabral

Lycio Neves (pseudônimo literário de Natalício Augusto Neves), já lançado no ano anterior sob o título *Recital Seu Opus ou Lycio Neves em Prosa e Verso*. Inclusive, em setembro de 1974 foi lançado fisicamente como um “Poem-A-to” em pequena brochura editada nas oficinas do jornal *Vanguarda*, colagem de poemas de Lycio Neves (*in memoriam*) e Vital Santos intitulada *Recortes da Infância - Angústias e Tormentos de Lycio Neves*.

A obra “conta a paixão dos versos de Lycio Neves na luta contra a insensibilidade e diz que ele foi um Quixote que tentou com os seus braços frágeis quebrar os espelhos do tempo para que a sua face retratasse o verdadeiro homem” (LANÇADO..., *Vanguarda*, 24 nov. 1974, p. 1). É importante ressaltar que, para além dos próprios originais, Vital também dirigiu

peças de outros autores: *O Assalto* (1971), de José Vicente, na abertura do Teatro Paschoal Carlos Magno e no III Festival Nacional de Teatro de São José do Rio Preto/SP; *O Uivo* (1973), de Allen Ginsberg – trabalhando, inclusive, como ator (“ruim”, diria ele entre risadas), ambas no próprio GCT –; e *Paixão, Amor e Castigo* (1980), de Ernesto de Albuquerque Vieira Santos Filho, já com o Grupo Folguedo de Arte Popular. Em outros coletivos dirigiu *Quarto de Empregada* (1971), de Roberto Freire, pelo Grupo MOCA - Movimento de Cultura Artística, de João Pessoa/PB; *Antígona* (1972), de Sófocles, no lançamento do Teatro da Universidade do Agreste - TUA; *Transe* (1972), de Ronald Radde, a convite do Teatro de Amadores de Caruaru - TAC; e *Arena Conta Zumbi* (1974), de Gianfrancesco Guarneri e Augusto Boal, com músicas de Edu Lobo, no lançamento do Teatro Universitário de Filosofia - TUF, ligado à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Caruaru - FAFICA.

Especialmente para o VII Festival Nacional de Teatros de Estudantes, que naquela edição no estado carioca – a derradeira de evento tão importante – só recebia peças para as infâncias, Vital Santos coordenou o lançamento do Grupo Paschoal Carlos Magno, também de Caruaru, no infantil *Um Fraque Histórico* (1975), de Miguel Santos, sob a direção geral de Biuzinho (Severino Almeida) e assistência de Pedro Delon (Pedro Aarão). A obra trata da marginalização que pequenos engraxates, lavadores de carro e mendigos sofrem. Já no estado do Espírito Santo ele encenou o muito mal recebido *Tem Xiririca na Bixanxa* (1982), texto revisteiro de Amylton de Almeida, Mílson Henriques e Marcos Alencar, junto ao capixaba Grupo Ponto de Partida, da capital Vitória/ES. Mas todos sabem que ele se encontrava, verdadeiramente, no seu teatro popular, musical e autoral.

Em 1977, a convite da Fundação Teatro Guaíra, de Curitiba, Vital foi dirigir a Cia. Ribalta de Teatro na sua peça *A Árvore dos Mamulengos*, que recebeu seis prêmios Gralha Azul (incluindo melhor espetáculo e direção), um recorde na época, produção levada ao Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília e indicada ao troféu Molière nas categorias autor, ator (Lutero de Almeida) e grupo, movimento ou personalidade (Vital concorreu, por exemplo, com Ruth Escobar pelo Seminário de Dramaturgia em São Paulo). Shows musicais também contaram com sua direção artística, como



Vital Santos em meio a técnicos e artistas do espetáculo *Rua do Lixo*, 24 (1976), em sua 2ª versão, pelo Grupo Feira de Teatro Popular
Foto: Pissica / Acervo Vital Santos

Até a Amazônia? e *Pilogamia do Baião* (1979) – pilogamia é uma expressão criada pelo poeta paraibano Zé Limeira e significa imensidão, com o Quinteto Violado. O primeiro ainda contando com Sérgio Ricardo, e o segundo com Oswaldinho do Acordeon, ambos no Projeto Pixinguinha, iniciativa do Governo Federal onde também pôde dirigir show de Elba Ramalho e Geraldo Azevedo, com participação de Vital Farias, entre julho e agosto de 1980, numa turnê pelas capitais do Rio de Janeiro, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Amazonas e Pará.

E quando nosso caruaruense morou um tempo na capital carioca, colaborou ainda com o Grupo Cobras e Lagartos, dirigido por Luiz Mendonça, na montagem de *Concerto Para Virgulino Sem Orquestra* (1981), obra sua e de sua parceira Alcimar Vólia, que retomou por lá em 1996, agora com o próprio autor a dirigindo. Mas, desta vez, mesmo contando com alguns atores famosos como Sandra Pêra e André Valli, enfrentou uma decepcionante produção da carioca Ciça Fontes. Ainda que bem recebida, a peça acabou com a equipe totalmente insatisfeita pela ausência de pagamentos.



Vital Santos em meio a técnicos e artistas do espetáculo
Cantigas do Sol - Dom Quixote de Cordel (2009), no Recife
Foto: Célio Pontes

NO TEATRO, UM DOS MAIS PREMIADOS CRIADORES DO NORDESTE

Desde que se tornou destacado autor e encenador, sempre inquieto e irreverente como o líder do Grupo de Cultura Teatral (a equipe ganharia outras denominações no correr dos anos, Cia. de Cultura Brasileira, Grupo Folguedo de Arte Popular, Grupo Feira de Teatro de Caruaru, Grupo Feira de Teatro Popular de Caruaru e, finalmente, Companhia Feira de Teatro Popular), Vital Santos procurou manter-se conectado com o seu tempo e a sua região. Seus primeiros textos que ganharam os palcos, *Feira de Caruaru* (1969) e *Rua do Lixo, 24* (1970), já contavam histórias do povo de Caruaru, cidade vista como espécie de metáfora do próprio interior do Brasil. Outro aspecto: a naturalidade dos artistas que punha em cena sempre chamou a atenção, parecendo que gente “do povo” compunha os seus elencos.

O dramaturgo e diretor soube tirar proveito desses tipos e sotaques em montagens que primavam pela inventividade do palco nu transformado

em ambientes variados pelo mínimo de adereços e luz, a valorizar os intérpretes pelo seu conjunto. A música ao vivo, com trilhas sonoras na maioria originais, sempre se fez presente. Por isso, compositores como Onildo Almeida, Suitberto Cavalcanti, Josias Albuquerque e Jadilson Lourenço foram parceiros imprescindíveis para a maior identificação das plateias. Além de abordar quase sempre a miséria humana, mas com um humor e uma poesia muitas vezes arrebatadores, Vital Santos também nunca esqueceu de pontuar questões político-sociais nas suas criações cênicas.

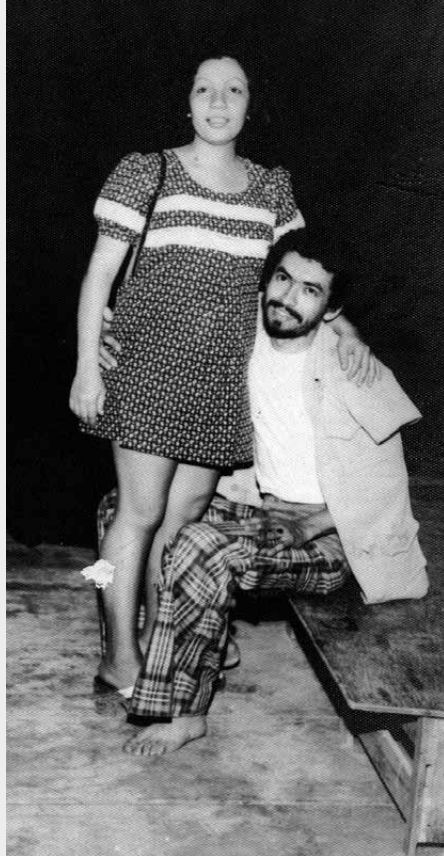
Foi assim em *A Menor Pausa* (1972), quando usou a menstruação como metáfora do sangue derramado no país em plena Ditadura; ou ainda n'*A Árvore do Mamulengos* (1973) e em *Solte o Boi na Rua* (1976), onde desbanca a autoridade militar pela esperteza popular. Ou mesmo em *A Noite dos Tambores Silenciosos* (1981), tratando das Ligas Camponesas e do direito do trabalhador ter seu chão. No entanto, foi com *Auto das Sete Luas de Barro* (1979) que Vital consagrou-se no país inteiro ao criar uma fantasia musical sobre a vida do Mestre Vitalino, denunciando a miséria do ceramista e, conseqüentemente, do próprio artista brasileiro. Junto ao escritor Antônio Guinho e bebendo na fonte do inglês William Shakespeare, fez uma adaptação de *Otelo* que resultou na peça musical *Uma Canção Para Othello* (1999), estreada primeiramente no Recife e, logo depois, com o seu elenco de Caruaru.

Ainda na capital pernambucana, Vital montou *Concerto Para Virgulino Sem Orquestra* (1994), com a Ópera Popular do Nordeste; aceitou ficar à frente da conclusão do Curso Básico à Formação do Ator, da Fundação Joaquim Nabuco - Fundaj, lançando *No Fim do Beco há um Bosque* (1994); escreveu e dirigiu o musical infantojuvenil *O Príncipe dos Mares de Olinda Contra a Fúrias das Águas* (1997), com a Cia. das Artes e promoveu, também, a terceira montagem de *Rua do Lixo, 24*, agora com o subtítulo *Le Grand Cirque de la Vie* (2004), onde presta uma homenagem aos artistas mambembes, de circos e a todos que lutam incansavelmente pelo teatro. Sua última experiência como encenador foi *Cantigas do Sol - Dom Quixote de Cordel* (2009), teatralização da vida de Luiz Gonzaga a partir das canções do próprio músico, parceria da Dramart Produções, liderada pela atriz e produtora Socorro Rapôso, com o produtor Edgar Albuquerque.

Ainda na década de 1970, Vital Santos também foi o criador do I Festival Nacional de Teatro Amador de Caruaru, em caráter competitivo, que aconteceu de 15 a 22 de janeiro de 1972, numa realização do Grupo de Cultura Teatral, com patrocínio da Prefeitura Municipal durante a gestão do parceiro Anastácio Rodrigues, promovendo apresentações no auditório da Rádio Difusora de Caruaru, no Círculo dos Trabalhadores Cristãos, praça do Rosário e no ainda inacabado teatro da Fundação João Lyra (hoje Teatro João Lyra Filho), com participação de grupos do Paraná, Bahia, São Paulo, Goiás, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Paraíba e Pernambuco. Como sempre fazia, Paschoal Carlos Magno também abrihantou o evento. Foi por tanta atividade – ser autor, diretor e produtor ao mesmo tempo – que o grande homem de teatro Hermilo Borba Filho chegou a reconhecer Vital Santos como um “Molière sertanejo”, não lhe faltando prêmios e elogios Brasil adentro.

Cientes de que estamos diante da obra de um gênio – sim, eu o incluo nessa categoria –, ousa afirmar que, muito mais que um dramaturgo, Vital foi um grande encenador do teatro pobre brasileiro, na sua mais alta categoria. Digo isso porque, além da simplicidade dos temas e dos enredos que desenvolveu, tais características estavam impressas em cada cena apresentada, sempre no diálogo da emoção teatral, da música popular e do dançar nordestino, com muita autenticidade e impressionante visualidade, a cativar públicos por onde passou. Vale lembrar que todos os seus textos ganharam cortes, acréscimos, inserções de novas músicas e coreografias, tanto que fica praticamente impossível reproduzir, enquanto dramaturgia no papel, o que foi levado ao palco como encenação. Nesse trânsito da dramaturgia de escrita à dramaturgia de cena, ganhou mais quem pôde ver algum de seus espetáculos vivificados.

Sendo assim, este projeto *Dramaturgia Vital: o teatro popular e musical do caruaruense Vital Santos*, que traz às páginas de papel 17 obras suas, 16 peças adultas e uma infantojuvenil, é uma tentativa de fazer o seu sonho ser concretizado, com alguns de seus principais textos compartilhados em livro para antigos e novos apreciadores. Tudo na intenção de que outros encenadores possam, quem sabe, trazê-los de volta à cena recriados, e mais gente consiga perceber o quão inventivo o caruaruense Vital Santos foi. Genialmente.



Alcimar Vólia e Vital Santos (1974),
parceiros na vida e na arte
Foto: Acervo Alcimar Vólia

EM MEIO ÀS GLÓRIAS REAIS, O EXCESSO DA INVENÇÃO

O problema nesse garimpar das suas realizações pela cena é que, para quem conviveu com Vital na intimidade, sabe que era preciso ter muito cuidado ao ler, ouvir ou assistir a qualquer entrevista que ele tenha dado, pois sempre havia exageros no contar da sua trajetória. Ele era um fantasista contumaz. Acreditando em qualquer promessa ou, provavelmente, para valorizar ainda mais a sua pessoa e as dificuldades que enfrentava, ou mesmo o sucesso que conseguia, Vital passou a contar narrativas inventadas sobre sua história e dos grupos que estava à frente, além das experiências que tinha como dramaturgo e encenador dos

melhores que Pernambuco já produziu. Parecia se divertir, mas esse detalhe é um atrapalho para qualquer pesquisador. Portanto, tive muito tato ao reunir os dados que estão nessa coleção, pois fui verificar cada mínima informação para não continuar propagando algo que não aconteceu.

De certa forma, isso já havia ocorrido antes comigo, quando organizei o livro *Memórias da Cena Pernambucana - 02*, lançado no Recife e em Caruaru no ano de 2006, com um capítulo dedicado ao então Grupo Feira de Teatro Popular. Na época, já tendo acesso ao acervo dele, pude contar com a imprescindível colaboração de sua ex-mulher e atriz, Alcimar Vólia, que barrava muitas das fantasias propagadas por Vital. Os dois haviam se casado em 23 de agosto de 1974, na cidade de Caruaru (Alcimar Vólia de Sobral é natural de Cachoeirinha/PE), e chegaram a ter duas filhas, Isabela, que tanto me ajudou nesse garimpar, e Isadora. Mas o casal divorciou-se em 14 de dezembro de 1990. No entanto, os dois permaneceram juntos

como parceiros de trabalho, sempre com “embates amigáveis”, até a morte dela em 5 de janeiro de 2007 devido a um câncer de mama.

Importante dizer: não é que com suas invencionices Vital Santos prejudicasse alguém, mas era preciso confrontar dados para verificar se tudo o que era narrado condizia com a realidade. Com *Bom Dia, Carmen Miranda!* (1976), provavelmente ainda inédita (excetuando leituras dramáticas já realizadas), ele chegou a dizer que foi o segundo autor brasileiro montado na Broadway. Já com *O Demônio Está de Branco* (1971), afirmou que seu texto foi traduzido para o espanhol e montado em Córdoba e Buenos Aires por um grande diretor chamado Rodolfo Gardênia, nunca encontrado. Também garantiu que houve tradução para o francês de *A Menor Pausa* e uma montagem de *Rua do Lixo*, 24 em Portugal. Nada disso consegui comprovar, infelizmente. E é bem estranho que nenhum desses registros estava em seu acervo pessoal ou no da sua ex-mulher.

Aumentando premiações ganhas, parcerias nunca realizadas, turnês e viagens não concluídas e até mesmo a presença de artistas famosos que ele jurava que estavam prestes a trabalhar com ele, é inegável que Vital Santos criava um mundo bem particular, repleto de desejos não realizados, que enchia os olhos principalmente daqueles artistas ou técnicos em início de carreira. E como ele sabia seduzir alguém com suas narrativas e promessas de sucesso... Mas deixemos seus devaneios de fora desta homenagem, que nasceu muito por conta de um sonho que tive com ele, me pedindo para compartilhar com o Brasil suas criações dramáticas e cênicas.

O estímulo para isso se deu, primeiramente, quando recebi o livro *Antologia do Teatro Paraibano (1968-1981)* (2022), organizado pelos pesquisadores Diógenes Maciel (que tanto me ajudou em busca de dados), Monalisa Colaço e Suzy Lopes. Reverenciando cinco autores que depositaram sua criatividade para a cena na Paraíba, confesso que senti uma pontinha de inveja da publicação e logo pensei em Vital Santos. “Nossa, Vital morreu, produziu tanta coisa linda para o teatro e quase ninguém mais fala dele, muito menos de sua obra”, comentei comigo. É uma injustiça mantê-lo silenciado, principalmente porque nenhuma de suas criações foi registrada em livro.

É verdade que algumas ganharam e ainda ganham encenações por vários estados do Brasil, mas era ele quem mandava os textos (ainda datilografados) a quem lhe pedia uma cópia. E seu desejo foi sempre esse: ver pulverizada a sua dramaturgia pelos mais diferentes cantos deste país,



Leidson Ferraz no elenco de *O Príncipe dos Mares de Olinda Contra a Fúria das Águas* (1998), texto e direção de Vital Santos, pela Cia. das Artes, no Recife
Foto: Lenice Queiroga

chegando mesmo a recônditos lugares, como fez com sua turma. No entanto, mesmo tendo mais de 30 textos teatrais autorais e encenado grande parte deles com críticas elogiosas e prêmios importantes ganhos, como veremos, apenas duas de suas peças conseguiram registro na antiga *Revista de Teatro SBAT*, da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais: *O Sol Feriu a Terra e a Chaga se Alastrou ou Os Martírios de Jorge e Rosinha*, no ano de 1977 (edição nº 419); e *A Árvore dos Mamulengos*, em 1981 (edição nº 437), publicações hoje só encontradas em alguns sebos.

Como pode um dos mais premiados dramaturgos e encenadores do teatro brasileiro e nordestino, entre as décadas de 1970 e 1990, ainda possuir tão poucos registros? Onde achar suas peças escritas? Como ter direito a montá-las? Foram algumas dessas perguntas que eu, ator que chegou a trabalhar com Vital Santos no musical infantojuvenil de sua autoria e direção, *O Príncipe dos Mares de Olinda Contra a Fúria das Águas*, no ano de 1998, resolvi entrar em contato com a filha dele, Isabela Sobral,

para ter acesso ao acervo deixado por seu pai e sua mãe. Também viajei a Caruaru para mexer nas caixas que compõem a memória documental da Companhia Feira de Teatro Popular (antigo Grupo de Cultura Teatral, há anos liderada pelo ator, produtor e mamulengueiro Sebastião Alves, o Mestre Sebá, também parceiro de Vital em muitas peças), onde ele encenou a maior parte dos seus espetáculos inesquecíveis.

Contei ainda com a colaboração, à distância, da SBAT no Rio de Janeiro, através de Sérgio Santos; da ajuda de atores como Josué Euzébio, Jan-dira Siqueira, Rui Rosal Filho, Pedro Aarão, Chico Neto, Jô Albuquerque, Fátima Aguiar, Galiana Brasil, Samuel Santos, Beto Nery, Alberto Brigadeiro e Gilberto Brito, que trabalharam com Vital; à equipe do CEDOC, da Funarte (Joelma Ismael e Cíntia Souza dos Santos); e pude ter acesso – pago – às peças disponíveis na antiga Divisão de Censura de Diversões Públicas - DCDP, em Brasília. Tudo para preservar o seu acervo escrito (até então disperso), mas também encenado, e difundi-lo numa coleção de livros com dois volumes recheados de dados sobre suas criações, incluindo trechos de críticas, artigos de parceiros do autor e diretor, além da garimpagem de fotos raras das montagens realizadas, como ressaltar a importância da memória da cena teatral do nosso país.

UM REPERTÓRIO ROBUSTO E VITAL

Vital Santos faleceu na manhã de 18 de outubro de 2013, no Recife, aos 68 anos, após sofrer bastante por conta de um mieloma múltiplo na medula óssea, espécie de câncer que atinge a coluna e causa anemia profunda. Nosso último encontro presencial se deu na homenagem que ele recebeu no Janeiro de Grandes Espetáculos, comigo trabalhando como assessor de comunicação do festival. Este projeto que você agora tem em mãos, vencedor nacional da categoria “Preservação de Acervos e Memória” (2023) no edital Funarte Retomada, nasceu não só para registrar algo que estava em vias de ser perdido, mas democratizar, ao máximo, a escrita desse premiado artista nordestino, configurando a articulação entre texto, montagem e momento histórico com o registro da atuação dele nos campos dramaturgico e cênico.

A intenção é conferir aos seus trabalhos uma dimensão não só estética, mas também de salvaguarda de parte da própria história do teatro

pernambucano e brasileiro. Estou tentando, assim, perenizar o acontecimento teatral (de sua escrita textual e cênica) por meio da publicação em livro de tais registros, primeiramente como evocação de amor às páginas de papel em sua materialidade tipográfica, plástica e visual. Dessa forma, tais obras estarão dadas à leitura agora não só como espetáculo – pela visualidade das fotos, dos artigos que preparei sobre cada peça teatral concebida a partir dos registros de críticas da época, documentos históricos que revelam os sentidos e a repercussão que tais obras tiveram; e dos depoimentos especiais de quatro articulistas convidados (Gilberto Brito, Sebastião Alves, Fátima Aguiar e Samuel Santos), todos atores e/ou produtores que trabalharam com Vital –, mas como livro impresso de memórias, gerando uma evocação do passado, mas também estímulos ao que pode vir no futuro: novas encenações de tal conjunto de dramaturgias.

Sobre os direitos autorais, seguindo orientação da própria filha de Vital, a advogada Isabela Sobral, as peças poderão ser montadas por qualquer grupo amador, universitário ou estudantil, sem cobrança financeira nenhuma, desde que nós, eu, como editor desta publicação, e ela, como uma das herdeiras do pai, sejamos avisados pelos contatos registrados na ficha técnica inicial. E quanto às companhias profissionais, basta entrarem em negociação para a questão ser resolvida sem maiores percalços. A intenção é, como Vital sempre sonhou, abrir espaço para que suas peças ganhem os palcos por todo o Brasil e possamos contribuir para a difusão de sua figura, suas obras e parte da memória cênica brasileira.

Pois bem, avaliando dois currículos deixados pelo próprio artista, ambos escritos em Olinda nos anos de 2001 e 2007 e intitulados *Vital Santos - Histórico*, ainda que muitas datas estejam desconstruídas, tudo indica que o nosso homenageado – cujos negócios na construção e venda de prédios lhe renderam bom patrimônio financeiro durante o correr da vida, para além da atuação como dramaturgo, diretor teatral e produtor cultural que investia no seu próprio fazer teatral – concebeu 35 textos diferentes, sendo 33 peças adultas, além de uma infantil e outra infanto-juvenil, incluindo um número razoável de obras incompletas, com rascunhos iniciais apenas ou até mesmo aparentemente finalizadas, mas sem a revisão definitiva. Quase todas manuscritas, com sua caligrafia difícil de ser percebida, verdadeiros rabiscos, com trechos rejeitados e muitas rasuras incompreensíveis.

Pena que algumas dessas criações dramatúrgicas continuam inéditas no palco e, infelizmente, não foram encontradas por esta pesquisa. Não há vestígio nenhum desses textos, apesar de todas as minhas tentativas de achá-los. No entanto, ainda consegui reunir 23 peças diferentes e completas, das quais, frente ao valor disponível para os custos de cada um dos dois livros dessa coleção financiada pela Fundação Nacional de Artes, Ministério da Cultura e Governo Federal (com Lula presidente), foram escolhidas 17 obras para compor tal iniciativa. Seguindo o que está anotado nos dois currículos que Vital Santos organizou, ciente de que percebo controvérsias de datas e que o próprio deixou de registrar alguns trabalhos que fez, o seu acervo dramatúrgico está assim composto:

- ***O Santo Pão de Cada Dia*** (seu provável primeiro trabalho na dramaturgia, peça escrita em 1967, tudo indica que permanece inédita e ainda não foi encontrada por esta pesquisa);

- ***Feira de Caruaru*** (escrita em 1968 e estreada em 1969 pelo grupo Teatro Experimental de Arte - TEA, de Caruaru, sob direção de Cleyton Feitosa. Vital Santos fez nova versão e encenação da obra em 1972, junto ao Grupo de Cultura Teatral, de Caruaru);

- ***Cavalo do Cão*** (escrita em 1968, tudo indica que permanece inédita e há apenas um exemplar no acervo CEDOC da Funarte, mas não consegui acessá-lo ainda);

- ***De Como Casar Com Uma Herdeira Rica ou Como se Fazer um Bom Enterro*** (escrita em 1968 e estreada em 1971 pelo GCMB - Grupo Cênico Manuel Bandeira, de Campina Grande/PB, sob direção de Walter Pessoa. O texto ainda não foi encontrado por esta pesquisa);

- ***Rua do Lixo, 24*** (escrita em 1969 e estreada em 1970 com o Grupo de Cultura Teatral, sob direção do próprio autor. A peça ganhou duas outras versões também dirigidas por Vital Santos, em 1976 e em 2004, esta última sob o título *Rua do Lixo, 24 - Le Grand Cirque de la Vie*, agora pela Companhia Feira de Teatro Popular reunindo artistas e técnicos do Recife e Caruaru. Muitas outras versões foram feitas pelo Brasil, incluindo uma como revista musical em 1978, no Rio de Janeiro, sob o título *Onde Você Enfiou Essa Sombrinha, Meu Amor?*, com direção de Marcos Borges, pelo Grupo G-3 Produções Artísticas);

- ***Com o Pé na Cova*** (escrita em 1969, tudo indica que foi montada pelo Grupo Disparada, de Sertânia/PE, em 1972, sob direção de Ézio Rafael, mas o texto ainda não foi encontrado por esta pesquisa);
- ***A Chegada de Ludugero no Reino do Céu*** (escrita em 1970, provavelmente ainda inédita);
- ***Forró em Caruaru*** (escrita em 1971, tudo indica que permanece inédita);
- ***A Menor Pausa*** (escrita em 1971 e estreada em 1972, sob direção do próprio autor, com o Grupo de Cultura Teatral);
- ***O Demônio Está de Branco*** (escrita em 1971 e estreada em 1974 com o Grupo Embaixador Paschoal Carlos Magno, de Caruaru, sob direção de Nildo Garbo. A peça foi reescrita por Vital Santos em 1975);
- ***Aparição e Vagabundo*** (escrita em 1972 e censurada em 1974. Ainda assim dois coletivos a representaram, o Ave de Prata Grupo Teatral, de Arcoverde/PE, dirigido por Tito Araújo, e o Grupo de Atividades Artísticas Pesquisa, de Campina Grande/PB, sob direção de Mário Falcão. No ano de 1992, mesmo após anunciar sua estreia pela Companhia Processo Teatral - Vê se Ouve Teatro, a montagem dirigida pelo próprio Vital, em Olinda/PE, deixou de acontecer. Bem mais recente, em data não registrada, o autor deu novo título à sua obra, *A Longa Noite das Borboletas de Fogo*, registrando o antigo título agora como subtítulo. A mais recente versão aconteceu em Caruaru, sob direção de Gabriel Sá, no ano de 2012, pela Parangolé Produções Culturais);
- ***A Árvore dos Mamulengos*** (escrita em 1972 e estreada em 1973, sob direção do próprio autor, com o Grupo de Cultura Teatral. Há muitas outras versões pelo Brasil, pois esta é a peça de maior projeção no país, muito por ter sido registrada na *Revista de Teatro SBAT*);
- ***Concerto Para Virgulino Sem Orquestra*** (concebida em 1972 e concluída em 1977, em parceria com Alcimar Vólia, só foi estreada em 1981 pelo Grupo Cobras e Lagartos, do Rio de Janeiro/RJ, sob direção de Luiz Mendonça. Em 1994 o próprio autor a dirigiu, já assinando sozinho a dramaturgia, com a companhia Ópera Popular do Nordeste, do Recife. A estreia, no entanto, se deu em Caruaru. Em 1996 Vital foi dirigir a mesma peça no Rio de Janeiro, mas a produtora carioca Ciça Fontes deixou dívidas com a maioria da equipe);



Peça faz pré-estréia de teatro caruaruense



CARIARIU (Sobral) — Retirado da andam, dão a acústica, a dose voador sobre de "A Menor Pausa" de Vital Santos. Dão a prática: entona, do teto ao lado de um balcão, então, vade no palco onde o autor e diretor caruaruense mostra seu diu-trial.

Município de Teatro de Caruaru, esse mês, por 110 anos de emancipação política do Município. Vital Santos, o autor, dirige Ivan Brandão (Dinhal), Almir Vitor (Mário), Jandira Siqueira (Pamela), além de Coco e Tupy. Inauguram: Nelson Feres, Alton Silva, Manoel Mota, Alton Leal, Deolinda e Roberto Vitor.

A "Arena Green" (mito de sinfonia) grupo em teatro de arena do Teatro 2 de Lira Fibro, mesmo no fim de acabamento, tem recebido um bom público. O grupo de fim de semana mais uma vez, segundo o próprio autor "caracteriza toda a nuancas do submundo da prostituição", numa linguagem teatral moderna e mais de pesquisa e rebucamento. Com esta peça o GCT irá abrir a Primeira Semana

A montagem de "A Menor Pausa", na sala de repitação ainda em construção, vem apenas de mostrar o quanto a arte de representar, em Caruaru, estava precisando de um local para expressão. Tudo está sendo com a inauguração do Teatro João Lira Fibro, mantendo a Fundação Anistia, Educacional e Cultura de Caruaru.

Enquanto isso, o guarda-roupa simples e o multipicador das luzes que sobem os atores e o palco para sempre no calendário oficial e leva o povo ao teatro, ainda sem cadeiras.



O SOL FERIU A TERRA E A CHAGA SE ALASTROU
FANTASIA MAGICA MUSICAL DE CORON NORDESTINAS

GRUPO DE TEATRO NEGROS BENJAMIN
- CTEB -
APRESENTA
RUA DO LIXO 24
COMÉDIA EM 2 ATOS
Autor: VITAL SANTOS
Diretor: DIERSON LEAL
APOIO COMERCIAL
ALBUQUERQUE PNEUS LTDA.
Revendedor GOOD-YEAR
Timbaúba - Fone: 631 0307
Carpiná - Fone: 621-0676

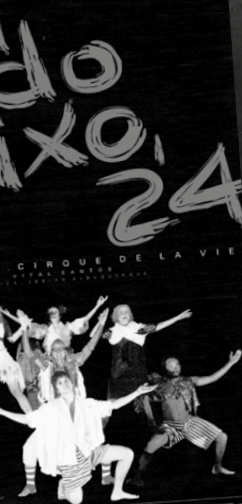


SABADO Você é quem Manda!
As 21 horas, no Palco da Difusora, o maior Espetáculo Teatral do ANO.
"A MENOR PAUSA"
VITAL SANTOS
Peça que representará o Brasil no Festival da Coréia. O mesmo Grupo, o mesmo Autor e o mesmo Elenco de "Feira de Caruaru" e de "Rua do Lixo 24"



Grupo d...
... A P...
A ME...
IV Festiv...
São José...
I Festival Intern...
São José...
I Festival Na...
Niterói - E...

1º FESTIVAL REGIONAL DA FENATA
CAMPINA GRANDE-PB.



CIA RIBALTA
(O Teatro Popular do Nordeste)

apresenta

"A ÁRVORE DOS MAMULENGOS"
VITAL SANTOS

Projeto C&A. Feira
Cultura nas Escolas e alunos no Teatro

AUTO das 7 LUAS de BARRO
Vida e obra do Mestre Vitalino
de Vital Santos e músicas de Jagilson Lourenço

Sebastião Alves
Iva Araújo
Gabriel Sá
Adeliza Monteiro
Charlene Santos
Walter Reis
Gilmar Teixeira
Altan Seratim
Rusbergê Adonay
Walter Souza
Júlia Beatriz
Everton Magô

45 ANOS DE ESPETÁCULO - 2024

Nos dias 13 e 14 de
20h, no Teatro
Rosol (SESC).
disponíveis
- dias 14 e 15



de Cultura Teatral

PRESENTA ...

SENHOR PAUSA
Vital Santos

Teatro Amador
do Rio Preto - São Paulo

Nacional de Teatro Jovem
Estado do Rio de Janeiro

AUTO das 7 LUAS de BARRO
de Vital Santos
Músicas: Jagilson Lourenço

40 anos

Grupo de Cultura Teatral
Apresenta

"A ÁRVORE DOS MAMULENGOS"
VITAL SANTOS



Gabriel Sá e Olívia Julia em

Aparição e o Vagabundo
Teatro de Vital Santos

Teatro João Lyra Filho
26/05/2012
21:00

PARANOLÉ



- ***Mas Não há de Ser Nada, o Corinthians Foi Campeão!*** (escrita em 1973, tudo indica que permanece inédita e ainda não foi encontrada por esta pesquisa);
- ***Recital Seu Opus ou Lycio Neves em Prosa e Verso*** (escrita e estreada por Vital em 1973, com o Grupo de Cultura Teatral. Posteriormente, a peça foi sendo reescrita e até ganhou novos títulos: primeiramente, *Recortes da Infância*, em 1974, inclusive publicada numa pequena brochura; em 1979, o Grupo Ivan Brandão de Teatro - GIBRANT, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Caruaru - FAFICA, sob direção de Nildo Garbo, a montou como *Lycio Neves em Recortes de Infância*; na sequência a obra foi rebatizada de *Lirinha Queria Ser Ator* e, por fim, em 2005, *Teatro da Misericórdia*, ganhando leitura dramatizada em 2006, no Recife, pela Cia. Santa Fogo. Utilizando este último título, o ator Gilberto Brito produziu e atuou num espetáculo em 2018, visto em Caruaru e no Recife, sob direção de Nildo Garbo);
- ***O Sol Feriu a Terra e a Chaga se Alastrou ou Os Martírios de Jorge e Rosinha*** (escrita em 1973 e estreada em 1975, sob direção do próprio autor, com o Grupo de Cultura Teatral. Há outras versões da peça em São Paulo e no Rio de Janeiro, incluindo uma bastante conhecida, a do Grupo Chegança, do Rio de Janeiro, dirigida por Luiz Mendonça em 1978, cuja estreia aconteceu no Recife);
- ***Solte o Boi na Rua ou A Estória da Sogra Que Enganou Todos os Santos Para Enricar o Genro e Acabou no Inferno*** (escrita em 1976 e estreada neste mesmo ano, sob direção do próprio autor, com o Grupo de Cultura Teatral. A peça ganhou outras versões pelo Brasil e chegou a ser chamada de *Solte o Boi na Rua ou Auto da Traição*);
- ***Bom Dia, Carmen Miranda!*** (escrita em 1976 e, afora leituras dramatizadas, tudo indica que ainda permanece inédita);
- ***Auto das Sete Luas de Barro*** (escrita em 1978 e estreada em 1979, sob direção do próprio autor, com sua equipe em nova denominação, Grupo Folguedo de Arte Popular);
- ***O Homem de Ferro e Flor*** (apesar de constar no seu curriculum que foi escrita em 1979, tudo indica que talvez nem tenha sido concluída, pois numa entrevista para o *Suplemento Cultural do Diário Oficial do Estado de Pernambuco*, em março de 1988, Vital Santos confirmou que estava terminando de

escrever esta peça sobre o líder comunista Gregório Bezerra, “um trabalho de pesquisa de três anos” (*Apud* RAFAEL; ROSEMBERG, 1988, p. 8), mas o texto ainda não foi encontrado por esta pesquisa);

- ***A Noite dos Tambores Silenciosos*** (escrita em 1980 e estreada em 1981, sob direção do próprio autor, com sua equipe agora na denominação Grupo Feira de Teatro Popular);

- ***Olha Pro Céu, Meu Amor*** (escrita em 1982 e estreada em 1983, sob direção do próprio autor, com o Grupo Feira de Teatro Popular);

- ***Diana Pastora*** (musical infantil escrito em 1982, em parceria com Alci-mar Vólia, e estreada em 1984, sob direção do próprio Vital Santos, com o Grupo Feira de Teatro Popular);

- ***No Fim do Beco há um Bosque*** (escrita e estreada em 1994, sob direção do próprio autor, como prova pública de conclusão dos alunos no Curso Básico à Formação do Ator, da Fundação Joaquim Nabuco - Fundaj, no Recife. Houve ainda uma montagem de cunho estudantil em 1996, feita pelo diretor caruaruense Walter Reis junto ao Grupo de Teatro Dom Vital);

- ***O Príncipe dos Mares de Olinda Contra a Fúria das Águas*** (musical infantojuvenil escrito em 1996 e estreado em 1997, sob direção do próprio autor, com a Cia. das Artes, do Recife);

- ***Uma Canção Para Othello*** (escrita em 1998, em parceria com Antônio Guinho, e estreada em 1999, sob direção do próprio autor, com a companhia Ópera Popular do Nordeste, tendo elenco do Recife, e, pouco depois, com a Companhia Feira de Teatro Popular, em Caruaru. A peça ganhou versão pelo diretor Tanah Corrêa, grande amigo de Vital, na cidade de Santos/SP, em 2012);

- ***Cantigas do Sol - Dom Quixote de Cordel*** (escrita em 1999 e só estreada em 2009, sob direção do próprio autor, numa realização da Dramart Produções e Edgar Albuquerque, do Recife);

- ***A Doce Lágrima do Sol do Meio-Dia*** (escrita em Olinda, no ano de 2004, e até hoje inédita);

- ***As Proezas do Rei Saul na Terra de Caruaru*** (também escrita em Olinda, no ano de 2007, e estreada neste mesmo ano, sob direção de Albanita Almeida e André Ramos, com o Grupo Teatral Ariano Suassuna, em parceria com a Escola Santos Cosme e Damião, de Igarassu/PE).

Algumas dessas peças ganharam leituras dramáticas pelo Brasil. Constam ainda, como rascunhos, *Rosas Para Cristina*, *Fascinação* (ambas peças em 1 ato); *O Mendigo Milionário* (somente trechos sobreviveram), *1º de Maio* (para sempre perdida, segundo o próprio autor); *Dê-me Coragem Para Sonhar* (que, ao que parece, nasceu como roteiro cinematográfico e, posteriormente, virou dramaturgia teatral); e, como sua derradeira criação, *Por Quem Chora-va um Certo Molière* (concebida em Olinda, no ano de 2009, mas com rasuras de correção incompleta). Quase todas essas últimas obras citadas, numa maioria ainda escrita a lápis ou caneta, não foram devidamente finalizadas.

Das que consegui achar – em meio a desenhos de encenação, alguns bem infantis, mas claramente revelando a intenção dele de fazer a cena movimentar-se com dinamismo –, muitas estão detalhadamente revisitadas nas próximas páginas, seguindo quase sempre a cronologia em que foram escritas e contando com a repercussão que tiveram na imprensa e nos eventos que participaram. Essa foi a forma de reverenciar Vital Santos e suas tão instigantes criações dramatúrgicas e cênicas. Espero que apreciem a leitura. Fiz com amor, admiração e o dever de um sonho pedido e cumprido.

Evoé, Vital, você faz muita falta!

REFERÊNCIAS:

- BORBA, Marco Aurélio. A aldeia do teatro. **Manchete**. Rio de Janeiro, 27 fev. 1971. Nº 984. p. 136-140.
- FERRAZ, Leidson (Org.). **Memórias da Cena Pernambucana - 02**. Recife: L. Ferraz, 2006.
- FONSECA, Homero. **Entrevista** concedida por telefone a Leidson Ferraz em 25 jun. 2024.
- LANÇADO livro de Lycio Neves. **Vanguarda**. Caruaru, 24 nov. 1974. p. 1.
- MACIEL, Diógenes; COLAÇO, Monalisa; LOPES, Suzy (Orgs.). **Antologia do Teatro Paraibano (1968-1981)**. João Pessoa: Editora A União, 2022.
- O QUE PENSAMOS e fazemos. **Evolução**. Caruaru, jun. 1968. s. p.
- RAFAEL, Êsio; ROSEMBERG, André. A força do popular. **Suplemento Cultural do Diário Oficial do Estado de Pernambuco**. Ano III. Nº 3. Recife, mar. 1988.
- SANTOS, Vital. **Vital Santos - Histórico**. Olinda, 2001.
- SANTOS, Vital. **Vital Santos - Histórico**. Olinda, 2007.

FEIRA DE CARUARU



Feira de Caruaru (1969), 1ª versão pelo grupo
Teatro Experimental de Arte - TEA
Texto: Vital Santos. Direção: Cleyton Feitosa
Foto: Aquivo DP

FEIRA DE CARUARU

Feira de Caruaru é uma sucessão de situações, quase sempre divertidas, sobre moradores ou visitantes da Capital do Agreste, e não só da principal feira de produtos à venda no município. Nessa colcha de enredos que se entrelaçam, Zé Bispo, por ter discutido com a prostituta mantida pelo Coronel Ulisses, acaba sendo surrado por capangas dele. Enquanto isso, o Beato Torquato vem descendo do Alto Sertão, fazendo “milagres” e amontoando seguidores da fé. A polícia, eximindo-se de investigar aquele espancamento, ao mesmo tempo em que diz estar pronta para conter a multidão de romeiros, pretende dar um fim a um suposto *malassombro* que amedronta cidadãos perto do novo cemitério. Querendo vingança, Zé Bispo busca ajuda com o Coronel João Teixeira, principal desafeto político do seu inimigo. Ninguém sabe, mas mesmo bem casado com Noca, Zé Bispo mantém um romance às escondidas com Alice, a mulher do Tenente Batista. Por sinal, é aquele atrevido quem se faz de assombração para poder se encontrar com a amante no cemitério.

No correr das historietas, além de mostrar o que acontece no dia-a-dia entre feirantes, compradores, mendigos e faladores da vida alheia, há toda uma expectativa da população por conta da preparação para o desfile de Carnaval de dois blocos rivais, comandados por Cravo Branco e Cacho de Coco. Em meio à aparição de outras figuras populares nas micronarrativas, como o mentiroso Zezinho do Papagaio, o comerciante impaciente Major Miranda, o farmacêutico Major Sinval, considerado “quase médico”; um cronista social afeminado que promove concurso de garotas elegantes e até uma trupe mamembe de circo-teatro que chega à cidade, Zé Bispo, indignado, não vê outro caminho a não ser matar o Coronel Ulisses em pleno dia de Natal, durante uma procissão. Após tantas reviravoltas cômicas e melodramáticas, o trecho final da peça faz uma louvação aos artistas populares daquela terra, com especial destaque ao ceramista Mestre Vitalino.

Mesmo tendo escrito *O Santo Pão de Cada Dia* antes, em 1967, Vital Santos surgiu como dramaturgo para o público teatral com a peça *Feira de Caruaru*, concebida em 1968 e estreada em 1969, junto ao Teatro Experimental de Arte - TEA, grupo liderado pelo casal Argemiro Pascoal e Arary Marrocos, em Caruaru, desde 1962. Há quem diga que a obra nasceu após vasculhas de todos os artistas ali envolvidos, não só com intensas pesquisas de campo em lugares e junto a personalidades da própria cidade, mas também fazendo um mergulho profundo nas obras dedicadas ao município, algumas delas clássicas, como o romance com pitadas da história real *Terra de Caruaru*, de José Condé, escrito e lançado em 1960 pela editora Civilização Brasileira. No entanto, foi Vital quem assinou o trabalho final. Numa cópia atualizada da obra e como apresentação da sua dramaturgia, ele afirmou:

É muito natural que os jovens de hoje, para escreverem alguma coisa sobre a origem de Caruaru, tenham que recorrer aos arquivos (implacáveis) da cidade. Foi o que fiz, contudo fiquei com o ficcionismo de *Terra de Caruaru*, de José Condé, que transformei em teatro vários episódios de fanatismo religioso e do coronelismo da época, fazendo chegar ao público, de forma mais direta, mais comunicante e dentro dela, a minha história. Roubei-lhe também alguns personagens, como Zé Bispo, Noca, Cravo Branco, Coronel Ulisses e João Teixeira, que estão no palco de forma diferente. (SANTOS, *Feira de Caruaru*, 1968, s. p.)

A peça é repleta de personagens verídicas, muitas, como ele disse, retiradas da publicação de José Condé. Além de uma apresentação histórica do local, esse livro de 1960 retrata o imaginário que o autor possui da sua cidade natal. Das pessoas que Condé escolheu e foram parar também na criação de Vital, para além das que ele já citou, destaca-se também Cacho de Coco, um preto velho que chegou aos 93 anos de idade, considerado o mais antigo folião do carnaval caruaruense. Natural de Bezerros, ele nasceu em 1882, transferiu-se para Caruaru em 1914 e faleceu ali em 1975, no mesmo ano em que ganhou o título de cidadão caruaruense. Trabalhou em casa de família, foi gazeteiro, técnico do Central Sport Clube e fundou e dirigiu os blocos carnavalescos Flor de Rosa, Mimoso em Folia, Mocidade em Folia e Sou Eu

o Teu Amor (Cf. CACHO..., *A Defesa*, 8 nov. 1975. p. 1). Com o último bloco ele foi presentificado na peça *Feira de Caruaru*.

Os ensaios do espetáculo tiveram início em janeiro de 1969 e já no mês seguinte o jornalista Adilson Silva, do periódico semanal *A Defesa*, da própria Caruaru, fez uma resenha crítica sobre o texto concebido por Vital Santos, antes mesmo da estreia da montagem. Após assistir a um ensaio, afirmou ele:

Feira de Caruaru representa outra fase na carreira de Vital Florentino dos Santos (sic), atualmente uma das mais altas expressões de teatro da cidade, autor de uma obra-prima como *Cavalo do Cão*. É bom frisar que *Cavalo do Cão* veio depois, já com um Vital preocupado e engalanado à moda tropicalista. A *Feira* trata de uma comédia urbana, onde o diretor procura satirizar fatos pitorescos de nossa decantada Feira de Caruaru e alguns “tipos” populares da cidade. Suas intenções [são] nítidas. Os personagens estão muito bem retratados. [...] A peça agrada, tem momentos de bom humor e segue uma linha bastante característica da comédia moderna, caminho mais objetivo para conquistar o público da cidade, totalmente divorciado de nossa arte cênica. Acredito que uma boa faixa do público vai gostar da *Feira* pela maneira leve e despretensiosa como os personagens são demonstrados por Vital Santos. O trabalho de Vital é válido como sátira. [...] Vejam essa peça de Vital, que se filia perfeitamente ao estilo e propósito da nova mentalidade teatral. (SILVA, *A Defesa*, 23 fev. 1969, p. 3)

A expectativa, portanto, era enorme, até porque se tratava de um musical com canções quase todas já conhecidas costurando a dramaturgia: *Feira de Caruaru*, *Matuto*, *Capital do Agreste* e *Carne de Sol* (todas de Onildo Almeida); *A Mulher de Manoel Amaro* (de Déo do Baião); *Menino de Braçanã* (de Luiz Vieira); *Caruaru* (de Belmiro Barrela); *Forró de Caruaru* (de Zé Dantas) e *Prelúdio Para Cravo Branco* (de Gilvan Patrício). Investindo num título chamativo, “A cidade aguarda a Feira de Caruaru”, o jornal *A Defesa* publicou sobre os preparativos da montagem:

A encenação é aguardada com uma grande expectativa pelo público caruaruense, tendo em vista o tema, o autor Vital



Feira de Caruaru (1969), 1ª versão pelo grupo
Teatro Experimental de Arte - TEA
Texto: Vital Santos. Direção: Cleyston Feitosa
Foto: Acervo Arary Marrocos

Florentino e o diretor, o jovem Cleyston Feitosa, que tem sido uma revelação como ator e, tudo indica, terá sua consagração como diretor. *Feira de Caruaru* é um espetáculo dentro da concepção moderna de teatro de vanguarda. É uma síntese histórica de fatos, tipos populares, costumes de nossa gente, apresentando as danças folclóricas da região, tudo isso acompanhado com as músicas dos grandes e afamados compositores Luiz Vieira e Onildo Almeida. Por isso, *Feira de Caruaru* é uma obra teatral para os caruaruenses de todas as idades, pois os mais idosos se identificarão com os acontecimentos e coisas do passado e os mais novos conhecerão, de uma maneira pitoresca, a Caruaru de ontem. (A CIDADE..., *A Defesa*, 4 mai. 1969, p. 2)

ENFIM, A GRANDE ESTREIA

Não permitida para menores de 18 anos pelo Departamento de Censura Federal, a montagem – reconhecida como de vanguarda – estreou na noite de 17 de maio de 1969, às 20h30, no palco da Rádio Difusora de Caruaru, numa realização do Teatro Experimental de Arte - TEA. Assistida por figuras influentes, a peça estava incluída na programação das festividades do 112º aniversário da cidade de Caruaru, organizadas pela Prefeitura Municipal através da Secretaria de Educação e Cultura, Departamento de Turismo e Departamento Cultural e Artístico, em parceria com o Serviço Social do Comércio - SESC. Vital Santos assim escreveu no programa do espetáculo:

Esta peça foi feita de encomenda para ser representada no dia 31 de janeiro [de 1969], data em que tomava posse o atual prefeito desta cidade, sr. Anastácio Rodrigues. Seria a homenagem do Teatro Experimental de Arte (TEA) para com este ilustre caruaruense que acabava de assumir a chefia de nossa cidade. Mas, infelizmente, não foi possível a apresentação nesta data. Para felicidade nossa, hoje, quando a cidade comemora o seu 112º aniversário [na realidade, um dia antes da data comemorativa de sua emancipação política, festejada em 18 de maio], estamos aqui para mostrar a vocês o que é *Feira de Caruaru*. O título faz muita gente pensar que a peça é a feira física e tradicional de Caruaru. Não, *Feira de Caruaru* é um espetáculo onde pretendemos mostrar tipos históricos, fatos pitorescos e o folclore de nossa cidade. É o que se poderia mostrar num espetáculo deste nível. Em pesquisa realizada foram selecionados diversos fatos, inclusive textos de Zé Condé, Major Sinval e Lycio Neves, como também um poema de Luélcito Cintra e outro de Héber Fonseca, poetas da nova geração de nossa cidade [ambos ligados ao Grupo Evolução]. (SANTOS, *Feira de Caruaru* [Programa], mai. 1969, s. p.)

Além do texto de Vital Santos e a direção de Cleytson Feitosa – que já vinha trabalhando como ator do TEA desde 1965 e em 1968, substituindo o goiano radicado no Recife, Lúcio Lombardi, acabou dirigindo a peça *A Raposa e as Uvas*, de Guilherme Figueiredo –, *Feira de Caruaru* contava com

Argemiro Pascoal como assistente de direção; Onildo Almeida na direção musical; Therezinha Almeida na execução de sonoplastia; Carlos Bezerra na contrarregagem; Luisa Maciel criando os figurinos; e, respectivamente, Argemiro Pascoal e Jesualdo responsáveis pelo cenário e sua execução. A iluminação era de Toinho e Raimundo. Já a maquiagem foi concebida por Antônio Medeiros, o então diretor do grupo Teatro de Amadores de Caruaru - TAC. O Trio Bandeirante, Onildo Almeida e Carlos Bezerra estavam no vocal das canções. Já o narrador foi Cleytson Feitosa.

No elenco, Agildo Galdino, Josué Euzébio, Alcimar Vólia, Graça Vasconcelos, Vital Santos, Arary Marrocos e Cosme Soares. Participariam ainda como substitutos Nadira Rodrigues, Humberto Veras, Cícero Ferreira, Adilson Silva e Maria das Graças, por conta de uma desavença com quase todo o elenco original, que deu origem ao Grupo de Cultura Teatral - GCT, mas essa problemática trataremos adiante. Após a estreia em 17 de maio de 1969, o jornal *A Defesa* colocou como matéria de capa: “Feira de Caruaru’ consagra caruaruenses na arte cênica”, lembrando euforicamente que aquela apresentação registrou um grande êxito para as artes cênicas da cidade:

O autor e ator Vital Florentino dos Santos (sic) revelou-se como um fiel intérprete da alma nordestina, exteriorizada nas personagens curiosas de nossa gente e nos fatos pitorescos de nossa paisagem cultural popular. Cleytson Feitosa soube com maestria marcar a peça com uma direção segura, eficiente e vibrante, dando vida aos “bonecos” caracterizados de maneira impecável pela pintora Luisa Maciel. O elenco do Teatro Experimental de Arte realizou uma de suas melhores apresentações. Onildo Almeida fez um excelente trabalho artístico com o roteiro musical e efeitos sonoros. Enfim, no seu todo, a peça agradou a todos os que assistiram a ela e demonstrou que, na arte cênica e musical, Caruaru tem valores que podem elevar seu nome no cenário intelectual do país. (“FEIRA..., *A Defesa*, 25 mai. 1969. p. 1)

Nesta mesma edição, Adilson Silva, acompanhando tudo desde a época dos ensaios, pôde agora constatar a qualidade do que foi levado à cena e alardeou tal sucesso com o título “Feira imortaliza caruaruenses”. A matéria decantava: “O retrato de uma cidade, a sorrir, a cantar, a gargalhar... Pois é, e

foi entre risos e aclamações calorosas que terminou o espetáculo *Feira de Caruaru*” (SILVA, *A Defesa*, 25 mai. 1969, p. 3), lembrou ele empolgado diante da satisfação do público que afluiu ao auditório da Rádio Difusora de Caruaru. Citando cena por cena, o jornalista destacou a “interpretação espetacular” de Alcimar Vólia, Graça Vasconcelos e Arary Marrocos, especialmente na cena dos cegos que aproveitam os visitantes de fora para coletar caridade, como também de Vital Santos vivendo um garoto de rua que procura frete na feira nos dias de quarta-feira e sábado; ou ainda o excelente desempenho de Cosme Soares no papel de Zezinho do Papagaio, o tipo megalomaniaco que se dizia candidato a Presidente da República e criticava os letrados filhos de Caruaru que não mais se preocupavam com sua terra natal; ou Agildo Galdino vivendo muito bem o papel do folião Cravo Branco, que morreu como desejava, em plena alegria, num dia de Carnaval, ainda que assassinado pelas costas; e, por fim, Josué Euzébio, “verdadeira revelação do teatro de Caruaru”, como Jacaré, cantor de ganzá, uma das figuras pitorescas mais bem quistas da cidade.

Para além do destaque a personagens, frases célebres e situações, o jornalista louvou ainda todos os técnicos envolvidos: Therezinha Almeida, que trabalhou na sonoplastia; Carlos Bezerra e Nildo Almeida, responsáveis pelo serviço de gravação e dublagem; Raimundo, à frente do “arranjo do jogo de luz”; Argemiro Pascoal, “que além de cenarista e assistente de direção, praticamente foi o dono do espetáculo”; Cleytson Feitosa, que dirigiu a peça, narrou a apresentação e declamou o poema de Héber Fonseca, sendo “não só um bom ator, como também um excelente diretor de memória fértil”; o maquiador Antônio Medeiros, “que com suas mãos de mestre, deu um colorido todo especial em cada rosto de cada ator e de cada atriz, contrastando muito bem com o jogo de luz” (SILVA, *A Defesa*, 1 jun. 1969, p. 3); e, por fim, as meninas que ficaram na bilheteria e na entrada da Rádio Difusora de Caruaru, por tratarem tão bem o grande público que ali esteve. Seu estímulo a todos os detalhes foi acalentador:

Boa sorte, turma, sei o que é fazer teatro sem ajuda dos poderes públicos, principalmente quando se pensava que teatro em Caruaru tinha morrido. [...] O concreto é que a peça agradou. O espetáculo foi alvo dos maiores elogios. Gente de todo o quadrante lhe assistiu. E, como resultado, o autor Vital Santos e o diretor Cleytson Feitosa receberam convites para

levá-la aos festivais de João Pessoa, [...] Recife e o Festival de Teatro Brasileiro, em Brasília. (SILVA, *A Defesa*, 1 jun. 1969, p. 3)

Braga Sá, também do semanário *A Defesa*, foi outro jornalista a não poupar elogios àquela “fenomenal peça teatral”, que, coroada de êxito, agradeceu a todos que prestigiaram tamanha iniciativa de se fazer teatro de vanguarda na Capital do Agreste:

Vital Santos, jovem poeta de nossa terra, dotado de uma capacidade descomunal, foi o responsável pelo *script* e pelo sucesso da peça *Feira de Caruaru*. Acredito que certamente a turma que faz teatro em Caruaru deixou assinalado nos anais da história um marco de gratidão para com esta centenária terra, contando, através do teatro, a beleza de sua feira semanal, ponto turístico de uma infinidade de gente que por aqui passa e se interessa em conhecer nossos costumes. Mas não fica aí somente. É necessário que se analise o trabalho de direção que esteve a cargo do Cleyton Feitosa, outro jovem ator de teatro e de televisão que acaba de se concretizar como diretor. Meus sinceros parabéns aos jovens: Agildo Galdino (um principiante que promete muito no campo teatral); Graça Vasconcelos, cada vez tornando-se uma grande atriz; Alcimar [Vólia], com tão pouco tempo de teatro já é uma atriz perfeita; Arary Marrocos, atriz já conhecida nos meios teatrais da cidade, [de] muito talento, o que faz com que se dispense comentário; Josué [Euzébio], um ator perfeito, representando diversos papéis, inclusive o do popular Jacaré. Destaque especial para Cosme Soares – excelente ator – [que] se enquadrou perfeitamente aos tipos que representou. Finalmente, todo o elenco da peça é digno de elogios. O espetáculo *Feira de Caruaru* é algo de teatro que pode ser apresentado nos festivais, sem sombra de dúvidas. Aceite, portanto, Argemiro Pascoal, não só meus parabéns, mas principalmente o meu abraço. Foi você quem acreditou no sucesso da peça, muito antes dos ensaios. (SÁ, *A Defesa*, 8 jun. 1969, p. 5)

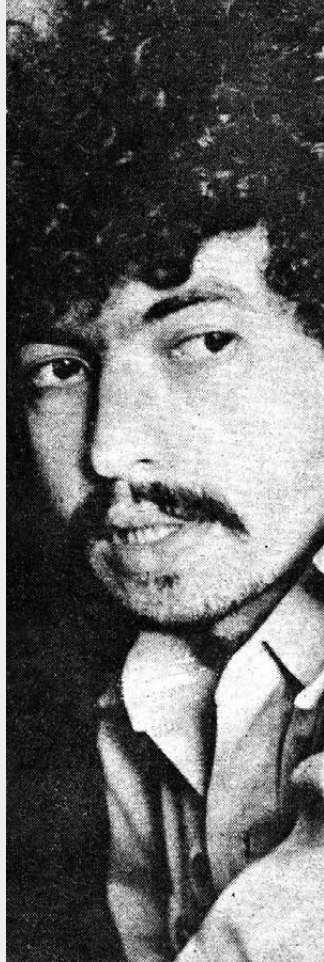
Edvaldo Barros, que além de editor do jornal *A Defesa* já tinha trabalhado como ator no Teatro de Amadores de Caruaru, também teceu

seu comentário, lembrando que aquele era um espetáculo digno de ser assistido por todos os caruaruenses e em todo o Brasil:

Trata-se de *Feira de Caruaru*, um espetáculo sem intervalo, munido de um colorido razoável, acima de toda a precariedade técnica que dispõe o teatro em Caruaru. Vital Santos, apesar de muito jovem, buscou no passado histórico de Caruaru a vivência de muitos personagens, desde os tipos populares mais conhecidos até os vultos dominantes na sociedade e na política da época. [...] Quatro homens e três mulheres montam um auto histórico que, com mais um reajuste, pode ser representado em qualquer parte do país. As músicas são mercadorias quase todas da nossa cidade. Onildo Almeida aparece cantando o regionalismo muito próprio dos versejadores populares; Déo do Baião entoa e fez viver o São João repisado do coco de roda, tão agreste e tão brejeiro; Luiz Vieira, pelo valor folclórico, ilustra o espetáculo com *Menino de Braçanã*; Zé Dantas comanda um forró de candeiro e pife; e Gilvan Patrício canta uma ode carnavalesca a um folião que, como muitos, começa no sábado de Zé Pereira, mas não chega, no entanto, a cantar “quarta-feira ingrata”... (BARROS, *A Defesa*, 8 jun. 1969. p. 7)

Sua maior alegria era constatar que o teatro em Caruaru não havia morrido: “Quando pensamos que a arte teatral sucumbiu, ela surge vigorante e tão dinâmica trazendo um auto moderno, um teatro diferente, cantado como um romanceiro popular que diz tudo em pouco tempo e em poucas palavras”. Se havia uma ponta de tristeza ao ver aquele trabalho brilhante, era por se constatar que a Caruaru de 112 anos ainda não tinha uma casa de espetáculos digna para que seus artistas, principalmente teatrais, pudessem despejar tanta inventividade. “Sabemos que não é incúria [desatenção] dos que fazem teatro, mas sobretudo incúria e desprestígio à arte por parte daqueles que há mais de doze anos administram essa terrinha do Major Sinval e, no campo da cultura, só têm dado bananas e bolo para enganar os tolos” (BARROS, *A Defesa*, 8 jun. 1969. p. 7).

Após cumprir uma temporada na Rádio Difusora de Caruaru por uma semana, com casa cheia, no dia 4 de junho de 1969 a peça fez sua primeira viagem e integrou o 1º Seminário de Informação Básica Para



Vital Santos (1972)
Foto: Acervo Projeto
Memórias da Cena
Pernambucana

Vereadores, no palco do Colégio Santa Sofia, em Garanhuns/PE, como homenagem do prefeito de Caruaru ao governador do Estado. Ali, além de gente do povo e do Executivo Estadual, estavam vários outros prefeitos e demais autoridades. O jornalista Agostinho Batista, cobrindo o evento, salientou que o espetáculo foi aplaudido calorosamente em meio a mil elogios e chamados para novas exhibições, pelos líderes de algumas cidades:

O êxito de *Feira de Caruaru* em Garanhuns, apresentada para um público de todos os níveis intelectuais e das mais diversas procedências, valeu como um teste positivo de que ela é sucesso não só em nossa cidade, mas onde for encenada. Isto porque Vital Santos foi um fiel intérprete da alma nordestina, exteriorizada nas personagens curiosas de nossa gente e nos fatos pitorescos de nossa paisagem cultural popular. Cleytson [Feitosa], com uma direção segura e comunicante, soube transmitir todo o conteúdo vivencial colhido pelo autor no modo de ser e de viver do nosso povo, com o seu linguajar espontâneo que não chega a ser chocante, por fazer parte integrante e inseparável de nossa gente. Por isso, *Feira de Caruaru* é intercalada, do começo ao fim, de risos e gargalhadas, porque ali estão “figuras” inesquecíveis que toda cidade possui, tipos populares que jamais sairão de nossa lembrança. Ali se fala com a linguagem gostosa e hilariante, sem malícia, das desbragadas conversas de ruas. (BATISTA, *A Defesa*, 8 jun. 1969. p. 8)

A peça, para ele, se mostrava então como uma das mais válidas expressões culturais da cidade. Outro jornalista presente, Miguel Miranda Filho, também registrou a vitória de *Feira de Caruaru* em Garanhuns, por um grupo que vinha fazendo sucesso sem precedentes no cenário artístico caruaruense, o Teatro Experimental de Arte:

Cidade que pouco oferece de bom no campo cênico e cultural, Caruaru tem no TEA uma grata e honrosa exceção. Este elenco, composto de jovens abnegados que têm no teatro uma espécie de micróbio, vem levando à cena, com êxito espetacular, a famosa peça de Vital Santos, *Feira de Caruaru*.

Trata-se de um trabalho de valor o deste jovem caruaruense que desponta como uma grata promessa para a arte de Molière. *Feira de Caruaru*, quando apresentada em Garanhuns, recentemente, recebeu os mais rasgados elogios do público presente [...], e teve o privilégio de receber um convite para participar do I Festival de Teatro do Nordeste, que se realizará no Recife [...]. Quando das suas encenações na nossa Capital do Agreste, a referida peça também fez vibrar o numeroso público que quase todas as noites superlotava o auditório da Rádio Difusora, pela originalidade da sua montagem, pelo tema explorado, bem como pela inigualável interpretação dos seus atores. Parabéns componentes do TEA, que tão brilhantemente estão representando a arte cênica da terra do Mestre Vitalino. (MIRANDA FILHO, *A Defesa*, 22 jun. 1969, p. 8)

Depois de ser vista em Caruaru e Garanhuns, chegou a hora de visitar Palmares/PE nos dias 12 e 13 de julho de 1969, a convite da direção da Agência do Banco do Brasil daquele município e do prefeito Milton D'Emery. Também havia possibilidade de chegar a Pesqueira e Limoeiro (tudo indica que foram), e uma nova temporada na Rádio Difusora de Caruaru acabou sendo programada, de 17 a 21 de julho de 1969, com ótima resposta de público. *Feira de Caruaru*, por onde passava, vinha sendo tão bem recebida que a peça passou a ser sinônimo da renovação teatral no seu município de origem, não só pela qualidade do que estava em cena, mas também pela repercussão junto aos espectadores, aparentemente acordados do desprezo que mantinham à arte teatral local: “*Feira de Caruaru* provocou o milagre da recuperação de uma população que se tinha na conta de apática e desinteressada pelo teatro. O povo acorreu à plateia, para aplaudir um trabalho que valorizou a arte numa demonstração inequívoca de que o caruaruense tem sensibilidade” (TEA..., *A Defesa*, 13 jul. 1969. p. 6), registraram.

CONQUISTAS NA CAPITAL DO ESTADO

No Recife, a primeira notícia sobre *Feira de Caruaru*, por conta da futura apresentação no I Festival de Teatro do Nordeste, foi dada pelo jornalista Celso Marconi, no *Jornal do Commercio*, chamando Vital Santos

de poeta, além de destacar a direção cênica de Cleyton Feitosa e a direção musical de Onildo Almeida. Lembrando que o espetáculo, durante a sua exibição inicial, tinha sido interrompido pelo público com calorosos aplausos, ele registrou o que um amigo tinha lhe falado: “Segundo o poeta Héber Fonseca, ‘Vital não fez um retrato físico da feira, mas sim o que ela representa de autêntico, com fatos cômicos e poéticos’. Os personagens da peça são 4 bonecos de barro e 3 bruxas de pano” (MARCONI, *Jornal do Commercio*, 8 jun. 1969, p. 4).

Após lembrar que o Teatro Experimental de Arte estava apresentando *Feira de Caruaru* em sua terra natal, mas também em Garanhuns, o jornalista Paulo Fernando Craveiro, ainda no *Jornal do Commercio*, fez um curtíssimo apontamento crítico sobre a montagem, dando a entender que já a tinha lido ou a visto presencialmente: “Sua linguagem nada tem de interiorana no que a palavra possui de conformista. Se alguma modificação for feita, no sentido de se conseguir melhor unidade, a peça ganhará em expressão” (CRAVEIRO, *Jornal do Commercio*, 12 jun. 1969, p. 5). Mas o maior destaque à obra veio mesmo numa matéria de capa assinada pelo jornalista Antônio Miranda, correspondente do *Diario de Pernambuco* em Caruaru. Sobre o espetáculo, ele afirmou:

A peça de Vital Santos deu vida nova ao teatro de Caruaru e elevou enormemente o nome da cidade. As apresentações no palco da Rádio Difusora local despertaram o interesse de um público que se considerava apático. Durante noites seguidas, observaram-se casas repletas de espectadores que aplaudiam os artistas de pé e entusiasmamente. Depois, foi em Garanhuns, durante a realização do Seminário de Informações Básicas, da FIAM. O prefeito Anastácio Rodrigues, que já vira a peça anteriormente, levou o grupo àquela cidade para que se apresentasse às autoridades ali presentes e à sociedade de Garanhuns. O sucesso foi enorme. Era a consagração do teatro caruaruense, que rejuvenescia com *Feira de Caruaru*. (MIRANDA, *Diario de Pernambuco*, 29 jun. 1969, p. 4)

A aclamada montagem do TEA só chegou à capital pernambucana, como já citado, por conta do I Festival de Teatro do Nordeste, que ocorreu, repleto de atropelos, no período de 29 de julho a 3 de agosto de 1969, no

Teatro de Santa Isabel, promovido pelo Teatro Universitário de Pernambuco - TUP, sob a coordenação de Karlise Pinto e Hércio Matos. Convidados do Rio de Janeiro e Alagoas não deram as caras; palestras foram canceladas; teve denúncia da falta de apoio para o retorno de certa atração à sua terra de origem, até com depredação da Associação dos Ex-Alunos do Marista, onde os artistas estavam hospedados; e apenas cinco conjuntos se exibiram: a Comédia Cearense, de Fortaleza/CE; o Teatro Cultura Artística de Aracaju/SE; o Teatro da Escola Técnica Federal de Pernambuco; o TUCA-Recife - Teatro da Universidade Católica de Pernambuco; e o Teatro Experimental de Arte, com *Feira de Caruaru*. Não havia prêmios, mas apenas troféus de participação.

Esta primeira obra de Vital Santos a ganhar notoriedade no Recife foi vista num sábado à noite, às 21 horas, no dia 2 de agosto de 1969, contando com a Banda de Pífanos de Caruaru tocando no *hall* do Teatro de Santa Isabel, além das presenças do prefeito Anastácio Rodrigues e da diretora do Departamento de Turismo da Prefeitura Municipal de Caruaru, Luisa Maciel, artista plástica que assinava os figurinos da peça. Segundo o documento de pauta do Teatro de Santa Isabel, foi o maior público do evento, 500 espectadores (PAUTA, 1969, p. 201). Mas, por conta da desorganização dos seus promotores, o crítico Ângelo de Agostini, do *Jornal do Commercio*, se recusou a comparecer em toda a programação e preferiu o silêncio: “E foi essa a posição que achei melhor e mais conveniente adotar para o mal menor desse Festival de triste lembrança” (AGOSTINI, *Jornal do Commercio*, 5 ago. 1969, p. 2).

No entanto, o resultado para a produção caruaruense foi muito bom, segundo a coluna *Sociais de Caruaru*, no *Jornal do Commercio*:

A peça de Vital Santos, *Feira de Caruaru*, foi aplaudida de pé pelo público do Teatro de Santa Isabel quando de sua exibição no sábado último, como participação no I Festival de Teatro do Nordeste. Os atores estiveram magníficos e muitos foram os elogios da crítica especializada ao bom trabalho dos caruaruenses. (A PEÇA..., *Revista do Jornal do Commercio*, 10 ago. 1969, p. 17)

Ratificando a notícia em matéria cujo título foi “Crítica consagra ‘Feira de Caruaru’”, ainda que nenhum crítico do Recife tenha se dedicado a escrever sobre a montagem, o jornalista caruaruense Braga Sá garantiu: “Um

grande espetáculo assistiu o público da capital pernambucana, aplaudindo quase sem cessar os risonhos textos da peça de Vital Santos” (SÁ, *A Defesa*, 17 ago. 1969, p. 4). Por sua vez, a colunista Maria Sônia afirmou: “Foram aplaudidos com entusiasmo, chegando os espectadores a subirem ao palco para confraternizar-se com os atores” (SÔNIA, *A Defesa*, 10 ago. 1962, p. 2). Na sequência, após a exibição na capital pernambucana, a turma do TEA viajou a João Pessoa para participar da IX Semana de Teatro da Paraíba, de 24 a 31 de agosto de 1969, no Theatro Santa Roza, evento que contou com atrações dos estados de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Alagoas. Ali também conquistaram o público e abocanharam dois prêmios: o de melhor cenário para Argemiro Pascoal e o de melhor figurino para Luisa Maciel.

Ao final daquele mês, para celebrar erroneamente os 14 anos de lançamento do Teatro de Amadores de Caruaru - TAC – sim, pois a equipe surgiu em 1956, ou seja, 13 anos antes –, o diretor Antônio Medeiros já se articulava para retomar esse grupo que, ao que parece, desde 1965, com *Odorico, o Bem Amado*, de Dias Gomes, sob direção de Lídio Cavalcanti, não estreava um novo trabalho cênico. A escolha recaiu em *O Coronel de Macambira*, de Joaquim Cardozo. Ainda participando como integrantes do TEA, Vital Santos e Alcimar Vólia foram convidados para viver o divertido casal da trama, Mateus e Catirina, e Josué Euzébio assumiu as personagens do Padre e do Doutor. O lançamento estava previsto para o I Festival Folclórico de Caruaru, de 8 a 16 de novembro de 1969, no Campo de Monta, promovido pelo Departamento de Turismo da Prefeitura. O grupo chegou a receber um diploma de Honra ao Mérito por sua participação no evento.

O ROMPIMENTO

Em meio àqueles acontecimentos teatrais, notícias desencontradas davam ideia de que havia um sério desentendimento entre os fundadores e a ala jovem do TEA. Primeiro, cogitou-se que os atores Vital Santos e Graça Vasconcelos, pelo mesmo grupo, iriam atuar na peça do gaúcho Fernando Rômulo, *A Pílula*, que retrata o drama da sociedade atual quanto à aceitação ou não dos anticoncepcionais, mas, na sequência, foi anunciado o surgimento de outro conjunto, o Grupo de Teatro Novo, que seria lançado por Vital Santos e Sóstenes Fonseca (também do TEA), prometendo fazer um

“teatro moderno”, o melhor da Capital do Agreste (Cf. SÁ, *A Defesa*, 7 set. 1969, p. 5). Os atores que iriam estrear o trabalho, já em outubro próximo, seriam Vital Santos, Sóstenes Fonseca, Graça Vasconcelos, Célia Rejane, Agildo Galdino e o principiante Abel Souza, todos sob a direção de Carlos Bezerra, mas a montagem nunca existiu.

Uma certeza havia: a briga impulsionou o esfacelamento da equipe que estava em *Feira de Caruaru* e dois grupos passaram a querer levar a peça adiante, um com Vital Santos no comando, que seria batizado de Grupo de Cultura Teatral - GCT, e outro com Argemiro Pascoal tentando reerguer o TEA. “Por motivos particulares, o teatrólogo Vital Santos retirou sua peça *Feira de Caruaru* do comando do Teatro Experimental de Arte. Falando à nossa reportagem, frisou: ‘Foi melhor assim, pois não havia ambiente entre a diretoria e o elenco. Tomei minha resolução e creio que agi acertadamente’” (SÁ, *A Defesa*, 14 set. 1969, p. 7). O problema é que, a partir daí, muitas intrigas, envolvendo até a diretora do Departamento de Turismo de Caruaru, Luisa Maciel, além da Câmara de Vereadores, supostos incentivadores financeiros do novo conjunto que surgia, fizeram o coletivo posicionar-se e divulgar quem estava realmente à frente daquela empreitada.

Sem abdicar da peça *Feira de Caruaru*, de autoria de Vital, e prometendo que a nova versão já estava nos retoques finais, afinal, precisava ser uma montagem um tanto diferente da primeira, o novo grupo, cujo objetivo era “trazer para Caruaru mais cultura e desenvolvê-la dentro do possível” (SILVA, *A Defesa*, 28 set. 1969, p. 3), tinha Nivaldo Pinheiro da Silva como o seu presidente; Cosme Soares na vice-presidência; Vital Santos como tesoureiro; Graça Vasconcelos e José Paulo, secretários; Antônio Medeiros, o diretor artístico (teria ele feito outra encenação da obra?); Valdemar Ribeiro nas relações públicas; e Alcimar Vólia como sua oradora. O imbróglio dos dois conjuntos querendo continuar com a mesma temática no teatro foi um prato cheio para comentários maliciosos na imprensa. O pseudônimo “Sombra”, por exemplo, brincou com a situação:

Caruaru está de parabéns. O caruaruense também, pois Feira é coisa que não lhe falta. Temos a Feira de Caruaru propriamente dita; a *Feira de Caruaru*, de Vital Santos; a *Feira de Caruaru*, de Argemiro Pascoal. Será que vai aparecer outra? Soube de boa fonte que o TEA impediu que o Grupo de Teatro Novo [Grupo de Cultura Teatral] encenasse sua *Feira* com movi-

mento de cenários. Pelo que vejo, o Vital Santos irá encenar sua *Feira de Caruaru* sem sair do canto, pois até seus movimentos serão “cassados”. Em Petrolina está programada a *Feira de Caruaru*. Não sei qual irá, se a de Argemiro ou a de Vital. (SOMBRA, *A Defesa*, 21 set. 1969, p. 3)

Outros foram mais cautelosos nas ironias e se mostraram preocupados com aquele embate: “Tomando aspecto jurídico sensacional o caso criado entre dois conhecidos grupos teatrais da cidade, por causa da peça de Vital Santos, *Feira de Caruaru*. Quem estará com a razão?” (MIRANDA FILHO, *A Defesa*, 4 out. 1969, p. 8). A questão, parece, não chegou à Justiça, mas aquela luta, em vez de dinamizar a cena teatral de Caruaru, estava fazendo eclodir desavenças, intrigas e burburinhos. “A prova está aí na *Feira de Caruaru*, uma dissensão que não demonstra progresso, está servindo de ridículo dentre as pessoas que acompanham o movimento artístico de Caruaru” (BRIGA..., *A Defesa*, 12 out. 1969, p. 5). Falaram até que aquilo tudo era praga da própria feira de Caruaru, pois a mesma vivia dando confusão, estava prestes a mudar do seu lugar de origem, num vai-e-vem danado, e os feirantes nem sabiam o que fazer.

Em depoimento a mim no Projeto Memórias da Cena Pernambucana - O Teatro de Grupo, que aconteceu no Recife, em 1998, numa realização da Federação de Teatro de Pernambuco - Feteape e se transformou numa coleção de livros meus com quatro volumes publicados, os líderes do TEA, o casal Arary Marrocos e Argemiro Pascoal, lembraram o momento mais complicado da história do seu grupo: o rompimento com o elenco de *Feira de Caruaru*, após tanto sucesso com aquele trabalho. Arary Marrocos me confessou:

O pior deles aconteceu quando tivemos um desentendimento com praticamente todo o elenco de *Feira de Caruaru*, uma de nossas peças que mais fez sucesso, e Vital Santos, que assinava o texto, achou que devia criar um conjunto próprio, o Grupo de Cultura Teatral, e seguir com o espetáculo. Mesmo com a equipe quase toda modificada, nós, do TEA, ainda fizemos mais uma apresentação em São Caetano, mas o clima não foi bom. Daí, como não queríamos mais brigar com Vital, desistimos da montagem, e o Grupo de Cultura Teatral ficou com ela. (*Apud* FERRAZ, 2009, p. 140)



Feira de Caruaru
 (1972), 2ª versão
 pelo Grupo de
 Cultura Teatral
 Texto e direção:
 Vital Santos
 Fotos: Acervo
 Vital Santos



Eu, então, perguntei por que houve esse racha. O saudoso Argemiro Pascoal respondeu a quem estava presente naquela noite, no Teatro Arraial:

Eu acho que, além de eles quererem ficar independentes de nós e se tornar profissionais, claro que a renda financeira, naquele momento, falou mais alto, até porque o resultado de público foi muito bom. Mas tínhamos que ter dinheiro para cobrir certas despesas. Só que grande parte dos atores não aceitou isso e houve uma dissidência, então. Mas o público não tomava conhecimento dessas brigas. Fosse espetáculo do Grupo de Cultura Teatral ou do TEA, o pessoal prestigiava do mesmo jeito. O resultado disso tudo foi muito bom para o movimento teatral da cidade. Vital Santos realmente renovou o cenário artístico de Caruaru e, como circulou bastante pelo país, trouxe uma certa credibilidade para o que se fazia por lá. (*Apud* FERRAZ, 2009, p. 140)

A nova versão de *Feira de Caruaru*, agora lançada pelo Grupo de Cultura Teatral, talvez tenha se apresentado ainda ao final de outubro de 1969 em Garanhuns, voltando àquela cidade, e tudo indica que também foi a Petrolina. O certo é que a peça esteve na programação do I Festival Folclórico de Caruaru, de 8 a 16 de novembro de 1969, no pátio do Campo de Monta, promovido pelo Departamento de Turismo da Prefeitura Municipal de Caruaru e Empresa de Turismo de Pernambuco - Empetur. Apesar do evento não ter o público esperado, o conjunto se saiu bem e recebeu um convite do Departamento de Turismo da Guanabara para chegar ao Rio de Janeiro, mas a proposta nunca se concretizou. No entanto, a 23 de novembro de 1969, o espetáculo abriu a I Semana de Teatro de Campina Grande com ótima receptividade, sendo eleito o melhor da competição e firmando o nome de Vital Santos naquele município paraibano que tantas vezes depois o receberia com outros trabalhos.

A época era tão promissora que, ao final do ano, o colunista social Jotta Lagos, do jornal *Vanguarda*, elegeu os “Destacados 69”, referente aos melhores daquele ano nas suas profissões pelos serviços prestados à cidade de Caruaru, apontando Onildo Almeida como compositor, Vital Santos como teatrólogo e Graça Vasconcelos como atriz. A festa de homenagens aconteceu no dia 20 de dezembro de 1969, no Clube Intermunicipal de Caruaru (Cf.

LAGOS, *Vanguarda*, 30 nov. 1969, p. 3). Já Cervantes, pseudônimo e José Soares, outro colunista social local, divulgou na *Revista do Jornal do Commercio*, publicada originalmente no Recife, a lista dos “Melhores de 1969” também nos diversos setores da vida social da Capital do Agreste, dando ao Teatro Experimental de Arte o título de melhor grupo teatral, a Cosme Soares o de melhor ator e a Graça Vasconcelos o de melhor atriz (ela que foi duplamente lembrada pelos colunistas sociais), todos devido à montagem de *Feira de Caruaru*. Essa Festa dos Melhores de 1969, quando foram entregues os troféus Mandacaru, ocorreu no mesmo Clube Intermunicipal de Caruaru, no dia 24 de dezembro daquele ano (Cf. CERVANTES [José Soares], *Revista do Jornal do Commercio*, 14 dez. 1969, p. 15).

VITAL FICOU À FRENTE DE OUTRA ENCENAÇÃO DA MESMA PEÇA

Três anos após a estreia, *Feira de Caruaru* ganhou nova versão pelo Grupo de Cultura Teatral. Após dezessete dias intensos de ensaio, preparada principalmente para poder participar de festivais fora de Pernambuco junto a outra criação de Vital Santos, *A Menor Pausa*, estreada naquele mesmo ano, a sua primeira obra que chegou aos palcos recebeu nova roupagem. Mas antes de ser vista nos festivais, a peça cumpriu uma agenda de viagens às cidades pernambucanas de Arcoverde – onde estreou no dia 19 de maio de 1972 – e novamente Petrolina, além de chegar à Bahia, no município de Juazeiro, numa promoção do Diretório Acadêmico de Direito da Universidade do Agreste. A Prefeitura de Caruaru cedeu um automóvel para transportar todo o pessoal e o material cênico. A renda, no entanto, foi destinada à construção da Casa do Estudante de Caruaru.

Agora, além do texto de *Feira de Caruaru*, Vital passou a assinar a direção e a concepção de figurinos e iluminação, esta última executada por Demóstenes Sobral. O antigo diretor Cleyton Feitosa teve seu nome registrado por conta do cenário. Já a maquiagem passou a ser de Jandira Siqueira, com sonoplastia de Tito Everaldo (ou Fausto Silva) e a seleção musical continuou de Onildo Almeida. O elenco, bem maior e totalmente renovado, agora era composto por Alcimar Vólia (no papel de Noca), Jandira Siqueira (Belmira), Ivan Brandão (Zé Bispo), Manoel Mota (Capanga 1), José Ferreira Neto (Capataz), Tony Silva (também apelidado Humphrey, como o Capanga

2), Rui Rosal Filho (Sargento), Roberval Veloso (Coronel João Teixeira), Nilson Condé (Coronel Ulisses), Airton Silva (Soldado 1), Suitberto Cavalcanti (Soldado 2), Lélia Araújo (Alice), Airton Loca (também apelidado de Porda, vivendo o Beato Torquato Maria) e o próprio Vital Santos (Tenente Batista). Wellington Ramos (de apelido Branco) chegaria a participar também.

Após turnê por aquelas três cidades iniciais, essa nova versão de *Feira de Caruaru* finalmente pôde ser vista na Capital do Agreste nos dias 17 e 18 de junho de 1972, no Teatro João Lyra Filho. Ao que parece, fez outras sessões como “esquentar” para a viagem mais aguardada. Isso porque, junto à peça *A Menor Pausa*, ela foi compor a grade do IV Festival Nacional de Teatro Amador de São José do Rio Preto/SP, evento de caráter competitivo que ocorreu de 9 a 25 de julho de 1972, em paralelo com o I Festival Internacional. Com os dois trabalhos muito bem recebidos por público e crítica, *Feira de Caruaru*, mesmo participando em caráter *hors concours*, recebeu “O Arlequim”, prêmio especial do júri, e Rui Rosal Filho ficou com uma menção honrosa de ator coadjuvante. Já *A Menor Pausa* levou o 2º lugar de melhor espetáculo, além dos prêmios para melhor espetáculo plástico e melhor ator (Ivan Brandão).

Detalhe: *Feira de Caruaru* contou com a presença orgulhosa do prefeito caruaruense Anastácio Rodrigues na plateia, parceiro imprescindível para muitas das atividades do Grupo de Cultura Teatral. As passagens de ônibus de ida e volta aos festivais, por exemplo, até então eram sempre bancadas por ele, que administrou Caruaru de 1969 a início de 1973, dando especial atenção à Cultura. Seguindo em turnê, *A Menor Pausa* e *Feira de Caruaru* aportaram nas cidades de Maringá e Londrina, no Paraná. Nesta última, ambas foram generosamente recepcionadas pela diretora teatral e jornalista Linda Bulik, que praticamente inaugurou o espaço de crítica teatral jornalística em Londrina.

Em referência à *Feira de Caruaru*, por exemplo, ela achou que o autor e diretor Vital Santos tinha conseguido captar a realidade de sua região com inteira verossimilhança, revelando-se por uma dramaturgia autoral nordestina e centrada no que Bertolt Brecht já pregava na sua *Dialética do Teatro*, isto é, “tornar nova a coisa gasta”:

Talvez seja o trabalho de Vital o que mais próximo está do Teatro Pobre tão decantado nos últimos anos, depois das ideias de Jerzy Grotowski. Em *Feira de Caruaru* é mostrada,

com peculiar verve nordestina, todos os fatos pitorescos da feira e com eles o espectador fica sabendo de toda a vida histórica e social da cidade e as lendas que crescem e avultam na imaginação popular. [...] E não faltou o mamulengo, divertimento que consiste em representações teatrais por meio de bonecos, por ocasião das festas. E na própria peça Vital encarrega-se de denunciar, não sem grande pesar, o desaparecimento da literatura de cordel. (BULIK, *Folha de Londrina*, 8 ago. 1972, s. p.)

Após apontar uma série de personagens que são lembradas pelo autor com um saudosismo bem brasileiro, especialmente aquelas figuras pitorescas da feira, a jornalista considerou que era a comunicação direta com a plateia o que mais se destacava, por conta de um humor apimentado e crítico nos diálogos e situações, que nem chocava nem feria, pois estava completamente inserido no contexto. O resultado? A sua perplexidade com os tipos humanos criados pelo dramaturgo, ora espontâneos e, às vezes, ingênuos, ora maliciosos e picarescos. “Enfim, é o povo com suas alegrias e tristezas. [...] A música, o ritmo, o figurino e a coreografia – encaixados ao ambiente da peça – muito contribuíram para o envolvimento da plateia, que reagiu bem durante todo o decorrer da peça” (BULIK, *Folha de Londrina*, 8 ago. 1972, s. p.), complementou.

A seguir, o grupo participou do I Festival Nacional de Teatro Jovem do Estado do Rio de Janeiro, que aconteceu de 5 a 25 de agosto de 1972, no Teatro Municipal João Caetano, no município de Niterói/RJ, promovido pelo Serviço Estadual do Teatro, com a participação inicial de vinte grupos de sete estados (mas houve desistências de última hora), somente com peças de autores brasileiros. A chegada e permanência ali não foram tão tranquilas (mais detalhes no capítulo dedicado à peça *A Menor Pausa*, que abocanhou o título de melhor texto para Vital Santos) e, infelizmente, *Feira de Caruaru*, desta vez, não foi contemplada com nenhuma premiação e ainda recebeu dura crítica de Domari Espósito, do jornal *O Fluminense*.

Apesar do mesmo reconhecer que havia uma boa expectativa ao trabalho do GCT pelo aspecto regional da proposta em *Feira de Caruaru*, a longa duração da obra, seus tantos palavrões (algo que vai perseguir os



| *A Feira de Caruaru* (2009), pelo Grupo de Teatro Ená Iomerê, de Caruaru
| Texto: Vital Santos, adaptado por Maria Alves e Veridiano Santos. Direção: Maria Alves
| Foto: Carlos Eduardo / Acervo Colégio Diocesano de Caruaru

escritos de Vital) e os problemas técnicos, na sua opinião, inviabilizaram por completo um melhor resultado:

A apresentação ficou prejudicada pela inconcebível demora do espetáculo que a separou da peça anterior [*Espectrofúria*, de Eduardo de Lucena, pelo Grupo Armação, do Maranhão], principalmente porque não havia razão de ser, em vista da falta de cenários. Mesmo assim, para este estilo de peça, a representação foi longa demais. Somente uma linha dramática, que não houve, manteria o interesse do público sem cansá-lo. Apesar de tudo, o conjunto deu uma boa mostra das capacidades cômicas dos atores, que, em geral, desempenharam muito bem os papéis. A iluminação e o som funcionaram pessimamente; quanto ao autor, mostrou que continua gostando de abusar dos palavrões, que aparecem sem muita necessidade e nenhuma motivação verdadeira. (ESPÓSITO, *O Fluminense*, 12 ago. 1972, p. 5)



A Feira de Caruaru (2009), pelo Grupo de Teatro Ená Iomerê, de Caruaru
 Texto: Vital Santos, adaptado por Maria Alves e Veridiano Santos. Direção: Maria Alves
 Fotos: Carlos Eduardo / Acervo Colégio Diocesano de Caruaru

O grupo deve ter voltado um tanto desapontado para Caruaru. Por fim, após a presença em três outros estados diferentes, São Paulo, Paraná e Rio de Janeiro, essa segunda versão de *Feira de Caruaru* só foi retomada esporadicamente em terras pernambucanas: em dezembro de 1972, no Teatro João Lyra Filho, em Caruaru; outra a 13 de janeiro de 1973, no palco do Círculo Operário, daquela mesma cidade; e a 21 de fevereiro de 1973, em Limoeiro, como única atração teatral da 1ª Semana de Artes promovida pela Rádio Difusora de Limoeiro e o Grupart. Enquanto isso, Vital e o GCT receberam o Grupo Mambembe, do Rio de Janeiro, e, ainda que ele tenha prometido retomar a peça *Transe*, de Ronald Radde, junto ao Teatro de Amadores de Caruaru, lançada em abril de 1972, no ainda inacabado Teatro João Lyra Filho, e também inaugurar oficialmente essa casa de espetáculos com *Aparição e Vagabundo*, seu mais novo texto sobre os traumas da Ditadura, em 31 de janeiro de 1973, promovendo também ali, alguns dias depois, o II Festival Nacional de Teatro Amador, de 10 a 18 de fevereiro, nada disso aconteceu. Talvez pelo fim da gestão municipal do incentivador Anastácio Rodrigues.

Por sinal, naquele dia 31 de janeiro de 1973, como último expediente da sua administração como prefeito, foi inaugurada a Casa de Cultura José Condé, no antigo Campo de Monta, doado pelo Governo Nilo Coelho ao município, com salas de leitura para crianças e adultos, um futuro museu da imagem e do som e de arte popular, biblioteca e um auditório que acabou sendo bastante utilizado pela turma do teatro. Enquanto isso, mesmo enfrentando maiores desafios, Vital Santos começou a preparar outro espetáculo do Grupo de Cultura Teatral, *A Árvore dos Mamulengos*, que se tornaria o seu maior sucesso até então. *Feira de Caruaru*, ao que tudo indica, teve sua última exibição durante a II Semana Internacional do Artesão, no auditório da Casa de Cultura José Condé, no dia 14 de abril de 1974.

Mas a obra continuaria a ser revistada por outros encenadores. Consegui descobrir quatro outras montagens na própria Capital do Agreste. Uma de 1978, com alunos do Grupo Teatral do Colégio Mário Sette, sem indicação de quem ficou à frente da direção. Esta participou da III Semana Cultural de Caruaru, promovida pelo Governo do Estado de Pernambuco através do Departamento Regional de Educação. Uma segunda montagem, estreada em 1992 e intitulada *Na Feira*, com adaptação e direção de Jô Albuquerque, reunia integrantes do Grupo de Teatro da Escola Dom Miguel

de Lima Valverde, e conquistou cinco prêmios no VII FETEAG - Festival de Teatro Estudantil e Amador do Agreste: melhor iluminação (Anselmo Barbosa), coreografia (Félix Lima), adereços de cena (Jô Albuquerque), atriz revelação (Eva Wilma) e ator revelação (Josenildo Soares).

Outra encenação existiu em 1994, numa realização da Ecoarte, dirigida por Rui Rosal Filho, que participou da versão de Vital em 1972 e voltava a fazer teatro após anos afastado. A peça até integraria a III Mostra do Teatro Amador de Serra Talhada, no Sertão pernambucano. A mais recente montagem é de 2009, intitulada *A Feira de Caruaru*, com o Grupo de Teatro Ená Iomerê, do Colégio Diocesano de Caruaru, sob direção de Maria Alves, responsável ainda pela adaptação do texto junto ao historiador Veridiano Santos, com a devida permissão e estímulo do autor Vital Santos. Esta última proposta, com direção musical de Jadilson Lourenço e trilha sonora executada ao vivo, chegou a participar do 21º e do 22º FETEAG (agora rebatizado de Festival de Teatro do Agreste), em dezembro de 2009 e outubro de 2010, respectivamente. Na última exibição abocanhou um prêmio de melhor ator (Warllyson Santos). E *Feira de Caruaru* espera, então, novos olhares.

REFERÊNCIAS:

- A CIDADE aguarda a Feira de Caruaru. **A Defesa**. Caruaru, 4 mai. 1969. Teatro. p. 2.
- AGOSTINI, Ângelo de. Um festival de triste lembrança. **Jornal do Commercio**. Recife, 5 ago. 1969. Teatro. p. 2.
- A PEÇA... **Revista do Jornal do Commercio**. Recife, 10 ago. 1969. IV Caderno/Sociais de Caruaru. p. 17.
- BARROS, E. [Edvaldo]. Auto de reminiscências. **A Defesa**. Caruaru, 8 jun. 1969. p. 7.
- BATISTA, Agostinho. Feira de Caruaru. **A Defesa**. Caruaru, 8 jun. 1969. p. 8.
- BRIGA com a Feira de Caruaru. **A Defesa**. Caruaru, 12 out. 1969. Histórias Que a Vida Conta. p. 5.
- BULIK, Linda. “Feira de Caruaru”: uma mostra do teatro didático. **Folha de Londrina**. Londrina, 8 ago. 1972. s. p.
- CACHO de Coco. **A Defesa**. Caruaru, 8 nov. 1975. p. 1.
- CERVANTES [José Soares]. Caruaru. **Revista do Jornal do Commercio**. Recife, 14 dez. 1969. IV Caderno/Sociais do Nordeste. p. 15.

CRAVEIRO, Paulo Fernando. Caruaru. **Jornal do Commercio**. Recife, 12 jun. 1969. Segundo Caderno/Ponto de Encontro. p. 5.

ESPÓSITO, Domari. “Feira de Caruaru”. **O Fluminense**. Niterói, 12 ago. 1972. 1º Caderno. p. 5.

“FEIRA de Caruaru” consagra caruaruenses na arte cênica. **A Defesa**. Caruaru, 25 mai. 1969. p. 1.

FERRAZ, Leidson (Org.). **Memórias da Cena Pernambucana - 04**. Recife: L. Ferraz, 2009.

LAGOS, Jotta. “Destaque 69”. **Vanguarda**. Caruaru, 30 nov. 1969. p. 3.

MARCONI, Celso. Lançamentos. **Jornal do Commercio**. Recife, 8 jun. 1969. Segundo Caderno. p. 4.

MIRANDA, Antônio. Teatro de Caruaru sobrevive e brilha a duras penas. **Diário de Pernambuco**. Recife, 29 jun. 1969. Terceiro Caderno. p. 4.

MIRANDA FILHO, Miguel. Encontro Semanal. **A Defesa**. Caruaru, 22 jun. 1969. p. 8.

MIRANDA FILHO, Miguel. Diversas. **A Defesa**. Caruaru, 4 out. 1969. Encontro Semanal. p. 8.

PAUTA do Teatro de Santa Isabel. **Acervo Teatro de Santa Isabel**. Recife, mar. 1955 a ago. 1969.

SÁ, Braga. Feira de Caruaru. **A Defesa**. Caruaru, 8 jun. 1969. p. 5.

SÁ, Braga. Crítica consagra “Feira de Caruaru”. **A Defesa**. Caruaru, 17 ago. 1969. p. 4.

SÁ, Braga. Novo grupo de teatro em Caruaru. **A Defesa**. Caruaru, 7 set. 1969. p. 5.

SÁ, Braga. “Feira de Caruaru” desliga-se do TEA. **A Defesa**. Caruaru, 14 set. 1969. Radar. p. 7.

SANTOS, Vital. **Feira de Caruaru** [Programa]. Caruaru, mai. 1969.

SANTOS, Vital. **Feira de Caruaru** [Texto digitado do original]. Caruaru, 1968.

SILVA, Adilson. “A Feira é um palco iluminado”. **A Defesa**. Caruaru, 23 fev. 1969. Painel. p. 3.

SILVA, Adilson. Feira immortaliza caruaruenses. **A Defesa**. Caruaru, 25 mai. 1969. Painel. p. 3.

SILVA, Adilson. Feira fez teatro ressurgir. **A Defesa**. Caruaru, 1 jun. 1969. Painel. p. 3.

SILVA, Nivaldo Pinheiro da. Grupo de Cultura Teatral apresenta Feira de Caruaru. **A Defesa**. Caruaru, 28 set. 1969. p. 3.

SOMBRA. Teatro. **A Defesa**. Caruaru, 21 set. 1969. Radar. p. 3.

SÔNIA, Maria. O TEA... **A Defesa**. Caruaru, 10 ago. 1969. “Sociedade e Notícias”/As 10 Mais. p. 2.

TEA fez sucesso com “Feira de Caruaru”. **A Defesa**. Caruaru, 13 jul. 1969. p. 6.

FEIRA DE CARUARU

De: Vital Santos

.....

Personagens: Zé Bispo, Cabra 1, 2, 3 e 4, Chico Borrote, João Boneco, Sargento, Tenente Batista, Patrão, Menino (Tonho), Cravo Branco, Coronel João Teixeira, Coronel Ulisses, Maria de Jesus, Zé Guaxinim, Quebra-Toco, Palhaço, Ator, Atriz, Ponto, Alice, Jovina, Zé Boréia, Belmira, Noca, Isidoro, Beato Torquato Maria, Major Miranda, Sargento, Cabo, Soldado 1, 2 e 3, Capanga, Cabra a ser enforcado, Capataz, Major Sinval, Goladinho, Zezinho do Papagaio, Jacaré, João Porrote, Cronista Social, Garota Luxo, Garota Glória Total, Garota Veneno, Homem Sofisticado, Mulher Sofisticada, Camelô, Apresentador, Zé Troca-Troca, João Cotó, Zé do Quepe, Chico Lima, Cacho de Coco, Ataíde, Teixeirainha, Reinaldo, Rapariga, Bêbado, Ceguinho da Viola, Cantador, Vendedor de Cordel, Padre Nazareno, Bruxa, Apresentador, Povo (Homem 1, 2, 3 e 4; Mulher 1, 2 e 3), Poeta (voz gravada), integrantes do Clube Mixto Abanadores/Pastoril (pastoras, mestra, contramestra, Jovina Diana) e uma Bandinha de Pífano.

Os papéis são dobrados, cada ator ou atriz pode fazer dois ou três personagens, e há muitas passagens em coro. Na primeira montagem a peça foi feita com sete intérpretes. Cenário: Três barracas móveis que no decorrer do espetáculo são transformadas em carro, balcão, palanque, casas, tablados, circo, etc.

Vicentina na calçada, mostra a perna aleijada e pede uma esmola pelo amor de Deus. Coitado do Mateus, roubaram-lhe o boi. Sabe quem foi? “Por incrível que pareça, um homem sem cabeça”, diz Belmira. Contando na sua lira a história verdadeira, o folheto de João Ferreira faz a previsão: “Hoje tem festa na Conceição!”. Zé Bispo levou outra surra. Uma curra na rua Dez. Porque hoje é dia de feira. O teatro ambulante era constante na 7 de Setembro. Ainda me lembro o homem comendo tijolo. Deu um bolo quando o Tenente Batista, racista, pegou o crioulo da *troupe* no *chopp* do Barbosa. Chuvosa, a tarde vai indo. Vem vindo a noite com lama. Tem “drama” no Avenida. Porque hoje é dia de feira.

HOJE É DIA DE FEIRA.

As toldas coloridas, mal vestidas são servidas a preço de beiju. Chica acorda com o *vermeião* de fora; Aurora vende uma piada a preço de banana. Não faz uma semana que Bastiana vendeu uma criança... João Braúna coça a pança e pensa: “Isso aqui tá muito diferente”. No cafundó tem muita gente. Porque hoje é dia de feira. A Igreja da Conceição tá tomada, cercados todos os paredões. Os pregões matinais: “Eita vidinha cara danada”. “Que nada!”, responde a verdureira. “Isso

é besteira pra senhora”. Biuzinho não faz nem meia hora que se levantou. Nem café tomou, já vai levando outro balaio. No beco das freiras, um jegue balança o *chucaio*. Porque hoje é dia de feira. Na *Pharmácia Phranceza*, Sinval vende a natureza em prosa como raiz. Os fundos dão pra rua da Matriz. Por um triz o carro não pega Seu Contígio. Defronte ao Beco do Mijo o sorriso do Seu Quequé emudece e parece o dos funerais de Cravo Branco. No entanto, Jovina, com desgosto. Porque hoje é dia de feira.

Os atores caracterizados formam diversos tipos de bonecos de barro. O vento sopra forte.

No princípio era a caatinga, a poeira, a seca, a pólvora, os avelozes e o sol.

Movimento dos atores criando caras, feira, árvores, cruz, etc.

Surgiu o primeiro habitante – José Rodrigues de Jesus – e ali plantou um rancho, “um simples rancho para pernoite das boiadas vindas do Sertão bruto”. “Nascia nos campos o bredo Caruru. Verde ao atingir o crescimento de vinte centímetros, então o bredo murchou”. “Quando os animais mastigaram pela primeira vez, estava sendo escrita a página inicial de fundação de uma cidade”. Passaram-se os anos, vieram secas e também invernos de chuvas fartas. José Rodrigues de Jesus olhava os campos, agora sem a ameaça permanente dos indígenas. “Os forasteiros, levados pelo instinto de defesa, levantaram suas casas nas imediações da fazenda, que de Caruru se transformara em Caruaru”. “Crescia assim o arruado e, com ele, o crescimento das necessidades. Nasceu então a feira semanal onde a população era de 230 habitantes”. “Em 1771 o próprio José Rodrigues de Jesus tomou a iniciativa de mandar construir uma igreja sob a invocação de Nossa Senhora da Conceição”. “Estava plantada a Cruz”. Tempos depois, com o crescimento do arruado, os primeiros prédios: a Cadeia Pública, a Capela do Monte e a Estação Ferroviária. Em 1892, na época do coronelismo, as primeiras polêmicas políticas da cidade. A partir desta data até 1912 Caruaru era chefiada pelo Coronel Manoel Rodrigues de Pôrto. Em virtude da derrota do Governo Rosa e Silva, assumindo Dantas Barreto, a cidade passou a um novo chefe, o Coronel João Guilherme de Pontes, que permaneceu como líder até a data de sua morte, 25 de junho de 1944. Em 1950, conhecida internacionalmente por sua feira e sua riquíssima diversidade de produtos, atraía milhares de turistas de toda parte do mundo. Hoje, Caruaru é a maior cidade do interior de Pernambuco, com uma população de 120 mil habitantes [segundo o Censo do IBGE, a população em Caruaru no ano de 2023 era de 378.052 pessoas].

Música “Feira de Caruaru”, de Onildo Almeida, tocada pela Bandinha de Pífano.

POVO – Esta é a feira de Caruaru, entre todas a maior, conhecida de Norte a Sul, ou melhor, a internacional. Você que não a conhece e deseja conhecer, veja bem o que acontece: ela veio até você. (*levam as barracas ao público*) Mas esqueça o seu ensejo e preste bem atenção: veja a feira como eu vejo e tire a sua conclusão.

HOMEM 1 – Um momento! (*todos param*) Antes devemos ao público uma explicação. Esta feira de que falamos não é a feira física e tradicional de Caruaru, mas uma feira onde mostramos fatos históricos, tipos pitorescos e o folclore de nossa cidade.

HOJE É DE FEIRA (SÁBADO).

Matuto que vai à cidade no dia de feira vender os produtos de sua plantação, o milho, a farinha e o feijão, tudo que é da produção do cabra que vive com a enxada na mão. Um dia matuto vai ter tudo que hoje não tem. Matuto ainda vai ser gente igual a gente também. Cabra do papo amarelo dos olhos de inteiriça só sabe o que é o trabalho e desconhece a preguiça.

ZÉ BISPO – Ah, terrinha desgraçada! Danada pra dar gente ruim! Isso aqui, meu camarada, já prestou, já teve valor. Hoje tá o fim. Todo mundo quer mandar, qualquer um é autoridade. Só porque a bosta desse lugar agora passou à cidade. (*pausa*) Bem, qualquer um é força de expressão. Eu falo é dos que são donos de propriedade. (*pausa*) Isso aqui antigamente fazia gosto a gente morar, só havia homens decentes, filhos do mesmo lugar, como se fossem irmãos, querendo um ao outro ajudar. Hoje não, só tem ladrão querendo nos roubar. Já não basta o algodão que é ouro que a terra dá; as nossas terras herdadas que foram todas roubadas pelos ricos do lugar. Já não basta tudo isso, ainda querem um compromisso para nos escravizar. Eu vou embora, juro por Nossa Senhora, amanhã o mais tardar. Isso é terra pra forasteiro, não pros filhos do lugar! Imagine que até do Rio de Janeiro vem gente aqui pra morar. Isso ainda não é nada, pior é o Coronel Ulisses lá das bandas do Jupí, que se amigou no Recife e trouxe a puta *praiqui*. O nome da bicha é Dondon e o povo ainda acha bom tudo que ela faz. Dondon dá ordem, acata desordem e mais, até a polícia obedece a tudo que Dondon faz. Ah, terrinha danada! Lugar de gente...

Entram quatro cabras do Coronel Ulisses, armados até os dentes. O pau canta.

CABRA 1 – Ah, filho de vaca velha com leite de aveloz!

CABRA 2 – Quem fala da vida alheia tem uma pulga no coís.

CABRA 3 – O sujeito chega acha bom, fala de boca cheia...

CABRA 4 – Quem fala de Dona Dondon tem que entrar na peia.

CABRA 1 (*dá uma porrada*) – Tome, indecente!

CABRA 2 – Sujeito mal agradecido.

CABRA 3 – Demente...

CABRA 4 – Pra você deixar de ser enxerido!

Zé Bispo cai.

CABRA 2 – Chega! Ele já tá tonto! Até já encheu as calças, mesmo sem ter nada pronto.

CABRA 4 – Assim é que é bom! Pra ele aprender a respeitar Dona Dondon.

Música “Alvorada”, com a Banda de Pífanos de Caruaru.

CHICO PORROTE – João, quando você for sábado para Caruaru, não esqueça de passar na botica do Major Sinval e dar o meu recado.

JOÃO BONECO – Certo, Chico! *Isqueço* não. *Inté* que eu ia lá na loja do Major Miranda *pra mode* acertar uma conta com ele. *Véio discarado* com a história daquela vaca cega...

Continua a canção “Alvorada”. Luz geral. João e Chico movimentam o Tenente Batista e o Sargento, presos por uns cordões, representando marionetes. Os dois, primeiramente, cumprimentam o público.

SARGENTO – Tenente! Tenente! Um cabra vestindo um camisolão roxo com uma cruz de mais de meio metro pendurada no peito vem descendo do Alto Sertão, amontoando romeiros e fazendo milagres: curando cegos, fazendo mortos se levantar... Uma coisa nunca vista, Tenente.

TENENTE BATISTA – Que história é essa, rapaz?

SARGENTO – Pois é como eu estou lhe dizendo, Tenente. Ele já vem por aí. Por onde passa toca a reunir mais gente no seu rastro.

TENENTE BATISTA – Deixa ele vir pra cá, deixa ele vir... Sim, me diga uma coisa, Sargento. Que história é essa que anda correndo um malassombro lá perto do cemitério novo?

SARGENTO – É verdade, Tenente, a Belmira viu. Ele correu atrás dela. Quase, quase que pega. A coitada correu mais do que má notícia. Disse que era um homem alto, todo de branco e sem cabeça. Eu chega fico todo arrepiado...

TENENTE BATISTA – Isso deve ser algum engraçadinho pra se amostrar!

SARGENTO – Foi o que eu pensei, Tenente. Mas se eu pegar esse safado, eu lasco ele.

Fim da música “Alvorada”. O Sargento e o Tenente Batista cumprimentam-se, agradecem ao público e saem. O Povo esfarrapado entra se lastimando.

MULHER 1 – Eita vidinha cara danada!

MULHER 2 – Cara não, a gôta.

HOMEM 1 – Não se pode nem pagar transporte pra trazer os cereais.

HOMEM 2 – O preço é de morte!

HOMEM 3 – Seja de trem ou caminhão, cada qual que cobre mais.

HOMEM 4 – É trazer na cabeça... É sofrimento demais...

O Povo fica gemendo no compasso da viola e se arrastando para a plateia.

VIOLEIRO (*cantando*) – A natureza é muito ingrata / e a fome é pra valer / mas sou muito arrinitente / não homem de correr / pode a terra virar brasa / mas aqui eu vou morrer / sou vaqueiro nordestino / nascido no meu Sertão / já provei de muitas secas / e estrondos de trovão / meus irmãos correm pro Sul / mas daqui não saio não.

POVO (*cantando desordenadamente e desafinado*) – Minha casa é pequenina / e a família é muito grande / o menor tem 7 meses / o mais velho 15 anos / se a mulher tiver disposta / chega outro para o ano.

MENINO (*carregador de balaio*) – Patrão, quer que eu leve o balaio?

PATRÃO – Quero. Por quanto você leva?

MENINO – É... Duzentos, tá bom?

PATRÃO – Certo. Garoto esperto, hem? Como é seu nome?

MENINO – Tonho, Doutor.

PATRÃO – Tonho, você mora onde?

MENINO – Na Rua do Lixo.

PATRÃO – Você estuda?

MENINO – Patrão, pra dizer a verdade, estudo não. Estudava, sabe, mas deixei.

PATRÃO – Deixou? Por que?

MENINO – Porque a professora disse que só estudava quem tivesse farda e minha mãe não pode comprar farda pra mim.

PATRÃO – Não? E o que ela faz?

MENINO – Bem... É... Quer dizer... O senhor sabe. Ela de dia lava roupa e à noite dá umas voltinhas por aí.

PATRÃO – Voltinhas? E o seu pai?

MENINO – Pai? E o senhor já viu filho de rapariga ter pai?

Uma das barracas é transformada em carro no qual vem o Coronel João Teixeira e Maria de Jesus. O coro se transforma num bloco carnavalesco, à frente Cravo Branco.

CRAVO BRANCO – Até que enfim lhe encontramos, Doutor.

CORONEL JOÃO TEIXEIRA – O que é que falta, Cravo Branco?

CRAVO BRANCO – É que o Doutor ainda não assinou a lista dos Abanadores...

CORONEL JOÃO TEIXEIRA – Certo, Cravo. Como é? O Mixto vai ganhar esse ano?

Cravo Branco – Se Deus quiser, Doutor. A negrada tá pegando fogo! Este ano, Doutor, Caruaru vai ter um Carnaval que vai ficar na história. (*recebe a gratificação*) Obrigado, Doutor. Não sei o que seria do nosso Carnaval se não existissem pessoas como o senhor. Doutor, apareça na rua da Matriz hoje à noite, viu? O ensaio geral dos Abanadores vai ser lá.

Coronel João Teixeira – Tá certo, Cravo. Esqueço não.

Todos – Nós somos os Abanadores, meus senhores...

Corte. Foco no Coronel João Teixeira e Maria de Jesus.

Coronel João Teixeira – Esse mundo velho tá bom de se acabar. Tá muito diferente...

Maria de Jesus – O mundo tá no mesmo lugar. Quem mudou foi a gente.

Coronel João Teixeira – Nada. As coisas mudam também. Até o céu vira inferno! De primeiro, por esse tempo, tava o relâmpago cobrindo. O povo alegre, sorrindo, dando viva ao inverno. O cheiro da terra no ar; o vento e as folhas soprando e a passarada anunciando que o tempo ia chegar. Hoje não, tá mesmo um desatino, até mesmo o algodão... Veja que grão mofino! Será que tá diferente? É o mundo que tá perto de acabar.

Maria de Jesus – Quem se acaba é a gente! O mundo vai continuar.

Coronel João Teixeira – Sei não. Acho que essa região já prestou, não presta mais! (*pausa*) Aqui nasceu meu avô, aqui nasceram meus pais...

Maria de Jesus – Eu acho que o melhor é a gente ir pra cidade.

Coronel João Teixeira – O quê? Deus me livre e guarde! Aqui a gente enfrenta a seca que devora a plantação; lá é a carestia e um bando de ladrão. Caruaru já foi bom, Maria. Hoje não presta mais não.

Maria de Jesus – Eu digo é outra cidade que tenha mais habitação.

Coronel João Teixeira – É tudo um inferno só essas bandas do Sertão!

Zé Guaxinim (*entrando*) – Patrão, tem um cabra aí fora querendo falar com *vosmecê*.

Coronel João Teixeira – Se for trabalho, mande embora. Diga que não tem não.

Zé Guaxinim – É um tal de Zé Bispo de sua *famiação*.

Coronel João Teixeira – Zé Bispo, nessa ocasião? Mande ele entrar.

Zé Guaxinim – Pois não, patrão. É pra já.

Maria de Jesus – É tarde. Eu vou me deitar.

CORONEL JOÃO TEIXEIRA – Maria, se banhe, que eu chego já.

Ela sai. Entra Zé Guaxinim trazendo Zé Bispo.

ZÉ GUAXINIM – Pronto, patrão: o homem.

ZÉ BISPO – Seu João, me desculpe eu lhe causar esse vexame...

CORONEL JOÃO TEIXEIRA – O que é que tá acontecendo?

ZÉ BISPO – Eu vim pedir a vossa proteção pra punir a bicha do Coronel Ulisses. Ela me fez uma judiação...

CORONEL JOÃO TEIXEIRA – E você, alguma tolice?

ZÉ BISPO – Não. Juro que não.

CORONEL JOÃO TEIXEIRA – E o que foi, então?

ZÉ BISPO – Ela mandou os cabras do Coronel me *dá* uma sova. O pau baixou a granel, quase que eu ia pra cova. O senhor sabe como é... Me deram tanta porrada que as calças *ficou* rasgadas e a merda fez boné.

ZÉ GUAXINIM – Quantos tinham pra *dá* em *vosmecê*?

ZÉ BISPO – Quatro. Mas bateram pra valer, deram mesmo sem dó. Era pisa pra *dá* em quinze, deram em mim só.

CORONEL JOÃO TEIXEIRA – E nenhum deixou pista?

ZÉ BISPO – Eu vendo, dá pra reconhecer.

CORONEL JOÃO TEIXEIRA – Então por que não vai ao Tenente Batista pra ele mandar prender?

ZÉ GUAXINIM – Não vai adiantar nada.

CORONEL JOÃO TEIXEIRA – Por que?

ZÉ GUAXINIM – O Tenente é da mesma cambada.

ZÉ BISPO – Seria uma tolice. Quem dá ordem ao Tenente, seu João, é o Ariosto, filho do Coronel Ulisses.

CORONEL JOÃO TEIXEIRA – Eu não estou entendendo é mais nada.

ZÉ BISPO – Foi por isso que eu vim pedir a vossa proteção.

CORONEL JOÃO TEIXEIRA – E eu que não queria me meter mais nessas! Sabe como é... a civilização... *(pausa)* Os cabras da Jurema gostam dessas, mas eu não gosto não.

ZÉ BISPO – *Vosmecê* deve tá lembrado do que aconteceu o mês passado? Foi obra daquela mulher.

CORONEL JOÃO TEIXEIRA – E quem aquela puta tá pensando que é?

ZÉ BISPO – Até do Coronel Zica Soares ela quer tirar partido.

ZÉ GUAXINIM – O Zica também é vendido.

CORONEL JOÃO TEIXEIRA – Uma coisa que eu não posso ouvir... *(pausa)* Vá se arranchando por aí. Vou pensar no acontecido. *(pausa)* Não sei se vale a pena... Amanhã tem boiada da Jurema?

ZÉ BISPO – Tem.

CORONEL JOÃO TEIXEIRA – Pois bem. *(a Zé Guaxinim)* Vai você e o seu irmão, e leve também o Matoso. O Zé Bispo vai como espião pra apontar o culposo. *(a Zé Bispo)* Todo cuidado é pouco. Tá ouvindo, Seu Guaxinim? Se alguém se fizer de louco, tem minha ordem: dê-lhe fim. Porém não faça desordem, traga o sujeito pra mim.

ZÉ GUAXINIM – Certo patrão, entendido.

ZÉ BISPO – Não se preocupe, Seu João, tudo será cumprido.

CORONEL JOÃO TEIXEIRA – Pois bem, caso resolvido.

O Povo, esfarrapado, invade o carro gritando e entoando cantigas de cegos.

POVO 1 – Uma esmolinha pelo amor de Deus!

POVO 2 – Me dê uma esmola, filho de Nossa Senhora!

QUEBRA-TOCO – Um auxílio para o pobre cego, filho de Deus!

POVO 3 – Irmão, me dê uma ajuda. *(pedindo comovidamente)* Irmão, me dê uma esmola, não tenha pena de *dá*; se eu tivesse a luz dos olhos não vivia a mendigar. *(recebe)* Deus lhe pague a sua esmola! Deus lhe dê com que passar, *vosmecê* e a família nunca *há* de mendigar... *(comovidamente sai)*

QUEBRA-TOCO *(fingindo-se de aleijado)* – Irmão, me dê uma esmola, não tenha pena de *dá*; se eu tivesse as duas pernas não vivia a mendigar..

ZÉ GUAXINIM – Ôxente! Me diga uma coisa: *vosmecê* é irmão de Quebra-Toco?

QUEBRA-TOCO – *Inhô* não, amigo, eu sou ele mesmo. Por que?

ZÉ GUAXINIM – *Vosmecê* não era cego nesse instante?

QUEBRA-TOCO – Era, *inhô* sim. Mas tavam dando pra botarem tampa de garrafa e nota falsa na cuia. *Móde* isso eu *arresolvi* ficar aleijado. Quero ver quem me engana agora...

POVO 4 – Uma esmolinha pelo amor de Deus!

POVO 2 – Me dê uma esmola, filho de Nossa Senhora!

POVO 1 – Um auxílio para o pobre cego, filho de Deus!

POVO 4 – Irmão, me dê uma ajuda!

POVO 2 – Esmola para o pobre cego, meu filho! Esmola para o ceguinho... (*recebe a nota*) Ei, *essa* nota é de duas cabeças, filho de Deus!

ZEÉ BISPO – O quê? E você não é cego?

POVO 2 – Sou não, meu filho, sou o guia. Quem é o cego é o cachorrinho.

POVO 4 (*pedindo ao Coronel*) – Esmola pra ceguinha, filho de Nossa Senhora! Esmola pra pobre cega que tem seis filhos pra *dá* de comer...

CORONEL JOÃO TEIXEIRA – A senhora cega, assim, e tem seis filhos?

POVO 4 – O que é que tem isso, meu filho? Eu sou cega dos olhos...

TODOS (*cantando*) – Um papo cabuloso / cabuloso de amargar / é do Zezinho Mentiroso / um tipo bem popular!

ZEZINHO MENTIROSO – Pois foi, pode acreditar: ele caiu do prédio grande!

POVO 1 – Foi mesmo? E morreu?

ZEZINHO – É claro, né?

POVO 3 – Oh! Pra mim tu ia dizer que ele não tinha morrido...

ZEZINHO – Morreu, mas não foi da queda não.

POVO 2 – Eu sei, foi do susto.

ZEZINHO – Susto a gôta! Olha, o prédio é tão alto que ele morreu foi de fome!

Repicar de terror.

PALHAÇO – Respeitável e seletor público, boa noite! A Companhia Circense Internacional de Apresentações Variadas tem o orgulho de apresentar, pela primeira vez na história desta cidade, o maior espetáculo teatral do ano! “Boa Ventura Felizardo da Sorte”

(*Todo o diálogo dos atores é repetido em voz baixa pelo ponto [função que, de uma caixa embutida no prosscênio do palco, numa espécie de cúpula, lia em voz baixa a peça, sem que a plateia percebesse (tentava-se, pelo menos), para suprir possíveis lapsos de memória dos atores e atrizes]*)

ATOR – Ouvi dizer que fui pobre, mas isso não posso crer. Ser pobre é ser desgraçado, é ser por Deus desprezado; é terrível viver!

ATRIZ – Tu te enganas.

ATOR – Como? Não tens razão.

ATRIZ – O pobre também tem alma, o pobre tem coração.

ATOR – Tem coração, sim, tem alma, mas não tem do mundo a palma viri... (*pergunta ao ponto*) Viria do quê?

PONTO (*falando baixinho*) – Viridente do gozar.

ATOR (*canastrão*) – Viridente do gozar.

ATRIZ – Não tem os gozos do mundo, que no cárcere profundo um dia hão de acabar.

ATOR – Está bem, compreendo agora o que queres dizer: que terminando essa vida, ainda iremos viver?

ATRIZ – Coitado! Como és ignorante, não tens a luz penetrante de Deus: a religião.

ATOR – Religião nesta terra em duas palavras se encerra: viver e gozar, sofrer não.

ATRIZ (*desmunhecando*) – Oh!... E o amor?

ATOR – Causa-me pavor.

ATRIZ – Então, ama-me e deixa-me.

ATOR – Eu vou morrer. (*parte*) Eu vou morrer!

ATRIZ (*segura-lhe a mão*) – Não! Não posso crer...

ATOR – Solta-me, ninguém me segura mais. (*saindo*) Ninguém segura mais esse homem...

ATRIZ (*outra desmunhecada*) – Oh!...

PALHAÇO (*cortando a cena*) – Chega! Chega! Vão fazer teatro ruim assim na casa do raio que os parta!

TODOS (*cantando*) – Oh, que dramalhão / oh, mas que horror / oh, que canastrão / na televisão ele é o maior / está todo mundo assistindo / ele é ator principal / mas o pior vem vindo / que é outro comercial / oh, tá todo mundo assistindo.

No Cemitério, enquanto toda a cidade se delicia com as atrações circenses, Zé Bispo, com um véu de noiva na cabeça, e Alice, com um xale cobrindo parte do rosto, terminam o último ato.

ZÉ BISPO – Até amanhã, meu amor. Veja se não atrasa como hoje, que você não ia me encontrar mais. Já ia embora, pensando que você não vinha.

ALICE – Acho que amanhã eu não venho não...

ZÉ BISPO – Por que?

ALICE – Eu tenho medo, Zé. Pode ser que alguém nos veja... Aí a desgraça tá feita! Você sabe ele como é...

ZÉ BISPO – Tolice, meu amor. (*canastrão*) “O medo é uma câmara escura onde são revelados os negativos”.

ALICE – Mas Zé, é preciso...

ZÉ BISPO – Que nada! Com essa história do malassombro, quando vai anoitecendo ninguém sai mais de casa. (*gozando*) E não é que a cidade inteira tá acreditando? Tá todo mundo com medo do lobisomem.

ALICE – Se eles descobrirem que esse malassombro foi você...

ZÉ BISPO (*imitando um monstro*) – Eu sou o homem do véu de noiva! Uuuu! Aaaai... (*rindo*)

ALICE – Foi aquele peste do Belmiro quem inventou essa história. Eu bem que disse a você que não aparecesse na frente dele. Taí o resultado.

ZÉ BISPO – Mas isso foi bom demais pra gente. À noite, ninguém passa por aqui com medo do malassombro.

ALICE – Eu não sei não. Tenho tanto medo dessas coisas.

ZÉ BISPO – Não se preocupe, meu amor. Eles nunca irão desconfiar.

ALICE – Eu vou embora, Zé. Já é muito tarde.

ZÉ BISPO – Vá, meu amor. Até Amanhã.

ALICE – Até amanhã.

Luz no canto oposto. O Clube Mixto Abanadores pronto para desfilar: todos fantasiados, uma parte de vermelho e outra de azul.

CRAVO BRANCO – Jovina, vem logo! O pessoal está esperando. Vamos lá, minha gente! Olha a linha, olha o cordão ali...

TODOS (*cantando*) – Nós somos os Abanadores / meus senhores, deem licença, por favor...

CRAVO BRANCO – Jovina, é pra hoje! Vamos chegar atrasados por sua causa, danada!

JOVINA (*entra fantasiada de Diana Mestra, uma parte do vestido azul e outra vermelha*) – Pronto, Cravo Branco, vamos embora.

Luz geral.

TODOS (*cantando e dançando*) – Nós somos os Abanadores / meus senhores, deem licença, por favor / nós somos os Abanadores / da classe humilde da cor / ô meu senhor / nós somos os Abanadores / meus senhores, deem licença, por favor. (*o bloco transforma-se em Pastoril*) / meu São José, dê-nos licença para o Pastoril brincar / viemos para adorar / Jesus nasceu para nos salvar. (*repetem*)

MESTRA (*cantando*) – É do meu gosto, é de minha opinião / de amar ao encarnado com o amor no coração / hei de amar ao encarnado com prazer no coração.

TODOS (*cantando*) – Meu São José, dê-nos licença para o Pastoril brincar / viemos para adorar / Jesus nasceu para nos salvar.

CONTRAMESTRA (*cantando*) – É de meu gosto, é de minha opinião / hei de amar ao azul com prazer no coração. (*repete*)

TODOS (*cantando*) – Meu São José, dê-nos licença para o Pastoril brincar / viemos para adorar / Jesus nasceu para nos salvar.

JOVINA DIANA (*cantando*) – É de meu gosto, é de minha opinião / de amar cada cordão com amor no coração. (*repete*)

TODOS (*cantando*) – Meu São José, dê-nos licença para o Pastoril voltar / viemos para cantar / e agora vamos regressar.

ZE BORÉIA – Comandante, comandante! Um cabra da Jurema foi visto nesse instante lá perto da Pedra da Ema.

CORONEL JOÃO TEIXEIRA – Quem foi que viu?

ZE BORÉIA – O Pinhão e o Herculano.

CORONEL JOÃO TEIXEIRA – E ele fugiu?

ZE BORÉIA – Acho que não. Eles ficaram procurando.

CORONEL JOÃO TEIXEIRA – Se pegarem esse sujeito podem meter-lhe a *peia* pra ele aprender a ter respeito e não invadir a terra alheia. Ou melhor, faça isso: dê-lhe um purgante de óleo de rícino e solte na ribanceira. Se ele fizer alguma sujeira, obrigue ele a engolir. (*Zé Boréia vai saindo*) Espere, diga a Guaxinim que venha aqui.

ZÉ BORÉIA – Tá certo, patrão.

CORONEL JOÃO TEIXEIRA – Ora, que desaforo desse desordeiro...

CORONEL ULISSES (*surge com um capanga*) – Salve o meu *Padim Cicho* do Juazeiro!

CORONEL JOÃO TEIXEIRA (*desconfiado*) – Para sempre seja louvado. (*pausa*) A que devo essa visita?

CORONEL ULISSES (*em tom mais alto*) – Vim buscar o meu vaqueiro.

CORONEL JOÃO TEIXEIRA – Aqui dentro não se grita: é casa de respeito.

CAPANGA – Nós vamos levá-lo de todo jeito!

Entram Guaxinim e mais dois capangas do Coronel João Teixeira. Ficam apontando armas para os visitantes.

CORONEL JOÃO TEIXEIRA – Eu fico com a gôta serena quando um sujeito fica na minha frente... Eu só não lhe dou um tapa de você engolir os dentes em respeito ao senhor da Jurema.

CORONEL ULISSES – O que *vosmecê* fez, não se faz. O homem é meu vaqueiro, irmão do meu capataz.

CORONEL JOÃO TEIXEIRA – O que eu fiz, já tá feito. Acho que foi direito e não vou voltar atrás.

CORONEL ULISSES – Eu também não vou.

CORONEL JOÃO TEIXEIRA – Invadiu a minha terra sem autorização...

CORONEL ULISSES – *Vosmecê* errou primeiro.

CORONEL JOÃO TEIXEIRA – Não tem nada disso, não.

CORONEL ULISSES – Eu vim buscar o vaqueiro.

CORONEL JOÃO TEIXEIRA – Mas não leva não.

CAPANGA – *Vosmecê* vai se arrepender...

CORONEL JOÃO TEIXEIRA – Eu só me arrependo de uma coisa: não ter cortado a sua língua, entendeu? Agora vão embora! Vocês mandam na Jurema, aqui mando eu.

CORONEL ULISSES – O problema agora é seu... Eu lhe avisei (*vai saindo*) Não vai ficar assim, não. Voltarei... (*sai com o seu capanga*)

CORONEL JOÃO TEIXEIRA – Guaxinim, vá buscar o sujeito e faça o serviço perfeito.

ZÉ GUAXINIM – Pronto, patrão.

CORONEL JOÃO TEIXEIRA – E Zé Bispo, onde tá?

ZÉ GUAXINIM – Lá no galpão.

CORONEL JOÃO TEIXEIRA (*a um de seus capangas*) – Isidoro, reúna o pessoal e fique lá na baixinha. Mande uma parte para o matagal e a outra para a oncinha.

ISIDORO – Tá certo, patrão, eu sei como é.

CORONEL JOÃO TEIXEIRA – Eu quero tudo pronto. Para o que der e vier...

ISIDORO – *Inhô*, sim. (*sai*)

CORONEL JOÃO TEIXEIRA – Vamos lá, seu Guaxinim. (*Guaxinim traz o cabra procurado e coloca a corda no pescoço dele*) Eu vou lhe dizer uma coisa e quero que você não esqueça: “Quem com muitas pedras bole, uma lhe cai na cabeça”.

Entram Zé Bispo e Isidoro.

ZÉ BISPO – Diga, Seu João.

CORONEL JOÃO TEIXEIRA – É esse sujeito? (*pausa*) Olhe direito! Ele já tá com a corda no pescoço.

ZÉ BISPO – Em carne e osso.

CORONEL JOÃO TEIXEIRA – Tem certeza?

ZÉ BISPO – Absoluta, Seu João (*ao cabra*) Eu tenho marcas nas costas do peso da sua mão.

CORONEL JOÃO TEIXEIRA – Eu conheço o Zé Bispo. Ele não mente não.

ZÉ BISPO – *Iapôis.*

ZÉ GUAXINIM – O Salvador tá lá em cima pra julgar *vosmecê* depois.

CORONEL JOÃO TEIXEIRA – Pode começar.

Zé Guaxinim joga a corda no alto.

CORONEL JOÃO TEIXEIRA – Desamarre ele.

ZÉ GUAXINIM – Pronto. Posso puxar?

CORONEL JOÃO TEIXEIRA – Não, vamos rezar. (*ao cabra*) Reze o credo. (*ele não responde*) Reze o credo, seu...

ZÉ GUAXINIM – Arranco a língua dele, comandante?

CORONEL JOÃO TEIXEIRA – Aqui, justiça sou eu! Gosto de ver morrer um cabra valente. (*todos rezando, menos o cabra*) Pronto, façam o serviço.

Zé Guaxinim puxa a corda.

ZÉ BISPO – Foi bem empregado! Era bom que tivesse sido o velho Ulisses Ribas, aquele desgraçado... Só Deus sabe o que fiz por aquele *impestado*, arranchando votos dos matutos feito um ladrão; andando pelo meio do mato feito um condenado pra garantir a vitória dele na eleição. Qual foi a paga que tive? Uma camada de pau daquele *coga* imundo. O peste, quando viu o Zica no Paço Municipal, lhe deu foi um chute na bunda! Veio com aquela história que eu tava enganando ele, trabalhando para outro partido. Qual! Velho caduco e mal agradecido. Um cachorro sem beira nem eira... Um dia perco a paciência e faço uma besteira! (*pausa*) O culpado de tudo foi o safado do Cabeludo, filho dele. Foi quem inventou que eu tinha traído. Eu nunca trabalhei pra outro partido, a não ser pra ele. A traição que houve foi do eleitorado do Distrito, minha não. Eu fiz o possível, prometi mundos e fundos... Que culpa tenho se eles mudaram de ideia na hora da eleição? O Ariosto é que é um safado! Ele, sim, é o culpado de toda a confusão...

Aparecem os cabras do Coronel Ulisses, cada qual com uma correia de sola na mão.

1º CABRA (*dando-lhe uma corrediada*) – Tome, traidor, por cima do pau da venta!

2º CABRA – Sujeito falador é só o que aguenta!

3º CABRA (*dando-lhe um pontapé na barriga*) – Esse, no pé-da-barriga, é pra matar as lombrigas!

ZÉ BISPO – Aaaaaiiii... Lote de cabra safado... Eu vou matar um, juro!

4º CABRA – Tome por cima da carreta! Dedo duro, *cabuêta*!

2º CABRA – Isso é obra do Coronel Ulisses. Pode ir contar ao coiteiro.

1º CABRA – Entendeu o que ele disse? *Mucufa* de terreiro!

4º CABRA – Eu só não lhe mato agora porque o Coronel não aceitou, disse que era só uma lição porque lhe devia um favor. Mas na próxima ocasião pode preparar o caixão, porque a mortalha eu lhe dou! (*dá-lhe um pontapé. Zé Bispo cai sem sentido*)

3º CABRA – Esse safado tá se fazendo...

2º CABRA – Vamos verter água nele e deixá-lo fedendo.

Todos mijam em cima de Zé Bispo.

TENENTE BATISTA – Uma criatura fenomenal e gozador por natureza, o grande Major Sinval da farmacinha Phranceza.

MATUTO – Seu *Sinvá*, minha *muié* tá *improibida* pelo *dotô* de *comê* carne. *Vosme-cê*, *qui* acha? Ela pode comer uma carninha de charque assada?

MAJOR SINVAL – Não. Pode não.

MATUTO – Nem uma galinha assada?

MAJOR SINVAL – Não, senhor.

MATUTO – Nem mesmo um pãozinho e misturado *cá-galinha*?

MAJOR SINVAL – Homem, ela pode cagar até corda, quanto mais linha...

MULHER 3 (*entrando desesperada*) – Seu *dotô*! Seu *dotô*, me acuda! O meu marido tá *intupido* com o bucho *impandeirado*. Já faz dez dias que não dá de *coipo*.

MAJOR SINVAL – Ele já tomou algum purgante?

MULHER 3 – Tomou, *inhô* sim. Azeite de carrapateira e *cimente* de melancia pisada.

MAJOR SINVAL – E não fez efeito?

MULHER 3 – *Inhô*, não. Só se foi nas minhas costas.

GOLADINHO (*poeta popular, entrando*) – Parabéns, parabéns, Major! Eu invejo a sorte sua. O senhor, por ser um grande homem, vão lhe homenagear colocando o seu nome numa rua.

MAJOR SINVAL (*imitando-o*) – Goladinho, eu agradeço a ideia sua de invejar este meu alto renome, mas, em vez do meu nome numa rua, eu prefiro uma casa com meu nome.

João Porrote dá o recado de Chico Boneco.

JOÃO PORROTE – Major, Chico Boneco mandou dizer que aquele remédio que o senhor mandou não serviu pra nada e pergunta ao senhor se não tem outro melhor?

MAJOR SINVAL (*ao público*) – Não tem santo, não há prece, nem droga que o povo ensina: não confia em Medicina. O Chiquinho, quando adoece, fica abatido, esmorece, seu pensamento divaga, o brilho do olhar se apaga, fica quase moribundo. Mas a doença é no “fundo”, só melhora quando caga.

Luz geral. O Bumba-Meu-Boi dançado pelo Cravo Branco.

SARGENTO (*montado no Cavalo-Marinho, entra cantando*) – Onde está o meu boi / o meu Boi Tatá / pra onde ele foi?

TODOS (*cantando*) – Foi pra Gravatá.

SARGENTO (*cantando*) – Pra onde ele foi?

TODOS (*cantando*) – Foi pra Gravatá.

SARGENTO (*ao público*) – Boa noite, meus senhores e minhas senhoras também, eu vou contar como foi o caso do Azer-Vem que mataram o nosso boi. E roubaram mais uns cem. Eu prendi o Zé Biroi, mas culpa ele não tem. (*cantando*) Onde está o meu boi / o meu Boi Tatá / pra onde ele foi?

SOLDADO – Hoje o meu boi já não dança e ninguém mais quer cantar porque ele encheu a pança do povo de Gravatá.

SARGENTO – Onde está o meu boi / o meu Boi Tatá / pra onde ele foi?

SOLDADO (*como Mateus*) – Ei, seu testa de novilha que está me escutando! Por favor, feche a braguilha que a mocinha tá olhando!

SARGENTO – Onde está o meu boi / o meu Boi Tatá / pra onde ele foi?

SOLDADO (*como Bastião*) – *Mouça* da roupa de *maia*, dos *óio* de traição, por favor baixe a saia que eu sofro do coração.

SARGENTO – Onde está o meu boi / o meu Boi Tatá / pra onde ele foi?

TODOS (*cantando*) – Foi pra Gravatá.

SARGENTO (*cantando*) – Pra onde ele foi?

TODOS (*cantando*) – Foi pra Gravatá.

SARGENTO (*cantando*) – Pra onde ele foi?

TODOS (*cantando*) – Foi pra Gravatá.

Entra o Tenente Batista.

SARGENTO – Tenente, Tenen... Dizem que o Diabo do Beato já vem em São Caetano.

TENENTE BATISTA – Ele pode vir na casa-de-caixa-prego, aqui, na minha cidade, ele não entra! Se ele soubesse como eu gosto dessas putarias... Você ouviu, não ouviu, Sargento?

SARGENTO – Não é preciso nem perguntar, Tenente. O senhor sabe como eu sou, não sabe? Eu sou madeira de dar em doido!

TENENTE BATISTA – Eu tenho uma sorte danada: tudo que é de doido só sabe correr pra Caruaru... Será que eles pensam que aqui é algum manicômio?

SARGENTO – Não se preocupe, Tenente, se ele aparecer aqui eu faço ele ir falar com São Pedro. Lugar de santo é no céu!

TENENTE BATISTA – Sim. E tem mais: já vieram fazer queixas novamente sobre o malassombro que anda correndo por aí. O senhor tomou as providências que eu mandei?

SARGENTO – Tomei... Quer dizer... Não tomei, mas vou tomar. Hoje mesmo reunirei os homens e vou pegar esse safado desse lobisomem com as mãos. O senhor vai ver.

TENENTE BATISTA – É bom que isso não torne a acontecer mais, porque se alguém vier me reclamar, o senhor é quem paga!

SARGENTO – Pode deixar comigo, Tenente. Quem vai virar lobisomem agora sou eu... (*Tenente Batista sai*) Cabo, você ouviu o que o Tenente disse, não ouviu?

CABO – Ouvi, Sargento.

SARGENTO – Então que isso não torne a acontecer mais na cidade. (*sai*)

CABO – Soldados, vocês ouviram o que o Sargento disse, não ouviram?

SOLDADOS – Ouvimos, Cabo!

CABO – Então tomem as providências. (*sai*)

Foco numa das pastoras do Clube Mixto Abanadores.

PASTORA – Mataram Cravo Branco! Mataram Cravo Branco... (*cantando*) Mataram Cravo Branco...

Entra o enterro com todos fantasiados, inclusive a rede do defunto.

TODOS (*cantando*) – Em plena luz do dia / foi morto à traição / no meio da folia / o Clube Abanadores perdeu seu diretor / peço justiça, senhores / queremos o malfeitor...

PALHAÇO (*o mesmo do teatro antigo*) – E quem é o defunto?

JOVINA – Cravo Branco...

PALHAÇO – Cravo Branco? Aquele do Clube Carnavalesco? Morreu de quê?

JOVINA (*chorando*) – Foi assassinado...

PALHAÇO – Mas logo hoje, dia de Carnaval? Quem foi o assassino?

PASTORA – Quem sabe? Mataram pelas costas.

PALHAÇO – E vão enterrá-lo assim, fantasiado?

JOVINA – É. Ele era um grande folião.

PASTORA 2 – O sonho dele era morrer no Carnaval...

PALHAÇO – Então pra que tanta tristeza? Se o sonho dele era morrer no Carnaval, ele não vai gostar disso. Alegria, minha gente!

JOVINA – É mesmo! Mestre Ananias, toque aí a marcha dos Abanadores!

TODOS (*cantando*) – Nós somos os Abanadores / meus senhores, deem licença, por favor / nós somos os defensores da classe humilde de cor / ó meu senhor... (*foco no lado oposto*) / mas nem tudo é tristeza na luta de cada dia / a cidade tem a feira e a feira é alegria. (*luz geral. Todos cantando e dançando*) / o retrato de uma cidade a sorrir e a cantar / um desfile de coisas que vivem a passar / nesta terra de lindo luar, tantos tipos tão diferentes / que emolduram a vida da gente / tantos tipos...

APRESENTADOR – Na feira animada do vende e troca o mais popular é o Zé Troca-Troca. Um dia, não tendo mais o que trocar, trouxe a mulher pra negócio ajustar...

ZÉ TROCA-TROCA – Pronto: a mulher! Me dê o tabaqueiro e cento e cinquenta!

TODOS (*cantando*) – Um desfile de coisas que vivem a passar / nesta terra de lindo luar.

APRESENTADOR – O conhecido João Cotó cobrava dívidas de meia, pois a sua importância desconhecia cara feia. Certo dia, um devedor só lhe pagou a metade, então ele disse ao patrão:

JOÃO COTÓ – Minha parte *arrecebi*, o resto o senhor *arresgate*!

TODOS (*cantando*) – Tantos tipos tão diferentes / que emolduram a vida da gente...

APRESENTADOR – Zé do Quepe é o ricoço dono da região, ao dar adeus a um amigo todos olham a sua mão.

ZÉ DO QUEPE (*com a mão fechada*) – Adeus, Antônio Zumba!

TODOS (*cantando*) – O retrato de uma cidade / a sorrir e a cantar.

A música vai baixando até ser coberta por um bolero típico de cabaré. Há um casal dançando juntinho, um bêbado caído na mesa, etc.

CHICO LIMA – Este ano a Comercial vai abafar na Festa da Conceição! O fardamento está sem igual e o repertório uma humilhação.

CACHO DE COCO – É, eu ouvi falar.

ATAÍDE – Siiiiim, eu tenho uma boa pra lhe contar: Antônio Lico, aquele ladrão sem moral, embora não se possa negar suas habilidades como profissional, cobrou os olhos da cara pra costurar o fardamento da Comercial.

CACHO DE COCO – Tudo porque pertence à corja da oposição.

ATAÍDE – Também, ele ouviu... O Nunes chamou ele de ladrão! Disse que ele fosse roubar a puta que o pariu...

CACHO DE COCO – É, eu ouvi falar.

ATAÍDE (*a Belmira*) – Desculpe, Belmira, ninguém ouviu.

A música para. Belmira vai mudar o disco. O bêbado levanta-se e começa a mijar perto de uma imagem de São Sebastião.

TEIXEIRINHA – Ôxente! O que foi que aconteceu? Belmira, bate na porta do quarto e pergunta se o Reinaldo morreu... (*todos rindo*) Como é Cacho de Coco, quando começam os ensaios do “Sou Eu o Teu Amor”?

CACHO DE COCO – Pra semana, Seu Teixeira. Vou contar com o senhor!

Entram Reinaldo e uma Rapariga, ambos se ajeitando.

CHICO LIMA – Ô-lá-lá! Ele ressuscitou!

REINALDO – Não interessa! Amor não se faz às pressas.

BELMIRA (*colocando um disco na radiola*) – Que catinga de mijo da gôta, é essa? (*vê o bêbado urinando*) É, sujeito! Vai mijar noutra canto!

BÊBADO – Psiu! Respeite o Santo... (*aponta a imagem*)

BELMIRA – Tá pensando que tá na sua casa, é?

BÊBADO – Vai cheirar, mulher...

BELMIRA (*empurrando-o para fora*) – Rua, sujeito! Aqui é casa de rapariga, mas é de respeito... Eu não digo que o Diabo quando não vem, manda um assistente!

GOLADINHO (*entrando*) – Êpa! O que é que tá havendo por essas bandas?

TEIXEIRINHA – Olha lá quem chegou...

TODOS (*aplaudindo*) – Viva!

GOLADINHO (*pregão*) – Goladinho, poeta popular, carregadinho de amor. Vá me dizendo, Belmira, onde é que está o “gado” que você encomendou?

TODOS (*aplaudindo*) – Muito Bom! Viva!

BELMIRA – *Vosmecê* pode pensar que é mentira, mas o Caminha ainda não chegou. Elas vêm de Cupira, no carro de Zé Tingó.

GOLADINHO (*comendo Belmira com os olhos*) – A nêga hoje tá é bonita! (*dá um tapinha na bunda dela*) E engordou...

ATAÍDE – Tudo isso é dinheiro...

BELMIRA – É. Pode ser. Mas não de um *xexeiro* como *vosmecê*. (*todos riem*)

TEIXEIRINHA – Senta aqui, Goladinho.

ATAÍDE – Vai *dá*, Belmira...

GOLADINHO – Mas rapaz, parece mentira: sabe quem encontraram lá na Jurema todo ensanguentado? O Zé Bispo! Mas fazia pena... Tava desmaiado, todo urinado, o rosto todo cortado...

CHICO LIMA – Quando? Agora?

GOLADINHO – Sim, agorinha, quando eu vinha pra cá.

BELMIRA – Nossa Senhora...

GOLADINHO – Foi que dois homens pegaram ele e levaram pra casa de Mané Gravatá.

MULHER 1 – E como ele está?

GOLADINHO – Só gemendo...

TEIXEIRINHA – Parece que eu tô vendo... O Zé Bispo andou fazendo alguma tolice.

GOLADINHO – Apontou um cabra do Coronel Ulisses ao comandante João Teixeira.

TEIXEIRINHA – Eu não disse!

CHICO LIMA – Cala a boca, Teixeira! Goladinho, me diga agora: quem foi o responsável pelo acontecido?

GOLADINHO – O pessoal da Jurema, ora! Quem mais poderia ter sido?

CHICO LIMA – Isso é um desaforo. O Coronel Ulisses já está passando do limite!

O Coronel Ulisses entra. Ficam todos inertes, em volta da mesa, como se fosse a ceia larga. Música sacra. O Coronel faz uma ronda e sai em seguida.

ATAÍDE – Seu Chico, eu vou lhe dar um palpite: cuidado com os cabras da Jurema! Defender Zé Bispo, não vale a pena...

TEIXEIRINHA – Ele não merece outro tratamento. Cabra safado tá ali.

GOLADINHO – Além de safado, é covarde! Apanha e não quer reagir.

CHICO LIMA – Mas isso é um absurdo! Existe justiça aqui quando alguém erra? Só ela deve punir.

GOLADINHO – Discordo, Seu Chico. O senhor tá errado.

ATAÍDE – E quando a justiça é só de um lado?

CHICO LIMA – Mas o Doutor Taveira é homem honrado. Não passa pra isso, não.

TEIXEIRINHA – Chico, você tá errado.

GOLADINHO – Uma andorinha só não faz verão.

CHICO LIMA – Depende do seu cantar. O que não pode é continuar desse jeito... Este é nosso lugar, temos que manter o respeito. Não é qualquer sujeito que chega pra desmoralizar.

ATAÍDE – Quem é que se importa mais com as surras do Zé Bispo? É um fato consumado.

CHICO LIMA – E isso é direito?

ATAÍDE – É ou não é, ele tá entrando na *virola*. Eu acho é bem feito, um desmoralizado...

GOLADINHO – Eu acho que Seu Chico tem razão. Agora, é preciso muito cuidado...

CHICO LIMA – Vocês precisam entender que o mal tem que ser cortado pela raiz. Hoje ele bate em Zé Bispo, amanhã quer bater em mim, em você, e quem sabe até no juiz!

BELMIRA – Seu Chico sabe o que diz. Aquilo é gente muito ruim. Imagine vocês que o infeliz mandou o Cabo Batista cobrar imposto de mim... E eu pago todo mês.

CHICO LIMA – Eu vou dar um pulinho lá no jornal. Belmira, pendure aí! Domingo não vai ser nada mal... Leiam o que vai sair...

TEIXEIRINHA – Chico, vê lá o que vai fazer. Cuidado com essas escritas.

CHICO LIMA – Doa em quer doer, a verdade deve ser dita...

TODOS (*cantando*) – Essa palavra contida / é bendita na verdade / porém quando ela é dita / em nome da liberdade / para libertar o povo / da mentira e da maldade / para ressurgir de novo / no peito a felicidade / para que o nosso povo / conheça bem a verdade.

Foco em Zezinho do Papagaio, agitadíssimo e cheio de cacoete.

ZEZINHO DO PAPAGAIO – É verdade, meus amigos. É verdade. Eu, Zezinho do Papagaio, tenho o prazer de dizer a vocês que vou ser presidente da República!

POVO (*ironizando*) – Muito bom!

ZEZINHO DO PAPAGAIO – Todos os caruaruenses irão sentir-se orgulhosos de terem um contrerrâneo como chefe da Nação. Não serei como o atual presidente da Academia Brasileira de Letras, que é nosso contrerrâneo e nunca visitou a sua terra natal!

POVO – Já ganhou! Já ganhou!

ZEZINHO DO PAPAGAIO – *Merci, merci...* Eu não, meus amigos, eu vou estabelecer o meu gabinete aqui em Caruaru. Sim, isso mesmo, aqui em Caruaru! E os meus inimigos políticos, como o Coronel Ulisses Ribas, irão pagar bem caro pelas calúnias que andam dizendo por aí...

POVO – Muito bom! Já ganhou!

ZEZINHO DO PAPAGAIO – Meus amigos, ele anda dizendo por aí que eu sou maluco, que ando atirando pedras em gente, que vai me levar para o hospício, que eu sou doido varrido... Isso é uma inverdade! Meus amigos, eu sou um homem sadio... Hip! Assiiim.... Hitleeeer!

POVO – Ele merece... Muito bem! Viva!

ZEZINHO DO PAPAGAIO – *Merci, merci*, meus amigos. Povo de minha terra, *hop! Merci*. É bom que vocês saibam que ele deu ordens à polícia para me perseguir como se eu fosse algum... algum... Como se eu fosse um... um... popocrata!

O povo parte para cima dele, prendem-lhe as mãos e penduram-lhe um cartaz no pescoço: “Censurado!”. Luz no lado oposto. Jacaré com um ganzá batendo e xaxando.

APRESENTADOR – Quem não conhece esta mazuca? Não é uma mazuca qualquer... É o ritmo gostoso do saudoso Jacaré!

JACARÉ (*cantando*) – No Rio tem uma taba / na taba tem uma véia / o rio botou uma cheia / e carregou a taba *cávéia*.

TODOS (*cantando*) – No Rio tem uma taba / na taba tem uma véia / o rio botou uma cheia / e carregou a taba *cávéia*.

JACARÉ (*cantando*) – Dois tostões, vinte mil réis / mil oitocentos / abre o saco do matuto / pra botar farinha dentro.

TODOS (*cantando*) – Dois tostões, vinte mil réis / mil oitocentos / abre o saco do matuto / pra botar farinha dentro.

Foco no centro do palco. Fita em rotação rápida. Três mulheres alarmadas com as curas do Beato.

MULHER 1 – Dizem que o “homem santo” sentenciou a mulher de Mané Isidoro. É verdade, *cumadre*?

MULHER 2 – *Iapôs, cumadre.*

MULHER 3 – *Dixero* que ele botou uma perna de pau num *home* e a perna tem sangue e se mexe como se fosse de carne e osso... Isso é verdade também, *cumadre*?

MULHER 2 – Ora, se é... Ele ressuscitou uma mulher em Belo Jardim... (*cospe de lado e benze-se*) que tava com um câncer na *guela*.

MULHER 1 – Nossa Mãe Maria Santíssima!

MULHER 2 – Olha, eu vou dizer uma coisa a vocês: em Caruaru ele não bota os pés! O Tenente disse que se lasca todinho, mas aqui ele não entra.

Bateria da bandinha de pífano. No cemitério, foco em Zé Bispo atacando o cinto e Alice abotoando a blusa.

ALICE (*vira-se rápido*) – Zé, eu ouvi um ruído!

ZÉ BISPO (*com um braço enfaixado*) – É impressão sua...

ALICE – É não, Zé. Eu ouvi. Aí vem gente!

ZÉ BISPO (*olhando para um lado e para o outro*) – Onde? Eu não tô vendo ninguém. Isso é o medo...

ALICE – Eu juro por Deus como ouvi passos de alguém se aproximando.

ZÉ BISPO – Foi impressão... É porque você está nervosa.

ALICE – Mas eu tenho certeza que ouvi...

ZÉ BISPO – Deixe isso pra lá...

Os dois ouvem alguém temperando a garganta.

ALICE (*baixinho*) – Olha aí, eu não disse? Valei-me, meu *Padim* Ciço do Juazeiro, o que é que eu faço? Zé, pelo amor de Deus...

ZÉ BISPO (*cobre o rosto com o véu de noiva e fica correndo no palco*) – Uiiiiii. Aiiiiiii.

Entram o Tenente Batista e dois soldados. Zé Bispo tenta fugir, mas aparecem mais dois na sua frente. Ele vai recuando e os soldados o cercando. Tenta fugir novamente,

mas eles o pegam. Alice quer esconde o rosto, mas um dos soldados a reconhece. Malham o pau em Zé Bispo.

SOLDADO – Dona Alice...

TENENTE BATISTA (*espantado*) – O quê? A minha mulher! (*parte para ela furioso*) Vagabunda! Nojenta!

Ela sai correndo, ele atrás, enquanto os soldados malham Zé Bispo. Foco no lado oposto.

APRESENTADOR (*cantando*) – Onde existe alegria / o humor é quem comanda / venha fazer uma visita / à loja do Major Miranda / e escolha o seu presente / para o dia das mães / na variedade de artigos / de louças, alumínio e plástico / temos também arame farpado / grampos, adubos, telas e veneno!

Barracas transformadas em balcão de mercearia.

MULHER 1 – Major, mostre aquele tecido ali.

MAJOR MIRANDA – Qual, o estampado?

MULHER 2 – Qual é o preço dessa chita amarela, Seu Miranda?

MULHER 1 – Não, Major, é esse de listra...

MAJOR MIRANDA – É a vinte e cinco a vara, minha filha....

MULHER 3 – Major Miranda, e esse cetim branco, quanto custa?

MULHER 2 – Ah, tá muito caro...

MAJOR MIRANDA – Qual é o cetim, moça?

MULHER 1 – Major, mostre o pano, por favor!

MAJOR MIRANDA – Um momento, minha senhora... Qual é o tecido, moça? A senhora achou caro, foi? Um momento! Um momento! Uma de cada vez. (*chamando*) Psiu! Venha aqui... (*Mulher 1 volta*) Por que você não vai levar o tecido?

MULHER 1 – Porque a estampa não me agrada.

MAJOR MIRANDA – Não? (*abre a camisa*) E essa aqui lhe agrada?

TODOS (*cantando*) – Onde existe alegria / o humor é quem comanda / venha fazer uma visita / à loja do Major Miranda...

JOÃO PORROTE (*entra arretado da vida*) – Major Miranda, isso não é negócio que se faça!

MAJOR MIRANDA (*irônico*) – O que é que está acontecendo?

JOÃO PORROTE – A vaca! Isso é negócio de rapariga, viu? O senhor me vendeu uma vaca cega...

MAJOR MIRANDA – Ora, meu amigo, você me pediu uma vaca leiteira, não disse que era para escritório!

TODOS (*cantando*) – Onde existe alegria / o humor é quem comanda / venha fazer uma visita / à loja do Major Miranda...

Entra um casal sofisticado.

HOMEM SOFISTICADO – Como vai, Miranda?

MAJOR MIRANDA – Eu vou bem, obrigado. E o senhor?

HOMEM SOFISTICADO – Eu vou bem...

MULHER SOFISTICADA – Major, como vai a excelentíssima, a digníssima senhora sua mãe? Já está caducando?

MAJOR MIRANDA – Ainda não, minha senhora. Está com quase 100 anos, mas, porém, se acha completamente lúcida ainda.

HOMEM SOFISTICADO – Quase 100 anos e ainda conhece gente?

MAJOR MIRANDA – Ela conhece até bicho. Principalmente veado. Quer ver, vá lá dentro pra ver se ela não lhe conhece...

TODOS (*cantando*) – Onde existe alegria / o humor é quem comanda / venha fazer uma visita / à loja do Major Miranda...

Entra o Camelô com uma mala velha e a cobra Dona Maricota.

CAMELÔ – Êpa, gente boa, cheguei e vou trabalhar! Vou dizer numa só loa tudo que tenho pra falar! (*batendo na mala*) Olha aí, vai sair, vai sair, vai sair, saiu! Saiu, mas enquanto a Dona Maricota está descansando, eu peço licença aos senhores para apresentar um novo produto... Ou melhor, um verdadeiro milagre! Isso mesmo, senhores, é a milagrosa pílula “Tomou, Desceu”. Tomou, o milagre aconteceu! (*abrindo a roda*) Olhem aqui meus amigos, quem vai querer um vidrinho? Quem vai querer um vidrinho dessa milagrosa pílula? Quem está interessado? (*põe o vidrinho na mala*) Se você se abaixa, faz ai, se levanta, faz ui; bate de um lado, é um bombo; bate do outro é um pandeiro; lhe dói o osso do *mucubu*, as pernas, verme, sezão, dor de mulher, queda de rede, mau sucesso nos amores, unha encravada, maleita e amarelão! Tudo isso, meus senhores, não é nada! Pior é a minha vó que engole uma sombrinha fechada pela boca e tira armada pelo ouvido... Não é nada porque existe a milagrosa pílula “Tomou, Desceu”. Quem vai querer? Um vidrinho ali para o cavalheiro... Outro aqui para a madame. Quer um também, seu moço? Outro ali para o rapaz... (*após vender seus produtos*) Meus amigos, a gente que anda de feira em feira é que pode contar os exemplos que vê. Outro dia, numa feira em Cupira, eu encontrei um cidadão assim como esse (*aponta um dos presentes*), gordo, rosado, comia bem, dormia

bem, mas esse cidadão, meus senhores, quando se deitava à noite com a mulher, que ela lhe procurava, coisa e tal... Ele virava o Figueiredo para o lado dela e não queria nada com a vida! Foi aí, então, que ele tomou a milagrosa pílula, tomou e nunca mais brochou. É por isso que recomendo a todos: pílula “Tomou, Desceu”! Tomou, o milagre aconteceu! Senhores, a gente vê uma jovem como essa, bonita, simpática, atraente, mas essa jovem, meus senhores, sofre do intestino. Quando ela solta um peido é de queimar o fundo das calças, matar mosca e quebrar telha. Ela precisa tomar essa milagrosa pílula para evitar decepções! E tem mais, meus amigos, esses rapazinhos (*aponta um*) que vivem cheios de doenças pegadas na rua do Vai-Quem-Quer, são obrigados a tomar essa pílula... Se não, quando casarem, *impestarão* a humanidade! É por essa razão que eu digo que as pílulas “Tomou, Desceu” são um milagre da futura geração! Quem vai querer um vidrinho? Quem vai querer? E para a geração atual, pílulas “Tomou, Desceu” são o remédio ideal! O velhinho aqui, as pernas inchadas, o bucho empandeirado, *intupido*, peitos abertos, amarelo que só bosta de aviador! Tomou a milagrosa pílula e tem a saúde e o vigor de volta. (*abrindo a roda*) Olha aí, quem vai querer? Quem vai querer? Quem vai? Ninguém mais vai querer? (*fecha a mala*) Dona Maricota, vamos baixar noutro terreiro, nesse só tem pirangueiro!

A roda de gente se transforma num coco de roda.

TODOS (*de mãos dadas, cantando e sapateando*) – Ô Amaro, ô Amaro / menina que quer, nós vamos / ô Amaro, ô Amaro / lá pra Gravatá.

CANTADOR (*cantando*) – A Mulher de Mané Amaro / mora no Alto do Bode / deixou de dançar pagode / por isso mesmo deixou carregarem o seu amor / lhe deixaram no desamparo / a mulher de Mané Amaro / Mariano carregou...

TODOS (*cantando*) – Ô Amaro, ô Amaro / ô Amaro, ô Amaro...

O Coronel Ulisses aparece por trás do painel dos mamulengos, como se fosse boneco, com a cabeça e os braços de fora. Surge também o Tenente Batista como boneco.

TENENTE BATISTA – Às ordens, Coronel! Recebi o recado.

CORONEL ULISSES – Tenente, o senhor soube do maluco? O tal do Zezinho do Papagaio andou ferindo a minha dignidade e andou dizendo certas coisas ao meu respeito.

TENENTE BATISTA – Soube, Coronel.

CORONEL ULISSES – E então?

TENENTE BATISTA – Mas Coronel, eu não tinha certeza... E além do mais, quem vai ouvir aquele maluco? Quem vai escutar o que ele diz? O homem é doido mesmo, Coronel. Doido Varrido! Eu pensei que o senhor não ligasse pra ele...

CORONEL ULISSES – Não tem mais nem menos, Tenente. Então ele só é doido pra isso: pra andar me esculhambando, atingindo a minha moral? O senhor errou, Tenente! O que é que o povo vai pensar? Que tudo que ele anda dizendo é verdade, que eu sou realmente...

TENENTE BATISTA – Mas Coronel, ninguém liga pra ele não. Aquilo é um doido!

CORONEL ULISSES – Ele não tem nada de doido, anda se fazendo... E se for, que mandem para um hospital, para um manicômio, para os infernos, e não aqui enchendo a minha paciência.

TENENTE BATISTA – Sendo assim Coronel, eu vou agir.

CORONEL ULISSES – O senhor já devia ter agido há muito tempo!

TENENTE BATISTA – Desculpe, Coronel. Eu pensei que o senhor não...

CORONEL ULISSES – Cure a loucura dele no cacete!

TENENTE BATISTA – Pode deixar por minha conta, Coronel.

CORONEL ULISSES (*sai mordido*) – Pense bem, Tenente!

TENENTE BATISTA – Mas será possível que tudo de ruim que acontece nesta cidade tem que cair nas minhas mãos? Tudo que não presta... Tenente, faça isso, Tenente, faça aquilo! Tenente, vá lá, Tenente, venha cá! Ora ova, ninguém é de ferro, não! (*grita*) Saaaaaargento!

SARGENTO (*no painel, também como boneco*) – Chamou Tenente?

TENENTE BATISTA – Claro! Você não ouviu?

SARGENTO – Às ordens!

TENENTE BATISTA – Sargento, o senhor sabe que aquele maluco do Zezinho do Papagaio andou falando mal do Coronel Ulisses?

SARGENTO – Soube não, Tenente.

TENENTE BATISTA – Mas deveria ter sabido!

SARGENTO – Era, sim senhor...

TENENTE BATISTA – Sabe o que aconteceu? O pau quebrou nas minhas costas. O Coronel ficou furioso, puto da vida! Disse que Zezinho do Papagaio não tem nada de doido, que aquilo era safadeza.

SARGENTO – Eu também acho, Tenente.

TENENTE BATISTA – E que desse um chá de cacete nele...

SARGENTO – Ah, isso pode deixar por conta minha, Tenente!

TENENTE BATISTA – Resolva essa situação, Sargento. (*sai*)

SARGENTO – Pode deixar comigo, Tenente, não se preocupe! (*pausa*) Mas é danado, o Coronel cai em cima dele e quem paga o pato sou eu? Mas, eu não digo que sou mole mesmo! (*grita*) Caaaabo!

CABO (*surgindo no painel como boneco*) – Pronto, Sargento!

SARGENTO – Cabo, reúna os homens e vá à procura do maluco do Zezinho do Papagaio. Pode baixar o pau nele por minha conta! Aquele safado precisa aprender a respeitar as autoridades! (*sai*)

CABO – Entendido, Sargento. (*pausa*) Tinha que ser eu, mas é engraçado... (*grita*) Soooooldados!!! (*eles surgem no painel*) Procurem o doido da capa e deem uma lixa nele...

Os Soldados fazem continência acatando a ordem. Foco num ceguinho com uma viola.

CEGUINHO (*enquanto o povo esfarrapado entra em procissão, trazendo o Beato Torquato Maria e entoando um canto religioso*) – Ele vem de muito longe trazendo consigo a cruz, cruz dos bens praticados a mando de Jesus! Se chama Torquato Maria e, por Deus, foi enviado pelo Sertão em romaria. Ele aqui se fazendo chegado... E as suas profecias deixam o povo assombrado! O pão vai converter-se na carne de Jesus e o vinho será o sangue que derramou na cruz...

BEATO TORQUATO MARIA – Glória a Deus nas alturas!

TODOS – E paz na terra aos homens de boa vontade!

BEATO TORQUATO MARIA – Amém!

TODOS – Amém! Amém!

O povo histórico, gritando e se torturando. O Beato bate nas pessoas com um cordão. Corte de Luz. Foco no Cabo e no Sargento.

CABO – Sargento, o homem chegou na cidade e tá arranchado lá no Alto do Vasoural. Têm uns vinte *arritirantes* com ele... Sargento, dizem que ele é santo mesmo.

SARGENTO – E o que mais?

CABO – Eu ouvi ele falando, Sargento.

SARGENTO – E como é esse sujeito?

CABO – É magro, alto, tem uma barbona bem grande e anda vestido como padre.

SARGENTO – E o que foi que você ouviu ele dizer?

Corte de luz. Volta à cena anterior do Beato Torquato Maria.

BEATO TORQUATO MARIA – Eu estarei aqui neste lugar ao lado do Rei de todos nós. Estarei apontando todos aqueles que me seguirem pelos séculos dos séculos, amém!

Corte de luz. Cabo e Sargento novamente.

SARGENTO – O que é isso, homem, dê-se o respeito! Não vá me dizer também que está acreditando nesse nojento que anda enchendo a cabeça da matutada toda?

CABO – Credo e cruz! O homem é santo, Sargento.

SARGENTO – Hum! Santo uma ova! Lugar de santo é na igreja!

Surge uma gravação com Luiz Vieira cantando “Menino de Bracanã”.

APRESENTADOR – Música de Luiz Vieira, filho de Caruaru, embora ausente como Austregésilo de Athayde, Álvaro Lins, João, José e Elísio Condé. (*foco no lado oposto*) Já que falamos em intelectuais, não poderíamos deixar de citar certos tipos imortais, que deixaram na história estas frases geniais...

Luz geral. Surgem os seguintes pregões: “Já os covardes, arrecua”. “O Centrá teve uma vitória ismagaiada!”. “Negro não acompanha a procissão, persegue o santo!”. “Quem tem pena de pobre, fica no lugar dele!”. “É melhor perder uma guerra do que perder uma batalha!”. “Eu sou um popocrata!”.

APRESENTADOR (*cantando*) – Em Caruaru está tudo mudado / só vendo mesmo como é / é vaca no telhado e boi no cabaré / jumento andando de Volks / e cabra virando mulher.

TODOS (*cantando*) – A vaca quer o boi / a vaca quer o boi / subiu lá no telhado / e ninguém sabe como foi. (*repetem*)

Saem. Fica Zezinho do Papagaio com uma capa velha e um gorro na cabeça, traje característico dele. Tira a capa, deita-se no chão e cobre-se com ela. Entram os Soldados como se estivessem dançando um tango.

SOLDADO 1 – Psiu! Cuidado, ele está deitado ali.

SOLDADO 2 – Tem certeza que é ele mesmo?

SOLDADO 1 – Claro, eu não sou cego, né?

Entra Zé Bispo de cueca. Ao ver Zezinho do Papagaio deitado e coberto com a capa, vai na ponta dos pés, tira a capa dele e se cobre com ela.

SOLDADO 3 – Ele tá com uma capa velha?

SOLDADO 1 – Tá.

SOLDADO 2 – Ah, então é o tal do Zezinho do Papagaio mesmo!

SOLDADO 3 – Com um gorro verde na cabeça?

SOLDADO 1 – Gorro, eu não vi não. Eu vou olhar. (*observa novamente*) Ele se alevantou. É ele mesmo...

Zé Bispo passa e eles baixam o pau. Os gritos dele se misturam à gravação de Jackson do Pandeiro cantando “Forró em Caruaru”.

APRESENTADOR – E em se falando em samba, temos coisas de primeira: Caroá, Sesi, Vera Cruz e Zé do Inês, conhecidos por vocês como “Os Reis da Gafieira”. Isto é *societe* da poeira!

Todos dançando gafieira. A música de Jackson do Pandeiro ao fundo. Foco no praticável à direita. Surge uma dama bem sofisticada, tipo apresentadora de televisão.

BRUXA (com uma vassoura e a sigla T. F. P. [referência à Tradição, Família e Propriedade, organização civil de inspiração católica tradicionalista]) – Talvez pensem vocês que só temos isso aí... (com desprezo) Temos o Comércio, o Intermunicipal... E às vezes acontecemos no cenário nacional, que é muito natural, não tão simples, mas igual.

Foco no lado oposto. Um cronista social bem bichona.

CRONISTA SOCIAL – Boa noite, meus queridos! Vamos dar início à nossa festa: “*Societe* Deslumbrado”, que por sinal está podre de chique, linda de morrer! A primeira a desfilar em nossa passarela é a elegantíssima senhorita Ana Carolina Mendes e Leitão, a “Garota Luxo”! (na passarela, entra a dita cuja, ridícula e sofisticada) A senhorita Ana Paula veste um lenço verde-nojo, com raízes de gogóia e bundas de tanajura. Está uma glória, palmas para ela! Agora é a vez daquela mulata finérrima de olhos verdes e cílios longos: Maria Anunciada Veneranda, da *Paixão de Cristo*. A “Garota Glória Total”! (ela entra) Maria Anunciada está usando uma micro de *chantu* bacalhau e uma charmosa blusinha do barata desengonçada. A jovem desfila com muita elegância e muito charme. Palmas para ela! E encerrando o nosso desfile vem à passarela a “Garota Veneno”, Cremilda dos Caramelos! (ela entra) Ela desfila com muita classe e personalidade em nossa passarela, a “Garota Veneno”, Cremilda dos Caramelos, que desfila com um vestido em organdi recheado com detalhes na gola em asa de morcego e perna de pinto. (aplausos) Bastante aplaudida a “Garota Veneno”, graças à sua simpatia e comunicação... Bem, meus queridos, por hoje é só. Até o próximo encontro. *Bye bye.*

TODOS (cantando e dançando) – Feijão de corda com carne de sol / manteiga de garrafa e farinha quebradinha / a gente come tanto, chega se lambuza / come e não abusa / na nossa terrinha, no bar do Belo ou no Natal tradicional, lá na região / a gente toma uma caninha boa / enquanto a carne assa e sai o feijão / quem for, um dia, a Caruaru / seja do Norte ou do Sul / vai gostar da carne de bode / linguíça assada, do sarapatel e pirão de buchada / feijão de corda com tripa e miúdo / vai comer de tudo, até rabada / até rabada!

O povo se aglomerando junto ao Beato Torquato Maria.

BEATO TORQUATO MARIA – Irmãos, Deus mandou anunciar que esta cidade vai se acabar sábado que vem e será na hora da feira, não ficará ninguém! (*entram o Sargento e os Soldados*) Só aqueles que são...

SARGENTO – Teje preso!

BEATO TORQUATO MARIA – É o Demônio! É a tentação!

SARGENTO – Que história é essa de andar botando besteira na cabeça da matutada? (*Beato não responde*) Vamos, diga!

BEATO TORQUATO MARIA – Foi Ele quem mandou.

SARGENTO – Ele quem?

BEATO TORQUATO MARIA – Ele...

SARGENTO – Ele quem, diga?

BEATO TORQUATO MARIA – Jesus Cristo!

SARGENTO – Deixa de ser besta, Diabo! Não tá vendo que Deus não ia mandar um cabra fedorento como você pra falar em nome Dele.

BEATO TORQUATO MARIA – Ele mandou!

SARGENTO – Mandou? Pois enquanto a cidade não se acaba, você vai lavar o cagador dos presos. (*saem levando o Beato*)

Foco na esquerda.

APRESENTADOR – O Beato foi tomar chá de gaiola e lá passou um tempão. Mas como à vida tudo consola, a ele deram perdão. Pouco tempo depois, vestido de Luís XV, ele mostrava a sua arte, mas como porta estandarte do Clube Mixto União. (*foco na direita*) E por falar em Clube Mixto União, eu vou mostrar um fato bem pitoresco: um clube carnavalesco pelas ruas a desfilar...

Entra o Bloco Sou Eu o Teu Amor. Cacho de Coco à frente.

CACHO DE COCO – Esse filho de uma cachorra tá pensando que no meu bloco só tem quenga, é? (*dá uma banana*) Tem moça de família também. (*às pastoras*) E por favor, a moça que não for moça se *arretire* do meu bloco. (*saem todas*) Não, vocês só são faladas... (*voltam e saem cantando com ele*) Sou Cacho de Coco / o rei da folia / em Caruaru sempre levo alegria....

Entra o Coronel Ulisses.

CACHO DE COCO – Olá Coronel, como vai? Coronel, uma ajudazinha aqui pro Bloco Sou Eu o Teu Amor!

CORONEL ULISSES – Pronto, Cacho, só se for agora. (*dando dinheiro*)

CACHO DE COCO – Obrigado, Coronel. Meninas, vamos mostrar para o Coronel aquela música que o seu Luêssô fez pra gente?

TODOS DO BLOCO (*cantando*) – Sou Cacho de Coco / o rei da folia / em Caruaru sempre levo alegria / com minhas pastoras a cantar e dançar / no passo apressado / quarta-feira vai chegar / sou descendente de escravo / olhem na minha cor / mas levo sempre a mensagem / “Sou Eu o Teu Amor” / sou descendente de escravo / olhem na minha cor... (*repetem*)

Corte de luz. Foco no Ceguinho da Viola.

CEGUINHO DA VIOLA – As profecias do Beato causaram superstição, pois os estrondos aumentaram amedrontando a população. Foi num dia de sábado que o fato aconteceu, foi um estrondo tamanho que a tarde escureceu, mas o poeta da feira afirma que foi mentira e conta na sua lira a história verdadeira.

Trovões. Povo correndo para a feira.

VENDEDOR DE CORDEL – Eu digo o que aconteceu naquele dia de feira: foi um tiro de roqueira, o peido que a negra deu! A cidade estremeceu, abalou Caruaru! Mexendo um tacho de angu, puxou a perna de lado, foi um peido tão danado que quase não cabe no cu. (*ele desce à plateia cantando e distribuindo folhetos com dados estatísticos de Caruaru*) Foi num belo dia de verão / que eu perdi meu coração / foi numa cidade do Sertão / que deixei no meu coração / Caruaru, Caruaru / a “Princesinha do Norte” és tu / foi num belo dia...

Foco em Zé Bispo de cueca, sentado na cama.

ZÉ BISPO – Noca, vem cá!

NOCA (*entrando*) – Chamou, Zé?

ZÉ BISPO – O meu *liforme* branco onde está?

NOCA – Como é?

ZÉ BISPO (*carinhoso*) – Noca, eu gosto mesmo é de você. Gosto muito, meu bem. E o nosso filho, onde está? Eu gosto dele também.

NOCA (*espantada, pensando que ele enlouqueceu*) – Foi pra rua, correr no carrossel. Hoje é dia de Natal... (*Zé Bispo fica olhando o teto, as paredes, como quem vai partir para nunca mais voltar*) Valei-me, meu Deus do Céu! Zé, o que está acontecendo afinal?

ZÉ BISPO – Nada minha velha, estou contente. Deixei de lado os desenganos. Estou olhando a casinha da gente, onde estávamos há vinte anos. Aqui o Jorginho nasceu... (*aponta a porta*) Por aqui entrou a tristeza. (*aponta um canto da parede*) Aqui a felicidade morreu. (*passando a mão na cama*) Aqui fizemos muita safadeza... (*riem timidamente*) Gosto de tudo isso, Noca, amo de verdade... Pena que não dei o que você merece: paz e felicidade.

NOCA – Você tornou a beber, não foi, Zé? Já está conversando asneira.

ZÉ BISPO – Ora, Noca. Não diga besteira. Vamos, vá buscar o meu *linforme* branco e aquela gravata da peixeira.

NOCA – Você vai sair? (*indo buscar o terno*)

ZÉ BISPO – Por que não, Noca? Vou dar uma voltinha por aí. Hoje é dia de festa, dia da gente se divertir!

NOCA (*entrando com o terno*) – Você hoje está esquisito, Zé!

ZÉ BISPO (*vestindo-se*) – Tolice! Sabe como é, de repente a gente sente uma emoção... Eu já estou cansado de ficar deitado, vou acompanhar a procissão. (*pausa*) Tenho que passar na casa de Coronel Limeira e apanhar umas flores para o hasteamento da bandeira de Nossa Senhora das Dores.

NOCA – Zé, não quer jantar antes de sair?

ZÉ BISPO – Não, Noca. Preciso ir. Quero ver a rua como está. A alvorada das bandas... Quero ver quem vai ganhar.

NOCA – Deve estar uma lindeza... O povo passeando, as bandas tocando, e eu aqui nessa tristeza.

ZÉ BISPO – Besteira, minha velha, besteira. Agora as coisas vão mudar. (*pausa*) Tá quase na hora do hasteamento da bandeira. (*vai saindo*) Sim, o meu lenço... Vou buscar. (*sai*)

NOCA (*vingativa*) – Nem que dê chulé em pé de mesa e *xanha* na boca da noite, nem que o aro da redondeza vire triângulo de açoite, eu não fico de braços cruzados... Vou me vingar dessa malvadeza que fizeram com o coitado...

ZÉ BISPO – Minha velha, não diga isso não. Hoje é dia de Natal, dia de confraternização e de paz universal... (*atacando o paletó*) Reze e peça perdão por ter cometido esse mal!

Procissão. À frente o Padre Nazareno, trazendo a bandeira de Nossa Senhora das Dores, seguido pelo Coronel Ulisses Ribas e demais autoridades.

PADRE NAZARENO (*cantando*) – Que bandeira é essa / que vamos levar? / é Nossa Senhora / que vai pro altar!

TODOS (*cantando*) – Que bandeira é essa / que vamos levar? / é Nossa Senhora / que vai pro altar!

PADRE NAZARENO – Viva Nossa Senhora!

TODOS – Viva!

PADRE NAZARENO – Viva a nossa Igreja!

TODOS – Viva!

PADRE NAZARENO – A nossa autoridade, agora, o Coronel Ulisses, vai hastear a bandeira de Nossa Senhora das Dores. Uma salva de palmas! Podem jogar as flores!

O povo aplaudindo e jogando flores, enquanto a bandeira vai subindo. Assim que o Coronel Ulisses termina de hastear a bandeira, Zé Bispo grita.

ZÉ BISPO *(com um buquê de flores na mão e a outra no bolso do paletó)* – Coronel! Nunca mais vosmecê vai mandar dar surra em homem! *(puxa o revólver)* Tome, cachorro! *(descarrega no Coronel enquanto o povo sai gritando)*

MULHER 3 – Mataram o Coronel Ulisses!

HOMEM 3 – Zé Bispo matou o Coronel!

Foco no Apresentador.

APRESENTADOR – Uma cidade é habitada por seres, objetos e pensamentos. Possui suas coisas gerais, poetas, bêbados, mulheres que se dão e dão homens que se matam, coisas que são usadas, flores que se gastar. Uma cidade possui seus operários que suam e sofrem, e seus patrões que riem e enriquecem. Possui seus cães que ladram – e como ladram! Todas as cidades são iguais, tanto no sol que nasce igualmente, como nas noites consumidas do mesmo modo. As cidades são iguais nos versos que nascem, nos meninos que morrem, nos adolescentes que sonham, nas mulheres que traem – e como traem! As cidades só diferem em forma, o conteúdo é igual.

TODOS *(cantando e dançando)* – O que tens a vender nessa barraca / me responde logo, Raimunda? / [Tenho farinha, mandioca e feijão de chocha-bunda] / Quem foi que fez esse boneco / tão perfeito e tão grã-fino? / [Este boneco foi feito / pelo Mestre Vitalino] / De onde é esse mestre? / Dessa terra é natural? / [É filho desta capital / que tem o nome de Agreste] / É uma genial invenção / é fabricado de quê? / [É feito de inspiração / com o barro de massapê] / Onde mora esse artista? / Eu desejo conhecer / [Esse mestre em que falamos / há muito que já partiu / foi juntar-se ao barro / de onde sua fama surgiu]

HOMEM 1 – Ele foi um herói!

MULHER 1 – Não. Um artista.

HOMEM 2 – Artista popular!

HOMEM 3 – Artista do barro, da lama, do lodaçal!

HOMEM 4 – Ele foi simplesmente um artista popular!

HOMEM 3 – Na grandeza de suas obras encarnou a sua humildade.

HOMEM 2 – Suas imagens são o espelho de sua própria vida. Vida identificada com o barro, dando-lhe forma e expressão.

MULHER 2 – Identificou sua própria gente, os costumes de uma região...

TODOS (*cantando*) – E a miséria de seu povo / gestos de aflição / gestos de compaixão / gestos de fome / gestos de miséria / retratados em bonecos.

HOMEM 1 – E o poeta disse:

POETA (*ouve-se uma gravação com a voz rouca do poeta*) – “Das mãos de Vitalino surgiram os protestos dos artistas abandonados! Protestos mudos, vindos da lama. Hoje suas obras cruzam fronteiras levando a arte popular do Agreste brasileiro, mostrando o retrato de um povo, costumes de uma região e a projeção de uma cidade. Não lapidou mármore, nem burilou ouro, mas esculpiu com as mãos a lama dos charcos, a argila pegajosa e putrefata”.

HOMEM 3 – Quem diria que dentre a terra sairia a alma de um artista e o retrato de uma gente?

HOMEM 2 – Só mesmo com a maestria genial de Vitalino se expressaria o disforme perfil de um povo!

MULHER 3 – E o pífano de Vitalino fazia parte de sua cotidiana labuta.

Som do pífano.

MULHER 2 – Poderia-se dizer que dentre o barro surgia uma melodia agreste e sertaneja.

MULHER 1 – E o popular mestre teve como companheiros de vida...

TODOS – A mulher, os filhos, o pífano e os bonecos...

MULHER 1 – E entre eles morreu.

TODOS – Sem honras e sem ramalhetes, sem cortejo e sem discurso. Os sinos não badalaram, os portentosos não o visitaram.

HOMEM 2 – Hoje ele descansa entre o barro que suas mãos acariciaram.

HOMEM 1 – Mas Vitalino não morreu, pois em cada casa, em cada escritório ou em qualquer lugar onde estiver um boneco de barro, ali está Vitalino, pedestal de Caruaru.

HOMEM 3 – Vitalino, símbolo de Caruaru!

TODOS – Caruaru, glória de Vitalino! (*enquanto baixa um retrato de Vitalino com o pífano, cantam*) Vitalino, do boneco de barro / dormia tranquilo em Caruaru / quando Dona Santa, da boneca de cera / foi despertá-lo com o seu Maracatu / com o seu Maracatu...

- Fim -

RUA DO LIXO, 24

O MUNDO INTEIRO NÃO VALE O MEU LAR



Rua do Lixo, 24 - Le Grand Cirque de la Vie (2004),
pela Companhia Feira de Teatro Popular
Texto e direção: Vital Santos
Foto: Hans von Manteuffel

RUA DO LIXO, 24

Num casebre miserável da Rua do Lixo, número 24, em Caruaru, moram Dona Lola e seus dois filhos, Dorinha e Ernesto. A garota é a única que possui trabalho fixo e, devido às chuvas que alagam o local onde residem, não quer chegar atrasada mais uma vez. Afinal, já vem enfrentando problemas com o patrão, Seu Generino, que constantemente insiste para continuar a explorá-la sexualmente na própria residência dela, sob a complacência da mãe, que finge não perceber nada e sempre ganha presentinhos do cínico visitante. Ernesto, o irmão que sofre de uma diarreia terrível, é um vagabundo desempregado que dorme o dia inteiro e só acorda para comer, fumar maconha ou devanear sobre o seu futuro longe daquele inferno. Guarda uma revolta incontida contra todos, mas não faz nenhum esforço para sair das privações em que vive.

Além das várias discussões que protagoniza no seio familiar, para desespero de sua mãe, sempre a clamar ajuda dos céus em meio às roupas que lava para fora, o rapaz acaba acobertando um amigo gay e maconheiro que banca suas despesas de vez em quando, Expedito ou Dito, ladrãozinho barato que naquele momento está sendo procurado pela polícia. A confusão maior se estabelece a partir daí, mas a peça é bem mais centrada no linguajar chulo das suas personagens e na convivência familiar nada pacífica entre elas. Ao ter a certeza dos encontros noturnos fortuitos de Dorinha e Seu Generino no mesmo teto em que habita, Ernesto planeja vingança e a tragédia então se torna inevitável.

Rua do Lixo, 24 foi escrita em 1969. A estreia do espetáculo se deu no sábado 12 de setembro de 1970, no palco da Rádio Difusora de Caruaru. No elenco, Jandira Siqueira (Dona Lola), Alcimar Vólia (Dorinha), Josué Euzébio [também chamado de Tembório, apelido dado por Vital Santos] (Ernesto), Nilson Condé (Seu Generino e Soldado 1), Ivan Brandão (Expedito) e



Rua do Lixo, 24 (1970), em sua 1ª versão, pelo Grupo de Cultura Teatral
Texto e direção: Vital Santos
Foto: Acervo Vital Santos

Severino Almeida [também chamado de Grisódio, outro apelido] (Soldado 2). O trio musical que os acompanhava, tocando ao vivo, era composto pelos músicos Ubirajara Vasconcelos, Fernando Lopes e Manoel Mota. Ainda na ficha técnica, texto, direção e cenário de Vital Santos; assistência de direção de Renato Cabral; iluminação de Pedrosa (Pedro Sousa); maquiagem de Jaíra Siqueira; execução de cenário de Luciano Pires; figurinos de Luisa Maciel, com Celeste Almeida responsável pelo guarda-roupa; e, por fim, Josué Euzébio na contrarregragem.

O convite para conferir o lançamento da montagem perguntava ao público de Caruaru: “Se você morasse na Casa ‘24’ da ‘Rua do Lixo’, qual seria sua reação ao assistir a peça?” (RUA... [Convite], 1970). Já o panfleto de divulgação provocava:

Espetacular! Não percam no dia 12 de setembro [de 1970], no palco da Rádio Difusora de Caruaru, o mais moderno espetá-

culo teatral do ano: *Rua do Lixo*, 24. [De] Vital Santos. Música, dança, luz. O mesmo elenco, o mesmo autor, a mesma equipe da fabulosa *Feira de Caruaru*. Censura 18 anos. (RUA... [Panfleto], 1970)

Após a apresentação, a resposta do jornal caruaruense *A Defesa* foi a melhor possível: “Realmente merece ser visto por todos o moderno espetáculo que o novo grupo cênico vem apresentando. Nota dez pela autenticidade da peça” (COM MUITO..., *A Defesa*, 19 set. 1970, s. p.). Nessa mesma edição, um comentário elogioso mais longo, também não assinado, vinculou o espetáculo ao que havia de mais atualizado na cena teatral brasileira:

A finalidade principal do teatro, já dizia Brecht, é divertir. A peça de Vital Santos, *Rua do Lixo*, 24, é desse tipo de teatro novo, teatro de vanguarda, teatro contemporâneo. [...] Nela vamos encontrar, além da representação viva e real de uma família que mora na Rua do Lixo (Você já morou lá? Já conviveu com o seu povo? Já observou como lá se conversa? Não? Então veja a peça), a participação dos espectadores que não permanecem estáticos em suas poltronas. [...] O espetáculo agrada, está bom, a direção está boa e os atores desempenham seus papéis com segurança e dentro de moldes modernos e atuais, estando Vital de parabéns. Com esta peça, Caruaru trava conhecimento com o teatro moderno e cremos que doravante passará a participar de todo o movimento teatral de nossa cidade, como só acontece nos centros mais desenvolvidos. (RUA..., *A Defesa*, 19 set. 1970, s. p.)

A peça deve ter cumprido uma inédita permanência em cartaz na cidade, pois esse aspecto foi alardeado por muitos jornalistas. Sem deixar de reclamar que as apresentações ocorriam num palco de rádio e não num teatro, Edmilson Amâncio foi um dos que garantiu que *Rua do Lixo*, 24 superava o bom resultado alcançado anteriormente com *Feira de Caruaru*, do mesmo Grupo de Cultura Teatral:

Uma das coisas mais modernas já feitas em Caruaru em matéria de teatro foi o que Vital Santos fez com *Rua do Lixo*, 24. Superior a *Feira de Caruaru* tanto em direção como em

texto. Um espetáculo movimentadíssimo: músicas, danças, slides... O elenco é o melhor da cidade [...]. A peça merece ser vista por todos os caruaruenses, pois continua em cartaz no palco da Rádio Difusora de Caruaru. (AMÂNCIO, *Vanguarda*, 26 set. 1970, s. p.)

Ricardo Freitas também escreveu para o jornal *Vanguarda* e salientou que, assim como acontecera com *Feira de Caruaru*, aquele espetáculo estava trazendo o povo ao teatro, por investir num contexto real de 60% da população brasileira, a miséria, verossímil ao tema apresentado: “Nenhum caruaruense de bom senso poderá deixar de assistir *Rua do Lixo, 24*, pois terá perdido de assistir o drama de milhões de brasileiros, dentro de um estilo moderno, alegre e movimentadíssimo” (FREITAS, *Vanguarda*, 27 set. 1970. p. 6). Mas foi o diretor geral do jornal *A Defesa*, Agostinho Batista, quem melhor captou os detalhes da encenação, na esteira do teatro popular como um divertimento agradável, ainda que tratando de tema espinhoso:

Rua do Lixo, 24, peça teatral do jovem Vital Santos, apesar de seu aspecto dramático, faz o povo rir, vibrar, participar ativamente, porque não é um espetáculo enfadonho. Retrata, no palco, de uma maneira simples, compreensiva, a vida de uma família miserável de um bairro pobre de nossa cidade, com os seus problemas domésticos, com os seus relacionamentos com vizinhos, com vendedores de prestação, com gente-de-bem que usa de velhacaria para parecer rica, com marginais, etc. É a própria dinâmica da vida com sua luta pela sobrevivência e preocupações diárias e imutáveis de comida, de roupa, de se livrar de viver sempre devendo aos outros, de agradecer ao patrão para não perder o emprego, enfim, de não sucumbir ao peso das estruturas. (BATISTA, *A Defesa*, 26 set. 1970, s. p.)

Se em alguns lugares mais à frente Vital Santos foi acusado de explorar demais os xingamentos nas suas obras, Agostinho Batista o defendeu no resultado de *Rua do Lixo, 24*, pois até nos palavrões empregados a peça se mostrava autêntica: “A não ser que Vital quisesse desfigurar a própria realidade, a própria linguagem do homem comum, sobretudo das camadas mais pobres, dos marginais, dos deserdados da vida”. Por isso o jornalista

acreditava que o resultado não era chocante e ninguém poderia taxar a peça de imoral, afinal, aquela obra de arte tinha um profundo compromisso com a verdade, sendo, como o teatro popular deve ser, simples. Isso em todos os aspectos: no enredo, nos diálogos, na caracterização dos atores e no cenário: uma porta móvel, uma mesa velha, caldeirões, colchões e penico, entre outras bugigangas. “Embora não tenha nenhuma preocupação político partidária ou ideológica, ela tem uma mensagem profundamente humana” (BATISTA, *A Defesa*, 26 set. 1970, s. p.), concluiu o jornalista.

Em outubro de 1970, graças a um convite da Secretaria de Educação e Cultura da Municipalidade, o Grupo de Cultura Teatral pôde levar sua mais nova produção a um público eminentemente popular, na sede do Círculo de Trabalhadores Cristãos - CTC no bairro da Rua Preta, conseguindo lotar o espaço e agradar. O repórter que cobriu o evento, além de intitular a peça como “O mais moderno espetáculo de teatro do ano”, saudou tanto a equipe como o gestor da Prefeitura de Caruaru que a levou para lá:

O público prestigiou o espetáculo de uma maneira brilhante, comparecendo a todas as apresentações feitas naquele local. A peça foi muito aplaudida, quer dizer, simplesmente, que o povo está entendendo a linguagem teatral. Isto devemos a homens como o secretário de Educação e Cultura desta cidade, o sr. José Rodrigues, que não mede esforços para que sejam apresentadas no CTC bons espetáculos teatrais de nossa terra. (“LIXO...”, *A Defesa*, 10 out. 1970, s. p.)

Ainda em 1970, o Grupo de Cultura Teatral participou da II Semana de Teatro de Campina Grande, onde obteve seis consagrações: troféus de melhor espetáculo, melhor atriz para Alcimar Vólia, além do 2º lugar de melhor ator para Josué Euzébio e 3º lugar como atriz coadjuvante para Jandira Siqueira. Também foram entregues dois diplomas de menção honrosa para o GCT e para Vital Santos. Diante de tanta consagração, ao final daquele ano, o colunista social Cervantes (José Soares), que editava a *Revista Sociedade* em Caruaru, divulgou na *Revista do Jornal do Commercio* (Cf. CERVANTES, 13 dez. 1970, p. 14), publicada originalmente no Recife, a lista daqueles que se destacaram nos diversos setores da vida social caruaruense, incluindo cinco categorias dedicadas ao teatro: melhor ator (Josué



Rua do Lixo, 24 (1970), em sua 1ª versão, pelo Grupo de Cultura Teatral
Texto e direção: Vital Santos
Foto: Acervo Vital Santos

Euzébio), melhor atriz (Alcimar Vólia), revelação de atriz (Jandira Siqueira) – todos os três por *Rua do Lixo, 24*, apesar da montagem não ter sido a melhor daquele ano, na opinião do colunista, pois ele continuou a eleger *Feira de Caruaru* como melhor peça – e revelação de ator (João Tibúrcio de Freitas, do espetáculo *A Derradeira Ceia*, de Luiz Marinho, com direção de Sóstenes Fonseca, pelo Teatro Experimental de Arte - TEA). No dia 20 de dezembro de 1970 houve festa no Clube Intermunicipal de Caruaru para recepcionar as personalidades indicadas.

VEIO A CONSAGRAÇÃO NACIONAL

Inscritos e convidados por Paschoal Carlos Magno para participar do VI Festival Nacional de Teatro de Estudantes, que aconteceria de 29 de janeiro a 6 de fevereiro de 1971, na Aldeia de Arcozelo, no município de Paty do Alferes, no estado do Rio de Janeiro, com 34 grupos de todo o país

em competição, os integrantes do Grupo de Cultura Teatral chegaram ao Sudeste do país de ônibus, graças ao patrocínio do prefeito de Caruaru, Anastácio Rodrigues, que lhes ofereceu passagens de ida e volta. A caravana reuniu 15 pessoas, sendo nove do elenco e seis da ficha técnica, todos sob a coordenação do teatrólogo Renato Cabral, presidente do GCT. Pouco antes da viagem, *Rua do Lixo, 24* foi novamente apresentado no palco da Rádio Difusora de Caruaru, de 21 a 24 de janeiro de 1971, sempre às 21 horas, para maiores de 18 anos, na intenção de que fossem realizadas novas récitas para “azeitar” o trabalho e se conseguisse fundos para as despesas que viriam.

Com agradecimentos por escrito à Prefeitura Municipal de Caruaru e ao jornal *Vanguarda* (Gilson Silva) no programa distribuído no Rio de Janeiro, a peça enfrentou a seguinte comissão julgadora: Sílvia Chalreo (pintora), Luiza Barreto Leite (jornalista e crítica do *Jornal do Commercio*/RJ), Orlanda Carlos Magno (Teatro Duse/RJ), Aryna de Carvalho (da Associação de Teatro Amador/RJ), Augusto de Souza (Departamento de Cultura de Santa Catarina/SC), Antônio Carlos Gerber (Fundação Cultural do Teatro Guaíra, de Curitiba/PR), Augusto Rodrigues (professor da Escola de Teatro da UFPA), Aron Menda (representante da SBAT em Porto Alegre/RS), Eduardo Cabus (professor da UFBA), Milton Baggio (diretor do Teatro do Estudante de Bom Jesus/RS) e Paschoal Carlos Magno como presidente do júri.

Quanto às premiações, inicialmente seriam indicados os cinco melhores em cada setor, mas o júri optou por apresentar dez deles em cada categoria, sem determinação de 1º, 2º ou mais lugares. Apenas os dez melhores. Foram escolhidos como os dez melhores espetáculos: *Vereda da Salvação*, de Jorge Andrade, com direção de Cláudio Barradas, pela Escola de Teatro da Universidade do Pará, em Belém; *Pedro Corredor*, de Altimar Pimentel, pelo Teatro de Arena da Paraíba, com direção de Elpídio Navarro, de João Pessoa; *Rua do Lixo, 24*, com texto e direção de Vital Santos, pelo Grupo de Cultura Teatral, de Caruaru; *Ciclo Patético*, de Sônia Maria Melo, com direção de Armando Maranhão, pelo Teatro do Estudante do Paraná, de Curitiba; *A Paz*, de Aristófanes, com direção de Valter Rodrigues, pelo Teatro Estudantil Vicente de Carvalho, de Santos/SP; *Túnis Conta Zumbi*, de Augusto Boal, Gianfrancesco Guarnieri e Edu Lobo, com direção de Jota Dangelo, pelo Grupo Túnis, da Universidade de São João del-Rei/MG; *Condenado ao Inferno*, de René d'Olbadia, com direção de Otavinho

Arantes, pela Agremiação Goiana de Teatro, de Goiânia; *Choque das Raças*, de Hamilton Saraiva, com direção de Miguel Ângelo Fortunato, pelo Grupo de Teatro Paulo Eiró, de São José do Rio Preto/SP; *Mortos Sem Sepultura*, de Jean Paul Sartre, pelo Grupo Arrojo, de Rio do Sul/SC; e *Gruta Conta Zumbi*, dos mesmos Boal, Guarnieri e Edu Lobo, com direção de Nitis Jacon, pelo Teatro Universitário de Arapongas/PR.

A melhor equipe recebeu o Prêmio Serviço Social da Indústria: o Grupo Laboratório, da Universidade Federal Fluminense, de Niterói/RJ, com *Prometeu Acorrentado*, de Ésquilo, sob direção de José Carlos Gondim. O Departamento de Divulgação Cultural do Estado do Rio de Janeiro ofereceu ainda o troféu Leopoldo Fróes a cada um dos dez melhores diretores, com a *Revista da SBAT* - Sociedade Brasileira de Autores Teatrais prometendo publicar as peças nacionais inéditas (algo que nunca aconteceu). Foram os melhores diretores: Valter Rodrigues, do Teatro Estudantil Vicente de Carvalho, de Santos; Jota Dangelo, do Grupo Túnis, de São João del-Rei; Cláudio Barradas, do Teatro da Universidade do Pará; Vital Santos, do Grupo de Cultura Teatral; Armando Maranhão, do Teatro do Estudante do Paraná, Miguel Ângelo Fortunato, do Grupo de Teatro Paulo Eiró, de São José do Rio Preto; Ronald Radde, do Teatro Novo, de Porto Alegre; Otavinho Arantes, da Agremiação Goiana de Teatro; Nitis Jacon, do Teatro Universitário de Arapongas; e José Carlos Gondim, do Grupo Laboratório da Universidade Federal Fluminense.

Rua do Lixo, 24, portanto, ficou entre os dez melhores espetáculos do Festival, com Vital Santos entre os dez melhores diretores e melhores autores; Alcimar Vólia e Jandira Siqueira entre as dez melhores atrizes; e o plano de luz de Vital, com execução de Pedrosa, entre as dez melhores iluminações ali apresentadas, tudo isso pelo júri oficial. Pelo júri popular, vieram ainda os títulos de melhor espetáculo, melhor diretor e melhor atriz (Alcimar Vólia). Ainda de Pernambuco, é importante lembrar que outro conjunto esteve naquela reunião de mais de 600 estudantes ou universitários (chegaram a afirmar que havia mais de mil pessoas lá, um exagero), o Tucap - Teatro da Universidade Católica de Pernambuco, com a peça *Eva e Adão*, de Alcides do Ó, dirigida por Marcus Siqueira e tendo José Mário Austregésilo no acompanhamento do pessoal como representante daquela instituição de ensino. O grupo abocanhouno o registro de três

melhores atores pelo júri oficial, Tonico Aguiar, Roberto Pimentel e Carlos Varella, este último como coadjuvante.

Segundo reportagem publicada na revista *Manchete*, *Rua do Lixo*, 24 foi ainda considerada a maior revelação do evento e o seu autor um dos quatro de maior destaque. Não sei se embevecido pelos elogios lá recebidos, especialmente de um fã declarado, Paschoal Carlos Magno, o idealizador e diretor das sete edições do Festival Nacional de Teatro de Estudantes (que chegou a abrigá-lo na sua casa num certo período da vida), mas a partir daí Vital começou, com ainda mais intensidade, a recheiar sua trajetória com láureas nunca concretizadas. Talvez por querer fantasiar a sua personalidade já tão aclamada, não foram poucas as vezes que me deparei com declarações suas à imprensa sem qualquer veracidade. Daí, fica difícil sabermos o que de fato aconteceu ou foi apenas confiança do repórter no que ele dizia. Ricardo Freitas, do jornal *Vanguarda*, por exemplo, certamente reproduziu dados que lhe foram transmitidos em entrevista:

Rua do Lixo, 24 será traduzida para o inglês e o francês por um jornalista da *Life*, que esteve presente no Festival. Será publicada para todo o Brasil pelo I. N. T. (Instituto Nacional do Teatro) [...]. Filmada num documentário pelo I. N. C. (Instituto Nacional do Cinema). Televisados para a TV Suíça. Vários convites para temporadas no Rio e Niterói. Convidados a participar dos festivais de teatro de São Carlos, em Santos, para o qual já estão inscritos, e o de [São José do] Rio Preto. Receberam ainda os premiados 20 dias de especialização teatral na Aldeia de Arcozelo [...]. O Vital ganhou uma bolsa de estudos para o Conservatório de Teatro da Guanabara. (FREITAS, *Vanguarda*, 14 fev. 1971, p. 3)

Essas e outras informações foram reproduzidas por vários jornais. A maioria nunca se concretizou ou simplesmente não era verdade. Quando de sua chegada à Capital do Agreste, os componentes do Grupo de Cultura Teatral participaram de um jantar oferecido pelo prefeito Anastácio Rodrigues, mas a maior alegria se deu ao final de fevereiro de 1971, quando puderam ler a reportagem de quatro páginas sobre o VI Festival Nacional de Teatro de Estudantes publicada na revista *Manchete*, com destaque à foto da atriz Jandira Siqueira caracterizada para o espetáculo *Rua do Lixo*, 24.

Em meio a elogios ao evento, o repórter Marco Aurélio Borba afirmou que a peça de Vital Santos, ao qual erra dizendo ter apenas 22 anos, quando ele já tinha 25 (nosso homenageado sempre teimou em diminuir a real idade), foi considerada a maior revelação do Festival.

O jornalista quis então saber a opinião do autor sobre encontros como aquele. Vital, claro, defendeu que eles deviam ser realizados anualmente, com auxílio governamental, pois “são a maior fonte de que dispomos nós, os que estão afastados dos grandes centros culturais, para adquirir uma consciência sólida e real sobre teatro e cultura brasileira. Acho apenas que o Festival não devia ser de concorrência, e sim de integração” (*Apud BORBA, Manchete*, 27 fev. 1971, p. 140), garantiu. O repórter acrescentou ainda mais elogios a ele:

Vital é autodidata, e sua peça, encenada pelo grupo de Caruaru, foi considerada por todos os participantes do certame como a maior sensação, tendo sido adquirida para tradução e exibição em toda a Europa Central por um emissário suíço. O professor alemão Willy Keller (tradutor da peça *Auto da Compadecida* para toda a Europa, ex-diretor do Instituto Cultural Brasil-Alemanha, laureado diretor teatral e ex-assistente de Brecht) assim se manifestou sobre a peça de Vital: “Este moço descobriu aquilo que todos estão tentando descobrir no Brasil: um novo caminho para o teatro. Seu texto tem uma força extraordinária e, apesar de ser magistral em sua fidelidade às origens brasileiras e regionais, poderia ser encenado em qualquer lugar do mundo sem perder a universalidade. Não há dúvida de que estamos diante de um dos maiores autores brasileiros de todos os tempos”. (BORBA, *Manchete*, 27 fev. 1971, p. 140)

Esta avaliação foi a glória para Vital, que sempre a reproduziu quando pôde. Ainda segundo a reportagem, quatro novos dramaturgos surgiram no Festival: Sônia Maria Melo, paranaense, autora de *O Ciclo Patético*; W. Rio Apa, paulistano radicado em Curitiba, autor de *O Julgamento do Homem*; Ronald Radde, gaúcho, autor de *Transe* (peça que seria levada à Capital do Agreste em 1972, chegando a ser montada neste mesmo por Vital Santos à frente do Teatro de Amadores de Caruaru); e, por fim, o nosso aclamado autor de *Rua do Lixo*, 24. Tamanha repercussão nacional fez o *Jornal do Commercio*

publicar no Recife uma grande matéria dedicada à peça e seu criador, mais uma vez reproduzindo a quantidade de nove prêmios ganhos naquele evento:

Tudo começou com o extinto Grupo Evolução. Vital Santos iniciou-se no teatro como autor, no show *Uma Cidade Chama-da Cururu*. Daí pra frente seu interesse cresceu e um autor foi gerado. Sua primeira experiência foi *O Santo Pão de Cada Dia*. Depois partiu para a realização de *Feira de Caruaru*, que seria seu primeiro sucesso de público e crítica. Com este espetáculo participou de vários festivais [...]. Rua do Lixo é o nome dado a uma favela desta cidade, situada nas encostas do Morro do Bom Jesus. Observando a vida de seus moradores, o autor descobriu que muita coisa havia para ser explorada artisticamente. Pesquisou a linguagem popular a fundo, juntamente com o pessoal do GCT, para dar um cunho original ao texto e à encenação, e o resultado foi *Rua do Lixo*, 24, uma análise temática da vida nos subúrbios das cidades interioranas. (FONSÊCA, *Jornal do Commercio*, 28 fev. 1971, p. 5)

Em Caruaru, também não faltaram rasgados elogios. O jornalista Miguel Miranda Filho, que assinava a coluna *Encontro Semanal* no jornal *A Defesa* (o recorte encontrado apenas registra que o texto foi escrito em 1971, mas sem a data completa), alegava que a propagação da arte teatral naquele município poderia ser explicada por dois períodos, antes e depois de Vital:

Dizemos Vital Santos porque, inegavelmente, foi depois dele que houve o impacto desenvolvimentista visto nos dias atuais; foi depois do seu aparecimento na ribalta do Agreste que os valores foram sendo descobertos em grande número; foi após o seu surgimento oportuníssimo que dinamizou-se o gosto pelo teatro entre os caruaruenses. Ninguém, absolutamente ninguém de sã consciência, poderá afirmar que antes de Vital Santos a arte cênica tinha o progresso atual. (MIRANDA FILHO, *A Defesa*, 1971, s. p.)

Ainda em março de 1971, novamente contando com o apoio do prefeito Anastácio Rodrigues, Renato Cabral, presidente do GCT, organizava um intercâmbio entre os dois grupos pernambucanos que haviam estado no Festival de Arcozelo, tentando levar o Tucap a Caruaru, com a peça *Eva*



Paschoal Carlos Magno usa faca para cortar fita de inauguração do teatro com seu nome (1971)
Foto: Acervo Renato Cabral

e *Adão*, de Alcides do Ó, dirigida por Marcus Siqueira, e esperando que o Grupo de Cultura Teatral, através do magnífico reitor da Universidade Católica de Pernambuco, Potiguar Mattos, pudesse chegar ao Recife. Nada aconteceu, infelizmente, mas *Rua do Lixo*, 24 pôde ir ao município de Palmares no dia 1 de maio de 1971, exibindo-se no palco da Rádio Cultura dos Palmares, e chegou ainda a Garanhuns e Bom Conselho. Na “Capital do Agreste”, principalmente para evitar as tantas despesas cada vez que ia ocupar o palco da Rádio Difusora de Caruaru e ter um espaço próprio para desenvolver seus trabalhos, em 25 de maio de 1971, numa terça-feira, o Grupo de Cultura Teatral inaugurou um teatro de bolso que levou o nome de Paschoal

Carlos Magno, na travessa Sete de Setembro, 1º andar.

Como hóspede do Governo Municipal, o embaixador do teatro brasileiro compareceu à inauguração do espaço, prometido para receber até 50 pessoas sentadas. Pouco antes ele havia garantido que *Rua do Lixo*, 24 seria publicada pelo SNT, em livro que reuniria outras peças premiadas no Festival de Arcozelo: *Transe*, de Ronald Radde; *Ciclo Patético*, de Sônia Maria Melo; e *Pedro Corredor*, de Altimar Pimentel. Mas a promessa nunca foi concretizada. Em carta a Vital Santos – a admiração entre ambos era mútua –, Paschoal confessou: “Você causou um impacto imenso como autor, e sua gente, na interpretação, foi amplamente elogiada. Eu lhe desejo vida longa e de marcha para o alto. O ‘Teatro Paschoal Carlos Magno’ me tocou de perto. Homenagem de gente jovem sempre me deixa numa gratidão danada” (*Apud CARTA...*, *A Defesa*, 24 abr. 1971, s. p.).

O inusitado – e que ganhou repercussão imediata na imprensa – foi que “o papa do teatro no Brasil” utilizou uma faca peixeira, com 12 polegadas de lâmina, para cortar, às 22 horas daquela terça-feira, a grossa corda que serviu de fita simbólica para inaugurar o teatro de arena com o seu nome. O prefeito Anastácio Rodrigues também esteve presente ao acontecimento, e recebeu palavras de agradecimento do diretor do GTA, Renato Cabral, que

o declarou ser “o pai material” do movimento teatral de Caruaru (Cf. “O ASSALTO...”, *Vanguarda*, 30 mai. 1971, p. 1). Ainda marcaram presença B. de Paiva, Felinto Rodrigues e o prefeito da cidade de Garanhuns, Luiz Souto Dourado. Encerrando a cerimônia, os atores Josué Euzébio e Ivan Brandão, dirigidos por Vital Santos, também responsável pelos figurinos, maquiagem e iluminação, encenaram *O Assalto*, original do teatrólogo José Vicente, natural da cidade mineira de Alpinópolis, mas que trocou Minas Gerais por São Paulo. Pena que o Teatro Paschoal Carlos Magno só conseguiu funcionar no dia da sua inauguração, e talvez seja um recorde a sua tão mínima existência.

FRUSTRADA A TENTATIVA DE CHEGAR À CAPITAL PERNAMBUCANA

Se no dia 23 de maio de 1971 com a divertida peça *Um Sábado em 30*, de Luiz Marinho, o Recife recebeu uma nova casa de espetáculos, o Nosso Teatro, inaugurada pelo Teatro de Amadores de Pernambuco, grupo liderado pelo importantíssimo homem do teatro, da música e da crítica de artes, Valdemar de Oliveira (o espaço seria rebatizado com o seu nome após o falecimento dele em 1977), deveria ter sido no palco do Teatro de Santa Isabel que o Grupo de Cultura Teatral iria exibir-se com a premiada peça *Rua do Lixo*, 24. Mas a situação daquele espaço não ia nada bem. A falta de verbas da Prefeitura Municipal do Recife, devido às despesas pela transferência da sede da Secretaria de Educação, da rua da Aurora para o edifício Círculo Católico, fez com que nem mesmo a data de aniversário do teatro, 126 anos, fosse comemorada.

De acordo com matéria no *Jornal do Commercio*, aquele momento para a equipe caruaruense também não foi dos melhores: “Estava prevista sua estreia para ontem, mas até às 18h nada se sabia, uma vez que o pessoal não havia mandado imprimir os ingressos, talvez, temendo a concorrência de Chico Anísio, no Teatro do Parque” (PREFEITURA..., *Jornal do Commercio*, 29 mai. 1971, p. 6). Ao preço único de dez cruzeiros, *Rua do Lixo*, 24 deveria ter cumprido temporada de 28 a 30 de maio de 1971, no Teatro de Santa Isabel, mas não aconteceu. Para estimular o público, o poeta Héber Fonseca, repórter da sucursal do *Jornal do Commercio* em Caruaru, até fez o seguinte comentário sobre a peça:

Rua do Lixo, 24 é um espetáculo que merece ser visto por todos aqueles que desejam ter uma noção dos novos rumos

abertos para o teatro brasileiro. Seu autor, Vital Santos, é um jovem de pouco mais de 20 anos e que vem desenvolvendo a carreira brilhante. Autor de *Feira de Caruaru*, levada no Santa Isabel com direção de Cleyton Feitosa, *Forró de Caruaru*, *Santo Pão de Cada Dia* e *A Menor Pausa*, vem dia a dia se firmando solidamente como teatrólogo. Como diretor, ele procurar sintetizar todas as correntes modernas do teatro. (Apud AINDA..., *Jornal do Commercio*, 30 mai. 1971, p. 14)

Aquela permanência na capital não seria mesmo nada tranquila, pois a peça concorria com a temporada de dois grandes humoristas em cartaz: Chico Anísio, no Teatro do Parque, com o show *Gostei Mais do Outro*, junto ao conjunto musical Tempo-7, ao preço de 15 cruzeiros; e José Vasconcellos, com a peça *As Estranhas Vidas do Dr. Mania e Algo Mais*, participando ainda das festas de inauguração do Nosso Teatro, ao preço de 15 e 10 cruzeiros. Por todas essas razões, mesmo com boa divulgação à época, os planos afundaram e a turma desistiu. Em junho de 1971, no *Diário Oficial*, o Grupo de Cultura Teatral, cuja fundação oficial se deu em agosto de 1970, finalmente publicou os seus estatutos. O documento trazia a seguinte informação: “O Grupo de Cultura Teatral, sociedade civil sediada no Teatro Paschoal Carlos Magno, situada na travessa Sete de Setembro, 3, 1º andar, [...] sem fins lucrativos, fundada em 30/9/1970, regencia pelos seguintes estatutos. Da finalidade, a representação cênica de peças teatrais, divulgação da arte, podendo ainda manter uma escola de arte dramática”. Outro sonho também.

A notícia alvissareira foi que o prefeito Anastácio Rodrigues assegurou ao Grupo de Cultura Teatral que financiaria a ida do conjunto ao estado de São Paulo, em julho, para participar do 3º Festival Nacional de Teatro Amador de São José do Rio Preto/SP e uma nunca concretizada semana de exibições no Teatro Brasileiro de Comédia - TBC, na capital paulistana. Mas pouco antes da viagem, *Rua do Lixo*, 24 foi vista no auditório da Escola Superior de Direito, em Caruaru. O Teatro Experimental de Arte - TEA também foi selecionado para aquele mesmo Festival, mas não se saiu nada bem com a peça *O Ovo de Colombo*, de Homero Fonseca e Adalberon Gomes, sob direção de Antônio Medeiros; assim como a montagem de *Eva e Adão*, texto de Alcides do Ó, pelo Teatro da Universidade Católica de Pernambuco - Tucap, do Recife, dirigida por Marcus Siqueira.



Rua do Lixo, 24 (1976), em sua 2ª versão, pelo Grupo Feira de Teatro Popular
 Texto e direção: Vital Santos
 Fotos: Pissica / Acervo Vital Santos

Em julho de 1971, no município de São José do Rio Preto, além de exibir *Rua do Lixo, 24*, Vital Santos esteve à frente de duas outras encenações na programação do evento: *Quarto de Empregada*, de Roberto Freire, pelo Grupo MOCA - Movimento de Cultura Artística, de João Pessoa/PB; e *O Assalto*, de José Vicente, numa provocação para o Festival, pois ele reuniu dois atores que, em lugares distintos, estavam em versões diferentes do mesmo texto e tiveram menos de uma semana para ensaiar para esta primeira e única exibição: Josué Euzébio, do GCT, de Caruaru, e Gilberto Bastos, do Grupo Mambembe, da Escola de Teatro Martins Penna, do Rio de Janeiro. Inclusive, após essa participação, o ator Josué Euzébio deixou o grupo e foi morar em São Paulo de 1971 a 1983.

Ainda naquela programação estava outra peça de Vital, *De Como Casar Com Uma Herdeira Rica ou Como se Fazer um Bom Enterro*, texto hoje infelizmente desaparecido e que foi montado naquele ano de 1971 na cidade de Campina Grande, pelo GCMB - Grupo Cênico Manuel Bandeira, ligado à FACMA - Fundação Artístico Cultural Manuel Bandeira, com direção geral de Elizabeth Marinheiro e direção cênica de Walter Pessoa. Parece que a atriz e cantora Elba Ramalho constava no elenco como Narradora. O certo é que a volta do GCT para Caruaru foi gloriosa, afinal, *Rua do Lixo, 24* conquistou os prêmios de melhor diretor, 2º melhor espetáculo (com valor pago de mil cruzeiros), melhor espetáculo plástico, além das menções honrosas para cenografia, figurino, atriz (Alcimar Vólia), ator (Josué Euzébio) e diretor (para Vital Santos por *O Assalto*). A alegria era tanta que o prefeito Anastácio Rodrigues gostou da ideia do grupo coordenar um festival nacional de teatro na Capital do Agreste, projeto concretizado em janeiro de 1972 (detalhes no capítulo seguinte).

Para melhorar, ao findar daquele ano de 1971, a Associação Caruaruense de Imprensa, formada por jornalistas e radialistas dos veículos *Vanguarda*, *A Defesa*, Rádio Cultura do Nordeste, Rádio Difusora de Caruaru, Rádio Liberdade de Caruaru e os correspondentes dos jornais da capital, *Diário de Pernambuco*, *Jornal do Commercio* e *Diário da Manhã*, escolheram 18 personalidades do ano para receberem congratulações na Festa Personalidade Padrão, agendada para 30 de dezembro, no Clube Intermunicipal de Caruaru. Entre as figuras de destaque, o ator Ivan Brandão e a atriz Alcimar Vólia, ambos do Grupo de Cultura Teatral. Em 1972, além

de mil e uma atividades novas para a equipe, como a organização de festival e estreia de outros espetáculos, prometeu-se uma turnê a Arcoverde, Petrolina e Juazeiro com *Rua do Lixo, 24*, mas desconfio que quem cumpriu a proposta foi a nova versão da peça *Feira de Caruaru*. Toda a renda foi voltada para a Casa do Estudante de Caruaru, que estava em construção naquele município.

REPAGINADA, *RUA DO LIXO, 24* GANHOU 2ª VERSÃO EM 1976 E FINALMENTE FOI VISTA NO RECIFE

Agora com o GCT rebatizado de Grupo Feira de Teatro Popular – talvez como estratégia para poder participar com nova montagem no Projeto Mambembão, iniciativa que o Governo Federal tomou para fazer circular espetáculos de Norte a Sul do país por capitais do Sudeste e Centro-Oeste do Brasil –, em 1976 Vital Santos realizou uma 2ª encenação do seu texto *Rua do Lixo, 24*, agora bem mais profissionalizada e com ele à frente da direção, do cenário, figurino e iluminação. Alcimar Vólia, sua esposa, além de conceber a maquiagem, foi a única atriz que continuou no elenco, no mesmo papel de Dorinha. Os novos intérpretes foram: Isa Fernandes (como Dona Lola), Gilberto Brito (seu filho Ernesto, personagem que despertaria desconfianças políticas pela atitude “comunista” de defecar bastante, tendo o mesmo nome do então presidente militar do Brasil, Ernesto Geisel, que esteve no poder de 1974 a 1979. Detalhe: a peça foi concebida bem antes, em 1969), Israel Pinheiro (Seu Generino), Aguinaldo Melo (Expedito), Wellington Ramos/Branco (Policial 1) e Pinheiro Júnior (Policial 2).

Os músicos que os acompanhavam eram Suitberto Cavalcanti (violão de 12 cordas e diretor musical), Marconi Edson (viola) e Ciron Lopes (percussão). Pedro Aarão, além de contrarregista e relações públicas do grupo, ficou responsável pelas máscaras, e Gilberto Brito cuidou da pintura do cenário e letreiros. Ainda que meio atropelada, a montagem substituiu às pressas outra peça que Vital havia lançado naquele ano de 1976, *Solte o Boi na Rua*, ainda pelo GCT. Na época, ele havia acabado de aceitar a direção da Casa de Cultura José Condé, a convite do então prefeito João Lyra Filho no lugar da pintora Luisa Maciel, que pedira renúncia do cargo. Assim, meio que de última hora, quem veio participar da I Mostra de Teatro Amador de Pernambuco, promovida pela recém-fundada Federação do Teatro

Amador de Pernambuco (Fetape na época), no período de 17 a 31 de agosto de 1976, no palco do Teatro de Santa Isabel, foi *Rua do Lixo, 24*, com o novo elenco, mas ainda convidando Jandira Siqueira para reviver a Dona Lola (a atriz já morava no Recife há anos).

Quinze grupos do Recife, Olinda, Caruaru, Cabo de Santo Agostinho e Barreiros estavam na programação, entre eles, o Teatro Experimental de Arte - TEA, com a peça *O Testamento*, texto e direção de Argemiro Pascoal; e o Teatro Paschoal Carlos Magno, também de Caruaru, com *O Beato e o Ateu*, de Suitberto Cavalcanti. Os ingressos populares custavam dez cruzeiros. A peça dirigida por Vital Santos foi vista na capital pernambucana na noite de 26 de agosto de 1976, mas apesar de toda a expectativa pelos prêmios já ganhos anteriormente, não repercutiu tanto como se esperava, mesmo com o jornal *Vanguarda*, em Caruaru, destacando na sua capa que a peça tinha sido “a mais aplaudida durante a realização da I Mostra de Teatro Amador de Pernambuco, no Teatro de Santa Isabel” (VITAL..., *Vanguarda*, 5 set. 1976, p. 1).

Somente o jornalista Valdi Coutinho, do *Diário de Pernambuco*, realmente encantado com o que viu, primeiramente apontou que entre os grupos do interior do Estado havia uma exceção: o trabalho de Vital Santos em *Rua do Lixo, 24*, que ele considerou “um dos melhores espetáculos entre os 15 que foram apresentados na I Mostra de Teatro Amador de Pernambuco, de categoria nacional, se considerarmos a proposta de sua encenação” (COUTINHO, *Diário de Pernambuco*, 2 set. 1976, p. B-5). Na edição seguinte, pôde discorrer mais sobre a obra apresentada, garantindo que era o espetáculo que mais se afinava com a realidade sociocultural do país naquele momento, podendo ser compreendido e apreciado pelos mais diferentes públicos:

Utilizando-se de recursos simples, com uma linguagem (texto) fácil, de elementos ricos em interpretação, música, marcação, ambiente e clima, o trabalho de Vital Santos veio demonstrar que para se fazer uma proposição nova (não quero dizer diferente de tudo que se fez, vale frisar) no teatro não é necessário desprezar os tradicionais recursos de montagem cênica, nem tampouco cair no excesso do modernoso ou vanguardista (a vanguarda já era), nem inventar, nem tão pouco ir do primário ao futurólogo anti-teatro. Acho que o seu espetáculo será capaz de comunicar tanto para o homem simples, do povo, quanto para o mais exigente crítico

teatral, capaz de assumir melhor uma linguagem condizente com a nossa realidade sociocultural pela universalidade de sua força e pelo ecletismo comunicante e envolvente de sua proposição criativa. (COUTINHO, *Diario de Pernambuco*, 3 set. 1976, p. B-5)

Talvez por essa boa receptividade, Vital, em outubro daquele ano, até participaria com a mesma montagem do I Encontro de Teatro de Autores Pernambucanos, no Nosso Teatro (1º nome do Teatro Valdemar de Oliveira), organizado pelo Departamento de Cultura da Secretaria de Educação do Estado, mas mesmo com pauta confirmada para o dia 16 de outubro de 1976 não apareceu com sua turma, nem deu qualquer justificativa. Claro que foi devidamente repreendido pela imprensa teatral. Independente da ranhura que causara com a classe teatral e os jornalistas da capital, meses após aquela exibição de *Rua do Lixo*, 24, Valdi Coutinho, novamente, reforçou o seu primeiro comentário:

Gosto do trabalho que é feito por Vital Santos e seu Grupo de Cultura Teatral. Não somente pelo rendimento que apresenta no aspecto criativo, propriamente dito, como também pelo espírito de trabalho, que visa a integração da cultura teatral em Pernambuco. Sua linguagem cênica tem valores universais que atingem o homem total, seja lá que tipo de condicionamento cultural o envolva. Por isso, possuindo elementos plásticos e soluções cênicas bonitas, embora simples, a proposta do seu trabalho vai de encontro às mais diversificadas plateias, tanto as exigentes, intelectualmente falando, como as primárias, em termos de vivência e informação teatral. (COUTINHO, *Diario de Pernambuco*, 20 out. 1976, p. B-5)

Assoberbado de compromissos pela direção da Casa de Cultura José Condé, Vital Santos teve que arrefecer, inevitavelmente, suas práticas teatrais, mas passou pouco tempo naquele cargo, pois aceitou convite para dirigir a Cia. Ribalta de Teatro, em Curitiba/PR, na sua peça *A Árvore dos Mamulengos* (mais detalhes à frente, no capítulo dedicado à obra). Sobre a sua gestão em cargo político, destaco apenas um comentário do jornalista Carlos Toscano, desde o início entusiasmado por ter sido o dramaturgo caruaruense o indicado àquela função:



Rua do Lixo, 24 (1976), em sua 2ª versão, pelo Grupo Feira de Teatro Popular
 Texto e direção: Vital Santos
 Fotos: Pissica / Acervo Vital Santos

O teatrólogo Vital Santos, diretor da Casa de Cultura José Condé, encontrou o caminho certo para levar cultura ao nosso povo. Para os que não vão ao importante centro cultural e artístico, Vital está levando a mensagem da arte e da cultura. Na zona rural e nos bairros, em clubes de serviços e entidades, colégios e além fronteiras, serão e já estão sendo projetados filmes, promovidas exposições e realizadas reuniões de estudos e debates. Um grande programa que está a merecer o incentivo da comunidade, como está recebendo o apoio do prefeito João Lyra Filho. (TOSCANO, *Vanguarda*, 17 out. 1976, p. 8)

Pouco depois, já afastado da administração pública e somente após o seu retorno como diretor vitorioso na capital paranaense, o autor e diretor pôde se dedicar com mais afinco ao projeto de retomada de *Rua do Lixo*, 24, “na luta por um teatro popular” (“RUA...”, *Vanguarda*, 28 dez. 1977, p. 5), conquistando, inclusive, sua projeção nacional com bem mais força do que na primeira versão. Não posso garantir se é verdade, mas surgiu até notícia de que a peça ganharia adaptação para o cinema em dezembro de 1976 feita pelo próprio Vital e dirigida pelo universitário Paulo Brito. No entanto, nunca achei tal material. No dia 13 de dezembro de 1976, em sessão especial no auditório da FAFICA - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Caruaru, a montagem pôde ser vista pelo pernambucano Aldomar Conrado, autor, tradutor e professor que estava selecionando os seis espetáculos de todos os cantos do país que participariam da mais recente edição do Projeto Mambembão, promovido pelo Ministério da Educação e Cultura e Serviço Nacional de Teatro.

Havia ainda a possibilidade de um deles ser o representante brasileiro no Festival de Teatro de Nancy, na França, em abril de 1978, promessa nunca cumprida pelo Governo Federal. No entanto, para termos ideia do descuido de parte da imprensa, teve até matéria absurdamente já assegurando no título “‘Rua do Lixo’ vai à França” (“RUA...”, *Vanguarda*, 13 dez. 1977, p. 3). Caindo nas graças do avaliador do Projeto Mambembão, *Rua do Lixo*, 24, a partir do dia 21 de dezembro de 1976, iniciou uma circulação especial pelo Nordeste, chegando às cidades de Belo Jardim, São Caetano, João Pessoa, Campina Grande, Patos, Lagoa Grande, Cabedelo, Natal, Mossoró, Ceará-Mirim, Fortaleza, Sobral, Piripiri, Teresina, Florianópolis, Picos, Campo Maior, Petrolina, Santa Maria da Boa Vista, Cabrobó, Floresta, Belém do São Francisco,

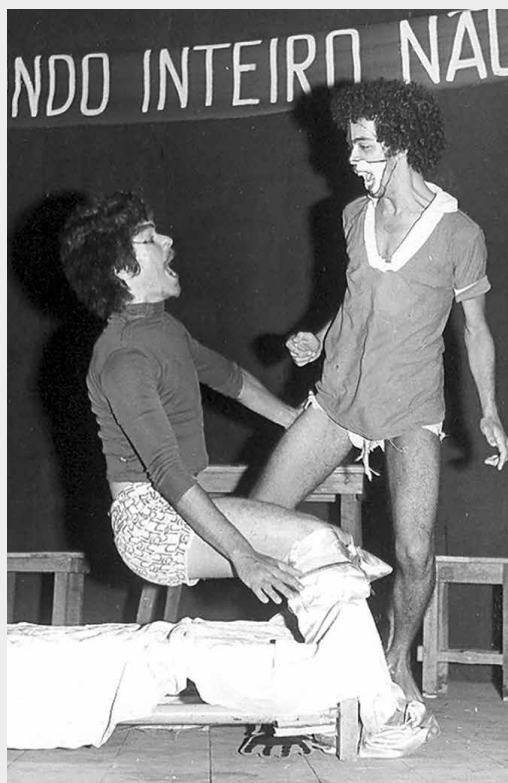
Tacaratu, Custódia, Serra Talhada, São Bento do Una e Recife, nesta última cumprindo temporada de 27 a 29 de janeiro de 1978, no Teatro do Cecosne.

Em resumo, seriam mais de 30 apresentações por cinco estados nordestinos. Isso para começo de conversa, pois no ano de 1978 foi a vez de seguir para o Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília. Dos doze selecionados ao final, outra atração pernambucana também viajou, *Festança no Reino da Mata Verde*, do Mamulengo Só-Riso, de Olinda, chegando ainda ao município fluminense de Niterói. Mas antes de dissecarmos a resposta crítica que a peça do nosso homenageado recebeu na sua circulação pelo centro do país, aponto um detalhe que o exultante crítico Valdi Coutinho fez questão de destacar quando *Rua do Lixo, 24* finalmente voltou a ser vista no Recife, dentro dessa primeira etapa do Projeto Mambembão. Ele lembrou uma referência que a crítica Luiza Barreto Leite, presente na comissão julgadora do VI Festival Nacional de Teatro de Estudantes, em 1971, fez no seu livro *Teatro e Criatividade*, publicado pelo SNT em 1975.

Depois de garantir que Vital Santos e sua obra já eram bastante conhecidos e admirados em quase todo o Brasil, embora os profissionais ainda não tivessem aproveitado suas peças como seria aconselhável, ela acreditava que “*Rua do Lixo, 24* estaria talhada a um sucesso talvez maior do que *Navalha na Carne*, de Plínio Marcos, pois trata o problema por um ângulo diferente e mais crítico” (*Apud* COUTINHO, *Diário de Pernambuco*, 27 jan. 1978, p. B-5). A correlação entre as duas peças de temáticas espinhosas me fez lembrar que estávamos em plena Ditadura Civil-Militar e já que o teatro era vigiado ao extremo naqueles tempos, vale destacar que o texto de Vital Santos, ao passar pelo crivo do Serviço de Censura de Diversões Públicas no Rio de Janeiro, teve algumas de suas palavras devidamente expurgadas. Ou, do contrário, a peça não poderia ser apresentada ao público.

De acordo com o certificado de nº 3.121/72, válido de 13 de novembro de 1972 a 27 de julho de 1977 e assinado pelo diretor da DCDP - Divisão de Censura de Diversões Públicas, Rogério Nunes, houve cortes nas páginas 3, 6 e 8, proibindo as palavras “cagar” (2 vezes), “merda” (2 vezes) e “rabo” (uma vez), tudo ainda condicionado ao exame do ensaio geral por um censor para verificar *in loco* se os trechos haviam sido excluídos da encenação (Cf. RUA..., Ministério da Justiça/Arquivo Nacional, 26 fls.). Voltando a mais um dos espaços de visibilidade que o jornalista Valdi Coutinho deu ao trabalho de Vital, além dele lembrar que *Rua do Lixo, 24* era um dos mais belos

Rua do Lixo, 24 (1976), em sua 2ª versão, pelo Grupo Feira de Teatro Popular
Texto e direção: Vital Santos
Foto: Pissica / Acervo Vital Santos



e fortes trabalhos da dramaturgia nordestina, por resultar num espetáculo “cuja força está enraizada na terra e cuja inspiração são as mais autênticas e ricas manifestações do teatro popular nordestino” (COUTINHO, *Diário de Pernambuco*, 29 jan. 1978, p. 1), o jornalista perguntou àquele autor e diretor o que tinha sido a experiência de frequentar outras praças teatrais pelo país. Vital, sem a falsa modéstia que lhe era peculiar, afirmou:

A coisa mais importante para mim nisso tudo foi a experiência e a certeza, com toda a consciência, que a gente faz o melhor teatro do Brasil aqui. A gente tem um conteúdo, uma coisa para contar. Ficou provado que o Sul tem todo um *know-how* de concentração de pessoas, de vivência de grupo, e acima de tudo uma segurança financeira que mantém um padrão. Mas falta a eles uma coisa que é uma originalidade da palavra, uma ação que o próprio teatro brasileiro exige, uma linguagem própria que eles não têm. Uma comparação na realidade de autores: nós temos uma história para contar, nós temos em excesso. (Apud COUTINHO, *Diário de Pernambuco*, 29 jan. 1978, p. 1)

Não podemos dizer que, pelo seu depoimento, Vital enfrentava qualquer baixa autoestima. Pelo contrário.

A CRÍTICA DISSECANDO *RUA DO LIXO, 24*

Na divulgação da obra durante o Projeto Mambembão, várias matérias na imprensa citaram que *Rua do Lixo, 24* já havia sido “montada, e também elogiada, na França e em Portugal” (UMA IRREVERÊNCIA..., *O Estado de S. Paulo*, 28 fev. 1978, s. p.). No entanto, nenhuma delas apontou por qual grupo ou diretor ou mesmo algum crítico do estrangeiro que tenha lhe feito elogios, me fazendo crer que aquilo foi puro *marketing*. Também não há qualquer documento nos acervos visitados, inclusive do próprio Vital Santos, que garanta a montagem de algum de seus textos em outro país, apesar das várias referências que ele fez a isso. Se foi invenção ou não, infelizmente permaneceremos na dúvida, mas, por outro lado, não lhe faltaram elogios e também puxões de orelha pelos críticos nacionais. É importante destacar que o Projeto Mambembão, por ter ótimo acesso às redações de jornal, garantiu bons espaços de mídia e o *release* de divulgação compartilhado à época já colocava Vital e sua obra em altíssimo nível de expectativa.

Como exemplo, destaco uma matéria não assinada que saiu no conceituado jornal *O Estado de S. Paulo*, garantindo que, além do nosso autor teatral já ser plenamente conhecido da crítica brasileira que lhe dera 11 prêmios estaduais e 10 nacionais só por uma de suas peças, *Rua do Lixo, 24*, o seu trabalho merecia mesmo a atenção de todos os interessados em teatro:

Considerado irreverente, criativo, sério, o espetáculo de Vital Santos é baseado nas raízes populares da cultura. “Sem folclorismos inúteis”, segundo a crítica, que o define ainda como poético, irônico, inteligente. Comentários favoráveis [foram feitos] à peça e a Vital Santos, que recebeu seu maior elogio de Willy Keller, ex-assistente de Bertolt Brecht: “Não há dúvida de que estamos diante de um dos maiores autores brasileiros de todos os tempos”. Com apenas 28 anos [ele já tinha 32 anos], Vital Santos está ligado ao teatro há 12. Nordestino, conta que

cresceu pobre, interessou-se pela poesia no estilo cordel influenciado pelos violeiros e cantigas de cegos da feira de Caruaru, onde passou a infância. (UMA IRREVERÊNCIA..., *O Estado de S. Paulo*, 28 fev. 1978, s. p.)

Reproduzindo a mesma informação não confirmada de que *Rua do Lixo, 24* já havia sido montada em Portugal e na França, a matéria laudatória abriu espaço para Vital comentar sobre a presença do seu repertório em outras praças teatrais:

Depois dessa experiência, Vital disse que passou a perceber “que minhas peças não eram obrigatoriamente nordestinas, mas têm conotações universais de opressão, fome e miséria. Faço um teatro político e vivo dentro de uma área de uma inversão total de valores, onde dois lados predominam: o opressor e o oprimido. Não é só a natureza que castra o nordestino. O próprio homem participa do massacre”. (UMA IRREVERÊNCIA..., *O Estado de S. Paulo*, 28 fev. 1978, s. p.)

Contando com trechos de canções já bastante conhecidas do público, que pontuavam toda a trama desenvolvida por Vital Santos, a peça pretendia ser, para além do seu aspecto de denúncia social, um alerta à midiaticização excessiva do chamado “lixo cultural”. Gerando certo burburinho, *Rua do Lixo, 24* atendeu em parte às expectativas, recebendo muitos elogios, mas também causando certa frustração em alguns dos críticos mais exigentes. No Rio de Janeiro, pelo menos três deles expuseram suas opiniões sobre a montagem caruaruense, vista de 14 a 19 de fevereiro de 1978, no Teatro Cacilda Becker. Sérgio Santeiro, como repórter interino do jornal *O Globo*, considerou que *Rua do Lixo, 24* era uma encenação bem estruturada e urdida, sem nada de regionalista no sentido de curiosa ou exótica, sendo mais um exemplo de engenhosidade nos seus recursos cênicos.

Impressionou-lhe a armação que corria por trás da comicidade solta, preparando o drama final, bem imprevisto, quase uma tragédia, se não fosse o perfil de teatro divertimento. O principal trunfo do espetáculo, na sua opinião, era a proximidade criada entre palco e plateia, com o público seguindo “um fio de história de cordel, as peripécias indo do terrível ao burlesco, pontuadas por um recurso humorístico dos mais imediatos”. Ao

seu ver, os versos das canções utilizadas, tão reconhecidos (*Ai, Que Saudades da Amélia!*, de Mário Lago e Ataulfo Alves, era um dos exemplos), aproximavam a plateia da cena.

Trabalhando as formas populares, a meu ver, mais nos recursos de uma encenação transparente que nos temas e problemas trazidos (estes, um painel de nossa vida desastrosa, com o medo e a violência guiando o acaso), o Grupo Feira de Teatro Popular consegue, no mínimo, o que pretendia: agrada e diverte o público, como comprovam os calorosos aplausos ao fim do ato; e não se priva de refletir a vida em sua volta [...]. (SANTEIRO, *O Globo*, 16 fev. 1978, s. p.)

Na plástica do espetáculo, Sérgio Santeiro também viu algo de expressionista nos figurinos e cenários, cogitando ser uma influência benéfica da peça do Teatro Oficina, *O Rei da Vela*, dirigida por José Celso Martinez Corrêa, por este ter sabido aproveitar o mambembe do circo no palco do teatro brasileiro, abrindo uma porta de comunicação das mais férteis. Por fim, garantiu que o sucesso do espetáculo *Rua do Lixo*, 24 dependia bastante do empenho e do vigor dos atores, sem destacar nenhum, mas achando todos muito bem. Macksen Luiz, do *Jornal do Brasil*, com sua exigência quase sempre extrema, focou a apreciação do trabalho de Vital Santos como exemplo maior no conjunto de espetáculos selecionados pelo Projeto Mambembão exibidos até ali, a maioria demonstrando uma necessidade de se expressar para além dos limites bem comportados do teatro comercial e profundamente inquietos do ponto de vista das ideias, mas também despreparados para ordená-las tecnicamente no texto e no espetáculo. Vital padecia disso na sua obra:

Vital Santos, ao narrar o cotidiano quase miserável de uma família nordestina, consegue adensar o clima de tragédia social, dosando-o com música irônica e humor cáustico. Mas se a força do quadro exposto se mantém clara para o espectador, o mesmo não acontece com o desenvolvimento dramático da ação. A estrutura e a história, por serem extremamente simplificadas, exigiriam uma maior segurança do autor para manipular dados tão pouco complexos. O coro de um lado, contrapondo musicalmente a ação, a família de outro, expondo a trama, se interligam em torno de

um espetáculo (também dirigido por Vital Santos) popular e circense. A mística popular vendida através dos meios de comunicação é utilizada como linguagem, a partir da qual o diretor construiu a sua montagem. Nas músicas, nos figurinos (as atrizes vestem roupas com retratos dos ídolos de sua devoção) e no próprio cenário há sinais da massificação popular, sem que nada seja levado às últimas consequências. As faixas colocadas no teatro com frases irônicas também não são exploradas pelo espetáculo, denunciando a fragilidade de seu desenho. (LUIZ, *Jornal do Brasil*, 17 fev. 1978, p. 4)

O crítico até lembrou que *Rua do Lixo, 24* era um dos primeiros textos escritos por Vital, e uma de suas primeiras encenações (a primogênita, na verdade) e constatou, por fim, que havia uma evolução no seu *metier*, já conferida por ele e pelo público carioca desde o ano anterior, quando a Cia. Ribalta de Teatro, de Curitiba, pôde apresentar *A Árvore dos Mamulengos*, com texto e direção suas. Macksen Luiz, então, concluiu que eram evidentes em Vital Santos as qualidades de um criador amadurecido pelo contato com as manifestações populares de cultura, sendo *Rua do Lixo, 24* “o testemunho no tempo de uma coerência de trabalho e de uma posição diante do teatro” (LUIZ, *Jornal do Brasil*, 17 fev. 1978, p. 4).

A MAIS INCISIVA AVALIAÇÃO

De todas as três críticas que consegui mapear na capital carioca, a mais densa, profunda e terrível foi a do também dramaturgo Armindo Blanco, escrita para o jornal *A Notícia*, cujo título, “De Caruaru, réquiem por um povo defunto”, já demonstrou o impacto que a peça lhe causou. Mas no sentido negativo, pois ele começou o seu cirúrgico artigo confessando a decepção que sofreu ao ver aquele espetáculo tão premiado em diversos festivais de teatro amador pelo Brasil. A abertura da sua resenha nada favorável deve ter batido forte na vaidade do nosso homenageado:

Talvez esta (relativa) frustração seja fruto dos elogios deliberadamente entusiásticos que Vital Santos tem alcançado à escala federal. Já houve até quem o considerasse gênio. Na



Rua do Lixo, 24 (1976), em
sua 2ª versão, pelo Grupo
Feira de Teatro Popular
Texto e direção: Vital Santos
Foto: Pissica / Acervo
Vital Santos

atual conjuntura, nada propícia ao desenvolvimento das personagens criativas, é difícil manter o necessário equilíbrio: no caso de Vital, porém, é evidente que se foi longe demais. E a primeira vítima pode ser ele próprio, um honrado artesão em cujas mãos alguns afobados já pretendem colocar um centro que elas ainda não merecem, nem teriam como suportar. (BLANCO, *A Notícia*, 18 fev. 1978, p. 3)

Após bagunçar com o ego do autor, o crítico afirmou que não enquadrava *Rua do Lixo, 24* no protótipo de teatro regional, ou regionalista, pois não tinha nada a ver com o teatro de Ariano Suassuna, por exemplo, acusando mais a influência de *O Rei da Vela*, que José Celso Martinez Corrêa dirigiu – mesma lembrança que fez o seu colega do jornal *O Globo*. Para Armindo Blanco, sem apresentar uma cultura específica local, era aí que nascia a primeira contradição do espetáculo do Grupo Feira de Teatro Popular, cujo conteúdo tinha características do velho dramalhão interiorano, mambembe, mas a forma era urbana, no

sentido em que refletia padrões sofisticados de abordagem (nas máscaras e nas músicas já conhecidas como contrapontos, pois cada situação era comentada com as canções interpretadas pelo pequeno conjunto musical instalado à margem do palco). Alertou ele então:

Confronta-se, assim, a miséria social com o lixo cultural. Mas o espetáculo se fracciona, perde fluência e se torna excessivamente óbvio. O público não tem como fazer suas próprias contas: as canções *explicam* tudo, não deixam uma nesga por onde possa infiltrar-se a reflexão participante. Somos conduzidos de uma ponta a outra por essa bandinha improvisada em coro grego que, ao invés de questionar ou indagar, nos *traduz* o caráter irrisório, medíocre das personagens, a mesquinhez das aspirações. O autor tem lá a sua visão das coisas e a apresenta como irretocável. [...]. Além disso, o espetáculo é curto e não só no fôlego das ideias [...]. (BLANCO, *A Notícia*, 18 fev. 1978, p. 3)

Entretanto, os atores até davam o recado com desinibição, mas também com a secura de profissionais já curtidos. “Parece faltar-lhes o aguilhão da dúvida, a incerteza no triunfo, a vitalidade dos que ainda estão tateando, procurando e experimentando rumos. Sem a faixa musical, o espetáculo seria um réquiem. Um réquiem frio por um defunto chamado povo”, desbancou o trabalho por completo na sua relação com a plateia. Para piorar, as personagens, para ele, se mostravam apenas como arquétipos de um quadro real, mas estreito:

Através do comentário musical, o autor afirma que eles são o produto dos modernos meios de comunicação que embrutece e imobilizam. Mas o que nos mostra é a imagem de um povo sem horizontes, a que restam três vias: o conformismo místico (a mãe); o escapismo onírico (Dorinha, sonhando com roupas caras e o amor romântico); a violência gratuita, machista (Ernesto). Ora, *Rua do Lixo*, 24 pretende ser teatro popular, teatro para o povo. [...] E que recado transmite a estes? A bem dizer, nenhum (o retrato de Ney Latorraca, em forma de coração, colocado na porta de uma latrina doméstica, não desmistifica os ídolos com pés de barro, nem atinge

a verdadeira estrutura do sistema). Parece que as coisas são assim e nada há a fazer para mudá-las. (BLANCO, *A Notícia*, 18 fev. 1978, p. 3)

E o que prometia ser instigante para desvendar o cerne das injustiças, na sua opinião, se tornava apenas simples verificação, uma crônica de ocorrências miúdas a que o desenlace trágico não bastava para dar-lhe a grandeza esperada. O resultado? Pura decepção para aquele pensador teatral:

Se o autor acha que o povo é isso, padece de miopia, para não dizer outra coisa. Confunde a árvore raquítica com a floresta ou, pior ainda, tranquiliza involuntariamente a classe dirigente com a ideia implícita de que não há nada a temer, que essa gentinha se contenta com imagens pias, revistinhas emolientes, uns cigarrinhos de maconha; e que, enquanto houver Tarcísio [Meira] e Waldick Soriano, as convulsões não ultrapassarão as fronteiras do gueto, e a revolta se esgotará no meramente passional, na explosão ciumenta dos pobres de espírito que ainda acreditam em virgindade feminina e têm raiva de *Tico-Tico no Fubá*. (BLANCO, *A Notícia*, 18 fev. 1978, p. 3)

Ainda assim o crítico do jornal carioca *A Notícia* deu uma cotação de três estrelas (como “interessante”) à *Rua do Lixo*, 24. Como Vital deve ter reagido a tão denso comentário? Na sequência, a peça seguiu em turnê para cumprir temporada de 21 a 26 de fevereiro de 1978 no Teatro Escola Parque, na capital federal do país, onde também recebeu reprimendas por um crítico não identificado do *Jornal de Brasília*. Alertando que aquele musical vinha despertando polêmicas sobre a realidade do teatro brasileiro, não só pelo sufocamento das montagens luxuosas de autores estrangeiros, mas também pela linguagem excessivamente metaforizada e irreal, imposta como fuga à Censura, a produção do Grupo Feira de Teatro Popular até apresentava um saldo positivo ao final, mas sua textura merecia ser questionada por uma crítica que buscasse o esclarecimento e não apenas o “esculacho”:

Como texto – mas teatro não é só isso – *Rua do Lixo*, 24 é uma peça medíocre, palavrosa, com uma linguagem frouxa, onde

alguns palavrões estrategicamente bem encaixados reanimam o espectador a cada frase. Mas o sentido criador (e não meramente reproduzidor) da linguagem, seu papel de encaminhar a ação e esclarecê-la, raramente chega a ser atingido, permanecendo apenas supérfluo, redundante, ilustrativa do óbvio cênico [...]. Na verdade, e apesar de sua estrutura de “café-concerto”, *Rua do Lixo, 24* não consegue atingir uma organicidade de espetáculo e os quadros não se articulam numa totalidade. Por isso mesmo, a contundência, o conflito ou a chacota poucas vezes se sustentam durante a peça. (ÚLTIMA..., *Jornal de Brasília*, 25 fev. 1978, p. 21)

No entanto, o anônimo crítico reconheceu que havia momentos excelentes em que um distanciamento bem empregado conseguia tirar o espectador do espaço e da linguagem teatrais colonizados. Mas, também contribuindo para a não-organicidade da obra, os melhores trechos eram aqueles em que a encenação mais se aproximava do teatro convencional, com o dramático sendo atingido, “mas sem ‘dramatismos’ ou excessos de meios”. Ao seu ver, *Rua do Lixo, 24* só começava a melhorar no final, quando as palavras se tornavam menos redundantes e o conflito despontava, já sem a cobertura do riso, do grotesco ou da caricatura:

A música – que durante todo o espetáculo funcionava como uma espécie de coro grego comentando a ação – assume uma postura mais pessoal e o final traz uma criatividade própria dos espetáculos circenses ou de “rebolado” de algumas décadas atrás, e apropriada em sua envolvimento e simplicidade a um teatro que procura se libertar e se encontrar na temática, nos gestos, na linguagem e na montagem. (ÚLTIMA..., *Jornal de Brasília*, 25 fev. 1978, p. 21)

Uma detalhe é certo: *Rua do Lixo, 24* não passou incólume e mexeu com as entranhas de todos os seus avaliadores, excessivos ou não na dureza dos seus pareceres. Ponto positivo para Vital Santos, que realmente estava ali para incomodar, chamar a atenção. Em São Paulo, na última etapa do Projeto Mambembão, sendo apreciada de 28 de fevereiro a 5 de março de 1978, sua peça foi melhor recebida, ainda que algumas reservas tenham sido proferidas pelos críticos Jefferson Del Rios e Sábado Magaldi, dois grandes

nomes da crítica teatral brasileira. O primeiro, ao afirmar que aquele era um espetáculo sobre os pobres e seus apertos, numa criação inteiramente fora dos padrões habituais do teatro comercial, remeteu-se ao próprio nome do grupo que a trazia à capital paulistana, em cartaz no Teatro Eugênio Kusnet (ex-Teatro de Arena):

O pessoal de Caruaru tem uma proposta artística extremamente despojada porque não quer e não pode negar o “popular de feira” do seu nome, a arte para ser comunicada diretamente a públicos da região nordestina, em condições nem sempre favoráveis. Um teatro que precisa conquistar pela emoção, graça, musicalidade e cores para assim passar suas intenções críticas. (DEL RIOS, *Folha de São Paulo*, 2 mar. 1978, p. 39)

Segundo o que pôde ver, Jefferson Del Rios acreditou que as necessidades materiais e mesmo o desejo de apostar no simples devolveram o grupo às próprias origens do teatro: às feiras e festas populares, ao circo, à *commedia dell'arte* italiana, tudo presente na encenação de Vital Santos, que dirigia em Caruaru “um dos grupos mais expressivos do teatro popular possível no Brasil”, lembrou o jornalista. Detalhe: ele já havia visto a equipe em outros trabalhos. No entanto, as grandes qualidades, e alguns defeitos daquela turma, se revelavam naquela montagem atual:

O espetáculo é, como representação, bonito, engraçado e tem nítidas intenções críticas. Vital é um diretor amadurecido que sabe encontrar as melhores soluções para textos com cenas soltas, ações paralelas e trechos cantados ou declamados. Disciplina todos os elementos no mesmo ritmo teatral dinâmico. Talvez a melhor afinidade do seu trabalho seja com a engenhosidade circense. Tudo que o circo tem de improvisado, saltitante e, simultaneamente, um tanto melancólico encontra-se no grupo de Caruaru, neste e em outros espetáculos, como *A Árvore dos Mamulengos*. Nota-se também que houve na equipe uma sensível melhoria nas interpretações, o que confere maior eficácia ao trabalho. (DEL RIOS, *Folha de São Paulo*, 2 mar. 1978, p. 39)



Rua do Lixo, 24 - *Le Grand Cirque de la Vie* (2004),
 pela Companhia Feira de Teatro Popular
 Texto e direção: Vital Santos
 Fotos: Hans von Manteuffel

Mas então quais seriam os problemas identificados? Na opinião do crítico paulista era a diferença entre espetáculo, de nível profissional, e o texto não bem resolvido. Afinal, o mesmo percebeu que Vital Santos estava num protesto repetitivo. Seus personagens reclamavam discursivamente sem parar, mas os clássicos conflitos de opressões e miséria não eram apresentados de forma mais original, do ponto de vista literário, como texto contundente, nem conclusivo, no seu aspecto social. Se só recebia elogios calorosos noutros lugares, era preciso rever mais criticamente o trabalho que vinha desenvolvendo:

É possível que o público específico do grupo aceite sem restrições a obra, mas a assimilação local não desobriga Vital Santos de exigir mais do seu talento. *Rua do Lixo, 24* traz um excesso de lugares comuns e termina abruptamente sem que nada fique esclarecido. O autor pode concluir o trabalho sem mensagens específicas, mas é preciso dar um fecho convincente ao texto. Felizmente, o brilho do espetáculo dilui razoavelmente estas falhas. O que atrai é a espontaneidade do elenco, o humor das situações, o colorido das máscaras e a ironia musical. É um entreato que nasce de um grande entusiasmo pelo trabalho realizado. A juventude e o anticomercialismo, a vontade de agradar e discutir dramas brasileiros são as armas generosas da turma de Caruaru. (DEL RIOS, *Folha de São Paulo*, 2 mar. 1978, p. 39)

O veterano Sábato Magaldi também percebeu o espetáculo com ressalvas, mas começou sua resenha por lembrar que o admirável trabalho desenvolvido por Vital Santos no Nordeste o credenciava como um dos mais importantes realizadores do teatro brasileiro, especialmente pela versão que apresentou com *A Árvore dos Mamulengos*, junto à Cia. Ribalta de Teatro. Entretanto, *Rua do Lixo, 24* já não tinha o mesmo nível de elaboração, sendo mais “tosca”, valendo-se de recursos primitivos, sem que o autor tenha se preocupado em desenvolvê-los melhor:

Com alguma severidade, eu diria que se trata ainda de um roteiro, a partir do qual Vital Santos deveria escrever a peça. Todas as intenções podem ser captadas, mas falta ainda o tratamento que define a presença da arte consumada. A cada

momento, a ação é interrompida para que tenha lugar o comentário musical, sempre com base em composições populares com as quais estão familiarizados os ouvidos. Seria essa uma derivação do estranhamento brechtiano, cabendo assinalar que os trechos sonoros são sempre bem escolhidos e provocam o riso. O uso constante do recurso, porém, além de cansativo, acaba por emperrar o desenvolvimento espontâneo da trama, que a certa altura ganharia em dispensar essa muleta. (MAGALDI, *O Estado de S. Paulo*, 4 mar. 1978, s. p.)

Além de destacar que o cenário era composto apenas por elementos essenciais e que os figurinos se mostravam mais enriquecidos pela sugestiva maquiagem, Sábato Magaldi notou que havia detalhes apenas sugeridos no conjunto da obra, mas ainda assim Vital Santos conseguia tocar em problemas da atualidade social. Como pano de fundo, a miséria nordestina, fonte desagregadora da família e da tranquilidade de todas as personagens:

É a falta de dinheiro para as exigências elementares que leva a jovem e a mãe a admitirem a presença do homem rico em sua casa, à noite, provocando a revolta do irmão e filho e o consequente crime, com erro de pessoa. Sem perspectivas, o jovem fica deitado o dia inteiro, à mercê de um marginal e da polícia, cujos signos identificadores lhe dão cunho de implacabilidade. Pena que o autor não tenha trabalhado mais seriamente seu material, que às vezes parece jogado em cena até de forma gratuita. Em compensação, o elenco se dá bem com o estilo de Vital Santos, movimentando-se e cantando com grande desenvoltura, além de se soltar com vigorosa teatralidade. Todos atuam com muita vitalidade, assinalando-se o brilho de Israel Pinheiro no papel do conquistador rico. (MAGALDI, *O Estado de S. Paulo*, 4 mar. 1978, s. p.)

E *Rua do Lixo*, 24 voltou assim para Caruaru, com um arsenal de críticas boas e más, esperando novas possibilidades de apresentação. No entanto, com aquele elenco não mais. Outros pelo país passaram a levar a criação de Vital Santos aos palcos. Foi o caso, por exemplo, do Grupo G-3 Produções Artísticas, do Rio de Janeiro, que montou adaptação musical da peça, transformando-a na revista *Onde Você Enfiou Essa Sombrinha, Meu Amor?*, com direção de Marcos Borges e trilha sonora original. A encena-

ção cumpriu curtas temporadas no Teatro Leopoldo Fróes, em Niterói/RJ, e no Teatro Armando Gonzaga, na capital carioca, em 1978, mas recebeu reprimendas. Já na cidade de Rio Branco, no Acre, *Rua do Lixo, 24* foi montada pelo Teatro Popular do SESC, em julho de 1981, no Teatro de Arena do SESC. Os atores Dinho Gonçalves (também na direção) e José Antônio Alves (ainda na administração, sendo ele pernambucano) estiveram à frente do projeto.

Também encontrei pistas de outra encenação possível em Campina Grande, pelo Grupo Cacilda Becker, mas sem confirmação da estreia. No município de Timbaúba, interior de Pernambuco, o Grupo de Teatro Recreios Benjamin - GTERB, dirigido por Dierson Leal, em 1984, levou à cena *Rua do Lixo, 24*, e chegou a encerrar a programação do IV Festival de Teatro Estudantil e Amador do Agreste - FETEAG, em Caruaru, no Teatro João Lyra Filho, em novembro daquele ano. A Capital do Agreste também teve duas outras versões da obra pelo diretor Walter Reis, junto ao Grupo de Teatro Dom Vital, da Escola Dom Vital. A primeira em 1994, com a peça participando do IX FETEAG (agora intitulado Festival de Teatro Estudantil do Agreste) e até conquistou um prêmio de melhor atriz em teatro adulto (Ângela Maristela). A segunda montagem com o mesmo grupo ocorreu em 2011, sendo vista no Teatro do SESC Caruaru.

A RUA NO GRANDE - E FERINO - CÍRCULO DA VIDA

Somente em 2004, após 35 anos depois de a ter escrito, Vital Santos fez a terceira e derradeira versão de sua peça *Rua do Lixo, 24*, agora acrescentando-lhe não só um subtítulo, *Le Grand Cirque de la Vie* (“o grande círculo da vida”), mas músicas finalmente originais do compositor e parceiro de dois outros trabalhos anteriores, *A Noite dos Tambores Silenciosos* (1981) e *Olha Pro Céu, Meu Amor* (1983): Josias Albuquerque. A montagem, com produção executiva de sua ex-esposa Alcimar Vólia, assinada pela Companhia Feira de Teatro Popular, foi viabilizada graças ao incentivo do Governo do Estado de Pernambuco, sendo o segundo projeto de teatro mais bem pontuado no edital do Fundo de Cultura do Estado de Pernambuco - Funcutura daquele ano, com orçamento perto dos 69 mil reais, já descontados os impostos.



Rua do Lixo, 24 - *Le Grand Cirque de la Vie* (2004),
 pela Companhia Feira de Teatro Popular
 Texto e direção: Vital Santos
 Fotos: Hans von Manteuffel

O elenco agora era composto por Isa Fernandes, como atriz convidada no mesmo papel de Dona Lola; Cidinha Alencar (Dorinha), Gerson Lobo (Ernesto), Charles Franklin (Generino), Cleyton Cabral (Dito, logo depois substituído por Vallério Moura); Márcio Tomaz (Soldado 2) e Samuel Santos (Soldado 1). Este último, além de atuar, assumiu a assistência de direção junto a Vital. Na execução das músicas, Rita Cicarelli (voz, substituída por Sônia Christnak); Marcos Daniel (percussão), Abdon Claudino (sax) e Josias Albuquerque (violão solo e diretor musical). A coreografia era de Josy Caxiado; a execução de iluminação de Marcelo Mota, com plano de luz de Noá; Willams Rocha estava na contrarregagem; Java Araújo ficou responsável pelos figurinos e maquiagem; e o próprio Vital Santos concebeu o cenário. Detalhe: os músicos e o iluminador moravam em Caruaru.

Na época, eu fiz a assessoria de imprensa para o espetáculo e compartilho trechos do *release* que preparei àqueles tempos:

A peça narra o cotidiano quase miserável de uma família nordestina, dosando o clima de tragédia social com música irônica e humor cáustico. Dona Lola, uma mãe lavadeira, e seu casal de filhos (Dorinha e Ernesto) habitam uma casa imunda de apenas um cômodo, situada próxima de um lixeiro nos arredores da cidade de Caruaru. A filha trabalha com o dono de uma funerária e suporta toda sorte de sedução do patrão, Generino. O filho vive vagabundeando, ao mesmo tempo que se junta a um homossexual (Dito). A forte dose de alienação religiosa faz com que a mãe atribua aquele estado à vontade de Deus. [...] Com momentos cômicos e dramáticos, a montagem revela a própria dinâmica da vida com sua luta pela sobrevivência e preocupações diárias e imutáveis de comida, de roupa, de se livrar de viver sempre devendo aos outros, de agradar ao patrão para não perder o emprego, enfim, de não sucumbir ao peso das estruturas. (FERRAZ, *Rua do Lixo*, 24 - *Le Grand Circle de la Vie* [Release], 2004, s. p.)

O autor e diretor Vital Santos deu a seguinte declaração a mim para compor o material de divulgação:

A peça *Rua do Lixo*, 24 se desenrola naquele espaço que normalmente se tem como que só existente na dimensão

do folclórico: uma cidade do interior do Nordeste-Caruaru. A peça passa ao largo daquele ser que o folclore diz sermos. Não é uma obra sobre nós. É uma obra feita por nós, sobre o lugar comum que somos – a vida. Os personagens construídos falam tão somente da vida como se fala em qualquer outra parte onde haja gente. Parece desnecessário se dizer essas coisas de uma obra teatral, no entanto, em se tratando de uma produção nordestina e de Caruaru, nunca será desnecessário dizer que: “A cocada é de coco do coqueiro, da praia que dá coco”, pois já não é mais tempo de eufemizar ou contemporizar com a falta de informação do resto do país sobre o nosso horizonte cultural, o Nordeste. *Rua do Lixo, 24* e outras produções artísticas nordestinas deixam bem claro que não mais aceitamos a estética do Jeca Tatu – desdentado, roupa remendada, chapéu esfarrapado. Não, nós não temos caipiras. Temos matutos de saberes atávicos, de antropofágica tolerância, por isso sábios, vestidos de couraça de couro. Jamais caipiras. Por isso temos hoje e-mail e produções feitas *Rua do Lixo, 24*. (Apud FERRAZ, *Rua do Lixo, 24 - Le Grand Circle de la Vie* [Release], 2004, s. p.)

Uma excelente matéria na revista *Continente Multicultural*, editada no Recife, deu destaque à montagem, com o jornalista Luís Augusto Reis lembrando que a paradoxal fonte de beleza que brota das injustiças sociais vinha sendo a principal matéria-prima do teatro feito pelo caruaruense Vital Santos, há mais de 35 anos:

Com uma trajetória repleta de prêmios de grande relevo no cenário teatral do Brasil, Vital Santos remonta agora um dos seus primeiros trabalhos: *Rua do Lixo, 24* [...], essa peça o projetou nacionalmente, não só como dramaturgo, mas também como diretor, ao surpreender a crítica e o público com seu modo simples e criativo de mostrar o lado mais duro da vida na cidade de Caruaru. Era a descoberta de um artista de teatro disposto a interpelar a tranquilidade idealizada que comumente embala a apreciação da arte feita pelo povo. Nessa época, embora ainda muito jovem, Vital Santos já havia entrado em contato, sobretudo por intermédio de Hermilo Borba Filho, com algumas das mais importantes vertentes do pensamento teatral do Ocidente. [...] De fato, em seus espetáculos, encontram-se diversos traços antiilu-



Rua do Lixo, 24 - *Le Grand Cirque de la Vie* (2004),
pela Companhia Feira de Teatro Popular
Texto e direção: Vital Santos
Foto: Hans von Manteuffel

sionistas do teatro épico brechtiano. Técnicas de teatro que, como observou Hermilo Borba Filho – e também o próprio Bertolt Brecht –, são tradicionalmente encontradas nas manifestações dramáticas espontâneas de povos das mais diversas etnias. Para Vital Santos, admirador dos cantadores de feira e dos mestres do mamulengo, a utilização desses recursos se configurava como um caminho natural a seguir. Todavia, a consciência do potencial político-pedagógico desses elementos, um ideal que até hoje o orienta e o estimula, somente seria aprofundada por meio da leitura de autores como Brecht e Piscator. “Nunca deixamos de acreditar no poder que o teatro tem de modificar as pessoas e o contexto em que vivem. Quando chegamos a uma cidade, queremos conhecer os líderes e trocar experiências com os artistas locais. Nosso fazer teatral não se restringe aos espetáculos” (REIS, *Continente Multicultural*, out. 2004, p. 82-83)

Questionado se a remontagem de *Rua do Lixo, 24* era válida, mesmo após 35 anos do texto ter sido escrito, Vital garantiu que sim, pois a temática da peça permanecia atual. “A exploração dos trabalhadores continua a mesma; o preconceito contra os pobres e os marginalizados também não mudou; e a tortura não deixou de existir com o fim do regime militar. Por isso senti necessidade de encenar novamente esse espetáculo”, garantiu, afirmando ainda que havia adicionado elementos cênicos em que na época em que ela foi escrita não se faziam tão necessários. “Não mexi no texto, mas achei por bem inserir algo relativo à discussão de identidade cultural nessa nova encenação, pois esse é um problema do mundo globalizado de agora”, explicou. O jornalista Luís Augusto Reis complementou na sua matéria:

Para o público que apenas conhece Vital Santos por meio de seu primoroso texto *Auto das Sete Luas de Barro*, sua peça mais famosa, que lhe rendeu o prêmio Molière de Melhor Diretor em 1980, talvez possa haver algum estranhamento em relação à aspereza dos diálogos de *Rua do Lixo, 24*: há trechos que bem poderiam ter sido escritos por Plínio Marcos – autor pelo qual Vital Santos sempre nutriu uma afeição especial. [...] Hoje, quando o país busca amadurecimento enquanto democracia, assistir a essa peça decerto levará o espectador a refletir sobre o passado recente do teatro brasileiro, e o modo pelo qual essa arte tem tentado se relacionar com a realidade histórica do país. Mais que isso, num momento em que o engajamento político volta a ser assumido por alguns dos mais festejados grupos teatrais do país, a remontagem desse texto de Vital Santos pode suscitar novas discussões sobre o significado atual do chamado teatro popular, reexaminando-o sobretudo enquanto local de embate ideológico, mediante a aparente hegemonia dos meios de comunicação de massa. (REIS, *Continente Multicultural*, out. 2004, p. 83-84)

Quando o programa dessa 3ª versão de *Rua do Lixo, 24* por Vital Santos foi feito em 2005, trouxe um texto do historiador, arqueólogo e diretor da Casa de Cultura dos Povos de Língua Portuguesa, Plínio Victor, lembrando ele que “A intimidade da família não está protegida, nem se tenta escondê-la

entre quatro paredes do olho da cidade. Ali, o público e o privado se confundem. O viver é violento” (VICTOR, *RUA do Lixo, 24 - Le Grand Circle de la Vie* [Programa], 2005), mas a peça não teve o resultado esperado desde os ensaios. Alguns da equipe até acreditam que isso se deu muito por conta do estresse no relacionamento entre Vital e Alcimar, afetando com energias nem tão positivas o conjunto. No entanto, uma notícia animou a todos: naquele ano de 2004 Pernambuco conseguiu o maior número de aprovados no projeto Caravana Funarte de Circulação Intrarregional, do Ministério da Cultura/Funarte, com prêmios de 30 mil para cada um dos contemplados que iriam visitar três estados da Região Nordeste. Isso nas categorias dança, teatro adulto e teatro para a infância e juventude.

Rua do Lixo, 24 - Le Grand Circle de la Vie foi um dos seis projetos selecionados do Estado. A estreia da peça, inclusive, aconteceu na Paraíba, no Teatro Santa Roza, em João Pessoa, de maneira bem desastrosa. Mais à frente chegou a Sergipe, no Teatro Atheneu, em Aracaju; foi à Arapiraca, no interior das Alagoas, no Espaço Cultural Arapiraca; e, por fim, Estância, no interior pernambucano, no Auditório Gonçalves Prado. Ainda em Pernambuco, com a encenação entrando melhor nos eixos, participaram do IV Circuito Pernambucano de Artes Cênicas, em Garanhuns. No ano de 2005, a montagem integrou a programação do 11º Janeiro de Grandes Espetáculos, sendo finalmente vista no Recife, no palco do Teatro de Santa Isabel, mas não obteve nenhuma premiação no troféu Apacepe de Teatro e Dança (outra estreia, a do Coletivo Angu de Teatro, com o espetáculo *Angu de Sangue*, de Marcelino Freire, dirigido por Marcondes Lima, e *Caetana*, da dupla Fabiana Pirro e Livia Falcão, com direção de Moncho Rodriguez e texto dele em parceria com o poeta Weydson Barros Leal, levaram grande parte dos troféus naquela edição).

Aliás, *Rua do Lixo, 24* só teve apenas uma indicação, de atriz revelação para Cidinha Alencar, mas ela perdeu para Vanessa Virgínia, da peça *Nero*, do Grupo Engenho de Teatro. Cá entre nós, não deve ter sido fácil para Vital Santos encarar que sua peça, tão aguardada para ser conferida por novas gerações, não recebeu atenção à maioria das categorias, especialmente nas de melhor produção, melhor espetáculo e melhor diretor (nesta última, concorreram Alexsandro Souto Maior, por *Nero*; Fátima Aguiar, por *Annexo Secreto*; Marcondes Lima, o vencedor, por

Angu de Sangue; e Moncho Rodriguez, por *Caetana*). A impressão que eu tinha, diante daquele descaso, era que o trabalho de Vital já era visto como que “datado”, sem encantar como antes, infelizmente. Pouco depois, *Rua do Lixo, 24 - Le Grand Circle de la Vie* cumpriu curta temporada no palco do Teatro Valdemar de Oliveira, em março de 2005, mas sem despertar muito interesse, nem mesmo da imprensa crítica. Desde então, a obra espera nova abordagem de outros encenadores.

REFERÊNCIAS:

- AINDA... **Jornal do Commercio**. Recife, 30 mai. 1971. Caderno II. p. 14.
- AMÂNCIO, Edmilson. 24 supera Feira. **Vanguarda**. Caruaru, 26 set. 1970. Fala o Povo/Olhando a Cidade. s. p.
- BATISTA, Agostinho. Rua do Lixo, 24. **A Defesa**. Caruaru, 26 set. 1970. s. p.
- BLANCO, Armindo. De Caruaru, réquiem por um povo defunto. **A Notícia**. Rio de Janeiro, 18 fev. 1978. Teatro. p. 3.
- BORBA, Marco Aurélio. A aldeia do teatro. **Manchete**. Rio de Janeiro, 27 fev. 1971. Nº 984. p. 136-140.
- CARTA do embaixador Paschoal Carlos Magno a Vital Santos. **A Defesa**. Caruaru, 24 abr. 1971, s. p.
- CERVANTES [José Soares]. Caruaru. **Revista do Jornal do Commercio**. Recife, 13 dez. 1970. IV Caderno/Sociais do Nordeste. p. 14.
- COM MUITO... **A Defesa**. Caruaru, 19 set. 1970. s. p.
- COUTINHO, Valdi. Mostra que te quero Mostra (II). **Diario de Pernambuco**. Recife, 2 set. 1976. Diversões/Cena Aberta. p. B-5.
- COUTINHO, Valdi. O melhor da I Mostra: Rua do Lixo, 24. **Diario de Pernambuco**. Recife, 3 set. 1976. Diversões/Cena Aberta. p. B-5.
- COUTINHO, Valdi. Caruaru - uma praça aberta para teatro. **Diario de Pernambuco**. Recife, 20 out. 1976. Diversões/Cena Aberta. p. B-5.
- COUTINHO, Valdi. A volta de Vital Santos com “Rua do Lixo, 24”. **Diario de Pernambuco**. Recife, 27 jan. 1978. Diversões/Cena Aberta. p. B-5.
- COUTINHO, Valdi. Vital Santos está de volta com seu grupo e Rua do Lixo. **Diario de Pernambuco**. Recife, 29 jan. 1978. Viver Domingo. Secção B. p. 1.
- DEL RIOS, Jefferson. Caruaru traz as cores vivas da arte popular. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 2 mar. 1978. Folha Ilustrada/Teatro/Crítica. p. 39.
- FERRAZ, Leidson. Rua do Lixo, 24 - Le Grand Circle de la Vie [Release]. Recife, 2004.

FONSÊCA, Héber. Rua do Lixo, 24. **Jornal do Commercio**. Recife, 28 fev. 1971. Caderno II. p. 5.

FREITAS, Ricardo. Rua do Lixo, 24. **Vanguarda**. Caruaru, 27 set. 1970. p. 6.

LIXO, na Rua Preta”. **A Defesa**. Caruaru, 10 out. 1970. s. p.

LUIZ, Macksen. Em torno da Rua. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 17 fev. 1978. Serviço/Teatro. p. 4.

MAGALDI, Sábato. Rua do Lixo, 24. **O Estado de S. Paulo**. São Paulo, 4 mar. 1978. Divirta-se/Crítica. s. p.

MIRANDA FILHO, Miguel. Arte cênica em Caruaru. **A Defesa**. Caruaru, 1971. Encontro semanal. s. p.

“O ASSALTO” foi peça inaugural de teatro. **Vanguarda**. Caruaru, 30 mai. 1971. p. 1.

PREFEITURA... **Jornal do Commercio**. Recife, 29 mai. 1971. Caderno I. p. 6.

REIS, Luís Augusto. A inquietação Vital. **Continente Multicultural**. Nº 46. Ano IV. Recife, out. 2004. p. 81-84.

RUA do Lixo, 24 [**Convite**]. Caruaru, set. 1970.

RUA do Lixo, 24 [**Panfleto**]. Caruaru, set. 1970.

RUA do Lixo, 24. **A Defesa**. Caruaru, 19 set. 1970, s. p.

RUA do Lixo, 24. Série: Serviço de Censura (censura prévia). Subsérie: Peças Teatrais. **Serviço de Censura de Diversões Públicas/RJ**. Ministério da Justiça/Arquivo Nacional. 26 fls.

“RUA do Lixo” em João Pessoa. **Vanguarda**. Caruaru, 28 dez. 1977. p. 5.

“RUA do Lixo” vai à França. **Vanguarda**. Caruaru, 13 dez. 1977. Geral. p. 3.

SANTEIRO, Sérgio. “Rua do Lixo, 24”, esquina com a do Luxo. **O Globo**. Rio de Janeiro, 16 fev. 1978. Teatro/Crítica. s. p.

TOSCANO, Carlos. Uma providência. **Vanguarda**. Caruaru, 17 out. 1976. Registros e Fatos de Carlos Toscano. p. 8.

ÚLTIMA exibição de Rua do Lixo, 24. **Jornal de Brasília**. Brasília, 25 fev. 1978. p. 21.

UMA IRREVERÊNCIA que encantou os críticos. **O Estado de S. Paulo**. São Paulo, 28 fev. 1978. s. p.

VICTOR, PLÍNIO. *Rua do Lixo, 24 - Le Grande Circle de la Vie* [**Programa**]. Recife, 2005.

VITAL... **Vanguarda**. Caruaru, 5 set. 1976. p. 1.

— RUA DO LIXO, 24 —

De: Vital Santos

.....

Personagens: Dorinha, Dona Lola, Ernesto, Expedito (Dito),
Policial 1, Policial 2 e Seu Generino.

Os atores entram cantando uma música circense. Vão ao público com espelhos e maquiagens para que as pessoas retoquem suas máscaras. Tempo. Um apito e o repique de um tambor chama-os de volta ao palco. Rapidamente arrumam o cenário, que está jogado no centro.

TODOS (*cantando em coreografia*) – Rua do Lixo, ai, ai, Rua do Lixo / será que é gente ou será que é bicho? / Que bicho é esse, senhor? / Que bicho é esse, senhora? / Que bicho é esse que não tem nome? / Que vive morto de fome / e ri até quando chora? / Será que é bicho, senhor? / Ou será que é homem, senhora?

Chove torrencialmente.

DORINHA (*olhando a rua*) – Ah, mãe, essa danada dessa chuva não vai passar hoje não!

DONA LOLA (*passando ferro em roupa*) – Menina, por misericórdia, não diz uma desgraça dessa! Como é que tu tens coragem de dizer isso com as coisas de Deus?

DORINHA – De Deus? Se fosse de Deus ele fazia passar agorinha mesmo, porque estava sabendo que se eu chegasse atrasada na loja ia encontrar o peste do Seu Generino com aquela cara de puta: “Olha o horário, Dona Dorinha, já passa das oito!”

DONA LOLA – Pronto, agora sim! Com pouco tu quer brigar com as coisas do céu.

DORINHA – Ah, eu vou assim mesmo!

DONA LOLA – Menina, como é que tu vai para o trabalho assim, debaixo dessa chuva? Vai chegar lá toda molhada! Espera um pouco mais. Vai passar logo. Seu Generino vai entender que só chegasse atrasada por causa da chuva.

DORINHA – Vai tanto! Só aquele morta-fome... Eu vou assim mesmo, que hoje não tô pra levar cagada de ninguém não.

DONA LOLA – Sem um agasalho, sem nada, Dorinha? Tu vai se molhar todinha, criatura. Agora com esse doenceiro no meio do mundo, vai acabar pegando uma pneumonia. Aí vai ser pior. Leva a sombrinha... O que é que tem que ela seja velha? O que importa é amparar a chuva.

DORINHA – A senhora fala como se aquilo tapasse alguma coisa. Tá cheia de buraco, não tapa nada, mãe.

DONA LOLA – Então deixa estiar um pouco mais, criatura...

DORINHA – Assim eu perco o ponto, mãe! A gente já anda tão apertada que só Deus sabe. Não tenho mais coragem de passar na porta do Seu Manoel. Ele me bota cada olho desse tamanho... Como quem diz: “Me paga, velhaca!”.

DONA LOLA – Aquilo é um desgraçado, minha filha. Vê que a gente não pode pagar, aí ele aperta mais ainda. Hoje é dez ou onze?

DORINHA – Onze.

DONA LOLA – Quando tu receber, eu vou pagar o dinheiro daquele enforcado. Cuidei que hoje fosse dez. Então sábado é quinze.

DORINHA – É, sim.

DONA LOLA – Quanto tu tirou de vale nessa quinzena?

DORINHA – Cem reais.

DONA LOLA – Virgem Maria! Quase a metade.

DORINHA – A senhora não mandou tirar? Foi pras despesas da casa. A gente também não havia de passar fome, não é? Porque mais privação do que a gente vem passando... Tirei porque a senhora mandou.

DONA LOLA – Eu sei, criatura. Se paga só a metade a Seu Manoel. O resto dá pra ir levando até o meado do mês, com o dinheirinho da lavagem de roupa.

DORINHA – Podia era não dar nem um tostão *praquela* peste.

DONA LOLA – O quê? Só se for pra ele mandar a polícia bater aqui na porta cobrando... Sabe quantas vezes o amarelinho dele já veio aqui essa semana? Avalia: cinco vezes!

DORINHA – Então dê a metade mesmo... Se ele não quiser, melhor pra gente.

DONA LOLA – E não é não?

Ernesto entra correndo de um lado para o outro, com as mãos na barriga, se contorcendo de dor.

DONA LOLA – Acode aqui, Dorinha!

Dona Lola e Dorinha pegam a porta e simulam um sanitário no meio do palco. Ernesto fica sentado por trás da porta, num tamborete, de modo que deixa à mostra as suas pernas e a cueca arriada.

ERNESTO – Oi, mãe, eu não tô aguentando mais. Faça alguma coisa...

DONA LOLA – Coitado, vai morrer hoje de tanto cagar! Desde ontem que ele está com um desarranjo danado. Passa na farmácia e compra um remédio pra ele...

DORINHA – Comprar com o quê, mãe? Onde diabo eu vou arranjar dinheiro? Só se for roubar. Por que esse merda não vai trabalhar?

DONA LOLA – Trabalhar onde, minha filha? A vida desse coitado é procurar emprego e não encontra.

DORINHA – Não encontra... Todo mundo encontra, mãe. Vejo gente aí que sai de um emprego hoje e amanhã já tem outro. Só ele que não encontra. Também pudera! Passa o dia inteiro socado na sinuca do Seu Luís, junto com aqueles maloqueiros... Como é que pode encontrar?

DONA LOLA – Mas minha filha, não diga isso... Ele procura tanto, é que não tem mesmo. O tempo tá ruim, ninguém precisa mais de empregados. Pelo contrário, estão botando os que têm pra fora. Se tu soubesse o desemprego que tá no meio do mundo! É só o que ouço falar por aí. E esses desgraçados desses políticos não fazem nada. É só promessa, promessa, e o povo que se lasque.

DORINHA – Pois sim...

DONA LOLA – A filha de Dona Emília, mesmo, tá desempregada a não sei quanto tempo. Emprego tá difícil, minha filha, não tem mesmo...

DORINHA – Não tem, mas eu trabalho. E tanta gente aí trabalhando. É não, mãe, é porque esse povo quer que venham aqui na porta oferecer trabalho. Eu quero ver mesmo como é que vai ficar a situação dentro dessa casa se eu perder esse emprego.

DONA LOLA – Eu não sei não, meu Deus, do jeito que vão as coisas é pra se acabar tudo. (*Dona Lola estende num varal dentro de casa os lençóis onde Ernesto estava deitado*) Eu não sei como esse inocente aguenta dormir num chão duro, assim. Vai acabar pegando uma doença e inchando as pernas como aqueles pobres lá do hospital.

DORINHA – Podia dormir na minha cama.

DONA LOLA – Na tua cama? Ele já é homem feito pra dormir contigo.

DORINHA – E quem disse que eu quero ele dormindo comigo? Eu estou falando pra ele descansar na minha cama depois que eu sair para o trabalho.

DONA LOLA – Ah! Assim é outra coisa.

DORINHA (*vai olhar a rua*) – Essa chuva não para mais hoje não, mãe. Eu vou assim mesmo.

DONA LOLA – Para, menina. Tem paciência pelo amor de Deus!

DORINHA (*irônica*) – Mãe, a senhora não é tão católica? Fale com São Pedro pra ele parar essa chuva agora!

DONA LOLA – Pronto, agora sim. Tu tá pensando que São Pedro faz milagres duas vezes por dia, é?

DORINHA (*já na porta, olhando a rua impaciente*) – Ah, mãe, não tem jeito não!

DONA LOLA – Tem paciência, criatura. Que agonia da gôta é essa? Sossega esse rabo!

DORINHA – Que falta está me fazendo uma sobrinha, mãe. Acho que eu vou pedir um adiantamento a Seu Generino pra comprar uma.

DONA LOLA – Tu tá louca, menina! Com uma sombrinha novinha em casa vais inventar de comprar outra?

DORINHA – Novinha! Mãe, repare mesmo (*abrindo a sombrinha*), isso é sombrinha de gente? Parece mais uma peneira! O que é que isso ampara? Não adianta nada: a gente chega, lá toda molhada... De que serve?

DONA LOLA (*examinando a sombrinha*) – As aspas estão novinhas, o cabo está bom. Isso a gente manda botar um pano e ela fica nova. Pra que gastar tanto com outra? A época não tá boa pra se andar gastando dinheiro à toa.

DORINHA – Mãe, quem danado vai dar mais jeito nisso? Vê mesmo, as aspas enferrujadas, o cabo solto... A senhora parece que não tem juízo. Quem é que vai gastar com uma porcaria dessa, que não serve mais pra nada?

DONA LOLA – Não serve pra vocês que só querem andar com as coisas de luxo pra se amostrar! Mas pra mim não quero coisa melhor. Isso aqui eu mando Zefinha do Boi Brabo botar um pano novo e pronto. Mas uma coisa dessas tando ruim... (*o cabo da sombrinha cai*)

DORINHA – Não, tá uma beleza! Jogue isso fora, mãe. Eu vou pedir um adiantamento a Seu Generino e compro uma nova.

DONA LOLA – Mas Dorinha, que invenção é essa de comprar outra sombrinha? O inverno já tá terminando... Só pra apertar a gente mais ainda.

DORINHA – Mas mãe, do jeito que vai vou terminar perdendo o emprego porque todo dia chego atrasada. Tudo por causa da chuva! Ou compro uma sombrinha ou deixo de trabalhar. Aí, nem trabalho, nem sombrinha, nem nada. Volta tudo pra merda!

DONA LOLA – É, compra! Aproveita e compra um remédio pra essa lástima. (*olhando a roupa do varal*) Ah, meu Deus, não sei o que será da gente se a roupa da freguesia não enxugar. Nunca mais teve um dia de sol.

DORINHA – O ricão da vizinha já pagou à senhora?

DONA LOLA – Pagou uma pinoia. Dizem que ele não paga nem Padre Nosso às almas. Eu fui quem me lasquei lavando roupa *praquele* cara de bunda.

DORINHA – Mande cobrar.

DONA LOLA – Não adianta. Sabe quantas vezes eu já fui lá? Quatro! Toda vez que vou a quenga da mulher dele diz que ele não está. Acho que ele se esconde pra não me pagar.

DORINHA – É bem fácil. Quando vê esses machos metidos a grã-fino, pode ir atrás que ele não tem no cu o que o *priquito* roa.

DONA LOLA – Essas pestes pensam que a gente passa os sete dias da semana com o rabo no lavador, lavando roupa-de-ganho, é porque goste ou senão por boniteza... Não vê que a gente precisa...

DORINHA – Em que ficou aquela confusão que teve com ele, mãe?

DONA LOLA – Hum! Em nada. Se fosse comigo, estava na cadeia presa como ladrona. Mas como foi com ele, amigo do prefeito, ninguém disse nada.

DORINHA – Como foi mesmo, mãe, a confusão?

DONA LOLA – Sei lá. Dizem que foi por causa dos remédios que o governo mandava para os pobres e ele vendia nas farmácias e outras patifarias... Tantas coisas!

DORINHA – É por isso que nos postos de saúde não tem nem remédio pra dor de cabeça. Os pobres tão arrumados com esses homens.

DONA LOLA – E a magrela dele só quer ser as pregas da Odete!

DORINHA – Também o povo fala pouco dela...

DONA LOLA – A filha com o bucho pela boca e ninguém sabe quem é o pai.

DORINHA – Essa gentinha me enoja, chega me dá ódio.

DONA LOLA – É muito melhor a gente ser pobre assim do que ter a fama que eles têm.

DORINHA (*retocando o batom*) – Virgem Maria! Já é quase oito horas, mãe. Será que já passou?

DONA LOLA – E eu sei, minha filha. Veja!

DORINHA (*estendendo o braço para ver se a chuva passou*) – Tá bem fininha, mãe. Dá pra eu ir. (*sai*)

DONA LOLA (*vai até a porta*) – Ganhe o pezinho da parede pra não se molhar. Diabo de tanta chuva! (*faz o sinal da cruz*) Deus me perdoe! (*começa a varrer a casa cantando*) Dou graças a Deus / a vida que levo / a vida que tenho / Jesus me conserve / o pobre é de Deus / o rico é do Cão / dou glória a Jesus / minha salvação! (*Ela bate com o cabo da vassoura na porta do sanitário*) Ernesto, estás vivo ainda? Peste ruim, só dá pra cagar e dormir feito a gôta.

ERNESTO (*saindo do sanitário*) – Ai, mãe, tô que não me aguento. Caguei sangue puro. Faça um chá quente pra mim.

DONA LOLA – Não tem mais de quê. Já fiz de tudo que tinha. Tua irmã vai trazer remédio à noite.

ERNESTO – Eu não quero nada daquela... (*a mãe o olha com raiva*) Nada.

DONA LOLA – Tu só sabe ser ruim e falador. Ela tem razão demais em viver batendo na tua vida. Tu não move uma palha pra nada aqui dentro de casa. Tudo é ela.

ERNESTO – Grande coisa! Eu também fazia se tivesse trabalhando.

DONA LOLA – Se tivesse trabalhando... É só o que tu sabe dizer e ainda mais com besteira pro lado dela.

ERNESTO – Com besteira, não! Eu disse o que me contaram. Que viram Seu Generino entrando aqui em casa tarde da noite. Também tem uma coisa: se eu pegar aquele corno com safadeza aqui dentro, eu corto os ovos dele de faca.

DONA LOLA – Ernesto! Eu não já te disse pra acabar com essas conversas? O peste só vive acoloiado com esses cabras safados, aprendendo o que não presta! E tem mais uma coisa, ouviu? Acabe com essa mania de chegar duas ou três horas da madrugada em casa. Estás pensando que não vi a hora que chegasse ontem?

ERNESTO – Estava procurando emprego.

DONA LOLA – Até quando tu vai continuar com essa enrolada? Não abre o teu olho não! O desgraçado é tão ruim que não tem coragem de trabalhar.

ERNESTO – Mas trabalhar onde? Me diga, por Nossa Senhora, onde é que tem trabalho?

DONA LOLA – Nos infernos! Vejo aí todo mundo trabalhando. Só tu que não dá pra nada. A tua irmã, desde que chegamos aqui, que trabalha.

ERNESTO – Ah, mãe, emprego pra mulher é muito fácil. Basta ser boa e *chambregar* com o patrão, todos querem. A senhora tá pensando que eu não sei que Dorinha vive aqui (*gesticula*) com Seu Generino? Ai deles se eu pegar, lasco todos dois.

DONA LOLA (*parte para cima dele com a vassoura*) – Acaba com essas conversas aqui, miserável, senão eu que te lasco a cabeça com essa vassoura! Diabo só aprende o que não presta. O bexiguento é tão ruim que nunca foi numa escola.

ERNESTO – Merda de escola! Escola foi feita pra gente rica. Quem danado aprende com a barriga vazia? (*pausa*) A senhora tá pensando que eu gosto da vida que levo, é? Isso não é vida de ninguém não, mãe! É uma miséria. Vejo gente por aí se divertindo, indo pro cinema, campo de futebol, fazendo farras, pegando mulher... Eu nunca peguei uma mulher na minha vida. Tá vendo eu, vinte anos, sou donzelo... Donzelão! Veja minha mão, mãe...

DONA LOLA (*nova invertida*) – Dana-te daqui, desgraçado! Não me enche a paciência, não. (*sai*)

Ao som de um acordeom, Ernesto desfaz o sanitário e coloca a porta no lugar anterior. Dona Lola volta.

DONA LOLA – Eu vou sair. Vou comprar pão. Se Marieta mandar buscar as roupas, só entregue se o dinheiro vier.

ERNESTO – Sim, senhora! (*ela sai. Ernesto fecha a porta. De repente volta-se contra ela e a esmurra*). Sim, mãe, sim, senhora! (*revoltado fica repetindo*) Está certo, mãe... Sim Dorinha, sim mãe! Sim, sim, sim! Pôrra, até quando eu vou ficar repetindo isso: “sim, sim, sim!”? Qualquer dia eu pego gasolina toco fogo nessa merda e saio de perto, quero ver esses cacarecos, esses trastes velhos queimando na fogueira! E jogo as duas dentro do fogo também. Quero vê-las implorando, gritando: “Ernesto, me tira daqui... Socorro, Ernesto...” e eu dizendo: “Não, não, não!”. De hoje em diante vai ser assim: não! (*tempo*) Pode aparecer o papa na minha frente e me pedir de joelhos que eu vou dizer: não, não e não! (*vai apanhar um cigarro, mas a carteira está vazia. Ele a amassa e joga fora. Fica desesperado. De repente faz uma mágica e aparece entre os seus dedos um cigarro de maconha, bem recheado, que é aceso com o fogo que sai do próprio dedo. Ele sopra a ponta do dedo, o fogo apaga*) Em toda minha vida nunca vi alguém chegar pra mim e dizer: “Ernesto, isso é assim, isso é assado, isso é verde, amarelo...”. Não, é sempre me dando ordens. Eu não existo, não tenho opinião própria, eu não sou eu. (*apanha o lençol e faz um manto; pega o pinico e põe na cabeça*) Eu nasci, me criei e vivo até hoje na Rua do Lixo; e ainda por cima número 24. Que puta ironia do destino, realmente uma pessoa dessa não pode existir. Ah, mas agora chega, chega! A partir de hoje eu sou o rei... (*apanha a vassoura e grita*) O rei do lixo!

EXPEDITO (*batendo na porta, aflito*) – Ernesto! Ô, Ernesto, abre aqui! Estás me ouvindo? Abre logo, Ernesto!

ERNESTO (*apaga o cigarro e tira as vestes*) – Quem é? Quem é que está aí? (*abre a porta*)

EXPEDITO – Sou eu, Ernesto. Pelo amor de Deus, me ajuda!

ERNESTO – O que foi, Dito? O que é que tu quer? O que é que estás fazendo aqui, pôrra?

EXPEDITO – Pelo amor de Deus, Ernesto, você é o meu melhor amigo. Você tem que me ajudar a sair dessa!

ERNESTO – E o que foi que aconteceu?

EXPEDITO – Aquele negócio de ontem à noite. Eles descobriram tudo e estão à minha procura. Por favor, Ernesto, você é o meu único amigo. Só você pode...

ERNESTO – Não tenho nada a ver com isso, Dito. Não me mete nos teus rolos, não!

EXPEDITO – Ernesto, você estava comigo. Se você não me ajudar... Eu vou contar...

ERNESTO – Dito, pôrra, tu num sabe quem é minha mãe e minha irmã, rapaz? Se elas souberem disso eu estou lascado, caralho!

EXPEDITO – Você não pode fazer isso... Eu só tenho você, Ernesto.

ERNESTO – Eu não posso fazer nada, Dito. Não é covardia não. É porque não posso mesmo. E vai embora antes que mãe chegue.

EXPEDITO – Mas Ernesto, pelo amor de Deus, não faz isso comigo não. Deixa eu ficar...

ERNESTO (*empurrando*) – Dito, vai embora, caralho! Mãe tá chegando!

EXPEDITO – Mas Ernesto, você não é homem não?

ERNESTO – Vai embora veado safado, senão eu te arrebento a cara. (*age com violência*)

EXPEDITO – Ai, Ernesto, você está me machucando! Ai, me solta! Me solta, seu putto! Me larga, cachorro! (*Ernesto o joga com violência na rua e fecha a porta*) Ai, meu Deus! (*batendo na porta*) Ernesto, abre essa porta, cachorro miserável! Abre essa porta logo. (*pausa*) Abre não, né? Também tem uma coisa: se eles me pegarem, você vai me pagar. Vai pagar dobrado, ouviu seu pôrra? (*pausa*) Ernesto, eu estou com medo, eu tenho medo, Ernesto. Abre logo e me deixa entrar. Eu te peço por misericórdia, me ajuda. Por que logo você faz uma dessa comigo? Eu sempre não fui tão bom pra você? Não lhe dei camisa, cinto, meia e, às vezes, até dinheiro pra tu comprar teus baseados? Isso que você está fazendo é uma injustiça, uma covardia. (*pausa*) Abre logo, Ernesto, antes que seja tarde. (*batendo com força na porta*) Abre, abre, abre, covarde traidor! Você está com medo. Você não é homem não. Você é um... (*Ernesto abre a porta de supetão*) machão, Ernesto! Eu sabia que você era macho pra engatar...

ERNESTO – Deixa de putaria e vai logo, antes que mãe cheque. Por aqui... (*apontando*) Te esconde lá dentro, no quintal.

EXPEDITO – Obrigado, Ernesto, você não vai se arrepender. O que você quiser, eu lhe dou.

ERNESTO – Vai logo, pôrra, antes que eu me arrependa. (*Expedito sai*)

Dona Lola entra trazendo o pão. Bate na porta.

ERNESTO – São eles! São eles! O que é que eu faço? Maldição. (*Dona Lola bate novamente*) Essa foi muito boa, e agora? (*abre a porta*) Ah, é a senhora, mãe?

DONA LOLA – Pronto, quem haveria de ser? Marieta mandou buscar as roupas?

ERNESTO – Não, senhora.

DONA LOLA – E quem foi que entrou aqui agora?

ERNESTO – Ninguém. Por que?

DONA LOLA – Ninguém? E eu não vi uma pessoa entrando aqui, agorinha?

ERNESTO – Aqui em casa? A senhora tá é doida, mãe.

DONA LOLA – Tem certeza que não veio ninguém aqui agora?

ERNESTO – Pronto, agora sim.

DONA LOLA – Que cheiro é esse? (*respirando fundo*) Que mau cheiro dos seiscentos Diabos é esse?

ERNESTO – Mau cheiro, mãe?

DONA LOLA – Sim... Um cheiro de mato queimado...

ERNESTO (*abrindo a porta e mostrando a rua*) – É isso, mãe. É que tão botando fogo no lixo!

DONA LOLA – E isso é hora de botar fogo em lixo? Ô ruazinha desgraçada! Esses pestes tão pensando que aqui é algum chiqueiro? Já não basta essa imundície aí fora amontoada? Não veem que aqui também mora gente?

ERNESTO – Será que mora mesmo?

DONA LOLA – Por que?

ERNESTO – Nada! (*pausa*)

DONA LOLA – O único bicho que eu vejo aqui é tu. Que mau cheiro da gôta serena! Deixa a gente tontinha.

ERNESTO – Uma tonturazinha gostosa, não é mãe?

DONA LOLA – O quê? O que foi tu dissesse?

ERNESTO – Nada, mãe.

DONA LOLA (*com o pacote na mão*) – Antigamente a gente ia numa padaria com um tostão comprava meio mundo de pão. Hoje, vê mesmo onde tem dois reais... Isso não é o fim do mundo? É por isso que essas pestes enricam do dia pra noite, roubando...

ERNESTO – Isso é assim mesmo, mãe. O mundo está completo de ladrão. (*Dona Lola vai saindo*) Mãe, espere... Tenho um negócio pra falar com a senhora.

DONA LOLA – Negócio? O que é?

ERNESTO – O negócio é o seguinte, mãe... (*os dois policiais entram dando cambalhotas feito palhaços no picadeiro. São agressivos e dão porradas no vento. Batem na porta violentamente*) São eles! Agora são eles.

DONA LOLA – Eles quem?

ERNESTO – A polícia.

DONA LOLA – A polícia? E o que foi que tu fizesse?

ERNESTO – Nada não, mãe. Eles estão à procura de Dito. *(batem novamente)*

POLICIAL 1 – Abram a porta! Abram logo senão a gente derruba! *(fazem gracinhas um com o outro)*

ERNESTO – E ele está escondido lá no quintal...

DONA LOLA – Pra que tu fizesse uma desgraça dessa? Quem dá apoio a ladrão recebe o mesmo castigo.

ERNESTO – Eu não tive culpa não, mãe. Ele que chegou aqui...

POLICIAL 2 *(chutando a porta)* – Não querem abrir não, né? Então lá vai.

Faz carreira, pula por cima do outro, e cai fazendo palhaçada.

DONA LOLA – Valha-me Nosso Senhor Jesus Cristo!

ERNESTO *(empurrando Dona Lola)* – Vá lá, mãe. Diga que não tem ninguém aqui não.

Dona Lola vai abrir a porta enquanto Ernesto se esconde.

POLICIAL 1 *(entra chutando o vento)* – Onde ele está?

DONA LOLA – Ele quem?

POLICIAL 2 *(segurando o braço dela)* – Vamos, não se faça de engraçada não, senão você vai falar sem querer.

Puxa do bolso um cassetete ameaçando-a. De repente o mesmo se transforma num lenço colorido. Os dois policiais riem.

DONA LOLA – Mas eu não sei de quem vocês estão falando.

POLICIAL 1 – Sabe, sim. Teve gente que viu quando ele entrou aqui.

DONA LOLA – Mas ele quem?

POLICIAL 1 – A bicha maconheira. Vai me dizer que não sabe quem é?

POLICIAL 2 – Ah, quer bancar a engraçadinha, né? Pois bem.

Saem à procura. Uma forte percussão marca a cena. Um deles encontra Ernesto.

DONA LOLA *(aflita)* – Não! Não! Soltem ele. O sujeito está escondido lá no quintal.

ERNESTO – Mãe!

POLICIAL 1 *(chamando o outro)* – Vamos lá. *(saem)*

DONA LOLA (*revoltada*) – Estás vendo aí, miserável, o que tu arrumasse?

ERNESTO – E eu tive culpa, mãe?

DONA LOLA – Eu não te dizia todo dia que não andasse com esses maus elementos?

ERNESTO – Mas mãe, e eu sabia?

DONA LOLA – Sabia não, *empestado*...

Os soldados trazem Expedito aos empurrões. Jogam-no violentamente no chão.

DONA LOLA – Não, não façam isso!

EXPEDITO – Ai, ai, minha Nossa Senhora! Ai! Ai! Não... Não bata em mim não que eu conto tudo. (*os policiais batem nele*) Ai, minha cabecinha, lascaram a minha cabeça. Valha-me meu Jesus Nazareno! Não bata mais não! Eu confesso. Fui eu mesmo que roubei... Eu sou um trabalhador, um trabalhador. Veja a minha carteira... (*mostrando*) Olhem a minha mão. (*abre a mão e mostra*)

POLICIAL 1 (*segurando-a com ironia*) – Estou vendo! Deixe eu fazer um carinho nela! (*bate com o cassetete*)

EXPEDITO – Ai, meu Deus, que homem violento! (*começa a chorar*)

POLICIAL 2 – O que é isso, rapaz? Deixa de ser frouxo. Tá chorando por que? Ninguém aqui bateu em você. (*sapateiam sobre ele às gargalhadas*)

EXPEDITO (*histérico*) – Bateu! Bateu...

POLICIAL 1 (*parte para cima dele*) – Ah! Bateu, foi?

EXPEDITO (*com medo*) – Bateu não, bateu não!

POLICIAL 2 – Tá chorando por que? Não é homem não? Parece mais uma marica!

POLICIAL 1 (*às gargalhadas*) – Ele é marica! Ele é veado! Ele é fresco!

EXPEDITO (*humilhado*) – Fresco, não... Eu sou homossexual.

Os policiais caem na risada.

POLICIAL 1 – Ho-mos-se-xu-al... Você é muito é do fresco! (*ameaçando-o*) É ou não é? (*Expedito não responde*) É ou não é? É ou não é, bicha safada?

EXPEDITO – Sou não. Sou não!

POLICIAL 2 – Como é mulherzinha... Tu não é veado, não é?

EXPEDITO – Fiquem sabendo que eu sou gente e tenho muita dignidade.

POLICIAL 2 – Mas olha pra isso... Desde quando veado é gente?

POLICIAL 1 – Além de veado, maconheiro!

EXPEDITO – Vocês me respeitem, ouviu? Eu posso ter todos os defeitos do mundo, menos esse...

POLICIAL 1 – Deixa de frescura, veado. (*mostrando*) Pega no meu pau!

EXPEDITO – O quê? Repara!

POLICIAL 1 – Vai, pega no meu pau, pôrra!

EXPEDITO – Não pego.

POLICIAL 1 – Mas eu quero que você pegue!

EXPEDITO (*orgulhoso*) – É o que você está querendo, não é? Pois eu não pego. Eu tenho vergonha na cara!

POLICIAL 2 (*segurando a mão dele*) – Mas no meu você vai pegar, não vai, mulherzinha? (*põe a mão dele em cima. Expedito aperta com força*) Ai, ai, ai... Filho da puta! (*mete o cassetete na cabeça dele*) Solta, pôrra, solta o meu cacete, veado safado. (*bate novamente*) Ai... Solta, pôrra! (*Expedito solta*)

EXPEDITO – Ai, meu Deus, lascaram a minha cabeça! Tá doendo muito.

POLICIAL 1 – Ah, tá doendo, é? (*dá outra porrada*) Tome, maconheiro safado, pra você aprender a nunca mais fazer isso.

EXPEDITO – Tá sangrando minha cabeça, tá sangrando...

POLICIAL 1 – Ah, é verdade, é sangue mesmo... E muito... Isso na sua cabeça foi quando você foi se levantar, bateu com ela na parede. Foi ou não foi? (*gritando*) Foi ou não foi, veado?

EXPEDITO – Foi sim, foi! Não bata mais não, eu conto tudo direitinho como foi. Olhe, eu roubei porque precisava. Estou desempregado, minha mãe está doente... Precisa de remédios.

POLICIAL 2 – Cala a boca! Ninguém quer saber disso não, seu veadinho de merda! O filho da puta quase quebra o meu ovo.

EXPEDITO – Eu não falo mais não.

POLICIAL 1 – Tá pensando o quê, que nós somos palhaços, é?

POLICIAL 2 (*para Dona Lola*) – Sabe o que esse safado fez ontem à noite? Arrombou a farmácia de Seu Napoleão.

POLICIAL 1 – Vamos. Quem quer saber disso é o delegado! (*vão saindo, cobrindo Expedito de porrada*)

POLICIAL 2 (*repreendendo Dona Lola*) – Cuidado, ouviu? Da próxima vez você vai também!

DONA LOLA (*dando uma banana*) – Tá pra vocês, seus desgraçados!

Ela sai de cena com Ernesto. Mudança de cenário feito por Dorinha e Seu Generino. Ao som de um mambo, os dois entram dançando embaixo de uma luz vermelha. Seu Generino pega a mesa e dobra a parte do tampo, daí aparece escrito “Funerária Pátria Amada”. É a simulação de um balcão no canto do palco. Ele põe uma máscara com narigão para baixo. Dorinha vira o poste de “Rua do Lixo” para “Rua do Luxo”. Tudo feito ao som de uma percussão bem marcante, circense.

SEU GENERINO – Assim não é possível, Dona Dorinha! Atrasada de novo?

DORINHA – E eu tenho culpa, Seu Generino? O senhor não está vendo o aguaceiro que está no meio do mundo? Lá onde eu moro a barreira já derrubou não sei quantos casebres. Até morte já teve... Vá lá para o senhor ver.

SEU GENERINO – Deus me livre! Ver o quê? Calamidade? Deixa eu ficar por aqui mesmo. Se pelo menos desse pra eu descolar um caixãozinho...

DORINHA – Hum! Aqueles miseráveis não têm nem o que comer, vão ter enterro...

SEU GENERINO – Também não vamos exagerar.

DORINHA – Exagero? É porque o senhor não sabe o que é ser pobre, Seu Generino. É triste.

SEU GENERINO – Tá bom, Dona Dorinha, tá bom. Hoje a senhora está muito revoltada.

DORINHA – Revoltada! (*tempo*) Seu Generino, eu queria, se fosse possível, que o senhor me arranjasse trinta reais.

SEU GENERINO – Pronto, eu não disse... E pra que a senhora quer tanto dinheiro, Dona Dorinha?

DORINHA – Pra comprar uma sombrinha.

SEU GENERINO – A semana passada a senhora me pediu vinte. Hoje me pede trinta. Pra semana quer mais não sei quanto. Quando chegar o fim do mês, que não tiver nada pra receber, me vem com reclamações.

DORINHA – Mas eu preciso de uma sombrinha, Seu Generino, pra não chegar mais atrasada aqui no trabalho e não estar ouvindo reclamações do senhor! E o restante é para comprar remédio pra meu irmão.

SEU GENERINO – E você vai comprar a sombrinha à vista, com tantas lojas por aí vendendo à prestação? Hum! É por isso que esse povo não tem nada na vida. Dona Dorinha, na época de hoje, é pra se comprar tudo a prazo, que a gente paga e não sente. Vá à loja do China e diga a ele que fui eu que mandei. Se precisar de fiador eu arranjo um.

DORINHA – Não, Seu Generino, fiado eu não quero. Já ando cheia de prestações. A gente compra um objeto, além de pagar duas ou três vezes mais do que vale, ainda tem que aguentar um cobrador na porta toda semana.

SEU GENERINO – Mas Dona Dorinha, não é isso! O importante é que...

DORINHA – E então Seu Generino, o senhor pode arranjar ou não?

SEU GENERINO – Bom... (*troca de máscara, usa a de narigão para cima*)

DORINHA – Pode ou não pode?

SEU GENERINO – Bom, depende...

DORINHA – Depende de quê, Seu Generino?

SEU GENERINO (*com malícia*) – Como é? Posso ir lá hoje à noite?

DORINHA – Não, hoje não. Meu irmão está em casa.

SEU GENERINO – E o que é que eu tenho a ver com o seu irmão?

DORINHA – Ele já desconfiou e até brigou comigo. Se ele pegar, é bem capaz de acontecer uma desgraça.

SEU GENERINO – Que nada, é impressão sua. Como ele haveria de desconfiar?

DORINHA – Sei lá.

SEU GENERINO – E então? Eu vou como amigo. Chego lá, deito na cama, quando for lá pras tantas, sua mãe já sabe. Aí...

DORINHA – Não, Seu Generino, hoje não. Deixe pra outro dia.

SEU GENERINO – Dona Dorinha, nunca devemos deixar para amanhã o que podemos fazer hoje.

DORINHA – Não, seu Generino! Hoje é impossível.

SEU GENERINO – É... É uma pena. (*troca de máscara e põe a do narigão para baixo*)

DORINHA – O que que é uma pena?

SEU GENERINO – É que eu deixei a chave do cofre em casa. Ficou no bolso da outra calça.

DORINHA – Então quer dizer que o senhor não vai poder me arranjar o dinheiro?

SEU GENERINO – Bom... Posso e não posso.

DORINHA – Como assim?

SEU GENERINO (*com mais malícia*) – Como é? Posso ir hoje à noite na sua casa?

DORINHA – E o meu irmão?

SEU GENERINO (*troca de máscara rapidamente. Usa a do narigão para cima*) – Dá-se um jeito! Não se preocupe, Dona Dorinha, vai dar tudo certinho, você vai ver. Quanto é mesmo que você quer?

DORINHA – Trinta reais.

SEU GENERINO – Só? Deixe-me ver se tem aqui no bolso. (*procurando*) Aqui não tem. Nesse outro também não. Deixe-me ver nesse agora. Ah, a chave! Mas veja mesmo onde eu estava com a cabeça... Mas não vou esquecer de ir hoje à noite. Às nove em ponto estarei lá.

DORINHA – Mas, Seu Generino...

SEU GENERINO – Não se preocupe, Dona Dorinha. Deixe tudo por minha conta. Eu sei como fazer... Ele não vai desconfiar de nada!

DORINHA – Mas...

SEU GENERINO – Nem mais, nem menos. Pronto, aqui está o dinheiro. (*Dorinha recusa*) Vamos, deixe de tolice. (*coloca o dinheiro na mão dela*) Vá comprar a sua sombrinha... Vá menina, vá! Está esperando o quê? Vá! (*dirige-se ao público cantando*) Eu sou o Cão em figura de gente / sou indecente / mas sou gostoso, artiloso, buliçoso / sou dengoso / sou assim / mas que posso fazer / se adoro o prazer / e ela gosta de mim? / Sou tudo de bom / sou tudo de ruim / sou doce azedo / sou ternura, sou medo / mas que posso fazer / se adoro o prazer / e ela gosta de mim?

Enquanto ele canta, Dorinha puxa a cortina de retalhos do tablado cobrindo o cenário. Lê-se na cortina: “Gran Circus De La Vie”. Dorinha sai. No fim da canção Seu Generino volta com a cortina e também sai de cena. Dona Lola passa ferro na roupa e Ernesto está deitado numa esteira, junto do velho fogão de duas bocas. Simultaneamente, se equilibrando em pedaços de madeira para não cair na lama, Dorinha entra com a sombrinha nova numa mão e uma revista na outra. Ela bate na porta de casa.

DONA LOLA – Já vaaai! (*abre a porta*) Ô, minha filha!

DORINHA – Mas mãe, a senhora soube o que aconteceu?

DONA LOLA – Não minha filha, o que foi?

DORINHA – O Dito esticou o rabicho.

DONA LOLA (*fazendo o sinal da cruz*) – Meu Deus do céu!

DORINHA – Pois foi. Disseram que ele foi preso por roubo, tentou fugir, aí a polícia atirou nele. Tá lá o corpo estirado no meio da rua.

DONA LOLA – Por que fizeram uma desgraça dessa? O coitado não merecia.

DORINHA – Mas mãe, quem não esperava por isso? De Dito nada de bom podia sair.

DONA LOLA – Minha filha, só quem ficou pra matar foi Deus e mais ninguém.

DORINHA – E não foi Ele mesmo quem matou?

DONA LOLA – Menina, como é que tens coragem de dizer uma desgraça dessa?

DORINHA – A senhora não diz que as coisas só acontecem quando Ele quer? E então? Ele quis que matassem o Dito.

DONA LOLA – Aí já é outra coisa: é morte matada!

DORINHA – E qual é a diferença mãe? Tudo é morte!

DONA LOLA – É. Mas com as coisas de Deus não acontece uma desgraça dessa não. Isso é coisa do Satanás.

DORINHA – É por isso que eu digo todo dia pra esse amancebado. (*aponta para Ernesto, que continua dormindo*) Taí o resultado dos amiguinhos dele. Pintam misérias por aí... Quando acontece o que aconteceu, a culpa é do Satanás.

DONA LOLA – Eu não sei não, meu Deus! Ô mundo velho cheio de misérias... Onde foi que tu soubesse?

DORINHA – Na banca de revista de Zuza. Tá todo mundo comentando por aí.

DONA LOLA – Ah, meu Deus!

DORINHA – Mas pobre é uma desgraça mesmo, não é mãe? Choveu a semana todinha, dia e noite sem parar; tive que ir pro trabalho debaixo da chuva e voltar molhada como um pinto, tudo por falta de uma sombrinha. No dia em que compro uma, a chuva para. Diabos te carregue! Vai ser azarenta assim nos infernos!

DONA LOLA – Ah, minha filha, pobre quando nasce pra ser cego pelo cu começa!

DORINHA – Dana-te!

DONA LOLA – Isso é castigo! Pra você ouvir os meus conselhos.

DORINHA – Pronto. Agora sim...

DONA LOLA – Tu estás pensando que não é? (*tempo*)

DORINHA (*mostrando a sombrinha*) – Não é bonita, mãe?

DONA LOLA – Demais! Ah, agora sim... Quanto custou?

DORINHA – Dezenove e noventa e nove.

DONA LOLA – Até que não foi cara.

DORINHA – Foi nada! Eu vi uma, da mesminha, noutra loja, por vinte e cinco.

DONA LOLA – Fizesse muito bem. Agora a chuva não é mais problema.

DORINHA – Tomara! Mas mãe, lindo foi um conjunto que eu vi. Sombrinha e capa, tudo de um jeitinho só: azul com bordados brancos. Mas uma coisa linda... A capa ainda tinha um capuz. Chega fiquei de boca aberta. Nunca tinha visto uma coisa tão bonita.

DONA LOLA – Também isso é barato?

DORINHA – Acho que é bem uns cem reais. Com um conjunto daquele eu namorava até um príncipe.

DONA LOLA – Ah, minha filha, isso é pra mulher de doutor. Pobre não tem direito a essas coisas não.

DORINHA – É. Mas um dia sou gente!

DONA LOLA – Sim. E o remédio desse traste, comprasse?

DORINHA – Comprei. Foi lá na farmácia de Seu Napoleão. Ele disse que esse é o melhor que tem.

DONA LOLA – Vou dar logo um pra ver se esse coitado melhora... (*tenta acordar o filho*) Ernesto! Ô Ernesto! Acorda!

DORINHA – Mãe, bote logo a comida que estou com uma fome de lascar.

DONA LOLA – Sim, minha filha, agorinha. Ernesto! Ernesto! Acorda, danado preguiçoso!

DORINHA – Esse peste quando pega no sono, o mundo pode se acabar que ele não acorda.

DONA LOLA – Era bom que desse a bubônica preta nesse infeliz-de-porta e ele não acordasse mais. (*puxando pelo cabelo*) Ernesto...

DORINHA – E ele tem essa sorte? O Diabo quando vem pra atanzar...

DONA LOLA – Ernesto! (*empurrando*) Acorda, bexiguento ruim!

DORINHA – Ah, mãe, bote logo essa comida que eu tô que não aguento mais.

DONA LOLA – Isso é um sono da gôta! Diabos te carregue! (*sai*)

DORINHA (*abre a sombrinha*) – Isso é uma merda! Se eu soubesse tinha esperado mais um pouco. Não sei pra que comprei essa porcaria, só pra me apertar mais ainda. Este mês não vou poder pagar a prestação da dentadura de mãe. Ah, sombrinha amaldiçoada! (*pausa*) Mas também estava chovendo... Talvez se eu não tivesse comprado, a chuva não tivesse parado ainda. E eu continuaria na dúvida: compro ou não? Ah, meu Deus, não sei porquê existe pobre no mundo... Era bom que a terra se abrisse e sumisse tudo, tudinho, não ficasse nada, nadinha! Por que, Deus, essas coisas só acontecem justamente com quem precisa? Por que? O Senhor não é bondade e amor? Por que não existe na face da terra uma só pessoa com amor e bondade? (*pausa*) Talvez exista, eu é que ando muito revoltada, como diz Seu Generino... Imagina, uma bobagem dessa! Uma sombrinha... Ah, meu Deus, como é ruim ser pobre, como sofre uma coitada como eu sozinha nesse meio de mundo...

DONA LOLA (*fora de cena*) – Dorinha, espera um pouquinho, minha filha. Estou esquentando.

DORINHA – E mãe ainda achou que não foi cara. Coitada! Nem imagina a falta que vai fazer esse dinheiro. Podia ter comprado à prestação... Mas ando tão cheia delas...

DONA LOLA (*entrando*) – Pronto, minha filha, tire esses troços da mesa.

DORINHA – Sim, mãe.

Ao sentir o cheiro da comida, Ernesto levanta-se rapidamente. Boceja, se espreguiça e aproxima-se da mesa.

DORINHA (*provocando*) – Olha a cara do bicho!

ERNESTO – Vai te lascar.

DORINHA – Chegou a hora de comer, ele acorda. Não é preciso ninguém chamar. Se pra trabalhar fosse assim...

ERNESTO – Olha, tu fecha esse *priquito* pro meu lado, visse?

DORINHA – A senhora tá ouvindo, mãe, o que esse fresco tá dizendo?

ERNESTO – Fresco um caralho! Aqui ó... Pra tu! (*segura o saco*)

DORINHA – Pensa que eu não sei que tu era amigado com Dito?

ERNESTO – Vai tomar no cu, pôrra!

DORINHA – Vai tu, fresco, que é acostumado...

ERNESTO – Mãe, mande essa rapariga calar a boca, senão eu quebro os dentes dela.

DORINHA – Vem, quebra se tu é homem!

DONA LOLA – Silêncio! Será possível que toda hora de comer é essa cachorrada da gôta.

DORINHA – É isso mesmo! A senhora vive acoitando tudo que esse macho faz aqui dentro de casa.

ERNESTO – Mãe, mande ela se calar, viu?

DONA LOLA – Mas Dorinha, será possível! Só pra me aperrear?

DORINHA – O que não é possível mãe, é eu trabalhar o dia todinho feito uma condenada e esse macho amoitado aqui dentro de casa.

ERNESTO (*ameaçando*) – Cala a boca, febre também! Senão eu arranco teus dentes com uma mãozada!

DORINHA (*apanha um tamborete e se defende*) – Vem, vem!

DONA LOLA – Isso é um inferno da gôta! Vocês estão com o Diabo no couro?

DORINHA – Também é o seguinte: se daqui para o final do mês ele não arranjar

um trabalho ou eu ou ele aqui dentro de casa. Estou avisando logo!

ERNESTO – Fecha os dentes, catraia!

DORINHA – Está ouvindo, mãe?

DONA LOLA (*para Ernesto*) – Te cala, bexiga lixa! Tinhoso dos infernos! Ora, que desassossego do Diabo! (*silêncio*)

Na mesa pouca comida. Dona Lola ergue o pão com as duas mãos e agradece.

DONA LOLA – Te louvo, Senhor meu Deus, pelas bênçãos recebidas e, nesse momento, te agradeço por mais esse santo pão de cada dia.

DONA LOLA / DORINHA / ERNESTO – Amém!

Os dois filhos olham para Dona Lola e, em seguida, para a mesa limpa sem comida. Ela, penalizada, joga um pano e faz aparecer uma mesa farta.

DONA LOLA / DORINHA / ERNESTO (*cantando*) – *A mesa posta / o pão na mesa / a fé nos mostra / a luz acesa / o pão, o vinho, o sal, a dor / a vida, a tristeza.*

Silêncio. Ritual das bocas mastigando lentamente, ao som de um tristonho violino. Após o jantar Ernesto deita para dormir, Dorinha senta-se na cama e lê a revista e Dona Lola recolhe os objetos da mesa para fora de cena. Ela volta enquanto a música continua.

DONA LOLA (*vai até a porta*) – Já está neblinando de novo. Vai chover tanto hoje à noite que eu chega estou com medo. Pra baixo tá tão escuro que ninguém vê uma nuvem no céu.

DORINHA – Esse inverno tá fogo! Eu nunca tinha visto... Parece mais um castigo.

DONA LOLA – Também ninguém entende vocês. Quando não chove, reclamam por causa da seca; quando está chovendo, reclamam por causa das águas. Nossa!

DORINHA – Tudo demais é exagero né, mãe? No Sul tá tudo se acabando com água. Dizem que só em São José da Laje já morreu mais de cem pessoas.

DONA LOLA – Deve ter sido uma tromba d'água que caiu.

DORINHA – Tromba d'água ou não, só sei que a enchente acabou com a cidade.

DONA LOLA – Deus sabe o que faz e a gente não sabe o que diz.

ERNESTO (*levanta com a mão na barriga, se contorcendo de dor*) – Ôi, mãe! A dor já voltou de novo.

DONA LOLA – Vou buscar um remédio pra tu tomar.

ERNESTO – Eu não quero pôrra de remédio não, eu quero é um chá.

DORINHA – A senhora ainda está adulando, é mãe? Deixa isso morrer. É uma boca a menos.

DONA LOLA – Deixa de besteira, Dorinha. (*entregando o comprimido*) Toma, vai! Engole!

ERNESTO – Quero não! Já disse que não quero.

DONA LOLA – Não quer não? Pois se dane. Peste ruim, a gente vai fazer um benefício e ele não quer...

DORINHA – Quem manda a senhora ser besta. Queria que fosse comigo... Dava era veneno.

ERNESTO – Olha, tu cala tua boca, visse? (*com as mãos na barriga*)

DORINHA – Quem é tu pra mandar eu me calar? Vai tomar banho que é melhor, fedorento!

ERNESTO – É melhor ser fedorento do que ser quenga.

DORINHA – A senhora ouviu, mãe?

DONA LOLA – Mas será possível que já vão começar de novo? Isso é um inferno da gôta! Será possível que ninguém tem sossego dentro dessa casa? Puta que o pariu!

Seu Generino entra em cena todo vestido de branco, montado num monociclo gigante com duas maracas nas mãos. Usa uma máscara sem o narigão.

SEU GENERINO (*cantando*) – Lá vou eu / todos sabem quem eu sou / lá vou eu / um dependente do amor / cheirando a sabonete / gostoso pra cacete / belo, sim senhor / sou ou não sou / lá vou eu / pra onde ela está / brilhando como uma estrela / é assim que eu quero vê-la / uma onda solta no mar / e se ela não me quiser... (*para alguém da plateia, recitando*) Eu venho te buscar.

Ele bate na porta delicadamente. Passa a mão no cabelo e arruma a roupa. Dorinha e Dona Lola parecem não ouvir. Seu Generino bate mais forte.

DONA LOLA (*olha para Dorinha*) – Quem será?

DORINHA (*olha desconfiada para Ernesto que finge dormir*) – Sei lá!

DONA LOLA – Eu vou ver quem é. (*levanta-se e abre a porta*)

SEU GENERINO (*alegre*) – Boa noite pra todos! Como tem passado, Dona Lola? (*já vai entrando com passos rápidos*)

DONA LOLA – Como Deus quer, Seu Generino.

SEU GENERINO – A senhora desapareceu. Nunca mais foi lá na loja. Por que? Está com raiva de mim?

DONA LOLA – Não, Seu Generino, não é nada disso não. É a luta que é demais. E com esse aguceiro no meio do mundo...

SEU GENERINO – Ah, é uma verdade. Esse inverno está um caso sério!

DORINHA (*sem jeito*) – Vamos sentar?

SEU GENERINO (*entrega um presente a Dona Lola*) – Isso é por conta da nossa amizade.

DONA LOLA – Mas Seu Generino, não precisava esse trabalho todo não.

SEU GENERINO – Deixe isso pra lá, Dona Lola. Eu não poderia fazer uma visitinha à senhora sem lhe trazer um presentinho.

DONA LOLA – Sendo assim, muito obrigado.

SEU GENERINO – De nada. A senhora merece muito mais do que isso.

DONA LOLA – Eu vou buscar um cafezinho quente pro senhor. (*sai*)

Seu Generino troca de máscara e usa a do narigão para cima. Faz um gesto para Dorinha perguntando: “Como é?”. Dorinha, com medo, aponta para Ernesto, que continua dormindo. Seu Generino segura Dorinha para beijá-la, mas Dona Lola vem chegando. Eles disfarçam.

SEU GENERINO (*trocando a máscara*) – Sim, mas como eu estava dizendo... O inverno está realmente...

DONA LOLA – Pronto, Seu Generino, tá quentinho... Na hora!

SEU GENERINO (*tomando o café*) – Ô Dona Lola, não precisava se incomodar. Muito obrigado!

DONA LOLA – De nada, Seu Generino.

SEU GENERINO – Sim, como eu estava dizendo... Esse inverno está realmente muito perigoso. Imagine que no Recife as águas já alcançaram quase três metros de altura.

DORINHA – Isso é o fim do mundo!

SEU GENERINO (*devolvendo a xícara à Dona Lola*) – Muito obrigado, Dona Lola. Estava realmente uma delícia.

DONA LOLA – O senhor quer mais um pouquinho?

SEU GENERINO – Não senhora. Muito obrigado. (*acende um cigarro*) Vocês fumam?

DORINHA – Não. Muito Obrigada.

SEU GENERINO – O seu irmão, Dorinha, como vai? Já melhorou?

DORINHA – Nada, Está do mesmo jeito.

SEU GENERINO – Deve ser algo passageiro. Algum problemazinho intestinal. Talvez por excesso de alimentação.

DONA LOLA – Queira Deus, Seu Generino. O coitado está que não se aguenta!

SEU GENERINO – É coisa passageira. Eu já tive isso diversas vezes. É muito comum. *(vai até a porta: abre e olha o tempo)* Já está chovendo novamente. *(estendendo o braço para fora da porta)* E é chuva grossa. O relâmpago está cortando o céu, daqui a pouco começam os trovões. *(um deles espoca no ar fazendo tremer tudo)* Eu não disse?

DONA LOLA – Ah, vai chover muito hoje à noite.

SEU GENERINO *(com a mão no nariz)* – Hum! Mas que mau cheiro horrível! Vem dessa água suja parada aqui na porta, não é Dona Lola?

DONA LOLA *(aproxima-se)* – É Seu Generino, toda vez que chove é assim, essa fedentina miserável. Não tem quem aguente e quando é inverno pesado ela entra por debaixo da porta e invade tudo. É lama pra todo lado. Sem contar com os bichos: é rato, cobra... Tudo que não presta.

SEU GENERINO – Mas gente, isso é um perigo... Traz todo tipo de doença. Isso mata! Mata mais do que guerra!

DONA LOLA – Também, não tem por onde a água correr...

SEU GENERINO – Agora tá explicado a doença do seu irmão, Dona Dorinha...

DORINHA – É... Fazer o quê?

SEU GENERINO *(com o olhar distante)* – Pelo visto essa chuva não vai parar tão cedo. *(olha para Dorinha)* Vai cair muita água essa noite. *(fecha a porta)*

DONA LOLA – Nem fale uma coisa dessas, Seu Generino.

SEU GENERINO – E agora? Como é que eu vou debaixo dessa chuva?

DONA LOLA – Durma aqui, Seu Generino. Tem essa cama aí. Não é muito confortável não, mas por uma noite...

SEU GENERINO *(olhando para Ernesto)* – Tem certeza, Dona Lola? Não vou causar nenhum constrangimento, nenhum transtorno?

DORINHA – Não tem problema não, Seu Generino.

DONA LOLA – É melhor do que o senhor apanhar essa chuva. Do jeito que está o doenceiro no meio do mundo...

SEU GENERINO *(fazendo uma reverência)* – Bom, eu agradeço a compreensão de vocês. O convite está aceito, dormirei aqui esta noite. *(acordes de uma canção)*

Dorinha e Dona Lola arrumam o cenário. Tiram a porta do lugar e trazem para dentro da cena, dando ideia de que é a porta de um quarto. Enquanto Seu Generino, feliz da vida, tira a máscara, vai se despindo e cantando ao redor da cama com sensualidade.

SEU GENERINO – Vocês estão vendo / sou ou não sou o tal / sou brilhantina *Glostória* / sou sabonete *Dorly* / sou o dono da história / James Dean, estou aqui / tiro a roupa e o sapato / mas não para dormir / trago a noite para os meus braços / um abraço, um frenesi / sou um ser noturno / sou soturno em meu covil.

Deita-se e cobre-se totalmente com o lençol. A luz cai. Fica um foco suave nas duas que se preparam para dormir.

DONA LOLA / DORINHA (*cantando, enquanto tiram as roupas pateticamente*) – Ave Maria cheia de graça / graças a vós eu sou feliz / obrigado Mãe por mais esse dia / de muita agonia / de mesa vazia / de fé por um triz / perdoa, Mãe, esse tom / essa voz / seja o que Deus quiser / e amanhã se puder / roga um pouco por nós.

Deitam-se juntas e se cobrem com um só lençol. Escuro. Simultaneamente surgem os dois palhaços pendurados no trapézio, balançando-se sobre a plateia acompanhados pelos refletores. Dona Lola e Seu Generino trocam de lugar sem que o público perceba e permanecem cobertos. Policial 1 e 2 passam a performar o poema “O Morcego”, de Augusto dos Anjos.

POLICIAL 1 – Meia-noite. Ao meu quarto me recolho. Meu Deus, e este morcego! E, agora, vede: na bruta ardência orgânica da sede, morde-me a goela ígneo e escaldante molho. (*ri e joga confetes e serpentinas no público*)

POLICIAL 2 – “Vou mandar levantar outra parede”, digo. Ergo-me a tremer. Fecho o ferrolho e olho o teto. E vejo-o ainda, igual a um olho, circularmente sobre a minha rede. (*ri e joga confetes e serpentinas no público*)

POLICIAL 1 – Pego de um pau. Esforços faço. Chego a tocá-lo! Minh’alma se concentra. Que ventre produziu tão feio parto? (*ri e joga confetes e serpentinas no público*)

POLICIAL 2 – A consciência humana é este morcego! Por mais que a gente faça, à noite, ele entra imperceptivelmente em nosso quarto! (*ri e joga confetes e serpentinas no público*)

Corte de luz. Na penumbra de um candeeiro, Ernesto se levanta e abre a porta do quarto. Silenciosamente vai até a cama onde está Seu Generino e, num efeito de sombras, o mata com várias facadas. Depois, virando a cama, joga-o no chão. Percebe que matou a mãe. Grita. Dorinha e Seu Generino saem debaixo dos lençóis. Pânico. Troca de palavrões entre Dorinha e Ernesto sobre o corpo de Dona Lola. Enquanto isso, o patrão ri compulsivamente. As luzes vão se apagando lentamente. O dia começa a amanhecer. De um falso céu de organdi, cai uma chuva fina de lágrimas sobre o casebre, embelezando o arco-íris que começa a se formar.

- Fim -

A MENOR PAUSA



A Menor Pausa (1972), no ainda inacabado Teatro
João Lyra Filho. Texto e direção: Vital Santos
Foto: Acervo Alcimar Vólia

A MENOR PAUSA

Escrita em fevereiro de 1971, a peça *A Menor Pausa* mostra a convivência inicial de duas prostitutas num espaço fétido, uma nos primeiros dias de zona e a outra, bem mais velha, já na menopausa e enfrentando uma doença terminal na vagina. Juntas, elas revelam uma à outra as situações que as levaram ao submundo da prostituição. Rosário, a mais jovem, nasceu em família rica e após se entregar ao porteiro do prédio onde morava, culpando para isso a influência que sentia das novelas de TV, foi desprezada pelos pais e teve que se virar. Penha é a veterana que a recebe num quartinho de prostíbulo e, à beira da morte devido a um câncer que a faz suturar de podridão interna, não aceita seus derradeiros momentos.

Entregue ao álcool, ou talvez pelos devaneios da doença, ela imagina vermes que lhe saem de dentro, chega a trocar farpas com um cínico fanático religioso, Damião, misto dos homens com quem conviveu, e reencontra até um antigo namorado anônimo que a abandonou há tempos. Como teatro de guerrilha a instigar o público à reflexão, há ainda nessa nova dramaturgia de Vital Santos a presença do Povo, sempre com provocações da conjuntura social e personificando vários outros tipos imaginários, muitos de violenta participação. A injustiça que se depara sobre todos esses seres-lixo, viventes dos esgotos, empurra a obra a um final sem salvação a ninguém.

A Menor Pausa deveria ter participado do III Festival Nacional de Teatro Amador de São Carlos/SP, entre abril e maio de 1971, pois estava confirmada na programação com o Grupo de Cultura Teatral - GCT, mas não chegou a estrear a tempo. Prestes a inaugurar com sua equipe o Teatro Paschoal Carlos Magno, em Caruaru, e preparando *A Menor Pausa*, o dramaturgo e diretor Vital Santos recebeu o jornalista Ricardo Fiúza durante um ensaio da montagem. Depois de reclamar pelo espaço diminuto daquela casa de espetáculos – apenas 50 lugares para um grupo que, segundo o repórter, era uma turma da pesada e vinha “sendo muito feliz em suas encenações” (FIÚZA,



A Menor Pausa (1972), no IV Festival Nacional de Teatro Amador de São José do Rio Preto. Texto e direção: Vital Santos
Foto: Acervo Projeto Memórias da Cena Pernambucana

Vanguarda, 4 abr. 1971, p. 6) – e cogitar que tal empreendimento particular reafirmava a necessidade de um teatro maior para a Capital do Agreste, Ricardo Fiúza fez comentários sobre a peça, prometida para estrear no início de maio de 1971:

Muito movimentada, [...] *A Menor Pausa* traz de volta o velho tema social, abrangendo desta feita a problemática de uma jovem rica, filha de pais abastados e de importância no cenário político, que se entrega ao porteiro de sua casa, indo depois refugiar-se nos prostíbulos. O espectador terá então possibilidade de se identificar com os problemas por que passam os cristãos do submundo. Os personagens sairão do lixo, dos esgotos, da noite tenebrosa, do vício e da deturpação moral em que vivem, para apresentar ao povo os seus dilemas e suas desditas. Isso, graças ao gênio criativo de Vital. O cenário, muito simbólico e inteligente, deverá dizer que os personagens vivem aprisionados em seus prostíbulos e cubículos. (FIÚZA, *Vanguarda*, 4 abr. 1971, p. 6)

Contando com texto e direção de Vital Santos, além do próprio conceber a iluminação, o cenário e os figurinos, a peça teve uma pré-estreia somente em outubro de 1971, apenas para a imprensa e convidados especiais, na Rádio Difusora de Caruaru. No elenco, Alcimar Vólia (na personagem Rosário, a prostituta novata), Jandira Siqueira (como Penha, a prostituta veterana), Ivan Brandão (Damião, o fanático religioso) e Nilson Condé, Rui Rosal Filho, Manoel Mota, Demóstenes Sobral, Airton Loca (também apelidado de Porda), José Ferreira Neto, Tony Silva (apelidado de Humphrey), Roberval Veloso, Renato Cabral e Suitberto Cavalcanti (todos no Coro de Vermes). Mais à frente, ainda participariam Airton Silva, Carlos Braga, Severino Almeida, Natanael Pacce e Wellington Ramos/Branco. A equipe técnica contava também com Fausto Silva executando a sonoplastia proposta por Alcimar Vólia – pois não havia músicos ao vivo desta vez –; Jandira Siqueira, que além de atriz concebeu e fez a maquiagem; e Tito Everaldo na execução de luz.

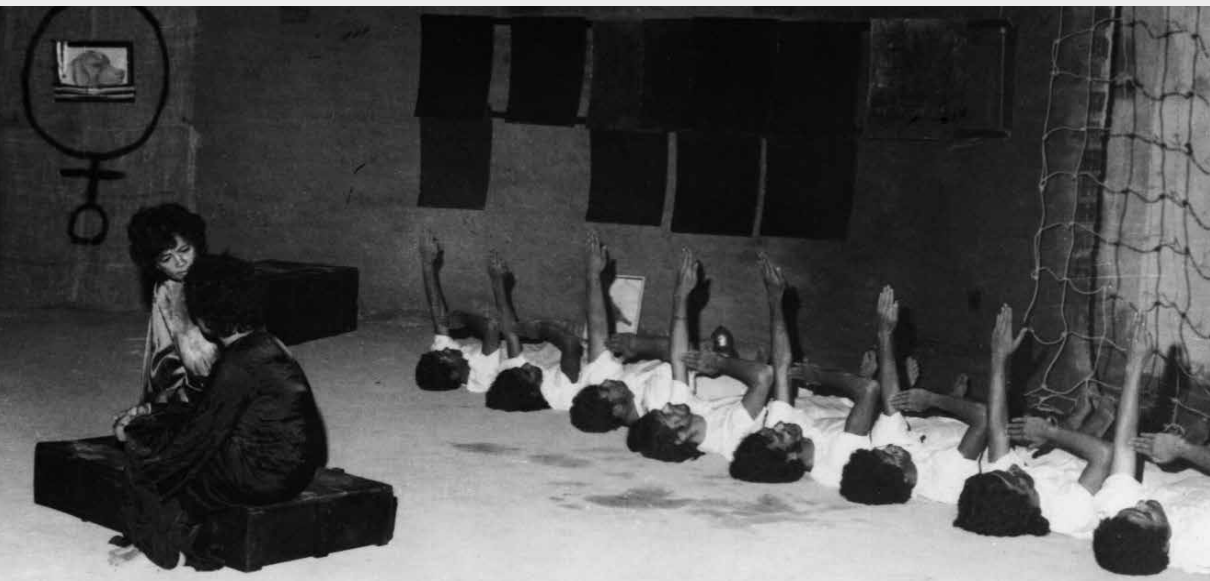
Como uma espécie de autopropaganda bem-vinda, quem teceu elogios ao que estava sendo feito e até criou paralelos da obra com os trabalhos de Bertolt Brecht e Samuel Beckett, ali misturados com um resultado plástico, real e absurdo ao mesmo tempo, foi o próprio diretor do GCT, Renato Cabral, que integrava aquele elenco e já havia assinado a assistência de direção junto a Vital na peça *Rua do Lixo*, 24 no ano anterior. Afirmou ele sobre o mais novo produto cênico do seu coletivo:

A Menor Pausa é, sem nenhuma dúvida, o trabalho melhor e mais sério de Vital. Tratando de um problema nosso com uma tal profundidade, montada e dirigida de uma maneira moderna e genial, a peça supera todos os seus trabalhos anteriores. A coreografia e o número de personagens incutem ao espetáculo uma plasticidade capaz de fazer inveja aos teatros de laboratório do Sul do país. [...] Os problemas humanos são tratados com uma seriedade e crueza que nos deixam perplexos e a pergunta surge: será que isto existe? [...] Dentro de uma coreografia impressionante, um cenário e um guarda-roupa ao mesmo tempo burlesco e clássico, popular e do absurdo, dentro de um clima de contradições que representa a contradição da própria vida, transcendendo em pujança, beleza e profundidade ao nosso próprio cosmos, surge *A Menor Pausa*. (CABRAL, *A Defesa*, 2 out. 1971, s. p.)

Por sua vez, advertindo ao público que tantos simbolismos presentes em *A Menor Pausa* eram direcionados a todos enquanto sociedade, Ricardo Freitas foi mais um jornalista que gostou do que viu, salientando que a nova obra de Vital Santos vinculava-se às criações artísticas como a peça *Navalha na Carne*, de Plínio Marcos, ou à própria *Rua do Lixo*, 24, ambas preocupadas em lançar um protesto contra a marginalização de que são vítimas meretrizes, homossexuais, menores abandonados ou outras pessoas sempre não bem vistas pelo mundo social: “Só que com muito mais profundidade, sendo excelente para intelectuais e interessados no assunto: muita mensagem e uma montagem plástica que é negócio para teatro de gente grande, como na realidade o é” (FREITAS, *A Defesa*, 30 out. 1971, s. p.), afirmou.

O diretor geral do jornal *A Defesa*, Agostinho Batista, além de parabenizar o Grupo de Cultural Teatral, foi ainda mais incisivo sobre a seriedade do tema principal da obra: a prostituição, que vinha recheada de solidão e rejeição, além de abordar a imposição de estímulos sexuais na vida cotidiana, especialmente à juventude:

Em *A Menor Pausa* Vital Santos explora, fundamentalmente, a vida de duas prostitutas e suas relações com o povo, com a sociedade. Penha é a meretriz de 49 anos que prepara e ampara Rosário nos seus primeiros dias de zona. O cenário é um esgoto, caracterizando todas as nuances do submundo da prostituição. [...] Vital nos obriga a ficar lado a lado dessas infelizes criaturas que, dia a dia, marcham para a sarjeta, para os “escambais do inferno”. Sentimos ali a revolta, a miséria de duas mulheres que sentem as dores humanas da rejeição e da solidão. Rosário, jovem de 20 anos, acha que foi uma novela uma das causas da sua perdição. Diz que ela “além de encher a cabeça da gente de besteira, deixa a gente maluca, tarada, doida pra fazer o que eles fazem”. Realmente vivemos numa cultura saturada sexualmente. O sexo é tomado como uma simples diversão e, o que é pior, como motivação de lucros. A sociedade de consumo parece requerer uma perversão constante da sexualidade para sobreviver. Somos bombardeados – principalmente a juventude – por uma série imaginativa de estímulos eróticos selecionados de um modo crescente pelos meios de comunicação de massa. (BATISTA, *A Defesa*, 4 dez. 1971, s. p.)



A Menor Pausa (1972), no ainda inacabado Teatro João Lyra Filho
 Texto e direção: Vital Santos
 Fotos: Acervo Alcimar Vólia

No seu entender, ainda que o público pudesse rir – de nervoso – em muitos momentos da peça, *A Menor Pausa* era um trabalho artístico profundamente sério e de claro compromisso com a verdade, portanto, de estímulo para um possível engajamento social dos seus espectadores:

A Menor Pausa é uma peça séria. Pela universalidade do tema será compreendida onde for apresentada. A linguagem é a dos cabarés e assim deve ser aceita. Porque a obra de arte tem um profundo compromisso com a verdade. A peça é de uma plasticidade admirável. Diante dela não podemos ficar omissos. Depois de assistir a ela ninguém fica sem tomar posição. (BATISTA, *A Defesa*, 4 dez. 1971, s. p.)

Aguardada com tamanha expectativa, *A Menor Pausa* só foi lançada para o público em geral em janeiro de 1972, no encerramento do I Festival Nacional de Teatro Amador de Caruaru - FENTAC, promovido pelo Grupo de Cultura Teatral, com evento e equipe liderados por Vital Santos, sob a coordenação geral de Renato Cabral, o então presidente do grupo, e patrocínio da Secretaria de Educação e Cultura da Prefeitura Municipal de Caruaru. A programação, somente com peças adultas, ocorreu de 15 a 22 de janeiro de 1972 nos palcos do Círculo dos Trabalhadores Cristãos (no bairro Rua Preta) e Rádio Difusora de Caruaru, além de uma intervenção na rua, mas também chegou a ocupar o então inacabado Teatro João Lyra Filho, casa de espetáculos que estava sendo construída pela Fundação Assistencial, Educacional e Cultural de Caruaru, entidade privada da família Lyra, e que, até hoje, tecnicamente, permanece inacabada (bem esquecida, na realidade).

Ao total, doze diferentes atrações foram programadas no FENTAC, sendo que as da Capital do Agreste, o Grupo de Cultura Teatral e o Teatro da Universidade do Agreste, não concorriam na competição. Dos visitantes, grupos do Recife, Natal, João Pessoa, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba, Antonina (Paraná), Goiânia e Porto Alegre. Além do lançamento oficial de *A Menor Pausa*, Vital dirigiu mais três outros espetáculos que estariam na grade: *Quarto de Empregada*, de Roberto Freire, pelo Grupo Moca, de João Pessoa; *Antígona*, de Sófocles, pelo Teatro da Universidade do Agreste - TUA; e *Transe*, do gaúcho Ronald Radde, junto ao Teatro de Amadores de Caruaru - TAC, que acabou não estreando naquele momento e, com a vinda, de última hora, de uma encenação da mesma obra dirigida

pelo próprio autor, com o grupo Teatro Novo, de Porto Alegre/RS, só iria ser lançada bem após o Festival, no dia 8 de abril de 1972, no Teatro João Lyra Filho. Todas as equipes ficaram alojadas nas salas do Colégio Estadual Nicanor Souto Maior, onde funcionava a secretaria do evento.

Especificamente sobre *A Menor Pausa*, um primeiro comentário crítico apenas registrou que a peça se exibiu numa “noitada de violência” (COM OITO..., *Diario de Pernambuco*, 27 jan. 1972, p. 3). A seguir, outro repórter lembrou que aquele tinha sido “um dos bonitos espetáculos” (I FENTAC, *Diario de Pernambuco*, 30 jan. 1972, p. 27) do evento, tanto que o Grupo de Cultura Teatral recebeu o prêmio *hors concours* pelo júri popular. *A Menor Pausa* fechou a programação do I Festival Nacional de Teatro Amador de Caruaru na noite de 22 de janeiro de 1972, às 20 horas, na Rádio Difusora de Caruaru. Pouco depois daquela estreia, às 21h30, começou a sessão solene de encerramento do Festival, com a entrega dos prêmios. Uma segunda sessão de *A Menor Pausa* foi realizada no sábado 29 de janeiro de 1972, novamente empolgando os espectadores.

VITAL JÁ TRABALHOU NA IMPRENSA

A partir de 26 de fevereiro daquele ano, no jornal semanal *A Defesa*, Vital Santos passou a assinar a coluna *Palco - Plateia* (posteriormente rebatizada de *Palco x Plateia* e, finalmente, *Palco + Plateia*), abordando espetáculos e diversos aspectos da cena teatral em todo o Brasil, com ênfase à produção da própria Caruaru e pernambucana, mas com periodicidade bem irregular. Foram treze edições até 3 de junho de 1972, só retomando no exemplar de 17 de novembro de 1973 e, também muito esporadicamente, até 16 de março de 1974, agora com a coluna intitulada *Palco & Plateia*. Ou seja, no total, foram quase oito meses dedicados à atividade jornalística teatral, produzindo 26 colunas diferentes, com notas, comentários críticos e muita informação, sempre atento ao que acontecia de Pernambuco para o Brasil e vice-versa.

“Ajude a si mesmo indo ao teatro” (PALCO - PLATEIA, *A Defesa*, 26 fev. 1972, p. 3), era a frase com que ele concluía a sua coluna. Vital assumiria ainda outra seção no mesmo jornal *A Defesa*, intitulada *Boca no Mundo*, escrita em parceria com Edmilson Amâncio e tratando dos mais diversos assuntos, incluindo o teatro e a cena cultural. Essa colaboração

durou de dezembro de 1974 a novembro de 1975, ou seja, quase um ano de experiência na redação de textos à imprensa. Paralelamente a esse seu início de atividade como jornalista em Caruaru, Vital Santos fez *A Menor Pausa* só voltar à cena no sábado 4 de março de 1972, no mesmo palco da Rádio Difusora de Caruaru. Naquele momento, chegou-se a ventilar que a peça iria concorrer no I Festival Internacional de Teatro da Colômbia.

O panfleto de divulgação informava: “Sábado, você é quem manda! Às 21 horas, no palco da Difusora, o maior espetáculo teatral do ano. *A Menor Pausa*, de Vital Santos. Peça que representará o Brasil no Festival da Colômbia” (A MENOR... [Panfleto], mar. 1972), algo que nunca aconteceu. A publicidade se encerrava com a seguinte frase de efeito: “O mesmo grupo, o mesmo autor e o mesmo elenco de *Feira de Caruaru* e de *Rua do Lixo*, 24”. Em seguida, o Grupo de Cultura Teatral foi convidado a ocupar a sede social da Associação Atlética Banco do Brasil - AABB, ainda em Caruaru, com debate ao final. A mesma turma seguiu depois para o palco da Rádio Cultura de Palmares, no sábado 18 de março de 1972, numa promoção dos alunos de Direito da Universidade do Agreste, também com debate no findar do espetáculo.

O GCT já havia levado para aquele município seus dois trabalhos anteriores, *Feira de Caruaru* e *Rua do Lixo*, 24. No dia 15 de abril de 1972, *A Menor Pausa* começou a cumprir apresentações no Teatro João Lyra Filho, lugar pensado propriamente para receber espetáculos cênicos, misto de anfiteatro e teatro de arena semicircular, mas ainda em construção. Inclusive, sem cadeiras para o público. A peça ficou em cartaz, sempre às 21 horas dos sábados e domingos, até 1 de maio de 1972, cobrando preço popular. Para além da credibilidade dos envolvidos, a oportunidade de se assistir a uma peça sobre degradação humana num espaço ainda deteriorado, chamou a atenção do público caruaruense e a situação foi registrada pelo *Jornal do Commercio*:

As paredes ainda sem reboco e o teto recém-colocado dão a acústica às doze vozes dos atores de *A Menor Pausa*, de Vital Santos. Dois praticáveis, estopas, cartolinas metálicas, uma rede de cordas que pende do teto, ao lado de um balanço, criam vida no palco do Teatro João Lyra Filho, em construção. É o local onde o autor e diretor caruaruense mostra seu último trabalho, juntamente com o Grupo de Cultura Tea-

tral. A “arena grega” (misto de anfiteatro grego com teatro de arena) do Teatro João Lyra filho, mesmo em fase de acabamento, tem recebido um bom público nas sessões de fim de semana [...]. O atual espetáculo de Vital Santos, segundo o próprio autor, “caracteriza todas as nuances do submundo da prostituição”, numa linguagem teatral moderna e mais de pesquisa e rebuscamento. (PEÇA..., *Jornal do Commercio*, 17 mai. 1972, p. 1)

Sem a peça nunca chegar ao Recife, foi ainda no dia 12 de maio de 1972 que o Grupo de Cultura Teatral se apresentou com *A Menor Pausa* no Círculo Operário de Caruaru, abrindo a I Semana Municipal de Teatro de Caruaru, promovida pela Prefeitura na festa dos 115 anos de emancipação política do município. A seguir, a montagem se inscreveu e, graças ao apoio do prefeito Anastácio Rodrigues, pôde ser levada para o IV Festival Nacional de Teatro Amador de São José do Rio Preto/SP e I Festival Internacional, eventos de caráter competitivo que ocorreram de 9 a 25 de julho de 1972, com a presença de vinte grupos de várias partes do Brasil e um único estrangeiro, da França, que acabou não comparecendo. *A Menor Pausa* foi muito bem recebida no interior paulista. Uma matéria de cobertura da grade de atrações, infelizmente não assinada, além de dar visibilidade às palavras do autor e diretor caruaruense, deixou clara a boa impressão sobre o trabalho cênico dele:

A peça *A Menor Pausa*, de Vital, é uma das mais importantes do Festival, em termos de pesquisa estética e de problemas ligados à nossa realidade, de todo o Brasil, apesar de usar certos termos comuns ao Nordeste. [...] Toma como fio de ligação da peça o diálogo entre duas prostitutas, que contam e comentam como vieram parar naquele lugar, porque estão ali, mostram a podridão da sociedade em determinado sentido. O diretor introduz um coro que “convive” durante todo o tempo com o diálogo das prostitutas à base de cortes (prostitutas-coro-prostitutas) e que faz toda uma crítica aos valores da sociedade. Muito bem feita. As prostitutas mostram um lado podre da sociedade, o coro mostra a podridão geral: as causas da prostituição, da maneira mais ampla possível. (UMA PAUSA..., *Novo Jornal*, 23 a 30 jul. 1972, p. 9)



A Menor Pausa (1972), no ainda inacabado Teatro João Lyra Filho
 Texto e direção: Vital Santos
 Fotos: Acervo Alcimar Vólia

Para quem escreveu tal matéria (o *Novo Jornal* é, na verdade, uma publicação de Londrina, no Paraná), *A Menor Pausa*, na sua perspectiva de abordar uma temática séria com um coro que, como afirmava Vital Santos, mostrava criticamente a causa direta da prostituição, sem lamentar nada, era uma peça que trazia um certo acúmulo de informações para o público, tornando-se difícil um raciocínio imediato. Era preciso, então, refletir com mais calma sobre a avalanche de temas importantes numa lógica nada usual:

Os quadros sucedem-se rápida e propositalmente. Vital explica: “Esta é uma maneira de negar aquele espetáculo convencional, com começo, meio e fim. O espectador sente que o seu raciocínio não está conseguindo funcionar normalmente. Então ele para e começa a ver de outra forma, passa a ter um espírito mais crítico”. [...] O trabalho de Vital Santos é qualquer coisa de sério, uma das raras exceções do Festival. (UMA PAUSA..., *Novo Jornal*, 23 a 30 jul. 1972, p. 9)

APLAUSOS E PREMIAÇÕES

Já num outro jornal, *A Notícia*, periódico da própria São José do Rio Preto, cidade do interior do Estado de São Paulo onde ocorriam os dois festivais simultaneamente (essa primeira edição internacional foi desconsiderada mais à frente pela organização do evento, só concretizada, como sonhavam, em 2001), os elogios foram mais do que derretidos à produção cênica caruaruense, tanto que o mesmo texto foi reproduzido na capa do jornal *Vanguarda*, em 23 de julho de 1972, sob o título “Grupo teatral de Caruaru é aplaudido de pé em São Paulo”):

À bênção, Vital. Você está bom demais. O espetáculo de ontem (*A Menor Pausa*) o consagrou decididamente como homem de teatro, com um futuro promissor dentro da arte. Seu trabalho vigoroso, maiúsculo, corajoso, atrevido, por vezes até chocante, arrebatou a plateia que sentiu o espetáculo do começo ao fim. Falar sobre *A Menor Pausa* é falar sobre Vital, autor, diretor, figurinista, tudo. Ele conseguiu arrancar o máximo de cada amador; soube explorar de to-

das as situações, assimilou muita coisa de outros espetáculos que assistiu em Rio Preto (*Prometeu* [Acorrentado, de Êsquilo, visto na edição de 1971, com direção de Carlos Alberto Soffredini], por exemplo), usando com inteligência e sem cansar a plateia de expressões corporais que calaram fundo. (VITAL..., *A Notícia*, 15 jul. 1972, s. p.)

O avaliador ou a avaliadora (há quem afirme ser a saudosa Dinorath do Valle) refere-se ainda, com entusiasmo, ao “trabalho maiúsculo” do ator Ivan Brandão no papel do fanático religioso Damião, cuja segurança de interpretação já o colocava como um dos grandes concorrentes ao prêmio de melhor ator, de fato, ganho por ele ao final da competição. Mas também lembrou da qualidade da escrita das falas coloquiais das personagens por Vital Santos e da escolha da trilha sonora que as acompanhava:

O diálogo franco, espontâneo, caseiro das duas prostitutas (a nova – Alcimar Vólia, Rosário; e a veterana – Jandira Siqueira, Penha), convence plenamente, mostrando de maneira clara, rude e, às vezes engraçada, o dia a dia no prostíbulo do baixo meretrício. Usando de recursos que somente a cabeça jovem de Vital poderia imaginar, a peça não perde o ritmo em momento algum. Pelo contrário: vai num crescendo assustador, numa avalanche para cujo clima a sonoplastia (Alcimar Vólia) é fundamental, num aproveitamento dos melhores momentos de [Carlos] Santana [mexicano, músico instrumentista e compositor], com passagens por *Eu te Amo*, *Meu Brasil*, *Hino do Mobral*, Ary Toledo e outros bichos. (VITAL..., *A Notícia*, 15 jul. 1972, s. p.)

Pelo seu olhar, *A Menor Pausa*, do Grupo de Cultura Teatral, com texto e direção de Vital Santos, e *Torturas de um Coração*, de autoria de Ariano Suassuna, numa montagem irreverente e revisteira dirigida por José Francisco Filho para o Teatro da Universidade Católica de Pernambuco - Tucap, do Recife, despontavam como os trabalhos cênicos mais promissores do Festival até então. Isso porque ambos tinham servido para uma série de comentários os mais descontraídos, o que equivalia a dizer que haviam mostrado algo de novo, conseguindo mexer com as estruturas, contribuindo para quebrar tabus e revelar que “a primazia do teatro

amador” estava mesmo com o Norte-Nordeste. O primeiríssimo lugar, no entanto, ficou com *O Verdugo*, de Hilda Hilst, pelo Grupo Núcleo, da Universidade Estadual de Londrina/PR, dirigido por Nitis Jacon.

A Menor Pausa levou o 2º lugar de melhor espetáculo, além dos prêmios para melhor espetáculo plástico e melhor ator (Ivan Brandão). Já a outra atração pernambucana, a citada peça *Torturas de um Coração*, com o elenco do Tucap, abocanhou o 3º lugar de melhor espetáculo e, como destaque dado pela imprensa, recebeu ainda um quadro do jovem arquiteto J. C. Serroni, um dos mais elogiados cenógrafos do país atualmente, presente oferecido pelo jornal *A Notícia*. Seguindo o júri popular, a melhor realização foi *As Confrarias*, de Jorge Andrade, com o Teatro Estudantil Vicente de Carvalho, de Santos/SP, sob direção de Wilson Geraldo.

Já a montagem de *Feira de Caruaru*, também exibida pelo Grupo de Cultura Teatral naqueles mesmos Festivais, em caráter *hors concours*, e que até contou com a presença orgulhosa do prefeito caruaruense Anastácio Rodrigues na plateia, ainda levou o prêmio especial do júri oficial e uma menção honrosa de coadjuvante para o ator Rui Rosal Filho. Quase ao findar daqueles eventos, mesmo sendo um dos artistas mais premiados e com ótima receptividade de público e da imprensa aos dois trabalhos que apresentou, Vital Santos não poupou críticas aos companheiros teatrais de outros lugares, pois, para ele, as peças ali vistas não tinham origens no cotidiano brasileiro e ainda lhes faltava o aspecto mais importante: uma reflexão sobre o social. Afirmou, então:

O nível do Festival este ano está sensivelmente fraco [...] não só no nível dos espetáculos, mas também em termos de discussões. O que a gente está vendo é um grande individualismo, um radicalismo impressionante, pessoas agredindo, jogando grupo contra grupo. [...] Os trabalhos estão pairando sobre uma realidade que não é a nossa, que, ao menos, não tem origens na nossa realidade. Os grupos estão impressionados com movimentos técnicos do teatro. Fala-se muito em Grotowski e outros “Kis” existentes por aí. Fala-se em iluminação, em cenário, mas estão esquecendo a raiz das coisas: a nossa realidade. É preciso que o teatro sirva para deixar alguma coisa de positivo na mente do povo. Teatro é social. (*Apud* UMA PAUSA..., *Novo Jornal*, 23 a 30 jul. 1972, s. p.)



A Menor Pausa (1972)

Foto: Acervo Projeto
Memórias da Cena
Pernambucana

Ainda para Vital, o teatro do Norte ou Nordeste brasileiro vinha se sobressaindo nos festivais de teatro pelo país por conta das pesquisas que seus artistas estavam desenvolvendo, com ênfase na realidade que trazem ao povo: “É preciso fazer movimento nosso, com coisas nossas”, conclamou. Na sequência, o GCT partiu com o mesmo repertório para o estado do Paraná e aportou nas cidades de Maringá e Londrina. Na primeira visita, graças a um chamado da Secretaria de Educação e Cultura em conjunto com o Grupo de Teatro Maringaense Independente - TEMI, sessões de *A Menor Pausa* e *Feira de Caruaru* foram realizadas no Instituto de Educação, respectivamente nos dias 29 e 30 de julho de 1972. No final de semana seguinte, dias 5 e 6 de agosto, foi a vez de exibí-las no Cineteatro Universitário Ouro Verde, em Londrina. A força do diálogo em cena foi o principal chamariz para fazer valer o trabalho

denso de *A Menor Pausa* em terras paranaenses, isso por seu aspecto didático, cultural e popular, numa boa promessa de teatro sério:

A Menor Pausa tem como fio dramático a história de duas prostitutas que conversam informalmente durante toda a peça (a espontaneidade do diálogo assusta), falando de seus problemas, dos problemas da “classe”, fazendo leves críticas à sociedade que as obrigou àquele estado. Mas as duas servem apenas como fio de dramaticidade. É introduzindo um coro que atua durante todo o decorrer do diálogo, interrompendo-o e servindo como elemento de distanciamento ao mesmo tempo, que [o autor] procura dar uma visão mais ampla de nossa sociedade (as verdadeiras causas não só da prostituição, mas de toda a miséria que nos envolve). Tudo isso é feito de maneira bastante simples e diretamente relacionada ao público: todos entendem perfeitamente porque são elementos tirados de sua realidade, coisas que se vê a todo instante (mas sobre as quais não consegue ter uma visão crítica, que o teatro pode propiciar). [...] Vital Santos parte do regional (as prostitutas)

para o universal (coro), procurando sempre contestar o teatro antigo, fazendo um teatro didático e cultural “para o povo”. (VEM AI..., *Novo Jornal*, 30 jul. a 6 ago. 1972, s. p.)

ITINERÂNCIA RECEPTIVA

A diretora teatral e jornalista Linda Bulik, que praticamente inaugurou o espaço de crítica teatral jornalística em Londrina, também foi receptiva ao embate das duas prostitutas em *A Menor Pausa*, não deixando de apontar o estranhamento que o sotaque caruaruense tinha causado na plateia londrinense, entre outros desconfortos propositais da obra:

Em *A Menor Pausa*, do pernambucano Vital Santos, duas prostitutas vomitam na plateia toda a lama da sociedade hipócrita em que vivemos, que na peça é representada pelo coro de vermes, cuja introdução se prende à parte universal do tema. Rosário e Penha, duas prostitutas, representam o particular ou regional. Daí a explicação (e aqui cabe uma justificativa) para o sotaque pernambucano das duas, que causou estranheza em grande parte dos espectadores, os quais se perguntavam a respeito do “falar de teatro”, da dicção estabelecida e convencionada [...]. Durante o diálogo entre Rosário e Penha (uma na menopausa e outra nos primeiros tempos de profissão), uma série de acontecimentos vai se desenrolando em cena, como críticas contundentes à sociedade que as levou à prostituição, à medida em que o ritmo vai aumentando de intensidade e o clima de angústia atinge a plateia (que ri para disfarçar a responsabilidade que lhe cabe no drama humano de duas mulheres lançadas à rua da amargura) até a explosão final do coro de vermes. Tudo isso dito numa linguagem própria do submundo da prostituição (BULIK, *Folha de Londrina*, 6 ago. 1972, p. 9)

Linda Bulik ainda ressaltou a relação que a peça mantinha diretamente com a plateia, entre o tenso e o cômico, mas essencialmente numa crítica à sociedade:

Não faltaram simbologias de agressão à sociedade, também representada pelo público presente. O espelho é símbolo de sua corresponsabilidade pelo que se passava em cena; a luz



A Menor Pausa (1972), no ainda inacabado Teatro João Lyra Filho

Texto e direção: Vital Santos

Foto: Acervo Alcimar Vólia

branca lançada ao público nos momentos cruciais da peça insiste na cumplicidade deste; e o “cafetão” perguntando aos homens da plateia quanto davam por uma das prostitutas, dispensa maiores comentários... O relacionamento palco + plateia permitiu uma comunicação direta, principalmente em virtude do tema estar muito ligado à nossa realidade de todos os dias. Interessante é notar que Vital Santos entendeu a função de espetáculo do teatro, principalmente do amador que se ressentia de “bons” atores, contornando essas e outras dificuldades com um espetáculo sério do qual se serve para criticar a sociedade hipócrita que condena a prostituição, mas é a principal responsável por deixar perdurar a existência da “mais antiga profissão do mundo”! De permeio, aproveita-se também para introduzir algumas sátiras à beatice e aos preconceitos arraigados da tradicional família nordestina. (BULIK, *Folha de Londrina*, 6 ago. 1972, p. 9)

A seguir, como convidado de Niels Peterson, presidente do Serviço Estadual de Teatro do Rio de Janeiro, e Albino Costa, diretor da Federação de Teatro Amador, o Grupo de Cultura Teatral participou do I Festival Nacional de Teatro Jovem do Estado do Rio de Janeiro, que aconteceu de 5 a 25 de agosto de 1972, no Teatro Municipal João Caetano, no município de Niterói/RJ, com a participação inicial de vinte grupos de sete estados (mas houve desistências de última hora), somente com peças de autores brasileiros. Indo de ônibus – como sempre nas suas viagens –, a turma caruaruense, composta por 16 integrantes, chegou atrasada em dois dias e fez a programação ser alterada em cinco peças, pois também não poderia permanecer muito tempo no evento. No entanto, houve um contratempo a mais.

Um de seus componentes, Airton Silva, foi autuado em flagrante por policiais da Delegacia de Tóxicos, pois trazia oito comprimidos de Lепенil e um embrulho de maconha no forro do seu agasalho, mas alegou que as drogas eram de uso próprio. Para piorar, até o confundiram com um assaltante de São Paulo. Ao final, tudo se resolveu e *A Menor Pausa*, conquistando parte do público, ainda abocanhrou a premiação de melhor texto (Troféu Jofre Saud) para Vital Santos. O outro espetáculo levado para lá, *Feira de Caruaru*, infelizmente não foi contemplado com nada desta vez e recebeu dura crítica de Domari Espósito, do jornal *O Fluminense*, reclamando que o autor Vital Santos continuava “gostando de abusar dos palavrões, que aparecem sem muita necessidade e nenhuma motivação verdadeira” (ESPÓSITO, *O Fluminense*, 12 ago. 1972, p. 5).

Mesmo enfrentando situações nem tão agradáveis em Niterói, o Grupo de Cultura Teatral, ao voltar a Caruaru, não desanimou e começou a preparar dois novos espetáculos para estrear em 1973, *O Uivo*, de Allen Ginsberg, e *A Árvore dos Mamulengos*, que seria outro grande sucesso de Vital Santos, ambos dirigidos pelo próprio. Quanto à peça *A Menor Pausa*, ainda que tenha sido vista em quatro estados diferentes, Pernambuco (mas sem chegar ao Recife), São Paulo, Paraná e Rio de Janeiro, sua trajetória, na verdade, foi pequena e provavelmente a derradeira sessão ocorreu em Quipapá, no encerramento da XIV Reunião de Medicina Preventiva, no dia 10 de setembro de 1972. Ou seja, o trabalho só sobreviveu por menos de nove meses, sem completar ao menos uma gestação. E não foi encontrada nenhuma outra montagem da obra até o momento desta publicação.

REFERÊNCIAS:

- A MENOR Pausa [**Panfleto**]. Grupo de Cultura Teatral. Caruaru, mar. 1972.
- I FENTAC. **Diário de Pernambuco**. Recife, 30 jan. 1972. Segundo Caderno/Interior Social/Caruaru. p. 27.
- BATISTA, Agostinho. A Menor Pausa. **A Defesa**. Caruaru, 4 dez. 1971. s. p.
- BULIK, Linda. Os vermes da menor pausa e a grande feira de Caruaru. **Folha de Londrina**. Londrina, 6 ago. 1972. p. 9.
- CABRAL, Renato. A Menor Pausa. **A Defesa**. Caruaru, 2 out. 1971. s. p.
- COM OITO estados disputando o 1º prêmio, durante uma semana, Caruaru foi a Capital do Teatro Amador do Brasil. **Diário de Pernambuco**. Recife, 27 jan. 1972. Terceiro Caderno/Reportagem. p. 3.
- ESPÓSITO, Domari. “Feira de Caruaru”. **O Fluminense**. Niterói, 12 ago. 1972. 1º Caderno. p. 5.
- FIÚZA, Ricardo. Vida moderna inclui teatro! **Vanguarda**. Caruaru, 4 abr. 1971. p. 6.
- FREITAS, Ricardo. Sociedade: quem és e onde estás? **A Defesa**. Caruaru, 30 out. 1971. s. p.
- GRUPO teatral de Caruaru é aplaudido de pé em São Paulo. **Vanguarda**. Caruaru, 23 jul. 1972. p. 1.
- PALCO - PLATEIA. **A Defesa**. Caruaru, 26 fev. 1972. p. 3.
- PEÇA faz pré-estreia de teatro caruaruense. **Jornal do Commercio**. Recife, 17 mai. 1972. Caderno II. p. 1.
- UMA PAUSA para Vital. **Novo Jornal**. Londrina, 23 a 30 jul. 1972. p. 9.
- VEM AÍ: a grande feira e menor pausa. **Novo Jornal**. Londrina, 30 jul. a 6 ago. 1972. s. p.
- VITAL, bagunçando o coreto e mexendo com as estruturas. **A Notícia**. São José do Rio Preto, 15 jul. 1972. s. p.

A MENOR PAUSA

De: Vital Santos

.....

Personagens: Penha (prostituta de 49 anos, na fase da menopausa), Rosário (prostituta de 20 anos, nos primeiros dias de zona), Damião (beato, político, cafajeste) e Povo (número de pessoas a critério da direção). Daí devem partir os tipos imaginários de Penha, Rosário e Damião.

Após longa busca, um único exemplar do texto datilografado foi encontrado no acervo da SBAT (Sociedade Brasileira de Autores Teatrais), no Rio de Janeiro, entidade que Vital Santos era filiado. Agradeço a Sérgio Santos pela colaboração. Infelizmente, a rubrica inicial está ilegível. Cenário: Um esgoto que deve caracterizar todas as nuances do submundo da prostituição. Entra o Povo. Invade a plateia apontando armas, atirando e gritando. Entrega as armas aos espectadores. Sai cantando em procissão.

POVO (*cantando*) – Senhora dos Aflitos / Senhora dos Ausentes / dai a glória do infinito / para esses povos viventes / que dentro dos esgotos / fazem papel de gente / será que é gente? / Será que é? / Será que é bicho / ou será que é mulher?

Luz em Penha e Rosário.

ROSÁRIO – Uma merda! Uma grandiosíssima bosta! Será possível que pelo simples fato de sermos prostitutas somos também obrigadas a viver nas sarjetas, nos esgotos, nos escambais dos infernos?

PENHA – Ah, queridinha, não fica assim. Afinal de contas, segundo a tradicional família, nós, as putas, não merecemos nada melhor que isso aqui.

ROSÁRIO – Ah, é? Pelo que vejo você não me conhece.

PENHA – Amorzinho, não faz charminho não, tá? Vamos guardar logo a pôrra destes cacarecos que já está na hora do meu curativo.

ROSÁRIO – Dane-se você, seus cacarecos e suas feridas! Quando você me fez convite para seguir na prostituição disse que eu iria ser uma dama. E com uma dama não se grita, você sabe muito bem.

PENHA – E por que não?

ROSÁRIO – Porque é ela quem fatura pra putona.

PENHA – É bom que você saiba que sem a putona ela não existe. Porque é a putona quem escolhe homens para ela, homens com dinheiro e sem moléstias. É a putona

quem ensina como faturar. É a putona quem toma conta da puta que a putona da família desprezou.

ROSÁRIO – Nossa! A putona emputeceu-se toda!

PENHA – E vamos deixar de gracinhas que eu hoje não estou pra conversa.

ROSÁRIO – Sabe Penha, até aí eu acho que você tem razão. Você sabia que a minha família é uma das mais importantes da sociedade? Que o meu pai é um dos mais altos funcionários do estado?

PENHA – Por isso não. Eu conheço um grandão aí que é fresco e é a própria mulher quem arranja macho pra ele. No entanto, saíram nas colunas sociais como o “casal do ano”.

ROSÁRIO – Eis o motivo porque eu estou aqui. Por causa do nojo. Respire bem, Penha. Respire fundo pra que você sinta bem a podridão da merda, do mijo, da lama podre que exala desses esgotos... Tá sentindo, Penha? Pois toda essa catinga é mais pura que a minha família, cheira melhor que a sociedade!

PENHA – Já vi que a classe das putas é a mais unida...

ROSÁRIO – Sabe Penha, já flagrei minha mãe na cama com o leiteiro. Meu pai é um impotente, meu irmão é um pederasta safado que vive roubando objetos valiosos da casa pra dar aos amantes.

PENHA – Eu não entendo você. Passou o tempo todo sentindo essa nojeira e tem a ousadia de dizer que isso aqui cheira mal.

ROSÁRIO – Tanto aqui como lá o valor é o mesmo. Só que aqui é mais limpo!

PENHA – E o que é que você tá fazendo aqui? Por acaso alguém está lhe obrigando?

ROSÁRIO – É o que me pergunto todo dia. O que estou fazendo aqui? Por que, meu Deus? Por que? O que foi que eu fiz pra merecer este castigo? Eu não nasci pra viver nesse ambiente... Eu não tenho culpa! Olhe no meu rosto, Penha, veja: a face é rubra, a pele é fina, os lábios são meigos, os olhos são tristes, os cabelos sedosos. Eles não foram feitos para serem acariciados pelas mãos sujas e porcas dos animais que frequentam isso aqui. Eu me chamo Rosário. Rosário é nome de virgem, de pureza... Foi um erro, eu não tenho culpa, eu não sou culpada...

PENHA – Puta merda! Se a cara e o nome marcarem a sina das criaturas, eu já era puta antes de nascer!

ROSÁRIO – Eu detesto tudo... Eu odeio a humanidade... Eu não tenho culpa, foi um engano. Tenho certeza que foi um engano!

PENHA – Essas mocinhas de hoje não tem quem entenda. Danam-se a dar por aí... Quando estão com o buraco deste tamanho (*gesticula com a mão*) vêm com histórias que “foi um erro, foi engano...”. Ah, minha filha, agora é tarde!

ROSÁRIO – E fique sabendo que não estou arrependida, ouviu? Estou consciente do que fiz.

PENHA – Ah, quer dizer que você gostou, não foi? Só pode! A primeira vez é uma maravilha... Deixa de frescura, mulher! Abre o olho e vê o que tem pela frente.

ROSÁRIO – É isso mesmo. Eu não estou arrependida... Quer saber de uma coisa? Fui eu que ofereci ao cara, dei de livre e espontânea vontade. E sabe a quem foi? Ao porteiro do prédio onde a gente morava. E quer saber mais? Foi na cama de minha mãe!

PENHA – Você é mais nojenta que a sua raça!

ROSÁRIO – Sou fruto deles, não tenho culpa. Foi o seguinte...

PENHA – Não quero saber da vida de ninguém!

ROSÁRIO – Mas vai ouvir a minha.

PENHA – Já disse que não quero saber de nada!

ROSÁRIO – Você vai ouvir. Eu quero que você ouça.

PENHA – Deixa disso, mulher! Cuide na sua obrigação.

ROSÁRIO – Você tem que ouvir.

PENHA – Deixe disso, Rosário. Vai procurar o que fazer que é melhor.

ROSÁRIO – Eu conto. Você vai ter que ouvir. Foi numa noite de sexta-feira... Sabe, Penha, dizem que a mulher que perde a virgindade nesse dia não morre de parto. É verdade?

PENHA – Sei lá!

ROSÁRIO – Meus pais saíram para visitar um tio meu que estava operado e eu fiquei sozinha, vendo televisão. Por sinal aquela novela... Não sei, não me lembro do nome agora. Só sei que o cara começou a beijar a dona e foi apertando, alisando e foi aumentando; e beijando ela, ela apertando ele e caíram por cima da cama, embolaram pra cá, embolaram pra lá e foi aumentando... Eles se beijando, se abraçando... A televisão rodando... Eu fiquei toda arrepiada! E uma vontade... Na minha opinião eles deviam acabar com essas novelas, são imorais! Além de encherem a cabeça da gente de besteira, deixam a gente maluca, tarada, doida pra fazer o que eles fazem. Eu acho que aquela novela foi a causa da minha perdição!

PENHA – E os artistas são mais safados ainda! Lembro-me que um deles iludiu a filha de uma vizinha minha, uma menina de 17 anos! Linda, parecia uma boneca! Convidou pra passear de carro e... Entrou que só faca em melancia! Taí a bestona com um filho dele e ele dizendo que é mentira, que é chantagem que ela quer fazer.

POVO (*cantando e dançando*) – A hora da latrina / já vai começar / alerta, minha gente / pois vai catingar / ela é cafona, ela é cafona / é um programa / pra quem tem mãe na zona! (*avançam sobre a plateia, dizendo a programação e os horários dos programas de TV*)

ROSÁRIO – Desliguei a televisão e saí pra me encontrar com o namorado. O encontro era numa pracinha que tinha por trás do edifício onde a gente morava, para que papai não soubesse. Ele não queria que eu namorasse, me achava muito nova pra essas coisas e, no entanto, permitia que assistisse as novelas. Cheguei na praça e ele não estava. Fiquei esperando. Esperei mais ou menos uma meia hora e nada dele chegar. Ele nunca havia chegado atrasado, era sempre o primeiro a chegar! Quando me via, saía pra me encontrar, dava-me um beijo, segurava minha mão e íamos passeando... Me dava bombons, me ofertava rosas que roubava dos jardins, contava histórias de sua vida... Eu era feliz, Penha! Muito feliz! Certa vez ele contou que levaram a irmã dele no pronto-socorro para extrair um pedaço de banana da vagina dela... Estava se masturbando. Fingi entender, mas na verdade não entendia nada do que ele estava dizendo. Só mais tarde é que vim compreender. Nesse dia ele não veio e eu senti pela primeira vez a solidão. Não sei porquê, talvez por causa da cena da novela que continuava refletido dentro de mim. Quando voltava, dei com o porteiro no elevador. Ele ficou olhando pra mim, eu olhando pra ele... Ele era bonito, parecia o cara da novela! Disse pra ele que meus pais haviam saído e que eu estava desconfiada que havia alguém no apartamento. Ele foi comigo. Enquanto ele verificava as dependências, eu tirei a roupa e fiquei nua diante dele. Ele ficou espantado! Parou e ficou olhando pra mim com cada olho desse tamanho, a boca aberta, babando e respirando fundo como quem estava cansado. Partiu pra cima de mim. Parecia um touro botando fogo pelas narinas. Se agarrou comigo e ficou roncando, babando, me mordendo, me apertando. Me jogou no chão e caiu por cima, ficou gemendo, sugando meu pescoço, parecia um vampiro e eu agoniada, sufocada, nervosa, já não estava mais aguentando as dores... E ele em cima, me apertando, babando, suando, catingando, parecia um monstro... Não suportei mais e gritei, gritei e ele em cima, em cima, eu... Eu chorando, gritando, gritando, gritando... (*pausa*) Apareceu o vizinho com um revólver na mão, prendeu o cara e mandou me levarem no pronto-socorro, pois estava toda arreventada. Pra salvar a minha reputação disse que o porteiro havia me agredido.

PENHA – E ele?

ROSÁRIO – Foi processado!

PENHA – E você não fez nada?

ROSÁRIO – Não. Tinha que salvar a moral da família!

PENHA – Hum! E que moral!

ROSÁRIO – O lugar dele é lá mesmo. Ninguém aguenta aquele cavalo!

PENHA – Você é mesmo uma cretina!

ROSÁRIO – Você acha, é?

PENHA – Não quero saber de nada não, vamos logo arrumar essas porcarias que já deve estar chegando gente por aí.

ROSÁRIO – Gente? E você acha que gente frequenta isso aqui?

PENHA – Onde é que está a bacia?

ROSÁRIO – Sei lá! Não foi você que guardou? Deve estar dentro do saco.

PENHA – Vai ver se tá e esquentar a minha água.

ROSÁRIO – Onde é que tem água?

PENHA – Na torneira, claro!

ROSÁRIO – E onde é que tem torneira?

PENHA – Ô mulher! Tá com os olhos no cu, é? Olha essa merda aí.

ROSÁRIO – Está faltando água na torneira.

PENHA – O quê? Não diz nem uma desgraça dessa!

ROSÁRIO – Venha olhar.

PENHA – Essa agora foi a melhor. Isso é um azar da gôta! Pega a bacia e pede um pouquinho aí no quarto vizinho.

ROSÁRIO – Estou notando uma coisa... Onde é que se caga aqui?

PENHA – Aí no beco.

ROSÁRIO – Um sanitário pra esse povo todinho?

PENHA – Claro!

ROSÁRIO – Era só o que faltava... (*sai*)

POVO (*murmurando e saindo de dentro do esgoto feito vermes*) – Hoje é sexta! Porque hoje é sexta! (*simbolizam um aborto com Penha e voltam a formar um coro como se nada tivesse acontecido*)

Entra Rosário.

PENHA – Conseguiu?

ROSÁRIO – Consegui.

PENHA – Então bota logo a minha água pra esquentar.

ROSÁRIO – Tomou o comprimido?

PENHA – Não, tinha esquecido. Se você não me lembra... *(tira de dentro do saco uma garrafa de aguardente, o comprimido e toma-o com cana. Ela fica olhando um retrato de sua filha de 19 anos)*

ROSÁRIO – Quando vai anoitecendo me dá um desengano na vida. Uma vontade de morrer. Qualquer dia eu faço uma tolice.

PENHA *(mostrando a foto)* – Minha filha... Está com 19 anos, mora com minha mãe. Se chama Do Céu.

ROSÁRIO – É filha única?

PENHA – Graças a Deus! Essa vida, minha filha, não há nada de tão duro, de tão triste! Às vezes me pergunto se o melhor não é a gente tomar logo veneno...

ROSÁRIO – Nada! Quem sabe se ela não vai dá pra gente, se não vai ser o seu amparo na velhice? O futuro a Deus pertence!

PENHA – Você não sabe da missa um terço, minha filha. Lourdes comeu o pão que o Diabo amassou, passou fome, apanhou, pegou doenças e não se tratou, guardando o dinheiro pra filha que era interna num colégio de freiras. Resultado: ela fugiu com um homem casado. Hoje tão as duas na mesma pensão.

ROSÁRIO – Mas não é obrigado todo mundo ter a mesma sina!

PENHA – Essa vida, minha filha, não tem nada pra dar a ninguém não. É uma desgraça! Saia daqui enquanto há tempo. Fuja, você é jovem, pode arranjar um emprego e levar uma vida honesta. É muito melhor a gente pedir esmolas do que viver num inferno desses... Eu odeio o dinheiro deles, são uns canalhas!

ROSÁRIO – Há muito que estou esperando esse momento. Vivo contando as horas. Falta pouco, Penha, muito pouco... Quando chegar o dia, desapareço daqui, sumo pra ninguém saber o meu paradeiro. Se possível, mudo até o nome, arrango um trabalho e vou criar meu filho, vou viver pra ele. Homem nenhum vai botar as mãos sujas em cima de mim.

PENHA – Eu nasci muito longe daqui, minha filha!

ROSÁRIO – Onde?

PENHA – No Sertão. Meu pai era agricultor e perdeu tudo que tinha por causa da seca. Viemos pra cidade. Foi quando eu conheci Tonho, o desgraçado que me botou no mundo...

ROSÁRIO – Como foi?

PENHA – Ele era meu noivo. Já estava tudo pronto, nós íamos casar. Ele fez o serviço em mim e fugiu na véspera do casamento.

ROSÁRIO – E a sua família?

PENHA – Não puderam fazer nada, eu que me lasquei! Imagina você que o desgraçado estava doente e me acertou direitinho. Além de fazer o que fez, me deixou cheia de doenças do mundo... Depois meu pai morreu e eu tive que me virar pra ganhar a vida.

ROSÁRIO – Como puta?

PENHA – Não. Me tratei e arranjei um emprego num bar como garçoneite. Depois apareceu lá um sujeito e me levou pra morar com ele. Foi a pior viagem, sofri como o Diabo. O sujeito era muito ruim! Tomava uma cachaça da gôta! Só chegava em casa bêbado, quebrando tudo. Tá vendo essa cicatriz? (*mostra o rosto*) Foi ele com um tamborete. Deixei o desgraçado e me meti no mundo. Procurei trabalho por todo canto, mas não encontrei. Parece que quando a gente traz a sina, não tem jeito não. Entrei nessa vida miserável e até hoje estou padecendo!

ROSÁRIO – Quem sabe se você ainda não vai ser feliz? Pode ser que sua filha...

PENHA – Só quando morrer. Será que a água já tá quente?

ROSÁRIO – Eu vou olhar. (*sai*)

Penha toma outro gole de cana.

ROSÁRIO (*voltando*) – Pronto, Penha, olhe aqui a água, eu vou fazer o café.

PENHA – Não, agora você vai fazer o meu curativo.

ROSÁRIO – Repara, eu não faço não! Pode fazer você mesma.

PENHA – Mas Rosário... O doutor disse que tinha que ser outra pessoa pra fazer.

ROSÁRIO – Eu mesma não faço não. Deus me livre!

PENHA – Mas Rosário...

ROSÁRIO – Não adianta, Penha.

PENHA – Por que?

ROSÁRIO – Foi a enfermeira quem mandou, Penha. Eu estou grávida e a sua doença é contagiosa. Pode ser que...

PENHA – É mentira, é mentira! Você está mentindo... A minha doença é menopausa, o doutor falou... É menopausa. Toda mulher da minha idade tem isso.

ROSÁRIO – Foi a enfermeira quem disse, Penha. Ela me proibiu, disse que podia ser perigoso pra mim.

PENHA – É mentira, Rosário. Eu juro!

ROSÁRIO – Não adianta não, Penha.

PENHA – É menopausa, eu juro!

ROSÁRIO – E as feridas?

PENHA – É menopausa...

ROSÁRIO – E a catinga?

PENHA – É menopausa...

ROSÁRIO – E o couro caindo?

PENHA – É alergia! O doutor falou...

ROSÁRIO – E os bichos saindo da vagina?

PENHA – É menopausa...

ROSÁRIO – E as dores?

PENHA – Por Nossa Senhora, Rosário! É menopausa...

ROSÁRIO – É câncer, Penha! Câncer! A enfermeira me disse... Os comprimidos pras dores, a operação sem resultado, os curativos diários, as crises... Tudo isso é perigoso pra mim, eu posso prejudicar a vida do meu filho, Penha! E isso eu não quero que aconteça... (*sai*)

PENHA – É mentira! Você está mentindo... (*chorando*)

Projeta-se um filme sobre cancerosos. Rosário está com um pedaço de pão e um pouco de café no copo. Penha encontra-se caída no canto com uma garrafa de cachaça.

ROSÁRIO – Não vai comer não? O café tá pronto... (*Penha toma um gole*) É por isso que você não fica boa!

PENHA – Eu vou ficar boa, você vai ver.

ROSÁRIO – O doutor disse que você não bebesse. O álcool tira o efeito do remédio.

PENHA – Aquele charlatão sabe de nada, aquilo é um vigarista! Sabe o que foi que ele me disse? Que se eu tivesse dinheiro ficava boa em quinze dias, se não...

ROSÁRIO – Ah, minha filha, e você está sabendo disso agora, é? O que vale é isso... (*gesticula cifras*)

PENHA – E pra que é que existe hospital, se não for pra atender os pobres?

ROSÁRIO – E eles são bem bestas pra trabalhar de graça!

PENHA – De graça uma ova! E o dinheiro que eles recebem do Governo?

ROSÁRIO – Esses pestes quanto mais têm, mais roubam.

PENHA – Mas não deviam fazer isso. O pobre também é gente, gente igual a eles.

ROSÁRIO – Eles querem lá saber quem tá sofrendo ou não...

PENHA – Mas deviam.

ROSÁRIO – O que eles querem é um carro novo, um bangalô muito do bacana e serem chamados de doutor fulano. O resto que se dane!

PENHA – Por isso não, não vão morrer também?

ROSÁRIO – Vão sim, mas gozaram a vida. E nós?

PENHA – O outro também pensava que era o dono do mundo, num instante o Diabo carregou.

ROSÁRIO – Aquele era um bêbado safado! Quando falar em nome de gente, tira aquela desgraça do meio!

PENHA – Não tem um bexiguento desses que preste! São todos uns desumanos! Não visse o tal do Doutor Rubens, quase aleijava a coitada da Glorinha! (*pausa*) Eu vou ficar boa sem precisar desses pestes. Tenho fé em Deus e no meu Padrinho Cícero do Juazeiro!

DAMIÃO (*entrando*) – Salve Nosso Senhor Jesus Cristo!

PENHA – Para sempre seja louvado! (*ajoelha-se*)

Rosário sai. O Povo entra entoando um canto religioso. Caem todos de joelhos aos pés de Damião, pedindo ajuda. Ele levanta o braço e todos calam.

DAMIÃO (*a Penha*) – Desculpe, irmã, eu ter entrado assim sem a sua permissão, mas é que...

PENHA – Nada, irmão! Não se desculpe de nada. Sou eu quem tem que agradecer a sua visita. O que quer de mim?

DAMIÃO – A irmã é novata aqui no beco, não é?

PENHA – Sou, irmão!

DAMIÃO – Hoje é a sua primeira noite neste prostíbulo, não é?

PENHA – É sim, irmão! Como é que o irmão sabe? É adivinho?

DAMIÃO – Não. Sou vizinho. Moro aqui ao lado, num desses prostíbulos miseráveis! Me chamo Damião, o Profeta da Fé! Fui enviado por Deus para salvar as almas da tentação do Demônio e das impurezas do mundo! É preciso ter fé, irmã, muita fé para alcançar a glória eterna!

PENHA – Eu tenho, irmão, eu tenho muita fé em nosso Senhor Jesus Cristo!

POVO (*com nova investida, gritando*) – Eu também tenho! Eu tenho fé!

DAMIÃO – É preciso mais, irmã, muito mais! (*acariciando-a*) Vamos juntar nossas forças e expulsá-lo daqui!

PENHA – Expulsar quem, irmão?

DAMIÃO – O Anjo do Mal! Ele vive aqui debaixo desse teto, no sujo dessas paredes, dentro desse esgoto ou em qualquer objeto que esteja aqui dentro! Até mesmo nas pessoas! Ele não sai daqui, irmã, vive eternamente esperando que apareça um inocente para saciar-se todas as noites! (*discursando com a voz empostada*) Já tentei expulsá-lo, fiz o possível, mas foi tudo em vão. Ele é mais forte que eu, tem uma força estranha, sobrenatural...

POVO – Quem pode mais do que Deus?

PENHA – E quem é esse Anjo do Mal, irmão?

DAMIÃO – O Demônio, irmã, o Demônio! Desde o dia que veio morar aqui uma mundana, ele entrou e não mais saiu! Foi ela quem o trouxe para cá, vivia eternamente com ele no couro! Certa vez tentei salvá-la, pedi que juntasse suas forças às minhas, para que juntos pudéssemos expulsá-lo e salvá-la para a vida eterna... Ela não quis. Não tinha fé!

PENHA – Há perdão *pras* mundanas, irmão?

DAMIÃO – Claro! Jesus não perdoou a Madalena? Basta ter fé!

PENHA – Eu tenho muita fé, irmão, graças a Deus!

POVO (*com nova investida, cada vez mais agressivo*) – Eu tenho fé! Eu também tenho fé! Me ajude...

DAMIÃO – Silêncio! (*pausa*) Chamava-se Judite! Era bonita, parecia a Virgem Santíssima! Eu sentia inveja quando via os homens vindo para cá! Inveja e ódio, porque sabia que eles vinham destruí-la, jogá-la cada vez mais nos abismos da perdição! Certa noite peguei um pedaço de pau e fiquei na entrada do beco, dizendo

que matava o primeiro que se aproximasse dela! Ela ouviu e veio me maltratar. Disse que eu estava arruinando a sua vida...

PENHA – É o Demônio, irmão! Quando ele entra no corpo, a pessoa só faz o que ele quer!

DAMIÃO – Mesmo assim tentei salvá-la outra vez! Pedi que me desse suas forças, ajudasse a expulsá-lo daqui, porque enquanto ele permanecesse dentro dessa casa ela não poderia salvar-se! Ela me chutou, cuspiu na minha cara e me expulsou dizendo que o Demônio era eu.

PENHA – Só podia ser o Demônio, irmão! Isso é arte dele!

DAMIÃO – Eu gostava dela, irmã, cheguei a me apaixonar por ela!

PENHA – Ele tem poder pra tudo nesse mundo, irmão!

DAMIÃO – Eu sou um homem, apenas um homem como outro qualquer...

PENHA – E ela, que fim levou?

DAMIÃO – Morreu. Apareceu morta, caída aí nesse lugar! (*pausa*) Ele a matou, ele a matou, ele é um assassino... Eu tenho que expulsá-lo daqui! Eu preciso vingar-me, preciso de forças para expulsar esse Demônio assassino daqui! (*a Penha*) Eu preciso de suas forças, irmã! Ajude-me a expulsá-lo, ajude-me irmã, por Nossa Senhora, senão nunca mais eu vou ter sossego...

Nova investida do Povo, mais agressivo ainda.

POVO – Forças! Forças!

PENHA (*dá as mãos a Damião*) – Pronto, irmão, tome as minhas mãos, receba as minhas forças, expulse-o daqui...

DAMIÃO – Venha, irmã, abrace-me! Sim! Assim! Aperte-me! Mais, mais, quanto mais forças melhor! Sim, irmã, aperte mais, sim... Aaaaaai...

PENHA – Tá doendo, irmão!

DAMIÃO – O quê, irmã?

PENHA – Os braços, o corpo... O irmão tá apertando demais!

DAMIÃO – Tem que ser assim, irmã! É para as forças passarem para o meu corpo... Ah, é por causa da roupa! Tire essas roupas profanas de cima de você, irmã, para que as forças sejam mais brandas!

PENHA – Seja feita à vossa vontade, irmão!

DAMIÃO – Agora sim, irmã! Vamos ver quem pode mais do que Deus! Ai, ai, aperte irmã, mais, mais, força irmã, mais força. Aaaaaai irmã... Estou recebendo. Rece... beeeen...doooo. Aaaaaai... (*cai cansado*) A irmã tem força para expulsar até o inferno todo!

PENHA – Verdade?

DAMIÃO – Mas claro que tem! Eu não aguentei nem a metade!

PENHA – E ele, o Demônio?

DAMIÃO – Vai sumir! Daqui a pouco você vai ver o estouro! (*um trovão. Entra Rosário*) É ele, eu não disse? É ele, o Anjo do Mal!

PENHA – É não. Essa é Rosário! Mora comigo.

Rosário vai a ele, lentamente, bem sexy, toda de preto.

DAMIÃO – É ele, eu tenho certeza... (*com os braços forma uma cruz*) Para trás, Satanás! (*a Penha*) Ele usa muitos disfarces... Para trás, Satanás! Agora tenho forças! Vai para lá... Não, não... Irmã, ajude-me, irmã... Deixa-me, Demônio! Quem pode mais do que Deus? (*Rosália avançando e ele recuando*) Para trás... Irmã, mande ele sair daqui, irmã... Para trás, Satanás! Quem pode mais do que Deus? Para trás... Não... Não... Aaaaai... (*Rosário fica pisando nele*)

ROSÁRIO – Toma o meu corpo, tire as minhas forças, saceie os seus desejos, animal, porco imundo, canalha! Quem é você pra falar de mundanas, farsante!

DAMIÃO – Não! Não, sai para lá, Satanás! Tira esse corpo sifilítico de cima de mim. (*Rosário dá um pontapé no saco de Damião*) Ai... Ai... Nãããooooo...

ROSÁRIO – Você é pior que a pior das prostitutas! Ela vende o corpo porque precisa e você vive vendendo...

DAMIÃO – É mentira! É mentira! Você vai pagar tudo o que está dizendo nas profundezas do inferno!

ROSÁRIO – No inferno já vivo há muito tempo! (*cospe na cara dele*)

DAMIÃO – Quem cospe na cara de um emissário de Deus é mesmo que ter cuspidão na Dele!

ROSÁRIO – Cuspi! Agora, em nome Dele, escarro e esfrego na sua cara toda. (*escarra*) Ele gostaria de fazer isso com um Judas imundo da sua qualidade, que vive vendendo os seus mandamentos!

DAMIÃO – Larga-me, Satanás! Larga-me! Você está blasfemando o nome Dele! (*consegue soltar-se, deixando o roupão e o cordão da cintura. Por baixo, veste-se de*

terno e gravata)

ROSÁRIO – Eis aí o verdadeiro Demônio! O anjo terrível da perdição! Veste estas roupas para disfarçar, pra matar os inocentes e destruir o mundo em nome de Deus!

DAMIÃO – Profana! Profana! Profana! (*vai saindo*)

ROSÁRIO – Toma, Santanás! (*joga em cima dele*) Infelizmente você também precisa se prostituir!

DAMIÃO (*a Penha*) – A carne é fraca! Ajude-me, pelo amor de Deus! Ele me pegou de surpresa!

PENHA – Você é um fraco!

DAMIÃO – Por favor, irmã! Ajude-me! Tome. (*entrega-lhe o cordão*) Bata em mim, expulse-o do meu corpo, bata irmã...

PENHA – Você é um fraco!

DAMIÃO – Vamos irmã, bata! Bata logo pelo amor de Deus!

PENHA – Você é um fraco! Um fraco... (*bate nele*)

DAMIÃO (*sádico*) – Ai! Ai! Bate mais, irmã! Mais... Força, irmã...

PENHA – Fora! Fora! Fora daqui! (*dá-lhe um pontapé*) Suma-se da minha vista!

O Povo festeja com uma macumba em homenagem a Penha.

ROSÁRIO (*a Penha, que está novamente com a garrafa de cachaça*) – Penha, para de beber, mulher, senão daqui a pouco estica o rabicho! (*Penha toma um gole*) Me dá essa garrafa.

PENHA – Por que fez isso com ele?

ROSÁRIO – Isso o quê?

PENHA – O maltratou.

ROSÁRIO – Maltratei quem?

PENHA – Damião.

ROSÁRIO – Quem é Damião? Eu nunca vi esse na minha vista!

PENHA – Ele saiu daqui agora!

ROSÁRIO – Aqui não entrou ninguém, Penha! Desde que nós chegamos não apareceu ninguém e nem vai aparecer! Quem, Diabo, é que vem para um inferno desse?

PENHA – Ele saiu daqui agora! Veio expulsar o Demônio e você o maltratou!

ROSÁRIO – Você já tá é bêbada!

PENHA (*imitando Damião*) – É verdade, eu juro! O Cão tá aqui dentro, Rosário! Por trás desses troços, pegado nas paredes, até mesmo no couro da gente!

ROSÁRIO – Eu não disse que você não bebesse, Penha! Já tá conversando merda!

PENHA – Um enviado de Deus não mente! (*tentando convencer*) É porque você não acredita nessas coisas, Rosário, mas eu juro que...

ROSÁRIO – Não existe troço mais chato do que uma puta velha cheia de cana!

PENHA – Você diz isso porque nunca... (*sentindo um cheiro esquisito*) Tá sentindo? Tá sentindo, Rosário? (*apavorada*)

ROSÁRIO – Sentindo o quê? Ô, mulher! Por Nossa Senhora, o que é que você tem hoje, hein?

PENHA – Você tá sentindo a catinga de enxofre? É ele que tá por perto, eu bem que lhe disse, bem que Damião avisou.

ROSÁRIO – Eu estou sentindo sim, mas é a catinga de lama podre que vem do esgoto! (*pega o vasilhame de água e vai jogar no esgoto*)

PENHA – Ah, foi no esgoto mesmo que Damião falou! Cuidado Rosário, ele tá aí dentro! (*histérica*) Não, não Rosário, ele pode entrar no seu corpo! Não saia daí! (*benzendo-se*) Credo cruz! Ave Maria!

ROSÁRIO (*após jogar a água no esgoto*) – Pronto, acabou-se a catinga! E agora?

PENHA (*um pouco aliviada*) – Acabou-se mesmo! Você conseguiu! Você conseguiu, Rosário! (*contente*) Rosário você conseguiu expulsá-lo! (*séria*) Só quem tem poder sobre ele são as pessoas puras, sem pecados! E você conseguiu! Quem sabe se você não vai ser uma santa?

ROSÁRIO – Olha mulher, acaba com essa frangagem! Não me enche a paciência, não!

PENHA – E a água que você jogou nele era benta? (*vai até o esgoto, molha a mão e benze-se*)

ROSÁRIO – Penha, você pode tomar sua cachaça, mas não inventa essas putarias aqui dentro não! Se você soubesse como eu gosto desses *pantins*! Ora, que esse povo só inventa o que não presta!

PENHA – (*ajoelha-se diante de Rosário e faz o sinal da cruz*) Perdão, Rosário! Me perdoe por todo o mal que lhe fiz!

ROSÁRIO – Mulher, por Nossa Senhora, vai trocar de roupa logo. Já são quase oito horas!

PENHA – Eu vou, Rosário, eu vou. De hoje em diante eu faço tudo o que você mandar. Serei a sua zeladora, colocarei flores aos seus pés todas as manhãs. *(beija-lhe os pés e sai)*

ROSÁRIO – Hum! Mas aparece cada uma! *(acende o cigarro e fica andando à procura de homens)*

Ouve-se ao longe um parque de diversões. Entra um bloco carnavalesco em forma de procissão. À frente, Damião, vestido de Rei Momo, debaixo de um pano como se fora um bispo. O Povo fantasiado, uns de animais, outros de ministros do Rei. Uma música de tourada. O Povo cai sobre Rosário agredindo-a, enquanto Damião, indiferente, joga baralho sozinho. Entra Penha vestida de Xica da Silva, jogando serpentinas no Povo, que vai se afastando, pouco a pouco, com medo dela. Rosário fica caída no chão.

PENHA *(sem notar a presença de Damião)* – Eu sabia que você não ia suportar a primeira noite. Não estava preparada.

ROSÁRIO *(gemendo)* – Ôi... Ôi... Me ajuda, Penha!

PENHA – Pra você ter uma ideia do que já aguentei até hoje. Tá vendo como são os seres humanos? São uns brutos. Talvez o pior dos animais tenha mais consciência que eles. Viu que sem a putona você não existe? É preciso saber traquejar o troço... Isso é como o teatro, se a gente for viver o papel toda noite acaba morrendo antes do tempo! É preciso saber interpretar!

ROSÁRIO – Eu nunca pensei que fosse tão sacrificado assim...

PENHA – E há quem diga que somos mulheres da vida fácil!

ROSÁRIO *(tentando levantar-se)* – Que horas são?

PENHA – Umas quatro horas.

ROSÁRIO – Ôi... Ôi... Me ajuda aqui, Penha!

PENHA *(ajudando)* – Isso é assim mesmo, com a continuação você vai aprender muitas coisas. Por hoje, basta! Vamos dormir.

DAMIÃO *(irônico)* – Tem certeza?

PENHA – Quem é você? O que está fazendo aqui? O expediente já encerrou.

DAMIÃO – Pensou que me enganava, hein?

PENHA – Você? Quem lhe disse que eu tava aqui?

DAMIÃO – O vento. Soprou aqui no meu ouvido. *(olhando o ambiente)* Foi só afastar um pouco e você, puf, desapareceu!

PENHA – Desapareceu... Cretino, me larga na véspera do casamento com uma filha na barriga, cheia de moléstia do mundo...

DAMIÃO – Pronto, pronto, não se fala mais nisso! São coisas do passado. O que importa é o presente.

PENHA – Você pensa que é fácil esquecer? Só eu sei o que eu suportei todo esse tempo.

DAMIÃO – Já falei, o que passou, passou.

PENHA – É. Pra você é muito fácil.

DAMIÃO – Pôrra! Não me enche o saco!

PENHA – É isso mesmo, e pode desaparecer da minha vista! Não quero vê-lo aqui dentro.

DAMIÃO – Calma, minha velha! Vamos com calma. Temos muito o que conversar.

PENHA – Pode se danar! Eu não quero conversar com você!

DAMIÃO – Sem gritos, pôrra!

PENHA – Quem lhe chamou aqui? Eu estou dentro da minha casa, posso gritar à vontade.

ROSÁRIO (*com medo*) – Eu vou sair um pouquinho, Penha! Aqui tá muito abafado.

DAMIÃO – Para onde a boneca pensa que vai? Tá me achando com cara de trouxa, é? Fica aí, saco!

ROSÁRIO – Quem você pensa que é?

DAMIÃO – Não interessa. Fica aí.

ROSÁRIO – Desde quando macho manda em mim?

DAMIÃO – Não interessa, pôrra! Você ouviu, não ouviu? Então fecha a matraca senão vai ser pior.

ROSÁRIO – É nada! Meu pai, que é meu pai, não manda em mim... (*vai saindo*)

DAMIÃO – Fique quietinha aí, sua puta de esgoto, se não quiser levar umas porradas!

PENHA – Solta a menina!

DAMIÃO – Você também fica calada aí.

ROSÁRIO – Me solta! Me solta! É nada! Chegou quando?

DAMIÃO – Se você arrear o pé daí outra vez, já viu, né? Corto o seu safado e dou para o gato comer!

PENHA – Tenha vergonha, cachorro! Respeite a menina!

ROSÁRIO – É nada! Era só o que faltava...

DAMIÃO – Pôrra, seria uma bruta covardia! Já pensou o pobre do gato! Ia morrer só de catinga! (*a Penha*) O que foi que você falou?

PENHA – Não está interessando!

DAMIÃO – Desde quando puta merece respeito?

ROSÁRIO – É preferível ser puta dez vezes do que casada com certos elementos. Você não sabe a sorte que teve, Penha!

PENHA – Deus sabe o que faz!

DAMIÃO – Vamos acabar com essa conversa mole. (*a Penha*) Como é que vai a menina?

PENHA – Não é da sua conta!

DAMIÃO – É sim. Ela é minha filha.

PENHA – Hum! Engraçado...

DAMIÃO – Vai dizer que não é? (*desconfiado*) Puta merda! Agora tenho minhas dúvidas...

PENHA – Nojento!

DAMIÃO – É isso mesmo, pôrra! O que é que se pode esperar de uma puta que abandona a filha única no meio do mundo?

PENHA – Só se eu tivesse a sua cara!

DAMIÃO – Se você tivesse a minha cara era gente!

PENHA – Deus me livre!

ROSÁRIO – É nada! Eu não digo que o Diabo quando não vem manda um assistente!

DAMIÃO – Vamos acabar com essa amolação? (*furioso*) Sabe o que aconteceu com a menina, sua puta sem vergonha?

PENHA – Não aconteceu nada e você não tem nada a ver com a vida dela!

DAMIÃO – Não, né?

PENHA – Rosário, chama o guarda aí!

DAMIÃO – Vá! Sai daí para você ver o que acontece.

ROSÁRIO – Eu não tenho nada a ver com briga de família. O problema é de vocês!

PENHA (*vai saindo*) – Espere aí, eu já sei o que é que você tá querendo...

DAMIÃO (*segurando-a pelos cabelos*) – Fica aí, nojenta!

PENHA – Você me paga...

DAMIÃO (*ainda segurando-a*) – Por sua causa a menina perdeu-se! (*gritando no ouvido dela*) Comeram a menina, entende?

POVO (*entra cantando uma marchinha carnavalesca*) – Tenha cuidado / com a sua cabaça / se ela for de ouro / guarde bem guardada / numa mala de aço / que ela / vale um tesouro / alô, alô Seu João / alô, alô Seu Louro / vai começar o leilão / da cabaça de ouro!

Rosário com uma espada e uma balança em cima de um aparelho de TV. Penha pendurada com uma forca no pescoço. Damião com uma buzina pendurada no pescoço e um cartaz na mão, escrito “Leilão”.

HOMEM 1 – Uma coisa dessa é de cortar o coração, uma menina tão nova...

MULHER 1 – Era uma criança ainda, nem seios tinha...

MULHER 2 – Também, quem manda ela dar liberdade a todo mundo!

MULHER 3 – Isso é um mundo velho cheio de misérias, meu Deus!

HOMEM 2 – A pobre mãe, dentro de um cabaré, quengando pra sustentá-la. Quando acaba, ela faz uma desgraça dessa!

MULHER 3 – Já pensou quando a pobre souber? O desgosto que vai ter!

MULHER 1 – E o medo que eu tenho na minha vida, meu Deus! A gente se esforça pra criar essas pestes, quando acaba, o pagamento que elas dão à gente é esse...

HOMEM 1 – A culpada é a própria, que afrouxa! Eu queria que ela fosse filha minha!

MULHER 2 – A menina não parava um instante dentro de casa. Era pra cima e pra baixo, feito uma poldra doida!

HOMEM 3 – Quem foi o sujeito que desgraçou ela? É daqui mesmo?

MULHER 2 – E quem sabe!

MULHER 3 – Aqui pra gente, Deus que me perdoe, filho de gato é gatinho. A mãe era uma desleixada!

DAMIÃO (*dá uma buzinação*) – Pronto, pronto, vai começar! Vamos ver quem será o dono da cabaça! Aquele que oferecer maior lance levará! Bem, meus amigos, eu que-

ro deixar bem claro ao senhores que essa é uma cabaça de estimação, portanto, exige o máximo de consideração com as ofertas! Bem, meus amigos, vamos ver quem faz a primeira oferta!

HOMENS (*cada qual gritando*) – Um mil! Um mil e quinhentos! Dois mil! Três! Dez mil! Vinte mil!

DAMIÃO 2 (*da plateia*) – Cinquenta dólares!

Param todos.

DAMIÃO – Vamos, quem dá mais? Dou-lhe uma, dou-lhe duas, dou-lhe três. Ganhou o cavalheiro!

O Povo cai de joelhos, respirando fundo, como cachorros. Damião 2 vem se arrastando pelo chão com a língua de fora. Pega a cabaça e fica lambendo! O Povo vai levando ele nas costas, latindo feito animais.

PENHA 2 (*gritando*) – Rosário! Rosário!

ROSÁRIO (*também gritando*) – Eu me perdi. Estou perdida!

PENHA 2 – Rosário! Responde!

ROSÁRIO 2 – Ai, meu Deus, que frio! Onde é que estou? O que é que eu estou fazendo aqui? Que lugar é esse? (*grita*) Penha! Penha!

PENHA 2 (*saindo*) – Rosáriooooooooo!

Entra o Namorado.

ROSÁRIO 2 – Você?

NAMORADO – Sim. Em carne e osso.

ROSÁRIO 2 – Por que você não veio essa noite?

NAMORADO – Por causa do frio.

ROSÁRIO 2 – A lua estava linda!

NAMORADO – Senti frio.

ROSÁRIO 2 – Eu fiquei tão só.

NAMORADO – Eu também. Fiquei olhando o vento!

ROSÁRIO 2 – E eu a televisão. (*pesadelo*) O porteiro... O elevador... O vizinho...

NAMORADO – Já sei de tudo. Contaram-me.

ROSÁRIO 2 – Quem lhe contou? Foi ela, já sei. Foi Penha.

NAMORADO – Não. Foi o vento. Quem é essa Penha?

ROSÁRIO 2 – Agora sou prostituta, sabia?

NAMORADO – A humanidade também é.

ROSÁRIO 2 – Você esqueceu os bombons.

NAMORADO – Viraram pedras!

ROSÁRIO 2 – Estou grávida, sabia?

NAMORADO – Minha irmã também!

ROSÁRIO 2 – Qual? A da banana?

NAMORADO – Sim.

ROSÁRIO 2 – Ela vai seguir a prostituição?

NAMORADO – Não. Vai ser freira.

ROSÁRIO 2 – Que falta de caráter!

NAMORADO – O que foi isso na sua perna?

ROSÁRIO 2 – Varizes.

NAMORADO – Suas pernas eram bonitas...

ROSÁRIO 2 – As coisas mudam do dia pra noite. Penha está com câncer na vagina. O doutor falou.

NAMORADO – Quem é essa Penha?

ROSÁRIO 2 – Minha mãe!

NAMORADO – Ela mudou de nome?

ROSÁRIO 2 – Mudou. Agora se chama Penha, nome de guerra!

NAMORADO – Até que enfim regenerou-se.

ROSÁRIO 2 – Você não trouxe a minha rosa?

NAMORADO – Não. Murcharam.

ROSÁRIO 2 – Todas?

NAMORADO (*vai saindo*) – Todas.

ROSÁRIO 2 – Pra onde você vai?

NAMORADO – Vou embora. (*sai*)

ROSÁRIO 2 – É cedo. Espere um pouco... Eu preciso falar com você... Não vá agora não. Espere!

PENHA (*entra aflita*) – Rosário! Rosário! Abram-se todos os esgotos do mundo! Entrem em evolução os montes de lixo! O senhores todos poderosos fechem as narinas quando surgir a primeira prostituta na lama podre dos vossos pés! Ela irá brotar como as flores, irá crescer com a indignidade dos vossos olhos, com a decadência dos vossos atos, com a injustiça de vossas leis! Ela irá, enfim, surgir das sarjetas (*o povo saindo do esgoto*) como vermes fecundos porque os senhores fecharam as narinas e continuaram pisando na lama!

Ao término da poesia o Povo/verme devora Penha. Em seguida, fica parado diante da plateia. Uma pequena pausa. Caso não haja reação se fuzila o público.

- Fim -

APARIÇÃO E VAGABUNDO



Aparição e Vagabundo (2012), pela Parangolé
Produções Culturais, de Caruaru
Texto: Vital Santos. Direção: Gabriel Sá
Foto: Antonio Preggo

APARIÇÃO E VAGABUNDO

Numa igreja em ruínas, a de Nossa Senhora dos Aflitos, com parte do teto prestes a cair (a sugestão do autor é a própria pintura do *Juízo Final*, de Michelangelo, em decadência), mora uma personagem apelidada de Vagabundo. Além de se autoproclamar um sábio, a encarnação de Jesus Cristo, é cheirador de cola, dorme enrolado em mulambos e usa uma Bíblia gigante como travesseiro. Até que seu sono é interrompido pela chegada de uma mulher bastante nervosa, em prantos, fugindo de pessoas (ou seriam memórias?) que a perseguem. Ela é Maria Imaculada ou, como pede para ser chamada, Aparição. O diálogo, inicialmente arisco entre os dois e mais cuidadoso no correr da convivência, nos revela que ambos sofrem de alucinações: ele a esperar o Apocalipse e a ira dos céus; ela, vítima de abusos, carrega culpas ligadas à prostituição forçada em família. Na realidade, é o anjo/demônio da censura – moral ou política – quem mais os atormenta. Nos devaneios da dupla rumo às suas jornadas interiores, várias figuras vão personificando possíveis traumas, e algumas ligam suas figuras inevitavelmente: Aparição aderiu à guerrilha e encontra-se grávida pelo uso da violência num ambiente religioso; Vagabundo serviu de instrumento aos militares e cometeu barbaridades no papel de torturador, hoje arrependido e buscando refúgio na fé. Recheada de metáforas e utilizando-se da metateatralidade – o distanciamento entre atores e personagens se faz bem presente –, há muitas ironias ao próprio autor e ao público que acompanha aquela “absurda” representação, além de uma crítica mordaz ao capitalismo e à situação brasileira num regime repressor e totalitário, com clara denúncia em favor das famílias dos desaparecidos políticos (eternos mortos/vivos?). “Esta peça foi escrita em 1971, no formato do Teatro do Absurdo, que de absurdo só tinha mesmo a época”, afirmou o autor Vital Santos na primeira



Aparição e Vagabundo
(2012), pela Parangolé
Produções Culturais,
de Caruaru
Texto: Vital Santos
Direção: Gabriel Sá
Foto: Antonio Preggo

página datilografada do seu texto *Aparição e Vagabundo*. O autor, muitos anos depois, lhe deu outro título: *A Longa Noite das Borboletas de Fogo*. Reescreveu a peça com vários retoques, mas esta que você tem nas mãos ainda é a versão original. Há indicação de que a obra foi censurada em 1974. A primeira encenação que descobri, graças à ajuda do pesquisador Diógenes Maciel, foi realizada pelo GAAP - Grupo de Atividades Artísticas e Pesquisa, ou Grupo Pesquisa, como a turma era mais conhecida, na cidade de Campina Grande, no interior da Paraíba. A estreia se deu em junho de 1974, numa prévia para o I Festival Nacional de Teatro de Campina Grande - FENAT, cuja programação aconteceu de 13 a 23 de julho daquele ano. A peça, com direção de Mário Falcão, ganhou uma avaliação do jornalista Hermano José:

Aparição e o Vagabundo foi um espetáculo surpreendente sob vários aspectos. A despeito de não duvidar do talento de Mário [Falcão] [...], confesso que não acreditava na sua montagem devido à profundidade do texto, à extrema juventude dos atores e à inexperiência do diretor. E, quinta-feira última, surge-me o [Grupo] Pesquisa com aquele milagre: um espetáculo de deslumbrante plasticidade, com uma coreografia onde cada imagem tinha razão de ser, perfeitamente coerente com o texto. Houve cenas verdadeiramente antológicas, como a do matagal, a do juiz e a prostituta e a ceia, para somente citar algumas. Noaldo e Crisélia, com suas longas e cansativas falas, sustentaram todo o espetáculo sem cansar o público, que mesmo sem captar totalmente a intenção do autor, confessou-se satisfeito, e o mérito vai para Mário e seus jovens atores. Na verdade, fugindo do normal de suas peças – embora sem fugir do seu gênero: a crítica social –, Vital deixa a linguagem comunicativa de *Rua do Lixo*, 24, *De Como Casar Com Uma Herdeira Rica...* e outras, para embrenhar-se pelos difíceis caminhos de uma quase tragédia, quase surrealista. E o mal da peça é o excesso de *quases* devido aos altos e baixos da própria linguagem empregada, onde a gíria se mostra, vez por outra, com colocações de alto nível. (JOSÉ, *Diário da Borborema*, 18 jun. 1974, s. p.)

Contando com onze atores no elenco, *Aparição e o Vagabundo* (acrescentando um “o” no título), como se viu, foi medianamente bem recebida. Como o texto acabou interditado pela Censura Federal, a equipe paraibana só pôde exibir a peça novamente numa única sessão – fechada – para os membros da comissão julgadora e participantes de vários estados presentes naquele Festival, no Teatro Municipal Severino Cabral, sem público em geral na plateia. “Nesta peça, o teatrólogo Vital Santos enfoca a problemática do jovem dentro da sociedade moderna e seu reencontro com Deus, sendo a encenação bem aplaudida pelos participantes do I FENAT” (GRUPO..., *Jornal da Paraíba*, 17 jul. 1974, s. p.), garantiu um repórter campinense que cobria o evento.

Para outro periódico local, independente dos atrapalhos junto à Censura, a récita exclusiva não caiu bem e fez o Festival fugir da sua finalidade

de exibir espetáculos à população, independente do caráter competitivo do mesmo. Sendo assim, a apresentação de *Aparição e o Vagabundo*, “peça de nível apenas regular”, tinha se resumido “a uma atitude exatamente contrária ao que se propõe um bom festival: elitização da arte e seu fechamento a grupos cada vez mais restritos” (DESORGANIZAÇÃO..., *Diário da Borborema*, 18 jul. 1974, p. 1), lamentou o repórter que cobria o evento. Detalhe: Vital Santos e o Grupo de Cultura Teatral estavam também participando daquela programação, mas com outra obra sua, *A Árvore dos Mamulengos* (detalhes no próximo capítulo).

Para a crítica de teatro Luiza Barreto Leite, gaúcha radicada no Rio de Janeiro e que esteve presente em todo o I FENAT participando da comissão julgadora, o diretor campinense Mário Falcão tinha sido “uma das almas do Festival, tal como o elenco e o corpo técnico” (LEITE, 1975, p. 67). Afinal, eles haviam remontado a peça *Aparição e o Vagabundo* com um ensaio apenas, na verdade para substituir um grupo de fora que, de última hora, falhou e não pôde comparecer. Segundo ela, mesmo nessa correria, “havia muito de criativo, fora da linha de Vital [Santos], na linha de Mário Falcão, um jovem de sete instrumentos, o ideal para o teatro, pois é escultor, decorador, poeta, figurinista e artesão. Assim é o pessoal de Campina Grande, faz um pouco de tudo e muito de cultura”, garantiu a entusiasmada jornalista.

Aparição e Vagabundo só ganharia nova proposta cênica em 1982, na cidade de Arcoverde, no interior de Pernambuco, por conta do Ave de Praia Grupo Teatral, que enfrentou a imposição censória e chegou a se exibir, praticamente às escondidas, no Centro Social Urbano e no SESC Arcoverde, mesmo após a proibição de compor o I Festival de Teatro de Arcoverde, em março daquele ano. A direção era de Tito Araújo, com ele próprio no elenco contracenando com Joselito Arcanjo. Os dois até tentaram trazer a montagem para o II Festival de Teatro do Recife, promoção da Legião Assistencial do Recife no Teatro do Derby, mas sem a autorização da Divisão de Censura de Diversões Públicas, ligada à Polícia Federal em Pernambuco, ficou impossível.

A peça realmente estava interditada. Antes, porém, houve o desejo de incluir o texto de Vital Santos na programação do I Ciclo de Leituras de Peças e Palestras, que aconteceria de 1 a 12 de setembro de 1980, no Teatro Joaquim Cardozo. Apesar de toda a divulgação que José Mário Austregésilo iria coordenar a leitura dramatizada de *Aparição e Vagabundo*, nada disso



Aparição e Vagabundo (1992),
pela Companhia Processo
Teatral - Vê se Ouve Teatro,
encenação de Vital Santos
nunca estreada
Foto: Eduardo Queiroga /
Acervo *Jornal do Commercio*

se concretizou. O evento era promovido pela Fundarpe, com co-patrocínio do Serviço Nacional de Teatro. Em outubro de 1982 houve uma tentativa de montagem do texto na programação do Festival Nacional de Teatro Amador - Fenata, em Ponta Grossa/PR, inclusive há uma foto – talvez de ensaio – no acervo da Funarte, mas sem qualquer outra informação se a peça realmente aconteceu. Acredito que não. No ano de 1992, assinada pela estreante Companhia Processo Teatral - Vê se Ouve Teatro, uma montagem do mesmo texto, dirigida pelo próprio Vital Santos em Olinda/PE, deixou de acontecer bem perto da estreia.

A ideia era ocupar o Mercado Eufrásio Barbosa, contando com patrocínio da Fundação Centro de Preservação dos Sítios Históricos de Olinda. Ana Márcia Melo, Germana Accioly e Pietra Alves viviam a personagem Aparição, e Beto Nery o Vagabundo. Mais dez atores estavam no Coro. O processo, no entanto, resultou em pura frustração para toda a equipe. Esquecida por muito tempo, a peça só retornou aos palcos na sua terra de origem, Caruaru, no sábado 26 de maio de 2012, graças à produtora Kelly Moura, da Parangolé Produções Culturais, e ao diretor e ator Gabriel Sá,



Aparição e Vagabundo (2012), pela Parangolé Produções Culturais, de Caruaru. Texto: Vital Santos. Direção: Gabriel Sá
Fotos: Paulinho Souza

que ficaram à frente de uma montagem de vida bem efêmera: duas únicas apresentações. A primeira se deu naquela data, como estreia aberta ao público no Teatro João Lyra Filho; a derradeira sessão foi na Mostra Rui Limeira Rosal de Teatro e Dança, no Teatro Rui Limeira Rosal, no SESC Caruaru, em 6 de julho de 2012, quando felizmente pôde ganhar uma resenha crítica de um dos avaliadores do evento, o dramaturgo e encenador Luiz Felipe Botelho.

Mas antes de conferirmos parte de sua apreciação da obra, conheçamos quem estava nela envolvida: Gabriel Sá e Olívia Júlia/Ednice Souza (elenco, com o primeiro também na direção, cenário e figurinos), Rafael Duque (sonoplastia), Marcelo Mota (iluminação), Ary Valença (arte gráfica) e Kelly Moura (produção executiva).

Na sua longa análise sobre *Aparição e Vagabundo*, para além das metáforas à situação política do país – já que o texto foi escrito ainda no auge da Ditadura Civil-Militar –, Luiz Felipe Botelho percebeu outras características recorrentes na obra de Vital Santos, como a reflexão filosófica sobre a miséria e a opressão e a necessidade do enfrentamento das limitações da vida através de uma atitude consciente diante dela:

É interessante observar que, se essas passagens do texto podem fazê-lo parecer datado, também são capazes de situá-lo num universo atemporal que se coaduna bem com o tom onírico que marca a narrativa como um todo, no qual o passado permanece vivo e presente enquanto memória, reverberando em personagens que transitam junto com a plateia por sobre uma espécie de ponte entre o que é vivo e o que é pura ilusão, aparência de vida. Por tudo isso, não é um texto fácil de se montar. [...] Ao contrário de outras obras de Vital, que na própria estrutura do texto sugerem encenações envolvendo muitos atores e diversos recursos cênicos, *Aparição e Vagabundo* aponta para uma cena enxuta, que prioriza a atuação e valoriza a palavra e as ideias ali contidas. Esse me pareceu ter sido o grande desafio de Gabriel Sá como encenador, pois teve que seguir por um caminho pouco habitual dentro de sua prática, passando a exigir dos atores um foco mais aprofundado no desenvolvimento da ação interior de seus personagens. (BOTELHO, 2012, s. p.)

Luiz Felipe Botelho lembrou que, para além do trabalho profundo dos atores, *Aparição e Vagabundo* pedia para ser um espetáculo diminuído formalmente, simples, próximo da plateia. “Quando esses ‘pequenos’ espetáculos assumem essas qualidades, eles estarão focalizando o núcleo de sua força e, assim, poderão materializar-se como as grandes obras que essencialmente são”, concluiu. Exetando um desejo do produtor cultural José Wedson dos Santos Silva, do município de Vitória de Santo Antão, não encontrei outras novas experiências com esta obra de Vital Santos até a publicação deste livro. Estamos no aguardo de novas investigações para ela.

REFERÊNCIAS:

BOTELHO, Luiz Felipe. **Aparição e Vagabundo** [análise]. Caruaru, jul. 2012. (texto cedido pelo próprio autor).

DESORGANIZAÇÃO faz Censura proibir peça do I Festival. **Diário da Borborema**. Campina Grande, 18 jul. 1974. p. 1.

GRUPO Pesquisa encenou peça de Vital Santos. **Jornal da Paraíba**. Campina Grande, 17 jul. 1974. s. p.

JOSÉ, Hermano. Aparição e Fogo-Fátuo. **Diário da Borborema**. Campina Grande, 18 jun. 1974. s. p.

LEITE. Luiza Barreto. **Teatro e Criatividade**. Rio de Janeiro: Serviço Nacional de Teatro/Ministério da Educação e Cultura, 1975.

SANTOS, Vital. **Aparição e Vagabundo** [texto datilografado]. Caruaru, 1971.

— APARIÇÃO E VAGABUNDO —

De: Vital Santos

.....

Personagens: Aparição (uma guerrilheira) e Vagabundo (um torturador).

***Cenário:** Uma igreja em ruínas, com altares, escadarias, imagens mutiladas e parte do teto, com a pintura do Juízo Final [do pintor renascentista italiano Michelangelo, na parede do altar da Capela Sistina, como representação do Juízo Final inspirado na narrativa bíblica], prestes a cair. Ao lado, um pequeno chafariz. Num cabaré próximo, um velho rabugento toca em seu violino lindas canções francesas da época da guerra. Aparição entra amedrontada com uma mochila nas costas, chorando. Vagabundo está deitado no chão, enrolado com mulambos. Usa uma Bíblia gigante como travesseiro.*

VAGABUNDO (olha para ela com desprezo) – Quem é você? (ela não responde)
Por que você está chorando? (silêncio) Não quer responder, tudo bem, não é obrigada. Perguntei por perguntar. Não gosto de ver ninguém chorando. Me dá uma tristeza.(vai a ela) Uma vez...

APARIÇÃO – Afaste-se!

VAGABUNDO – Só o sacrifício...

APARIÇÃO – Não se aproxime.

VAGABUNDO – Não parece que chorava há pouco...

APARIÇÃO (grita) – Afaste-se de mim!

VAGABUNDO – Calma, menina. Não se faça de ingênua, só estou querendo ajudar.

APARIÇÃO – Então me deixe em paz.

VAGABUNDO – Essas mulheres....

APARIÇÃO – Se quer realmente me ajudar, deixe-me em paz... Vá embora.

VAGABUNDO – Ir para onde?

APARIÇÃO – Ora, para os infernos! Menos aqui.

VAGABUNDO – Se eu não fosse um sábio, um ser inteligente e sensível ao choque emocional em que se encontra, a expulsaria daqui a pontapés. Por acaso você sabe onde está? (silêncio) Pois bem, se prefere ficar calada... Chega, invade meus aposentos, banha em lágrimas o chão e ainda me esnoba. Francamente, só uma pessoa sensível como eu é capaz de suportar tudo isso. Por acaso você não sabe que esta é minha morada? Estranho, não? Mas é. Estamos diante da Catedral dos

Aflitos... (*ouvem-se as batidas do sino. Ele fica aflito e pula em cima do altar*) São eles! São os anjos de fogo com as trombetas do Apocalipse! (*ela fica apavorada*) É a ira do céu contra os habitantes da terra! É chegado o momento... Finalmente as trombetas soaram e os cavalos partiram! Já estão a caminho... Eu posso vê-los, estão se aproximando, são cavalos coloridos, velozes como o vento. Estão chegando, são brilhantes como a luz do sol. Estão chegando, chegando e vomitando sangue humano... (*volta ao normal*) Eu sei o que você está pensando: que eu sou louco. Desculpe esse meu discurso maluco. Falo demais. (*silêncio*) Pois é, moro aqui com Nossa Senhora dos Aflitos. Não tenho queixas, só que ela dorme lá dentro no bem quentinho e eu me fodo aqui fora. Você vai morar aqui também? Este lado aí está desocupado. Mas cuidado, é por esta porta que ele sai. (*aponta*)

APARIÇÃO – Ele quem?

VAGABUNDO – Ah, voltou a falar? O interesse supera o orgulho!

APARIÇÃO – Você disse que ele sai por aquela porta. Ele quem?

VAGABUNDO – Por que essa mudança tão repentina? Qual interesse...

APARIÇÃO (*aflita*) – Ele quem?

VAGABUNDO – Gozado, há pouco você não queria me ouvir...

APARIÇÃO – Ele quem, pôrra?

VAGABUNDO – Não grite comigo!

APARIÇÃO (*parte para ele*) – Não fale perto de mim! Esse cheiro de cola é insuportável. Você está é endemoniado.

VAGABUNDO – Quer fazer o favor de parar com esse histerismo! (*pausa*) Detesto os fracos. Por que você não abre logo essa boca e conta tudo de uma vez, ao invés de ficar aí se torturando feito uma idiota?

APARIÇÃO – Contar o quê?

VAGABUNDO – Ora, quem é você, o que está fazendo aqui... Quem sabe eu posso lhe ajudar.

APARIÇÃO (*com desprezo*) – Ajudar!

VAGABUNDO – Gozado, a natureza criou o homem e a mulher como símbolo do amor e eles vivem constantemente representando o ódio. (*silêncio*) Como é o seu nome?

APARIÇÃO – Puxa, será que você não passa um minuto sem falar!

VAGABUNDO – Está bem, está bem... (*apanha no chão uma coroa de espinho e a põe na cabeça*) A noite vai ser longa e fria. (*afasta-se*) Boa noite.

APARIÇÃO – Espere. Por favor... Ele quem?

VAGABUNDO – Como é mesmo o seu nome?

APARIÇÃO – Que importância tem o nome em momentos como este?

VAGABUNDO – É que gosto de tratar as pessoas pelo nome.

APARIÇÃO – E que diferença faz? Maria, Tereza...

VAGABUNDO – É que nesses momentos, se nós não falarmos com a pessoa certa, algo sai errado.

APARIÇÃO – Como assim?

VAGABUNDO – É muito simples. Quando alguém se desencontra da vida, perde-se no tempo. Eu, por exemplo, ultimamente recebi a alcunha de Vagabundo dada por uma cigana.

APARIÇÃO – Nada mais justo.

VAGABUNDO – Por isso que aceitei. Não tenho preconceito. Sabe o que ela disse mais? Que noutra encarnação eu fui Jesus Cristo. De maneira que em sua frente está, nada mais, nada menos, que o sábio Vagabundo, ex-Nosso Senhor Jesus Cristo.

Ouve-se o hino norte-americano. Eles param e olham para platéia. Aparição leva as mãos à cabeça e cai em transe.

APARIÇÃO – Até quando, Senhor, as trombetas irão ferir nossos ouvidos? Quando finalmente cessarão esses gritos de horror? Até quando a miséria será o testamento do meu povo? Até quando, Senhor, permanecerá a fumaça do castigo pelos mares da América? Vi quando os anjos de fogo chegaram montados nos seus cavalos de metal. Nas suas cabeças havia uma espécie de coroa de ouro. Seus rostos eram como rostos de homem, seus cabelos, como os de mulher, os seus dentes como os de leão, seus tórax pareciam envolvidos de couro e ferro. E o ruído de suas asas era como o de bandeiras de linho grosso, soltas ao vento, puxadas por carros de muitos cavalos correndo para a guerra para cobrar com sangue as malditas e intermináveis dívidas contraídas pelos corruptos. Vi quando eles apareceram e sumiram pelas sete faces da terra levando as colheitas das pobres Nações.

O hino vai sumindo. Ele está sem a coroa.

VAGABUNDO (*aplaudindo*) – Você devia entrar para o teatro. E então, como devo lhe chamar?

APARIÇÃO – Aparição. Me chame de Aparição.

VAGABUNDO – Aparição... Bonito nome. Adoro pessoas inteligentes.

APARIÇÃO – Hum! Se eu fosse inteligente não estaria aqui agora.

VAGABUNDO – Eu sou e no entanto estou.

APARIÇÃO – Me diga, Vagabundo, você acha que eu devo entrar, ir ao encontro dele ou...

VAGABUNDO – Não, espere aqui. À meia-noite ele sai.

APARIÇÃO – Que horas são?

VAGABUNDO – Agora vejo que você é burra mesmo. Onde já se viu um sábio usar relógio?

APARIÇÃO – É a primeira vez que vejo um sábio idiota. Eu não perguntei se você usava relógio. Ao que parece, os sábios conhecem o tempo.

VAGABUNDO – Há muito que perdi a noção dele. Não me interessa se é sexta, sábado ou domingo; se é de manhã, tarde ou noite. Por causa dessa maquinazinha miserável chamada relógio, que controla a vida da gente, é que eu sou o algoz da minha própria loucura. Meia-noite, meia-noite. Pontualmente à meia-noite.

APARIÇÃO – O autor dessa peça é um grandiosíssimo filho da puta. Onde já se viu um sábio temer a máquina?

VAGABUNDO – As personagens de hoje não são mais criadas por inspiração. É o teatro do óbvio, do absurdo; elas saem das favelas, das ruas, dos bares e das sarjetas sob o controle dos ponteiros, noventa minutos de espetáculo. Estupram, assaltam, sequestram e matam. (*revoltado*) Saem também das grandes catedrais! Dos palácios... Essas são as mais famintas, são desumanas, covardes... Incendeiam casas, gente e distribuem armas de guerra para as crianças.

APARIÇÃO – Foi por isso que Salomão não quis tomar o vinho da imortalidade. (*pausa*) Olha, sinceramente, eu não tenho mais saco para subir num palco e falar de miséria, de fome, que o Governo é isso, é aquilo. Nem tão pouco falar dessa herança maldita deixada pela tirania... Um passado como o nosso deve ser esquecido. Quero falar de mim, de você, quero viver! Será que é pedir demais? Eu quero amar, ser feliz. Quero a minha identidade. Meus sonhos, só isso! Eu sou gente.

VAGABUNDO – É a primeira vez que eu vejo a cena engolir o autor.

APARIÇÃO – Com isso ele quer mostrar o absurdo! Fazendo tolices em nome do teatro. Eu não sei como esse público aguenta.

VAGABUNDO – O público é masoquista, trabalha o dia inteiro e, à noite, em vez de descansar, vem ao teatro, pagar para ouvir as neuroses desses autores. Isto é, quando não encontra um diretor sádico que lhe joga sangue na cara...

APARIÇÃO (*declamando*) – Afonso, o Belo, continua perseguindo cruelmente os anciãos e as prostitutas! Não se pode amar a Deus sobre todas as coisas. As

vestes dos homens estão sujas! A boca do cordeiro está manchada de sangue... Senhores, vocês são os sobreviventes do grande Teatro da Humanidade! (*sobe no altar*) Sim, foi isso que o anjo me falou, lembro-me bem. Estava na colina do céu, foi isso mesmo... E ele disse mais, que era preciso tomar os beijos da purificação nos lábios sangrentos do cordeiro real. Pois é, eu sou a condessa das sarjetas, a rainha dos descamisados, a deusa dos cheira-cola, a puta mãe dos trombadinhas, dos maconheiros... Os meus lábios estão ensanguentados de paixão, eu dou pra quem quiser! (*longo silêncio*) Tudo começou no dia que eu fui dormir no convento abandonado. Era meia-noite, um sino batia longe. Foi nessa hora que ele apareceu. Estava com as mãos sujas de sangue, tinha acabado de torturar os boêmios, os mendigos e os poetas profanos. Ele me segurou, me bateu, depois me jogou no chão e me violentou, me encheu de porradas. Me chamava de vagabunda, de vadia. O infeliz uivava feito um cão danado... Quando terminou, saiu chorando, chamando pela mãe. (*pausa*) Esse é o quinto espetáculo que faço papel de puta.

VAGABUNDO – Outra coisa não, mas cara você tem. Pelo que sei, nessa peça não tem nenhuma prostituta e sim uma atriz.

APARIÇÃO – Não é o que falam por aí.

VAGABUNDO – Os nossos ideais e a nossa liberdade estão aqui no palco, debaixo de centenas de refletores e diante dos olhos do público, tudo transparente. Enquanto a falsa moral age traiçoeiramente às escondidas, feito o Demônio! Apresenta-se como anjo dentro de sua própria casa nos censurando.

APARIÇÃO – Eu me dou por satisfeita. Da boca da personagem saiu a minha realidade. Aliás, a personagem sou eu mesma. De agora em diante o autor pode fazer o que quiser. Me matar na próxima cena... Eu tenho a ligeira impressão que, pelo nome, Aparição, vou desaparecer logo.

VAGABUNDO – Acho que não. Ainda não completou os noventa minutos.

Ouve-se “Pra Frente, Brasil”, hino da copa de 1970. Eles param e olham para a plateia durante algum tempo.

APARIÇÃO – Nós estamos num palco ou num estádio de futebol?

VAGABUNDO – Ah, quem dera que nós estivéssemos num estádio de futebol! Não estaríamos fudidos e mal pagos e ainda seríamos ídolos.

APARIÇÃO – Você e os seus ponteiros. (*deita-se por cima dos trapos e adormece*)

VAGABUNDO – Uma vez, na cidade onde nasci, perto da avenida, ao invés de escola, hospitais, fábricas, havia uma imensa favela. Era lá que o monstro vivia encafuado. Todos os dias subiam dezenas de virgens destinadas ao sacrifício. Umas iam à força, aos gritos, desmaiando a cada tropeço; outras atiravam-se às doidas, histéricas, antegozando a volúpia de serem estraçalhadas pelo monstro. Se elas não

fossem aplacar a fome dessa besta-fera, ele desceria à cidade, arrebatando todas as mulheres, até mesmo as filhas dos potentados. Há quem diga que esse monstro é controlado por um grande relógio que todos os dias, quando os ponteiros atingem seis horas da tarde, ele fita a cidade com os olhos de fogo acendendo as avenidas solitárias, os bairros da fome e os anúncios luminosos. Tem a idade do dinheiro. Nasceu no dia em que, num barraco miserável, uma mulher vendeu um minuto de amor. Ele tem cara e nome de gente. A sua gula foi cultivada pelo homem. No começo, bastava-lhe, de quando em quando, o corpo mutilado de uma operária; depois incendiou-se como um vulcão, rugiu como uma voragem. Agora, para detê-lo, as autoridades diariamente tentam coagi-lo com os noticiários de televisão e as manchetes dos jornais, denunciando os seus atos de violência e perversidade, tentando comover o povo. Certos de que ele descerá da grande favela para as avenidas silenciosas, onde a preguiça toca Chopin e rói as unhas cor de pétalas. Os homens criaram uma fatalidade social para o amor. Todas as Nações pagam o seu tributo diário. Todas as grandes cidades mantêm as suas estufas ardentes de calor vulcânicas como fornos crematórios. Se a carne do sacrifício se rebelasse, o monstro desceria o morro e aí da nobreza! Teria que pagar imensas fortunas para não ser sequestrada e assassinada por um monstro que foi criado pelo próprio egoísmo, pela hipocrisia, pela ganância e pelo capital guardado em seus próprios bancos. *(ela continua dormindo)* Adormeceu. Adormeceu feito uma criança com medo do monstro. *(respira fundo)* E esta noite que não termina nunca...

Música. Veste uma velha capa militar, pega um tubo de cola, deita-se embaixo do altar, e fica cheirando. Durante a cena um letreiro de neon, vindo da rua, fica piscando, anunciando o nome de alguma bebida. Ouve-se a primeira badalada do sino da meia-noite.

APARIÇÃO *(desperta atordoada)* – O que é isso? *(novas batidas)* É o sino do convento! É ele! *(corre desesperada e assombrada em direção à porta)* Eu sei que você está aí! Sinto os seus olhos de fogo me espreitando! Fora! Fora! *(pega a Bíblia e começa a ler para disfarçar. Uma rajada de vento derruba o painel do Juízo Final que fica pendurado nas alturas, quase caindo. Ouve alguém lhe chamando. Fecha a Bíblia)* Quem está me chamando? *(silêncio)* O que quer de mim? Por favor, não me torture mais. *(outra rajada de vento mais forte derruba de vez o painel do Juízo Final, fazendo muito barulho. Ela fica entre os escombros)* Quem me chamou? O que quer de mim? *(depara-se com a figura materna da pintura e corre assustada, abraçada à Bíblia)* É a senhora? O que aconteceu? A senhora está acabada, minha mãe. Quem fez isso? A senhora não merecia. Foram eles, não foi? Os seus próprios filhos... Eu avisei, eles lhe traíram, lhe roubaram tudo, lhe deixaram em desgraça. Que filhos... da puta... E agora, mãe? O que vai ser de nós? *(afasta-se)* Mas foi a senhora mesma quem me expulsou de casa. *(silêncio)* Fui para o seringal. Fui à luta. Me envolvi com a guerrilha. *(tempo)* Não. Eram bons companheiros. *(tempo)* Não, agora é tarde. A senhora sabe que não posso.

Não insista, minha mãe... A senhora sabe que agora é impossível, não tem saída. Não adianta, vocês não entendem. É uma guerra. Eles são muitos, mas não conhecem o mato. *(pausa)* Não, estou esperando. Vagabundo disse que era melhor esperar aqui. *(pausa)* É um amigo. Não sei, conheci há pouco. *(tempo)* Mas eu não sei. Vou acordá-lo... Não, minha mãe, não vá embora, não me deixe aqui sozinha, eu tenho medo. Eles estão matando todas as crianças. Eles não querem o Cristo! Eles vão me matar!

VAGABUNDO *(levanta-se furioso. Põe um quepe rasgado com algumas medalhas penduradas)* – Silêncio no recinto! Mas o que está acontecendo? *(ela cai de joelhos aos seus pés)* É a senhora?

APARIÇÃO – Sou sim, meritíssimo.

VAGABUNDO – Seu nome é Maria Imaculada, mais conhecida como “guerrilheira”, a “Fidel Castro” da zona?

APARIÇÃO – Sim, meritíssimo.

VAGABUNDO – Mas a senhora ainda é uma criança.

APARIÇÃO – Sou sim, meritíssimo.

VAGABUNDO – E o que foi que a senhora fez de tão perverso? De tão monstruoso?

APARIÇÃO *(tempo)* – Ter nascido.

VAGABUNDO – Hum! Criança diz cada uma! E o que mais a senhora tem a dizer?

APARIÇÃO *(amarga)* – Tudo começou no matagal de uma cidade do interior, numa noite negra, sem lua e sem estrelas. O instinto animal atraiu dois malandros que se entregaram um ao outro sem se terem visto antes. Eles derrubaram serras, despertaram os pássaros, rasgaram o céu, mancharam a noite e sujaram a terra. Ele poderia ser um porco fuçando a lama, que poderia ser ela. O caso, porém, é que dessa hora de brutalidade eu nasci. Mais tarde soube que ele era um palhaço de circo e ela bailarina de cabaré.

VAGABUNDO – Mas isso não tem nada a ver com o processo que a senhora está respondendo, só vem reforçar as palavras da acusação.

APARIÇÃO – Meritíssimo, eu sou uma pessoa sem princípios.

VAGABUNDO – É justamente aí onde está o seu crime. As pessoas sem princípios não devem ser recuperadas.

APARIÇÃO – Eu vou embora daqui. Vou abandonar tudo, vou voltar para minha cidadezinha.

VAGABUNDO – A senhora sabe que é crime contra a moral social o abandono da profissão?

APARIÇÃO – Não, senhor.

VAGABUNDO – A senhora sabe que deixando a prostituição vai pôr em risco a honradez das nossas filhas, a moral das nossas mulheres, enfim, a tradição da nossa sociedade?

APARIÇÃO – Não, meritíssimo.

VAGABUNDO – Então qual é o motivo?

APARIÇÃO – Os meus sonhos... foram todos destruídos.

VAGABUNDO – Hum! Não me venha com essas idiotices. Agora é tarde.

APARIÇÃO – Isso eu sei, meritíssimo.

VAGABUNDO – A senhora tem algo mais a dizer?

APARIÇÃO – Eu sempre chego tarde ou cedo demais. Comecei nascendo antes do tempo, de sete meses. Foi cedo demais para dar sofrimento à minha mãe, foi tarde demais para dar alegria ao meu pai, morto dois dias antes. No dia em que nasci não havia vaga na maternidade, ninguém ali morrera naquele dia. A única vaga que tinha fora preenchida um dia antes pelo primogênito do chefe político da cidade.

VAGABUNDO – **A senhora está distorcendo os fatos!**

APARIÇÃO – Mas meritíssimo...

VAGABUNDO – Limite-se apenas a responder às minhas perguntas.

APARIÇÃO – Pois não, meritíssimo.

VAGABUNDO – A senhora está contaminada com essa doença terrível que anda matando todo mundo por aí, não é?

APARIÇÃO – É verdade, meritíssimo.

VAGABUNDO – Mesmo assim, teve relações sexuais com o nosso escrivão. (*ela fica calada*) Depois com o Doutor Andrade, com o nosso chefe político, com o padre...

APARIÇÃO – Com o padre eu não queria, sou católica. Foi ele quem me obrigou. Morria de medo do bispo. E ficava o tempo todo chamando pelo papa... Soluçava, gemia e gritava o nome do papa.

VAGABUNDO – Com o delegado, com o juiz, com o prefeito, que transmitiram o vírus às suas esposas, filhos e netos. Em suma, estão todos condenados à morte por essa maldita doença que ninguém consegue saber o que é, que se espalha feito uma praga matando milhares e milhares de inocentes. Qual o motivo dessa monstruosidade?

APARIÇÃO – Vingança.

VAGABUNDO – Vingança? E o que foi que eles lhe fizeram?

APARIÇÃO – Maltrataram a minha mãe.

VAGABUNDO – Mas isso é um absurdo.

APARIÇÃO – Maltrataram muito... Tanto que ela morreu.

VAGABUNDO – Como? Explique-se.

APARIÇÃO – Ela era bailarina. Dançava nos cabarés para segurar minha barra e eles pagavam para se divertir. Ela era gorda, dançava em cima das mesas para que todos pudessem ver. Depois, saía pedindo a cada um o cachê por seu trabalho. Eles davam esmolas depois de terem se divertido com o seu corpo grotesco e desconforme. Muitas vezes quebravam os cenários e batiam nela, aos gritos, aos palavrões. Eu me lembro que ela chegava em casa toda rasgada, chorando e se lastimando da vida. Às vezes bebia para esquecer. Um dia, era até véspera do meu aniversário, ela saiu com um vestido azul para dar sorte, dizendo que ia ganhar muito dinheiro para comprar o meu presente. *(pausa)* Nesse dia, eles beberam demais. Quebraram garrafas e jogaram sobre as mesas, obrigaram-na a dançar em cima de vidros; começaram a bater com as mãos, com os pés, um empurrava, outro ria, outro insultava e ela pensando em mim, no presente que havia prometido. Nem sentia os pedaços dos vidros, era como se fosse uma garça, nas tardes quentes de primavera, e eles rindo, rindo até que ela, não suportando mais o voo, deixou o seu corpo patético à mercê dos ventos.

VAGABUNDO – Isso é próprio dos artistas, vivem de sonhos, morrem voando. *(pausa)* Sabe que com o seu ato de rebeldia centenas delas tomaram a mesma atitude? *(ele fica surpresa)* E que se a senhora não voltar a ocupar o seu cargo vai ser queimada na fogueira feito bruxa?

APARIÇÃO – O senhor é um juiz, não um inquisidor!

VAGABUNDO – O seu crime também foi praticado contra a Igreja!

APARIÇÃO – Eu não cometi crime nenhum!

VAGABUNDO – Isso é heresia, é subversão! Sabe que elas fizeram greve? Que abandonaram a vida noturna? E que, por isso, os tarados andam às soltas pela cidade? Que ontem à noite três jovens, virgens, foram encontradas mortas, nuas, estupradas, com tiros na cabeça e pedaços de pau na vagina? E que se elas não voltarem o número vai aumentar cada vez mais? Dia a dia os homens de bem verão as filhas desvirginadas, as mulheres prostituídas, os lares destruídos, a paz e a segurança ameaçadas pelas grandes favelas. Que ninguém mais vai poder sair de casa!

APARIÇÃO *(parte para ele, joga o quepe no chão e arranca a capa. Ele desmorona)* – É o preço da desigualdade. A pureza delas custa o nosso sacrifício.

VAGABUNDO *(humilhando-se)* – Isso nós entendemos. Tanto que a partir de agora...

APARIÇÃO – Vocês nunca entenderam. Onde estão as escolas, as fábricas, os hospitais? Dê um livro à criança, a máquina ao homem, que a paz volta a reinar. É simples, não? Mas o apetite insaciável de vocês não deixa. A ganância é muito grande, vocês querem mais e mais, vocês querem tudo, o resto que se fôda! Quantas vezes eu fui espancada, quantas vezes vocês me disseram que o amor não era objeto de comércio? De tanto ouvir, decorei... Elas, se quiserem que voltem, eu não quero ter o mesmo destino da minha mãe.

VAGABUNDO – Agora vai ser diferente, eu prometo. Com essa crise nós sentimos o problema na pele. Vamos dar mais assistência a vocês.

APARIÇÃO – Isso nunca. Pra depois nos maltratarem...

VAGABUNDO – Vamos dar prêmios. Aquela que amar mais durante a semana vai ganhar TV, geladeira, vai ser personagem de novela...

APARIÇÃO – A única novela que eu conheço é a novela da vida e essa é uma tragédia.

VAGABUNDO – O que vai ser dos poetas desventurados sem vocês? Dos tímidos? Dos sonhadores, dos boêmios? O que será da história, do teatro, da literatura, do cinema? Quem dará inspiração aos escritores?

APARIÇÃO – A vida.

VAGABUNDO – Eu também pensava assim, agora vejo que os noventa minutos vividos no palco não têm significado algum em relação ao espetáculo da vida.

APARIÇÃO – Afonso, o Belo, também pensava a mesma coisa. E por suas mentiras, suas falcatuas, foi deposto junto com os ministros numa cena dantesca provocada pela juventude.

VAGABUNDO – Sim, é a democracia.

APARIÇÃO – Bonita palavra. O exército de maus espíritos vai aninhar-se aos poderosos da terra... A praga de gafanhotos há de vir...

VAGABUNDO – É porque você nunca amou, não sabe o que é ter uma filha por quem a gente se mata a vida inteira dentro de um quartel para criar, educar, ver crescer e ser condenada a ficar toda vida presa num quarto sem poder sair, sem poder comer, dormir, tendo pesadelos horríveis; vendo a hora desses marginais derrubarem as portas e com suas garras de lobos famintos rasgarem o seu corpinho de veludo. Isso é uma tortura para um pai de família. Eu lhe suplico: volte à sua vida, devolva o sorriso da minha filhinha.

APARIÇÃO – Nunca! A merda está feita e os únicos culpados são vocês. Democracia... Eu quero ver quando os favelados descerem cravejando as paredes das mansões com balas de fuzil, invadindo os apartamentos, os supermercados, os quartéis. Não vai ter polícia no mundo que impeça essa revolta!

VAGABUNDO (*suplicando*) – Em nome da família, da moral, atenda ao meu pedido!

APARIÇÃO – Prefiro ver meu corpo entre as chamas do que levando beijos aos enfermos e servindo de instrumento aos detentos. Dessa vez vocês não vão me comprar.

VAGABUNDO – Por Deus, tenha piedade de nós!

APARIÇÃO – Ninguém teve de mim.

VAGABUNDO – Devolva a minha alma!

APARIÇÃO – E quem devolve a vida da minha mãe?

VAGABUNDO – Eu lhe suplico, pela alma de sua mãe, ajude-nos... (*chora desesperadamente*)

APARIÇÃO – Meritíssimo, o senhor está chorando... (*ele disfarça e ela vai ao pros-cênio falar para alguém da plateia*) Eu já representei cinco, e representaria dez vezes mais se fosse preciso, o papel da grande prostituta. Mas para que as bestas humanas continuem engolindo todos os esterco e detritos que vomitaram, me recuso a voltar... Já representei cinco, e representaria dez vezes mais se fosse preciso, para que eles tenham consciência do monstro que criaram.

VAGABUNDO (*atrás do altar, de terno e gravata, erguendo a Bíblia*) – Aleluia! Aleluia! (*simultaneamente uma nova rajada de vento apaga todas as velas do altar*)

APARIÇÃO – Que pôrra é isso?

VAGABUNDO – Modere o seu linguajar. Você está na casa do Senhor!

APARIÇÃO – Eu não acredito...

VAGABUNDO – Você vai voltar pra zona!

APARIÇÃO – O cacete que eu volto!

VAGABUNDO – Vamos ver, vamos ver se você tem mesmo coragem de desafiar a palavra de Deus.

APARIÇÃO – Mas, finalmente, quem é você?

VAGABUNDO – O caçador de almas. Ando à procura daquelas que se perderam, que vivem no mundo sem rumo, vazias, sem esperanças. Já salvei muitas, irmã, e vou salvar a sua também.

APARIÇÃO – Um impostor é o que você é. Um cretino que anda extorquindo dinheiro dos otários com essa história de salvação.

VAGABUNDO (*vai a ela*) – Você está possuída, irmã! É o Demônio, eu vou expulsá-lo do seu corpo!

APARIÇÃO – Vai pra lá, Satanás! Você não passa de um vigarista, de um palerma fantasiado de profeta... Um babaca! E eu não vou voltar pra lugar nenhum!

VAGABUNDO – Eu já estou perdendo a paciência.

APARIÇÃO – Taí, eu quero ver se você é realmente poderoso.

VAGABUNDO – A minha paciência se esgotou.

APARIÇÃO – E a minha também. Está pensando o quê? Que acredito nas suas curas milagrosas, nessa encenação ridícula? Será que você não está vendo que nós estamos num palco? Deixa de ser canastrão. Ou você está pensando que eu sou mais uma das virgens destinadas ao sacrifício?

VAGABUNDO – Vou mostrar que você vai voltar! E vai também convencer todas elas a voltarem ao trabalho... Ou melhor, à libertinagem, à depravação, à profanação, ao pecado! (*com a Bíblia erguida*) Para que os meus fiéis vivam em paz. Para que eu possa novamente imperar no meu rebanho e que a nossa Igreja nunca pare de crescer, seja feita a vontade do Senhor! Aleluia! Cante comigo, irmã. (*inicia um canto empolgado. Só é contido com a queda do lustre central da igreja que estoura perto dele*)

APARIÇÃO – Puta que pariu! Tem que ver pra crer.

VAGABUNDO (*em transe*) – Senhor, dê-me o poder dos faraós para que eu possa combater os maus espíritos.

APARIÇÃO (*irônica*) – Pra quem foi Jesus Cristo noutra encarnação...

VAGABUNDO (*segura-a pelo braço*) – Veja, irmã, como são belos os campos do Senhor. Precisamos divulgar essas belezas, esses encantos, os milagres... O mundo tem que tomar conhecimento da força da nossa palavra! (*solta-a*) Só o dízimo não basta, precisamos de mais, muito mais. A Igreja é insaciável, precisamos de dólares, muitos dólares para comprarmos emissoras de rádio, redes de TV e jornais para divulgarmos a palavra do Senhor. Aleluia! (*ela aplaude*) O que é que você está fazendo?

APARIÇÃO – **Aplaudindo o dramalhão.**

VAGABUNDO – Não brinque com a palavra do Senhor.

APARIÇÃO – Não brinque, digo eu. Tire o Senhor dessa roubalheira.

VAGABUNDO – Só uma pessoa sem fé, um ateu, é capaz de tamanha aberração. Ele vai voltar e você vai ter que prestar contas olhando nos olhos Dele.

APARIÇÃO – Eu já estive cara a cara com Ele, se você quer saber. E olhei bem no fundo dos seus olhos. (*encara nos olhos dele*) Ao invés de uma Bíblia, Ele tinha nas mãos um fuzil. Suas palavras alcançavam o céu e a terra, corriam pelos sete mares... (*vai se transformando*) Os seus olhos eram de cristais, o rosto de homem, a barba, a mesma... Ele leu pra mim dois Salmos, foi o bastante para acreditar em suas palavras

e me transformar noutra pessoa. Me deu asas. (*ele fica pasmo*) Eu sim, sou a voz da consciência, vim para fazer justiça com as próprias mãos, já que a justiça dos homens está podre, corrompida! Eu vou subir as favelas e separar o joio do trigo; vou incendiar os presídios, vou enforcar o monstro em praça pública, vou instituir a pena de morte no país e criar um esquadrão para banir da face da terra tudo que for ladrão, corrupto e assassino. Principalmente esses que usam a palavra Dele em vão.

Outra rajada de vento apaga os restos das velas.

VAGABUNDO (*assustado*) – Agora estou entendendo. De nada adiantou me esconder...

APARIÇÃO – Sim. Eu sou o anjo imolador que veio executar os falsos profetas.

VAGABUNDO (*baixinho*) – É o fim do mundo.

APARIÇÃO – É verdade! Eu sou a caçadora de Demônios, a Violeta Flores do novo mundo!

VAGABUNDO (*amendrontado*) – Você é uma louca perigosa!

APARIÇÃO – E você um carrasco, um sádico que torturou e matou muitos inocentes.

VAGABUNDO – Eu só cumpria ordens.

APARIÇÃO – Ordens de quem?

VAGABUNDO – Ordens superiores.

APARIÇÃO – Os nomes! Eu quero todos os nomes!

VAGABUNDO – Não sei, eram muitos.

APARIÇÃO – Um só. O nome de um.

VAGABUNDO – Não me lembro, já faz muito tempo.

APARIÇÃO – Apenas um, fala!

VAGABUNDO – Não sei, juro. Eu tenho uma péssima memória.

APARIÇÃO – Como é? Vai dizer ou prefere que...

VAGABUNDO – Eu não sei de nada, já disse. Estou falando a verdade!

APARIÇÃO – Onde eles estão agora?

VAGABUNDO – Eu já falei que não sei. Me deixa em paz!

APARIÇÃO (*ameaçando-o*) – Então...

VAGABUNDO (*desesperado*) – Não! Por favor! Eu não tenho mais nada a ver com isso! Eu me arrependi. (*mostrando a Bíblia*) Aceitei o Evangelho!

APARIÇÃO – Quem são eles? O que fazem?

VAGABUNDO – Nada! Eles não existem. Estão por aí feito fantasmas, sem nome, sem alma, cheios de pesadelos. Você quer tortura maior?

APARIÇÃO – Por que vocês se apossaram da Pátria, do civismo, de tudo, como se a Nação fosse uma propriedade de vocês?

VAGABUNDO – Eu não queria me meter nessa loucura, sabia que ia ser o fim. Quando eles me tiraram do quartel acabou-se a minha felicidade. Eu era um soldado exemplar, não podia recusar uma ordem superior que eles me matariam. Se não fosse eu, seria um outro qualquer. Um teria que ser o instrumento deles. Eu fui o escolhido porque eles achavam que eu era severo, era duro, não me deixava amolecer. Mas quem fazia tudo eram eles, sempre eles em grupo. Eu não passava de um boneco nas mãos deles. “Vamos fazer aquela estrada”, diziam, “aquela ponte, aquela usina”. Cada vez mais a repressão aumentava, as prisões estavam cheias; eu tinha que manter a ordem. Eram muitas obras faraônicas, muitos interesses, disputa de grupos... Foram eles que me criaram, que me fizeram e que me usaram até o momento em que o grupo se dissolveu. Fiquei sem rumo, sem saber o que estava acontecendo, o que tinha que fazer, para onde ir. Fiquei sozinho. Aí veio a gota d’água: a morte daquele padre negro. Eles enlouqueceram, disseram que não tinham nada a ver, que foi um ato isolado e começou a caça às bruxas. Foi quando resolvi aceitar Jesus. Fugi e me disfarcei para não ter que pagar pelas barbaridades cometidas nos calabouços.

APARIÇÃO – Essa conversa é velha. Você quer entrar pra história, quer um final heroico nessa dramaturgia do ufanismo.

VAGABUNDO (*para si*) – E pensar que muitos deles estão vivendo com cara de anjo e indo à missa habitualmente.

APARIÇÃO – O senhor sabe que a punição para o Anticristo é o fuzilamento?

VAGABUNDO – Isso é revanchismo?

APARIÇÃO – Sabe ou não?

VAGABUNDO – Sei.

APARIÇÃO – E então? O que tem a dizer em sua defesa?

VAGABUNDO – O arrependimento.

APARIÇÃO – Só isso?

VAGABUNDO – Só.

APARIÇÃO – É muito pouco.

VAGABUNDO – Eu poderia dizer muitas coisas, mas de que adiantaria?

APARIÇÃO – Quem sabe?

VAGABUNDO – Não. É o fim. Está tudo consumado.

APARIÇÃO – Não tem mais nada a dizer?

VAGABUNDO – Não.

APARIÇÃO – Então tenho que cumprir ordens.

VAGABUNDO – É um direito que lhe assiste. Eu também vivi toda minha vida cumprindo ordens. (*vai saindo*)

APARIÇÃO (*grita*) – General! (*ele para e vira-se. Ela faz um gesto com a mão, imitando um revólver. Na hora do tiro a água do chafariz começa a jorrar*) O senhor é mesmo um homem de muita sorte. Foi salvo pelo chafariz da praça.

Eles correm e ficam brincando com a água.

VAGABUNDO – Ligaram o chafariz a essa hora. O dia nem amanheceu.

APARIÇÃO – Está tudo escuro... E frio.

VAGABUNDO – Vou esperar o dia amanhecer e dar um rumo à minha vida. (*senta na escadaria e fica desolado*)

Aparição pega um livro na mochila e senta ao lado dele. Um longo silêncio.

VAGABUNDO – Você gosta de ler?

APARIÇÃO – Muito.

VAGABUNDO – Isso é perigoso, sabia?

APARIÇÃO – O quê?

VAGABUNDO – Os livros.

APARIÇÃO – Por que?

VAGABUNDO – Eles botam as pessoas no mau caminho. Esse, por exemplo, fala de quê?

APARIÇÃO – Da condição humana. Conta a história de uma família de potentados que trata os menos favorecidos com desprezo e arrogância, como se estes não fossem gente. O chefe dessa família é cego, incapaz de apreciar tudo que é grande e belo.

VAGABUNDO – Quem escreveu?

APARIÇÃO – Máximo Gorki, um autor russo.

VAGABUNDO – Todo russo é comunista. Você é comunista?

APARIÇÃO – Não.

VAGABUNDO – E então, se você não é comunista, por que está lendo essa indecência?

APARIÇÃO – Porque é um bom livro e muito bem escrito.

VAGABUNDO – Qual é o título?

APARIÇÃO – *Pequenos Burgueses*.

VAGABUNDO – Deve estar cheio de mentiras.

APARIÇÃO – Ele usou a sua arte para defender os miseráveis da Rússia, a “ralé”, como ele chamava.

VAGABUNDO – Vamos lavar nossas roupas.

APARIÇÃO – Eu não. Vá você.

VAGABUNDO – Elas estão muito sujas. Vamos!

APARIÇÃO – Só se for a sua.

VAGABUNDO – Estão fedidas.

APARIÇÃO – Quem está fedendo aqui somos nós.

VAGABUNDO (*vai ao chafariz*) – Quer saber, eu vou lavar as minhas roupas...

APARIÇÃO (*guarda o livro*) – Vamos aproveitar e tomar banho.

VAGABUNDO – Não! Banho não.

APARIÇÃO – Vamos lavar essa imundície que existe dentro de nós.

VAGABUNDO – Eu não.

APARIÇÃO – Vamos. Nossas vidas não têm rumo mesmo. Você não vai conseguir sair daqui nunca. Tudo o que você está vendo, esse vazio, essa escuridão, não é cenário, somos nós. Vamos aproveitar e tomar banho.

VAGABUNDO – Vá você.

APARIÇÃO – Vem comigo.

VAGABUNDO – A água está muito fria.

APARIÇÃO – Você tem medo de água?

VAGABUNDO – Eu não.

APARIÇÃO – Ah, já sei, você não gosta de tomar banho.

VAGABUNDO – É verdade.

APARIÇÃO – Por que?

VAGABUNDO – Porque não gosto. Banho faz mal à saúde.

APARIÇÃO – Como?

VAGABUNDO – Toda vez que eu tomo banho fico doente.

APARIÇÃO – Confessa, você tem medo de água, não é?

VAGABUNDO – Tenho não.

APARIÇÃO – Então vamos comigo.

VAGABUNDO – Vamos. (*caem na água*)

APARIÇÃO – Está sentindo um cheiro diferente na água?

VAGABUNDO – Estou.

APARIÇÃO – Está fedida, não está?

VAGABUNDO – Muito. E é um cheiro forte.

APARIÇÃO – Não é da água... Somos nós. Sabia que eu nunca tomei um banho de chuveiro?

VAGABUNDO – Nem eu. E com sabonete?

APARIÇÃO – Nunca tive essa felicidade.

VAGABUNDO – Felicidade. O que é felicidade pra você?

APARIÇÃO – Não sei. Não sei se já fui feliz. E pra você, o que é felicidade?

VAGABUNDO – Ficar livre dos pesadelos.

Fazem guerra d'água feito duas crianças.

APARIÇÃO – Ih, desligaram o chafariz...

VAGABUNDO – Sabe o que é felicidade para mim? É vestir uma roupa cheirosa, lavada com sabão em pó.

APARIÇÃO – Faz anos que não visto uma roupa limpa. Eu vivia feito um bicho dentro das selvas, brigando com Deus e o Diabo.

VAGABUNDO – Uma cama macia... Isso também é felicidade.

APARIÇÃO – A única cama que conheço é a do hospital, quando me internaram toda picada de mosquito.

VAGABUNDO – Um prato de feijão com arroz também é felicidade. (*silêncio*)

APARIÇÃO – Eu estou com frio.

VAGABUNDO – Você está tremendo. Foi a água, estava muito fria, muito gelada. Você está com febre.

APARIÇÃO – E muita dor.

VAGABUNDO – Assim, tão de repente?

APARIÇÃO – Eu estou grávida.

VAGABUNDO – Como?

APARIÇÃO – Grávida de muitos meses.

VAGABUNDO – E o bebê vai nascer agora?

APARIÇÃO – Não. Ele se recusa a vir ao mundo. Cada mês aumenta o meu sofrimento.

VAGABUNDO – Um filho... Isso sim é a maior de todas as felicidades!

APARIÇÃO – A cabeça dói muito.

VAGABUNDO (*põe a mão no rosto dela*) – Você está se queimando de febre... Espere aí. (*tira o manto da santa e agasalha-a*) Pronto, agora você está aquecida. O frio vai desaparecer. (*fica ajeitando o manto da Santa*) Foi o monstro do convento abandonado, não foi? (*ela fica calada*) Sabe mesmo o que é felicidade pra mim? É pão com manteiga.

APARIÇÃO (*rindo*) – Pão com manteiga é a minha cara. É a minha infância.

VAGABUNDO – Eu, como não tive infância, não sei o que é felicidade. Quando minha mãe morreu...

APARIÇÃO – Sua mãe morreu?

VAGABUNDO – E o meu pai também. Morreram os dois no mesmo dia, na mesma hora.

APARIÇÃO – De amor?

VAGABUNDO – Não, de acidente. Atropelados por um ônibus. Nós tínhamos acabado de chegar aqui na cidade, vim do interior. O caminhão que nos trazia parou numa avenida muito movimentada para nós descermos: meu pai, minha mãe, eu e minhas três irmãs pequenas. Na hora que eles desceram foram atropelados por um ônibus desgovernado que passou por cima deles, bem em frente à favela onde íamos morar. Eu tinha 10 anos e assisti horrorizado à tragédia, juntamente com minhas irmãs. A mais nova tinha 3 anos, morreu logo depois, juntamente com a de 4, de pneumonia por causa do frio. Fiquei eu e a Das Dores, que tinha 8 anos. Ninguém se interessava pela gente. Dormíamos debaixo das pontes, nas praças, passávamos o dia pedindo esmola para não morrer de fome. Só comíamos direito quando alguém resolvia pagar um prato pra nós. Quando as roupas se rasgaram, eu passei a usar as calças e as camisas do meu pai e a Das Dores os trapos que minha mãe trouxe na bagagem. Eu era muito pequeno, tinha certeza que se não aparecesse alguém pra ajudar eu não teria mais força para viver. Foi quando apareceu um senhor, já velho, e nos

levou pra morar com ele. Ele morava sozinho. Um dia ele chegou bêbado e começou a me espancar sem mais nem menos, berrava dizendo que nós éramos filhos do Satanás, segurou minha irmã e começou a estuprá-la. Eu assisti a tudo sem poder fazer nada. Lembro dos gritos dela. Pequena, não conseguia se mexer e o velho em cima dela babando e chamando-a de minha filha. Ele cobriu o rosto dela com um pedaço de pano. Eu fiquei paralisado, assistindo a tudo. Não sabia como reagir. Fiquei chocado, fiquei tão louco que saí correndo. Fui embora, nunca mais voltei lá. Fiquei na rua entregue ao vício, dessa vez com ódio de tudo e de todos. Não confiava mais em ninguém. Você já cheirou cola?

APARIÇÃO – Prefiro um fuminho. A doideira é maior. Sabia que a maconha prolonga a vida da gente?

VAGABUNDO – Não sei pra que gente como nós com vida. (*tempo*) Você sabe o que faz a fera quando acorda faminta?

APARIÇÃO – Não.

VAGABUNDO – Vai à caça. Ao pão com manteiga. (*puxa um canivete e fica se exibindo*) É a Lei da Selva. (*risca o canivete no chão*) Vamos nessa?

APARIÇÃO – O que você está dizendo?

VAGABUNDO – Eu estou dizendo que ninguém escapa de uma investida em dupla. E facilita na hora da fuga, porque confunde a presa... Se você é baixinha tem que ter bastante agilidade. Não se apavorar nunca se a presa tentar reagir. É preciso ter determinação no ataque! Nunca devemos olhar para trás, é uma maneira de evitar o reconhecimento...

APARIÇÃO – Ele pirou de vez. Não diz coisa com coisa.

VAGABUNDO – Mantenha-se sempre de cabeça erguida antes do ataque. Os braços devem ficar soltos e os passos mais apressados do que o da presa. Se o ataque for certo, em poucos segundos colares, relógios e dinheiro estarão em nossas mãos. E lembre-se, se a investida falhar é preciso continuar, desistir jamais. Se der bofeira e for presa, não esquecer, vá logo dizendo que é de menor e fale nos direitos humanos. E, por último, o princípio básico de tudo: não contar nada, absolutamente nada à polícia. (*ela aplaude e ele agradece*)

APARIÇÃO – Parabéns por essa obra de arte!

VAGABUNDO – É uma pequena encenação do teatro do óbvio. É a personagem principal dessa minha vida absurda.

APARIÇÃO – E nesse conto marginal, o que aconteceu com a sua irmã?

VAGABUNDO – Ficou lá. Não tinha pra onde ir mesmo.

APARIÇÃO – E você nunca mais a viu?

VAGABUNDO – Não. Uma vez senti saudade dela, fui visitá-la e não a encontrei mais. Às vezes fico sentado aqui na escadaria da Igreja, olhando as pessoas passar, na esperança de ver o seu rosto. Aquele rostinho de anjo, com sobranceiras largas e uma pequena cicatriz na testa em forma de “ípsilon”.

APARIÇÃO – E filhos?

VAGABUNDO – Não tenho. E você? (*ela não responde. Ele ergue o canivete*) Essa é a única maneira de acabar com o seu sofrimento...

APARIÇÃO – Você me ajuda?

VAGABUNDO – Só se for agora.

APARIÇÃO – Então não vamos mais perder tempo.

VAGABUNDO – Tem certeza?

APARIÇÃO – Absoluta.

VAGABUNDO – Não está com medo?

APARIÇÃO – Medo? Pra quem passou pelo convento abandonado isso é água com açúcar.

VAGABUNDO – Então vamos ao que interessa. (*amola o canivete no altar*)

APARIÇÃO (*deita-se no altar*) – Estou pronta.

VAGABUNDO – Abra as pernas. (*fica segurando*)

APARIÇÃO – Não tenha medo, pode usar de violência.

VAGABUNDO – Agora eu quero ver se ele não sai... (*empurra o canivete e o sangue jorra*)

APARIÇÃO – Força!

VAGABUNDO – Força é comigo mesmo!

APARIÇÃO – Mais força! Mais! Não tenha medo!

VAGABUNDO – Vamos, desgraçado, sai daí! Chegou a sua hora!

APARIÇÃO – Empurre o canivete sem pena!

VAGABUNDO – Eu estou usando toda a minha força!

APARIÇÃO – Mais! Bote mais!

VAGABUNDO – Seu comunista de uma figa, eu vou lhe matar! (*empurra o canivete e vem mais sangue*)

APARIÇÃO – Mata! Mata!

VAGABUNDO (*sujo de sangue*) – Quem você pensa que é? Agora você me paga!

APARIÇÃO (*gritando*) – Mata! Mata! Arranca a cabeça dele!

VAGABUNDO – Seu infeliz.

APARIÇÃO – O braço também...

VAGABUNDO (*alucinado*) – Esse é o fim de todo terrorista!

APARIÇÃO – A perna, arranca a perna dele!

VAGABUNDO – Vamos, seu desgraçado, apareça!

APARIÇÃO – Mata ele! Mata ele! Me livra desse mal!

VAGABUNDO – Ele tem parte com o Demônio! Sumiu...

APARIÇÃO – Procura, procura, mata ele, não deixe esse filho do Satanás fugir!

VAGABUNDO – O miserável desapareceu!

APARIÇÃO – Pega ele! Pega!

VAGABUNDO – Apareça, filho da puta! Apareça...

APARIÇÃO – Não deixa ele fugir!

VAGABUNDO – Ele se escondeu. Não tem como combater um inimigo invisível!

APARIÇÃO – Então chega! Para!

VAGABUNDO – Eu vou cortar a língua desse infeliz!

APARIÇÃO – Para, para...

VAGABUNDO – Agora é tarde: esse Demônio não sabe com quem se meteu!

APARIÇÃO – Chega, pôrra!

VAGABUNDO – Vamos, filho da puta, apareça! Eu vou lhe matar!

APARIÇÃO – Para, caralho! Para... (*chuta-o. Ele se afasta limpando o canivete na calça*) Eu desisto. Definitivamente desisto. Isso só pode ser um castigo. (*limpa-se com o manto. Vagabundo vai ao chafariz lavar o sangue. Está desolado*) Não fique assim, você não teve culpa. Não foi a primeira vez. Sempre que eu tento tirá-lo ele desaparece. É assim há anos. Você desempenhou o seu papel. Isso é maldição! (*silêncio*) Eu estou com muito frio e essa noite não termina nunca.

VAGABUNDO (*olha para o céu*) – Está tudo escuro.

APARIÇÃO – Vamos fazer alguma coisa para que ela não se eternize.

VAGABUNDO – Fazer o quê?

APARIÇÃO – Sei lá. Vamos brincar com as estrelas... (*aponta*) Está vendo aquela bem bonita? O nome dela é Conceição.

VAGABUNDO – Quem foi Conceição?

APARIÇÃO – Minha mãe.

VAGABUNDO (*apontando*) – E aquela que brilha sem parar, quem é?

APARIÇÃO – Sua mãe, claro.

VAGABUNDO – Não, minha mãe são todas elas. Aquela é a cidadezinha onde nasci.

APARIÇÃO – E aquela grande, azulada... Advinha?

VAGABUNDO – É a minha irmã.

APARIÇÃO – Não, sua irmã é aquela que muda de cor o tempo todo, chamando atenção.

VAGABUNDO – E quem é a grande azulada?

APARIÇÃO – A nossa Pátria: o Brasil.

VAGABUNDO – E as pequenininhas que estão em volta?

APARIÇÃO – Os filhos. São os filhos da Pátria. (*ficam olhando. Tempo*)

VAGABUNDO – Elas estão sumindo... Vão sumir...

APARIÇÃO – É que o dia está amanhecendo. (*encantados*)

VAGABUNDO – Estão sumindo, sumindo... Sumiram. As estrelas foram embora.

APARIÇÃO – O dia está começando a clarear.

VAGABUNDO – Como foi que você me encontrou aqui? Eu não disse a ninguém que vinha pra cá.

APARIÇÃO – Eu estou aqui há muito tempo. Cheguei antes de você.

VAGABUNDO (*surpreso*) – Há quanto tempo?

APARIÇÃO – Muito. E durante todo esse tempo nós não fizemos outra coisa a não ser repetir as mesmas palavras todos os dias, os mesmos gestos, como se fôssemos assombração. Você acha que alguém vai se interessar por nós? A quem interessa assombração?

VAGABUNDO – Espere, essa cena não é agora. As frases de efeito são para o final.

APARIÇÃO – As peças desse autor são assim. Você não sabe quando começa nem quando termina. A única certeza é que é um Teatro Pobre.

VAGABUNDO – Nós somos “Os Mendigos da Arte”.

APARIÇÃO – Loucos, diria eu.

VAGABUNDO – Por que?

APARIÇÃO – Fazer cultura para uma Nação de analfabetos.

VAGABUNDO – Assim você ofende o público.

APARIÇÃO – Essa plateia pensa como nós. Sabe que não basta ler pra deixar de ser analfabetos. Esses cenários, esses figurinos, veja a pobreza... (*tira o manto*) A quem eles pensam que enganam?

VAGABUNDO – Acontece que o Teatro Pobre está em moda.

APARIÇÃO – Isso é invenção dos fudidos. O que eu queria mesmo era casa cheia, muitos aplausos, viver da minha arte e não morrer de fome.

VAGABUNDO – Mas o teatro não é uma imitação da vida?

APARIÇÃO – Quando as personagens se identificam com os atores e sentem a mesma angústia, a mesma solidão e o absurdo da existência humana, é uma vaga esperança de salvação determinada pelo propósito de esperar.

VAGABUNDO – Então o teatro é uma arte falsa... Se a própria vida é um fingimento, pra que fingir também no palco?

APARIÇÃO – É tudo decorado, todo dia a mesma coisa. Por isso que eu sou a favor do teatro sem texto, tudo no improviso, no faz de conta. (*pega o livro*) Ao contrário de Gorki. Sabia que ele desistiu do teatro para ser padeiro?

VAGABUNDO – Ele é inteligente, pelo menos de fome não morreria.

APARIÇÃO – Ele foi sapateiro, lavador de pratos em navios, catador de papel, desenhista, ao que chamava de “minhas universidades”.

VAGABUNDO – Metáforas. Isso é próprio desses autores para fugir do vazio. (*afasta-se*) O dia está amanhecendo.

APARIÇÃO – Vamos esperar. (*volta a ler. Tempo*) Você está calado. Não gosta de ler?

VAGABUNDO – Só a Bíblia.

APARIÇÃO – É uma boa leitura.

VAGABUNDO – O Apocalipse, apenas o Apocalipse.

APARIÇÃO (*puxa-o pelo braço*) – Vamos ver o sol nascer!

APARIÇÃO / VAGABUNDO (*ficam acompanhando o nascimento do sol numa expressão de alegria e contentamento*) – O dia amanheceu...

VAGABUNDO – Bonito como nunca!

APARIÇÃO – Faz tempo que não vejo uma manhã como essa!

VAGABUNDO – Veja o encanto das palmeiras cheias de orvalho...

APARIÇÃO – E os girassóis, parecem disputar com o sol a luz da manhã.

VAGABUNDO (*vira-se para ela*) – Bom dia!

APARIÇÃO (*surpresa*) – O que foi que você falou?

VAGABUNDO – Bom dia! Hoje é um dia diferente. Bom dia! (*estende a mão*)

APARIÇÃO (*pasma*) – Bom dia! (*segura a mão dele*)

VAGABUNDO – Sabia que ninguém nunca me desejou um bom dia?

APARIÇÃO – Então, bom dia de novo!

VAGABUNDO (*referenciando*) – Bom dia, Nossa Senhora! (*corre*) Bom dia, todos os Santos! Bom dia, chafariz! Bom dia, todas as plantas!

APARIÇÃO (*respira fundo*) – E esse cheiro de jasmim?

VAGABUNDO – Veja a festa dos pássaros!

APARIÇÃO – E a liberdade das borboletas...

VAGABUNDO – Que lindo o balé das bougainvilleas com o assovio do vento.

APARIÇÃO – Ih, ligaram o chafariz...

VAGABUNDO – É deslumbrante essa queda d'água.

APARIÇÃO – Uma manhã tão bonita e nós não podemos sair daqui.

VAGABUNDO – O que foi que você falou?

APARIÇÃO – Isso mesmo. Não temos para onde ir.

VAGABUNDO – E por que?

APARIÇÃO – Porque estamos mortos.

VAGABUNDO – Você está louca.

APARIÇÃO – Só não vê quem não quer. Esse cheiro de vela queimada, esse silêncio fúnebre... Nós estamos num cemitério.

VAGABUNDO – Maluca, é o que você é! Onde já se viu um cemitério sem túmulos, sem cruzes?

APARIÇÃO – Esse foi feito às pressas, para esconder os corpos indesejáveis, sem mortalhas.

VAGABUNDO – Agora você enlouqueceu de vez!

APARIÇÃO – É só abrir o chão para que eles surjam enfileirados, feitos zumbis, contando os horrores.

VAGABUNDO – Eu morro de medo de cemitério. Só em pensar tenho a sensação de desmaio.

APARIÇÃO – Aqui está: Seu Mário Pescador, Felipe Castanheira, o Professor Ivan... (*vai acendendo uma vela a cada nome*)

VAGABUNDO (*aflito*) – Vamos sair daqui! Vamos pedir ajuda.

APARIÇÃO – O Colombiano, Santa Cruz, Cirino de Toritama... Por que, ao invés de ficar aí gritando feito um maluco, você não me ajuda a acender as velas?

VAGABUNDO – E o Cristo de fuzil?

APARIÇÃO – Também. Foi enterrado como indigente.

VAGABUNDO (*desesperado*) – Socorro! Socorro! Tirem-me daqui!

APARIÇÃO – Oh, Deus do Olimpo, vós que mandaste por Abraão o varão da consciência para punir Afonso, o Belo, envia a ira do céu sobre as grandes favelas para que sejam banidas da face da terra todas as tiranias, para que os nossos mortos descansem em paz!

VAGABUNDO – Chega! Chega de metáforas! Vamos gritar para que alguém nos ouça.

APARIÇÃO – E alguns deles, até hoje, a família anda à procura.

VAGABUNDO – Para com isso! Alguém tire-me daqui, eu estou vivo.

APARIÇÃO – Para de gritar, ninguém vai nos ouvir.

VAGABUNDO – Eu não estou morto. Eu não morri, ouviu?

APARIÇÃO – Por que todo esse medo da morte?

VAGABUNDO – Eu quero sair daqui! Eu quero sair desse túmulo!

APARIÇÃO – Você não sai porque não quer! As portas estão abertas!

VAGABUNDO (*ele corre todas as portas*) – É verdade, estão abertas! Desculpe, foi mais um dos meus pesadelos.

APARIÇÃO – Só quem conhece o inferno é que tem pesadelos.

VAGABUNDO (*aplaude*) – Parabéns! Agora sim, chegou a hora das frases de efeito.

Partem ao mesmo tempo. Ela vai ao proscênio e ele sai de cena.

APARIÇÃO – O julgamento de Cristo é o espelho de todas as deserções da justiça corrompida pelas facções, pelos demagogos e pelos Governos. A sua fraqueza, a sua inconsciência, a sua perversão moral crucificaram o Salvador e continuam a crucificá-lo ainda hoje, nos Impérios e nas Repúblicas. E cada vez que há precisão de sacrificar um apóstolo de ideias generosas, um educador do povo, existe um juiz tibio com os interesses do poder... O bom ladrão salvou-se, mas não há salvação para um tirano.

A música sobe. A luz desce.

- Fim -

A ÁRVORE DOS MAMULENGOS



A Árvore dos Mamulengos (1977), pela Cia. Ribalta
de Teatro, de Curitiba
Texto e direção: Vital Santos
Foto: Acervo CEDOC Funarte

A ÁRVORE DOS MAMULENGOS

Como num picadeiro de “circo tomara que não chova” armado pelos próprios artistas, desenrola-se a função que vai unir atores de carne e osso com o teatro de bonecos em tenda. Após serem feitas as devidas apresentações, a trama começa por tecer críticas às mudanças no tempo, pois a Festa da Padroeira de Cabedelo já não é mais como antigamente. É nela que a irrequieta Marquesinha, única filha do interesseiro Policarpo, tem a certeza que está prometida em casamento ao ciumento e metido a valentão Cabo Fincão, só por conta da riqueza dele. Mas a garota está apaixonada pelo malandro preto e pobretão João Redondo, que mantém uma tenda de mamulengos na praça. Pois é justamente ao sabido rapaz que o militar vem pedir ajuda e ele o indica falar com a Madame Bago Mole, a cartomante de circo que pode indicar o melhor caminho de como conquistar a moça, sendo ela mesma quem a faz como uma espanhola fajuta sem que o seu apaixonado descubra. Perdido de paixão, ele é facilmente enganável.

Após muitos trocadilhos, passadas de perna, acusações de traições e quiproquós financeiros e amorosos, envolvendo inclusive um casal bri-guento que traz apelidos bem engraçados, Dona Rosita “Rabo Quente” e Porrote Botelho “Prego Torto”, tudo acaba bem e o casal sonhador pode finalmente se unir. Escrita na esteira da linguagem popular num tempo ainda sem preocupações politicamente corretas, *A Árvore dos Mamulengos* brinca com questões que hoje precisam ser revistas, como o preconceito racial, a misoginia e até a violência familiar. Trata-se de uma farsa nordes-tina típica da *commedia dell'arte* baseada nas peças de mamulengo, forma de teatro de bonecos típica do Nordeste brasileiro. Na encenação, há uma homenagem ao circo popular, comum nas periferias das cidades, que sempre encerrava suas apresentações com um drama circense. Além de colocar os atores como figuras clássicas desse universo, a exemplo do domador de



A Árvore dos Mamulengos (1973),
pelo Grupo de
Cultura Teatral
Texto e direção:
Vital Santos
Foto: Acervo Vital
Santos

feras, do palhaço, da bailarina, do apresentador, do mágico e da rumbeira, eles também representam como títeres, assim como fez Ariano Suassuna em *A Pena e a Lei*.

Declarando sua paixão pela região nordestina nessa montagem burlesca, mistura de opereta com elementos da *commedia dell'arte*, em 1973 Vital Santos estreou sua mais difundida obra até hoje, *A Árvore dos Mamulengos*, com músicas de Onildo Almeida, atuando também no elenco. Escrita em 1972, a peça foi a sua segunda criação dramatúrgica a ser registrada na *Revista de Teatro SBAT*, da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (a primeira foi *O Sol Feriu a Terra e a Chaga se Alastrou ou Os Martírios de Jorge e Rosinha*, no ano de 1977), na edição nº 437, no ano de 1981. Deduzo que suas tantas versões por todo o país, como veremos adiante, devem-se a tal publicação. Isso fez com que *A Árvore dos Mamulengos* se tornasse a criação dramatúrgica dele de maior projeção junto a outras companhias teatrais, constantemente revisitada, seja em montagens estudantis, amadoras, profissionais ou mesmo em leituras dramatizadas.

Após dirigir *O Uivo*, em 1973, criação do poeta-viajante Allen Ginsberg, um polêmico poema de dicção das ruas que se tornou manifesto da geração beat norte-americana, chegou a ser proibido e rendeu processos contra o autor e o editor por obscenidade – a obra é um libelo em defesa da liberdade de expressão, inclusive sexual, e das mais diversas causas libertárias, como a luta contra o preconceito racial e a guerra –, Vital preparou a estreia de uma segunda montagem naquele ano pelo seu Grupo de Cultura Teatral. Desta vez, com texto seu inspirado nos mamulengos de Cabedelo, município do interior paraibano, com aproveitamento do tema de *Sganarello ou O Traído Imaginário* (*Sganarelle ou Le Cocu Imaginaire*), do dramaturgo francês Molière.

“A *Árvore dos Mamulengos* foi a peça de Vital Santos que o Grupo de Cultura Teatral apresentou sábado [7 de julho de 1973], no Teatro João Lyra Filho. O espetáculo agradou muito” (CARUARU, *Diário de Pernambuco*, 15 jul. 1973, p. 4), foi o comentário que saiu na coluna *Interior Social*. A ficha técnica era a seguinte: texto, direção e iluminação de Vital Santos; música, Onildo Almeida; maquiagem, Jandira Siqueira; cenário, Pedro de Souza; figurinos e realização, Grupo de Cultura Teatral. No elenco: Rui Rosal Filho, Roberval Veloso, Alcimar Vólia, Pedro de Souza, Jandira Siqueira e o próprio Vital Santos. Naquele mesmo mês de sua estreia em Caruaru, a peça foi convidada para abrir o VI Festival Universitário de Teatro, no Londrina, no Paraná, no Teatro Universitário de Londrina. Lá chegando, Vital, em entrevista, afirmou que sua montagem era “altamente folclórica, inspirada nos mamulengos da Paraíba [...] bastante simples, um misto de mambembe e chanchada” (*Apud FESTIVAL...*, *Folha de Londrina*, 28 jul. 1973, p. 7). A peça despertou muitos debates:

O espetáculo – simples e folclórico – era uma questão de gostar ou não gostar, todavia, durante os debates, muito se discutiu acerca da linguagem regionalista (se passava como espetáculo popular em outras regiões ou não) e houve até quem descobrisse conteúdos transcendentais que nem haviam na peça e nem sequer na intenção do seu autor. (SÁBADO, *Folha de Londrina*, 31 jul. 1973, s. p.)

Independente das controvérsias, *A Árvore dos Mamulengos* seguiu logo para o I Festival Goiano de Teatro Amador - Fase Nacional, promovido

pelo Departamento de Cultura do Governo do Estado de Goiás, com sessão no dia 18 de agosto de 1973, no Cine Teatro Goiânia, mas, desta vez, sua exibição foi prejudicada por falhas técnicas. Na mesma data, às 10 horas, no Centro de Treinamento de Líderes, Paschoal Carlos Magno proferiu uma palestra. Na grade do evento também estava o Teatro da Universidade Católica de Pernambuco - Tucap, do Recife, com a peça adulta *Prometeu Acorrentado*, de Ésquilo, e, fora da competição, a infantil *A Revolta dos Brinquedos*, de Pernambuco de Oliveira e Pedro Veiga, ambos dirigidas por José Francisco Filho, dois trabalhos pernambucanos bem melhor recebidos.

O programa do I Festival Nacional de Teatro Amador de Goiânia trouxe um texto do então deputado federal Fernando Lyra, natural do Recife, lembrando que Caruaru, embora fosse uma cidade encravada numa região subdesenvolvida, contava com nomes que se revelaram de grande importância nos diversos aspectos da atividade criadora: o crítico literário Álvaro Lins, os jornalistas Austregésilo de Athayde e Limeira Tejo, os poetas Augusto Tabosa e Maria das Graças Santos Leite, o crítico teatral Joel Pontes, o ficcionista literário José Condé, o músico popular Onildo Almeida, a artista plástica Luisa Maciel, e o grande ceramista Mestre Vitalino. Agora, era a vez de Vital Santos, a mais nova força criadora da atual geração do teatro caruaruense:

Agraciado com prêmios conquistados em festivais realizados em diversos Estados da Federação; viajando sempre, para conhecer mais; pesquisando costumes e tradições populares; estudando as mais variadas situações humanas para a valorização e o enriquecimento artístico de suas peças, Vital Santos, embora muito moço, já atingiu aquela maturidade e conscientização de um fenômeno artístico integrado em sua época, de tal maneira que dele não se pode esperar nada que não nos agrade e não nos emocione, pela mensagem que traz e pela segurança com que a apresenta. (LYRA, *A Árvore dos Mamulengos* [Programa], 1973, s. p.)

Detalhe: a frase com que Vital sempre concluía a sua coluna semanal no jornal *A Defesa* estava presente no programa de *A Árvore dos Mamulengos*: “Ajude a si mesmo indo ao teatro”. Ainda em agosto daquele ano, de 19 a 25, a peça estava cotada para encerrar a programação de comemorações do Dia Nacional do Folclore, em Caruaru, pela Casa de

Cultura José Condé, a convite da sua diretora Luisa Maciel. E depois seguiu para o II Festival de Arte de São Cristóvão, promovido pela Universidade Federal de Sergipe no período de 31 de agosto a 2 de setembro de 1973. Abrindo aquela programação como convidado especial, segundo o jornalista Agostinho Batista, do jornal caruaruense *A Defesa*, que viajou àquele município sergipano para cobrir o evento, já que também estava ali a Banda de Pífano de Caruaru, além de uma exposição com quadros da artista plástica Luisa Maciel, “Vital Santos foi quem mais agradou no setor de teatro, com *A Árvore dos Mamulengos*” (BATISTA, *A Defesa*, 8 set. 1973, p. 8).

Uma pequena digressão que envolve o uso de títeres na cena. Em 1980, Vital Santos dirigiu a peça *Paixão, Amor e Castigo*, do pernambucano Ernesto de Albuquerque Vieira Santos Filho, que havia ganhado o II Concurso de Textos Para Teatro de Bonecos instituído pelo Serviço Nacional de Teatro, e o próprio autor o indicou para montar a sua obra, então financiada por aquela instituição. No acervo do diretor sobreviveram algumas fotos, mas nenhuma outra documentação referente ao espetáculo. Percebe-se que a apresentação ocorreu no Teatro João Lyra Filho, com uso de tenda para trechos com bonecos em cena e presença de músicos executando a trilha sonora ao vivo. Durante a feitura do meu livro *Memórias da Cena Pernambucana - 02*, Vital Santos e Alcimar Vólia lembraram alguns dos integrantes daquele elenco: Iva Araújo, Pinheiro Júnior, Wellington Ramos/Branco, Sebastião Alves (como músico) e Antônio Sá (Antonio Preggo), entre outros não identificados. Vital, além da direção, ficou responsável pelos figurinos.

Uma única referência a esta obra apareceu numa nota escrita pelo jornalista Valdi Coutinho:

A peça é uma coletânea de formas populares de teatro de bonecos, utilizando formas teatrais e literárias arcaicas, lembrando reminiscências dos antigos autos portugueses. Impressionou a Comissão Julgadora a qualidade do texto, os altos conhecimentos da língua portuguesa e também os recursos teatrais. Ernesto [de Albuquerque Vieira Santos Filho], quartanista da Faculdade de Direito da UFPE, foi o vencedor no ano passado com *Sonhos de um Coração Brejeiro Naufragado de Ilusão*, peça montada pela Companhia Dramática Brasileira, do SNT. (COUTINHO, *Diário de Pernambuco*, 3 out. 1979, p. C-5)



Paixão, Amor e Castigo (1980), pelo Grupo Folguedo de Arte Popular, de Caruaru
Texto: Ernesto de Albuquerque Vieira Santos Filho. Direção: Vital Santos
Foto: Acervo Vital Santos

Consegui achar o hoje advogado Ernesto de Albuquerque Vieira Santos Filho no Recife e, em entrevista por telefone, na tarde de 7 de abril de 2025, ele me confessou que o resultado cênico, mesmo conseguindo boa interação entre atores e bonecos, não saiu como o esperado, e a peça teve somente duas apresentações, uma em Caruaru e outra na comunidade de Malhada de Pedra, um distrito próximo. O projeto, desde então, foi abortado. Retomemos a trajetória de *A Árvore dos Mamulengos*, agora no ano de 1974. No dia 12 de abril daquele ano, a peça integrou a programação da II Semana Internacional do Artesão, promovida pela Casa de Cultura José Condé. Dois dias depois foi a vez da mesma equipe do Grupo de Cultura Teatral exibir *Feira de Caruaru*, o primeiro texto encenado de Vital. Hermilo Borba Filho, grande inspiração para o trabalho do nosso artista caruaruense, fez a palestra “Os Mamulengos do Nordeste” entre uma e outra apresentação.

Ele já havia visto *A Árvore dos Mamulengos* em janeiro daquele ano, quando foi convidado pelo Grupo Disparada para palestrar na I Semana de

Arte de Sertânia, município de Pernambuco, sobre os problemas do teatro popular, daquele “essencial, praticado pelo povo através do bumba-meu-boi, do mamulengo, do fandango e do pastoril” (BORBA FILHO, *Diário de Pernambuco*, 25 jan. 1974, p. 4), mas também do trabalho a ele dedicado por alguns grupos tenazes de estudantes espalhados pelo interior afora. Lá, Hermilo conseguiu conferir um dos dois trabalhos exibidos pelo “já famoso grupo de Caruaru, chefiado por Vital Santos, apoiado por Alcimar Vólia”, como garantiu. A equipe primeiramente mostrou *O Uivo*, a partir do poema do norte-americano Allen Ginsberg, e, logo depois, no encerramento da programação teatral, *A Árvore dos Mamulengos*, do próprio Vital. Hermilou, então, comentou:

Disseram-me que a segunda [*O Uivo*] foi considerada bonita pelo público da cidade, mas incompreensível. Bem feito, para não darem mancada de apresentar numa semana de arte desse tipo, comandada pelo popular, uma peça hermética. Mas o mesmo grupo apresentou – e esta eu vi – a citada peça de Vital Santos (uma espécie de Molière sertanejo, autor, diretor, ator), e redimiou-se. O espetáculo é totalmente válido, inspirado num dos nossos espetáculos populares, com uma sabedoria, uma verve, uma arbitrariedade que somente o espírito popular, tão bem captado por seu autor, pode dar. Numa encenação despojada, pobre, esquemática, os atores se movimentaram e transmitiram um texto onde há muito de picardia, sátira, espírito social e político, humor, condição humana. O que Vital Santos está fazendo com os seus atores é, sem dúvida nenhuma, importantíssimo, porque também é dirigido às populações rurais, até então totalmente desamparadas no que se refere às coisas da arte. (BORBA FILHO, *Diário de Pernambuco*, 25 jan. 1974, p. 4)

Vital guardava esta crítica com o máximo carinho e a propagou como pôde. Afinal, era o atestado público de que o seu mestre aprovava o teatro popular que ele vinha desenvolvendo. *A Árvore dos Mamulengos* compôs ainda a grade do I Festival Nacional de Teatro de Campina Grande - FENAT, que aconteceu de 13 a 23 de julho de 1974, no interior da Paraíba, conquistando o prêmio destaque de pertences (adereços) e o de 2º melhor espetáculo.

Alcimar Vólia e Jandira Siqueira estiveram no quadro de melhores atrizes; e Rui Rosal Filho e Roberval Veloso entre os melhores atores. No evento, que contava com a participação de 13 atrações diferentes de oito estados brasileiros, além de conferências, debates e baile de confraternização, a comissão julgadora, presidida pelo embaixador Paschoal Carlos Magno, chegou a dar um prêmio especial a outra atração de Pernambuco, o Teatro da Universidade Católica de Pernambuco - Tucap, que apresentou *Os Escolhidos*, de Hilda Hilst, com direção de José Francisco Filho.

Três de seus atores também estiverem entre os destaques, Carlos Borges, Carlos Varella e Gilson Barbosa, além da atriz Vânia Simonetti. De Pernambuco, participaram ainda o olindense Teatro Ambiente do MAC, do Museu de Arte Contemporânea de Pernambuco, com a peça *Os Mistérios do Sexo*, de Coelho Neto, dirigida por Alex Gomes; e o Clube de Teatro Infantil, do Recife, com *Branca de Neve e os Sete Anões*, adaptação e direção de Otto Prado. O GAAP - Grupo de Atividades Artísticas e Pesquisa, da própria Campina Grande, sob direção de Mário Falcão, apresentou outra obra do teatrólogo Vital Santos, como estreia nacional no Teatro Municipal Severino Cabral, *Aparição e o Vagabundo* (o título original não traz esse "o"), escrita em 1971 e censurada naquele ano de 1974, como já vimos no capítulo anterior.

No programa confeccionado para a ida a Campina Grande, Vital Santos deu o seguinte testemunho sobre a sua *A Árvore dos Mamulengos*:

A nossa tentativa de teatro popular é a continuidade de um trabalho há muito desenvolvido por Hermilo Borba Filho no TPN (Teatro Popular do Nordeste), uma forma de levar a encenação ao povo, mostrando-o em sua essência, pesquisado, retratado e predestinado a tomar uma posição. É uma maneira de tentarmos encontrar a forma ideal, bem brasileira, para esse tipo de teatro. Isso sem desmerecer o político do troço, muito pelo contrário, é claro; essa festa tão bem caracterizada pelo povo só trará vantagens para ele, uma vez que irá se sentir representado, discutido e analisado em suas raízes. Ao assumirmos essa posição, pretendemos ser autênticos, tanto no ritmo musical, como na representação, exibindo desde os gestos de aflição aos pregões tradicionais dos míseros circos "tomara que não chova". (SANTOS, *A Árvore dos Mamulengos* [Programa], 1974, s.p.)

O crítico Jefferson Del Rios, que integrava a comissão julgadora do I FENAT, fez uma matéria para a *Folha de S. Paulo* em que ressaltou o descaso com que o meio cultural do eixo Rio de Janeiro-São Paulo ainda tratava a produção cênica, os dramaturgos e os artistas do Norte e Nordeste brasileiro:

Com todas as inevitáveis falhas iniciais, o Festival de Campina Grande mostrou que há muita coisa a se ver no país, além do entediado e discutível vanguardismo europeu que ultimamente passeia pelo Brasil. Apresentaram-se no FENAT elencos do Amazonas, Pará, Piauí, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Paraná e Guanabara. Quase trezentos amadores que durante dez dias apresentaram, descobriram e debateram teatro. Alguns elencos são veteranos e alcançaram um nível artístico que os habilita a se apresentarem como profissionais em qualquer cidade. O amadorismo teatral, principalmente no Nordeste, tende em uns casos a perder a sua conotação estrita de passatempo quase em família para se tornar um instrumento cultural em mãos de universitários que pesquisam formas de expressão, criam soluções cênicas de acordo com os recursos locais e procuram lançar no palco elementos da cultura regional vistos de um ponto de vista crítico. Embora a crítica, a classe teatral e os órgãos oficiais de teatro não estejam muito preocupados com o fato, hoje existem na região Norte-Nordeste autores e diretores teatrais amadurecidos [...]. Continuamos, no Rio e em São Paulo, olhando mais para Paris-Londres-Nova York que para dentro do Brasil. Esse desencontro que revela a mal disfarçada subserviência aos padrões culturais estrangeiros é chocante [...] e, ao mesmo tempo, nada se faz para a descoberta de talentos como alguns dos que estiveram presentes em Campina Grande, principalmente Márcio Souza, do Amazonas (autor de *Zona Franca*, *Meu Amor* e *A Paixão de Ajuricaba*), Vital Santos, de Pernambuco (*Rua do Lixo, 24* e *A Árvore dos Mamulengos*) e José Bezerra Filho (*O Mundo Louco do Poeta Zé Limeira*, *Canudos* e *Enquanto Não Arrebenta a Derradeira Explosão*). Curiosamente, os três também são bons diretores. (DEL RIOS, *Folha de S. Paulo*, 30 jul. 1974, p. 35)

Sobre *A Árvore dos Mamulengos*, além de lembrar que a dramaturgia era uma recriação, em termos nordestinos, de *O Traído Imaginário*,

do francês Molière, o espetáculo em si, dirigido pelo próprio autor, tinha sido muito bom:

Revestindo a trama molièreana com roupas e falas nordestinas, o diretor criou uma comédia ágil e comunicativa. Um espetáculo simples, que pode ser levado em locais improvisados sem perda de rendimento, e inteiramente coerente com a definição dada ao trabalho do grupo pelo diretor Vital Santos: ‘Nossa tentativa de teatro popular é uma forma de levar encenação ao povo, mostrando-o em sua essência, pesquisado, retratado e predestinado a tomar posições. É com palavras dessa gente humilde que nos comunicamos com ela’”. (DEL RIOS, *Folha de S. Paulo*, 30 jul. 1974, p. 35)

A comissão julgadora do I FENAT foi composta por Paschoal Carlos Magno, Luiza Barreto Leite, Jefferson Del Rios, Isaac Gondim Filho e Maria José Campos Lima. Os três melhores espetáculos foram: 1º lugar, *O Mundo Louco do Poeta Zé Limeira*, de José Bezerra Filho e Ednaldo do Egypto, com direção do primeiro, numa realização do Grupo Cactus Produções Cinematográficas, de João Pessoa/PB; 2º lugar, *A Árvore dos Mamulengos*, texto e direção de Vital Santos, pelo Grupo de Cultura Teatral, de Caruaru/PE; e o 3º lugar, *A Incelença*, de Luiz Marinho, dirigido por Cláudio Barradas junto ao Grupo de Teatro da Universidade Federal do Pará, de Belém/PA. Além do Tucap, quem ganhou outro prêmio especial foi o Teatro Experimental do SESC - TESC, de Manaus/AM, pela apresentação de *A Paixão de Ajuricaba*, texto e direção de Márcio Souza, eleito ainda o melhor autor de toda a programação.

Importante destacar que a crítica Luiza Barreto Leite, entusiasmada com o que viu, no seu livro *Teatro e Criatividade* (1975), publicação do Serviço Nacional de Teatro e Ministério da Educação e Cultura, chegou a lembrar que, da obra de Vital Santos, *Feira de Caruaru* e *A Árvore dos Mamulengos* eram “musicais incomparavelmente superiores a *Pippin*, por exemplo” (LEITE, 1975, p. 67). *Pippin*, bom recordar, é um musical da Broadway escrito e musicado por Stephen Schwartz, com libreto de Roger Overholt Hirson e direção e coreografia por Bob Fosse. A primeira montagem no Brasil estreou em junho de 1974, no Teatro Adolpho Bloch, no Rio de Janeiro, comandada pelo diretor Flávio Rangel e tendo Marília Pêra como protagonista.



A *Árvore dos Mamulengos* (1977), pela Cia. Ribalta de Teatro, de Curitiba
Texto e direção: Vital Santos
Foto: Acervo CEDOC Funarte

Diante de tantos elogios e com os prêmios ganhos em Campina Grande, a credibilidade do Grupo de Cultura Teatral só crescia. Tanto que o jornalista José Benigno, em matéria especial para o *Jornal do Commercio*, no Recife, atestou o conjunto como pura vanguarda teatral em território nordestino:

Com o sucesso obtido no I Festival Nacional de Teatro Amador, de Campina Grande, fica provado que em Caruaru se faz um dos melhores teatros de nosso Estado e porque não dizer, reforçando as palavras do embaixador Paschoal Carlos Magno: “Onde se faz um verdadeiro teatro brasileiro”. Esse foi o sexto festival nacional do qual o Grupo de Cultura Teatral, comandado por Vital Santos, participou. Em todos, os grandes prêmios. (BENIGNO, *Jornal do Commercio*, 8 ago. 1973, p. 8)

Ainda que recheada de louros, *A Árvore dos Mamulengos* parece que não voltou mais à cena pelo elenco do GCT, já com atenção a novos trabalhos. No entanto, em março de 1975, encontrei registros de uma montagem da mesma peça pelo Grupo TECA, de Souza/PB, com direção de Valdemir Andrade. E, quando ao final de fevereiro de 1977, Vital Santos partiu para trabalhar em Curitiba, a convite da Fundação Teatro Guaíra – chegou-se a divulgar que seu cachê era de 60 mil cruzeiros por 60 dias de trabalho –, além de proferir a palestra “Cultura Popular do Nordeste”, viajou especificamente para dirigir aquele seu texto junto à Cia. Ribalta de Teatro. O sucesso foi arrebatador!

Além de ganhar vários troféus Gralha Azul em Curitiba, a peça foi vista e elogiada por público e crítica no Rio de Janeiro, Niterói e São Paulo. Yan Michalski, no *Jornal do Brasil*, por exemplo, além de destacá-la como uma das melhores a visitar o Rio de Janeiro naquele ano de 1977, tinha a particularidade de mostrar, para além da sua inspirada feitura, um teatro genuinamente nordestino, mesmo sendo representado por um grupo curitibano:

Quem garante a autenticidade nordestina da iniciativa é o autor e diretor Vital Santos, que normalmente vive e trabalha em Caruaru, e que aqui confirma a sua qualidade de um homem de teatro completo, dotado de uma visão muito pessoal e generosa do fenômeno. O texto, é verdade, não tem a dimensão de seus outros trabalhos, como o belíssimo *O Sol Feriu a Terra e a Chaga se Alastrou*. Em *A Árvore dos Mamulengos*, Vital limita-se, mais modestamente, a recolher os episódios de um tradicional folguedo popular, os Mamulengos de Cabedelo, e transformá-los numa comédia com um início, desenvolvimento e fim, sem maiores novidades de concepção. Ainda assim, é digna de nota a habilidade com que o autor maneja um jogo de quiproquós curiosamente baseado em modelos clássicos de comédia romana perpetuados por Molière, e a sutileza com que consegue introduzir nesse, jogo aparentemente inocente, maliciosos toques de crítica social. O interesse maior, entretanto, concentra-se em torno do espetáculo, que é simplesmente encantador. Revelando uma fantasia exuberante, mas exemplarmente disciplinada através de uma impecável coerência estilística, Vital, partindo da convenção do teatro

de bonecos, estabelece diversos graus de síntese entre uma representação à maneira de títeres e uma representação à maneira de gente em carne e osso. Cada dosagem dessa síntese tem o seu próprio potencial de distanciamento crítico, que não precisa de teorias brechtianas para justificar o seu efeito, mas que estabelece com perfeita clareza a sua própria dialética popular. Temperado com uma considerável sensibilidade visual e musical, e com uma vitalidade firmemente sustentada, o espetáculo é interpretado por um jovem elenco ao qual pode faltar um pouco da malícia tipicamente nordestina, mas que captou e executou com total nitidez a divertidíssima linguagem gestual proposta pelo diretor. O quixotesco Cabo Fincão, de Luthero Almeida, em particular, é uma composição de uma extrema riqueza. (MICHALSKI, *Jornal do Brasil*, 15 jul. 1977, p. 4)

No Recife, o jornalista Valdi Coutinho vibrava com a repercussão da peça pela Cia. Ribalta de Teatro, então dirigida pelo próprio autor Vital Santos – que, pela primeira vez, foi indicado por sua direção ao Troféu Mambembe, além do ator Luthero Almeida –, e deu um parecer sobre tão vitoriosa trajetória (se há excessos nos dados informados, não tive como comprovar):

Cerca de 40 mil pessoas assistiram *A Árvore dos Mamulengos*, cuja estreia aconteceu no dia 5 de maio de 1977, no Teatro Guairão, permanecendo em cartaz até o dia 10 de junho. Somente na primeira semana, 9.375 pessoas prestigiaram o espetáculo. [...] Em julho do ano passado, a peça iniciava carreira no Teatro João Caetano, no Rio, sendo considerada pelos críticos cariocas uma grande surpresa do ano, chegando a receber indicação para os prêmios da Associação dos Críticos Cariocas, e está cotada para o Prêmio Mambembe, do SNT. Durante essa temporada foram feitos espetáculos na periferia, com passagens em São Cristóvão, Morro do Pinto, São João do Meriti, Tijuca e outros. Em setembro, era a vez da estreia em São Paulo, no Teatro da Aliança Francesa, sendo recebido pela crítica e pelo público como a verdadeira razão do processo teatral em termos populares. O crítico Sábato Magaldi, de *O Estado de S. Paulo*, cita o espetáculo como um dos acontecimentos teatrais do ano e acha-o superior a *Gota*



| *A Árvore dos Mamulengos* (1985), pelo Grupo de Teatro Bandepe, do Recife
Texto: Vital Santos. Direção: Lúcio Lombardi
Foto: Laete Rodrigues

d'Água e O Último Carro, em termos de teatro popular, pelas características de sua proposta. A Associação dos Críticos de São Paulo indica a peça para o Prêmio Mambembe, e o grupo é convidado pela “Difusão”, órgão da Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo (diretor Sábato Magaldi) e produtores Othon Bastos e Fernando Peixoto, para temporada complementar no Teatro da Faap. Aproveitando o sucesso alcançado no Rio e em São Paulo, *A Árvore dos Mamulengos* volta a Curitiba para uma temporada de 30 dias, e um roteiro por todo o interior do estado do Paraná, a convite do Governo do Paraná. No final do ano, a peça recebeu 11 prêmios ofertados pela Associação Bamerindus aos melhores do ano: autor, diretor, ator, música (Onildo Almeida, de Caruaru), figurino (Vital Santos), cenário (idem), produção, atriz revelação, etc. (COUTINHO, *Diário de Pernambuco*, 29 jan. 1978, p. 1)

Quando essa versão paranaense de *A Árvore dos Mamulengos* cumpriu temporada em São Paulo, de 18 a 25 de setembro de 1977, no Teatro da Aliança

Francesa, com sessões de terça a sexta-feira, às 21 horas (na sexta 23 houve uma apresentação extra, à meia-noite, especialmente para a classe teatral), e sábados e domingos com récitas duplas às 18 e 21 horas, os anúncios em jornais traziam a seguinte frase: “Um dos espetáculos mais representativos do Teatro Popular” (A ÁRVORE... [Anúncio], *Folha de S. Paulo*, 18 set. 1977, p. 70). E, de fato, segundo a *Folha de S. Paulo*, ele estava na categoria de “Melhores peças” em cartaz. No elenco, Lutherio Almeida, Beto Rafael, Regina Bastos, Denise Assumpção, Iran Barreto, Daniel Leviski e Ailton Silva, além da participação da Banda de Pifanos de Caruaru. O espetáculo *A Árvore dos Mamulengos*, pela Cia. Ribalta de Teatro, chegou a receber elogios de críticos como Paschoal Carlos Magno, Yan Michalski, Sábato Magaldi e Fernando Peixoto. Seguem duas dessas apreciações:

Artista inquieto, criativo e profundamente engajado na causa do teatro popular, Vital mostrou sua personalidade criadora ao público carioca no ano passado, através da sua bela *A Árvore dos Mamulengos*, da qual vimos uma encenação paranaense, mas que foi também originalmente montada pelo conjunto de Caruaru. (MICHALSKI, *Jornal do Brasil*, 10 fev. 1978, p. 4)

De Vital Santos, o público de São Paulo pôde ver, na última temporada, *A Árvore dos Mamulengos*, montado por um conjunto paranaense, dirigido pelo próprio autor. Era nítida a inspiração popular, com elementos de comédia que atravessaram, desde o início, a história do teatro: quiproquós, erros de pessoas, caçadas com os estultos poderosos e demais ingredientes de que se nutre o imaginário dos menos favorecidos. A dinâmica do texto revelava um autor nutrido de esfuziante teatralidade, como nas primeiras farsas de Molière. (MAGALDI, *O Estado de S. Paulo*, 4 mar. 1978, s. p.)

Em 1979, na própria cidade de Curitiba, Ailton Silva, que estava naquele elenco, dirigiu nova versão da peça, tendo o amigo Lutherio Almeida como ator convidado junto a funcionários do Banco Bamerindus. A direção musical era de Marinho Gallera. Mas foi a partir da viabilização do texto na *Revista de Teatro SBAT* (e daí a gente percebe o quão importante é a publicação da dramaturgia e sua disseminação), em 1981, que surgiram muitos pedidos de liberação da obra, tantos que fica praticamente impossível mapeá-los por todo o país. No entanto, tentei registrar alguns. Em outubro de 1981, estreou em Fortaleza, pelo Grupo Reserva de Teatro Amador,



| *A Árvore dos Mamulengos* (2015), pela Cia. Teatral Prato Feito, de São Paulo
| Texto: Vital Santos. Direção: Mazza Canolla
| Foto: Samanta Ogawa / Acervo Cia. Teatral Prato Feito

no Teatro Universitário Paschoal Carlos Magno, mas indo também a bairros periféricos pelo Caminhão da Cultura, uma versão dirigida por Luís Rabelo. A peça, inclusive, participou do 6º Festival Nacional de Teatro Amador em São José do Rio Preto/SP, em 1984.

Aquele mesmo evento, em sua 5ª edição, no ano de 1982, já tinha visto outra montagem de *A Árvore dos Mamulengos*, pela Casanova Sociedade Cultural, de Goiânia/GO, sob direção de Valdezir Arantes. Detalhe: nessa programação também estavam o espetáculo musical capixaba *Tem Xiririca na Bixanxa*, pelo Grupo Ponto de Partida, de Vitória/ES, com direção do próprio Vital Santos, além de duas produções pernambucanas, *Morte e Vida Severina*, pelo Teatro Experimental de Arte - TEA, de Caruaru; e *Trupizupe, o Raio da Silibrina*, da TTTTrês Produções Artísticas, do município do Jaboatão dos Guararapes/PE. Naquele mesmo ano, *A Árvore dos Mamulengos* também foi montada em Vitória da Conquista/BA, pelo Grupo Avante Época-Teatro, com direção de Carlos Jehovan; e pelo Grupo Teatral Tuiuti, de Cascavel/PR. Em 1983, em Belo Horizonte/MG, foi a vez do Grupo Nós Tivemos um Barraco um Ano e Meio, com direção de Beto Lima; no ano seguinte, o Grupo Fogo no Palco, de Arcoverde/PE, abriu a programação do III Festarc - Festival de Teatro de Arcoverde, no dia 3 de agosto de 1984, com o mesmo texto revisitado. Não encontro quem o dirigiu.



| *A Árvore dos Mamulengos* (2010), pela Cia. de Teatro Atocênico, de Manaus
| Texto: Vital Santos. Direção: Tiago Oliveira
| Foto: Danilo Jr. / Acervo Tiago Oliveira

Em 1985, no Recife, o Grupo de Teatro Bandepe, com direção cênica de Lúcio Lombardi e direção musical de Toinho Alves, do Quinteto Violado, fez uma elogiada montagem da mesma obra, levando-a, inclusive, a Caruaru, no encerramento da programação do V Festival de Teatro Estudantil e Amador do Agreste - FETEAG, no Teatro João Lyra Filho, em dezembro daquele ano. Também em 1985 surgiu nova versão baiana de *A Árvore dos Mamulengos*, no Teatro Vila Velha, em Salvador, com produção da Arte Final Produções Artísticas. Já em 1988, há registro do Grupo Cantiga de Roda, de Maceió/AL, com direção de João Ribeiro, também encenando o mesmo texto de Vital Santos. Já numa proposta para espaços abertos na rua ou praças, a Companhia Escarcéu de Teatro, de Mossoró/RN, conseguiu manter a obra em temporada durante os anos de 1989 a 2001, chegando a vários municípios, incluindo Serra Talhada/PE, em 1996.

Ainda em 1992, sob a direção de cena da atriz Lorena Campelo, o Grupo Escalet de Teatro, da cidade de Floriano/PI, estreou o seu primeiro

espetáculo na capital Teresina, sendo ele *A Árvore dos Mamulengos*. Em João Pessoa/PB, no ano de 1993, há uma outra versão para a rua, com direção de Humberto Lopes, pelo veterano Grupo de Teatro Quem Tem Boca é Pra Gritar. Já em 1994, em São Paulo/SP, Tanah Corrêa se aventurou no mesmo texto, em cartaz no Teatro da Praça; e em 1996 foi a vez da Cia. Cênica de Arte, também na capital paulistana, produziu uma montagem específica para a rua. No ano de 2002, ligado à Escola Municipal de Iniciação Artística, ainda em São Paulo, Paulo Farah André fez a sua concepção da obra; já em 2003, no município de Alta Floresta/MT, Elisa Gomes também deu sua assinatura como diretora em *A Árvore dos Mamulengos*.

Em Igarassu/PE, na Região Metropolitana do Recife, o texto de Vital ganhou montagem em 2005 pelo Grupo Teatral Ariano Suassuna, com adaptação e direção de Albanita Almeida, numa parceria com a Escola Santos Cosme e Damião. Até conquistaram prêmios de melhor maquiagem (a equipe) e melhor ator (Flávio Teixeira) no III Festival Estudantil de Teatro e Dança, na capital pernambucana. Em 2006, como uma das vencedoras do Prêmio Myriam Muniz de Teatro da Funarte, a Cia. Rapsódia de Teatro, de Salvador/BA, com direção de Alda Valéria, músicas pelo Grupo Quialtéria e manipulação dos bonecos orientada pelo artista Jorge Baía, fez a sua versão, que circulou bastante, e até levou o autor Vital Santos para um debate no Teatro Xisto Bahia. No Rio de Janeiro/RJ, em 2007, há notícias de duas novas propostas, uma com adaptação de Sandro Rabello e Simone Kalil, e direção desta última, peça que foi levada às ruas; e outra pela Cia. Teatral O Clã de Nós, circulando mais por festivais.

Em 2009, a Companhia de Teatro Tereterê, de Osasco/SP, apresentou *A Árvore dos Mamulengos* com direção de Frank Delgado; uma nova encenação surgiu em Manaus/AM, no ano de 2010, pela Cia. de Teatro Atocênico conduzida por Tiago Oliveira, no mesmo ano em que o Grupo Teatral Trem de Doido, com direção de Altair de Sousa, em Porangatu/GO, também enveredou pela obra. Há registros ainda de montagens em Valparaíso/SP, pela Companhia 1º Ato, em 2013; em Arapiraca/AL, como resultado do 1º Curso de Formação Básica de Atores pelo diretor Wagno Godez, no ano de 2014, com a turma do Atuar é Preciso; e, em 2015, a colorida e aplaudida versão da Cia. de Teatro Sala 3, em Goiânia/GO, com nova direção de Altair de Sousa, provando que essa comédia musical sobre trapças ainda continua difundindo que toda artimanha vale para fazer o amor prevalecer.



| *A Árvore dos Mamulengos* (2015), pela Cia. de Teatro Sala 3, de Goiânia
| Texto: Vital Santos. Direção: Altair de Sousa
| Fotos: Layza Vasconcellos / Acervo Altair de Sousa

Encerro este capítulo com a apresentação que o crítico Macksen Luiz fez da obra e do autor para a *Revista de Teatro SBAT*, que tanto ajudou o país a reconhecer Vital Santos como um importante criador do teatro brasileiro:

A Árvore dos Mamulengos, de Vital Santos, foi apresentada no Rio, em julho de 1977. [...] Um homem de teatro, profunda e existencialmente ligado às raízes populares da cultura brasileira. Menino da feira de Caruaru, Vital enganava a fome e a miséria em meio aos saltimbancos do Agreste pernambucano, devorando com os olhos as manifestações coloridas pelo cetim das fitas e o entusiasmo dos participantes dos pastoris, bumbas e dos cantadores. Iniciando o aprendizado maior, o das ruas, Vital Santos depurou-o no contato com Hermilo Borba Filho, que, filtrando pelos caminhos eruditos a visão e o sentido sempre transformador da cultura popular, devolveu a seu discípulo o mundo de onde veio, agora carregado de uma nova consciência. *A Árvore dos Mamulengos* me assegura a certeza de que a linha de seu trabalho, visceralmente ligado ao popular, é um indicador seguro para quem, no exercício do ofício teatral (ou em qualquer outra manifestação cultural), se defina como um artista empenhado na batalha de transformar, por exemplo, esse imenso, miserável e rico teatro que é a feira de Caruaru, numa grande festa, na qual saltimbancos, vendedores e compradores possam intercambiar suas habilidades, mercadorias e necessidades sobre fundamentos mais justos. (LUIZ, *Revista de Teatro SBAT*, 1981, p. 34)

REFERÊNCIAS:

- A ÁRVORE dos Mamulengos [Anúncio]. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, 18 set. 1977. 6º Caderno/Vamos ao Teatro. p. 70.
- BATISTA, Agostinho. Festival de Arte de São Cristóvão. **A Defesa**. Caruaru, 8 set. 1973. p. 8.
- BENIGNO, José. Grupo de Cultura de Caruaru (vanguarda teatral). **Jornal do Commercio**. Recife, 8 ago. 1973. Caderno III. p. 8.
- BORBA FILHO, Hermilo. Semana de Arte de Sertânia. **Diário de Pernambuco**. Recife, 25 jan. 1974. Primeiro Caderno/Opinião. p. 4.
- CARUARU. **Diário de Pernambuco**. Recife, 15 jul. 1973. Terceiro Caderno/Interior Social. p. 4.

COUTINHO, Valdi. Vital Santos está de volta com seu grupo e Rua do Lixo. **Diário de Pernambuco**. Recife, 29 jan. 1978. Viver Domingo/Secção B. p. 1.

COUTINHO, Valdi. O segundo prêmio de Ernesto Albuquerque. **Diário de Pernambuco**. Recife, 3 out. 1979. Diversões/Cena Aberta. p. C-5.

DEL RIOS, Jefferson. Festival de Teatro de Campina Grande. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, 30 jul. 1974. Ilustrada. p. 35.

FESTIVAL... **Folha de Londrina**. Londrina, 28 jul. 1973. p. 7.

LEITE, Luiza Barreto. **Teatro e Criatividade**. Rio de Janeiro: Serviço Nacional de Teatro/Ministério da Educação e Cultura, 1975.

LUIZ, Macksen. Apresentação de A Árvore dos Mamulengos. In: **Revista de Teatro SBAT**. Nº 437. Jan., fev. e mar. Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Autores Teatrais, 1981. p. 34.

LYRA, Fernando. Um mamulengo no Planalto Central. In: **A Árvore dos Mamulengos** [Programa]. Caruaru, 1973. s. p.

MAGALDI, Sábato. Rua do Lixo, 24. **O Estado de S. Paulo**. São Paulo, 4 mar. 1978. Divirta-se/Crítica. s. p.

MICHALSKI, Yan. Uma árvore com sólidas raízes. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 15 jul. 1977. Serviço/Teatro. p. 4.

MICHALSKI, Yan. Pernambuco mostra teatro do povo. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 10 fev. 1978. Serviço/Teatro. p. 4

SÁBADO. **Folha de Londrina**. Londrina, 31 jul. 1973. s. p.

SANTOS, Vital. A Árvore dos Mamulengos. In: **Revista de Teatro SBAT**. Nº 437. Jan., fev. e mar. 1981. Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Autores Teatrais.

SANTOS, Vital. Do povo, ao povo. In: **A Árvore dos Mamulengos** [Programa]. Campina Grande, 1974. s. p.

SANTOS FILHO, Ernesto de Albuquerque Vieira. **Entrevista** concedida em 7 abr. 2025 a Leidson Ferraz por telefone.

— A ÁRVORE DOS MAMULENGOS —

De: Vital Santos

.....

Personagens: Policarpo, Marquesinha, João Redondo, Cabo Fincão,
Dona Rosita Rabo Quente, Porrote Botelho Prego Torto
e o Boi de Reis do Capitão Boca Mole.

PRÓLOGO

Num picadeiro, no centro de uma praça toda enfeitada de bandeirolas, uma bandinha de pau e corda toca músicas alegres, festivas. Seguindo-se a uma forte introdução de uma música circense, abrem-se as cortinas e todos os atores entram em cena cumprimentando o público. Tem início a função.

TODOS (*cantando*) – Boa noite, respeitável público / nossa troupe acaba de chegar / trazendo um trabalho quase honesto / em matéria de teatro popular! (*repetem*)

Enquanto Policarpo dirige-se à plateia, os demais levantam, entre os mastros do circo, uma tenda de bonecos onde se lê: “O Mundo Mágico do Poeta João Redondo”. Eles ficam por trás da tenda.

POLICARPO – Boa noite, gente boa, povo bom e hospitaleiro! Vão desculpendo o atraso, que isso é próprio do brasileiro. (*mostrando a tenda*) Já está pronto o titiriteiro, o espetáculo vai começar! Arrocha o dedo sanfoneiro, pra tristeza não encostar. Vamos, meu nêgo, rasga esse fole que o samba não vai ser mole com a negrada que aqui está! (*música. Os atores surgem por detrás da tenda usando máscaras e gesticulando como bonecos*) E com os senhores: os atores! Em primeiro lugar, ele, o estrondo: João Redondo, o galã da companhia! (*mostra João Redondo. Todos aplaudem*). E com a permissão do dono da casa, eu apresento toda a raça: Marquesinha, Rosita Rabo Quente, Porrote Botelho Prego Torto, Policarpo. (*aponta para si, tira o chapéu e cumprimenta o público com uma reverência. Todos tiram as máscaras e fazem caretas para o público*) Vamos, meu nêgo, ligeiro, senão a gente se atrasa!...

Rufar de tambores, indicando a saída dos artistas. Fica a Marquesinha.

MARQUESINHA – Todo oito de dezembro a cidade amanhecia em festa: os bacamarteiros atirando da Pedra do Monte; a rua do comércio enfeitada de bandeirolas; o sino da Matriz chamando todos para a missa das sete; a Nova Euterpe tocava um dobrado. Ah, era a festa da Padroeira!

TODOS (*entram cantando*) – A Santa ia passando / de casa em casa / de rua em rua / e o povo atrás cantando / caminhando / como quem flutua / se via sobre a janela / uma gente magra, amarela e quase nua. (*repetem*)

MARQUESINHA – Tinha procissão, novena, prenda, reisado, pastoril. Mas o melhor da festa era a coroação da Santa. (*sonhadora*) Lembro, ainda vestida de anjo, com duas asas bem grandes, eu ficava em cima do altar; por trás da Santa, aí vinha uma boneca num arame, toda de branco, vestida como eu, trazendo uma coroa; eu recebia e colocava na Santa. Eram palmas, vivas, girândolas. Eu chorava de alegria! Depois guardava a roupa bem direitinha e ia pra rua olhar a festa, comer alfenim (*rodando de alegria*), correr na roda-gigante, carrossel, canoa... Do alto falante se ouviam as mais belas canções e as mais lindas declarações de amor. (*cantando*) Eu trago ainda guardado / A imagem na recordação... (*caindo em si*) Ah! Acabou-se tudo isso em pouco tempo. Não existe mais nada. Agora são festas simples com pouca gente. A Santa não sai mais na rua... A única coisa que ainda gosto de ver são os bonecos de João Redondo. (*aproxima-se da tenda*)

JOÃO REDONDO (*por trás da tenda dos mamulengos, falando pelo boneco*) – Boa noite, moça bonita!

MARQUESINHA – Boa noite, João Redondo!

JOÃO REDONDO – O que é que você está fazendo aqui?

MARQUESINHA – Eu vim ver você trabalhar.

JOÃO REDONDO – Foi?

MARQUESINHA – Foi.

JOÃO REDONDO – Então lá vai...

POLICARPO (*entra com o Cabo Fincão furioso*) – Marquesinha, Marquesinha, menina! É por isso que eu não solto a sua rédia um minuto! Venha cá...

MARQUESINHA – O que é, pai?

POLICARPO – Fale com o Cabo Fincão.

Marquesinha cumprimenta com a cabeça.

CABO FINCÃO (*meloso*) – Como vai, Marquesinha?

Marquesinha não responde.

POLICARPO – Responda, menina!

MARQUESINHA – Eu não já respondi, pai?

CABO FINCÃO – Marquesinha, você gosta de circo?

POLICARPO (*apressado em responder*) – Gosta!

MARQUESINHA (*com desprezo*) – Gosto...

CABO FINCÃO – Quer ir comigo amanhã? Eu já pedi ao seu pai e ele deixou. Não foi, Policarpo?

POLICARPO – Claro!

MARQUESINHA (*saindo*) – Não, amanhã não...

CABO FINCÃO – Depois de amanhã?

MARQUESINHA – Também não!

CABO FINCÃO – Quando?

MARQUESINHA – Ah! Outro dia! (*sai correndo*)

POLICARPO – Ah, essa menina, essa menina...

CABO FINCÃO – Como ela cresceu, Policarpo. Está cada vez mais bonita.

POLICARPO – Cabo, o senhor está me devendo uma visita. Apareça lá em casa hoje, homem... Eu tenho um vinhozinho (*pega na ponta da orelha*) daqui! Marquesinha! Marquesinha, espere aí, menina... Marquesinha! (*sai atrás dela*)

Música. Sai o Cabo Fincão também. Foco na tenda dos mamulengos. João Redondo brinca com os bonecos. Fim do prólogo.

ATO ÚNICO

JOÃO REDONDO (*cantando*) – A noite caiu em Cabedelo / a lua surgiu bem grandona / e de carona ficou a vê-lo / João Redondo, o cômico / João Redondo, o trágico / João Redondo, o poeta / perdido num mundo mágico.

CABO FINCÃO (*entrando*) – João Redondo! Oh, meu amigo João Redondo, finalmente lhe encontrei. Eu tava atrás de você.

JOÃO REDONDO – O quê? Tava atrás do Diabo! Atrás de mim mesmo não.

CABO FINCÃO – Bem, quer dizer... à sua procura.

JOÃO REDONDO – Ah, assim é outra coisa...

CABO FINCÃO – João Redondo, eu decidi, meu querido: e você será o primeiro...

JOÃO REDONDO (*ao público*) – Menino, como as coisas estão mudadas! Um tipão desse... Que história é essa, Cabo Fincão? Eu sou o primeiro a fazer o quê?

CABO FINCÃO – Joãozinho, eu estou apaixonado!

JOÃO REDONDO – Ôxente! Agora deu a gota! Agora se danou tudo! Cabo Fincão, o povo tá olhando... A plateia tá vendo tudo!

CABO FINCÃO – Isso pouco me importa, João Redondo. Eu perdi a vergonha, eu quero mesmo que eles vejam a minha transformação. Eu agora sou outro. (*tira uma flor do bolso da camisa e cheira delicadamente*)

JOÃO REDONDO – Meu Deus do céu, esse mundo tá bom de se acabar! Quem diria, Cabo Fincão, a autoridade máxima desse lugar! O mestre das brincadeiras perdeu a vergonha.

CABO FINCÃO – Foi por amor, João Redondo, foi por amor.

JOÃO REDONDO – Mas Cabo, o senhor vai ficar desmoralizado.

CABO FINCÃO – Desmoralizado por quê, João Redondo? Porque estou apaixonado por...

JOÃO REDONDO (*cortando*) – Não diga mais nada, homem! Não diga mais nada. (*a alguém da plateia*) Bem que a cartomante me disse que hoje não era o meu dia de sorte... E tinha que ser eu, logo eu, que detesto *meganha*! (*pausa*) Esse desgraçado aí mesmo (*aponta para Cabo Fincão*) só vivia me perseguindo. Tudo de ruim que acontecia na cidade, ele dizia: “Só pode ter sido o peste do João Redondo!”. E tome pau e tome cadeia! Agora vem todo arreganhado pro meu lado feito patuá de besta.

CABO FINCÃO – Joãozinho, me perdoe. Eu sei que fui um homem cruel, desumano, injusto, mas agora sou outro... Estou transformado, só tenho amor dentro de mim.

JOÃO REDONDO – Nota-se.

CABO FINCÃO – Vou inclusive plantar flores na cadeia, pintá-la toda de azul... (*cantando*) Mandar decorar as celas com cortinas coloridas / colocar sobre as janelas ramos de margaridas / assim os pobres detentos esquecem os seus intentos / e pensam um pouco na vida. Ah, João Redondo, como estou tão sensível. Se não fosse o meu ordenado e a minha patente de Cabo, deixaria essa profissão tão ingrata.

JOÃO REDONDO – Mas esse mundo velho dá muitas voltas! Cabo Fincão, por que essa transformação tão de repente? O senhor deu na sua mãe? Praguejou o Padre Cíço? Ou comeu do boi de Minas?

CABO FINCÃO – Não, João Redondo. Sabe como é, eu sou um solteirão, sempre vivi muito só...

JOÃO REDONDO – Ah! Quer dizer que foi por isso que o senhor não quis se casar até agora?

CABO FINCÃO – Foi, João Redondo, mas não suporto mais a solidão. Agora estou decidido! (*indo até João Redondo*)

JOÃO REDONDO (*recuando*) – Decidido a quê?

CABO FINCÃO – A casar!

JOÃO REDONDO – Casar com quem?

CABO FINCÃO – Ora, João Redondo, com quem poderia ser?

JOÃO REDONDO – Cabo, o senhor está mordido do Capiroto, tá?

CABO FINCÃO – Por que? Ela não gosta de mim? Tem outro no sentido? Quem é esse individuo, João Redondo? Diga logo que eu quero...

JOÃO REDONDO – Ela quem?

CABO FINCÃO – Ora ela quem? A Marquesinha! Ah, João Redondo, eu me esqueci que você não sabe. Eu e a Marquesinha estamos noivos, ou melhor, vamos casar.

JOÃO REDONDO – Ohhhhh! Quer dizer que o senhor tá apaixonado é pela...

CABO FINCÃO (*cortando*) – Marquesinha! A filha do Policarpo, seu patrão.

JOÃO REDONDO (*respira aliviado*) – Passou por veado porque quis.

CABO FINCÃO – Ah, João Redondo, estou tão contente, tão feliz... Sim, mas como eu ia dizendo, você será o primeiro a saber. Como você é empregado do Policarpo, vive sempre na casa da Marquesinha, pode me ajudar nessa dúvida infame...

JOÃO REDONDO – Eu? Quem sou eu, Cabo Fincão, pra ajudar o senhor, um homem letrado, da sociedade, a autoridade máxima do...

CABO FINCÃO – João Redondo, eu sei das suas qualidades. Sei que você é um peste de sabido.

JOÃO REDONDO – Lá isso é verdade. Sabido eu sou, mas não faz muito tempo que as minhas qualidades eram outras: ladrão de galinha, cachaceiro, conquistador de mulher casada...

CABO FINCÃO – João Redondo, se você me ajudar (*João Redondo vem a ele contente*), quando eu for a Cupira, trago um chapéu de palha novo pra você.

JOÃO REDONDO (*ao público*) – Isso só não come merda porque tem a venta perto da boca.

CABO FINCÃO – O que foi, João Redondo, que você falou?

JOÃO REDONDO – Nada! Eu só disse que se o senhor não tiver cuidado, perde a boca.

CABO FINCÃO – Foi justamente por isso que eu vim lhe procurar, João Redondo. Eu não quero perder aquela mulher. Eu a amo, passo o tempo todo pensando nela. Se durmo, é ela; se como, é ela; se...

JOÃO REDONDO – Mas me diga uma coisa, Cabo. O senhor não é noivo dela?

CABO FINCÃO – Sou.

JOÃO REDONDO – Não vai se casar com ela?

CABO FINCÃO – Vou.

JOÃO REDONDO – E o que é que o senhor quer que eu faça?

CABO FINCÃO – É que eu estou com medo, João Redondo.

JOÃO REDONDO – Medo? Medo de quê?

CABO FINCÃO – Do casamento!

JOÃO REDONDO – E por que?

CABO FINCÃO – Eu não sei, não, João Redondo. Essa é a dúvida que me atormenta: não sei se vai dar certo, se ela gosta de mim... Eu sempre tive uma vida sossegada, solitária e eu... gosto. É disso que eu tenho medo. O que é que você me aconselha, João Redondo? Você que conhece de perto os recantos mais íntimos daquele coraçõzinho sonhador... Acha que vai dar certo o nosso casamento?

JOÃO REDONDO – Ah, agora estou entendendo... E o caso é sério!

CABO FINCÃO – João Redondo, meu nêgo, me ajude. Diga a verdade!

JOÃO REDONDO – É, eu acho que o senhor tem razão. O sujeito passa esse tempão solteiro, quando resolve se casar, é preciso ter muito cuidado, senão se lasca para o resto da vida. O senhor tem razão. Já pensou, o senhor chegar em casa e encontrar a Marquesinha com outro?

CABO FINCÃO – Ai, João Redondo...

JOÃO REDONDO – Ou senão ela botar veneno na sua comida...

CABO FINCÃO (*com a mão no coração*) – Ai! Ai! Ai, João Redondo...

JOÃO REDONDO (*com a mão no bolso dele*) – Passar o pente fino no seu bolso, toda noite!

CABO FINCÃO – Não, João Redondo!!!

JOÃO REDONDO – Ter um amante escondido, fazer o senhor de trouxa!

CABO FINCÃO – Chega, João Redondo, chega!

JOÃO REDONDO – Mas a Marquesinha não é dessas, não! Ela é uma moça direita.

CABO FINCÃO – Quer dizer então que vai dar certo, João Redondo?

JOÃO REDONDO (*indeciso*) – É... Dá...

CABO FINCÃO – Dá mesmo?

JOÃO REDONDO – Não! Dá não...

CABO FINCÃO – Por que, João Redondo?

JOÃO REDONDO – Porque ela é uma moça muito vaidosa, gosta de luxar e o senhor é um pão duro, não solta um peido pra não sujar os fundos das calças.

CABO FINCÃO – Mas João Redondo, não diga isso, tudo que eu tiver, tudo o que eu ganhar, será dela.

JOÃO REDONDO – Tudo?

CABO FINCÃO (*engolindo seco*) – Tudo...

JOÃO REDONDO – Então dá!

CABO FINCÃO (*arrependido*) – Dá mesmo João, Redondo?

JOÃO REDONDO – Espere aí...

CABO FINCÃO – João Redondo, seja honesto. Não vê como sofre esse pobre coração? (*cantando*) Ai, João Redondo, se soubesse / como o meu peito padece / de tantas desilusões / aposto que tu irias / correndo e dirias / a ela minhas intenções.

JOÃO REDONDO – Cabo, quantos anos o senhor tem?

CABO FINCÃO – Quem eu? (*afobado*) Pronto, lá vem esse moleque com essas besteiras...

JOÃO REDONDO – O senhor pediu pra eu ajudar, estou ajudando.

CABO FINCÃO – Eu sei, João Redondo, mas para o amor não tem fronteira. A idade, num caso desse, não tem importância nenhuma.

JOÃO REDONDO – Hum! O senhor é que pensa... Sabe quantos anos ela tem?

CABO FINCÃO – Naturalmente! Ela é minha noiva...

JOÃO REDONDO – Dezoito.

CABO FINCÃO – É dezoito. E daí? Eu conheço filósofos de setenta anos casados com meninas de dezessete.

JOÃO REDONDO – Mas o senhor não é filósofo.

CABO FINCÃO – E qual é a diferença?

JOÃO REDONDO – Os filósofos confiam na língua. Sabem convencê-las a comer poesia ao invés de feijão.

CABO FINCÃO – Olha, João Redondo, sinceramente, eu não sei bem a minha idade, mas sinto-me disposto. Faço coisa que muito menino não faz.

JOÃO REDONDO – Ôxente, danou-se! O senhor não sabe quantos anos tem?

CABO FINCÃO – Não! E nem quero saber, nunca me preocupei com isso. Eu penso nas coisas boas da vida, na Marquesinha...

JOÃO REDONDO – É mesmo, Cabo. Essa vida é uma bosta.

CABO FINCÃO – É, João Redondo, pode crer.

JOÃO REDONDO – Ô Cabo Fincão, com quantos anos o senhor começou a trabalhar nessa profissão?

CABO FINCÃO – Olha, João Redondo, pra dizer a verdade eu não queria. Foram as circunstâncias. O que eu queria mesmo era ser padre, pra vestir aquelas batinas bonitas, sentir o cheiro do incenso, ouvir o coro da igreja cantando...

Ritual de procissão. Todos entram em cena.

TODOS (*cantando*) – Ai, meu Deus / Que carestia / Virgem Santa, Ave Maria! / onde anda / a alegria / Virgem Santa, Ave Maria! / cansada / dos nossos dias / em que mesa / o pão nosso / é mesmo / de cada dia?

CABO FINCÃO – Era isso o que eu queria ser, João Redondo, mas infelizmente a gente nunca é o que quer. Entrei nesse ofício desgraçado muito novo ainda.

JOÃO REDONDO – Com quantos anos?

CABO FINCÃO – Com vinte e cinco.

JOÃO REDONDO – Esse foi o primeiro lugar que o senhor destacou?

CABO FINCÃO – Não. O primeiro foi Toritama. Passei sete anos naquela murrinha. Tinha mês que a gente não prendia nem uma galinha. Ô lugarzinho desgraçado! Depois fui transferido para Surubim. Aí deu a gôta: só prendia ladrão de cavalo.

JOÃO REDONDO – E quantos anos passou lá?

CABO FINCÃO – Três, graças a Deus! De lá fui pra Limoeiro, mas parece que foi o Diabo que me botou pra lá. Eu não tinha sossego um dia sequer. Era morte, roubo, mulher botando ponta no marido, os seiscentos diabos! Passei seis anos nessa pisada. Já pensou, João Redondo, um homem como eu, calmo, sensível, amante da natureza. Ah, João Redondo, você não sabe como a minha vida tem sido tão amargurada.

JOÃO REDONDO – Sim, mas continue...

CABO FINCÃO – Foi só isso. Depois de Limoeiro vim para cá. Cheguei aqui em quarenta e cinco.

JOÃO REDONDO – quarenta e cinco? Quer dizer que já faz dez anos que o senhor está aqui?

CABO FINCÃO – Já, João Redondo, mas parece que foi ontem. Essa é a terra mais amável que já conheci. Aqui fiz muitos amigos, como você. Conheci a ternura e a pureza, aprendi a amar, afastei o ódio e a vingança pelos afetos da Marquesinha. *(pausa)* João Redondo, eu vou lhe contar uma coisa...

JOÃO REDONDO – O que é?

CABO FINCÃO – Eu já me sinto filho natural dessa terra.

JOÃO REDONDO – É, mas não vai dá, não.

CABO FINCÃO – O quê, João Redondo?

JOÃO REDONDO – O casamento.

CABO FINCÃO – Por que?

JOÃO REDONDO – O senhor começou em vinte e cinco. Passou sete em Toritama, são trinta e dois; três em Surubim, lá se vão trinta e cinco; seis em Limoeiro, são quarenta e um; com dez aqui, faz cinquenta e um anos.

CABO FINCÃO – Ah, moleque safado da gôta! Pegou-me num momento de fraqueza... João Redondo, essa conta tá errada!

JOÃO REDONDO – Tá nada, homem! Tá certinha da gôta.

CABO FINCÃO *(mostrando o cassetete)* – Está errada!

JOÃO REDONDO – É, tá errada...

CABO FINCÃO – Não está?

JOÃO REDONDO – Tá errada, mas é homem de cinquenta e quer casar com moça de dezoito. Cabo Fincão, o senhor tá doido? Tá mordido do cachorro? O senhor não tá vendo que não dá certo, que todo mundo vai mangar do senhor? Vão dizer logo: “Aquele velho...”.

CABO FINCÃO – João Redondo, não esqueça que eu sou o Cabo Fincão, a autoridade máxima desta porcaria! E ai daquele que fizer gozação comigo, vai direitinho para a gaiola. Eu sou um homem violento! *(pegando-o pela gola)* Comigo é assim: escreveu não leu, é analfabeto! E se eu pegar um sujeitinho assim como

você me desrespeitando, puxo-lhe a língua, dou um laço e, com raiva, enfio num buraco que tem bem no fim do espinhaço! Está ouvindo, moleque?

JOÃO REDONDO – Desse jeito, com essa delicadeza, quem é que não ouve? Vai ser calmo assim nos infernos...

CABO FINCÃO – Quando perco a calma fico uma fera! Uma fera! E quer saber mais, João Redondo?

JOÃO REDONDO – Não, senhor, quero não.

CABO FINCÃO – Eu já estou decidido: vou me casar com a Marquesinha. Seja lá o que Deus quiser. *(vai saindo)*

JOÃO REDONDO – E pra quê vem pedir a minha opinião?

CABO FINCÃO *(volta-se)* – Porque pensei que você fosse meu amigo. Mas você é amigo da onça!

JOÃO REDONDO – Eu disse a verdade. Não foi isso que o senhor me pediu?

CABO FINCÃO – Mas não precisava exagerar tanto, não é? *(ao público)* Eu acho que esse moleque está botando terra. Que importância tem alguns anos a mais que o outro? O amor não tem idade! Aposto que nessa bosta não tem nenhum que faça o que eu faço. Eu sou de ferro! Sou macho como preá! *(pausa)* Eu quero ver um filho da mãe desses comer uma jaca mole em jejum e depois tomar um litro e meio de leite de vaca! *(João Redondo sente-se mal)* Almoçar uma tigela de feijão de corda com jerimum e, depois, chupar duas melancias e quinze mangas. Eu quero ver! *(João Redondo fica já vomitando)* Jantar um cuscuz de milho com uma filepa de charque assada na gréia, depois, tomar três copos de coalhada com nata e tudo! Vai, filho da égua, faz isso... Faz que eu quero ver! *(João Redondo cai de joelhos com a mão na boca para vomitar)* Eu sou é macho! *(bate no peito)*

JOÃO REDONDO – Ai, ai, eu vou morrer!

CABO FINCÃO – João Redondo, o que é isso?

JOÃO REDONDO – Ai, Cabo, eu tô morrendo! Eu vou morrer! Ai! Me dê aí uma nota pra eu cheirar! Logo, Cabo, senão eu me acabo! Ai, meu Deus do céu!

CABO FINCÃO *(entregando a cédula)* – Tome João Redondo, cheira depressa.

JOÃO REDONDO – Ai, Cabo, essa não! Me dê uma de dez!

CABO FINCÃO – Ô moleque atrevido da gôta, até pra morrer é espertalhão. *(tira do sapato outra cédula)* Toma, respira fundo. *(pausa)* Está passando? Hem, meu nêgo, está melhor?

JOÃO REDONDO – Tá passando mais...

CABO FINCÃO – Continue cheirando, vá.

JOÃO REDONDO – Já tô bom. Passou... (*põe a cédula no bolso*)

CABO FINCÃO (*segurando-lhe o braço*) – Êpa! Passa pra cá!

JOÃO REDONDO (*mudando de assunto*) – Pensando bem, Cabo Fincão, eu acho que vai dar certo...

CABO FINCÃO – Você acha mesmo, João Redondo?

JOÃO REDONDO – Acho, Cabo Fincão. Seu Policarpo já sabe?

CABO FINCÃO – Claro! Se foi ele mesmo quem ajeitou tudo!

JOÃO REDONDO – Ah, foi ele, não foi?

CABO FINCÃO – Iapôis!

JOÃO REDONDO (*entre os dentes*) – Ah, velho descarado...

CABO FINCÃO – Ah, João Redondo, como estou ansioso que cheque logo esse dia. Quando penso chegar em casa e encontrar a Marquesinha de braços abertos me esperando... Tirar a minha roupa e vestir o pijama listrado catigosinho a bufa... Ah, João Redondo, não quero nem pensar... Ela me alisando, me fazendo carinho, gemendo pertinho de mim, com aquela vozinha de raposa choca. Ai, João Redondo, é demais para mim, é demais...

JOÃO REDONDO – Que é, é!

CABO FINCÃO (agressivo) – Mas também tem uma coisa, João Redondo: eu sei que esses filhos de Aninha Traçaia não vão falar. Não vão falar porque sabem que sou um homem violento, temperamental! Sou ou não sou? João Redondo?

JOÃO REDONDO – É, Cabo Fincão! É...

CABO FINCÃO (*caindo em si*) – Mas em compensação vão pensar... Não vão, João Redondo?

JOÃO REDONDO – Ora se vão! Vão pensar coisas horrorosas do senhor. Coisas que o senhor nem imagina.

CABO FINCÃO – O que será que vão pensar de mim, João Redondo? Que sou um frouxo? Que não sou de nada?

JOÃO REDONDO – Eu não sei, não. Mas coisa boa é que não é! O senhor sabe como é o povo, não sabe?

CABO FINCÃO – Ai meu Deus, o que é que eu faço para me livrar dos maus pensamentos? (*pausa*) Ah, já sei! Encontrei uma saída!

JOÃO REDONDO – Não vai mais casar?

CABO FINCÃO – Não, João Redondo. Pelo contrário: vou fazer uns trinta meninos!

JOÃO REDONDO – Trinta?

CABO FINCÃO – Sim. Aí eu quero ver o que eles vão pensar. E se pensarem: é que eu sou macho pra engatar! Hum, quero ver agora, quero ver o que eles vão pensar!

JOÃO REDONDO – Coitada da Marquesinha, lascou-se com essa. Ah, meu Deus do céu, que dia terrível, que dia cruel! Bem que a cartomante disse que eu não saísse de casa hoje.

CABO FINCÃO – Cartomante, João Redondo?

JOÃO REDONDO – Quem diabo falou em cartomante aqui, Cabo Fincão?

CABO FINCÃO – Foi você, João Redondo.

JOÃO REDONDO – Eu? (*tendo uma ideia*) Ah! Foi isso mesmo, Cabo Fincão. Encontrei a solução para o seu caso.

CABO FINCÃO – Qual é, João Redondo?

JOÃO REDONDO – O senhor quer saber se vai dar certo o casamento, não é?

CABO FINCÃO – É, João Redondo.

JOÃO REDONDO – Quer também uns conselhos, não quer?

CABO FINCÃO – Quero, João Redondo.

JOÃO REDONDO – Então a solução chama-se... Madame Bago Mole!

CABO FINCÃO – Madame Bago Mole? Quem é essa, João Redondo?

JOÃO REDONDO – É a cartomante do circo, Cabo Fincão. Ela é a gôta serena, descobre tudo: passado, presente, futuro. Descobre até a cor da cueca da gente!

CABO FINCÃO – É mesmo, João Redondo? (*ao público*) Ô moleque sabido da peste, esse João Redondo!

JOÃO REDONDO – Pronto, Cabo Fincão, resolvido o caso.

CABO FINCÃO – Resolvidinho da Silva. Vamos lá comigo, João Redondo?

JOÃO REDONDO – O quê? O senhor tá doido, é, Cabo Fincão? E se a Marquesinha souber, o que é que ela vai pensar? Que o senhor tá desconfiando dela. E o povo? O senhor já esqueceu? O que é que eles vão dizer se virem o senhor entrando no circo pra falar com a cartomante? Lembre-se que o senhor é a autoridade máxima daqui!

CABO FINCÃO – É mesmo, João Redondo. Você tem razão. Ô molequinho sabido da gôta serena! Pensa em tudo. Se esse peste não fosse tão preguiçoso, até

que eu botava ele como meu secretário. *(ao público)* Vocês estão vendo como sofre uma autoridade? Como é duro ser autoridade? Ah! João Redondo, o que é eu faço? Diga, meu nêgo!

JOÃO REDONDO – Bem, eu trago ela aqui.

CABO FINCÃO – Será que ela vem, João Redondo?

JOÃO REDONDO – Claro que vem. A madame Bago Mole é muito minha amiga.

CABO FINCÃO – É mesmo, João Redondo? Então vá chamá-la. Vá logo que eu fico esperando aqui.

JOÃO REDONDO – Vou?

CABO FINCÃO – Vá, homem, está esperando porquê?

JOÃO REDONDO *(saindo)* – Só se for agora...

CABO FINCÃO – Espere, João Redondo! Quanto é que ela cobra?

JOÃO REDONDO – Bom, lá no circo ela cobra uns quinze reais uma consulta. Agora aqui, deve ser uns trintinha...

CABO FINCÃO – O quê? Trinta reais? Isso é roubo, João Redondo! Eu vou meter essa mulher na cadeia. Ela é uma ladrona! *(pausa)* Ô João Redondo, você não acha melhor eu ir lá?

JOÃO REDONDO – Bem, o senhor é quem sabe. Agora, as consequências vão ser trágicas, desastrosas...

CABO FINCÃO – Ai, meu Deus, o que é que eu faço? Se pelo menos fosse vinte. Ô João Redondo, será que ela não faz...

JOÃO REDONDO – É trinta! Quer ou não quer?

CABO FINCÃO – Mas João Redondo, eu não tenho esse dinheiro todo.

JOÃO REDONDO – Tenha vergonha, Cabo Fincão. Deixe de ser mão de papagaio! O senhor ganha...

CABO FINCÃO – Vinte, João Redondo!

JOÃO REDONDO – Trinta!

CABO FINCÃO – Vinte e cinco!

JOÃO REDONDO – É trinta!

CABO FINCÃO – Mas João Redondo, você não disse que ela era sua amiga? Vinte e sete?

JOÃO REDONDO – Cabo Fincão, é trinta! O senhor quer ou... (*entra a Marquesinha*) Eita, Cabo Fincão, olhe quem vem ali...

CABO FINCÃO – Marquesinha! Ai, João Redondo, me segura que eu vou ter um troço... (*cai nos braços de João Redondo*)

JOÃO REDONDO – Que frescura é essa, Cabo Fincão?

CABO FINCÃO (*levanta-se rapidamente e fica se ajeitando: conserta o chapéu, puxa a gravata, passa o lenço no sapato*) – Como é João Redondo, eu estou bem? Está bom assim? Ah! Assim é outra coisa... Estou bonito, João Redondo? Diga o que é que você acha? (*posando*) Fica bem assim, diga homem...

JOÃO REDONDO (*ao público e saindo pelo lado oposto de Marquesinha*) – Eu vou embora antes que ela me veja aqui...

CABO FINCÃO – Espere, João Redondo! E a cartomante?

JOÃO REDONDO (*voltando um pouco*) – Como é? Eu vou chamá-la ou não?

CABO FINCÃO – Vá! Mas antes fale pra ver se ela faz vinte e oito...

JOÃO REDONDO – Cabo Fincão, eu já disse que é trinta!

CABO FINCÃO – Vinte e nove?

OS DOIS (*ao mesmo tempo*) – Trinta!

João Redondo sai e o Cabo Fincão esconde-se na tenda dos mamulengos. Ele vê a Marquesinha entrando.

MARQUESINHA (*cantando*) – Eu sou a marquesa dos anjos / rainha do fado, do bolero, do xaxado, do xote e do baião / sou querida e sou amada / sou desejada por um moleque safado / por um cabo tarado / por um capitão / eu sou a marquesa dos anjos / dos fiéis arcanjos / sou a perdição.

CABO FINCÃO (*põe a cabeça para fora da tenda dos mamulengos*) – Valha-me meu Santo Antônio, que pedaço de mau caminho... Eu tenho que casar logo! Essa mulher é a minha perdição.

MARQUESINHA – Quem é que está aí?

CABO FINCÃO (*imitando João Redondo*) – Sou eu, Marquesinha!

MARQUESINHA – Ah, é você, João Redondo? (*vai até ele*) Oh, meu querido...

CABO FINCÃO (*aparece*) – Que negócio é esse de meu querido?

MARQUESINHA – Ah, é você? (*disfarçando*) Meu querido... amigo! Você também não deixa nem eu terminar de falar.

CABO FINCÃO – Desculpe, Marquesinha...

MARQUESINHA – Desculpe uma...

CABO FINCÃO – Também não é preciso ficar afobada, não é? Você sabe que eu sou um homem muito ciumento! E o ciúme é uma prova de amor. Marquesinha, será que você não entende?

MARQUESINHA – Amor... Hum!

CABO FINCÃO – Pra ver o quanto lhe amo... Cheguei ao ridículo de ter ciúmes do João Redondo, um cara de pamonha daquele.

MARQUESINHA – Hum!

CABO FINCÃO – Ah, Marquesinha, não fica assim, não. Eu fico todo encabulado. *(ela vai saindo)* Para onde você vai?

MARQUESINHA – Vou à loja, não é? Comprar as coisas do casamento.

CABO FINCÃO – Comprar o quê?

MARQUESINHA – As merdas pro casamento! Ou você não quer mais casar?

CABO FINCÃO – Quero, meu amor. Ora se quero!

MARQUESINHA – E então? Vou comprar os cetins, os sapatos, as alianças, os móveis, as panelas, as louças: tudo enfim para um grande casamento. Não foi isso que você prometeu ao meu pai?

CABO FINCÃO – Foi, Marquesinha, foi...*(cantando)* Arrasta esse pobre coitado / ou joga na frente de um trem / ou deixa numa árvore pendurado / se é o desejo que tens / me chuta de ladeira abaixo / me rasga, me escarra / como um vira-lata / acaba o meu sonho de macho / se é o seu desejo / mulher ingrata.

MARQUESINHA – Você nunca falou tão certo como agora! *(ao público)* Gozado, esses homens só querem... casar. Mas assumir as responsabilidades do casamento, isso eles não querem. Pois bem, agora é a minha vez: *(vai para trás do Cabo Fincão, cantando)* Eu sempre vivi desprezada / sozinha, jogada / triste, humilhada / numa casa acabada / lá no interior / presa a sete correntes / uma grade na frente / e um velho insolente / metido a valente / e a guardar o meu pudor. *(sonhadora)* Quanta vezes pensei em fugir... *(cantando)* Em sair por esse mundo sem fim / à procura de alguém, de alguém / de alguém que gostasse de mim. *(senta-se com olhar fixo em algum ponto do palco)* Uma noite, uma bela noite, tive um sonho. Sonhei com um homem bem gordo, redondo como a lua cheia. Ele tava brincado de teatro e os seus dedos robustos mexiam com os bonequinhos. Mexiam, mexiam, não só com os bonecos, comigo também. Foi nessa noite que eu conheci... *(cantando)* O amor e a liberdade / de amar a quem quiser / de sentir felicidade / de existir e ser mulher / e

eis que um velho cretino / se alia a um militar / juntos traçam meu destino / e, num desatino, tenho que casar / eu sou uma moça prendada / mais antes fosse currada / por todos os bichos de lá / do que servir de instrumento / a um estúpido jumento / a um velho militar! (*volta a sonhar*) Ah! Mas quem sou eu pra ir de encontro ao meu pai? Quem sou eu pra recusar um casamento? Se ao menos tivesse nascido homem, mas não, nasci mulher. Filha mulher não dá lucro, não rende nada, só consome! O casamento é um grande trunfo, mas para o pai. Isso não quer dizer que seja por amor, não, foi porque ele escolheu. Nós mudamos apenas de cárcere e de senhor. E se ela não for virgem... Ah, que tragédia! Que tragédia se ela não souber conservar a virgindade... (*cantando*) Para servir de instrumento / a um estúpido jumento / a um velho militar. (*a ele*) Pois é, cabo velho de guerra, vocês traçaram o meu destino e quem sou eu pra recusar... (*cantando*) Só que você se esqueceu / que eu gosto de luxar / conforme você prometeu / luxo você vai ter que me dar / vou fazer muitos banquetes / para Junta Militar / vou mandar soltar foguetes / toda hora do jantar / quero em nosso palacete / mesas por todo lugar / quero também, com certeza / uma sala de muita beleza / somente pra se arrotar. (*vai saindo*) Adeus, Cabo, eu já vou / vou à loja da esquina / trocar essa roupa velha / por outra muito grã-fina / vou comprar um chapéu grande / para todo mundo ver / e peço a Seu Natanael / que mande a conta pra você / adeus, Cabo, eu já vou / depois volto pra lhe ver. (*sai*)

CABO FINCÃO (*abatido, canta*) – Levanta, Cabo, levanta! / O que é isso / que homem é você? / és uma autoridade / a maior da cidade não deve esmorecer! / Levanta, Cabo, levanta! / o nosso lema é vencer / ainda que seja na marra / nunca devemos perder / Levanta, Cabo, levanta! / lembre-se do seu dever / um, dois, três / direita volver!

Entram Porrote Botelho Prego Torto e Dona Rosita Rabo Quente correndo. Chocam-se com o Cabo Fincão e caem todos no chão.

CABO FINCÃO – Ôxente! Que gôta serena é isso? O que diabo está acontecendo?

PORROTE BÓTELHO PREGO TORTO (*com um pau na mão*) – Nada, Cabo Fincão! Não é nada, não.

DONA ROSITA RABO QUENTE (*aos pés do Cabo Fincão*) – Cabo Fincão, me ajude pelo amor de Deus! Ele quer me matar!

CABO FINCÃO – O quê? Que história é essa, seu Porrote? O senhor quer matar a sua mulher?

PORROTE – É mentira, seu Cabo! Isso é uma mentirosa. O senhor me conhece, sabe que não sou homem pra essas coisas.

DONA ROSITA – É verdade, Cabo, pode acreditar! Eu juro pela alma da minha mãe!

PORROTE – Hum! Jurou por uma peça boa...

CABO FINCÃO – O que é que está acontecendo realmente? Vocês querem fazer o favor de me explicar?

PORROTE – Nada Cabo, nadinha. Eu só queria torcer o pescoço dessa desgraçada, arrancar-lhe os caroços dos olhos com essa faca, quebrar-lhe os dois braços e as duas pernas com esse pau, dá-lhe uma mãozada no pé do ouvido do focinho, virar pra trás e tirar o couro dela viva! Só isso, Cabo. Só isso.

CABO FINCÃO – Só?

PORROTE – Só.

CABO FINCÃO – E por que razão, poderia saber?

DONA ROSITA – Ciúme, Cabo.

PORROTE – Bem, Cabo Fincão, como o senhor sabe, há muito tempo que nós moramos juntos, mas nem por isso deixamos de ser felizes. Agora o sonho que eu tive ontem à noite, esse, sim, foi infeliz!

DONA ROSITA – Tá vendo, Cabo Fincão? Todo por causa de um sonho!

PORROTE – É nos sonhos que a gente conhece as pessoas mal intencionadas.

CABO FINCÃO – E qual foi o sonho, seu Porrote?

PORROTE – Ah, Cabo Fincão, não queira nem saber. Foi um sonho terrível! Horrendo! Torturante para um homem bem intencionado. Cabo Fincão, eu sou um desgraçado, um frustrado: fui enganado! (*cantando*) E pensar que até há pouco fui solteiro / tranquilo, cheio de vida e de dinheiro / Oh, meu Deus, o que foi que eu fiz? / Cabo, nunca se case na vida / o casamento é uma bebida / que quem toma é infeliz!

DONA ROSITA (*cantando*) – É mentira, Cabo, é mentira! / o casamento é uma lira / criada pelo amor / é um vinho saboroso / suave, muito gostoso / pra quem saber o que é sabor.

PORROTE (*cantando*) – É, e foi nessa que eu entrei / nem sequer do vinho provei / encontrei a cumbuca vazia / já pensou, Cabo? É o fim! / houve outro antes de mim / no meu lugar, o que faria?

CABO FINCÃO – Ah, meu Padrinho Cícero do Juazeiro! Que estímulo, que incentivo pra quem está prestes a se embriagar...

PORROTE – Hem, Cabo? Sabe o que eu fiz? (*cantando*) Acreditei na pureza / nos desígnios da natureza / e na palavra dela / mas depois daquele sonho / sinto um desejo tamanho / de sangrar essa cadela! (*desiludido*) Cabo Fincão, ela me traiu com um porco!

CABO FINCÃO – Com um porco?

PORROTE (*cantando*) – Sim, com um porco, porco / desses que fuçam na lama / e como não achasse pouco / foi lá em casa, na minha cama...

DONA ROSITA – Cabo Fincão, esse homem tá louco! Não tá vendo que isso não tem cabimento?

CABO FINCÃO – É, seu Porrote, essa conversa está sem sentido. Ora, onde já se viu... com um porco?

DONA ROSITA – Ainda bem que o senhor é um homem sensato, inteligente...

PORROTE – Tanto é que continua solteiro!

CABO FINCÃO – Eu acho que o senhor está exagerando um pouco os seus sentimentos, seu Porrote.

DONA ROSITA – É isso, Cabo Fincão! Ele criou na imaginação.

PORROTE – Antes fosse, Cabo Fincão. Antes fosse...

CABO FINCÃO – Seu Porrote, eu mais do que ninguém odeio mulher safada. Se eu pudesse pegar todas elas...

PORROTE (*ao público*) – Só sobrava minha mãe.

CABO FINCÃO – Mas por Dona Rosita eu boto a mão no fogo.

PORROTE – Eu não sei, não, Cabo Fincão. Não sei mais o que fazer.

DONA ROSITA – Ruindade!

CABO FINCÃO (*eloquente*) – Eu compreendo seu estado, seu Porrote. O homem quando chega a um ponto desse perde a cabeça, imagina coisas absurdas, fica obcecado pela ideia... Isso é muito natural nas pessoas sensíveis que amam a verdade.

DONA ROSITA – É natural, mas não é normal.

CABO FINCÃO – Dona Rosita, a senhora precisa compreender que ele está nervoso, que tudo que fez foi por amor. Por amor à senhora.

DONA ROSITA – E como é que vai ficar, Cabo Fincão? Eu vou ter que aguentar essa situação até o resto da vida?

CABO FINCÃO – Calma, Dona Rosita, calma! Ele compreendeu que estava errado e de agora por diante vai pensar duas vezes antes de agir. Não é mesmo, seu Porrote? (*ele afirma com a cabeça*) Está vendo aí? Agora vão! Vão para casa, aproveitar a vida de vocês e acabem com essa cachorrada no meio da rua. Que coisa mais feia! Vamos! (*os dois saem encabulados*) Esperem! Vai um por aqui e outro por ali. (*eles ficam sem entender*) Infelizmente essa é a verdade. Deus fez uma

porção chamada amor para o homem e a mulher, mas se esqueceu de fazer a bula. Vamos, vamos logo! Um, dois, um, dois, um, dois...

Porrote Prego Torto e Dona Rosita saem. Entra João Redondo pela plateia marchando.

JOÃO REDONDO – Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez!

CABO FINCÃO – João Redondo, sentido!

JOÃO REDONDO (*dando continência*) – Dez! Dez mil reais foi quanto custaram as compras do casamento!

CABO FINCÃO – Não, João Redondo! Não pode ser verdade...

JOÃO REDONDO – Ora se não foi! A rua toda já sabe. Tá todo mundo sabendo.

CABO FINCÃO – Ai, João Redondo, o que será de mim?

JOÃO REDONDO – Isso sem contar com um colar de brilhantes que ela encomendou ao seu Emídio do ouro.

CABO FINCÃO – Ai, João Redondo, eu sofro do coração...

JOÃO REDONDO – E um perfume francês que ela mandou buscar no Recife.

CABO FINCÃO – Ai, ai! João Redondo, como você gosta de me ver sofrer!

JOÃO REDONDO – Sabe da maior? Ela disse que o padre Otoniel já está muito velho, cansado... Alugou o carro de Seu Quinca da Taquara pra ir buscar um padre mais moço em Olinda.

CABO FINCÃO – Ai, João Redondo. Fui assassinado! (*cai desmaiado*)

JOÃO REDONDO – Ôxente, Cabo Fincão, seja homem! Que frouxura é essa? O senhor é ou não é uma autoridade?

CABO FINCÃO – Sou, João Redondo! Quem é que está duvidando?

JOÃO REDONDO – Eu calculei mais ou menos que tudo, tudinho, vai dar uns quarenta mil reais.

CABO FINCÃO – Quanto? (*cai novamente desmaiado*)

JOÃO REDONDO – Cabo Fincão, que putaria é essa? (*chamando por ele*) Ô Cabo Fincão! Cabo? (*ao público*) será que esse peste morreu mesmo? (*empurrando com o pé*) Levanta, Cabo de bosta! Ô autoridade de merda, levanta! (*grita no ouvido*) Você não é de nada! É um velho frouxo! Um meganha muito nojento, tá ouvindo? Um cabo de vassoura! (*pausa*) É isso que é autoridade, é? Hum! Levanta pra apanhar, levanta se você é homem!

CABO FINCÃO (*levantando-se meio tonto*) – Falou, João Redondo?

JOÃO REDONDO – Hum? Eu mesmo não! (*Cabo Fincão desmaia de novo*) Ôxente! Agora se danou tudo. Que brincadeira é essa, Cabo Fincão? Ô Cabo Fincão, levanta... (*entra a Marquesinha vestida de cartomante*) Êita! Meu Deus do céu, lá vem a cartomante. (*empurrando o Cabo Fincão com violência*) Cabo Fincão, levante logo, homem... (*a cartomante começa a tocar flauta e o Cabo Fincão começa a levantar lentamente, ao compasso da música*)

CABO FINCÃO (*aéreo*) – João Redondo... Onde eu estou? No céu?

JOÃO REDONDO – É, Cabo Fincão, no céu... (*à parte*) Mas da boca de um cachorro.

CABO FINCÃO – E essa é Nossa Senhora?

JOÃO REDONDO – Não, Cabo Fincão! Essa é Madame Bago Mole, a cartomante que o senhor mandou chamar.

CABO FINCÃO – Ah! Quer dizer que eu não morri!?

JOÃO REDONDO – Morreu não, Cabo Fincão. Tá vivo!

CABO FINCÃO (*com a mão no coração*) – Ai, João Redondo, mas que foi uma pancada grande da gôta, foi. É porque sou muito forte.

JOÃO REDONDO – Madame Bago Mole, esse é o Cabo Fincão de quem lhe falei.

MARQUESINHA (*mudando a voz com sotaque portunhol*) – Viem Cabo! Viem que voi clarear los tios sentidos e coordenar las tuas ideias... Viem, dá-me la tua mão abierta com lo dineiro dientro para que io possa mirar merror las linhas de tu vida.

CABO FINCÃO (*com medo*) – Ôxente! E é feito cinema, é? Tem que pagar adiantado?

MARQUESINHA – Viem, Cabo! (*pega e olha a mão dele*) Verro los tieos caminhos: son estreitos e escuros como la tua proficion.

CABO FINCÃO – E o que a madame vê mais?

MARQUESINHA – Ah, vejo una letra! É um eme...

CABO FINCÃO – Eme? Então é dela, é da Marquesinha!

MARQUESINHA – Não, é de miserável!

CABO FINCÃO – Miserável, por que madame?

MARQUESINHA – Porque és um ciego. Um ciego caminhando em las trevas com tanta luz ao redor.

CABO FINCÃO – Não estou entendendo mais nada!

MARQUESINHA – Ah, tenho uma ideia. Temos que fazer um trabarço para clarear, mas...

CABO FINCÃO – Que trabalho é esse? Que diabo é isso?

MARQUESINHA – És um ponto, entiendes? Feitiçaria...

CABO FINCÃO – O quê? A senhora está pensando que sou macumbeiro, é? Mais respeito comigo, eu sou uma autoridade!

JOÃO REDONDO – Acabe com essa besteira, Cabo Fincão! O senhor não quer ter a certeza? Não quer tirar a dúvida?

CABO FINCÃO – Querer eu quero, mas não com catimbó, com coisa do Diabo!

JOÃO REDONDO – Que catimbó coisa nenhuma, homem. O trabalho que a madame faz é pra tirar encosto, mau olhado, pra quem tá pelo avesso. Quem sabe se não fizeram alguma coisa pro senhor, se não acenderam uma vela maldita no seu rastro?

MARQUESINHA – É isso mesmo: é só uma limpeza.

JOÃO REDONDO – O senhor é um homem muito invejado aqui, Cabo Fincão. É porque o senhor não sabe...

CABO FINCÃO – Ah, meu Santo Antônio, me acuda! Pra que fui me meter nisso? Pra que fui me apaixonar? Eu vivia tão bem, tão sossegado, me divertindo com os presos, brincando de peixe elétrico... Ah, coração fraco!

JOÃO REDONDO – Vamos logo, Cabo Fincão!

MARQUESINHA – Dê-me lo retrato de la murrer!

CABO FINCÃO – Não, não estou com ele aqui, não!

MARQUESINHA – Adonde está?

CABO FINCÃO – Lá na cadeia.

MARQUESINHA – Entonces vá buscar luego. Antes que sieja tarde demás.

Cabo Fincão olha para João Redondo.

JOÃO REDONDO – Vá, homem! Tá esperando o quê?

CABO FINCÃO (*vai saindo e volta-se rapidamente*) – E quanto é que vai custar esse trabalho?

JOÃO REDONDO – Vá logo, homem!

MARQUESINHA – Depois aciertaremos!

O Cabo Fincão sai e os dois ficam rindo.

MARQUESINHA – Ele nem desconfiou!

JOÃO REDONDO – Ô Cabo velho besta dos seiscentos diabos!

MARQUESINHA – Ele caiu direitinho...

JOÃO REDONDO (*sério*) – É, mas eu não deveria estar rindo, não.

MARQUESINHA – Por que, João Redondo?

JOÃO REDONDO – Porque o besta aqui sou eu. Tô fazendo isso, mas quem vai casar com você é ele. E parece que você está gostando da ideia...

MARQUESINHA – Não diga isso, João Redondo. Você sabe que eu sou obrigada a casar de qualquer maneira. Foi meu pai quem escolheu. É de você que eu gosto... Ah, João Redondo, você não compreende o quanto eu estou sofrendo com tudo isso. Eu só vou me casar pra ficar livre do meu pai. E, depois, aquele tihoso não tem mais dois meses de vida...

JOÃO REDONDO – Hum! Você não sabe o que lhe espera... Eu não acredito que vai ser tão fácil assim. Pelo contrário, ao invés de um, você terá dois senhores.

MARQUESINHA – Ora, João Redondo, não seja tão dramático. Parece até que estamos num teatro...

JOÃO REDONDO – Essa é que é a verdade!

MARQUESINHA – João Redondo, que dramalhão!

JOÃO REDONDO – Pior que o espetáculo agora tem o tom de farsa medieval.

MARQUESINHA – Nossa!!! Chiiii! (*beija-o na boca*)

JOÃO REDONDO (*feliz*) – Marquesinha, eu tenho uma surpresa pra você.

MARQUESINHA – É, João Redondo? Boa ou ruim? (*João Redondo mostra um colar e ela fica espantada*) Meu Deus do céu, que coisa mais linda! João Redondo, onde você achou esta jóia?

JOÃO REDONDO – Foi um presente da minha tataravó. Depois passou para minha bisavó, pra minha avó e pra minha mãe. É uma jóia de família, Marquesinha. (*coloca no pescoço dela*) Agora, este colar é seu.

MARQUESINHA – Meu, João Redondo?

JOÃO REDONDO – Claro!

MARQUESINHA – Ah, meu querido! (*beijam-se*) Que boniteza...

JOÃO REDONDO – Êpa! Esconde logo isso que ele vem aí. Olhe, às dez em ponto debaixo da pitombeira, ouviu? Agora não vá fazer como ontem, não!

MARQUESINHA – E se meu pai tiver acordado?

JOÃO REDONDO – Invente qualquer coisa... Diga que vai dar uma mijada... (*sai*)

CABO FINÇÃO (*entrando*) – Pronto, olhe aqui o retrato! Eu tenho que voltar rápido à cadeia para espancar um preso.

Marquesinha, disfarçando, levanta os braços, faz uma reverência aos céus e fica balbuciando alguma coisa como se estivesse rezando. Tempo.

MARQUESINHA (*cantando*) – São Jorge, santo guerreiro / destemido militar / fez pirraça no terreiro / pro seu santo não baixar / mas seu santo não é vassalo / e fez de São Jorge cavalo / pra João Redondo montar. (*apressado, o Cabo Fincão sai pela plateia durante a música e Marquesinha fica*) E foi assim que o feitiço virou contra o feiticeiro, lá nos confins do Sertão. São Jorge, o grande guerreiro, foi devorado pelo dragão...

POLICARPO (*entra com os braços escondidos para trás, escondendo uma coleira de ferro com uma corrente*) – Marquesinha! O que é que você está fazendo aqui, menina?

MARQUESINHA – Eu tava olhando o boi de reis do Capitão Boca Mole, pai! (*aponta para eles que vão atravessando o palco e saindo*)

POLICARPO – Por onde você andou?

MARQUESINHA – Fui fazer as compras do casamento.

POLICARPO – Com quem? Com quem foi que você saiu?

MARQUESINHA – Com o meu noivo, pai...

POLICARPO – Ah, foi com o Cabo Fincão? Sendo assim, tá certo. Cadê ele?

MARQUESINHA – Foi para a cadeia.

POLICARPO – E essas compras, onde estão?

MARQUESINHA – Seu Natanael vai mandar entregar lá em casa, pai. É muita coisa!

POLICARPO – Ê? O que foi que você comprou?

MARQUESINHA – Tudo pai, tudo!

POLICARPO – Tudo mesmo?

MARQUESINHA – Tudinho...

POLICARPO – Pois é! Foi isso mesmo que ele falou: “Tudo do bom e do melhor!”. (*ao público*) Como é bom a gente ter um genro como o Cabo Fincão, um homem

rico, de posição, letrado... Ô minha filha, eu estou até sem roupa para o casamento. Será que não dava pra você comprar um uniforme de casimira pra mim e colocar no meio das compras sem que ele...

MARQUESINHA – Puxa pai, nem me lembrei disso. Mas não tem nada não, amanhã eu volto pra comprar alguma coisa a mais e compro não só o seu uniforme de casimira, mas também uma camisa de algodão listrada, uma gravata de seda pura, um par de sapatos bico-fino, um chapéu Ramezone e um guarda-chuva de nylon. Compro tudo e boto na conta do seu futuro genro. Por sinal, ele até me perguntou se eu não queria comprar algo para o senhor, mas nem me lembrei...

POLICARPO – Foi mesmo, minha filha? Tá vendo aí? Assim mesmo você se rebelou contra mim quando lhe dei em casamento! Tá vendo agora que eu tenho razão? Os pais são quem sabem onde tá o futuro dos filhos. E pensar que você não queria, que me desafiou, me desrespeitou! Ah, como esses filhos são ingratos, não veem que a gente só quer a felicidade deles. Marquesinha, imagina o que eu trago aqui?

MARQUESINHA – O que é, pai? Um presente?

POLICARPO – Acertou! (*mostra*) É o meu presente de casamento! (*coloca a coleira no pescoço dela cantando*) Um colar novo / todo de aço blindado / com muito ferro na frente / e essa corrente de lado / para o Cabo não ser corno / é só pendurar no torno / e fechar o cadeado! (*ao público*) É... É isso mesmo: mulher é bicho danado e eu, que não sou besta, tenho que garantir o futuro da minha filha, a moral do meu genro e, principalmente, o meu futuro e a tradição da família brasileira! (*sai cantando*)

MARQUESINHA (*triste canta*) – De que serve a gente nascer / crescer / se não pode viver / a vida que sonhou? (*fica olhando o colar que ganhou de João Redondo*) Era uma vez um príncipe, um príncipe que pensou que podia alcançar o castelo dos sonhos e acabou perdido no seu mundo mágico...

Música. Surge na tenda dos mamulengos um boneco manipulado por Porrote.

PORROTE – Olá, moça bonita! Como é o seu nome?

Marquesinha suspira profundamente e desmaia, deixando cair o colar que João Redondo deu pra ela. Porrote sai da tenda para socorrê-la.

PORROTE – Marquesinha? Marquesinha! Coitada da Marquesinha! Acorde! (*bate no rosto dela*) Marquesinha, você está me ouvindo, hem? Marquesinha, responda... Coitada! Nem mexe... E agora?

DONA ROSITA (*entra sem que ele veja*) – Ah! É assim, não é? Com outra nos braços! Ah, cachorro da molesta! Ah, desgraçado! Maldita a hora que me juntei com essa peste. (*escondendo-se*) Quem será aquela cretina, aquela descarada? Ah, infeliz das costas ôca! Você me paga, espere aí! (*sai*)

PORROTE (*examinando o pulso dela*) – Marquesinha, acorde! Ah, meu Deus, não tem jeito, não. O que é que eu faço? Essa foi muito boa, essa foi a melhor... O jeito que tem é leva-la para casa. (*sai com ela nos braços e o colar fica no palco*)

DONA ROSITA (*entra com uma vassoura na mão*) – Tenha vergonha, cachorro safado! Ôxente! Onde eles se meteram? Pra onde foram? Fugiram... Ah! Se eu pego aquele traidor, aquele conquistador barato, quebrava esse pau na cabeça dele, pedacinho por pedacinho. Ah, tihoso da sorte, o desgraçado com outra na minha cara? Que sem vergonha! (*pausa*) Eu ando mole mesmo, só quem pisou em rastro de corno... Bem que eu desconfiava, bem que eu tava sabendo que aquela conversa mole era pra me tapear, mas onde eu fui cair, onde eu fui amarrar minha jega... Deixar de casar com Zé de Dôra, com Nequinho da Padaria, com seu Nena, pra fugir com aquele empestado! E quando acabar ele fazer uma dessas comigo? Ah, não vai ficar assim, não... Vai nada! Eu não quero ser mulher, deixo de vestir saia, se não castrar aquele bixiga-lixo! Eu me vingo! (*vai saindo e vê o colar*) Ôxente! O que é isso? (*apanha-o*) Nossa! Que coisa linda... Quem terá perdido? (*coloca no pescoço*) Ah! Quem me dera...

PORROTE (*entrando*) – Coitada da Marquesi... (*vê Dona Rosita e esconde-se*)

DONA ROSITA (*entretida*) – Ouro maciço! Isso deve valer uma fortuna.

PORROTE – Ah! Vejam só: peguei a desgraçada com a boca na botija. Agora quero ver o que ela vai dizer.

DONA ROSITA (*sonhando*) – Quem é que não fica bonita com uma formosura dessas?

PORROTE – Quem será o vagabundo que lhe deu esse presente? (*pausa*) Olha a bandida... Chega sonha pensando no sujeito! Quem será esse indivíduo que cagou em cima da minha honra?

DONA ROSITA (*tira o colar*) – Meu Deus do céu, como é que isso veio parar aqui?

PORROTE (*avança e toma o colar*) – Sim, desgraçada, peguei em flagrante! (*olhando o colar*) Um presentinho, não é?...

DONA ROSITA – Um o quê?

PORROTE – Ora, um o quê! Então eu lhe pego com a arma do crime na mão e você ainda pergunta um o quê? Com pouco vai me dizer que caiu do céu? (*mostrando o colar*)

DONA ROSITA – Tenha vergonha nessa cara, homem!

PORROTE – Vergonha? Ainda não sou eu que devo ter vergonha!

DONA ROSITA – Chega de conversa, cretino! Eu já tô por aqui com as suas enroladas. Tá pensando que não vi não, é?

PORROTE – Ah! Quer dizer que você viu, não foi?

DONA ROSITA – Claro que vi! Tá pensando que eu sou cega, é? Eu vi tudo.

PORROTE – Então foi proposital? Só para me humilhar, pra me desmoralizar? Ah, você vai pagar caro por essa desonra! Vou lhe mostrar quem é Porrote Botelho Prego Torto! Vou quebrar-lhe todas as costelas!

DONA ROSITA – Vem murrinha, vem! Vem pra você ver quem é Rosita Rabo Quente, filha do Tenente Zeca Galo, natural de Cabedelo, estado da Paraíba. Vem que eu quero quebrar esse pau na tua venta!

PORROTE (*ao público, enquanto vai anoitecendo*) – E a desgraçada ainda me desafia! Vou tomar esse pau e arreventá-lo na tua cabeça!

DONA ROSITA – Vem! Vem, conquistador barato! Vem pra eu lhe mostrar com quantos paus se faz uma canoa!

PORROTE – Você tá pensando que eu tô brincando, é? (*parte para ela*) Agora me vingo!

DONA ROSITA (*mete a vassoura em Porrote*) – Tome! Tome! Tome, seu empestado! Tome mais! (*solta a vassoura e sai correndo*) Socorro! Socorro!!!

PORROTE (*correndo atrás dela*) – Espere! Espere! Espere aí, condenada! (*para*) Quando chegar em casa você me paga, ouviu? Vai pagar e é dobrado! (*ao público*) Confiem nessas mulheres, confiem! Vagabunda! Prostituta! Me traindo por uma porcaria dessas... (*mostra o colar*) Vê mesmo, hum! Se pelo menos fosse um objeto de valor, uma jóia preciosa, mas não. Ah, tarada sem-vergonha! Também se eu pegar esse sujeito, não quero nem pensar no que vai acontecer...

JOÃO REDONDO (*entra na ponta do pé*) – Já tá quase na hora, será que ela... (*vê Porrote*) Tem alguém lá...

PORROTE (*exibindo o colar*) – Eis o preço da minha honra!

JOÃO REDONDO (*por trás*) – O colar!? Ôxente! O que é que esse tihoso tá fazendo com ele aí?

PORROTE – Coitado de mim. Que sorte cotó! Traído por um pedaço de lata velha.

JOÃO REDONDO – Eu dei este colar hoje a Marquesinha!

PORROTE – O que é que o povo vai dizer, o que é que vão pensar de mim? Ah, meu Deus, estou acabado, destruído, desmoralizado...

JOÃO REDONDO – Será que ela...

PORROTE – Por onde eu passar eles vão apontar: “É aquele o corno do Riachão!”. Que sina desgraçada essa minha! Se não gostasse tanto daquela...

JOÃO REDONDO – Não, eu não posso imaginar uma coisa dessas da Marquesinha. *(pausa)* Como foi que esse colar veio parar aqui? E por que ele tá tão preocupado? Êpa! Esse pau tem formiga... Não tô gostando nada disso. *(vai a ele)* Boa Noite!

PORROTE – Pra uns!...

JOÃO REDONDO *(à parte)* – Que tipo esquisito!

PORROTE – O que foi que o senhor falou?

JOÃO REDONDO – Nada! Eu disse que esse colar é bonito.

PORROTE – Você acha, é?

JOÃO REDONDO – Bem, quer dizer... É do senhor? Digo da sua mulher?

PORROTE *(afobado)* – Pronto, já começou! Esse colar meu amigo, foi... *(suspeitando)* Ah, agora estou entendendo tudo... Você chegou atrasado ao encontro. Ela já foi embora.

JOÃO REDONDO – Ela quem?

PORROTE – A vagabunda a quem você deu esse maldito colar!

JOÃO REDONDO – Este colar eu dei a minha... Quem é o senhor?

PORROTE – Eu sou há muito tempo amante de sua... Da miserável que você deu esse colar! *(João Redondo fica em dúvida)* Há muito que ando desconfiado do seu chameguinho com ela, ouviu? Finalmente descobri, peguei o pato com o bico n'água! E sabe o que vou fazer? Vou chamar o Cabo Fincão pra meter todos os dois na cadeia! *(sai)*

JOÃO REDONDO *(perplexo)* – É incrível, é inacreditável... Ela podia enganar a todo mundo, menos eu. Não, Marquesinha, não foi nada disso que comungamos nos sonhos, não era essa a surpresa que eu iria ter. Ah, mundo velho cheio de nove-hora! Ô, que desgraça! Bem que a cartomante me disse que hoje não era o meu dia.

DONA ROSITA *(aparece por trás com um pau na mão, sem ver direito quem é)* – Olha lá o desgraçado! O bexiguento, na certa, marcou encontro com outra. Ah, infeliz, você agora me paga...

JOÃO REDONDO – É como se esse teto tivesse caído em cima de mim. É como se eu tirasse o chapéu e alguém me acertasse traiçoeiramente uma paulada na minha cabeça, me mandando para o inferno. *(Dona Rosita acerta a cabeça de João Redondo)*

DONA ROSITA – Tome, condenado! Pra você nunca mais... *(João Redondo cai)* Meu Deus do céu, matei o homem errado! *(sacudindo-o)* Ei, moço, moço, o senhor tá vivo? Foi sem querer, desculpe. Moço, responda! Valha-me Deus, matei

o coitado. *(põe a mão no rosto dele)* Ai! Ele tá mais frio do que bunda de anjo! Por Nossa Senhora, moço, responda, o senhor morreu? Coitadinho! Nem se mexe... Que situação, meu Deus! Tudo por causa daquele excomungado! *(fica acariciando João Redondo)*

PORROTE *(entrando)* – Onde danado esse Cabo se meteu?... *(vê Dona Rosita acariciando João Redondo)* Não, não pode ser! Eu tô sofrendo da vista! Tô tendo visões! Sim, eu tô louco, isso não pode ser verdade. É ilusão de ótica. Eu enlouqueci... Eu tô doido! *(fica patético, alienado)*

DONA ROSITA – Meu Deus do céu, o que foi que eu fiz? Ô Diabo!

JOÃO REDONDO *(acorda atordoado)* – O Diabo? Onde é que ele tá? Eu quero falar com ele! *(Dona Rosita sai desconfiada. Ele fica admirando o ambiente)* Acho que o padre Otoniel tá mal informado, o inferno não é tão feio assim. *(vê Porrote)* O senhor é o Diabo? *(Porrote nega com a cabeça)* Onde posso encontrá-lo? *(Porrote gesticula que não sabe)* Já faz tempo que o senhor está aqui no inferno? *(Porrote nega com a cabeça)* O senhor sabe dizer se a Marquesinha já chegou? *(Porrote gesticula que não sabe)* Onde ficam as mulheres falsas? *(Porrote Prego Torto aponta para baixo)* Lá em baixo? *(Porrote diz que sim com a cabeça)* Isso é uma bosta! Dei a viagem perdida. *(João Redondo fica olhando admirado para a plateia)*

MARQUESINHA *(entra em meio ao escuro)* – Já está passando da hora... Será que ainda... *(vê os dois)* Quem é esse que está com ele? Ah, é seu Porrote.

JOÃO REDONDO *(indo à plateia)* – Ôxente!

MARQUESINHA *(chamando baixinho)* – João Redondo! Ei, João Redondo!

JOÃO REDONDO – Menino, que tanto diabo é esse?

MARQUESINHA – João Redondo! Ei, João Redondo!

JOÃO REDONDO – Mas vê mesmo quem tá aqui?

MARQUESINHA – Psiu! João Redondo!

JOÃO REDONDO *(apontando para alguém)* – Mas até o senhor, seu... Tá aqui também? Puxa, quanta gente conhecida no inferno. *(vai saindo)*

MARQUESINHA – Meu Deus! O que foi que deu nele? Fez que não me via... Não quis falar comigo. Será que foi porque eu cheguei atrasada? Não, ele nunca fez isso. Deve estar acontecendo alguma coisa. *(vai ao Porrote)* O que foi que deu em João Redondo, seu Porrote?

PORROTE *(saindo do transe)* – Ah, é esse o nome daquele cachorro-da-gôta, é?

MARQUESINHA – Por que?

PORROTE – Porque ele arruinou a minha vida, destruiu o meu lar, me desonrou! Peguei aquele descarado nos braços da minha mulher!

MARQUESINHA – Quando?

PORROTE – Agora há pouco.

MARQUESINHA – Tem certeza?

PORROTE – Claro! Eu vi com os meus próprios olhos. Há muito tempo que andava desconfiado, mas hoje pude ter certeza quando vi os dois abraçados, trocando juras de amor.

MARQUESINHA (*confusa*) – Quer dizer, então, que ele e a Dona Rosita...

PORROTE – São amantes.

MARQUESINHA – Logo vi! Foi por isso que ele nem me ligou, fez que não me via. Ah, como fui tola em acreditar nas promessas dele! Que ingenuidade, meu Deus! E pensar que o meu pai tem razão quando diz que os homens são todos uns cachorros... (*pausa*) Eu imagino como o senhor deve está sofrendo, seu Porrote.

PORROTE – Ah, Marquesinha, não queira nem pensar. E o pior é que eu gosto daquela desgraçada.

MARQUESINHA – Esse mundo velho está fedido, a humanidade está podre... Ai! (*suspira profundamente e desmaia*)

PORROTE – Marquesinha, Marquesinha... Você está se sentindo bem? (*segura ela nos braços*)

CABO FINCÃO (*entra pela plateia com Dona Rosita falando alto*) – Onde danado é isso, Dona Rosita?

DONA ROSITA – É logo ali na pitombeira, Cabo Fincão! Na árvore dos mamulengos.

CABO FINCÃO – E será que ele ainda está lá?

DONA ROSITA – Deve estar. Foi uma pancada da gôta serena! O homem caiu desmaiado. Depois se levantou doidinho, rodando feito peru... Deve ter caído de novo.

CABO FINCÃO – Vamos lá! Isso é uma cachorrada dos diabos! (*vê Marquesinha nos braços de Porrote*) Marquesinha? (*vai recuando, recuando e desaparece envergonhado*) Ah, meu Santo Antônio, que humilhação, coitado de mim...

DONA ROSITA – A filha de seu Policarpo! Ah, mocinha sem-vergonha, toda metidinha a santa e chambregando com o marido das outras! Está vendo aí, Cabo Fincão, a safadeza?... Ôxente! Cadê o Cabo Fincão?

PORROTE – Melhorou, Marquesinha?

MARQUESINHA (*despertando*) – Estou melhor, seu Porrote, desculpe ter-lhe incomodado.

PORROTE – O que é isso, Marquesinha...

JOÃO REDONDO (*entra por onde o Cabo Fincão saiu*) – Danou-se! O Cabo Fincão vai desembestado de rua abaixo. O que foi que aconteceu? (*vê Porrote com a Marquesinha*)

PORROTE – Marquesinha, vamos embora. Eu acompanho você até em casa. (*saindo*)

DONA ROSITA – Um momento! (*eles se viram*)

MARQUESINHA (*surpresa*) – João Redondo?

JOÃO REDONDO (*censurando-a*) – Você, Marquesinha?

MARQUESINHA (*com desprezo*) – Hum!

PORROTE (*à Dona Rosita*) – Você ainda tem coragem de aparecer na minha vista?

DONA ROSITA – Será que você não está vendo que essa palhaçada não tem mais graça? Por que não me disse logo?

PORROTE – Dizer o quê?

DONA ROSITA – Que está de chamego com essa cínica!

PORROTE – Dobre essa língua, nojenta! Ou você tá pensando que porque está com esse sujeito não leva uma mãozada?

DONA ROSITA (*olha para João Redondo com desprezo*) – Eu sei lá quem é esse! Nunca vi essa cara de mamão macho na minha vista!

PORROTE – Ah, sabe não, né? (*mostra o colar*) E de quem é isso aqui?

MARQUESINHA – É meu! (*toma da mão dele*) Foi João Redondo quem me deu.

JOÃO REDONDO – Marquesinha, como foi que esse colar caiu nas mãos dele?

PORROTE (*apontando para Dona Rosita*) – Pergunte a ela!

DONA ROSITA – Bem, eu achei por acaso, ali no chão. (*aponta*)

MARQUESINHA – Pois é, foi justamente ali que eu me senti mal e seu Porrote, me ajudando, me levou pra casa.

PORROTE – Quer dizer que esse colar...

JOÃO REDONDO – É da Marquesinha!

DONA ROSITA – Então naquela hora ela estava desmaiada?

MARQUESINHA – Foi.

DONA ROSITA – Então...

PORROTE (*percebendo toda a confusão*) – É...

JOÃO REDONDO – Ah!...

Todos riem freneticamente.

PORROTE – Ah, finalmente tudo não passou de um mal-entendido. Desculpe Rosita, eu sei que fui... (*ela dá um muxoxo*)

DONA ROSITA – Não adianta, Porrote! Isso é uma doença. Você nunca vai acabar com essas manias de ciúmes, de desconfiança...

PORROTE – E se eu prometer?

DONA ROSITA – De que serve? Sempre não cumpre. Por qualquer coisinha você vem logo... (ele corta)

PORROTE – Não, Rosita! Agora vai ser diferente... (*cantando*) Eu vou lhe dar um presente / que você vai ficar contente / disso tenho certeza.

DONA ROSITA (*cantando*) – Ôba, Porrote! Um presente? / Ôba! Que beleza... / como vê, já estou contente / ah, eu adoro surpresa / Porrote, que maravilha! / o que é isso que tanto brilha? / é uma joia com certeza...

PORROTE (*pega no bolso uma coleira de aço com uma corrente. Vai para bem perto de Dona Rosita e canta*) – Feche os olhos, minha Rosita! / pra surpresa ser maior (*coloca no pescoço dela*) / Oh, como ficou bonita / de coleira no gogó! / agora estou tranquilo / acabou-se isso e aquilo / você será minha só. (*sai puxando-a*)

MARQUESINHA – Graças a Deus, tudo voltou ao normal. Ah, João Redondo, eu imaginei cada coisa...

JOÃO REDONDO – Não, Marquesinha. A confusão continua.

MARQUESINHA – Como, João Redondo?

JOÃO REDONDO – Você esquece que tem o Cabo Fincão pela frente?

MARQUESINHA – Ah! Mas isso é outra coisa, João Redondo.

JOÃO REDONDO – É não, Marquesinha. Nessa confusão foi que eu vi o quanto tava sonhando, como tava fora da realidade. Não adiante insistir, Marquesinha, nós nunca seremos nada, nunca passaremos de personagens de histórias de trancoso, sempre perdidos nos sonhos, às voltas com o dragão.

MARQUESINHA – Mas João Redondo...

JOÃO REDONDO – Por favor, Marquesinha. O sonho acabou. (*vai saindo*)

MARQUESINHA – João Redondo, pra onde você vai?

JOÃO REDONDO (*triste*) – Vou embora.

MARQUESINHA – Não, João Redondo...

JOÃO REDONDO – Adeus, Marquesinha!

MARQUESINHA – Eu gosto de você, João Redondo!

JOÃO REDONDO – Não é o bastante, Marquesinha.

MARQUESINHA – Fica, João Redondo!

JOÃO REDONDO – Infelizmente... (*vai saindo lentamente pela plateia*)

MARQUESINHA (*cantando*) – Fica, fica, João Redondo / por favor, não vá embora / que a solidão acaba comigo / vem, o nosso amor implora / vem, faz em mim o seu abrigo / vem, esquece os teus caminhos / vem morar nos meus carinhos / vem ser meu bem e meu amigo.

POLICARPO (*entra agitado*) – Marquesinha! Marquesinha! Aconteceu uma desgraça, minha filha! Uma tragédia...

MARQUESINHA – O que foi, pai?

POLICARPO – Marquesinha, minha filha, estamos acabados, destruídos. Arruinados!

MARQUESINHA – Por quê, pai? O que foi que aconteceu? (*João Redondo, que ia saindo, para*)

POLICARPO – O Cabo Fincão fugiu, desapareceu!

MARQUESINHA (*contente*) – Verdade, pai?

POLICARPO – Verdade, minha filha, foi embora sem dizer nem pra onde ia. Levou tudo que era dele, só deixou mesmo isso aqui pra lhe entregar.

Repassa uma carta do tamanho de um cartaz, que vem com várias dobras que ela vai abrindo lentamente. Marquesinha fica feliz e sorri com o que acaba de ler. João Redondo, curioso, volta interessado em saber o que está escrito.

MARQUESINHA (*vai ao proscênio*) – João Redondo!

JOÃO REDONDO (*parado no meio da plateia*) – Marquesinha?

Foco em Marquesinha, que exhibe o conteúdo da carta onde está escrito: FIM. Fecha a luz. Entram todos dançando e cantando música circense.

- Fim -

O SOL FERIU A TERRA E A CHAGA SE ALASTROU OU OS MARTÍRIOS DE JORGE E ROSINHA



*O Sol Feriu a Terra e a Chaga se Alastrou ou Os Martírios de
Jorge e Rosinha* (1975), pelo Grupo de Cultura Teatral
Texto e direção: Vital Santos
Foto: Acervo Vital Santos

O SOL FERIU A TERRA E A CHAGA SE ALASTROU OU OS MARTÍRIOS DE JORGE E ROSINHA

A trama começa com Rosinha Lírio Branco vendo a partida de famílias de retirantes na estiagem tórrida do Sertão, sem saber que foram expulsas pelo Sol que seca tudo e que o próprio pai dela, o explorador Coronel Zé do Cão, não lhes permitiu mais ali ficar. Entre os afugentados está o amor da moça, Jorge das Estrelas. No trajeto para Juazeiro do Norte, município já tomado por mais de 2 mil romeiros desamparados, o Príncipe do Juazeiro vem ao chamado de fé do rapaz durante a caminhada e o faz deparar-se com um trecho de terra que só promete fartura. Parecendo caída do céu, sagrada, onde todos se ajudam em mutirão e repartem o que têm, abolindo inclusive o dinheiro, ou seja, sem o capitalismo, a Terra de Santa Cruz, assim batizada, é um novo mundo idealizado, mas as forças do mal planejam o fim daquela gente rebelde.

Convocando o Capitão Brilhantina e seus Cangaceiros Vermelhos para darem um fim à comunidade, sob o pretexto de que precisa resgatar a sua filha que fugiu para lá, o Coronel Zé do Cão conta até com figuras místicas e religiosas nos seus planos de destruição, três Caiporas ironicamente transformadas em sacerdotes. Mas o estupro que ele comete na mulher do cangaceiro, Quitéria Papo de Anjo, o leva à ruína, assim como ao terrível bandido, seu comparsa, que vê chegar o castigo do céu num clarão que o empurra às chamas do inferno, enquanto Jorge das Estrelas canta, numa simbologia de pássaro sagrado, o amor aos seus irmãos. Num contexto inegavelmente messiânico, Vital Santos fez duras críticas à milícia, à Igreja e ao coronelismo, numa apologia à paz, mesmo em lugares quase áridos de esperança.



O Sol Feriu a Terra e a Chaga se Alastrou ou Os Martírios de Jorge e Rosinha (1975), pelo Grupo de Cultura Teatral
Texto e direção: Vital Santos
Foto: Acervo Vital Santos

Esta peça musical foi escrita em 1973 e lançada em 1975, pelo seu Grupo de Cultura Teatral, sob direção do próprio autor, assinando ainda os cenários. Naquele início de ano, antes de estreiar *O Sol Feriu a Terra e a Chaga se Alastrou ou Os Martírios de Jorge e Rosinha*, Vital Santos, além de estar atuando como jornalista na coluna *Boca do Mundo*, do semanário *A Defesa*, em Caruaru, junto a Edmilson Amâncio, mantinha a esperança de ainda realizar o II Festival Nacional de Teatro Amador de Caruaru, projeto que acabou abortado. Mas ele chegou a participar do VII Festival Nacional de Teatros de Estudantes, o derradeiro promovido por Paschoal Carlos Magno, desta vez só com peças para as infâncias. Vital coordenou por lá o lançamento do Grupo Paschoal Carlos Magno, de Caruaru, no infantil *Um Fraque Histórico*, do autor Miguel Santos, sob a direção geral de Biuzinho (Severino Almeida) e assistência de Pedro Delon (Pedro Aarão).

Ao retornar da Aldeia de Arcozelo, no estado fluminense, onde o evento ocorreu, ele passou a se dedicar à concretização de *O Sol Feriu a Terra...* A estreia deveria ter sido nas comemorações do aniversário de Caruaru,

em maio, com promessas de um circuito que chegaria à Universidade Federal de Pernambuco, Universidade Rural de Pernambuco e Universidade Católica de Pernambuco, mas só se deu nos dias 12 e 13 de julho de 1975, no auditório do antigo SESC Caruaru. As músicas originais foram compostas por Onildo Almeida procurando retratar “todas as nuances do homem em conflito com a realidade de sua existência” (VITAL..., *Vanguarda*, 26 out. 1975, p. 1). Tratando de sonho de trabalhadores do campo terem o seu próprio chão, *O Sol Feriu a Terra e a Chaga se Alastrou* expunha uma realidade nada fácil e bem comum para milhões de brasileiros em todo o país, afinal, segundo dados apresentados por José Francisco da Silva, o então presidente da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura, naquele ano, existiam no Brasil 11 milhões e 400 mil famílias de trabalhadores do campo, sendo que apenas 1 milhão e 200 mil recebiam salário permanente (Cf. O TRABALHADOR..., *Movimento*, 25 ago. 1975, p. 8).

Ou seja, bem antes do surgimento do MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, fundado em janeiro de 1984 como fruto de um processo de organização e mobilização que já vinha lutando pela terra e por melhores condições de vida no campo desde a década de 1970, Vital Santos, através de sua escrita e encenação, já se vinculava à luta pela reforma agrária e por reais mudanças sociais. No elenco: Roberval Velloso (no papel de Jorge), Alcimar Vólia (Rosinha), Antônio Medeiros (Pai Davi), Rui Rosal Filho (Coronel Zé do Cão), Severino Almeida/Biuzinho (Capitão Brilhantina), Rocir Santiago (Padre Severo), Lenivaldo/Vadico Vasconcelos (Tio Varamundo), Beto Brito/Gilberto Brito (Severino), Pereira de Lucena (Ismael), Cláudio Ferreira (hoje o elogiado cineasta Cláudio Assis, vivendo um Cangaceiro), Nildo Garbo (Caipora 1), Pinheiro Júnior (Caipora 2) e Pedro Aarão (Cangaceiro), além da participação de dois músicos ao violão, Israel Pinheiro/Fiore e Leocádio/Pilanca.

Os figurinos eram da própria equipe, com iluminação de Braga e a maquiagem de Antônio Medeiros. Sessões pontuais aconteceram em Caruaru, aos finais de semana, até que surgiram as possibilidades de virem à capital pernambucana algumas vezes, inclusive para competir em festivais de teatro que lhes dariam enorme respeitabilidade. Mas antes de acompanharmos essa trajetória de turnês, abro espaço para o que escreveu Vital Santos no programa do espetáculo:

Aqui estamos nós em mais uma tentativa de teatro popular, não o teatro popular de humor vulgar, sentimentalismo, moralidade primitiva e sensualidade barata; onde, no final, os maus são punidos e os bons se casam, os aplicados recebem heranças e os preguiçosos ficam sem nada. Mas um teatro onde a dialética está estampada em cada grito, onde a face do homem comum não necessita de argumento nem de métodos de representar para transmitir a sua desgraça, ela está ali retratada na simplicidade de suas ações, “mas a desgraça não basta para se tomar consciência das coisas. Com ela, aprende-se a ter fome e sede, mas muito dificilmente a ter fome de verdade e sede de conhecimento”. Neste espetáculo, a nossa intenção foi fazer um teatro sumariamente de “feira”, usando nossos próprios recursos, [...] onde tudo fosse um sonho fantasmagórico, uma espécie de bolo de festa, porque bolo de pobre não precisa de açúcar. Tudo isso sem esquecer que se enfeita o homem de roupa e chapéu de couro pra que ele cante, mas se não lhe forra o estômago, ele berra. (SANTOS, *O Sol Feriu a Terra e a Chaga se Alastrou* [Programa], Caruaru, 1975, s. p.)

A ATRIBULADA CHEGADA À CAPITAL

Ainda inédita no Recife, a peça primeiramente deveria ter participado do I Parangolé Estudantil de Artes, evento organizado pelos Diretórios Acadêmicos de Artes, Engenharia, Arquitetura, Ciências Humanas e Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco, de 17 a 20 de junho de 1975, programação que reunia peças de teatro, shows musicais, exposição de artes plásticas e exhibições cinematográficas, incluindo filmes Super-8, tudo com entrada franca. *O Sol Feriu a Terra e a Chaga se Alastrou* iria se apresentar no encerramento, às 17 horas, no auditório da Escola de Engenharia da UFPE, onde ocorria a programação teatral (que contou ainda com o Grupo de Teatro Vivencial, com cenas do espetáculo *Vivencial I*, texto de vários autores, adaptado e dirigido por Guilherme Coelho; e *O Romanceiro da Inconfidência*, texto de Carlos Bartolomeu adaptado do homônimo livro da poetisa Cecília Meireles, com direção de Antonio Cadengue, junto a alunos da Academia Santa Gertrudes, ambas as equipes de Olinda), mas o texto de Vital teve problemas com a Censura:

Após ser anunciada a impossibilidade da apresentação, Vital Santos (também diretor do espetáculo) pediu a palavra, ressaltando que os censores concederam a apresentação naquele momento, entretanto, a peça ficaria interdita em seguida. Diante disto, o elenco (que ensaiara até às 4h da manhã, viajando de Caruaru a Recife, após um dia de trabalhos extra-teatro, e o ensaio para a Censura) não se encontrava em condições de se apresentar. Assim, foi frustrada parte do final do bonito e vitorioso movimento de cultura que foi o I Parangolé. (AGUIAR, *Jornal do Commercio*, 29 jun. 1975, p. 3)

No entanto, em entrevista a mim por telefone, no dia 15 de junho de 2025, dois integrantes do espetáculo, Gilberto Brito e Pedro Aarão, garantiram que a apresentação ainda assim ocorreu, frente à manifestação dos estudantes universitários revoltados com o caso. De qualquer forma, *O Sol Feriu a Terra e a Chaga se Alastrou* voltou ao Recife em novo chamado, desta vez pelo Diretório Central de Estudantes da Universidade Federal Rural de Pernambuco, na sexta-feira 5 de setembro de 1975, às 21 horas, agora ocupando a casa de espetáculos Nosso Teatro (que em 1977, com a morte do seu mentor, seria rebatizada de Teatro Valdemar de Oliveira), servindo como pré-estreia para o evento que viria a seguir, naquele mesmo palco, o I Festival Estadual de Teatro Amador de Pernambuco, de 8 a 16 de setembro de 1975. Nas duas ocasiões, a peça finalmente já havia sido liberada pela Censura para maiores de 14 anos.

Com isso, o termo “vencedora” cabe bem à obra porque por três vezes ela ganhou destaque. Tudo começou porque a Fenata - Federação Nacional de Teatro Amador, como órgão aglutinador e representativo da categoria, resolveu criar o Festival Brasileiro de Teatro Amador, mas os espetáculos participantes precisavam passar por uma triagem progressiva, inicialmente pelas federações estaduais, entidades autônomas filiadas à instituição, e depois em cada uma das sete coordenações regionais. No Recife, *O Sol Feriu a Terra e a Chaga se Alastrou* participou primeiramente do I Festival Estadual de Teatro Amador de Pernambuco, na noite do domingo 14 de setembro de 1975, às 21 horas, no palco do Nosso Teatro, competindo com nove outros espetáculos locais.



O Sol Feriu a Terra e a Chaga se Alastrou ou Os Martírios de Jorge e Rosinha (1975), pelo Grupo de Cultura Teatral
 Texto e direção: Vital Santos
 Fotos: Acervo CEDOC Funarte

E eram fortes os concorrentes, como *Cancão de Fogo*, do Teatro Novo Tempo; *A Barca d'Ajuda*, do Tucap; *O Pássaro Encantado da Gruta do Ubajara*, do Grupo de Teatro Vivencial; e *As Preciosas Ridículas*, do Teatro Ambiente do MAC. O resultado, pelo menos na opinião do crítico Tonico Aguiar, que mantinha a coluna *Teatro no Jornal do Commercio*, não parecia ser muito promissor à equipe caruaruense e o seu “teatro de feira”, que nada mais era do que uma forma simplificada de se fazer teatro:

O Sol Feriu a Terra e a Chaga se Alastrou talvez tenha recebido votação tão maciça por ter sido verdadeiramente de todos os grupos o que conseguiu aproximar mais a realização da proposição. Na maioria dos casos, o excesso de confiança traiu o trabalho e distanciou o sonho do resultado. Um texto forte, embora à parte um outro símbolo, não trouxe novidades, igualmente à encenação despojada, à busca de um “teatro de feira” como propôs seu autor/diretor Vital Santos. Da proposta do trabalho, tornam-se aceitos os figurinos e cenários e chega-se até a admirar o antigo e desgastado Carcará na abertura. Alguns atores fracos, compensados pelos atores que interpretam os papéis básicos, conseguiram, juntamente com estes, dar força no palco (favorecidos, inclusive, pela quantidade) e levar a montagem aos seus reais propósitos, criando momentos de muita garra que conduziram às últimas consequências a montagem. A música desfavorecida por um (sic) violão oculto, inaudível, não pôde contribuir como deveria, chegando inclusive a quebrar em alguns momentos o próprio andamento da peça, pois sem que se ouvisse o violão (sic), até os próprios atores “atravessavam”. O segredo deste espetáculo é a unidade que consegue em seus elementos, a firmeza de propósito, a condução de uma ideia serenamente, os momentos de garra e a ironia que marcam todo o seu transcurso. (AGUIAR, *Jornal do Commercio*, 28 set. 1975, p. 3)

Outro comentário, desta vez do jornalista Roberto Borges, foi mais efusivo: “No festival de teatro realizado no início do mês, a peça *O Sol Feriu a Terra e a Chaga se Alastrou*, de Vital Santos, fez flutuar um ar de vanguarda em favor de um teatro popular” (BORGES, *Júnior - Suplemento Infantil do Diario de Pernambuco*, 27 set. 1975, p. 5). O resultado é que a peça de Vital venceu em Pernambuco e foi concorrer com produções de

outros estados do Nordeste, em Campina Grande/PB. Infelizmente, como as disputas se mostraram ainda mais acirradas na fase regional, Vital Santos ganhou enorme vaia ao vencer a competição:

Embora tenha sido escolhido como vencedor, o representante do espetáculo premiado, Vital Santos, sofreu forte rejeição do público no momento de receber sua premiação. Segundo notícia publicada no jornal *Diário da Borborema*, alguns participantes queriam impugnar a eleição porque o diretor foi acusado de persuadir os integrantes dos outros grupos a votarem no seu espetáculo, oferecendo seu voto em troca. Vital Santos, de Caruaru, que obteve o 1º lugar, foi a pessoa mais vaiada da noite de domingo último, tendo levado até o nome de “palhaço”. Irritado, Vital tentou falar, mas os gritos eram mais fortes que sua voz. Foi preciso a interferência de Paschoal Carlos Magno, que pediu respeito para as pessoas presentes à mesa, que eram, o prefeito Evaldo Cruz, Eneida Maracajá, Isaac Gondim Filho e o secretário de Educação e Cultura, Pe. Genival Saraiva. Quando o autor caruaruense conseguiu falar, disse: “Num país onde é tão difícil fazer arte, ser vaiado por vocês é uma glória (ou coisa que o valha)”. (*Diário da Borborema*, out. 1975, p. 3)

Na capital pernambucana, o crítico Celso Marconi, do *Jornal do Commercio*, festejou a conquista:

Com essa vitória em Campina Grande se dá mais afirmação do teatro que está sendo feito em Caruaru por Vital Santos e seu grupo, o que demonstra a possibilidade de se fazer um bom teatro, contando como fundamental o sentido de criatividade. Porque as dificuldades enfrentadas pelo grupo são, como todos sabem, realmente muito grandes. (MARCONI, *Jornal do Commercio*, 21 out. 1975. p. 6)

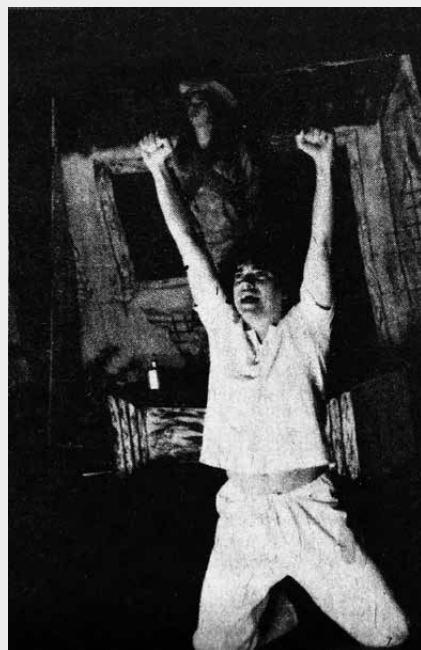
TRÊS VEZES CAMPEÃ

Independente das polêmicas levantadas, *O Sol Feriu a Terra e a Chaga se Alastrou*, por consagrar-se tanto no Recife quanto em Campina Grande, passou a ser a representante da 3ª Coordenação Regional da Fenata (Paraíba,

Pernambuco, Sergipe, Alagoas e Bahia), indo a Fortaleza numa mostra nacional da Fenata junto a outras montagens também selecionadas após as duas primeiras etapas. Foram elas: *Cobra Norato*, de Raul Bopp, com direção de Cláudio Barradas, pelo elenco da Escola de Teatro da Universidade Federal do Pará; *Tempo de Espera*, roteiro e direção de Aldo Leite, pelo Grupo Mutirão, do Maranhão; *Pelos Caminhos de Minas*, com texto e direção de Jota Dangelo, pelo O Grupo, de Minas Gerais; *As Aventuras de Ripió Lacraia*, texto de Chico de Assis, com direção de Jonas Bloch, pelo Grupo Tear (Teatro de Arte), de Santo André/SP; *O Vaso Suspirado*, de Francisco Pereira da Silva, com direção de Lauro Nascimento, pelo Grupo Ariano Suassuna, de Brasília/DF; e, como única obra estrangeira, *Os Deuses Riem*, do autor escocês Archibald Joseph Cronin, com direção de Flávio Spindler, pelo Grupo Diocesano, de Lajes/SC.

Todas essas produções acabaram premiadas com 30 mil cruzeiros para fazerem 20 vinte apresentações em suas regiões de origem. Em Caruaru, a presença do Grupo de Cultura Teatral era tão forte que, prestes a viajar ao Ceará, o vereador Fernando Soares, do MDB, levou à Câmara Municipal uma solicitação para que a casa onde nasceu o saudoso escritor José Condé, na rua Mestre Pedro, fosse transformada na sede do conjunto, mas a ideia ficou só no desejo. Com a realização da programação nacional da Fenata em Fortaleza, de 8 a 15 de novembro de 1975, pretendia-se “uma amostragem significativa, e valorativa, do teatro que se realizava nas diferentes regiões do país – razão pela qual tinha sido convidado grande números de críticos e jornalistas”, tudo partindo da premissa de que “Todo pensador autêntico vê sempre o mundo a partir de sua realidade nacional” (KÜHNER, 1987, p. 70).

A coordenação geral era dos teatrólogos Haroldo Serra e Maria Helena Kühner. Dos críticos participantes estiveram Yan Michalski, do Rio de Janeiro; e Ilka Marinho Zanotto, Jefferson Del Rios e Clóvis Levi, de São Paulo, além do produtor e diretor Léo Jusi, do ator Othon Bastos,



O Sol Feriu a Terra e a Chaga se Alastrou ou Os Martírios de Jorge e Rosinha (1975), pelo Grupo de Cultura Teatral
Foto: Acervo Vanguarda

do embaixador Paschoal Carlos Magno e dos jornalistas Antonio Hohlfeldt, repórter do *Correio do Povo*, de Porto Alegre/RS, e Aramis Millarch, de *O Estado do Maranhão*. De Pernambuco, apenas Celso Marconi, do *Jornal do Commercio*, marcou presença. Das sete coordenações regionais existentes na Fenata, três não participaram, afastando-se voluntariamente ou sem indicação de finalista que representasse a região. Mas o evento, que contou com cursos de dicção e empostação, iluminação e interpretação, além de debates acalorados e reclamações pelo preço dos ingressos, não transcorreu em calmaria, pois houve até um mandado de segurança impetrado por Jório Nerthal, do Grupo Quintal, do Ceará, insatisfeito com os selecionados.

A confusão foi tanta que, ao final, o Conselho Diretor da Fenata manifestou-se contrário à realização de festivais de qualquer natureza e em qualquer nível, assim como das mostras de espetáculos, se fosse necessário qualquer tipo de processo seletivo. A defesa era de que o espírito competitivo dos festivais, “desagregante”, era contrário à própria natureza do regime de criação teatral, coletivo e feito em equipe. A assembleia geral realizada na capital cearense aprovou o documento, contestado unicamente por Orlando Miranda, diretor do Serviço Nacional de Teatro – SNT, entidade patrocinadora do evento junto ao Ministério da Educação e Cultura – MEC e Secretaria de Cultura do Estado do Ceará. Como convidado especial do Festival Brasileiro de Teatro Amador, o ator Walmor Chagas abriu a programação com *Os Portugueses*, coletânea de textos poéticos lusitanos dirigida por Luiz Carlos Maciel.

A seguir, vieram os espetáculos selecionados de cada coordenação regional. O Grupo de Cultura Teatral, entretanto, teve problemas para apresentar o seu trabalho como queria, no dia 11 de novembro de 1975, no Theatro José de Alencar, pois dois integrantes não puderam viajar, Rui Rosal Filho e Rocir Santiago, proibidos de faltar a seus empregos em Caruaru. Com Vital em desespero pouco antes da récita, a própria equipe se dispôs a remanejar intérpretes às suas personagens. Improvisou, mas o resultado foi excelente, pelo menos na opinião do repórter do jornal *Tribuna do Ceará*: “Das peças mostradas, a que mais agradou foi a do grupo de Caruaru, *O Sol Feriu a Terra...* O trabalho tem inspiração de cordel e temas regionais como Lampião e Padre Cícero. Até folheto foi distribuído na entrada” (MANDADO..., *Tribuna do Ceará*, 14 nov. 1975, p. 12). Pouco depois de sua exibição, além de confirmar que estava dando continuidade às pesquisas iniciadas por Hermilo

Borba Filho na perspectiva de unir o teatro à cultura popular nordestina, Vital Santos deu algumas declarações bombásticas à imprensa:

No momento, ninguém faz nada de novo no Teatro Nacional. Apenas a linguagem é que está sendo transformada. Ninguém sabe qual é o verdadeiro caminho do Teatro, pois vivemos num mundo de contradições. Sei apenas que o teatro que escrevo e que represento está dentro da cultura nacional. Se tiver de surgir algum caminho para o teatro brasileiro, será a partir do teatro popular. É uma linguagem de raízes e conotações bem brasileiras. (CULTURA..., *O Povo*, 13 nov. 1975, p. 15)

O fato é que, mesmo sem haver um prêmio oficial, já que a última etapa do Festival Brasileiro de Teatro Amador era uma mostra não-competitiva, a montagem do Grupo de Cultura Teatral foi considerada, se não a melhor, uma das mais elogiadas propostas cênicas apresentadas naquela programação. O crítico Yan Michalski, por exemplo, gostou bastante do que viu:

O Sol Feriu a Terra e a Chaga Se Alastrou, texto e encenação de Vital Santos, pelo Teatro Cultura (sic) de Caruaru, fez subir bruscamente o nível artístico e emocional do Festival Brasileiro de Teatro Amador, promovido pela Federação Nacional de Teatro Amador. Emocional, porque dois atores esperados num avião que chegaria pouco antes do início do espetáculo acabaram não vindo, e o grupo assumiu o corajoso desafio de apresentar-se assim mesmo. Artístico, porque o espetáculo veio comprovar a verdade de que os amadores conseguem superar o seu despreparo técnico e informativo quando falam dos problemas do seu dia-a-dia, numa linguagem que lhes é familiar. A peça, sem ser propriamente literatura de cordel, usa uma versificação e uma fantasia poética próximas do cordel, para contar a singela história de um grupo de retirantes que interrompem sua caminhada para fundar a sua cidade-paráíso, que acaba arrasada pelas forças marginais da região, as quais, por sua vez, terminam por se dilacerar entre elas. A encenação é tocantemente simples, sem folclorismos inúteis, projetada para o coração de cada espectador pela carga de verdade que os jovens de Caruaru colocam em tudo que cantam, dizem e fazem. Uma dosagem mais seletiva das ênfases tornaria o espetáculo menos caótico; mas a sua generosidade é comovente. (MICHALSKI, *Jornal do Brasil*, 18 nov. 1975, p. 1)



O Sol Feriu a Terra e a Chaga se Alastrou ou Os Martírios de Jorge e Rosinha (1975), pelo Grupo de Cultura Teatral
 Texto e direção: Vital Santos
 Fotos: Acervo CEDOC Funarte

DIVULGANDO QUE A TERRA É DO POVO

Após a ótima repercussão no Festival Brasileiro de Teatro Amador, saíram notícias de que o espetáculo participaria do 2º Festival Internacional de Teatro do Terceiro Mundo, a ser realizado em Caracas, na Venezuela, mas nada se confirmou. O clima no relacionamento interno da turma, ao que tudo indica, não era nada bom: “O atual presidente do GCT, ator Roberval Veloso, e o teatrólogo Vital Santos fizeram as pazes, beneficiando assim o conjunto caruaruense [...]”. (CARUARU..., *Vanguarda*, 9 nov. 1975, p. 1). Aparentemente refeito de intrigas internas, o grupo parece que só foi mesmo ao Festival de Artes, de Areia/PB, em fevereiro de 1976. E até a promessa de parceria de financiamento da peça junto ao MOBRAL - Movimento Brasileiro de Alfabetização, que a levaria para dezenas de outros lugares, foi assinada para *Solte o Boi na Rua*, nova montagem que passou a ser a atenção de Vital e o seu Grupo de Cultura Teatral.

A continuidade mais real se deu nas páginas da *Revista de Teatro SBAT*, já que *O Sol Feriu a Terra e a Chaga se Alastrou ou Os Martírios de Jorge e Rosinha* foi o primeiro texto de Vital Santos publicado pela Sociedade Brasileira de Autores Teatrais, na edição nº 419, tornando-se a 418ª peça da série de originais brasileiros que a instituição divulgava para todo o país. Ali, o autor a classificou como uma fantasia mágica musical de cores nordestinas, “feita para ser representada debaixo de muitas nuvens, perto de muitas árvores e junto de muitas pedras” (SANTOS, *Revista de Teatro SBAT*, set./out. 1977, p. 48), talvez numa idealização de poder chegar aos mais recônditos e simples lugares deste país. E justificando o porquê de realizar um teatro chamado popular, Vital Santos escancarou:

Num momento em que a maioria dos palcos brasileiros está cheia de espetáculos água com açúcar, com um amargo sabor de comodismo, recheados de luz e som, como um imenso pudim hollywoodiano para iludir os olhos do público, sentimos cada vez mais a necessidade de lutar, lutar no sentido de realizar um teatro mais coerente com a nossa realidade, um teatro popular, despojado desses falsos valores que nada têm a ver com o nosso povo e com a nossa cultura. O grande problema do ator brasileiro sempre foi a sobrevivência, o ganhador, ele mais que ninguém está identificado com o artista de

“circo tomara que não chova”, sem muita técnica, porém com uma força de vontade que chega a nos emocionar, pela clareza e pelo realismo de sua vontade. Em nossa “troupe” não existem astros nem estrelas, somente gente de teatro, ou de circo, gente que canta sem ser cantor, que dança sem ser dançarino, que fala porque não é mudo, que representa porque tem fé no ato e na ação, e é esta fé que lhe dá a certeza de que qualquer falha que possa vir a acontecer será apagada pela seriedade, pelo respeito e pela lucidez que deposita ao trabalho, sem a pretensão de iludir ou divertir o público gratuitamente. (SANTOS, *Revista de Teatro SBAT*, set./out. 1977, p. 49-50)

Vale reproduzir ainda como Vital Santos foi apresentado nessa publicação da SBAT. Além de reforçar que ele era um dos continuadores do trabalho de Hermilo Borba Filho no Teatro Popular do Nordeste - TPN, grupo que defendeu um estilo nordestino de representação em todos os seus aspectos, da dramaturgia à atuação e elementos de composição da cena, a revista reproduziu uma máxima que o nosso homenageado costumava lembrar, a de que cursava uma das maiores escolas de arte do Brasil, o próprio Nordeste:

Vital Santos, 28 anos (sic, pois ele já tinha 31 anos), autor, diretor e pesquisador de Teatro popular. Tem vários ensaios publicados sobre a cultura popular do Nordeste. Segundo Yan Michalski, é um homem de teatro completo, seu trabalho é considerado pela crítica como um dos mais sérios do país, pela contribuição prestada à dramaturgia nacional. Tem vários textos premiados e publicados, alguns já montados no exterior (sic) como foi o caso de *Rua do Lixo*, 24 e *O Demônio Está de Branco*. Ganhador de diversos festivais nacionais de Teatro. O mais importante na carreira do jovem dramaturgo é ter conseguido projeção nacional sem abandonar suas raízes, a região nordestina, isso graças à seriedade do seu trabalho. Vive e mora hoje em Caruaru, interior de Pernambuco, onde realiza juntamente com seu grupo, Grupo Feira de Teatro Popular, um trabalho voltado à tradição e aos valores da cultura popular do Nordeste. Utilizando como aproveitamento para o seu trabalho, as manifestações do povo no bumba meu boi, no mamulengo, no pastoril, no cordel e nas cantigas de viola. Apaixonado pelo trabalho de Hermilo Borba Filho, iniciou

no teatro usando as mesmas características do mestre, a fisionomia e o espírito dos folguedos populares. Autor de quatorze peças, representadas em quase todo o Brasil por grupos profissionais e amadores, Vital Santos nunca se deixou levar pelo encantamento profissional do Sul do país, embora vários convites, continua morando em Caruaru, onde segundo ele, cursa uma das maiores escolas de arte do Brasil, o Nordeste. (VITAL..., *Revista de Teatro SBAT*, set./out. 1977, p. 49)

Ainda em 1975, no ano de seu lançamento, importante destacar que *O Sol Feriu a Terra e a Chaga se Alastrou* teve uma de suas cenas registrada nas páginas da importante publicação de esquerda *Movimento*, de São Paulo, que se afirmava como um “jornal democrático” e tinha Flávio Aguiar na editoria de Cultura e Fernando Peixoto como um de seus editores-assistentes. Ainda no Conselho Editorial, nomes como Hermilo Borba Filho, Chico Buarque de Hollanda, Orlando Villas-Bôas e Fernando Henrique Cardoso. Eis um trecho da edição de nº 21, na seção “Estórias Brasileiras”:

A cena selecionada por *Movimento* representa a chegada dos retirantes à sua “Terra Santa”, tratada, de acordo com a tradição do teatro e da literatura populares do Nordeste, em termos de uma utopia onde se evocam imagens de um paraíso que, a um tempo, permanece “perdido” no passado e anuncia um “ponto de chegada” à frente. Numa visão ingênua, desaparecem, como por encanto, as contradições do mundo presente, e suas dificuldades; a peça, em certos aspectos, lembra as antigas tradições do “milagre” medieval. Mas está voltada para a análise da realidade de hoje. (O SOL..., *Movimento*, 24 nov. 1975, p. 20)

Por sinal, Vital Santos já havia sido lembrado antes pela mesma *Movimento*, na edição de 8 de setembro de 1975, nº 10, numa entrevista do ator e produtor Othon Bastos ao jornalista Flávio Aguiar, lembrando a turnê que fez ao Nordeste com a peça de Gianfrancesco Guarnieri e Augusto Boal, *Um Grito Parado no Ar*, naquele ano de 1975. Ele deve ter visto alguma exibição, ou talvez ensaio, de *O Sol Feriu a Terra e a Chaga se Alastrou*, tanto que comentou:



O Sol Feriu a Terra e a Chaga se Alastrou ou Os Martírios de Jorge e Rosinha (1975), pelo Grupo de Cultura Teatral
 Texto e direção: Vital Santos
 Fotos: Acervo Vital Santos

O público nos surpreendeu muito. Caruaru – lugar daquela famosa feira do sertão (sic) – merece um capítulo à parte. Caruaru é uma cidade fora do circuito normal das cidades grandes. Para surpresa nossa, encontramos lá um teatro regional muito vivo, uma espécie de teatro de cordel, com elementos de literatura popular, dirigido por um sujeito chamado Vital Santos. Lá encena-se uma peça atrás da outra, baseadas todas na tradição e nos acontecimentos cotidianos da região. A sensibilidade da plateia nos surpreendeu. (*Apud* AGUIAR, *Movimento*, 8 set. 1975, p. 19)

Em julho de 1976, quando já não mais existia, a montagem do Grupo de Cultura Teatral ganhou o Troféu Espontâneo “Clênio Wanderley” 75/76 de melhor espetáculo teatral pernambucano entre os anos 1975 e início de 1976. A premiação, que já estava no seu terceiro ano, havia sido instituída desde junho de 1974, com medalhas e placas aos melhores da arte teatral de 1973 e 1974, pelo grupo Teatro Espontâneo do Recife, dirigido por Carlos Macedo. *O Sol Feriu a Terra e a Chaga se Alastrou*, do caruaruense Vital Santos, também foi escolhida pela crítica teatral do Recife como a melhor peça exibida em Pernambuco naquele ano de 1975.

A CENSURA E OUTRAS MONTAGENS

No acervo do extinto Serviço de Censura de Diversões Públicas do Estado do Rio de Janeiro há um pedido para que o Grupo de Teatro Universitário da Fundação Técnica Educacional Souza Marques pudesse, na 1ª quinzena de outubro de 1978, apresentar *Os Martírios de Jorge e Rosinha*. Eles optaram por adotar o subtítulo da obra, dirigida por Mário Sousa. De acordo com o Certificado Nº 5969 (O SOL..., 1978), a peça foi liberada primeiramente para maiores de 14 anos, mas com cortes nas folhas 60, 65 e 66, exatamente nas seguintes falas do cangaceiro Brilhantina: “Quem foi esse filho da puta *qui* comeu a menina?”, “*Coroné*, pode socar a sua merda no rabo!” e “*Cuma é qui* uma mãe sofre a dor do parto pra vê o fio sê sordado de *puliça*?”. Após muita documentação trocada, com

pareceres de vários censores, em novembro de 1978, a obra foi reavaliada e, agora sem cortes, classificada para maiores de 18 anos.

Mas o ensaio geral à censura, quando os censores poderiam conferir o trabalho no palco – como acontecera com o Grupo de Cultura Teatral pouco antes do I Parangolé Estudantil de Artes –, continuava como determinação imposta para a liberação final. Pelo que pude sondar nos vários jornais cariocas disponíveis na *Hemeroteca Digital Brasileira*, da Biblioteca Nacional, o Grupo Soma de Teatro Universitário apresentou *Os Martírios de Jorge e Rosinha* na I Mostra de Teatro Universitário da SUAM (Sociedade Unificada de Ensino Superior Augusto Motta), no auditório da instituição de ensino, no dia 9 de dezembro de 1978. Não há mais registros de outras exposições. Ainda no Rio de Janeiro, bem antes, o Grupo Chegança, dirigido por Luiz Mendonça, teve que ir ao Serviço de Censura de Diversões Públicas para conseguir a liberação de *O Sol Feriu a Terra e a Chaga se Alastrou*.

Os técnicos do Departamento de Polícia Federal do Ministério da Justiça também reavaliaram os primeiros cortes impostos às falas da personagem Brilhantina. O parecer de Nº 1598/78, expedido por Gabriela Wagner Gomes na data da estreia da montagem, após ela ter acompanhado o último ensaio geral, na tarde do dia anterior, em 18 de maio de 1978, às 16 horas, no Teatro do SESC Tijuca (dá para imaginar a pressão que a equipe sofria prestes a estreitar, correndo o risco de proibição total, para prejuízo da produção, ou veto a determinados trechos), foi favorável à revogação daquelas frases censuradas:

Quanto aos cortes condicionados ao ensaio, consideramos que a apresentação fortemente regionalística, no contexto em que estão colocados, diluem totalmente qualquer impressão de grosseria que porventura pudesse existir. Desta forma sugerimos seja liberado com impropriedade para menores de 14 anos, sem cortes. (GOMES, *O Sol Feriu a Terra e a Chaga se Alastrou* – Parecer Nº 1598/78, Serviço Público Federal, 19 mai. 1978. s. p.)

De acordo com novo documento, de Nº 2694/78, expedido em 4 de outubro de 1978 (talvez frente à necessidade de circulação da peça para outros estados), a censora Mirtes Spitale de Queiroz reforçou que não havia necessidade de cortes na apresentação:

A peça em epígrafe é narrada dentro do gênero fantástico, misturando durante todo o tempo a realidade com as ilusões. O autor descreve a luta dos retirantes nordestinos pela sobrevivência, dentro de um clima bastante místico. Jorge é uma mistura de santo, de salvador e de homem enamorado, lutando contra o poderio econômico do tradicional coronel, pai de sua enamorada. A peça termina com a morte de vários personagens e na transformação desses em figuras místicas. Sugiro a liberação da peça para maiores de 18 anos, condicionando ao exame do ensaio geral. (QUEIROZ, *O Sol Feriu a Terra a Chaga se Alastrou* – Parecer Nº 2694/78, Serviço Público Federal, 4 out. 1978, s. p.)

O Sol Feriu a Terra e a Chaga se Alastrou, na versão do carioca Grupo Chegança, estreou nacionalmente no Recife, após a equipe passar um bom tempo de ensaio trabalhando na Nova Jerusalém, no município de Brejo da Madre de Deus, terra natal do diretor Luiz Mendonça, no Agreste de Pernambuco. A curta temporada no palco do Teatro de Santa Isabel, de 28 a 30 de abril de 1978, devido ao sucesso de público, foi prorrogada por mais um final de semana, de 5 a 7 de maio, sempre às 21 horas, além de uma sessão extra no dia 8 daquele mês. No elenco, Luiz Mendonça (Pai Davi), Fátima Valença (Sinhá Jandira), Eugênio Santos (Jorge das Estrelas), Isa Fernandes (o menino Severino Campo Santo e Caipora), José Rocha (Tio Varamundo e Caipora), Marco Miranda (Príncipe do Juazeiro e Caipora), Everardo Sena (Coronel Zé do Cão), Nádia Carvalho (Rosiinha Lírio Branco), Israel Pinheiro (Capitão Brilhantina) e Helena Rego (Quitéria Papo de Anjo).

Destaco que, além de artistas cariocas e pernambucanos no elenco, havia Israel Pinheiro, que havia feito parte da primeira montagem da obra como músico junto ao Grupo de Cultura Teatral, agora no papel do Capitão Brilhantina. Os cenários e figurinos (costurados por Diva Pacheco) eram de Laerte Thomé, as coreografias de Fábio Coelho e a iluminação e os adereços de Everardo Sena e Israel Pinheiro. As músicas foram criações de Ronaldo Florentino. O crítico Valdi Coutinho, no *Diário de Pernambuco*, deu mais detalhes do como tudo aconteceu:



O Sol Feriu a Terra e a Chaga se Alastrou (1978), pelo
 Grupo Chegança, do Rio de Janeiro
 Texto: Vital Santos. Direção: Luiz Mendonça
 Fotos: Acervo CEDOC Funarte

Toda a equipe que participa dessa montagem esteve trabalhando em Nova Jerusalém durante quase dois meses, objetivando encontrar um clima mais adequado à criatividade coletiva, resultando daí o espetáculo, com todas as soluções voltadas para o encontro com o teatro popular brasileiro. Sobre essa experiência, diz o diretor Luiz Mendonça: [...] “Cremos ser este texto de Vital Santos, *O Sol...*, a peça ideal para essa fase do nosso trabalho. Uma peça que, partindo da realidade crua do camponês brasileiro, tem a visão fantástica-mágica desse mesmo povo, sem rodeios, sem frescuras e utilizando toda a liberdade dos autores de cordel ou mesmo a força e o colorido do bumba-meu-boi e do pastoril. Enfim, um texto aberto, onde tentamos usar toda a nossa força, nossas possibilidades como elementos criadores, seja com atores ou diretores” (COUTINHO, *Diário de Pernambuco*, 28 abr. 1978, p. B-5)

O mesmo crítico soube recomendar o espetáculo logo depois que o assistiu:

Bem dirigido, com a marca desse caruaruense que tem buscado tanto um teatro aproximado da realidade mágica do popular nordestino, o espetáculo possui a força da terra, o brilhantismo do sol, o realismo da chaga, e consegue alastrar suas intenções bem dentro de cada um dos espectadores, de acordo com o que sugere a doce ferida do texto de Vital Santos. O nível de interpretação do elenco está bem harmonioso e equilibrado, satisfazendo ao contexto. Uma encenação mágica porque aproveita o próprio espírito fantástico do povo nordestino, mesmo quando pretende dizer verdades contundentes e abordar valores nem sempre reconhecidos pelos que são “aparentemente” mais fortes. (COUTINHO, *Diário de Pernambuco*, 5 mai. 1978, p. B-5)

Ao final de 1978, Valdi Coutinho listou os principais acontecimentos que ativaram o movimento teatral naquele ano. Em 1º lugar ficou a reabertura do Teatro de Santa Isabel, em fevereiro, após um ano fechado para reforma que custou Cr\$ 6,9 milhões. No 2º lugar, destacou a estreia em caráter nacional de *O Sol Feriu a Terra e a Chaga se Alastrou*, de Vital Santos,

pelo Grupo Chegança, do Rio de Janeiro, sob a direção de Luiz Mendonça, que “contribuiu para valorizar o nosso mercado artístico, num prestígio evidente de nossa praça. Os integrantes do Grupo Chegança passaram quase dois meses em Fazenda Nova e no Recife, em fase de ensaios do espetáculo” (COUTINHO, *Diário de Pernambuco*, 5 jan. 1979, p. C-5).

O MAIS BONITO TÍTULO DA MODERNA DRAMATURGIA BRASILEIRA

Já o lançamento da montagem no Rio de Janeiro, no Teatro do SESC da Tijuca, só aconteceu a partir de 19 de maio de 1978, cumprindo sessões de quarta-feira a domingo, até 2 de julho. Depois ocupou o Teatro Nacional de Comédia, por um mês, entre agosto e setembro. Em outubro, participou da Mostra de Cultura Popular, voltando ao SESC da Tijuca. A peça despertou restrições ao crítico Yan Michalski, que depois de vê-la no Festival Brasileiro de Teatro Amador, em Fortaleza, três anos antes, na versão dirigida pelo próprio autor com o seu Grupo de Cultura Teatral, preferiu esta primeira versão, tanto que escreveu uma das mais belas críticas ao trabalho do nosso homenageado. Eu a registro quase que completa:

Com *O Sol Feriu a Terra e a Chaga se Alastrou*, Vital Santos criou um dos mais bonitos títulos da moderna dramaturgia brasileira. A peça, sem dúvida, não corresponde em qualidade à inspiração da metáfora poética que lhe serve de título: caótica, prolixa, às vezes até mesmo irritante pela ingenuidade e banalidade de muitas das suas falas e situações, ela leva, no entanto, um inconfundível toque de talento e generosidade. E, [...] explorando mais uma vez a já bastante cansada linha da dramaturgia próxima nas convenções formais, na assumida ingenuidade e na fantasia mística da literatura de cordel, Vital Santos enriquece o filão através de um ligeiro enfoque senão erudito, pelo menos sofisticado, sofisticação esta que se manifesta, por um lado, na linguagem poética de algumas falas, mais elaborada do que as imagens verbais tradicionalmente encontradas nesse tipo de literatura popular; por outro lado, e sobretudo, no subtexto político que pode ser detectado por trás dos acontecimentos, embora o autor se abstenha de abordá-lo explicitamente. É claro que no plano explícito também

há um conteúdo sociopolítico nessa história de uma família de camponeses que deixa a sua aldeia de origem, fugindo da fome causada pela seca e pela exploração; encontra, no meio do sertão, um milagroso oásis de fertilidade, onde instala uma utópica comunidade ideal, fraterna e democrática; vê o seu sonho logo desfeito pela brutal interferência dos interesses dos poderosos; poderosos estes que, por sua vez, não tardarão em destruir-se mutuamente, quando as suas respectivas pretensões entrarem em conflito. Até aqui, a ideia permanece num tal plano do óbvio que não teríamos por que dedicarlhe uma atenção especial. O mérito maior de Vital Santos consiste em insinuar com bastante nitidez que não se trata de contar uma historinha banal e óbvia, mas de colocar em discussão, por intermédio da historinha, as próprias estruturas que regem a vida do sertão. Para isso, ele leva para o palco não personagens individualizados, mas arquétipos. Seu *coronel* não é um determinado *coronel*, mas o próprio *coronelismo*; seus *cangaceiros* não são um bando de *cangaceiros*, mas o próprio *cangaceirismo*. Sobretudo, as figuras místicas que participam da ação, tais como as três bruxas que parecem saídas de um *Macbeth* nordestino, são o próprio *misticismo* tão enraizado na alma coletiva da região. A partir deste enfoque, a conclusão que se impõe não é apenas a de que os interesses egoístas de cada grupo social em busca do poder e das posses levam à hecatombe final. É também, indiretamente, a de que a hecatombe e o vazio que a ela sucede resultam da aceitação passiva de valores passados e ultrapassados que constituem um chão inóspito para qualquer ação transformadora. Estas sugestões não chegam a completar-se satisfatoriamente no texto, prejudicadas que ficam pela prolixidade da narrativa e pela ingenuidade idealista com que o autor ataca a sua tarefa. Mas no espetáculo que ele próprio dirigiu com o seu grupo de Caruaru, Vital conseguiu até certo ponto amarrear a sua ideia através da linguagem cênica, *desfoldorizando* em ampla medida os acontecimentos, uniformizando os atores, substituindo a cor local pela sugestão visual de uma coletividade em luta, e não de indivíduos em busca de satisfações pessoais. Já no espetáculo do Grupo Chegança, em cartaz no Teatro do SESC da Tijuca, Luiz Mendonça abordou a peça pelo seu lado mais superficial, imediato e episódico, colocando no palco as surradas convenções da

tipologia nordestina, e dando ênfase máxima à graça avulsa de determinadas caracterizações individuais e determinadas cenas, sem conseguir vinculá-las a uma ideia global que lhes desse uma dimensão mais ampla e um maior poder de impacto. [...] Indo ensaiar *O Sol Feriu a Terra...* no interior de Pernambuco, o Grupo Chegança tentou uma *volta às raízes* da qual seria legítimo esperar, talvez, um resultado mais inovador do que acabou nos sendo mostrado. Nem sequer os problemas de prosódia parecem ter sido equacionados nesse contato com as fontes de inspiração do trabalho, pois a musicalidade nordestina da fala de alguns dos intérpretes continua brigando assumidamente com a pronúncia carioca de outros atores. Ainda assim, o trabalho de Luiz Mendonça merece respeito, pela coerência com que procura ocupar um espaço vazio e importante no panorama teatral carioca. (MICHALSKI, *Jornal do Brasil*, 26 mai. 1978, p. 2)

A crítica do jornal *O Globo*, Tania Pacheco, também na capital carioca, foi mais tocada emocionalmente pelo que viu:

O Sol Feriu a Terra e a Chaga se Alastrou (êta nome expressivo e bonito!) é um espetáculo que tateia a nossa sensibilidade. Uma posição francamente crítica, racional, corre o risco de constituir-se numa barreira: pois é pelo caminho da emoção, do instinto, que a montagem nos envolve a fala, bonita, cuidada, simples, rica e despojada, as músicas sempre se insinuando como o elo de ligação entre a ação dos atores, no palco, e o lado sensível das pessoas na plateia. [...] o texto de Vital Santos é ingênuo. O que não significa, em absoluto, vazio. As histórias são contadas em tom de sonho; as críticas não se aprofundam, são formuladas naquele jeito simples dos cantadores de feiras, muito mais perto do “documento” do repentista que da análise fria do historiador. E a direção de Luiz Mendonça soube captar bem essa atmosfera tão nordestina, na sua essência, construindo um espetáculo que, em vez de “brigar” com a simplicidade do texto, consegue transformá-lo em forma comovente. (PACHECO, *O Globo*, 7 jun. 1978, s. p.)

Um outro comentário no Rio de Janeiro – maldoso, no mínimo – foi registrado sob o título “Fora do contexto”, numa edição da revista *Manchete*,

pelo jornalista Wilson Cunha, como se a obra estivesse deslocada ao ser vista num palco teatral:

“Esta peça foi feita para ser representada debaixo de muitas nuvens, perto de muitas árvores e junto de muitas pedras”, se informa no programa de *O Sol Feriu a Terra e a Chaga se Alastrou*, de Vital Santos. Sei não. Talvez a responsabilidade pelo texto de Santos parecer tão infantil e a encenação de Luiz Mendonça (ou vice-versa) tão primária caiba ao fato de *A Chaga* estar sendo apresentada no Teatro SESC da Tijuca. Ou seja, debaixo de um teto e alguns refletores, perto de muitas poltronas e junto de alguns espectadores... (CUNHA, *Manchete*, 17 jun. 1978, p. 122)

No meio das exposições nos palcos cariocas, o Grupo Chegança foi cumprir temporada em São Paulo, com estreia em 19 de julho de 1978, no Teatro Igreja (Rua Treze de Maio, 830), por pouco mais de um mês, ficando em cartaz até 8 de agosto daquele ano. As sessões aconteciam de quarta a sexta-feira, às 21 horas; sábados, às 20 e 22 horas, e aos domingos, às 18 e 21 horas. Na capital paulistana contaram com a parceria da Oca Teatral para permanecerem em cartaz. Inclusive, a produção foi vencedora na única categoria em que foi indicada ao Prêmio MEC e Trófeu Mambembe de 1978, como melhor figurinista (Laerte Thomé).

Por sinal, quando a *Revista de Teatro SBAT* publicou o texto da peça e a divulgou para todo o país, ainda em 1977, foi Luiz Mendonça quem escreveu por lá, lembrando o impacto que sentiu ao ver a obra encenada dois anos antes, com o próprio elenco de Vital Santos em apresentação especial na capital cearense:

O I Festival Nacional de Teatro Amador, realizado no Ceará em 1975, mostra o autor e diretor Vital Santos num dos seus trabalhos mais importantes, *O Sol Feriu a Terra e a Chaga se Alastrou*. Está aí uma das peças brasileiras que formalmente se aproxima dos autos medievais, com uma linguagem brasileira e sua fonte nas formas diversas de teatro do povo. A ironia, o lirismo, o cheiro de terra, a verdade crítica das personagens fazem desta peça um dos momentos mais importantes da dramaturgia brasileira. Outra característica forte na



O Sol Feriu a Terra e a Chaga se Alastrou ou Os Martírios de Jorge e Rosinha (1975), pelo Grupo de Cultura Teatral
Texto e direção: Vital Santos
Foto: Acervo Vital Santos

dramaturgia de Vital é o sentido aberto com que são escritos os seus textos, com a consciência que o teatro é um espetáculo e não a obra escrita. (MENDONÇA, *Revista de Teatro SBAT*, set./out. 1977, p. 50)

O Sol Feriu a Terra e a Chaga se Alastrou ganhou sua primeira versão na capital paulistana entre abril e junho de 1979, quando o Grupo de Teatro Amador Wanori, formado por funcionários do Grupo Pão de Açúcar, mas contando com a participação especial da atriz Zélia Silva, cumpriu temporada no Teatro do Grêmio. A direção era de Alexandre Rocha. Pouco antes, em março de 1979, também em São Paulo, Vital Santos já havia dirigido o show *Pilogamia do Baião*, com o grupo musical Quinteto Violado, em cartaz no Teatro Pixinguinha, no mesmo ano em que sua peça ganhou versão em terras mineiras, na cidade de Juiz de Fora, pelo Grupo Magister de Teatro, com o título e o subtítulo sendo divulgado. José Luiz Ribeiro assumiu tudo: direção, cenário, figurinos, música e iluminação. Não encontrei registros de outras encenações da obra desde então.

REFERÊNCIAS:

- AARÃO, Pedro. **Entrevista** concedida em 15 jun. 2025 a Leidson Ferraz por telefone.
- AGUIAR, Flávio. O Grito não para. **Movimento**. Nº 10. São Paulo, 8 set. 1975. p. 19.
- AGUIAR, Tonico. ...E a chaga se alastrou... **Jornal do Commercio**. Recife, 29 jun. 1975. Caderno IV/Teatro. p. 3.
- AGUIAR, Tonico. Classificação. **Jornal do Commercio**. Recife, 28 set. 1975. Caderno IV/Teatro. p. 3.
- BORGES, Roberto. Isso flutua no ar. **Júnior - Suplemento Infantil do Diário de Pernambuco**. Recife, 27 set. 1975. Recado. p. 5.
- BRITO, Gilberto. **Entrevista** concedida em 15 jun. 2025 a Leidson Ferraz por telefone.
- CARUARU a um passo da conquista do certame nacional do Teatro Amador. **Vanguarda**. Caruaru, 9 nov. 1975. p. 1.
- COUTINHO, Valdi. “O Sol” faz sua estreia no Teatro de Santa Isabel. **Diário de Pernambuco**. Recife, 28 abr. 1978. Viver/Diversões/Cena Aberta. p. B-5.
- COUTINHO, Valdi. Um espetáculo mágico como a nossa realidade. **Diário de Pernambuco**. Recife, 5 mai. 1978. Viver/Diversões/Cena Aberta. p. B-5.
- COUTINHO, Valdi. Os principais fatos que ativaram nosso movimento. **Diário de Pernambuco**. Recife, 5 mai. 1979. Viver/Diversões/Cena Aberta. p. C-5.
- CULTURA popular, a saída para o teatro. **O Povo**. Fortaleza, 13 nov. 1975. Cultura. p. 15.
- CUNHA, Wilson. Fora do contexto. **Manchete**. Nº 1365. Rio de Janeiro, 17 jun. 1978. Leitura Dinâmica/Teatro. p. 122.
- GOMES, Gabriela Wagner. O Sol Feriu a Terra a Chaga se Alastrou - Parecer Nº 1598/78. **Serviço Público Federal**. Rio de Janeiro, 19 mai. 1978. s. p.
- KÜHNER, Maria Helena. **Teatro Amador**: radiografia de uma realidade (1974-1986). Rio de Janeiro: Ministério da Cultura/Instituto Nacional de Artes Cênicas - INACEN, 1987.
- MANDADO de Segurança para suspender Festival Amador. **Tribuna do Ceará**. Fortaleza, 14 nov. 1975. s. p.
- MARCONI, Celso. “Caruaru no Festival Nacional”. **Jornal do Commercio**. Recife, 21 out. 1975. Caderno II. p. 6.
- MENDONÇA, Luiz. Vital Santos. **Revista de Teatro SBAT**. Nº 419. Rio de Janeiro, set./out., 1977. p. 50.

MICHALSKI, YAN. O vício da competição num festival sem prêmios. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 18 nov. 1975. Caderno B. p. 1.

MICHALSKI, Yan. Mitos e utopias na Terra do Sol. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 26 mai. 1978. Caderno B/Teatro. p. 2.

O SOL Feriu a Terra e a Chaga se Alastrou. **Movimento**. Nº 21. São Paulo, 24 nov. 1975. Estórias Brasileiras. p. 20.

O SOL Feriu a Terra e a Chaga se Alastrou - Certificado Nº 5969. **Serviço de Censura de Diversões Públicas do Estado do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, 1978. Série: Serviço de Censura (Censura prévia). Subsérie: peças teatrais. 133 folhas.

O TRABALHADOR rural. **Movimento**. Nº 8. São Paulo, 25 ago. 1975. p. 8.

PACHECO, Tania. “O Sol Feriu a Terra”: singela, mas eficaz. **O Globo**. Rio de Janeiro, 7 jun. 1978. Teatro/Crítica. s. p.

PEIXOTO, Fernando. **Jornal Movimento**. Set. 1975. s. p. (recorte sem título encontrado no acervo de Vital Santos)

QUEIROZ, Mirtes Spitalé. O Sol Feriu a Terra a Chaga se Alastrou – Parecer Nº 2694/78. **Serviço Público Federal**. Rio de Janeiro, 4 out. 1978. s. p.

SANTOS, Vital. Por um Teatro de Feira. **O Sol Feriu a Terra e a Chaga se Alastrou** [Programa]. Caruaru, 1975.

SANTOS, Vital. “Teatro popular por que?”. **Revista de Teatro SBAT**. Nº 419. Rio de Janeiro, set./out., 1977. p. 49-50.

VITAL Santos - Biografia. **Revista de Teatro SBAT**. Nº 419. Rio de Janeiro, set./out., 1977. p. 49.

VITAL Santos e o Grupo de Cultura Teatral se exibirão no Ceará em busca de um novo troféu. **Vanguarda**. Caruaru, 26 out. 1975. p. 1.

O SOL FERIU A TERRA E A CHAGA SE ALASTROU

ou Os Martírios de Jorge e Rosinha

De: Vital Santos

.....

Personagens: Famílias de Retirantes, Pai Davi, Sinhá Jandira,
Jorge das Estrelas, Severino Campo Santo, Tio Varamundo,
Príncipe do Juazeiro, Retirante 1, 2, 3, 4 e 5, Coronel Zé do Cão,
Rosinha Lírio Branco, Capitão Brilhantina, Quitéria Papo de Anjo,
Os Cangaceiros Vermelhos (entre eles, Zé Pretim, Banda Solta e Tonhão),
Caipora 1 (transforma-se em Bispo), Caipora 2 (transforma-se em Padre 2)
e Caipora 3 (transforma-se em Padre 1).

ATO ÚNICO

A FAMÍLIA – Um dia ... um dia por ordem do Coronel Zé do Cão, Pai Davi bate o pé na estrada, carregando sua família. Vai no destino de Juazeiro, onde segundo Jorge, o filho mais velho, o príncipe de lá é milagroso. (*cantando*) O sol feriu a terra / e a chaga se alastrou / retirante sobe a serra / deixa tudo que plantou / vai enfrentar outra guerra / em terras que não lavrou / é preciso ter coragem / no percurso da viagem / pra tristeza suportar / muito temos que contar / a miséria, hoje, é vantagem / para os donos do lugar / passa cerca, passa mata / o chão queima a alpargata / e essas terras não tem fim / se bate o pé, desacata / o dono vai achar ruim / basta ver neste semblante / o tamanho desatino / a desgraça é retirante / que caminha sem destino / feito um pássaro errante / neste inferno nordestino!

Rosinha Lírio Branco. Rosinha, parada em cima de uma pedra, de olhos fitos nos retirantes que passam, tristes, cantando uma canção mais triste ainda.

ROSINHA – Quase morri de medo. . . é uma gente magra, feia, suja. Se eu não os conhecesse era capaz de sair correndo assombrada pensando que fossem almas penadas fazendo assombração. Meu Deus! Quanta tristeza eles levam consigo!

FAMÍLIAS DE RETIRANTES (*cantando*) – ...Retirante sobe a serra / deixa tudo que plantou...

ROSINHA – E essa música, é penosa. Parece mais o canto do Assum Preto nas noites de lua cheia. Por que será que estão indo? Por que deixam as terras do sertão?

FAMÍLIAS DE RETIRANTES (*cantando*) – Basta ver neste semblante / o tamanho desatino.

Severino Campo Santo, irmão mais novo de Jorge, esquece a música por um minuto, sente pena de Rosinha.

SEVERINO – Pai, bem que Rosinha podia ir com a gente!

PAI DAVI – Não! Não dá certo não.

SEVERINO – Mas ela é tão boazinha.

PAI DAVI – É filha do Coronel Zé do Cão.

SEVERINO – Pai, olhe Jorge ali!

PAI DAVI – Jorge, meu filho, não se demore!

Jorge e Rosinha. Ele surge por trás.

ROSINHA – Jorge!

JORGE – Rosinha...

Olham-se demoradamente. Dão-se as mãos, rodam, não querendo admitir a despedida.

ROSINHA – Jorge, diga que é um sonho, que tudo não passa de um pesadelo!

JORGE – É real, Rosinha, tudo é real.

ROSINHA – Eu não entendo. Por que eles estão indo embora?

JORGE – Nos expulsaram das terras.

ROSINHA – Expulsaram? Por qual razão?

JORGE – Muitas. A estiagem, a falta de alimentos... O Coronel falou que se não chover daqui pra Sant'Ana o gado vai morrer de sede.

ROSINHA – Mas o meu pai não podia fazer isso. É desumano!

JORGE – Não, Rosa, não foi ele quem nos expulsou. Foi um senhor mais poderoso.

ROSINHA – Ora, Jorge! Fora o meu pai quem por aqui...

JORGE – O sol.

ROSINHA – Jorge! O sol é sagrado.

JORGE – É não, Rosa.

ROSINHA – É Jorge, ele pertence a Deus. Está no céu.

JORGE – Nós também pertencemos e ele, Rosa.

ROSINHA – Jorge, você está blasfemando! Nós somos pecadores.

JORGE – Pra que pecado maior do que a seca, Rosa? Ela destrói tudo. As criaturas, os pássaros, os alimentos.

ROSINHA – Os açudes estão com água, Jorge. Não há pra que se alarmar. Toda noite o relâmpago tá cobrindo a cabeceira do rio. Vai chover logo, Deus é grande!

JORGE – A água que tem não dá nem pra o *meiado* do mês.

ROSINHA – Quem disse isso?

JORGE – O Coronel.

ROSINHA – É mentira dele!

JORGE – A palavra dele é uma ordem, Rosa. Temos que obedecer.

ROSINHA – Eu falo com ele, Jorge.

JORGE – Não Rosinha, agora é tarde.

ROSINHA – Jorge!

JORGE (*indo*) – Adeus, Rosinha!

ROSINHA – Jorge!

JORGE – Vem comigo, Rosa.

ROSINHA – Jorge!

JORGE (*seguindo os retirantes*) – Eu te amo, Rosinha!

ROSINHA – Jorge... Fica.

JORGE – Eu vou sentir saudade, Rosinha!

ROSINHA – Jorge, pelo amor de Deus!

O Príncipe do Juazeiro. Jorge aproxima-se dos retirantes ou a música triste deles vem ao seu encontro. Já cansados de caminhar, param pra descansar e adormecer. Jorge olha demoradamente os retirantes dormindo amontoados feito animais. Surge uma luz. É o Príncipe do Juazeiro que aparece.

JORGE – Príncipe! Eu pensei que o senhor tivesse nos esquecido!

PRÍNCIPE – Jorge, meu filho, como eu poderia esquecer?

JORGE – Príncipe, perdoai-nos. Tivemos que partir.

PRÍNCIPE – Eu sei meu filho, foi por isso que vim ao seu encontro. Infelizmente não pude vir quando vocês me chamaram. Estava atendendo outros mais necessitados. Os coitados do Caldeirão, de Águas Belas, de Cajazeiras, isso sem contar a multidão que já chegou no Juazeiro. São muitos, meu filho. O Sertão todo está nesta situação.

JORGE – Eu sabia que o senhor não ia esquecer a gente.

PRÍNCIPE – Ora, meu filho! Que ideia! Eu nunca esqueço os que chamam por mim.

JORGE – E então, Príncipe?

PRÍNCIPE – Filho, eu sei que vocês estão indo para o Juazeiro. Eu não poderia nunca permitir uma coisa dessas. Só eu e o Pai Divino é que sabemos como está a situação. São quase dois mil romeiros desamparados. A cidade está invadida de penitentes. Eu não tenho onde colocar mais gente. A igreja está cheia, as calçadas todas tomadas, é homem, mulher, menino, todos expostos ao sol e à fome. É uma calamidade, meu filho. E chegando mais ainda! (*pausa*) Jorge, vou lhe dar um conselho: não saia daqui. Plante a sua alma nessa terra.

JORGE – Não se pode plantar a alma em terra alheia, Príncipe.

PRÍNCIPE – Filho, Deus é grande. Ele dá jeito pra tudo.

JORGE – Acredito, Príncipe.

PRÍNCIPE (desaparecendo) – Coragem filho, coragem.

JORGE – Príncipe! Espere, eu quero me confessar.

PRÍNCIPE – Não precisa, Jorge. Quem vive nessa fornalha paga todas as penitências do corpo. (*desaparece*)

JORGE – Para sempre seja louvado, Príncipe!

PRÍNCIPE (voz) – Amém, meu filho!

O Milagre do Sonho. Jorge não sabe como contar que quando eles acordarem não poderão ficar ali, nem continuar e tampouco voltar. Fica indeciso de contar-lhes tudo. Deixa-os dormindo. Quem sabe um deles esteja sonhando.

JORGE (*canta enquanto os retirantes vão despertando lentamente como se estivessem flutuando*) – Tem sonho que é real / tem realidade que é mentira / tem bem dentro do mal / a gente é que se vira / tem folha de macambira / que serve de travesseiro / tem muito algodão seda / que não é do verdadeiro!

RETIRANTES (*cantando*) – O sonho e a realidade / habitam em nossa mente / um é fruto que consola / e o outro não dá semente / tem sonho bom, sonho mau / tem sonho só de ilusão / tem sonho quase real / que faz bem ao coração!

TODOS (*cantando*) – Mas se o sol está queimando / a sola dos pés da gente / o sonho vai se acabando / fica tristeza somente / pra fugir dessa verdade / construímos nossa lira / onde o sonho na realidade / tem coisa boa e mentira!

As Visões Vão Clareando.

SEVERINO – Ei gente! Uma cacimba de água doce!

RETIRANTE 1 – Onde?

RETIRANTE 2 – Água!

RETIRANTE 3 – Graças!

RETIRANTE 4 – Milagre!

RETIRANTE 5 – Viva!

TIO VARAMUNDO – Vejam como essa terra é macia!

RETIRANTE 2 – Olhem os pássaros!

RETIRANTE 5 – Que pasto verdinho!

RETIRANTE 1 – Vejam que árvore frondosa! (*alegria geral*)

SEVERINO – Pai, veja como aquele marmeleiro é certinho! Faça o meu cavalo de pau.

PAI DAVI – Corte você mesmo, meu filho. Use as mãos!

SINHÁ JANDIRA – O riacho botou uma enchente! Meu Deus, parece mentira! Eu vou rezar um terço para a Virgem dos Milagres!

TIO VARAMUNDO – Jorge, me ajuda aqui! Vamos levantar a nossa casa!

PAI DAVI – Jorge, meu filho, vamos ajudar o seu tio. Severino! Jandira! Chamem todo o pessoal, vamos levantar a casa!

SEVERINO – Ôba, que bom! Vamos morar aqui!

SINHÁ JANDIRA – Olhem um préa!

RETIRANTE 4 – Corram!

RETIRANTE 2 – Peguem!

RETIRANTE 3 – Não deixem ele fugir!

RETIRANTE 5 – Metam o pau!

RETIRANTE 1 – Mata!

JORGE – Parem! Parem! (*cessa o corre-corre*) Façam silêncio, por favor. Eu entendo perfeitamente a reação de vocês, sei como estão se sentindo, mas nós vamos ter tempo demais pra caçar, pescar... Agora é importante que ouçam. Viram como é tão fácil nos tornarmos felizes? (*pega um punhado de terra*) Vejam: esta terra é macia, fértil, dará tudo que plantarmos nela. É terra caída do céu, foi Deus quem mandou pra gente morar, plantar e reproduzir. É terra sagrada, abençoada. Aqui ninguém manda, só Ele. E Ele não ditará normas se soubermos conservá-la e vivermos sobre ela. Portanto, eu quero que vocês compreendam isso. É uma retribuição por este milagroso presente que Ele acaba de nos dar.

PAI DAVI – E principalmente numa hora tão amarga como essa. Eles vão entender, filho, eu tenho certeza.

SINHÁ JANDIRA – Bem, é problema de cada um. Aquele que perder a confiança...

JORGE – Não, mãe, o problema é de todos.

SEVERINO – Jorge pode ficar comandando.

JORGE – Aqui ninguém vai dar ordens a ninguém. São todos livres, cada um tem a liberdade de escolher o seu trabalho segundo a sua vocação.

TIO VARAMUNDO – Muito bem, Jorge. Nada de cativeiro.

JORGE – Aonde não existe opressão, os homens trabalham à vontade.

SEVERINO – Mas assim pode virar anarquia.

PAI DAVI – É, e haver ambição.

SINHÁ JANDIRA – Eu não sei não, Jorge. Mas acho que é melhor prevenir do que remediar.

TIO VARAMUNDO – Será possível que vocês não entendem que a época da escravidão já passou!

SINHÁ JANDIRA – Eles têm razão, Varamundo. A doença vicia o corpo.

TIO VARAMUNDO – Até quando eles vão...

JORGE – Um momento, gente! Nada disso irá acontecer porque aqui ninguém vai trabalhar individualmente. Será um por todos e todos por um. O fruto que a terra der será repartido pra todos, não haverá privilegiados, todos serão iguais, todos terão os mesmos direitos.

SEVERINO – Ah! Assim tá certo.

PAI DAVI – Aí é outra coisa.

SINHÁ JANDIRA – Sendo assim tá bom.

JORGE – Quem de vocês traz dinheiro aí? Aquele que tiver me entregue.

TIO VARAMUNDO – Eu tenho, Jorge. *(entrega)*

SINHÁ JANDIRA – Eu, de minha parte, não tenho. Faz tempo que não pego nessa praga.

PAI DAVI *(entregando)* – Pronto, meu filho, toda nossa fortuna.

JORGE – Não pai, a nossa desgraça. Fortuna acabamos de ganhar. *(corre os olhos pelas terras)* Bem, aqui está o meu. *(junta tudo e queima)*

RETIRANTE 3 – Jorge, você tá louco?

RETIRANTE 1 – Porque você fez isso, menino?

RETIRANTE 4 – Ô desgraça!

RETIRANTE 5 – Jorge, meu filho!

RETIRANTE 2 – E agora?

JORGE – Vocês vão precisar dele pra quê se não vai haver compra, troca, nem venda? Pra que vocês querem dinheiro? Seria uma hipocrisia vivermos nestas terras com dinheiro no bolso! Uma simples moedinha poderá servir de tentação. Aqui tudo será dado, entenderam? Dado, sem pedir nada em troca.

SEVERINO – Ah! Tá tudo liso! Liso! E eu não tô! (*joga uma moeda para cima*) Quem quer?!

JORGE – Severino, me entregue.

SEVERINO – Mas Jorge, deixe eu ficar com ela?

JORGE – Vamos, Severino, me dê.

SEVERINO – É uma pratinha de vinte, Jorge.

JORGE – Me dê isso, Severino.

SEVERINO – Depois você me dá uma de cinquenta?

JORGE – Vamos, rapaz!

SEVERINO – É pra eu brincar, Jorge.

TIO VARAMUNDO – Isso não é coisa de brincadeira, Severino!

PAI DAVI – É, meu filho, Jorge tem razão. (*ele entrega. Jorge joga a moeda distante*)

TIO VARAMUNDO (*tentando convencê-lo*) – Isso, Severino, a gente começa brincando, brincando, aí ela explode feito uma bomba e mata a gente.

JORGE – Bem, acho que vocês entenderam. Agora, ao paraíso! Ao reino encantado! Às terras de. . . de...

RETIRANTE 4 – De?

RETIRANTE 3 – De, Jorge?

RETIRANTE 2 – Como chamá-la, Jorge?

RETIRANTE 5 – E então?

JORGE – É... Vamos sugerir um nome.

RETIRANTE 1 – Milagre!

RETIRANTE 3 – Terra Santa!

RETIRANTE 2 – Harmonia!

RETIRANTE 4 – São Sebastião, que é o nosso padroeiro!

RETIRANTE 5 – Paraíso!

TIO VARAMUNDO – Bem, eu não sei o que vocês acham. Na minha opinião, Terra Santa foi o melhor. Diz tudo.

JORGE – Eu também concordo.

PAI DAVI – E eu também!

RETIRANTE 3 – É!

RETIRANTE 5 – Certo!

PAI DAVI – Alguém discorda? (*silêncio*) Ninguém?

JORGE (*empolgado*) – Então à Terra Santa!

A Construção. Eles não sabem viver sem o trabalho. Agora estão todos contentes e cantam uma canção alegre.

TODOS (*cantando*) – Vamos todos em mutirão / derramar nosso suor / construir de mão em mão / querendo um dia melhor!

JORGE (*cantando*) – Pai, amole o machado / prepare a pá e o facão / quero ver o povo animado / trabalhando na construção / mãe, prepare o pote / vá buscar água pro barro / as ripas e a linha forte / deixe que trago e amarro!

TODOS (*cantando*) – Vamos todos em mutirão / derramar nosso suor / construir de mão em mão / querendo um dia melhor!

TIO VARAMUNDO – Finca a estaca no chão / bate firme, não revira / dá o nó com a *imbira* / joga o barro, passa a mão / vamos botar sem preguiça / do tijolo até a telha / fazendo cal e calça / tudo junta feito abelha!

TODOS (*cantando*) – Vamos todos em mutirão / derramar nosso suor / construir de mão em mão / querendo um dia melhor!

JORGE (*cantando sorridente*) – Tem gente alisando a casa como quem acaricia uma mulher.

PAI DAVI (*cantando*) – Filho, ouça bem o que lhe digo / pegue o facão e vá ligeiro / corte as palhas do coqueiro / como quem corta o inimigo!

JORGE – Pois não, Pai! É comigo!

PAI DAVI (*cantando*) – Com a casa levantada / a gente dentro morando / a família *assossegada* / o tempo vai melhorando!

TODOS (*cantando*) – Vamos todos em mutirão / derramar nosso suor / construir de mão em mão / querendo um dia melhor!

SINHÁ JANDIRA (*cantando*) – É, meu filho, tem gente trabalhando / parece mais um formigueiro!

JORGE (*levantando a cruz*) – Mãe, dê uma mãozinha aqui, vamos fincar o Cruzeiro!

SEVERINO (*com uma gaiola*) – Pai! Pai!

PAI DAVI – O que é, menino?

SEVERINO – Peguei um passarinho!

PAI DAVI – Vai, Severino. Vai!

TODOS (*cantando*) – Vamos todos em mutirão / derramar nosso suor / construir de mão em mão / querendo um dia melhor!

TIO VARAMUNDO (*com as palhas do coqueiro, cantando*) – Severino, joga uma de lá / que eu jogo outra de cá / deixe as folhas amarradas / que é pra não gotejar / arroche, aperte a laçada / pro vento não derrubar / deixe o sol rachar a terra / e a trovoadá chegar!

SINHÁ JANDIRA (*cantando*) – Ah, que coberta verdinha! Tal e qual a esperança da gente!

SEVERINO (*com o pássaro na gaiola*) – Agora tá bom, não tá? Casa nova.

SINHÁ JANDIRA (*cantando*) – Eita, a casa tá nascendo / tem gente feliz querendo chorar / tá crescendo, tá crescendo / é casa bonita pra gente morar.

TODOS (*cantando*) – Vamos todos em mutirão / derramar nosso suor / construir de mão em mão / querendo um dia melhor!

TIO VARAMUNDO – Jorge, e a cerca?

JORGE – Não é preciso, Tio Varamundo.

TIO VARAMUNDO – E o inimigo, Jorge?

JORGE – A visão dele não vai chegar até aqui.

SINHÁ JANDIRA (*junto à cruz, cantando*) – Nesse pedaço de chão / vou fazer o meu canteiro / pra nascer flores cheirosas / e perfumar o cruzeiro.

PAI DAVI (*cantando*) – A casa já está de pé / falta botar os *terém* / vamos pedir força e fé / ao santo que se quer bem / num recantinho da casa / tem um pote na *forquia* / mesmo o sol virando brasa / vamos beber água fria / tem um tamborete do lado / ninguém se senta no chão / num recanto pendurado / o Padrinho Cícero Romão / tem armador lá na sala / pra rede de se dormir / tem uma garrucha com bala / pra quem com nós *bolir*!

Jorge Fica Bonito de Santo. E assim eles construíram a casa com um cruzeiro na frente. À noite, uma estrela soltou um raio e a cruz ficou iluminada. Todos correram para ver. Encontraram Jorge, todo de branco, orando.

SEVERINO – Mãe, que luz é essa?

SINHÁ JANDIRA – É a luz divina, meu filho.

TIO VARAMUNDO – A cruz foi santificada.

SINHÁ JANDIRA – E Jorge também.

PAI DAVI – Ele ficou bonito, não ficou?

SINHÁ JANDIRA – Até que ele fica bem de santo.

JORGE (*levanta-se lentamente e a luz vai desaparecendo. Ele olha demoradamente a fisionomia de cada um*) – Vocês viram? A partir de agora fica sendo Terra da Santa Cruz.

A Solidão de Cada Um.

SEVERINO (*com a gaiola e o passarinho*) – Sabe, meu passarinho, eu estou sem sono. Foi por isso que vim lhe acordar, pra gente conversar um pouco. Sabe, eu tenho tanta pena de você, preso aí dentro dessa gaiola. Amanhã, assim que o dia clarear, eu vou abrir essa portinha e deixar você sair. Quero ver o voo! Deve ser bonito. Vai ser assim também no dia que eu for embora, bato as asas e desapareço no meio do mundo. Voo no rumo da capital. (*baixinho*) Psiu! Não diga a ninguém não, mas o meu sonho é o Recife. Não é que não goste daqui, sabe, é que eu quero ver gente que se pareça com gente. (*sonhador*) O mar, as pontes, os sobrados, os cinemas... Tio Varamundo conhece tudo isso. Foi ele quem me contou, ele é um homem viajado, conhece até o Rio de Janeiro! Eu quero ser como ele, quero conhecer o mundo inteiro com minhas asas gigantes! Eu não nasci pra viver aqui nestas brenhas! Eu sou caipira, mas tenho sangue de cigano, quero ser livre como os pássaros... (*olha a ave na gaiola*) ...como as borboletas. (*pausa*) Assim que o tempo clarear eu solto você, quero ver o voo! Na terra onde todos são livres os pássaros devem ser venerados!

Jorge das Estrelas.

JORGE – É como se eu tivesse vendo. Ela caída, chorando, acenando com a mão e eu me distanciando. Ela chamava pelo meu nome e eu já distante quase não conseguia ouvir, mas lia nos gestos da boca. Quanta mais me distanciava na estrada, mais a nuvem de poeira cobria a sua imagem. E eu me distanciando, me distanciando, até que não conseguia mais vê-la. Agora é como se ela tivesse aqui. É como se ela tivesse me seguido e acabado de chegar, cansada, triste, querendo dizer alguma coisa.

ROSINHA – Jorge! (*surge descalça, com uma túnica de linho, alva e fresca*)

JORGE – Rosa (*cantando*) Deixem-me sonhar / deixem-me viver / deixem-me pensar / no meu bem querer / este sonho lindo / pode ser verdade / ela já vem vindo / pra realidade / vem minha amada / traz teu cansaço / fala da estrada /

dos teus fracassos / conta o que viste / nessa caminhada / vem pássaro triste / pra tua pousada / vem falar de tudo / vem dizer do nada / vem pra o teu mundo / faz tua chegada / vê, ele é risonho / vem, vamos dançar / mesmo que seja sonho / esse nosso olhar.

ROSINHA (*cantando*) – Eu vi a morte da alegria / e na tristeza que vivia / vi o fim do amor / eu vi o renascer da agonia / com o alvorecer de outro dia / amanhecido de dor / vi flores mortas, ruas tortas / olhos tristes que clamavam / ouvi o cantar do passarinho / que havia perdido o ninho / vi braços que não lavraram / vi a terra seca, queimada / vi uma cruz na beira da estrada / desmantelada, sem Deus / vi a morte chegar em mim / antes de ser o fim / fugi, seguindo os caminhos teus.

JORGE – Rosinha ...

ROSINHA – Sim, Jorge! A saudade era grande.

JORGE – Mas Rosa, você...

ROSINHA – Não se aborreça comigo, Jorge, entenda. Eu não podia mais continuar naquela vida, aliás eu nem vivia. Depois que vocês partiram tudo ficou claro pra mim.

JORGE – Eu compreendo, Rosinha, mas você não devia ter saído sozinha.

ROSINHA – O Ventania veio me trazer.

JORGE – Ah! O Ventania?

ROSINHA – Sim. Eu tirei aquelas roupas pesadas, aquelas sandálias de couro cru e montei no Ventania, que saiu voando, seguindo os primeiros pássaros da manhã. No meio do caminho encontramos um cavaleiro, um homem de branco que falou de vocês. Ah, Jorge, como fiquei contente.

JORGE – Então você já sabe? (*Rosinha acena com a cabeça que sim*) Eu tinha medo que você não acreditasse.

ROSINHA – Aquela estrela foi o bastante.

JORGE (*abraçando-a*) – Ah, Rosa...

ROSINHA – Jorge.

Um Grito de Dor Por Amor. Dois corpos no chão, cansados, de olhos cravados no céu e muitas vozes no ar.

ROSINHA (*cantando*) – O passarinho voou!

JORGE (*cantando*) – Nasceu uma rosa no cruzeiro!

ROSINHA (*cantando*) – O galo cantou!

JORGE (*cantando*) – É manhã.

ROSINHA (*cantando*) – Semente de gente na terra!

JORGE (*cantando*) – O grito, o sangue / a dor de amor e não de guerra!

ROSINHA (*cantando*) – É o sol da manhã!

JORGE (*cantando*) – É a rosa dos ventos!

ROSINHA (*cantando*) – A serpente, a maçã!

JORGE (*cantando*) – É manhã!

As Caiporas. São figuras coloridíssimas e têm caras de homens que cantam, dançam e pulam feito bodes desmamados nas caatingas do Sertão.

AS TRÊS CAIPORAS (*cantando*) – Somos três Diabos de saia / o mal é nossa bandeira / somos pior que lacraia / e doença de gafeira / somos parentes do Cão / professores do azar / do Padre Cícero Romão / já mordemos o calcanhar / quando botamos uma figa / o cabra vai se lascando / morre de dor de barriga / passa dois anos cagando / passarinho em nossa frente / representa só desgraça / pegando este vivente / acabamos com a raça / no dia que Satanás / abençoar o catimbó / pássaro não canta mais / vai virar pedra e pó!

CAIPORA 1 – Vejam! Pelas barbas da Cabra Preta! Eles estão festejando o amor!

CAIPORA 2 – Ah! Mas não será por muito tempo. Temos que impedir, senão seremos fatalmente arruinadas!

CAIPORA 3 – Esperem! Eu já estou velha demais, estou cansada, não tenho mais fôlego para um trabalho dessa natureza. Eles são muitos, têm muita força.

CAIPORA 2 – Vamos invocar o vento da Serra Velha, as tempestades do mar, o espírito zombeteiro do bode do sacristão!

CAIPORA 3 – Não vai adiantar.

CAIPORA 1 – Como não vai adiantar?! Lançaremos a fome de 1977, faremos eterno o sol do meio dia!

CAIPORA 3 – Como vocês são ingênuas. Não veem que não temos condições para tanto! Que a nossa voz não ecoará mais no espaço? Que nem mesmo aos cães conseguiremos amedrontar? Nós não passamos de simples figuras lendárias.

CAIPORA 2 – Não estamos tão velhas assim!

CAIPORA 1 – Por que não tentamos?

CAIPORA 2 – É, vamos tentar.

CAIPORA 3 – Então tentem.

CAIPORA 1 / CAIPORA 2 (*repreensivas*) – As três, vovó!

CAIPORA 3 – Então vamos tentar.

AS TRÊS CAIPORAS (*cantando, em ritual*) – Que venha neste momento / furacão e pé de vento / com tudo que for imundo / destruindo toda era / Satanás na besta-fera / tocando fogo no mundo / que venha a gôta serena / e de ninguém tenha pena / que vire tudo caveira / e caçador coma lixo / gente pobre vire bicho / no dia de sexta-feira!

CAIPORA 2 – Miauuu! Que este sol desapareça com trovões e relâmpagos!

CAIPORA 1 – Faça-se a escuridão dos olhos do Cego Aderaldo! Três dias e três noites, sem lua e sem estrelas! Iauuu!

CAIPORA 3 – Aonde estão os besouros que lamberam a ferida da beata do Juazeiro? Eu quero todos no ar! Uaaai!

CAIPORA 2 (*de olhos fechados*) – E então?

CAIPORA 1 – Nada!

CAIPORA 3 – Eu não disse?

CAIPORA 2 – Vamos tentar outra vez!

AS TRÊS CAIPORAS (*cantando em novo ritual*) – Volte a febre do Teixeira / peste, ferida e coceira ...

O Maligno. O Coronel Zé do Cão aparece com mil Demônios, de chicote na mão, batendo e dando pontapés nas Caiporas.

CORONEL ZÉ DO CÃO – Caducas! Bruxas velhas desgastadas! Vocês não são de nada, são incapazes de ofenderem a alguém! Se eu fosse confiar no feitiço de vocês, estava atolado. Agora vão embora, desapareçam daqui! Quando eu voltar vou mandar fazer um fogo de lenha e queimo as três!

CAIPORA 2 – Eu vou sumir na sombra do urubu rei! Miauuu! (*sai*)

CAIPORA 1 – E eu vou me transformar num sapo! Iauuu! (*sai pulando*)

CAIPORA 3 – Esperem! Esperem por mim, eu não ...

CORONEL ZÉ DO CÃO (*segurando-a*) – Você fica! Preciso de uma testemunha.

CAIPORA 3 – Claro! Eu só estava...

CORONEL ZÉ DO CÃO – Vamos! (*monta na Caipora e sai cantando*) Já andei em bruxa supersônica / de energia nuclear do sertão / já fiz bruxaria atômica / vassoura lá se chama jatão!

CORONEL ZÉ DO CÃO / CAIPORA 3 (*cantando*) – Jatão, jatão, jatão / querendo nos imitar / é a falta do petróleo / que ninguém sabe economizar!

CORONEL ZÉ DO CÃO (*cantando*) – Ajudei a NASA a deflorar a lua / pra acabar com a poesia que nela existe / já fiz bacanal com santa nua / que é pro céu não ficar triste!

CORONEL ZÉ DO CÃO / CAIPORA 3 (*cantando*) – Jatão, jatão, jatão / querendo nos imitar / é a falta do petróleo / que ninguém sabe economizar!

CORONEL ZÉ DO CÃO (*cantando*) – Triste daquele que em nossa era / não roubou, não matou, não foi imundo / quem não comer nesta terra / será comido no outro mundo!

CORONEL ZÉ DO CÃO / CAIPORA 3 (*cantando*) – Jatão, jatão, jatão / querendo nos imitar / é a falta do petróleo / que ninguém sabe economizar!

A Visita. Depois dos festejos, os moradores de Terra Santa vão ao trabalho, calmos, sorridentes, pisando de leve no chão. É a própria comunidade. De repente o dia escurece, trovões e relâmpagos causam horrores, é o Coronel Zé do Cão chegando ali.

SINHÁ JANDIRA – O que é que esse peste tá fazendo aqui?

ROSINHA – Pai?!

CORONEL ZÉ DO CÃO – Deus te proteja, minha filha!

SEVERINO (*à Caipora 3*) – Um Padre! (*ajoelha-se e beija-lhe a mão*) *Abença, Padre.*

CAIPORA 3 – Heim! Eu não...

CORONEL ZÉ DO CÃO (*disfarçando*) – Ele não ouve bem, meu filho, é surdo. (*grita no ouvido dele*) Não é, padre?

CAIPORA 3 (*como Padre*) – É sim, Coronel. Deus te abençoe, meu filho. (*pega uma moeda e entrega a Severino. Ele olha a moeda e joga fora*)

ROSINHA – Pai, o que é que o senhor quer aqui?

CORONEL ZÉ DO CÃO – Eu trouxe o vigário.

ROSINHA – Pra quê?

CORONEL ZÉ DO CÃO – Filha minha não se amiga com ninguém!

JORGE – Aqui quem casa é o amor.

CORONEL ZÉ DO CÃO – Eu só estou exigindo o que é de direito. É uma questão de honra.

ROSINHA – Pai, seja franco, diga logo o que quer! O senhor não viria somente por minha causa, isso eu sei muito bem.

CORONEL ZÉ DO CÃO – Rosinha, lembre-se do que sua mãe pediu antes de morrer. Tá lembrada?

ROSINHA – Ela está morta.

CORONEL ZÉ DO CÃO – Rosinha, entenda. Eu só quero a sua felicidade.

ROSINHA – Eu sou feliz, pai. Muito feliz. Se é isso que o senhor quer saber!

CAIPORA 3 (*como Padre*) – Ninguém é feliz sem o Santíssimo Sacramento!

SINHÁ JANDIRA – Deus está em toda parte, Padre!

CORONEL ZÉ DO CÃO (*vai a ela*) – Rosinha, eu não quero que você pense que... (*tropeça e cai. Fica admirado com a terra*) Oh, como é macia! Que pasto...

CAIPORA 3 (*baixinho*) – Cuidado, Coronel, tem feitiço nessa terra.

CORONEL ZÉ DO CÃO – A quem pertence tudo isso?

PAI DAVI – À natureza.

CORONEL ZÉ DO CÃO – Eu digo aqui na terra...

PAI DAVI – A quem trabalha nela.

CORONEL ZÉ DO CÃO – Eu falo é quem comanda. Quem ordena. De quem é a colheita?

PAI DAVI – Aqui, só quem comanda é a vida. A colheita é de todos.

CAIPORA 3 (*como Padre*) – Hum! Isso são uns malucos!

CORONEL ZÉ DO CÃO – Bem, eu só queria ajudar. Sabe como é: eu estou velho, cansado no fim da vida e queria proteger a minha futura família. Não era isso mesmo, Padre?

CAIPORA 3 (*como Padre*) – Claro! E com a melhor das intenções.

CORONEL ZÉ DO CÃO – Mas como vocês acham que o amor é tudo, o que posso fazer? Não é mesmo, Padre?

CAIPORA 3 (*como Padre*) – Pois é. Depois o que importa é a felicidade dos dois.

SINHÁ JANDIRA – Nós já temos a ajuda de Deus, Coronel.

CORONEL ZÉ DO CÃO – Está bem! Padre, o senhor é testemunha, eu já cumpri com a minha obrigação.

CAIPORA 3 (*como Padre*) – Ah, claro, Coronel! (*pausa*) Bem, eu acho que não temos mais nada a fazer aqui.

CORONEL ZÉ DO CÃO – É, vamos indo. (*olha demoradamente para Rosinha*) Que Deus te abençoe, minha filha. Adeus!

ROSINHA – Pai! (*ele volta-se*) Por favor, não volte mais aqui!

A Missão do Pássaro dos Sonhos. Depois que o Coronel Zé do Cão saiu, veio a inquietação.

TIO VARAMUNDO – Jorge, agora temos que levantar a cerca e preparar as armas.

JORGE – Não, Tio Varamundo, por enquanto não.

TIO VARAMUNDO – Jorge, eles vão voltar! Você sabe aquele homem como é, cheio de nó pelas costas.

JORGE – Calma, Tio Varamundo, calma.

SINHÁ JANDIRA – Eu quero saber como foi que ele descobriu! Como foi que ele soube que a gente estava aqui? É isso que eu quero saber!

ROSINHA – A notícia já se espalhou por todo canto. O homem de branco se encarregou de avisar.

JORGE – Que assim seja!

TIO VARAMUNDO – Jorge, você está sonhando muito alto.

JORGE – A Terra Santa está sendo anunciada, Tio Varamundo!

SINHÁ JANDIRA – Jorge, quem é esse homem de branco?

JORGE – É um pássaro, mãe. Um pássaro que abriu as asas pelo Sertão.

O Plano Diabólico do Coronel Zé do Cão. O senhor das terras chora suas mazelas, enquanto espera o Capitão Brilhantina e os Cangaceiros Vermelhos.

CORONEL ZÉ DO CÃO – Eles viraram a cabeça da minha filha, Padre!

PADRE 1 (*a antiga Caipora 3, agora já assumidamente sacerdotal*) – Aquilo são uns Demônios, Coronel.

CORONEL ZÉ DO CÃO – O que vai ser da gente, Padre? Dia a dia aumenta o número de retirantes. Até os meus melhores vaqueiros já foram embora... É só no que se fala por aí, nessa tal Terra Santa!

PADRE 1 – Hum! Terra Santa... Isso é até um pecado, uma afronta à Igreja! Aquilo são uns Satanás em figura de gente! (*pausa*) É preciso agir logo, Coronel.

CORONEL ZÉ DO CÃO – Eu já tomei as providências, Padre! Mande chamar o Capitão Brilhantina e o seu bando!

PADRE 1 – Os Cangaceiros Vermelhos?!

Eles entram feito aparição, tendo à frente o Capitão Brilhantina. Cantam e dançam no estilo de Pastoril.

OS CANGACEIROS VERMELHOS (*cantando*) – Seu Coroné / dê-nos licença / pra nós cangacêro entrar / viemos *cumpri* um chamado / e nunca fumo homi de faía / é nosso gosto e nossa opinião / de amar o *incarnado* / seja *inté* sangue no chão / sendo *fié* ao Brilhantina / o famoso Capitão!

BRILHANTINA (*arrogante, cantando*) – Sou Brilhantina famoso / matei minha mãe de sede / menino sendo dengoso / capo e derrubo da rede / sou neto de Ferrabraz / e vivo brilhando mais / do que catarro em parede / eu vivo com a molestra / subindo rampa e serra / onde existe uma festa / neste dia o mundo berra / se vou parar no inferno / em Satanás meto o ferro / solto Cão por toda terra! (*constatando*) Pelo *qui* vejo, *vosmecês* tava falando *d'eu*?

CORONEL ZÉ DO CÃO – De bem, é claro! Não é Capitão?

BRILHANTINA (*ajoelha-se*) – À minha bença, *Pade*.

PADRE 1 – Deus te dê juízo, meu filho.

BRILHANTINA – *Intonse*, seu Coroné? Pensei *qui vosmecê* tivesse se *isquecido* da gente?

CORONEL ZÉ DO CÃO – Que nada, Capitão. O senhor é que nunca mais deu o ar de sua graça por aqui.

BRILHANTINA – É verdade, eu tomei um chá de sumiço *mermo*. É *qui nós* tava fazendo um *trabaio* lá pras banda de Custódia. Tô às *ordi*, Coroné! *Vosmecê* mandô me chamar, o *qui* atina?

CORONEL ZÉ DO CÃO – Ah, Capitão, primeiro descanse um pouco. Mande o pessoal ficar à vontade que eu vou mandar servir uma cachacinha, enquanto a gente conversa.

BRILHANTINA – *Vosmecê* é quem sabe!

CORONEL ZÉ DO CÃO – É, mande o pessoal se acomodar.

BRILHANTINA – *Vamô* cambada! Zé Pretim e Banda Solta ficam de tocaia!

CORONEL ZÉ DO CÃO – Agora tem muita gente nova no bando, não é Capitão?

BRILHANTINA – É, Coroné. Eu arranjei mais seis cabra de *pêia*.

CORONEL ZÉ DO CÃO – E essa aí, Capitão, quem é?

BRILHANTINA – Ah, essa aqui é a minha *fulô* de mussambê. *Quitiera*, vá falar *cum* Seu Coroné.

QUITÉRIA – *Cuma* vai, Seu Coroné?

CORONEL ZÉ DO CÃO – Eu vou bem. E a senhora?

QUITÉRIA – Assim.

BRILHANTINA – A menina criou rabicho por eu, aí eu *carreguei-la*. (*cochicha no ouvido dele*)

CORONEL ZÉ DO CÃO – Donzela?

BRILHANTINA – *Iapôis home, tô servando a bichinha pra quando chegar em Bom Conselho.*

QUITÉRIA – Tenha injúria, *home!*

BRILHANTINA – *Dexe de ser opinosa, mulé, isso é caçoadada.*

CORONEL ZÉ DO CÃO – Bem, eu vou mandar servir bebida e comida para o pessoal!

Bacanal. Dança, sanfona e cachaça. O Coronel Zé do Cão cuida da distribuição da cachaça e o Padre da comida. Os homens do bando do Capitão Brilhantina rasgam o bode assado com as mãos e tomam cachaça na boca da garrafa. Piadas, risos, música. Quitéria fala no ouvido de Brilhantina.

BRILHANTINA – *Dexa de especulação, mulé. Ôxente! Pade, vossa incelença pode fazer uma confissão cum a Quitera?*

PADRE – Quando? Agora?

BRILHANTINA – *Inho, sim, pra já.*

PADRE – Pois não, Capitão. Venha minha filha!

QUITÉRIA – *Inhô, sim.*

BRILHANTINA (*aos cabras*) – Todo cuidado é pouco, tão ouvindo? *Num quero ninguém cambaliando!*

CORONEL ZÉ DO CÃO – Agora já podemos conversar, Capitão.

BRILHANTINA – Mande as *ordi*, Coroné, pode *i desmiugando*.

CORONEL ZÉ DO CÃO – Capitão, fui desonrado!

BRILHANTINA – O quê? O *qui* foi *qui vosmecê dixe?*

CORONEL ZÉ DO CÃO – Bem, quer dizer... a minha filha é que foi desonrada.

BRILHANTINA – Hum! E quem foi esse excomungado? Quem foi esse filho da puta *qui* comeu a menina?

CORONEL ZÉ DO CÃO – A bichinha tava botando corpo agora, Capitão. Filha única.

BRILHANTINA – *Homi*, vá logo dizendo a graça desse miserável e *adonde* ele tá arranchado!

CORONEL ZÉ DO CÃO – O senhor tá lembrado dela, não tá Capitão? Era uma criança ainda!

BRILHANTINA – *Iapôs, homi*. O condenado *qui* faz um serviço desse, tem *corage* de mamar *in* onça.

CORONEL ZÉ DO CÃO – Quando eu me lembro que a coitada da mãe, antes de morrer, foi só o que pediu...

BRILHANTINA – Eu já tô mordido dos *cachorro, homi*! Diga logo *adonde* foi que esse infeliz-de-porta se amoitou!

CORONEL ZÉ DO CÃO – Pobrezinha da Rosa, tão trabalhadeira...

BRILHANTINA – *Homi, dexe de arrudei*, vá logo dizendo *qui* eu ja tô *cum* os seiscentos Diabo no couro! *Vosmecê* sabe pra *donde* ele foi?

CORONEL ZÉ DO CÃO – Para essa tal de Terra Santa?

BRILHANTINA – (*cai de joelho, benzendose*) – Credo cruz! *Crem Deus Pade!* Pras *Terras* Santa?

CORONEL ZÉ DO CÃO – Que Terra Santa que nada, Capitão! Aquilo são uns catimbozeiros, uns mentirosos! Terras Santa?!

BRILHANTINA (*perplexo*) – A falação daquele *homi* num pode ser mentira.

CORONEL ZÉ DO CÃO – Que homem, Capitão?

BRILHANTINA – O poeta. Ele se apresentou na minha frente todo vestido de linho branco, vinha saindo de dentro das *caatingueira* feito uma assombração. Eu perdi as *força* naquela hora, a voz dele era branda, os *óio* dele, Coroné, parecia os *óio* da *image* do *Senhô*. Quando eu vi aquela figuração na minha frente, me cocei pra *pegá* o *punhá*... Cadê as *força*? Foi aí *qui* ele *dixe*: “O aço do teu *punhá*, Brilhantina, *num* foi feito pra *furá coipo* de *vrido* e se isso acontecesse o mundo ia se *virá* contra eu. Aquele palavriado clariou a minha mente, eu fiquei atinando *mió*. Rezei uma Ave-Maria e dois *Pade-Nosso* pensando *qui* fosse uma alma penada. Ele sorriu e *adispois* me *insinou* uma reza diferente. Eu perguntei quem era ele e o *qui quiria*! Aí ele falô da Terra Santa, da gente *qui* mora lá, *dixe qui* eu tomasse juízo, *qui podia* sair estrela de dento do meu bacamarte. Ele falava *qui* nem um *homi* letrado. *Adispois* num *piscá* de *ôio* sumiu pelo meio do mato.

CORONEL ZÉ DO CÃO – Capitão, não vá me dizer que depois de velho o senhor anda vendo assombração?

BRILHANTINA – Coroné, *cum* todo respeito *qui* eu *tem* a *vosmecê*! Eu *num* sou *homi* de caçoadá!

CORONEL ZÉ DO CÃO – Isso é mentira, Capitão. É conversa pra boi dormir! Imagine o senhor que eu e o Padre Severo fomos lá em missão de paz, só pra fazer o casamento. Sabe o que aconteceu? Eles desacataram a gente, não respeitaram nem o Padre que é um ministro de Deus. É essa que é a Terra Santa?!

BRILHANTINA – Eu não sei não, *Coroné*. Num gosto de me meter nas coisas do céu.

CORONEL ZÉ DO CÃO – Que história de céu, que nada, homem! O Padre Severo excomungou tudo.

BRILHANTINA – Eu não sei não, o caso *ejiji* reflexão.

CORONEL ZÉ DO CÃO – Espere aí? Não vá me dizer que é o que eu estou pensando?

BRILHANTINA – O *qui é qui* se passa na cabeça de *vosmecê*?

CORONEL ZÉ DO CÃO – O senhor não está com medo, tá Capitão?

BRILHANTINA (*agitado*) – *Coroné*, eu num sou *homi* de caçoada, já *dixe* a *vosmecê*! Fique sabendo *qui* eu num abro parada nem pra o Satanás e *qui* já mandei pras profundas dos *inferno* uma volante de oitenta macaco *cum* esse papo-amarelo!

CORONEL ZÉ DO CÃO – Calma Capitão, eu só estava brincando. Eu conheço as proezas do senhor, foi por isso que mandei chamá-lo.

BRILHANTINA – *Coroné*, *vamô* findar *cum* essa conversa mole. *Afiná* de conta o *qui é qui* *vosmecê* quer?

CORONEL ZÉ DO CÃO (*enfurecido*) – Acabar com essa lenda! O fim daquela gente! A destruição daquela terra! Queime tudo, Capitão, casas, gente, animais, faça um trabalho completo!

BRILHANTINA – *Vamô*, cambada! *Pade*, benza as arma!

A cena seguinte condiciona todos a ficarem imóveis, representando um quadro antigo, místico e religioso. É a volta das Caiporas. Mesmo desacreditadas, elas voltam cheias de esperança, trazendo terra de cemitério e banha de sapo.

CAIPORA 1 – Então, encontrou?

CAIPORA 2 – Encontrei, mas quando voltava, um peste de um urubu cagou em cima. E você?

CAIPORA 1 – O sapo espumou pela boca, pela venta, deu salto solto no ar, lambeu ferida de doido, pulou cova de ateu, mas eu abri-lhe o peito e trouxe a banha do papo!

CAIPORA 2 – Tome, misture logo. Vamos mostrar ao Coronel Zé do Cão que somos tão malvadas quanto ele.

CAIPORA 1 (*misturando*) – Alguma novidade?

CAIPORA 2 – Ah! Uma coisa estranha! Vi dois homens iguais, o mesmo corpo, o mesmo rosto e a mesma roupa branca.

CAIPORA 1 – São irmãos gêmeos.

CAIPORA 2 – Não, é um só mesmo. Tem o fôlego de gato, tá em todo canto.

CAIPORA 1 – Por que você não averiguou o caso? Quem sabe se não é coisa nova...

CAIPORA 2 – Eu não podia perder tempo, tinha que trazer logo a encomenda.

CAIPORA 1 – Ufa! Esse método nosso é um sacrifício.

CAIPORA 2 – Mas nunca falhou! (*pausa*) E você, o que encontrou?

CAIPORA 1 – Não queira nem saber! Uma tragédia.

CAIPORA 2 – O que foi? Choveu no Ceará? A viúva do celeiro ficou boa do câncer? Ou alguma botija...

CAIPORA 1 – Muito pior!

CAIPORA 2 – O que foi?

CAIPORA 1 – A vovó prostituiu-se!

CAIPORA 2 – Não quer mais trabalhar?

CAIPORA 1 – Pior! Muito pior! Virou Padre.

CAIPORA 2 – Não?! Maldição! Vamos logo com isso, vamos logo!

CAIPORA 1 – Já está no ponto, dê-me aí a terra do cemitério.

CAIPORA 2 (*entrega*) – Tome, vá logo.

CAIPORA 1 (*com a Terra Santa*) – Agora a mesma quantidade dessa... dessa maldita terra!

CAIPORA 2 (*pega um punhado e joga dentro*) – Pronto, adube logo!

Ao despejar a Terra Santa dentro da mistura, ela explode feito uma bomba, atingindo-as. A explosão faz a cena anterior voltar à condição normal.

A Benção dos Cangaceiros Vermelhos.

PADRE 1 – ...Vossos corpos não serão atingidos pela arma do inimigo, porque estão fechados com a glória de Deus Pai, amém.

TODOS – Amém!

BRILHANTINA (*ajeitando as armas*) – Coroné, tome conta de Quitera.

CORONEL ZÉ DO CÃO – Pode ficar tranquilo, Capitão!

QUITÉRIA – Brilhantina, todo cuidado é pouco!

BRILHANTINA – Fique *assossegada*, minha nêga. (*beija-lhe a face*) *Vamô pra luta, cambada! (saem)*

A Desistência.

CAIPORA 1 (*cambaleando*) – Ai! Ai! Eu desisto.

CAIPORA 2 (*cambaleando*) – E eu também.

CAIPORA 1 – Nós somos azarentas!

CAIPORA 2 – Ui! Uuu! Somas umas infelizes!

CAIPORA 1 – Ê, a vovó tinha razão.

CAIPORA 2 (*gemendo*) – A culpada foi você!

CAIPORA 1 – Eu não! Foi você quem jogou aquela maldita terra em demasia!

CAIPORA 2 – Hum! Se não fosse eu...

CAIPORA 1 – Tá bom! Agora não tem mais jeito a dar. (*senta*) Ai, vamos descansar um pouquinho!

CAIPORA 2 – Ê, vamos. Ui!

O Encontro do Capitão Brilhantina Com as Caiporas. Elas correm amedrontadas e se escondem, com o aparecimento dos Cangaceiros Vermelhos.

CAIPORA 1 – Iauuu! Ai! Ai!

CAIPORA 2 – Miauuu! Ui! Uuu!

BRILHANTINA (*ouvindo os gemidos*) – *Qui latonia dos Diabo é essa? Ôxente! Quem taí? (aponta a arma) Arresponda senão eu meto bala!*

CAIPORA 2 (*aparecendo*) – Não! Não! Não, Capitão! Somos nós, pobres videntes cansadas de guerra!

BRILHANTINA – Ôxente! *Qui peste é isso?!*

CAIPORA 1 (*arrastando-se*) – Resíduo de mais uma batalha perdida, Capitão. Ai! Ai!

CAIPORA 2 – Somos duas pobres coitadas que...

BRILHANTINA – Quem foi que fez essa *disgracêra*?

CAIPORA 1 – Foi... (*olha para a outra*)

CAIPORA 2 (*com medo*) – Foi a Terra Santa!

CAIPORA 1 / CAIPORA 2 – Sim! Foi a Terra Santa!

BRILHANTINA – A Terra Santa? (*elas afirmam*) Vamô cambada! O Coroné Zé do Cão tem razão!

O Sonho Acabou ou A Peleja de Jorge das Estrelas Com o Capitão Brilhantina. O bando invade a Terra Santa, atirando, jogando tochas e gritando. Os Cangaceiros Vermelhos berram, estrebucham e dão saltos soltos no ar, numa coreografia agonizante. O Capitão Brilhantina canta e dança uma música violenta, destruindo o sonho dos moradores da Terra Santa.

BRILHANTINA (*cantando*) – Sou mais terrível *qui* a pantera / mais feroz *qui* o carcará / quem nasceu pra voar / pra mim é pior *qui* fera / minha vontade logo impera / acabo todos os *ninho* / mato qualquer passarinho / faço um estrago bem feito / quem achar ruim dê um jeito / e apareça *in* meu caminho!

JORGE (*o único que resiste e entra em peleja com Brilhantina, cantando*) – Brilhantina, isso é arte do Satanás / não perdoo tamanha traição / se você realmente é valentão / eu derrubo agora o seu cartaz / vou mostrar direitinho como se faz / um covarde mudar de opinião / de joelho pedir em oração / amansar igual um carneirinho / levantar para o céu a sua mão / implorando perdão a um passarinho!

BRILHANTINA (*cantando*) – Eu tomando um bocado de cachaça / faço cimo fiz *in* Mossoró / peguei perna de pássaro e dei nó / acabei num minuto *cum* a raça / bem contente, feliz, achando graça / eu pisei cem canário, num pilão / toquei fogo *in* ninho de canção / do concriz tirei bico de peixeira / peguei perna, barriga e coração / e dei descarga num vaso de porqueira!

JORGE (*cantando*) – Quem lhe vê falando desse jeito / sente logo o tamanho da mentira / mas um dia, você, um bicho vira / e todos vão dizer que é bem feito / só assim você paga, seu sujeito / passarinho vai cantar de alegria / vai viver na paz com harmonia / e ninguém lembrará seu sujo nome / viajante da peste, sede e fome / só terás Satanás por companhia!

BRILHANTINA (*cantando*) – Num pense *qui* tenho medo de praga / de mandinga, de reza e catimbó / eu já dei uma pisa *in* minha vó / *qui* a véia aleijou, quase se caga / no *sumitéro* *inda* cavei a sua vaga / só fiz isso porque ela criava / um *cazá* de rolinha *qui* cantava / êpa, tome *punhá* no pé da barriga / quem vive de sonho só arruma intriga / era assim *qui* o meu *Padim* falava! (*atinge Jorge, que cai lentamente*)

JORGE (*se contorcendo, ainda cantando*) – Miguel de Cervantes também já sonhou / Dom Quixote queria o impossível / Galileu atingiu o inatingível / Tiradentes morreu como traidor / Jesus Cristo foi outro que tentou / queria salvar a humanidade / este pássaro, por amar a liberdade / fez o sonho e foi morar na fantasia / esquecendo que é proibido hoje em dia / o homem dominar sua vontade!

As Ciladas do Destino e a Força da Perdição. O Coronel Zé do Cão entra vestido num roupão de cetim, trazendo na bandeja uma garrafa de licor de morango, duas taças e uma flor.

CORONEL ZÉ DO CÃO (*com a flor*) – Pra você, Quitéria.

QUITÉRIA – Carece não, seu Coroné.

CORONEL ZÉ DO CÃO – Receba Quitéria, foi pra você mesma que eu trouxe. (*enchendo as taças*) Achei muito bonita... Não tão quanto você, é claro.

QUITÉRIA (*envergonhada*) – Quero não, senhor.

CORONEL ZÉ DO CÃO – Não se acanhe, menina! Tome. Deixe-me colocar em seu cabelo. (*com maldade*) Ah! Agora sim, uma flor junto da outra.

QUITÉRIA (*evitando*) – Licor xerôso, num é, Seu Coroné?

CORONEL ZÉ DO CÃO – Coronel! Pode me chamar assim. Dispense esse “Seu”. É, realmente é muito cheiroso.

QUITÉRIA – Ele pega?

CORONEL ZÉ DO CÃO – Não! Não, pode tomar à vontade, isso é licor fino. Foi presente de uma comadre minha que mora no Recife.

QUITÉRIA (*bebe*) – Adonde é qui tá a sua patroa?

CORONEL ZÉ DO CÃO (*bebendo*) – Morreu! (*dramático*)

QUITÉRIA (*encabulada*) – Me *adisculpe* eu ter falado nisso.

CORONEL ZÉ DO CÃO (*canastrão*) – Ah, Quitéria, você não sabe como sofro, cada vez que me lembro dela. Nós vivíamos como dois namorados felizes, sempre juntinhos. Agora não, a tristeza tomou conta do meu coração. Ah, Quitéria, se você soubesse como é grande a minha solidão. (*enche as taças*) Vamos brindar à minha infelicidade!

QUITÉRIA – Vamô o quê?

CORONEL ZÉ DO CÃO – Nada, vamos beber. (*bebem*)

QUITÉRIA – Por que o senhor *num* se casa de novo?

CORONEL ZÉ DO CÃO – Eu já pensei muito nisso, Quitéria, mas, infelizmente, as criaturas que aparecem não são do meu agrado, são feias, desmanteladas, matutas, outras são interesseiras. Você sabe como é, se pelo menos eu encontrasse uma assim como você.

QUITÉRIA – Ôxente! Adonde o senhor quer chegar, Coroné? O *qui é qui* vosmecê tá *pensano*?

CORONEL ZÉ DO CÃO – Não! Eu digo assim como você: jeitosa, desembaraçada. Não é outra coisa não! (*pausa*) Realmente esse licor é muito gostoso. (*enche as taças novamente*) Tome mais um pouquinho.

QUITÉRIA – Quero não. O senhor *dixe qui* ele *num* pegava, eu já tô é tonta.

CORONEL ZÉ DO CÃO – Esse aqui não, deve ser impressão sua. Esse a gente toma a garrafa toda e não sente nada, é mesmo que água. Pode tomar sem medo. (*indecisa*) Tome, Quitéria! Confie em mim. (*ela bebe*) Me diga uma coisa, Quitéria: foi você que fugiu ou ele lhe roubou?

QUITÉRIA – Foi combinado.

CORONEL ZÉ DO CÃO – Ah! Eu sei como é. E vocês vão pra onde?

QUITÉRIA – *Nói vamô* pra Bom *Conseio*.

CORONEL ZÉ DO CÃO – Vão morar lá?

QUITÉRIA – É, *inhô* sim, *vamô casá e morá* lá.

CORONEL ZÉ DO CÃO – Casar? (*enche as taças disfarçando*) Mas o Capitão não já é casado?

QUITÉRIA – O quê? *Vosmecê tará cum* a gôta serena dizer uma coisa dessa?

CORONEL ZÉ DO CÃO – É, sim! Eu conheço a mulher dele, chama-se Aurora, mora em Serra Talhada. Não é querendo dizer que ele não presta, mas a vida daquele homem é botar moça no mundo. Eu já conheço umas cinco... Se você não tiver cuidado...

QUITÉRIA – *Coroné*, isso *qui vosmecê* tá dizendo é verdade?

CORONEL ZÉ DO CÃO – Pela luz dos meus olhos!

QUITÉRIA (*virando a taça*) – Aquele cachorro da *molesta* vai me pagar! Eu sei *qui* ele *num* tá cum a besta-fera no couro!

CORONEL ZÉ DO CÃO – Sinceramente, Quitéria, se eu soubesse que você não sabia...

QUITÉRIA (*à parte*) – Ah, desgraçado!

CORONEL ZÉ DO CÃO – E quer saber mais...

QUITÉRIA – Não! Eu *num* quero saber de mais nada, *Coroné*! Eu vou é *me em-bora*. (*levanta-se*)

CORONEL ZÉ DO CÃO – Espere, Quitéria! Pra onde você vai?

QUITÉRIA – Vou voltar pra casa.

CORONEL ZÉ DO CÃO – E você acha que os seus pais vão lhe aceitar de volta?

QUITÉRIA – E por que não? Eu ainda sou uma moça, felizmente aquele tihoso *num* me ofendeu.

CORONEL ZÉ DO CÃO – Dá no mesmo, Quitéria. Tanto faz. O importante pra eles é a reputação.

QUITÉRIA – É o quê?

CORONEL ZÉ DO CÃO – É a boca do povo! E o que os vizinhos vão pensar.

QUITÉRIA – E eu *cum* isso? O povo *qui* se dane! Num tenho *sartisfação* a dá a ninguém!

CORONEL ZÉ DO CÃO – Eu sei, Quitéria, mas os seus pais não pensam assim. E depois você deu um desgosto muito grande a eles. Com que cara você vai voltar? Você sabe como é cidade pequena, não sabe? Você vai ficar uma moça falada, Quitéria, mesmo que não tenha feito nada. Seus amigos não vão mais querer sair com você, o padre vai lhe excomungar, seus parentes vão lhe desconhecer, nenhum rapaz vai querer namorar com você, vai ser um inferno sua vida! Essa é que é a verdade, Quitéria. (*prepara mais duas doses*)

QUITÉRIA (*chocada*) – É, *vosmecê* tem razão, eu tô *cum* a cabeça quente. (*bebe sem sentir*) Eu fiz uma besteira. Desgracei a minha vida! O *qui* vai ser de mim agora, meu Deus! (*cambaleando*) Ai! Ai! Eu tô tontinha, o mundo tá *rodano*! Me segura aqui! Eu vou cair! Ai! (*cai*)

CORONEL ZÉ DO CÃO (*abraçando-a maliciosamente*) – Quitéria, você não precisa voltar pra sua casa, nem tampouco ir com aquele assassino! Fique aqui morando comigo, eu lhe prometo...

QUITÉRIA (*empurando-o*) – Me solte! Me largue! *Vosmecê* tá muito enganado, viu! (*tenta levantar-se e cai novamente*) Eu vou *me* embora daqui. (*sai arrastando-se pelo chão*)

CORONEL ZÉ DO CÃO (*puxando-a*) – Quitéria, eu só quero lhe ajudar, entenda! Eu estou com pena de você, uma menina tão nova, jogada no mundo...

QUITÉRIA (*desnorteada*) – Eu *num* tô jogada no mundo, não! Eu ainda sou uma moça, viu! (*ele tenta segurá-la, rasga-lhe o vestido*) Vá pra lá, Coroné! Se afaste d'eu, Satanás!

CORONEL ZÉ DO CÃO – Calma, Quitéria! Calma ! Vamos pra cama, você nao está se sentindo bem!

QUITÉRIA – Dê-se ao respeito, nojento! Eu *num* tô *bêba*, não!

CORONEL ZÉ DO CÃO (*abraçando-a*) – Quitéria, case comigo!

QUITÉRIA – Me solte, seu Cão dos *inferno*! (*solta-se*) Eu *num* sou nenhuma dessas *assanhada*, não, tá ouvindo? Eu sou uma moça direita!

CORONEL ZÉ DO CÃO – É por isso mesmo que eu quero você, Quitéria! (*parte para cima dela*)

QUITÉRIA – Ai, o meu braço tá doendo! Ai, meu *Padim Ciço* do Juazeiro!

CORONEL ZÉ DO CÃO (*agarrado com ela*) – Quitéria, diga que sim! Diga!

QUITÉRIA (*lutando*) – Não! Não! Me dêxe! Ai! Ai! Meu bracinho! *Vosmecê* vai quebrá o meu braço! (*gritando. Eles se atacam*)

CORONEL ZÉ DO CÃO (*rolando pelo chão com ela*) – Quitéria, eu quero você de qualquer jeito! Nem que pra isso eu tenha de...

QUITÉRIA (*perde as forças*) – Não... Não... Ai! (*o grito maior, um grito de dor*) Aiii!!!

Capitão Brilhante e o Bando.

BRILHANTE – Pronto! *Inté* aqui tá bom. Zé Pretim, *vosmecê* pega seu *peçoá* e vai cortando pela Fazenda *Véia*. Tonhão vai pela baixinha dos *Olegáro* e entra lá naquela cerca de *avelói* da *péda* verde. Banda Solta vai por aqui *mermo*, quando chegar lá no poço da onça, entra *cuma* quem vai pra Lajedo, tá certo? O *incontro* é *dibaxo* daquela *baraúna véia* qui a gente *drumiu ostrodia*. Eu vou pra casa do Coroné Ze do Cão, *arrecebê* a *incomenda*, apanho *Quitiera* e vou pra lá.

ZÉ PRETIM – Certo.

TONHÃO – *Intendido*.

ZÉ PRETIM – Vamô, gente!

BANDA SOLTA – *Inté*, Capitão!

BRILHANTINA – *Inté*!

O Coronel e a Donzela Traída. Os dois caídos no chão. Quitéria, rasgada, esmorecida, de olhos parados no céu.

CORONEL ZÉ DO CÃO – Quitéria, me perdoe? Foi o único meio que encontrei para fazer você morar comigo. (*pausa*) Quitéria, você está me ouvindo? (*silêncio*) Sabe, eu vou lhe contar uma coisa, sei que você não vai me perdoar nunca, mas é o jeito. Aquilo que eu disse do Capitão Brilhante é mentira. Ele é um homem direito, eu inventei tudo, estava doido por você!

QUITÉRIA – *Vosmecê tá mentino*.

CORONEL ZÉ DO CÃO – Estou não. É verdade, Quitéria.

QUITÉRIA – É mentira...

A Vingança do Cangaceiro Desonrado.

BRILHANTINA (*entra e fica pasmado com a cena*) – *Cum seiscentos Diabo!* O qui é isso? *Qui* fuá da gôta é esse?

QUITÉRIA – Foi ele, Brilhantina! Foi ele o culpado de tudo. Eu *num* queria, juro! Foi ele!

CORONEL ZÉ DO CÃO – Capitão! O senhor?

BRILHANTINA (*levantando-a*) – *Qui* gôta serena foi isso, *mulê*?

QUITÉRIA – Ele me *imbebedou*, *adispos* se agarrou comigo e me rasgou toda. (*chorando*) Ai! Brilhantina, ele me desonrou!

CORONEL ZÉ DO CÃO – Quitéria, você está mentindo! Diga a verdade ao Capitão, diga!

QUITÉRIA – Ele *dixe qui vosmecê* era casado. E *qui* o seu *custume* era iludir a filha alheia.

CORONEL ZÉ DO CÃO – Isso é uma grande calúnia, Capitão! Quitéria, eu não lhe disse que o Capitão era um homem de bem?

QUITÉRIA – Ele esculhambou *cum vosmecê*, *quiria qui* eu ficasse morando *cum* ele.

CORONEL ZÉ DO CÃO – É mentira! Ela está mentindo, Capitão!

BRILHANTINA (*aponta a arma*) – *Coroné*, eu vou lhe *matá*! Levante-se!

CORONEL ZÉ DO CÃO (*com medo*) – O que é isso, Capitão! O senhor está me desconhecendo? Não vá me dizer que está acreditando nessa coisinha? Ora, Capitão, o senhor é um homem inteligente...

BRILHANTINA – *Vosmecê* vai *morre* agora, levante-se canalha!

CORONEL ZÉ DO CÃO – Calma Capitão, calma! Eu vou lhe pagar o dinheiro do serviço agora mesmo. Quanto é que o senhor quer? Sabe, eu pensei direitinho, vou lhe dar o dobro. Diga quanto é, Capitão? Sim, como foi lá? O senhor conseguiu? Claro, o Capitão é um herói, um verdadeiro herói!

BRILHANTINA – *Coroné*, pode socar a sua merda no rabo!

Quitéria foge, com medo que Brilhantina se vingue nela também.

CORONEL ZÉ DO CÃO – Capitão, olhe o respeito!

BRILHANTINA (*parte para cima dele*) – Cachorro *miserávi*!

CORONEL ZÉ DO CÃO (*recuando*) – Capitão, eu vou lhe dizer uma coisa, o senhor acredita se quiser: ela não era mais moça, não! Estava enganando o senhor, já tinha sido...

BRILHANTINA – Porco imundo! (*atira*) Tome! Seu cão desgraçado! (*descarrega o bacamarte*)

O Exemplo do Herege Que Desafiou os Mandamentos da Lei de Deus. No exato momento da morte do Coronel Zé do Cão, surgem as três Caiporas, transformadas em sacerdotes, uma delas pomposamente vestida de Bispo e as outras duas de Padre. Entram em procissão, cantando, seguidas pelos principais cabras do bando de Brilhantina, vestidos de soldados.

OS SACERDOTES (*cantando*) – A terra se alumiou / subiu no céu um clarão / São Longuinho mandou queimar / a serpente do Sertão!

BISPO – Brilhantina, o fogo do teu bacamarte subiu nas alturas e clariou a noite, foi visto de longe como uma sonata de fogos de artificios. Como imensas estrelas de areia prateada se desmanchando no céu!

PADRE 1 – Acordou os maus espíritos e despertou as aves noturnas. Eles querem a tua condenação!

PADRE 2 (*com uma grande cruz branca*) – Estamos aqui para botar rédeas e frear o teu instinto animal!

BRILHANTINA (*confuso*) – Eu *arreconheço* essas cara, mas esses *coipo* não. (*esfrega as mãos nos olhos*) Ôxente! *Qui murrinha* é isso? Tá tudo *imbaraçado*...

PADRE 1 (*junto ao corpo do Coronel Zé do Cão*) – Um corpo caído e a arma na mão!

BISPO – Autuado em flagrante!

PADRE 2 – Brilhantina, confessa o teu crime?

BRILHANTINA (*reconhece os cabras*) – Zé Pretim! Tonhão! Banda Solta! *Qui* de-saforo é esse? *Qui pôca* vergonha é essa? *Cuma* é *qui* uma mãe sofre a dor do parto pra vê o *fio sê sordado* de *puliça*? (*eles permanecem inertes*)

BISPO – Brilhantina, é chegado o teu momento! É o juízo final! Qual a razão desse crime?

BRILHANTINA – Eu *num* preciso de razão pra matar ninguém!

PADRE 2 – Quer dizer, então, que confessas o teu crime?

Brilhantina está perplexo.

PADRE 1 – O silêncio é a afirmativa mais covarde que existe!

BISPO – Não estás arrependido de ter matado o teu semelhante?

BRILHANTINA – Eu já matei muito, na luta, na *imboscada*...

BISPO – Como? O que estás dizendo?

BRILHANTINA (*direto*) – *Qui* já matei muito *fio duma* égua! Mas foi a mando do Coroné Sizenando, do Prínxipi do Juazeiro, do Coroné Zé do Cão...

BISPO – Ah, isso é diferente, foi na batalha. É como se fosse numa guerra, lutando pelos direitos.

BRILHANTINA (à parte) – Inda num faz muito tempo, o *Prínxipi* mandô me *xamar* e *dixe* *qui* tava *cum* ar de doido, *qui* a cidade tava *intupida* de *arretirante* e ele *num* sabia mais o *qui* fazer, *pidiu* pra eu *num* *dexá* *entrá* ninguém. Aí a gente *cercô* as *entrada* do Juazeiro todinha, eu mais os *minino*, quando os *romeiro* vinha a gente dizia *qui* *num* *pudia* *entrá*, *qui* era *ordi* do *Prínxipi*. Mas eles *num* se conformava e nem *pudia*, saía de Limoeiro, de Salgueiro, de Toritama, andava três, quatro dia a pé, sem *dormí*, sem *descançá*, perdido pelo meio do mato, feito bicho e *num* ia *voltá* assim de cara lisa sem *vê* o *Prínxipi*. A gente tornava a dizer, mas eles *num* acreditava. Aí nós tinha *qui* *metê* bala pra riba, era a *ordi*, matava tudinho, quer dizer, *aquetava*, porque morto eles já *vinha*. (ao Bispo) *Vosmecê* tem razão. Isso é diferente, aqueles *pobri* coitado nada tinha feito.

PADRE 2 – Ora Brilhantina, não confunda os fatos!

BRILHANTINA – Essa é *qui* é a verdade.

PADRE 1 – Mas hoje te excedestes, Brilhantina!

BISPO – O corpo do Coronel foi encontrado cravejado de estrelas. Estrelas saídas do teu bacamarte!

BRILHANTINA (*vingativo*) – Mas ele, sim...

PADRE 2 – Acabastes de dizer que não precisavas de razão para matar.

PADRE 1 – Isso é o bastante!

BISPO – E então Brilhantina, o que tens a dizer?

Brilhantina está alheio.

PADRE 2 – O silêncio é o refúgio dos culpados!

BISPO – Soldados! Amarraí e queimai este homem! Ele está com o Diabo no couro!

OS SACERDOTES (*cantando*) – A terra se alumiou / subiu no céu um clarão / São Longuinho mandou queimar / a serpente do sertão!

BRILHANTINA (amarrado) – *Benzêro* as minhas *arma* e me *prometero* dinheiro pra eu *distruir* um ninho de passarinho. Os *pássuro* nada tinha feito, a *num* ser cantar toda de manhãzinha *cuma* manda a natureza. Mas o *Coroné* mandô, eu tinha *qui* *fazê*. Pinteí *mizera*, queimei tudo, me esqueci até da falação do poeta. Voltei *cuma* um herói...

OS SOLDADOS (*continuam cantando, enquanto acendem a fogueira*) – A terra se alumiou / subiu no céu um clarão / São Longuinho mandou queimar / a serpente do Sertão!

BRILHANTINA – Uma *cascavé* perigosa, das bem venenosa, atravessou-se *in* meu caminho, aí eu passei-lhe chumbo, mandei-a *pros inferno*! Por isso sou um assassino. (uma língua de fogo sobe e a fumaça o sufoca) Um assassi... no...

OS SACERDOTES (*cantando*) – ... Subiu no céu um clarão... (*jogando água benta na fogueira*)

BRILHANTINA (*agonizante*) – Te *desconjuro*, Satanás! (*solta um grito selvagem, animalesco e desfalece entre as chamas*)

OS SACERDOTES (*cantando*) – A terra se alumiou...

Homem de Branco ou Era Jorge um Cantador?

JORGE (*todo vestido de linho branco, cantando*) – Brilhantina, eu avisei que tu tomasse juízo / que esse mundo velho tava errado / fiz tudo que era precise / te preveni com cuidado / mas desse ouvido ao Satanás / e plantasse guerra na paz / do ninho dos passarinhos / agora estás sozinho / como um cão abandonado / tua mãe, hoje é madrasta / e do pai és enteado / vais correr feito lobisomem / esqueci do próprio nome / perdido nessas paragens / aproveita essa viagem / Judas vil e traidor / passa no Paraíso e fala com o Criador / diz que não tá certo, não / que o homem que benze as armas / é o mesmo que sogra o tição / e que tem muito santo na terra / se parecendo com o Cão / e muito Cão que é santo / dependendo da ocasião / na volta, chegando no inferno / procura no tacho maior / é lá que tá se queimando / chorando de fazer dó / o Coronel Zé do Cão / natural de Piancó / mostra que és cabra macho / abana o fogo do tacho / até o corpo virar pó / depois vai falar com o chefe / e pede a ele permissão / volta para o Sertão / e acaba com a injustiça / corre feito assombração / nas histórias de trancoso / como a “Lenda do Anão” / ou como o “Pavão Misterioso” / que essa, de boca em boca / narra em tom silencioso / galopa feito cavalo na estrada / voa como pássaro no ar / faz a chuva, faz o sol / faz o Sertão virar mar / só assim tua pobre alma / pode descansar com calma / nas terras de além-mar / quando tudo for calmaria / paz, sossego e harmonia / transforma-te num passarinho / branco, bem alvinho / e cantando, voa pro teu lugar / aquele que me escuta / nunca fraqueja na luta / mesmo morto, viverá!

A Festa.

TODOS (*cantando alegremente*) – Eis que um dia, ousadamente / o verão decidiu invernar no Sertão / o chão ardia nos pés da gente / cinzentos de calos e em cada dedo um rachão / de repente, surgiu no céu / um pássaro branco trazendo paz e amor / trouxe um rio de leite e mel / e por onde passava se abria um sorriso / nascia uma flor!

- Fim -

SOLTE O BOI NA RUA

OU A ESTÓRIA DA SOGRA QUE ENGANOU TODOS OS SANTOS PARA ENRICAR O GENRO E ACABOU NO INFERNO



Solte o Boi na Rua (2022), pela Cia. de Teatro Avoar, de Caruaru
Texto: Vital Santos. Direção: Nildo Garbo
Foto: Carlos Nascimento / Acervo Nildo Garbo

SOLTE O BOI NA RUA OU A ESTÓRIA DA SOGRA QUE ENGANOU TODOS OS SANTOS PARA ENRICAR O GENRO E ACABOU NO INFERNO

Esta peça, toda concebida com rimas faladas e cantadas, começa em festa mostrando a dança e a alegria do Boi-de-Bandeira do Mestre Cambinda. As personagens se apresentam e revelam a trama que será apreciada, a de um homem pobre que, mesmo sem querer trabalhar, ficou rico, não financeiramente, mas por saber livrar-se do pior, um “rico” pelas suas espertezas, ou melhor, malandragens. Pois não havia quem o pegasse numa cilada, nem mesmo vindo das “profundas”, sabendo ele sempre se livrar das maiores e possíveis enrascadas. Pedro Contente é o sábio preguiçoso que, depois de tanto ser explorado nos serviços que fazia, resolveu que só iria descansar. “A melhor coisa da vida é comer, cagar e dormir” (SANTOS, 1976), repete ele sempre.

Até que sua esposa, a batalhadora Amélia (não por acaso é esse o nome da infeliz conformada), corre para lhe dizer que sonhou com a mãe, morta há uma semana. Acontece que a sogra de Pedro era uma “quengueira” nata, só vivia de enrolada. A velha veio avisar que ao pé da baraúna havia um penico cheio de ouro. Meio sem acreditar naquele conto do além, Pedro consegue descobrir a verdade. Isso depois de passar a perna no Delegado e no Padre, que vêm reclamar da sua mania de jogar cartas em plena Igreja, e do capataz Elisbão, que apareceu na intenção de derrubar a tal baraúna a mando do seu patrão.

Fugindo de qualquer esforço físico, Pedro Contente mantém o penico guardadinho, mas precisa livrar-se de outro funcionário que surge querendo derrubar a árvore. Pressentindo que tanta riqueza podia lhe trazer desgraças,



| *Solte o Boi na Rua* (1986), pelo Grupo de Teatro do SESC Caruaru

| Texto: Vital Santos. Direção: Severino Florêncio

| Foto: Acervo Severino Florêncio

ele entrega a preciosidade a Venturoso, repassando-lhe os aperreios futuros. Ou seja, prefere continuar pobre e “honrado” do que enfrentar problemas. A partir daí, sofre com a partida do Mestre Cambinda, que teve sua brincadeira do Boi censurada; precisa consolar os briguentos Mateus e Catirina, casal desconsolado pela festa que parece ter mesmo acabado, até que decide por vingar-se de quem causou aquela proibição, o próprio Delegado.

Para tanto, enrola também a sogra, que, transfigurada na Caipora, lhe faz uma aposta: confirmar a opinião da mulher Amélia se a vida dos dois era mesmo feliz. Após uma sucessão de tramas distintas, tudo acaba bem, com direito àquela força policial finalmente soltar o Boi-de-Bandeira na rua novamente. Pedro Contente continua pobre, mas sossegado: é o astuto que sabe livrar-se de mais sérias dificuldades. A divertida peça popular – que o próprio autor pretendia incluí-la numa coleção intitulada “Teatro de Feira” e lhe deu um subtítulo comprido, claramente inspirado nos cordéis populares, *Solte o Boi na Rua ou A Estória da Sogra Que Enganou Todos os Santos Para Enricar o Genro e Acabou no Inferno* – foi escrita e dirigida por Vital Santos em Caruaru e estreada pelo seu Grupo de Cultura Teatral no mesmo ano de 1976.

Na abertura do texto ele indica que aquela criação, conforme o título sugere, tem base na literatura de cordel, com aproveitamento de dois folhetos de cordelistas paraibanos, *O Soldado Jogador*, de Leandro Gomes de Barros, e *O Homem da Vaca e o Poder da Fortuna*, de Francisco Sales Arêda (obra que também foi adaptada por Ariano Suassuna). Mas passemos a palavra ao próprio autor Vital Santos:

Solte o Boi na Rua é uma peça de meio de feira, feita de encomenda para o MOBREAL [Movimento Brasileiro de Alfabetização]. Nela estão reunidos os mais diversos valores da nossa cultura popular, a preguiça, a verdade, a mentira, o profano, o bem e o mal, e, principalmente, o aproveitamento da linguagem e do gesto populares, que é, indiscutivelmente, a forma política mais verdadeira que existe, o confronto do homem com a sua verdadeira identidade. Ela cheira a povo, sua ação se passa em todas as esquinas da vida. Eu fiz, apenas, coordenar as palavras e os gestos de uma forma teatral. (Apud APOIO..., *Diário de Pernambuco*, 2 out. 1980, p. A-19)

No ano em que deu essa entrevista, 1980, o Grupo Ivan Brandão de Teatro - GIBRANT, formado há um ano na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Caruaru, tentava levar sua versão da peça *Solte o Boi na Rua* para o VIII Festival Nacional de Teatro Amador, da Universidade Federal de Ponta Grossa, no Paraná, representando o estado de Pernambuco. A equipe, que já havia montado outro trabalho do teatrólogo Vital Santos antes, *Recortes de Infância*, relembrando a vida do poeta Lycio Neves, era dirigida por Nildo Garbo. Vital elogiava o interesse que aquela turma demonstrava pelo autor brasileiro, “a preocupação nos temas que mostre a realidade de uma região, o sofrimento de uma gente, com os seus gestos, suas aflições, e que tenha como painel de fundo a palavra do homem firme, forte, capaz de ir de encontro às desgraças da vida” (Apud APOIO..., *Diário de Pernambuco*, 2 out. 1980, p. A-19), lembrou.

Pode-se dizer que a personagem Pedro Contente tem parentesco com Pedro Malazartes, com Cancão, com Benedito e até com João Grilo, figuras que são porta-vozes da classe menos favorecida e, como anti-heróis espertos, usam de suas malandragens e astúcias para combater os opressores. No caso, como esteio principal da obra, *Solte o Boi na Rua* retrata o descaso



Solte o Boi na Rua (1994), pela Companhia de Eventos Lionarte, de Limoeiro
Texto: Vital Santos. Direção: Fábio André
Fotos: Acervo Companhia de Eventos Lionarte

das instituições públicas com a cultura popular, já que um Delegado proíbe o Boi-de-Bandeira de sair e brincar nas ruas. Paralelamente, mostra também a constante luta do povo pela preservação das manifestações da sua gente brincante, principalmente na figura de Pedro Contente, o sertanejo que, independente da preguiça física, critica o poder instituído e dá um jeito de contornar a ordem estabelecida e fazer reviver a brincadeira popular tão querida e necessária.

A GRAÇA COMO INSTRUMENTO EDUCATIVO

A peça *Solte o Boi na Rua* nasceu por uma encomenda de trabalho ao Projeto MOBRAL, o Movimento Brasileiro de Alfabetização, que funcionou no país de 1967 a 1985 e foi instaurado na conjuntura da Ditadura Civil-Militar pelo Ministério da Educação e Cultura - MEC. A intenção era levar o espetáculo para o Sertão, Agreste e Zona da Mata pernambucana. Há registros na imprensa de que pelo menos 60 das 86 apresentações programadas foram feitas pelos mais diversos municípios, com espectadores sempre vibrantes ao que estava sendo proposto como cena:

O convênio visa estimular e criar uma nova plateia de teatro em meio a público que muitas vezes nunca assistiu sequer a um folguedo popular. O grupo faz um trabalho de conscientização, orientando e alertando as pessoas para uma maior participação dentro da nossa cultura popular. [...] Para os coordenadores do MOBRAL, o trabalho do Grupo de Cultura Teatral vem tendo um êxito mais objetivo do que muitos planos culturais existentes na região. Cerca de quinze mil pessoas já assistiram. O grupo vem se apresentando semanalmente para uma plateia de duas mil pessoas, com exceção de algumas cidades como foi o caso de Condado, que a peça foi levada numa praça de esporte para um público de três mil e quinhentos espectadores. (MOBRAL..., *A Defesa*, 12 jun. 1976, s. p.)

Em março de 1976 a peça já havia ido a Campina Grande/PB, no Teatro Municipal Severino Cabral, dentro das comemorações do Dia Mundial do Teatro; em abril pôde ser vista no Sesi Caruaru, no bairro Rua Preta; e em maio foi integrada à programação de aniversário dos



| *Solte o Boi na Rua* (2011), pelo curso “Vamos Brincar de Fazer Teatro”,
da Companhia de Eventos Lionarte
Texto: Vital Santos. Direção: Radaméis Moura
Foto: Marcos Antônio Mendes / Acervo Companhia de Eventos Lionarte

119 anos da cidade de Caruaru, organizada pela Prefeitura Municipal, sendo exibida no Círculo dos Trabalhadores Cristãos. No elenco do GCT, Aguinaldo Melo, Alcimar Vólia, Israel Pinheiro, José Francisco, Pinheiro Júnior, Roberval Veloso, Socorro Costa, Nilson Condé, Pedro Aarão, Wellington Ramos/Branco, Gilberto Brito e Antônio Medeiros, este último na pele do presepeiro Pedro Contente e há quem diga que foi uma de suas maiores criações. Além do texto e direção, Vital Santos assinava também os figurinos e a iluminação. Ainda na equipe técnica: Wastson (cenário); Suitberto Cavalcanti (músicas) e o trio Suitberto Cavalcanti, Ciron Lopes e Semeão Filho na execução da trilha sonora ao vivo.

Após toda aquela itinerância pelos interiores pernambucanos, a obra deveria ter chegado ao Recife graças ao convite da recém-fundada Federação do Teatro Amador de Pernambuco (Fetape na época), que programou a I Mostra de Teatro Amador de Pernambuco, no período de 17 a 31 de agosto de 1976, no palco do Teatro de Santa Isabel, mas acabou sendo substituída pela retomada da peça *Rua do Lixo, 24*, sem maiores motivos. Como naquele ano Vital foi chamado para ser o diretor da Casa de Cultura José Condé e, na sequência, viajou para dirigir a Cia. Ribalta de Teatro, em Curitiba, isso deve ter atrapalhado a sobrevivência maior

de *Solte o Boi na Rua*, encerrada sem nenhum alarde. Inclusive, não há nenhuma foto da peça nos acervos visitados. Tudo indica que a despedida da obra pelo GCT se deu no final de outubro de 1976, quando da exibição na própria Casa de Cultura José Condé, durante a Semana da Cultura promovida pelo Departamento de Cultura do Estado de Pernambuco.

Em 1980, como já citado antes, o Grupo Ivan Brandão de Teatro - Gi-brant, ligado à FAFICA - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Caruaru, montou o mesmo texto (estreia do ator Sebastião Alves). A direção era de Nildo Garbo. Em 1986 foi a vez do Grupo de Teatro do SESC Caruaru, dirigido por Severino Florêncio, mergulhar em *Solte o Boi na Rua*, desta vez com a obra ganhando repercussão nacional e conquistando, inclusive, um prêmio de melhor figurino (Erenice Lisbôa) no XI Festival de Inverno de Campina Grande/PB naquele mesmo ano. Também chegou ao IX Festival de Teatro Amador e Universitário do Nordeste, na capital baiana, ainda em 1986, e fez um circuito pelo SESC no ano seguinte, indo às cidades de Curitiba, Ponta Grossa/PR, Rio de Janeiro, Barra Mansa, Nova Friburgo/RJ e, novamente, Salvador/BA.

Em 1994, na cidade de Limoeiro, a Companhia de Eventos Lionarte preparou sua versão da obra, com direção de Fábio André, também ganhando boa projeção. Houve até uma nova encenação da mesma equipe em 2011, agora com novos e jovens atores egressos do curso “Vamos Brincar de Fazer Teatro”, sob a direção de Radaméis Moura, que havia feito o protagonista Pedro Contente anteriormente. No ano de 2001, outro artista caruaruense, Carlos Alves, montou *Solte o Boi na Rua*, agora com alunos da Escola Municipal Professor Kermógenes Dias de Araújo, pelo Grupo Terra. Ainda em Caruaru, Nildo Garbo preparou duas novas montagens da obra, em 2004, com alunos do Colégio Pré-Acadêmico, e em 2022, pela Cia. de Teatro Avoar.

No ano de 2006 o Grupo Teatral Ariano Suassuna, ligado à Escola Santos Cosme e Damião, na cidade de Igarassu/PE, realizou mais uma versão, sob direção de Albanita Almeida e Flávio Teixeira. A peça chegou a participar do IV Festival Estudantil de Teatro e Dança, no Recife, conquistando o prêmio de melhor ator para André Ramos, em agosto, e do 5º FESTEPE - Festival de Teatro do Estudante de Pernambuco, em outubro daquele mesmo ano, na cidade de Caruaru. A mais recente encenação de *Solte o Boi na Rua* é a já lembrada de Nildo Garbo para a Cia. de Teatro Avoar, em plena atividade até 2024. Em Curitiba, pela Cia. de Teatro Produções

Solte o Boi na Rua
(2022), pela Cia.
de Teatro Avoar, de
Caruaru
Texto: Vital Santos.
Direção: Nildo Garbo
Fotos: Carlos
Nascimento / Acervo
Nildo Garbo





Solte o Boi na Rua (2022),
pela Cia. de Teatro Avoar,
de Caruaru
Texto: Vital Santos
Direção: Nildo Garbo
Foto: Carlos Nascimento
/ Acervo Nildo Garbo

Artísticas, o pernambucano Ailton Silva Carú já dirigiu quatro versões da mesma obra, atingindo mais de 140 mil espectadores (O “BOI”..., *Folha de Londrina*, 8 nov. 2001, s. p.). A mais recente estreia dele foi em 2001.

Também há a versão de 2009 da Cia. Poeira no Palco, de Itaguaí, município do Rio de Janeiro, dirigida por Manoel Ribeiro. E é até possível que, pelo seu caráter popular, servindo mesmo como espetáculo para espaços abertos, *Solte o Boi na Rua* tenha ganho várias outras montagens no Brasil, como pura festa teatral, musical e popular.

REFERÊNCIAS:

APOIO ao teatro em Caruaru. **Diário de Pernambuco**. Recife, 2 out. 1980. Regional. p. A-19.

COUTINHO, Valdi. Caruaru - uma praça aberta para teatro. **Diário de Pernambuco**. Recife, 20 out. 1976. Diversões/Cena Aberta. p. B-5.

MOBRAL e GCT levam teatro a 86 cidades. **A Defesa**. Caruaru, 12 jun. 1976. s. p.

O “BOI” chega ao teatro. **Folha de Londrina**. Londrina, 8 nov. 2001. Disponível em: <https://www.folhadelondrina.com.br/folha-2/o-boi-chega-ao-teatro-368062.html?d=1>. Acesso em: 16 mar. 2025.

SANTOS, Vital. **Solte o Boi na Rua ou A Estória da Sogra Que Enganou Todos os Santos Para Enricar o Genro e Acabou no Inferno** [texto digitado do original]. Caruaru, 1976.

--- SOLTE O BOI NA RUA ---

ou A Estória da Sogra Que Enganou Todos os Santos Para Enricar o Genro e Acabou no Inferno

De: Vital Santos

.....

Personagens: Mestre Cambinda, Boi-de-Bandeira, Mateus, Catirina, Caipora, Pedro Contente, Amélia, Delegado, Padre, Seu Campina, Ema, Elisbão e Venturoso.

Esta peça, conforme o título, tem base na literatura de cordel, com aproveitamento dos folhetos: “O Jogador” (Leandro Gomes de Barros) e “A Fazenda do Homem da Vaca” (Sales Arêda). Os personagens do Boi-de-Bandeira são representados pelos mesmos atores, com máscaras típicas do folguedo. Todos em cena, cantando e dançando alegremente em volta do Boi.

TODOS (*cantando*) – Deus escreve em linhas tortas / tão certo, chega faz gosto / faz tudo abaixo dele / nada lhe será oposto / um do outro desigual / por isso o mundo é composto!

MESTRE CAMBINDA (*cantando*) – Vejamos que diferença nos seres do Criador / águia é pássaro grande / e tão pequeno o beija-flor / a ema tão corredeira / e o urubu tão voador!

TODOS (*cantando*) – Deus escreve em linhas tortas / tão certo, chega faz gosto / faz tudo abaixo dele / nada lhe será oposto / um do outro desigual / por isso o mundo é composto!

MATEUS (*cantando*) – Vê-se a Onça tão ligeira / preguiça tão vagarosa / o porco, imundo, tão sujo / a garça tão vaidosa / a formiga tão esperta / e a pulga tão preguiçosa!

TODOS (*cantando*) – Deus escreve em linhas tortas / tão certo, chega faz gosto / faz tudo abaixo dele / nada lhe será oposto / um do outro desigual / por isso o mundo é composto!

SEU CAMPINA (*cantando*) – Vê-se a lua tão formosa / e o sol tão carrancudo / vê-se um lajedo tão grande / e um peixinho tão miúdo / o mussum tão mole e liso / o jacaré tão cascudo!

TODOS (*cantando*) – Deus escreve em linhas tortas / tão certo, chega faz gosto / faz tudo abaixo dele / nada lhe será oposto / um do outro desigual / por isso o mundo é composto!

PEDRO CONTENTE (*cantando*) – Vê-se um homem tão calado (*faz menção pra si*) / já outro tão divertido (*aponta Mateus*) / um mole, fraco e mofino (*aponta Mateus*) / outro valente e atrevido / às vezes um rico tão tolo / e um pobre tão sabido!

TODOS (*cantando*) – Deus escreve em linhas tortas / tão certo, chega faz gosto / faz tudo abaixo dele / nada lhe será oposto / um do outro desigual / por isso o mundo é composto!

CATIRINA (*cantando*) – Veio do “Teatro de Feira” a estória que vou contar / a vida de um homem pobre / que mesmo sem trabalhar ganhou o nome de sábio / e por fim veio enriquecer!

TODOS (*cantando*) – Deus escreve em linhas tortas / tão certo, chega faz gosto / faz tudo abaixo dele / nada lhe será oposto / um do outro desigual / por isso o mundo é composto!

CAIPORA (*cantando*) – Esse homem nunca achou nada que o enrascasse / problema por mais difícil / nem cilada que o pegasse / *quenguiستا* que o iludisse / questão que ele não ganhasse!

TODOS (*cantando*) – Deus escreve em linhas tortas / tão certo, chega faz gosto / faz tudo abaixo dele / nada lhe será oposto / um do outro desigual / por isso o mundo é composto!

Enquanto Pedro Contente dirige-se ao público, os demais saem de cena.

PEDRO CONTENTE – Eita, mundo velho sem cabresto, cheio de confusão! Quanto mais a gente cresce, mais fica pregado no chão. Por mais que se trabalhe, só quem enrica é o patrão. Eu vou contar a vocês como eu sou azarado. Botei um negócio bom, porém vendi fiado; um dia emprestei o livro do apurado, dei a balança de esmola e fiz lenha do balcão; desmanchei as prateleiras, fiz delas um marquês, porém roubaram-me a cama, fiquei dormindo no chão. Estou pensando na vida, como é que vou passar, não tenho mais um vintém nem jeito pra trabalhar e o desgraçado da venda não quer mais me fiar. Não vou matar nem roubar, que isso é coisa imunda. De tanto trabalhar já fiz até calo na bunda. Quer saber? Vou descansar, senão a canoa afunda. (*deita-se na esteira e começa a cantar*). A melhor coisa da vida / é comer, cagar e dormir / é sonhar com as estrelas / é ver uma mulher parir / é peidar no meio da rua / e ninguém lhe proibir.

AMÉLIA (*entra correndo*) – Pedro! Pedro! Me acode, pelo amor de Deus!

PEDRO CONTENTE – O que foi mulher? O que foi que aconteceu? O mundo vai se acabar?

AMÉLIA – Eu vou dizer, mas você não vai acreditar. Minha mãe apareceu.

PEDRO CONTENTE – Como, se já faz mais de uma semana que aquela desgraçada morreu?

AMÉLIA – Pois foi o que sucedeu. Eu estava enchendo o pote na cacimba quando ela apareceu. Chegou pra mim e disse: “Amélia, preste atenção e dê a Pedro este recado. Diga que no pé da braúna tem um presente guardado: é um *pinico* cheinho de ouro bem conservado”.

PEDRO CONTENTE – Será possível, mulher, que eu não possa nem dormir? Tu não sabe que aquela velha morreu de tanto mentir?

AMÉLIA – Cala essa boca, Pedro. Nossa botija tá aqui. (*aponta*)

PEDRO CONTENTE – E vai ficar onde está, porque eu não vou bulir. Quem sabe se não é uma serpente e vai querer me engolir? Tu não sabe mulher, que aquela velha foi a maior *quengueira* que já deu neste lugar? Só vivia de enrolada. Pode ter cem botijas, deixe ela aí guardada.

AMÉLIA – Mas homem!

PEDRO CONTENTE – Mulher, vai preparar a comida que tô morrendo de fome. (*deita-se*)

AMÉLIA – Ô que homem descrente, meu Deus. (*sai*)

PEDRO CONTENTE (*cantando*) – A melhor coisa da vida / é comer, cagar e dormir / é sonhar com as estrelas / é ver uma mulher parir / é peidar no meio da rua / e ninguém lhe proibir. (*adormece*)

AMÉLIA (*volta correndo*) – Pedro! Pedro! Levanta, homem! Vê quem vem ali. (*aponta*)

PEDRO CONTENTE – Quem são aquelas duas marmotas?

AMÉLIA – É o Padre e o Delegado que vêm bater à nossa porta.

PEDRO CONTENTE – Eu não mexi com filha de ninguém, pra começo de peleja.

AMÉLIA – Não é por isso não, homem. Foi aquele negócio da igreja.

PEDRO CONTENTE – Que negócio, mulher? Conta logo e para esse chocalho!

AMÉLIA – Você! Na hora da missa mexendo naquele baralho.

PEDRO CONTENTE – Ah! É por isso que eles vêm me prender?

AMÉLIA – Só pode ser. O Padre ficou com o Diabo, foi porque eu não quis lhe dizer.

PEDRO CONTENTE – Eu já sei quem foi o fuxiqueiro: foi o corno do Sacristão. Quando ele passou pedindo dinheiro, me viu com o baralho na mão e foi correndo dizer ao Padre pra fazer a confusão.

AMÉLIA – Eu bem que te dizia, pra tu acabar com essa mania de levar baralho pra missa.

PEDRO CONTENTE – Pois você fique sabendo que eu nada tô temendo. Não tenho medo de polícia...

DELEGADO (*entra acompanhado do Padre*) – Seu Pedro, o senhor tá preso! Queira me acompanhar...

PEDRO CONTENTE – Daqui eu não arredo o pé! Faça o favor de se explicar.

PADRE – Pela Santíssima Trindade! O homem, além de ateu, desrespeita a autoridade!

DELEGADO – Seu Pedro, *dura lex sed lex*! Se o senhor não for por bem, vai ter que ir no *paulex*!

PEDRO CONTENTE – Eu sei que nesta cidade a justiça e a religião andam sempre de mãos dadas numa santíssima união. Mas daqui eu não saio sem antes saber a razão.

PADRE – Deixe de ser afoito. E peça logo perdão! Reze cinco Ave Maria, se quiser ter salvação.

DELEGADO – O senhor profanou um templo sagrado com as cartas do Satanás. Acha pouco ou quer mais?

PEDRO CONTENTE (*a Amélia*) – Mulher, que santíssima ignorância destes dois pobres cristãos. (*ao Padre*) Não tem o tino de Deus pra fazer uma interpretação? Vem logo chamando de herege a mais contrita ação de rezar sabiamente nas cartas ultra dolentes uma sagrada oração?

PADRE – Meu Deus, que profanação!

DELEGADO – Entre logo no assunto ou vai entrar na prisão!

PEDRO CONTENTE – Bem, Seu Delegado, eu sou um pobre coitado que não tem onde morrer. Não posso comprar uma Bíblia para na missa rezar; só tenho mesmo um baralho e rezo nele constante.

PADRE – Isso é degradante!

DELEGADO – Que reza há num baralho? Vamos, diga seu farsante!

PEDRO CONTENTE – Há tudo da Escritura Velha, Nova e assim por diante. Por exemplo: a carta “Ás”, que tem um ponto somente, faz recordar que existe um só Deus onipotente. Quando chamamos por Ele, o encontramos presente. Quando pego no “Dois”, ali premedito eu que em duas tábuas de pedra o Criador escreveu quando em sarças ardentes a Moisés apareceu. Quando eu pego no “Três”, me recorda a Divindade, por exemplo, as três pessoas da Santíssima Trindade que nós todos conhecemos: o Espírito, o Filho e o Pai. O “Quatro” lembra-me as quatro Marias de Nazaré, que foram: Maria Áurea, Maria Salomé, Madalena e a Virgem Pura, esposa de São José.

O “Cinco” me faz lembrar aquele dia de fel, as cinco chagas de Cristo feitas por mão cruel que matou crucificado o filho de Deus Israel. Quando pego em “Seis de Ouro”, faço uma premeditação. Seis dias o Senhor gastou na obra da criação, formou tudo que existe sem em nada pôr a mão. O “Sete” lembra-me a hora terrível, triste, amargurada, os sete passos de Cristo em sua paixão sagrada; com sete espadas de dores a mão de Deus foi cravada. No “Oito”, vejo as pessoas que do dilúvio escaparam: Noé, a mulher, três filhos e três noras se salvaram. O resto as águas cobriram, onde todas se afogaram. Quando eu pego no “Nove”, vejo na imaginação os nove meses ditosos da divina encarnação que Jesus passou no ventre da Virgem da Conceição. O “Dez”, não posso esquecer que dez mandamentos ficaram para o mundo se reger, os dez se encerram em dois como todo mundo vê. O “Rei” é o Rei da Glória, o ente mais poderoso que já vimos na história, que não precisa de soldado para alcançar a vitória. Quando eu pego na “Sota”, me vem lembrança daquela que toda Jerusalém enriqueceu só com ela, aquela que deu à luz, ficando a mesma donzela. Eis aí, meus senhores, essa é a minha história. Se isso for pecado, eu dou a mão à palmatória.

DELEGADO – Eu ouvi bem direitinho? Em todas as cartas falastes, mas esqueceu do “Valete”. Foi porque não te lembraste? Não é também uma carta, por que não apresentaste?

PEDRO CONTENTE – Essa é muito ruim, quando eu peguei no baralho a ela dei logo fim. Tem os traços do Sacristão que denunciou de mim.

PADRE – Seu Pedro, peço perdão. Sei que fui precipitado... O senhor é um grande cristão, isso ficou provado. Adeus, até outro dia! Vamos embora, Delegado!

DELEGADO – Vamos indo, Seu Vigário. Este homem é um filósofo, um Platão, um Macário!

PEDRO CONTENTE – Padre, domingo eu estou na igreja com o meu baralhinho novo.

PADRE (*tropeçando no Delegado*) – Pois não, meu filho! Eu vou prevenir o povo!

PEDRO CONTENTE (*a Amélia*) – Se essa moda pegar, não sei o que vai ser da missa.

DELEGADO (*caindo por cima do Padre*) – É um intelectual! (*saem*)

PEDRO CONTENTE – Eita, bicho pra puxar saco é delegado de polícia! Mulher, eu vou me deitar, tô morrendo de preguiça.

AMÉLIA – Não faz isso não, homem. O sol tá no meio da rua. Pega a enxada e dá uma voltinha, que a situação tá crua.

PEDRO CONTENTE – Trabalhar pra quê, mulher? Trabalho não convém. Se trabalhar desse futuro, jumento vivia bem. O que tiver de ser meu, às minhas mãos

ainda vem. Vejo tantos que trabalham, juntando o que é seu, quando morrem deixam tudo, o trabalho não valeu. Os outros, pelo que vejo, estão piores do que eu. *(deita-se cantando)* A melhor coisa da vida / é comer, cagar e dormir...

AMÉLIA – Esse daí, só Deus... Só sabe ser esperto. *(ao público)* E sabe que ele tá certo? *(sai cantando)* A melhor coisa da vida / é comer, cagar e dormir...

ELISBÃO *(entra com uma foice nas costas e comendo um pão. Ao ver o público, dirige-se a ele)* – Pai e mãe é muito bom, mas barriga cheia é melhor! Jesus Cristo é muito grande, mas o meu patrão é maior! Só pra derrubar essa braúna, ele me pagou um tostão e ainda me deu de quebra uma banana e um pão. Eu vou amolar a foice e botar essa bicha no chão. *(fica amolando a foice e fazendo barulho)*

PEDRO CONTENTE *(acordando)* – Será possível que eu não possa mais dormir?

ELISBÃO – É bom sair de baixo porque a árvore vai cair.

PEDRO CONTENTE – Quer responder, por favor, o que está fazendo aqui?

ELISBÃO – Agora: amolando a foice. Mas depois, você verá com uma só foiçada essa bicha despençar.

PEDRO CONTENTE – E com a ordem de quem o senhor vai derrubar?

ELISBÃO – Do patrão Aureliano. Se o senhor não se incomodar!

PEDRO CONTENTE – Ah! Foi do Doutor Aureliano?

ELISBÃO – Perfeitamente. E é bom sair da frente porque eu já vou começando. *(prepara-se para cortar quando entra Amélia e o impede)*

AMÉLIA *(livrando-se da foiçada)* – Não faça isso, meu senhor!

ELISBÃO – Virgem Nossa Senhora! Por um triz sua cabeça não rolou!

AMÉLIA – Meu senhor, não faça isso, não corte a bichinha não.

ELISBÃO – Impossível, *inhá* dona. É ordem do patrão. Pra fazer a fogueira do meu glorioso São João.

AMÉLIA – Pedro, fale com ele, explique qual a razão: *(cochicha no ouvido de Pedro)* o *pinico*!

PEDRO CONTENTE – Mas como é que eu explico, se foi ordem do patrão?

AMÉLIA – Pronto!

ELISBÃO – Eu não posso perder tempo, vou meter a foice no tronco!

AMÉLIA – Espere um pouquinho, meu senhor.

ELISBÃO – Mas o que é que tá acontecendo? Quer explicar, por favor?

AMÉLIA (*baixinho a Pedro*) – Pedro, faz alguma coisa! Ele vai encontrar o *pinico*. Quer fazer uma aposta?

PEDRO CONTENTE – Ele pode encontrar um *pinico*, mas é cheio de bosta.

ELISBÃO – Ah, eu tô perdendo tempo. Isso é um desaforo!

AMÉLIA – Pedro, nós vamos perder o tesouro!

PEDRO CONTENTE – Tá, eu digo que é verdade se a velha aparecer. Quando ele levantar a foice, ela no ar pender; depois, soltar no pé pra eu ver o mel descer. (*assim que ele termina de falar, Elisbão levanta a foice e o dito acontece*)

ELISBÃO (*pegando no pé*) – Ai!!! Ai!!! Perdi dois dedos do pé! Isso deve ter sido praga desta maldita mulher! Te *disconjuro*, peste! (*sai gritando e pegando no pé*)

AMÉLIA – Tás contente com o teu, peste?

PEDRO CONTENTE (*olhando para o céu*) – Vôte, Dona Mercês, isso é uma amizade e tanta! Eu sempre disse a Amélia que a senhora era uma santa... (*neste momento a foice fica suspensa no ar e balançando em sua direção*)

AMÉLIA – Homem, não diz asneira...

PEDRO CONTENTE – Que era uma santa, era! Mas gostava de uma brincadeira. Isso naquela era! (*a foice cai no chão*)

AMÉLIA – Pronto, homem, agora tu acredita?

PEDRO CONTENTE – Claro, mulher. Mas essa história podia ser mais bonita.

AMÉLIA – Como? O que é que tu quer dizer?

PEDRO CONTENTE – A botija tá no tronco da árvore. Como é que eu vou fazer?

AMÉLIA – É só pegar a foice e tirá-la de lá.

PEDRO CONTENTE – Bem que ela podia fazer isso por mim. Não vê como eu tô fraco, coitado, quase no fim!

AMÉLIA – Pedro, assim também é demais.

PEDRO CONTENTE – Mulher, eu pego nessa foice, por arte do Satanás ela me rola o pescoço e, aí, você não vai me ver nunca mais.

AMÉLIA – É mesmo, meu nêgo, você sabe o que faz.

PEDRO CONTENTE – Deixa essa botija aí. Um dia a velha nos traz. Se é que ela quer viver na outra vida em paz! (*deita-se e começa a cantar*) A melhor coisa...

AMÉLIA (*senta junto dele e fica pensativa*) – Pedro, vamos se mudar pra outra região, que pode até a fortuna nos dar sua proteção. Eu fiquei preocupada com o empregado do patrão.

PEDRO CONTENTE – Mulher, deixa eu dormir, não conversa água não. O meu juízo tá todo, eu não mudo daqui nem arrastado de rodo, que pedra que muito se muda nunca pode criar lodo. Se eu tiver de possuir qualquer coisa com fartura, não vou sair pelo mundo procurando aventura. E se a fortuna quiser, ela mesma me procura.

AMÉLIA – É mesmo, Pedro, tá certo. Aqui nós vamos vivendo da forma que Deus quiser. Vamos esperar pra ver se a sorte um dia nos quer. Porém, meu velho, se anime! Vamos botar um roçado... Se planta milho e feijão, e depois dele tratado será o lucro na certa pra se viver descansado.

PEDRO CONTENTE – Mulher, deixa de loucura que eu já sei como é: a gente limpando o mato, vem a cobra e morde o pé; o sol acaba a lavoura, nem preá e nem mundé. E mesmo quem trabalha pra dar lucro ao patrão, cava lajeiro duro com cavador de pinhão, faz chocalho de cera com badalo de algodão.

AMÉLIA – É verdade, meu velho, você tem razão sobrada. Mas hoje, para o almoço em casa, não temos nada. Homem, pegue a espingarda e vá na mata caçar nambu, rolinha, asa branca, que é na certa matar. Aí a gente faz um pirão e dá pra se alimentar.

PEDRO CONTENTE – O seu plano, mulher, tá muito direitinho, mas eu pego a espingarda, vou matar um passarinho, sai o tiro na culatra e se acaba o seu velhinho. Temos batata de imbu; se passa ela no ralo com água quente e pimenta, se faz cabeça de galo; enchemos a nossa pança, que pobre não tem regalo.

AMÉLIA – É mesmo homem, tá certo. Eu vou cuidar nisso já. Porém, amanhã, nós vamos tirar um arapuá, que o mel daquilo é bom e melhor é o saburá.

PEDRO CONTENTE – Tá, minha velha, eu não vou nem que você faça rogo. Que arapuá é fuxico e ninguém aguenta o jogo das abelhas nos mordendo e a quentura do fogo.

AMÉLIA – É mesmo, eu também acho. Ah, Pedro, ia me esquecendo! Eu tava tirando lenha lá do serrote pra baixo, achei um peba bem na beira do riacho. É bom a gente ir cavar, que um peba gordo é presunto.

PEDRO CONTENTE – Mulher, muda esse assunto porque buraco de peba é morada de defunto. Nós vamos atrás do peba, perdemos nossa dormida; ele engana a gente e foge, fica a viagem perdida; vem uma cascavel e morde. Aí, perdemos a vida!

AMÉLIA – Tem razão, meu nêgo. Mas vamos pelo menos na lagoa, que tem peixe em grande quantia e eu acho bom a gente fazer pescaria.

PEDRO CONTENTE – Tá bom, mulher, tá bom. Mas onde vamos arranjar jereré? E mesmo a lagoa é funda que não há quem tome pé. Danado é se passar no papo do jacaré. É melhor forrar a esteira; vamos deitar e dormir. Amanhã cedo você vai pelas casas pedir. Quando voltar, traz comer que dá pra tudo remir.

AMÉLIA – Tá bem, homem, tá bem.

PEDRO CONTENTE – Esforçar-se não convém, que quando a fortuna quer de qualquer modo ela vem.

AMÉLIA – Pedro, esta pobreza arrenego! Só vivo pelas portas, pedindo mais do que cego!

PEDRO CONTENTE – Mas em compensação nós não batemos um prego. (*deita-se no colo dela e começa a cantar*) A melhor coisa da vida...

VENTUROSO (*entra com uma foice nas costas e um embrulho na mão*) – Muito bom dia, senhor! Com a vossa permissão eu vou derrubar esta árvore a mandado do patrão, que é pra fazer uma fogueira ao nosso divino São João.

AMÉLIA – Pronto, já vamos ter confusão...

PEDRO CONTENTE – Não, esse parece que tem um bom coração.

VENTUROSO – Se me permitir, senhor, quero lhe dar este pão para tomar com café na hora da refeição. (*entrega o pacote*)

PEDRO CONTENTE – Sendo assim, muito obrigado.

AMÉLIA – Meu Deus, que homem educado!

VENTUROSO – Agora, se permite, vou começar o puxado.

PEDRO CONTENTE – Moço, bondade é um dote da natureza. O senhor me deu almoço e eu lhe dou a sobremesa. No tronco desta árvore tem um tesouro guardado: é um *pinico* de ouro que me foi presenteado. Porém, como eu não precisava, deixei ele aí guardado. Agora pode tirar que eu lhe dou um bocado.

VENTUROSO – Isso é que é um homem educado! (*começa a cortar a árvore. Depois de umas três ou quatro foçadas, surge uma luz no tronco da braúna: é o reflexo do penico*). Meu Pai Eterno do Céu, que coisa bonita é essa?

AMÉLIA – Pedro, estamos ricos!

PEDRO CONTENTE – Calma, mulher! Não tem pressa!

VENTUROSO (*dá mais uma foçada e tira o penico de dentro da árvore*) – Moço, que fortuna! Tem muitos milhões aqui. (*entrega o penico a Pedro*)

PEDRO CONTENTE – Abra o bolso, que nós vamos dividir.

VENTUROSO – Não tem ricaço da terra que gaste isso em dez anos!

PEDRO CONTENTE – Não fique muito encantado, que isso só traz desenganos.

VENTUROSO – Com tanto ouro assim eu boto o patrão pra fora, compro esta fazenda, mando ele ir embora e não quero que empregado nenhum me trate com

nove horas. Vai ser todo mundo igual: do empregado ao patrão! Eu vou banir a tirania e queimar a privação!

PEDRO CONTENTE – Moço, por muito menos que isso já se fez revolução.

VENTUROSO – Eu quero logo uma guerra, destas com todas as nações, pra pegar aquele peste e embuchar canhões.

PEDRO CONTENTE – Aí tá sua parte. A outra metade é minha.

VENTUROSO – Seu moço, agradecido. Que Deus lhe dê do melhor!

PEDRO CONTENTE – O estudo de Salomão e a paciência de Jó!

AMÉLIA – Muita chuva pro sertão e um pouquinho de sol.

VENTUROSO (*indo embora*) – Adeus, amigo! Até outro dia.

PEDRO CONTENTE – Seu moço, e a árvore?

VENTUROSO – Não vai ter mais serventia ao nosso querido São João, porque eu vou fazer a fogueira é com os móveis do patrão. Adeus, gente! Até outra ocasião. (*sai*)

PEDRO CONTENTE – Eu não dou uma semana pra que esse daí se acabe: vão lhe tomar a fortuna e ensinar o que ele sabe.

AMÉLIA – Ôxente, homem. Tá louco?

PEDRO CONTENTE – E eu ainda acho pouco. Amélia, eu vou lhe dizer uma coisa, bote isso na cabeça: um sujeito desse assim, por incrível que pareça, é *quengado* logo. Não que ele mereça. O mal com o mal não se paga, diz a velha profecia; fogo quente se apaga é com muita água fria. Por isso é que eu não deixo a minha filosofia.

AMÉLIA – Meu velho, tu és um sábio!

PEDRO CONTENTE – Não, mulher. Sou feliz.

AMÉLIA – Por isso é que eu me calo e aceito o que tu diz.

PEDRO CONTENTE – Quem dá valor a dinheiro, mulher, só pode ser infeliz. Por causa dessa desgraça o filho rouba o pai, o pai desconhece o filho, o patrão e o empregado vivem agarrados nos trilhos mais imprensados que ovo. A Nação contra o Governo, o Governo judiando o povo... É por isso que este cantinho eu estimo, beijo e louvo.

AMÉLIA – Meu velho, agora nós estamos ricos, temos dinheiro a granel. Podemos até comprar uma morada no céu!

PEDRO CONTENTE – Mulher, cala essa boca e vê se toma juízo. Pra que eu quero o céu, se aqui é o paraíso? Que o dinheiro compra tudo, isso é uma grande verdade, mas ele não compra uma coisa que é a honestidade. E eu não quero lhe ver fazendo perversidade, traindo seu maridinho pra ser fiel à sociedade. O dinheiro compra a

casa, bangalô, compra até carro e chofer. Porém, o homem, nessa vidinha, troca logo de mulher. Me diga se é isso o que você quer?

AMÉLIA – Deus me livre e guarde de uma coisa dessas acontecer! Eu prefiro pedir esmola pra lhe dar de comer do que fazer essas coisas que o Diabo manda fazer.

PEDRO CONTENTE – Então cale essa boca e não diga palavra à toa.

AMÉLIA – Eu só tava querendo dizer uma coisa boa. Assim como: comer, beber e dormir. Não digo felicidade porque essa tem aqui, mas ela não enche barriga. Como é que vamos resistir?

PEDRO CONTENTE – Resistimos até hoje e nada aconteceu. Eu conheço muita gente que o dinheiro não valeu; no dia que a morte veio ele ciscou, mas morreu. Melhor que você se conforme e agradeça o que Deus nos deu.

AMÉLIA – Meu velho, eu só digo besteira. Você tem muita razão.

PEDRO CONTENTE – Mulher, é preciso ser muito vivo pra entender essa questão. Você, como muita gente, só vê o que tá na mão; esquece o que vem de dentro, do fundo do coração.

AMÉLIA – Meu velho, eu lhe peço perdão.

PEDRO CONTENTE – Essa fortuna pode ser nossa felicidade, como também a nossa desgraça. Em meio a essa incerteza, eu não sei o que é que faça.

AMÉLIA – Também não precisa pressa. De todo jeito o tempo passa.

PEDRO CONTENTE – Mulher, quer saber de uma coisa? Tome, pegue este pão e vá botar a comida que é a melhor solução.

AMÉLIA – *Iapôis*, meu velho. Pra que tanto porém?

PEDRO CONTENTE – Depois eu resolvo o que faço. Nós não devemos a ninguém.

AMÉLIA – Faça o que você quiser. Faça o que melhor lhe convém. (*sai*)

PEDRO CONTENTE (*à parte*) – Eu pego esta fortuna, deixo ela por aqui, o ladrão vem e me mata: eu deixo de existir; aí acaba-se tudo, nunca mais eu vou dormir. Tá doido, homem! Eu vou é dar esta bosta ao primeiro que surgir.

Ouve o barulho de um chocalho e alguém se lamentando. Entra o Mestre Cambinda puxando o Boi-de-Bandeira.

MESTRE CAMBINDA (*entretido*) – Mas tem uma coisa, meu Boi, pode ficar avisado: aquele desgraçado me paga. Me paga e é dobrado!

PEDRO CONTENTE – O que foi Mestre Cambinda, tá aperreado?

MESTRE CAMBINDA – Homem, num queira nem saber o tamanho da desgraça!

PEDRO CONTENTE – Mas logo hoje, dia de brincadeira? Dia de festa e graça do nosso Boi-de-Bandeira?

MESTRE CAMBINDA – Seu Pedro, eu já vi miséria na guerra do Paraguai; já vi filho de peixeira arriar as tripas do pai; mas uma como essa, eu morro e não vejo mais.

PEDRO CONTENTE – O que foi?

MESTRE CAMBINDA – O Boi.

PEDRO CONTENTE – O que é que tem o Boi?

MESTRE CAMBINDA – Tá proibido de dançar.

PEDRO CONTENTE – Como? Quem foi que proibiu? Quem foi esse amaldiçoado?

MESTRE CAMBINDA – Quem haveria de ser? O gôta do Delegado! (*choroso*) Já tava tudo pronto, o pessoal arrumado, a zabumba pinicando e o terreiro enfeitado. Até bolacha e cachaça Seu Campina já tinha comprado. Quando eu vi o pessoal encabulado num canto e o coitadinho do Boi se desmanchando num pranto, não aguentei, vim-me embora, vou morar em outro canto. Adeus, companheiro, eu vou nesta direção, vou em busca de alguém que me dê uma proteção, porque viver sem o Boi a vida perde a razão.

PEDRO CONTENTE – Mestre, pegue este dinheiro e vá pra outro lugar. Vá até pro estrangeiro e forme o seu Boi por lá; mas diga que é brasileiro, quando alguém lhe perguntar. Diga que é o Boi-de-Bandeira do Nordeste do Brasil, que só tá *praquelas* bandas porque o Delegado proibiu, mas que um dia ele volta a esta terra varonil! Leve ele à Palestina e acabe com a guerra; também ao Vietnã que a confusão se encerra... Aí, quem sabe, o Mestre ganha o reino da Inglaterra?

MESTRE CAMBINDA – Só um homem como o senhor, que tem um bom coração, é que pode compreender essa nossa aflição. Eu aproveito a ocasião para lhe dar de presente este Boi, belo e bonito que dança, fala e sente; que chora igual a gente.

PEDRO CONTENTE – O Mestre Cambinda me faz contente. Eu sempre fui arriado por este Boi-de-Bandeira.

MESTRE CAMBINDA – É tarde, eu já vou indo, não tenho tempo a perder. Seu Pedro Contente, sinceramente, não sei como agradecer.

PEDRO CONTENTE – Ora, Mestre. Vá com Deus, que Ele vai lhe proteger!

MESTRE CAMBINDA (*saindo*) – Enquanto eu for vivo, o Boi não vai morrer!

PEDRO CONTENTE – Adeus, Mestre! Mande notícias de lá! Lá se foi o Mestre Cambinda, a alegria do lugar. (*senta junto do Boi e fica acariciando-o*) E agora, meu Boi, como é que vai ficar? (*o Boi começa a chorar*) Calma, meu Boi, calma. Um dia ele

vai voltar. *(o Boi aumenta o choro)* Ôxente, o que é isso, meu Boi? Olhe o povo observando! *(ele chora dramaticamente)* Chiii! O povo já está mangando. *(o Boi olha para o público e para de chorar)* Eu vou lhe dizer uma coisa pura e verdadeira. Esse povo que taí veio assistir a brincadeira, você tem que mostrar a ele quem é o Boi-de-Bandeira. *(o Boi olha para Pedro)*. Vamos, levante! Dance pra ele ver. *(o Boi levanta-se meio enca-bulado)* Sim! Agora cante aquela modinha que o Mestre fez pra você. *(quando fala no Mestre ele cai no choro)* Ah, meu Deus! *(a cada gemido do Boi alguém responde lá dentro. Assim, várias vezes, um gemendo e o outro respondendo, o choro vai se aproximando e o Boi fica com medo. É Mateus que entra no seu Cavalo-Marinho)* Ah, é o Mateus!

MATEUS – Ai, minha Nossa Senhora! Como eu sou curto de sina. Ai! Ai! Como é que vai ser agora, quem é que vai beliscar as perninhas das meninas?

PEDRO CONTENTE – Ôxente, Mateus, o que é isso? Chorando na vista do povo!

MATEUS – Ai, Seu Pedro Contente, me ajude, me acuda, me dê socorro.

PEDRO CONTENTE – Mateus, isso é coisa que se faça?

MATEUS – Ah, Seu Pedro Contente, aconteceu uma desgraça!

PEDRO CONTENTE – Não é preciso explicar, eu já sei de tudo que se passa. *(Mateus exagera no choro)* O que é isso, Mateus? O mundo não se acabou!

MATEUS – Para o senhor. *(desesperado)* Ai, minha Nossa Senhora! Que dia! Perdi as minhas *quengadas*, perdi a minha alegria, perdi até Catirina, a nêga que eu mais queria!

PEDRO CONTENTE – Mateus, você tem esse amigo para qualquer embaraço.

MATEUS – Mas sem o Boi, o que é que eu faço? Eu que era cheio de vida, que só vivia contente, quando chegava na praça alegrava toda gente. Agora, olhe pra mim, tenho tristeza somente. *(chora)*

PEDRO CONTENTE – Não diga isso, Mateus. Você é muito inteligente. Quer ver você se alegrar e divertir esta gente? Faça uma graça daquelas, mas que não seja indecente.

MATEUS – Não posso. Quando eu fico desse jeito, me dá logo *castrófobia*: ataca dos cabelos até o pé da *viria*; o rim pega a tripa gaiteira e faz aquela *ródia*. Fica aquela danação: a uretra vem pro peito e a vesícula pro coração; a fimose pega os intestinos e faz aquela pressão. Eu já fui a uma junta médica e não teve solução. Quando a danada me pega, me deixa com a vista tonta, é uma dor tão da gôta, que eu cago sem ter merda pronta.

PEDRO CONTENTE – Ah! Mateus, faz uma gracinha. Uma só não faz mal. *(cochicha no ouvido dele apontando para o público)* Tá vendo aquele sujeito que se parece com o Babau?

MATEUS – Tô.

PEDRO CONTENTE – Ele veio tirar o seu retrato pra botar no jornal.

MATEUS – Por Deus?

PEDRO CONTENTE – *Iapôis*, Mateus.

MATEUS – Homem, por que o senhor não me disse logo?

PEDRO CONTENTE – Você não perguntou.

MATEUS (*desce do Cavalo-Marinho*) – Eu tô bonito, não tô?

PEDRO CONTENTE – Tá, Mateus. Tá parecendo o Tarcísio Meira. Mas deixe de tanto ajeitado e comece a brincadeira.

MATEUS – Lá vai... (*indo ao público*)

PEDRO CONTENTE – Isso, Mateus. Mostre que é um cabra-da-pesto, o gostoso das meninas e um discípulo do Mestre!

MATEUS (*cai no choro*) – Ah, pra que o senhor foi falar no Mestre? Eu já tinha me esquecido. Valha-me Nossa Senhora, não tem jeito, eu tô perdido.

PEDRO CONTENTE – Calma Mateus, calma. Não é assim que um homem se comporta.

MATEUS – Eu, que me importa! Eu não sou homem mesmo. (*chora desesperadamente*) Ô Seu Pedro, saudade mata?

PEDRO CONTENTE – Não. Mas maltrata.

MATEUS – Ai, minha Nossa Senhora do Bom Parto, como eu vou padecer!

PEDRO CONTENTE – Não diga isso, Mateus. Olhe, aquela moça tá mangando de você.

MATEUS – Seu Pedro, homem chora?

PEDRO CONTENTE – Não.

MATEUS – Ai, minha Nossa Senhora, eu não sou mais homem, não! (*continua chorando*)

PEDRO CONTENTE – Mateus, que coisa mais feia!

MATEUS – Seu Pedro, tire essa corda do Boi e amarre acolá. (*aponta para a braúna*) Se é de viver desse jeito, eu prefiro me enforcar.

PEDRO CONTENTE – Se eu tirar a corda, como é que você vai levar o Boi?

MATEUS (*para de chorar*) – Quer dizer que o senhor vai me dar ele?

PEDRO CONTENTE – *Iapôis*, Mateus! O Boi agora é seu.

MATEUS – Todinho meu?

PEDRO CONTENTE – *Iapôis*, homem. Leve ele pra você, faça o que quiser, se preciso até vender. Mas não invente mais história de dizer que quer morrer.

MATEUS – Foram as circunstâncias, Seu Pedro. As lactâncias do sofrer que desmiolaram as jactâncias das linhas do meu viver. Mas agora com o Boi... Eu não sei o que dizer.

PEDRO CONTENTE – Não diga nada.

MATEUS – Tá bem. Igual ao senhor, Seu Pedro, não existe mais ninguém. Eu vou dizer a todo mundo o valor que o senhor tem e contar que Pedro Contente me fez contente também.

PEDRO CONTENTE – Vai, Mateus! Vai logo que o Boi tá faminto.

MATEUS – Pode deixar, que ele agora vai comer. Vamos meu Boi-de-Bandeira, que eu vou cuidar de você! (*vai saindo, mas volta*) Ah! Ia me esquecendo. Eu deixo o meu Cavalo-Marinho de presente pro senhor com muito amor e carinho. (*sai puxando o Boi*)

PEDRO CONTENTE – Mateus! Mateus! Eita, bicho doido do Cão! Também parece que ele tava adivinhando que eu gosto dum alazão. (*monta no Cavalo-Marinho*) Ah! Agora eu vou fazer bonito na festa de apartação. (*dá uma volta no palco cantando e dançando*). Eu venho de muito longe, sou o rei da alegria / sou o Cavalo-Marinho, estrela do novo dia / Cavalo-Marinho / Cavalo-Marinho / gosta de muita folia. (*ao completar a volta choca-se violentamente com Catirina, que entra correndo e puxando a Ema*) Eita queda danada!

CATIRINA – Ah, cachorro da gôta, você vem com o olho no...

PEDRO CONTENTE (*cortando*) – Ôxente! Isso é gente ou urubu? Ah, é Catirina!

CATIRINA – Seu Pedro Contente? Como é que se anda desembestado desse jeito, não viu que eu tava na frente?

PEDRO CONTENTE – Deixa de ser besta, nêga, tem modo de gente.

CATIRINA (*levanta, se ajeitando*) – É isso mesmo, Seu Pedro Contente, hoje eu tô com a tampa do *currimbó* queimando.

PEDRO CONTENTE – É preciso dizer? Todo mundo tá notando. Que vexame danado é esse? Por que não anda com cuidado?

CATIRINA – Seu Pedro, hoje eu pisei em rastro de corno ou em bosta de aleijado, nunca vi tanto azar num cristão que é batizado. Olhe, começou pelo “febre” do Delegado. Sabe o que foi que ele fez?

PEDRO CONTENTE – Sei. Acabou a brincadeira de vocês.

CATIRINA – Pois foi. No meio dessa confusão o *impestado* do Seu Campina me deu um puxavanco pela mão que, se eu não fosse tão esperta, tinha me espatifado no chão. Mas também eu disse a ele uns quatro ou cinco *palavrão*! Aí, como se fosse pouco, imagine o papel que ele fez...

PEDRO CONTENTE – O que foi?

CATIRINA – Me chamou pra ir na casa dele apanhar um presente pro Boi. Aí, eu não tive demora, mandei Mateus ficar me esperando e fui com Seu Campina que já tava me puxando. Coitada de mim, Seu Pedro, fui bem intencionada, pensei que era a casa dele, era a pensão de Anunciada. O “febre” veio pra cima de mim com aquela conversa fiada, aí eu dei-lhe um pontapé que ficou pronta a gemada. Saí correndo pela rua afora pra encontrar Mateus. Ele tinha ido embora. Eu fiquei aluada, sem saber o destino que tomava. Aí, meti o pé na estrada pra ver se o encontrava, foi quando o senhor apareceu e quase que me matava.

PEDRO CONTENTE – Ah! Você tá procurando Mateus?

CATIRINA – É, ele passou por aqui?

PEDRO CONTENTE – Agorinha. Foi por ali. Se você for ligeira, num instante vai encontrá-lo.

CATIRINA – Adeus, Seu Pedro. Até outro dia.

PEDRO CONTENTE (*segurando-a pelo braço*) – Espere, Catirina... Tome, vá no Cavalo e deixe de correria.

CATIRINA – Meu Deus, quanta cortesia! (*monta no Cavalo-Marinho*) Adeus, Seu Pedro, até outro dia. (*sai*)

PEDRO CONTENTE – Até, Catirina! Ô nêga aluada da gôta, Virgem Maria! (*vem a Ema*) Hum! Tá aí, deixou a coitada da Ema. Ah, nêga cheia de problema.

SEU CAMPINA (*entrando com um pacote de bolacha e uma garrafa de aguardente*) – Ôxente! Falando sozinho, Mestre Pedro Contente?

PEDRO CONTENTE – Olá, Seu Campina, como vai essa pessoa?

SEU CAMPINA – Assim, Seu Pedro, levando essa vida à toa.

PEDRO CONTENTE – O que faz por essas bandas?

SEU CAMPINA – Procurando uma pessoa. Por acaso o senhor não viu o céu ficar escuro, a noite chegar repentina? O senhor não viu saca de carvão andando? O senhor não viu a nêga Catirina?

PEDRO CONTENTE – Homem, pra falar a verdade, ela passou por aqui ainda agora.

SEU CAMPINA – Faz muito tempo?

PEDRO CONTENTE – Mais ou menos umas duas horas. Muito mal falou comigo, contou um certo problema e saiu desembestada. Deixou até a Ema.

SEU CAMPINA – Ê-ein! É o bichinho dela... (*abraça-se com a Ema*) Seu Pedro, aquilo é uma ingrata, sabe que eu sou doido por ela, por isso é que me maltrata. Imagine o senhor que eu prometi àquela nêga danada um sapato, um vestido novo e até uma casa mobiliada pra ela se casar comigo e a infame não quis nada.

PEDRO CONTENTE – Ah, Seu Campina, não é assim que se consegue o coração da mulher amada.

SEU CAMPINA – E como é, então?

PEDRO CONTENTE – Tem que ser com palavras bonitas, com jeito e dedicação.

SEU CAMPINA – Mas se a desgraça nunca me dá atenção!

PEDRO CONTENTE – Então, paciência! Aguarde a ocasião. Quem sabe o senhor não consiga bem mais que o coração?

SEU CAMPINA (*interessado*) – O quê, por exemplo?

PEDRO CONTENTE – Seu amor, sua afeição.

SEU CAMPINA – Ah, Seu Pedro, acho difícil. A nêga não tem coração, só me trata com desprezo, só me faz judiação. Não vê que este peito velho é um túmulo de solidão!

PEDRO CONTENTE – Ê, Seu Campina, o seu caso não tem jeito não.

SEU CAMPINA – Mas eu insisto Seu Pedro, mesmo passando amargura. Pois como diz o ditado: água mole em pedra dura, tanto bate até que fura. (*cheirando a Ema*) Não é, minha bichinha? Ô que linda criatura, basta ser de Catirina pra ter tanta formosura. Ai, meu Deus, como sofre um coração desprezado...

PEDRO CONTENTE – É Seu Campina, o amor é um bicho complicado.

SEU CAMPINA (*beija a Ema*) – Esse cheirinho gostoso chega me desatina, tem o sabor do suor do *suvaco* de Catirina.

PEDRO CONTENTE – Coitado do Seu Campina...

SEU CAMPINA – Seu Pedro, tome esse pacote de bolacha pra o senhor comer no café e mais essa garrafa de cana, faça dela o que quiser. Mas deixe eu levar essa Ema, por Jesus de Nazaré!

PEDRO CONTENTE – Se isso lhe faz contente, pode pisar no pó.

SEU CAMPINA (*entrega os objetos*) – Pronto, Seu Pedro, muito obrigado. Agora por gentileza, ela foi pra quê lado?

PEDRO CONTENTE (*aponta o lado contrário*) – Por ali, siga no giro da venta.

SEU CAMPINA (*monta na Ema*) – Vamos lá, minha bichinha, veja se me aguenta! Vamos buscar aquela nêga *chamboqueira* e fedorenta.

PEDRO CONTENTE – É cedo, Seu Campina, demore mais um pouquinho.

SEU CAMPINA – Não, homem. Tenho que engolir caminho. (*sai montado na Ema*) Até mais, Mestre Pedro Contente! Um dia a gente se vê!

PEDRO CONTENTE – Adeus, Seu Campina! Foi um prazer! Ô *quengada* boa da gôta, essa foi pra valer. Também quem manda ser enxerido, é pra ele aprender. (*abre a garrafa e antes de tomar um gole, dá um pouco ao Santo. Quando a cachaça cai no chão, o mundo escurece com trovões e relâmpagos*) Ôxente! O que foi isso? O mundo mudou de repente...

CAIPORA (*escondida*) – Tá com medo, é?

PEDRO CONTENTE – Quem é?

CAIPORA – Sou eu, Pedro Contente!

PEDRO CONTENTE – Me dê a gôta serena se isso for voz de gente.

CAIPORA (*solta uma gargalhada*) – O que é isso, valente, já tá com a calça melada?

PEDRO CONTENTE – Isso é alguma alma penada.

CAIPORA – Como vai, Pedro Coruja?

PEDRO CONTENTE – É alma de boca suja. Ah! Eu já sei quem é essa vagabunda. Só pode ser a minha sogra, aquela velha imunda.

CAIPORA – Você não perde essa mania de *quenguista*, não é? Eu vi o que você fez.

PEDRO CONTENTE – Se tá pensando que eu não sei quem é, tá enganada, Dona Mercês. Por que não acaba com isso e aparece de uma vez?

CAIPORA (*aparece toda de branco com uma bexiga na mão*) – Descobriu, não foi? Pois bem, Pedro, temos uma longa conversa, pode ficar quietinho.

PEDRO CONTENTE – Olhe, se a senhora quiser conversar, diga logo porque eu tô com muita pressa.

CAIPORA – E eu nem um tiquinho. Se você tiver pensando que vai me *quengar*, pode tirar o cavalo do caminho. Nós temos muito o que conversar, pode ficar quietinho.

PEDRO CONTENTE – O que é que a senhora quer?

CAIPORA – Você já sabe o que é!

PEDRO CONTENTE – Se eu soubesse, não tava perguntando!

CAIPORA – Eu vou explicar direitinho.

PEDRO CONTENTE – Eu tô escutando.

CAIPORA – Então, eu dou uma *quengada* no céu, faço dos santos freguês, arranjo uma botija, venho trazer pra vocês e você, sem mais nem menos, joga fora de uma vez?

PEDRO CONTENTE – A senhora tem certeza?

CAIPORA – Claro, foi o que você fez!

PEDRO CONTENTE (*ao público*) – Veja só o que é a natureza, não se pode mais fazer o bem. A gente faz uma caridade e maldade logo vem. (*a ela*) A senhora sabe o que eu fiz?

CAIPORA – Claro. E muito bem.

PEDRO CONTENTE – Fiz muita gente feliz.

CAIPORA – Tá certo. Até aí, tudo bem. Mas a dona da fortuna ficou sem nenhum vintém. Ela é quem merecia mais que ninguém.

PEDRO CONTENTE – Quem é?

CAIPORA – Ora Pedro, não se faça de inocente. A desgraçada da sua mulher!

PEDRO CONTENTE – Ela não precisava disso, vive feliz ao meu lado.

CAIPORA – Vive é morrendo de fome, feito um cão abandonado.

PEDRO CONTENTE – Amélia é muito feliz!

CAIPORA – Você é quem diz. Mas eu é que sei a vida daquela infeliz. Só vive se lastimando, rezando de hora em hora, pedindo ajuda a Deus e proteção à Nossa Senhora. Eu venho trazer, você pega e joga fora.

PEDRO CONTENTE – Se reza, é porque gosta; se tá aqui, porque me ama; esse negócio de chamar por Deus, isso todo mundo chama.

CAIPORA (*irônica*) – Por que ama? Por que gosta?

PEDRO CONTENTE – Bem, a gente faz uma aposta.

CAIPORA – Hum! Você é mesmo um convencido. Um dia você leva couro. Só espero que ela saiba o que você fez do ouro.

PEDRO CONTENTE – Se a senhora tem tanta certeza que ela vive preocupada com isso a gente faz uma apostinha, mesmo sem compromisso.

CAIPORA – Tá bom, eu aceito o desafio.

PEDRO CONTENTE – Então vamos lá, minha sogra: em minha mulher eu confio, pois tudo que eu faço ela aceita sem desvio.

CAIPORA – Isso é que eu quero ver. Eu conheço o seu coração, ela é mansa como uma ovelha e boa como a razão. Mas dando fim ao que é dela, tem que ouvir reclamação.

PEDRO CONTENTE – Como é a aposta da gente?

CAIPORA – Você é que diz.

PEDRO CONTENTE – Bem, eu digo que ela é feliz e você diz que não. Se ela disser que sim, eu ganho logo a questão. Aí você toma essa garrafa de cachaça e vai atazanar o Cão.

CAIPORA – Quer dizer, volto pro inferno?

PEDRO CONTENTE – Sim. Pra nunca mais eu lhe ver.

CAIPORA – E se você perder?

PEDRO CONTENTE – Me submeto a qualquer coisa que você quiser fazer.

CAIPORA – Tá fechada a nossa aposta. Chame ela e vamos ver.

PEDRO CONTENTE – Bem, esconda-se aí detrás da braúna e fique ouvindo as respostas. Por favor, não apareça, senão ela cai de costas.

CAIPORA – Tá certo. (*ao público*) Vamos ver se ela gosta. É hoje que eu *quengo* Pedro e me vingo da proposta. (*vai à braúna*). Pronto, já tô escondida.

PEDRO CONTENTE (*disfarça e vai ao público*) – Hoje casa velha me paga. Vou ficar livre dela pro resto da vida. Isso é pior do que mosquito rodeando uma ferida. (*volta*)

CAIPORA (*com a cabeça de fora*) – Vamos logo que eu tô ansiosa.

PEDRO CONTENTE – Só se for agora! (*grita*) Amélia! Amélia! Minha rosa!

AMÉLIA (*aparece*) – O que é Pedro? Tá me chamando?

PEDRO CONTENTE – É a fome, minha nêga, que eu não tô mais aguentando.

AMÉLIA – A comida vai sair agora, eu já tô aprontando.

PEDRO CONTENTE – Amélia, sente aqui perto de mim que eu tenho uma coisa pra te dizer. Não sei se é boa ou ruim.

AMÉLIA – O que é, meu velho? É tão complicado assim?

PEDRO CONTENTE – Amélia, você se lembra do Mestre Cambinda? Aquele do Boi-de-Bandeira?

AMÉLIA – *Iapôis* homem, eu nunca perco uma brincadeira.

PEDRO CONTENTE – Pois escute o que vou lhe contar. Não é que o Delegado, aquele judeu desgraçado, proibiu o Boi de dançar?

AMÉLIA – Não diga!

PEDRO CONTENTE – Foi a maior intriga, o Mestre chegou aqui chorando pra se acabar. Eu não pude resistir e fui lhe consolar: acabei dando o nosso ouro pra ele viajar. Ir pra qualquer lugar onde pudesse dançar. Com isso ele sorriu e o Boi vai continuar.

AMÉLIA – Meu velho, você é um santo, não tem mais o que explicar. Era o que eu faria se tivesse em seu lugar. Aposto que até minha mãe com essa vai se alegrar.

CAIPORA (*à parte*) – Eita, que ele me *quengou*!

PEDRO CONTENTE – Mulher, você me tem amor?

AMÉLIA – Ôxente, homem, isso é pergunta que se faça? Você é meu chamego, o meu pão e a minha cachaça.

PEDRO CONTENTE – Eu sei, Amélia, mas eu quero ter certeza, que você é feliz vivendo nessa pobreza.

AMÉLIA – Pedro, essa história de fortuna, todo mundo quer ter; um consegue de repente outro morre e não vê. Eu sou a mulher mais feliz do mundo porque o meu tesouro é você.

CAIPORA (*ao público*) – Veja o que é mulher. Por causa dessa desgraçada, no inferno eu vou padecer. (*aparece*) Ah, filha desnaturada! Agora você vai ver! (*corre atrás dela com a bexiga na mão*) Por causa da tua besteira, a tua mãe foi *quengada*!

AMÉLIA (*correndo com medo*) – Mas mãe, eu não fiz nada!

CAIPORA – Você hoje me paga, sua infeliz conformada!

PEDRO CONTENTE – Corre mulher, que a velha tá danada! (*entrega a garrafa de cachaça a ela*)

CAIPORA (*recebe*) – Um dia você me paga, seu espírito zombeteiro! Eu vou lhe esperar no inferno com o tacho no braseiro e um ferro bem quente pra lhe enfiar no traseiro, seu boca de cururu, perna de urubu cangueiro! (*sai gritando atrás da filha*)

PEDRO CONTENTE – Bem dizia o defunto meu avô: “Sogra, nem depois de morta”. O chão come a carniça, mas a língua ele não suporta; quem quiser que experimente ver uma sogra na porta. (*deita-se comendo bolacha e cantando*) A melhor coisa da vida...

VENTUROSO (*entra desvanecido*) – Ah, mundo velho enganoso e cheio de presepada! Eu me deitei milionário e acordei sem ter nada.

PEDRO CONTENTE – Que Diabo é isso?

VENTUROSO – A vida, homem, essa cobra traiçoeira com a boca escancarada!

PEDRO CONTENTE – E o que foi que aconteceu?

VENTUROSO – O Delegado que... (*cai no choro*)

PEDRO CONTENTE – Morreu? (*ajoelha-se e reza*) Graças a Deus! Padre Nosso que estais no céu...

VENTUROSO – Ôxente, não morreu, não! Tá doente.

PEDRO CONTENTE – E pra que esse escarcéu?

VENTUROSO – Porque o caso é grave. Uma tragédia acaba de acontecer!

PEDRO CONTENTE – Ah! Mas vai morrer?

VENTUROSO – Homem, não diga uma desgraça dessa, não. Se o Delegado morrer eu dou um tiro no coração.

PEDRO CONTENTE – Ah! Então é essa a sua aflição? Homem, tenha vergonha. Ora, onde já se viu ser xeleléu de meganha!

VENTUROSO – O senhor não tá entendendo.

PEDRO CONTENTE – Então esclareça.

VENTUROSO – Acontece que o Delegado tá com amnésia. Levou uma cacetada na cabeça.

PEDRO CONTENTE – E só por isso o senhor tá chorando?

VENTUROSO – Não. Eu tô pensando é no meu dinheiro que dei pra ele guardar, com medo que aparecesse um ladrão querendo me roubar.

PEDRO CONTENTE – E o senhor já foi buscar?

VENTUROSO – Eu tô vindo agora mesmo de lá.

PEDRO CONTENTE – O que foi que ele disse?

VENTUROSO – Que eu não insistisse, que ele tava aperreado. Tinha levado uma pancada e esquecido do passado e que não se lembrava desse dinheiro que eu tinha lhe entregado. Aí eu tentei explicar com modos mais delicados. Ele ficou furioso, me ameaçou de cadeia, disse que se eu não acabasse com essa conversa ia entrar na pêia.

PEDRO CONTENTE – Isso é coisa da vida mesmo. Acontece em toda família, a gente com medo do ladrão, pega o ouro e a mobília e entrega de mão beijada ao chefe da quadrilha.

VENTUROSO – E agora, o que é que eu faço? Já escolhambei com o patrão, já fiz o Diabo a quatro.

PEDRO CONTENTE – Ê, a sua situação é meia embaraçada. Você mesmo foi quem entregou e deu de mão beijada.

VENTUROSO – Mas como é que eu ia saber? Como era que eu ia adivinhar que isso ia acontecer?

PEDRO CONTENTE – Bem dizia o defunto, meu avô, que no fim deste século o mundo ia ficar mudado.

VENTUROSO – Mas uma coisa ele esqueceu de dizer!

PEDRO CONTENTE – O quê?

VENTUROSO – Que ladrão ia andar fardado.

PEDRO CONTENTE (*ri*) – Eita, mundo velho desgovernado, esse não tem mais jeito não! E como diz o velho ditado: “O que seria do sabido se não fosse o bestão!”.

VENTUROSO – Ah, destino ingrato e cheio de safadeza! Pega um homem sensato, cheio de sutileza e joga nas garras do Delegado com toda aquela esperteza.

PEDRO CONTENTE – Homem, me desculpe a curiosidade. Será que foi verdade essa tal chapulexada?

VENTUROSO – Hum! Isso é conversa fiada! Foi roubo, foi enrolada!

PEDRO CONTENTE – Ah, quer dizer que foi uma *quengada*?

VENTUROSO – E das boas!

PEDRO CONTENTE – Esse Delegado tá precisando ouvir um bocado de verdades. Tá usando e abusando da sua autoridade.

VENTUROSO – Mas será que tudo que não presta vem pra esta cidade?

PEDRO CONTENTE – Se eu fosse mais moço, ele ia ver o que é bom pra caganeira. Eita, falou no Diabo, ele vem na carreira. (*aponta*) Olhe o descarado: vem feito uma égua cangueira.

VENTUROSO – Ah, eu agora me vingo! Vou arrancar-lhe o fígado pra tomar com aguardente.

PEDRO CONTENTE – Calma, valente! Só se for noutro canto, não na minha frente. E é bom prestar atenção se não quiser ser *quengado* novamente. Esconda-se atrás desta braúna e veja se não esquece. No meio da nossa conversa você aparece. Ligeiro, vá se esconder! Vamos ver o que acontece.

DELEGADO (*entrando*) – Oh, Seu Pedro Contente! Como vai essa sabedoria? Tem *quengado* muita gente?

PEDRO CONTENTE – Mas veja quanta bondade! Quem sou eu, Delegado? (*à parte*) Isso é pra autoridade.

DELEGADO – Então, como é que vai de vida nova? Vida de milionário... Tá gostando?

PEDRO CONTENTE – Eu não sei o que o senhor tá falando.

DELEGADO – Como é que vai a fortuna, a botija que o senhor encontrou?

PEDRO CONTENTE – Quem foi que lhe contou?

DELEGADO – Ora, homem, é assunto da cidade! Só se fala em sua riqueza. Dizem que é a maior fortuna que já apareceu na redondeza. (*Pedro olha ironicamente para a árvore*) Anda de boca em boca. Teve gente que viu e disse que só a prata dá pra comprar o Banco do Brasil. Isso sem falar no ouro, que é pra mais de mil.

PEDRO CONTENTE – É verdade, Delegado, quem lhe contou não mentiu. Mas eu ando muito preocupado, não sei se o senhor sentiu.

DELEGADO – Preocupado com quê? Se for algum ladrão, diga que eu mando prender.

PEDRO CONTENTE – É justamente por isso que eu tô preocupado. O senhor sabe, é uma fortuna muito grande e eu tô com medo de ser roubado. Eu conheço esta cidade melhor do que ninguém. A propósito, só na delegacia quantos ladrões têm?

DELEGADO – Ah, têm muitos. Têm pra mais de cem.

PEDRO CONTENTE – É isso que me apavora. Não me sai do pensamento ver chegar um assassino, desses cruéis e sanguinolentos, me matar e roubar a fortuna sem o menor sentimento.

DELEGADO – Êpa, Seu Pedro, um momento! Pra que existe a polícia?

PEDRO CONTENTE (*à parte*) – Se eu encontrasse um valente, uma pessoa sem malícia...

DELEGADO – Pronto, Seu Pedro Contente: um aqui em sua frente!

PEDRO CONTENTE (*à parte*) – Uma pessoa assim... forte, protetora, digna e com muita seriedade, que tivesse virtude, confiança e, acima de tudo, muita honestidade.

DELEGADO – Bem, não é preciso ir muito longe, Seu Pedro. Eu sou a pessoa ideal. Sou honesto, virtuoso e forte como este pau. (*bate com o cacete na mão*) E em matéria de honestidade, sou eu e o Banco Nacional.

VENTUROSO (*por trás da árvore*) – Atchim!

DELEGADO – O que foi isso?

PEDRO CONTENTE – Deve ter sido o Babau.

DELEGADO – Sim, mas como eu ia dizendo: se esse for o problema...

PEDRO CONTENTE (*cortando*) – Pois é, Delegado, esse é o meu dilema. É um caso complicado, eu preciso de uma pessoa, mas uma pessoa com passado, pra tomar conta da fortuna e eu ficar sossegado.

DELEGADO (*ao público*) – Esse já tá *quengado*. Seu Pedro, em matéria de passado, só existe um exemplar: o deste homem (*aponta para si*) que lutou com bravura pra chegar onde tá, a mais alta patente deste honrado lugar, onde o povo respeita e vive a elogiar.

VENTUROSO (*aparece*) – Olá, Delegado! Quanta eloquência...

DELEGADO – Mas veja que coincidência. Eu tava justamente à procura do amigo pra devolver aquela encomenda que você deixou comigo.

VENTUROSO – Verdade? Viu, Seu Pedro, o que é honestidade?

DELEGADO – Ah, eu sou assim mesmo. Pra entregar o que é dos outros ando duzentas milhas. Aliás, este hábito é uma tradição de família.

VENTUROSO – Bem, Seu Delegado, já que o senhor insiste. (*recebe*) Muito obrigado.

DELEGADO – Não tem o que agradecer. É a minha obrigação salvaguardar os interesses de todo e qualquer cidadão. Por favor, pode conferir, veja se está certo ou não.

VENTUROSO (*à parte*) – Nessa eu não caio mais não. (*confere*) Tá certo que só beijo de bode. Até mais, pessoal! (*faz sinal para Pedro com o polegar, agradecendo*) Com esse daí, nem o Diabo pode. (*sai*)

DELEGADO – Então, Seu Pedro, tá convencido da minha lealdade? Tá decidido a depositar a sua fortuna nas mãos desta autoridade?

PEDRO CONTENTE – Pra falar a verdade, tô. Mas tem um porém...

DELEGADO – O que é que tem?

PEDRO CONTENTE – É que só os brilhantes dão pra encher uns três caçoá. Sem falar nos diamantes, que cinco sacos não vão dar. E juntando o ouro e a prata, não queira nem calcular...

DELEGADO – Se esse for o porém, eu alugo um carro e venho buscar.

PEDRO CONTENTE – Tá bem. Amélia tá conferindo, quando ela acabar de contar eu arranjo um portador e mando lhe avisar. Agora, deixe dez contos pros sacos e os caçoá.

DELEGADO – Na hora, homem! Tome vinte, quem sabe os dez não vão dar.

PEDRO CONTENTE (*recebendo*) – Pronto, pode ir descansado que eu já vou preparar. Quero deixar tudo pronto. Amanhã, o mais tardar.

DELEGADO – Se Deus quiser, Seu Pedro. Vou esperar. (*vai saindo*)

PEDRO CONTENTE – Ah, Delegado, aproveite a ocasião e mande preparar uma festa em comemoração a um dos maiores acontecimentos já tidos nesta Nação.

DELEGADO – É uma ordem, Seu Pedro. Pois não!

PEDRO CONTENTE – Eu quero a Filarmônica, o Pastoril, o Reisado, eu quero ver foguetão queimando pra todo lado.

DELEGADO – Pode ficar sossegado, hoje vai ter festa a noite inteira.

PEDRO CONTENTE – Eu quero ver todo mundo na praça, caindo na bebedeira e, como atração principal, eu quero o Boi-de-Bandeira.

DELEGADO – E quem é que não gosta? Vamos fazer uma aposta que eu gosto mais que o senhor?

PEDRO CONTENTE – Não há necessidade, disso eu já sabia. Solte o Boi pela cidade que eu quero ver alegria e, se o povo quiser, é festa pra quinze dias.

DELEGADO – Eu vou, Seu Pedro, vou a jato. Mas amanhã não se esqueça de cumprir o nosso trato.

PEDRO CONTENTE – Homem, desapareça antes d'eu desistir.

DELEGADO – Agora... Eu já vou partir.

PEDRO CONTENTE – Delegado, se o Boi não tiver na festa, não me apareça aqui.

DELEGADO – Pode ficar descansado, homem. Se sua preocupação for esta, eu vou indo. Até à noite, na festa! (*sai*)

PEDRO CONTENTE – Delegado, solte o Boi na rua. Eu quero ver todo mundo cantando e dançando com fervor! Eita cabra besta da gôta, nessa ele se lascou! E ainda vai fazer uma festa em homenagem a *quengada* que levou... Toma, desgraçado, é o que tu merece. (*ao público*) Essa, aposto que ele nunca mais esquece. Sabe o que acontece? Eu não sou de enrolada, quando uma pessoa é honesta, virtuosa e honrada, não tem quem me faça dar uma *quengada*. Mas se o sujeito é avaro, invejoso e usurário, ladrão ou *quenguista*, já sabe: o seu lucro é meu salário.

O Mestre Cambinda apita e o Boi entra acompanhado dos personagens dançando e cantando.

TODOS (*cantando*) – Eu fui no céu ver a lua / e pedir a Nosso Senhor pra ele iluminar a rua nesta noite de esplendor / o lindo Boi-de-Bandeira espalha a rapaziada / e mostra, com todo encanto, o canto desta jornada / bata em cima do vaqueiro, ligeiro, sem demora / e diga ao dono da casa que nós já vamos embora / mas cuidado com os doutores que estão em sua frente / eles são seus protetores quando você ficar doente.

MESTRE CAMBINDA (*cantando*) – Distinto público presente / aqui termina a brincadeira / o nosso muito obrigado / em nome do Boi-de-Bandeira!

TODOS (*cantando*) – Ê boi, vai boi / ê boi, vem boi... (*repetem*)

- Fim -

BOM DIA, CARMEN MIRANDA!



Arte de Claudio Lira a partir
de uma foto de Bettmann

BOM DIA, CARMEN MIRANDA!

Vital Santos deveria ser um fã do cinema de suspense dos anos 1940 e 1950, pois com esta peça – totalmente fora da curva de suas produções tão focadas no universo nordestino e caruaruense – ele criou um *thriller* psicológico com reúne medo, violência e muita adrenalina. Fez uma imersão sobre a mente de suas personagens, quatro apenas, além das vozes que aparecem ao telefone, elemento fundamental para criar ainda mais tensão a esse estranho enredo de perigos iminentes. Sem querer dar muito *spoiler*, pois a obra é marcada pelo suspense diante do que pode acontecer, tudo se passa na sala de um velho casarão de uma família abastada, a residência de Pocilda, uma mulher cadeirante, e Falco, seu marido, um desembargador envolvido em falcatruas políticas. Ela é bem mais velha que ele e ambos estão com os nervos à flor da pele, pois o filho do casal, o garoto Édipo, foi sequestrado e há tempos seus algozes impõem uma série de restrições à família.

A casa está completamente às escuras, com portas e janelas devidamente fechadas, bastante suja, sem ninguém poder limpá-la e, inclusive, ninguém pode ter acesso a banhos ou uso da descarga nos sanitários. Tudo é fétido, com odores e lixos em acumulação e a própria construção predial em vias de desmoronar. As duas outras personagens da trama são Verbena, a governanta da casa, e Belo, o jardineiro. Recheada de suspenses, explosões de medos e psicopatias, incluindo a dependência de medicamentos farmacêuticos e a afetiva, nesta peça conflitante cenas assustadoramente violentas acontecem, explorando as emoções em família num momento de extrema tensão e nos fazendo refletir sobre o que é sanidade ou a falta dela. Lembra os clássicos filmes de suspense de Alfred Hitchcock, com suas reviravoltas e mistérios, daqueles que nos deixam grudados na cadeira, ansiosos para descobrir o desfecho.

Tudo indica que a obra começou a ser escrita em 1975. Em janeiro do ano seguinte, Jotta Lagos, o colunista social do jornal *A Defesa*, em Caruaru, que provavelmente não tinha experiência alguma de palco a não ser participação pontual como figurante especial na cena da bacanal de Herodes na *Paixão de Cristo da Nova Jerusalém*, revelou que foi chamado a atuar no espetáculo que Vital Santos pretendia montar. “É mais uma experiência que vou obter”, afirmou ele entusiasmado, lembrando ainda que a peça era uma “homenagem à pequena notável” (LAGOS, *A Defesa*, 14 jan. 1976, p. 7), o que denota que ele ainda sabia pouco sobre o trabalho, pois o título se resume a uma frase irônica, sem maiores referências à trajetória de Carmen Miranda.

Pouco depois, o jornalista anunciou dois outros nomes que iriam compor aquele elenco, os atores Roberval Veloso e Alcimar Vólia, do Grupo de Cultura Teatral. Após isso, nenhuma outra referência foi feita nos jornais à concretização de *Bom Dia, Carmen Miranda!*. Vale ressaltar que em agosto de 1976 Vital assumiu a direção da Casa de Cultura José Condé, atendendo a um convite de João Lyra Neto, presidente da Fundação Cultural de Caruaru, provavelmente tendo o seu tempo bem ocupado. Apesar do autor afirmar em várias entrevistas que sua criação estava sendo montada por artistas famosos como Rubens de Falco e Nathália Timberg, nenhuma notícia foi localizada na imprensa carioca ou paulistana, assim como em outros estados no Brasil. Também ele afirmava que a peça tinha sido montada no estrangeiro (na Argentina e até na Broadway), mas não há qualquer documento comprobatório no seu acervo pessoal, muito menos na *Internet*, o que é bem estranho.

Em julho de 1980 *Bom Dia, Carmen Miranda!* participou do II Ciclo de Leituras Dramáticas, em Curitiba/PR, mas não foi encontrada nenhuma montagem amadora, estudantil ou profissional. Portanto, com exceção de outra leitura durante o XI Janeiro de Grandes Espetáculos, em 2006, no Recife, com direção de Júnior Aguiar, o texto ainda deve ser inédito nos palcos, esperando um bom encenador que possa surpreender plateias e trazê-lo finalmente à cena como obra tão diferente do repertório do nosso autor caruaruense.

REFERÊNCIA:

LAGOS, Jotta. Bom Dia, Carmen Miranda. *A Defesa*. Caruaru, 14 jan. 1976. Jotta Lagos Informal. p. 7.

— BOM DIA, CARMEN MIRANDA! —

De: Vital Santos

.....

Personagens: Verbena, Pocilda, Falco, Belo e vozes
(ao telefone, de alguém da delegacia e de um locutor de rádio).

Ato único. Ao entrar no teatro, o público depara-se com uma figura estranha no centro do palco, sentada numa cadeira de rodas, imóvel, com um tricô nas mãos, embaixo de um foco vermelho de luz, tal qual uma peça de museu. É Pocilda num velho casarão. Ela ouve um programa de auditório da Rádio Nacional no qual o apresentador anuncia a morte de Carmen Miranda enquanto toca suas músicas. Tempo. As luzes se apagam lentamente. A mulher na cadeira de rodas se mexe e se mostra visivelmente nervosa. Começa a fazer o tricô, para e olha o público durante um bom tempo, depois fica rodando de um lado para o outro impacientemente. Ela usa uma bengala com um cabo de marfim e aço que reluz a cada movimento. Verbena entra trazendo um copo de vidro com água, o remédio e um castiçal cheio de velas acesas.

POCILDA – Ah! Finalmente! (toma o remédio) Que horror! Por que não pôs um pouco de açúcar?

VERBENA – Ordem do médico.

POCILDA (cortando) – Um pouquinho só não dá para matar ninguém. (pausa) Qual foi esse?

VERBENA – O de enxaqueca.

POCILDA (devolvendo o copo) – Espero que essa porcaria não me faça dormir como os outros. Remédios vagabundos! Não sei qual é o mais ordinário, se os medicamentos ou o médico. (pausa) O que está fazendo aí parada? Por que não vai logo guardar esse copo?

VERBENA – Onde ponho o castiçal?

POCILDA – Quer mesmo que eu diga? (Verbena deixa o castiçal em cima de um móvel e sai lentamente. Pocilda olha para o relógio na parede que marca dezoito horas e três minutos). Já passa das dezoito horas... Diabos, e esse homem que não chega!

Pocilda apanha o castiçal e leva para o lado oposto. No meio do palco o telefone toca assustando-a. Ela volta-se em pânico. Silêncio profundo. O telefone continua tocando. Verbena entra para atender.

VERBENA – Alô? É, sim.

POCILDA (*baixinho*) – Quem é?

VERBENA – Ah, pois não. Obrigada. (*desliga*)

POCILDA (*curiosa*) – Quem era?

VERBENA – Da padaria, avisando que amanhã vai faltar pão.

POCILDA (*respira aliviada*) – Graças a Deus, pensei que fossem aquelas desgraças novamente! (*continua o itinerário levando o castiçal. Verbena a ajuda empurrando a cadeira de rodas. Falco entra cabisbaixo, com semblante de cansado*) Falco... (*ansiosa*) E então?

FALCO – O mesmo de sempre, nada.

Silêncio e inquietação. Verbena sai.

POCILDA – Sabe que horas são, Falco?

FALCO – Não tenho a menor ideia.

POCILDA – Por que fez isso?

FALCO – Isso o quê?

POCILDA – Você se atrasou! Você sabe muito bem que era para estar aqui em casa às dezoito horas.

FALCO – Que inferno! Ninguém vai controlar a minha vida, Pocilda. Falaram também que a mensagem estava numa saboneteira dentro de uma lixeira em frente ao restaurante do zoológico. Sabe quantas lixeiras havia? Mais de vinte. Eu abri e remexi todas elas, meti a cara no lixo, vasculhei tudo e nada de saboneteira. Estou com lixo até a alma, tudo em mim fede! Nunca vi tanto lixo na minha vida, parece que o povo dessa cidade não faz outra coisa a não ser juntar lixo.

POCILDA – Isso é um teste, Falco! Estão testando a gente.

FALCO – Já é a terceira vez que fazem isso. (*pausa*) É humilhação demais!

POCILDA – Como podem saber de tudo que se passa aqui dentro? Se não cumprirmos o que determinam vai ser pior, vão nos encurralar feito ratos nos esgotos. Sabe-se lá o que pode acontecer ao nosso filho? Essa gente não tem nada a perder, Falco, são frias, cruéis, desumanas... Matam sem dó e sem piedade! (*emocionada*) São verdadeiros monstros!

FALCO – Um juiz se prestando a um papel ridículo como esse! Que horas são?

POCILDA (*apontando com a bengala*) – Veja no relógio...

FALCO – Dezoito horas e cinco minutos. Só isso, cinco minutos?

POCILDA – Cinco minutos, sim senhor.

FALCO – E onde você pensa que eu estava?

POCILDA – Não interessa. O que importa é que você tinha que estar aqui em casa às dezoito horas em ponto, como foi determinado.

FALCO – Pocilda, disseram que era às dezessete horas no zoológico. Como poderia estar aqui às dezoito, tendo que ir e vir a pé? Você sabe muito bem que não é perto! Não foi isso que falaram, que eu tinha que ir e vir a pé?

POCILDA – Acontece, Falco, que...

O telefone toca novamente. Eles ficam em pânico. Toca, toca, deixando-os em suspense.

POCILDA – Eu não falei, eu não falei? Já estão sabendo que você chegou atrasado, Falco. E agora? Maldição! (*o telefone continua tocando*) Atende, Falco, eu não suporto mais ouvir essa voz sarcástica e irônica... Inventa qualquer coisa! (*ele continua parado, olhando para o telefone*) Faz alguma coisa, Falco, pelo amor de Deus, antes que seja tarde. (*Falco continua em estado de choque*) Falco, eu não aguento mais! Pergunta logo quanto querem para libertar o nosso filho! (*chorando*) Aproveita e pergunta por ele... Como ele está, se está bem, se está se alimentando. (*cai em prantos. Verbena entra e atende ao telefone*)

VERBENA – Pois não? (*pausa*) Não... (*pausa*) Por nada. (*desliga o telefone*)

POCILDA (*apreensiva*) – Verbena?

VERBENA – Era uma mulher da voz grossa querendo saber se foi daqui a encomenda de um vestido de noiva.

POCILDA (*aflita*) – Meu Deus, tenha piedade de nós!

VERBENA (*com a mão no nariz*) – Doutor, o senhor está fedido, está todo urinado. *Ele corre furioso, pega o telefone e começa a discar.*

POCILDA – Falco, o que você vai fazer?...

FALCO (*desesperado*) – Alô? É da polícia?

POCILDA – Você enlouqueceu?

FALCO – Alô? Alô?

VERBENA – Doutor Falco, não faça isso!

FALCO – É o delegado?

POCILDA – Rápido, Verbena! (*pedindo ajuda*)

Verbena empurra rapidamente a cadeira de rodas e Pocilda, enfurecida, agride Falco com a bengala. O telefone cai. Ouve-se a voz de alguém do outro lado da linha.

VOZ – Alô? Alô? (*desliga*)

POCILDA – O que deu em você? Ficou maluco! Se a polícia entrar nessa história vai complicar a nossa vida. Foi a primeira coisa que falaram: “Deixem a polícia fora desse caso”. (*irônica*) Você, como juiz, conhece como ninguém a nossa polícia. (*Falco retira-se cabisbaixo*) Falco... Se for ao banheiro não use a descarga.

FALCO (*volta-se*) – Como? (*irado*) O que foi que você falou?

POCILDA – Pois é... A partir de hoje estamos proibidos de usar as descargas e tomar banho. Água só para beber, por enquanto.

FALCO – Merda! Não pode acender as luzes, não pode varrer e nem espanar a casa! Agora mais essa! O que pretendem com isso, querem nos enlouquecer? Como vamos suportar o mau cheiro, a imundície?

VERBENA – Calma, doutor.

POCILDA – Ora, Falco, não se faça de tolo. Será que você não vê que querem nos humilhar, nos torturar para valorizar o resgate?

FALCO (*olha nos olhos dela e sai revoltado*) – Malditos!

VERBENA – Se a senhora quiser eu falo com nosso vizinho...

POCILDA (*corta*) – Falar com quem?

VERBENA – Com o senhor que mora aqui ao lado, para usarmos o banheiro dele enquanto...

POCILDA – Faça isso... Faça isso e eu mato você! Era só o que faltava... Chegar na casa de um vizinho que a gente mal conhece com a cara mais cínica do mundo... Eu vim aqui... (*sente-se mal*)

Pocilda tem uma violenta crise epilética e entra em convulsões. Surge na janela do mezanino o vulto de uma mulher cantando “El Dia Que me Quieras”, composição de Carlos Gardel e Alfredo Le Pera. Verbena vira o rosto de Pocilda para o lado. Tempo. Depois da crise, ela a leva a um lavabo e trata os ferimentos. Pocilda vai voltando ao normal. Verbena, com muita dificuldade, consegue fazê-la tomar um comprimido.

POCILDA (*desfigurada*) – Que... comprimido... foi esse?

VERBENA – Gardenal.

POCILDA – Fal... Falco?

VERBENA – Está no quarto.

POCILDA (*aliviada*) – Meu Deus, que horror! É como se eu estivesse me transformando numa coisa...

VERBENA (*empurra um pouco a cadeira e faz uma massagem em Pocilda*) – Deve ser horrível mesmo.

POCILDA – Como nos meus pesadelos... Essa noite, Verbena, eu sonhei com ele novamente. Estava lindo com aquela roupinha azul de marinheiro que compramos quando ele fez 2 anos. Lembra-se? Parecia um anjinho. Gozado, no sonho ele era uma borboleta azul-marinho que voava bem alto, além do voo das borboletas.

VERBENA – Azul-marinho?

POCILDA – Era azul-marinho. Existe borboleta dessa cor, Verbena?

VERBENA – Existe.

POCILDA (*com o olhar distante*) – Ele brincava nas nuvens, riscava o céu por inteiro, fazia lindos desenhos, parecia uma pluma solta ao vento. Depois pousou no meu ombro e ficou conversando comigo.

VERBENA – O que era que ele dizia?

POCILDA – Não consigo lembrar.

VERBENA – Eu estou com tanta saudade dele...

POCILDA – Como será que ele está?

VERBENA – Eu tenho sonhado com ele quase todas as noites. (*pausa*) Sim, e depois?

POCILDA – De repente ela não conseguia mais voar, saía batendo nas árvores como se estivesse com medo de alguma coisa. Depois de muitos tropeços pousava num jardim de rosas murchas. Nesse jardim só havia flores mortas, apodrecidas, secas... Ela ficava ali parada, não tinha quem conseguisse tirá-la de lá. Foi quando apareceram alguns pombos feios, sujos, famintos: uns sem cabeça, outros sem os pés, com asas cortadas, sangrando, tentando alcançá-la. Ela ficava apavorada. A maioria daqueles pombos era cega, cheia de hematomas e muito triste. Na verdade, o que eles queriam mesmo era ficar junto daquela borboleta, daquela borboleta linda, cheia de vida, de encantos, de paz... Eles queriam brincar com ela... Mas ela não entendeu e fugiu desesperada. Os pombos ficaram furiosos e partiram atrás dela. Foi horrível, ela gritava e chamava pelo meu nome. Eu não podia fazer nada, as pernas estavam presas. Eu fazia tudo, mas não conseguia sair do lugar e a coitadinha da borboleta aflita pedindo socorro... E aqueles pássaros horrorosos em cima dela, beliscando, beliscando e ela sangrando, sangrando... Aí já não era mais a borboleta aflita que chorava, que sangrava, era ele, era o meu filho que gritava por mim. Era tanto sangue, tanto sangue que cobria o jardim... E, de repente, o mau cheiro daquelas plantas secas misturadas com sangue foi aumentando, aumentando... Acordei sufocada, apavorada com a sensação de que estava morrendo afogada naquele mar de sangue.

VERBENA (*serena*) – Sonho não se conta, Dona Pocilda, principalmente quando ele é bom. Quando é ruim só contamos para as árvores, para que não se realize.

POCILDA – E você, você acredita em sonhos, Verbena?

VERBENA – É melhor acreditar! (*apanha o castiçal*)

Ouve-se um trovão.

POCILDA – Meu Deus, esta noite vai ser eterna. Prefiro não dormir para não ter que sonhar... (*Verbena vai saindo e encontra Falco*)

FALCO – Pocilda, a mesa não está posta. (*olhando para Verbena*) O jantar não está na mesa... Pocilda, não vá me dizer que...

POCILDA – Sim, Falco. A partir de hoje nós só podemos fazer uma refeição ao dia.

Verbena sopra a última vela do castiçal. Fica tudo escuro. Começa a chover. Os relâmpagos e trovões clareiam a sala. A luz vai voltando aos poucos. Falco não está mais em cena. As duas estão em lugares diferentes. Pocilda leva a cadeira de rodas para a janela e fica olhando a chuva que escorre pela vidraça. Verbena se aproxima e fica por trás dela. A luz volta completamente, num clima de suspense.

POCILDA – O dia já amanheceu. Cinco dias hoje e nem sinal do Édipo. Ele deve estar sofrendo muito... Será que hoje vão libertá-lo?

VERBENA – Se Deus quiser, Dona Pocilda! Alguma coisa me diz que de hoje não passa.

POCILDA – Falco já acordou?

VERBENA – Não, senhora.

POCILDA – Deve estar roncando feito um porco como se nada estivesse acontecendo. E essa chuva, hem?

VERBENA – Está passando, daqui a pouco para. (*vai apanhar o remédio*)

POCILDA – Espero que hoje faça bom tempo para que tudo dê certo e ele volte para casa.

VERBENA – Tome o remédio.

POCILDA (*toma o remédio*) – Qual foi esse?

VERBENA – O da diabetes.

Falco vai entrando e fica ouvindo a conversa sem que elas o percebam.

POCILDA – Custa crer que isso esteja acontecendo conosco...

VERBENA – Pois é! Quem deverá estar por trás de tudo isso?

POCILDA – Como assim?

VERBENA – Sei lá... A senhora acredita mesmo que o desaparecimento do Édipo é só por dinheiro? Não será uma vingança? A senhora não suspeita de ninguém?

POCILDA – Não. De quem? Você desconfia de alguém, Verbena?

VERBENA – Não! É que numa hora dessa a gente deve pensar em tudo e em todos, amigos, inimigos, parentes... De quem entra e de quem sai dessa casa... Se realmente for um sequestro, só vão querer mesmo o dinheiro.

POCILDA – Tomara! Porque o que estão fazendo...

FALCO (*entrando*) – Eu concordo com você, Verbena, isso é uma vingança, é alguém que conhece muito bem os hábitos da nossa casa... (*pausa*) Eu tenho um suspeito. (*elas voltam-se para ele*) É... porque a essa altura devemos pensar em tudo, como disse a Verbena.

POCILDA – Quem?

VERBENA – O senhor suspeita de quem, Doutor Falco?

FALCO (*demora a responder*) – Do jardineiro...

POCILDA – Do Seu Belo?

FALCO – Ele mesmo.

VERBENA – Doutor Falco!

FALCO – Desde o dia em que meu filho desapareceu que eu venho pensando em quem poderia estar por trás de tudo isso e me lembrei que, dias antes, o Seu Belo pediu um dinheiro emprestado, dizendo que era para dar entrada na compra de um barraco lá onde ele mora. Eu neguei, disse que não tinha, e desde então tenho notado um certo desdém por parte dele, um ar de revolta, de despeito... Só sei que ele mudou, está muito diferente do que era antes.

VERBENA – Doutor Falco, isto é muito sério.

FALCO – Ele pode muito bem estar envolvido nessa sujeira toda, Verbena. Afinal, lá na favela onde ele mora o que não falta é gente para fazer o mal.

POCILDA (*sem acreditar*) – Mas Falco... Seu Belo?

FALCO – Vocês precisavam ver como ele ficou com raiva. Eu vi o ódio estampado nos olhos dele. E tem mais, presenciei várias vezes ele aí no portão conversando com um sujeito mal encarado, falando baixinho e o tempo todo olhando aqui para dentro. Ele pensa que não vi? Eu tenho quase certeza que é ele quem está passando as informações para os bandidos.

POCILDA – Mãe Santíssima, será?

VERBENA – Mas ele é uma pessoa tão calma, serena!

FALCO – Dissimulado, é o que ele é. Esses são os piores, Verbena. Mas tem uma coisa, se ele estiver metido nesta história, não quero nem pensar... Gente, já faz quase uma semana e não apareceu ninguém até agora para pedir um resgate. É só humilhação: faça isso, faça aquilo, senão... Vocês não acham isso muito estranho?

VERBENA – Engraçado, agora que o senhor está falando isso, lembrei que outro dia o Seu Belo me procurou e fez umas perguntas... esquisitas.

POCILDA – Que perguntas?

VERBENA – Agora estou lembrando. Meu Deus como é que não me dei conta que ele poderia...

FALCO – O que foi Verbena?

POCILDA – Verbena, você está sabendo de alguma coisa?

VERBENA – Ele me perguntou se o senhor era rico.

FALCO – Não falei, ele está envolvido nesta bandalheira!

POCILDA – Então é ele, só pode ser. É o único que sabe tudo o que se passa aqui dentro.

FALCO – Ele já chegou, Verbena?

VERBENA – Já, Doutor.

FALCO – Peça para ele vir aqui.

VERBENA – Sim, senhor. (*sai*)

POCILDA – Falco, e se ele não estiver sozinho nessa história?

FALCO – Eu ponho todos na cadeia, Pocilda. Eles não sabem com quem se meteram.

POCILDA – Estou começando a ficar apavorada. Se não pedem dinheiro, então... Só pode ser por vingança. (*fica pensativa*)

FALCO (*murmurando*) – Vão ver com quem estão mexendo...

POCILDA – Falco, tente se lembrar das pessoas que você prejudicou...

FALCO (*chocado*) – O que é isso, Pocilda?

POCILDA (*grita*) – É isso mesmo! Pensa que eu não sei? Tem muita gente sofrendo pela sua falta de decoro no cargo. Pela morosidade, pelo emperramento de vários processos, falências e concordatas decretadas sem motivos, e daí centenas de desempregados e credores enlouquecidos, perdendo tudo... E para quê? Para beneficiar esses seus amigos nojentos!

FALCO (*ri*) – Pocilda, não seja ridícula!

Entram Verbena e o jardineiro, Seu Belo.

POCILDA – Você fez e faz tudo isso!

FALCO – A única coisa de que você pode me acusar é de nepotismo, que fiz contra a minha vontade, para beneficiar a maldita dessa sua família.

POCILDA – Não seja ingrato! Você não seria nada se não fosse a minha família.

Verbena pigarreia para chamar a atenção.

BELO (*tímido*) – Bom dia!

FALCO (*direto*) – Bom dia. Seu Belo, aquele dinheiro que o senhor pediu, ainda está precisando dele?

BELO – Não, senhor, eu consegui com um amigo.

FALCO – Foi?

POCILDA – E esse seu amigo lhe emprestou porquê?

BELO – Recebeu uma indenização.

FALCO – Será que não foi em troca de algum favor?

BELO – Não, senhor. Eu disse que era pra dar de entrada na compra de um barraco e ele me emprestou o dinheiro.

FALCO – E o senhor acha que eu vou acreditar em tanta bondade? Uma pessoa dar dinheiro assim sem mais nem menos?

BELO – Mas não foi dado, Doutor, foi emprestado. E eu vou pagar.

POCILDA – Esse seu amigo não lhe fez nenhuma pergunta sobre nós e nem sobre os hábitos da nossa casa?

BELO – Não, senhora.

POCILDA – Não? E como ele é?

BELO – É um homem bom, uma pessoa muito decente.

FALCO – Seu Belo, há quanto tempo o senhor trabalha nessa casa?

BELO – Já faz algum tempo, Doutor.

POCILDA – O senhor tem alguma queixa contra nós?

BELO – De maneira nenhuma, muito pelo contrário.

POCILDA (*baixinho*) – Fingido...

FALCO – Seu Belo, nesses últimos dias o senhor não notou nada de estranho acontecendo por aqui, alguma coisa anormal?

BELO – Pra falar a verdade, não, Doutor. Eu cuido somente do meu trabalho, os jardins. O senhor pode ver, eu sou uma pessoa muito dedicada às plantas. Quando estou cuidando delas o mundo pode se acabar que eu não...

POCILDA – O senhor veio trabalhar aqui porquê?

BELO – Porque preciso trabalhar. Por favor, o que está acontecendo? Estou ficando preocupado.

POCILDA – Preocupado ou nervoso?

BELO – Também.

FALCO – Quem faz as perguntas aqui somos nós.

BELO – Sim, senhor Doutor.

FALCO – Seu Belo, quem é aquele homem que quase todo dia para o carro aí fora e fica conversando com o senhor?

BELO (*olha para Verbena*) – Dona Verbena, a senhora me prometeu.

Pocilda e Falco avançam sobre ele.

POCILDA – Prometeu o quê, seu Belo?

FALCO – Eu lhe fiz uma pergunta! Quem é esse homem?

POCILDA – Responda, Seu Belo.

BELO (*apavorado*) – É um médico que mora aqui perto.

POCILDA – Como é o nome dele?

BELO – Não sei. Conheci ele agora há pouco.

FALCO – O que ele conversa tanto com o senhor? Responda!

POCILDA – Já estou perdendo a paciência com o senhor.

FALCO – Não vai falar?

BELO – Eu não sei o que vocês estão querendo...

POCILDA – Ele está sabendo de alguma coisa e não quer falar, Falco!

FALCO – Seu Belo, é melhor o senhor dizer logo.

BELO – É... É um extra, Doutor. Uma viração minha. Aproveito a hora do almoço e cuido das plantas dele. E o trocado que recebo ajuda a comprar os remédios da minha senhora, que é muito doente.

POCILDA – O senhor acha que eu vou acreditar nessa história?

BELO – Dona Verbena, explique pra eles, diga que é verdade. Diga que sabia e que a senhora mesma falou que não era nada demais, que ninguém ia ficar sabendo. A senhora jurou que não contava nada, Dona Verbena.

VERBENA – Eles só estão querendo saber quem é esse homem, o nome dele e o que ele faz.

BELO – Eu nunca perguntei o nome dele, juro. Chamo ele de Doutor.

FALCO – E por que logo depois que o senhor conheceu esse sujeito foi perguntar a Dona Verbena se eu era um homem rico, se tinha muito dinheiro?

POCILDA – Foi ele quem mandou o senhor perguntar, não foi?

BELO – Não, senhora, comigo ele só fala de plantas, de flores, como cuido delas...

FALCO – Então o senhor queria saber se eu tinha dinheiro pra quê?

BELO – Perguntei por perguntar, curiosidade. Eu queria saber se o senhor tinha o dinheiro pra emprestar.

FALCO – E o ódio estampado no seu rosto quando eu neguei?

BELO – Não foi ódio não, Doutor, foi decepção.

POCILDA (*enfurecida*) – Ele está mentindo, Falco, este homem está mentindo!

FALCO – Seu Belo, o senhor sabia que o meu filho foi sequestrado?

BELO – Como? Pelo amor de Deus, Doutor, quem fez isso?

POCILDA – Cínico...

FALCO (*descontrolado*) – Onde está meu filho, Seu Belo?

BELO – É a mim que o senhor está perguntando?

FALCO (*violento*) – Canalha! Vamos, diga! Você sabe. (*abre a gaveta de um móvel e tira um revólver*)

BELO – Juro que não sei, Doutor!

POCILDA (*pega a agulha do tricô e aponta para o rosto dele*) – Infeliz! Fala, infeliz, fala, senão...

VERBENA (*segurando-a*) – Não faça isso, Dona Pocilda!

FALCO (*com o revólver apontado para ele*) – Seu Belo, eu estou perdendo a paciência!

POCILDA – Largue-me Verbena, eu vou matar esse infeliz! Ele sabe onde está o meu filho e não quer dizer.

FALCO – Quem é aquele homem, Seu Belo? Foi ele quem raptou o meu filho, não foi?

BELO (*desesperado*) – Vocês estão loucos, eu não sei de nada!

FALCO (*agredindo-o*) – Eu lhe fiz uma pergunta, seu filho da puta! Responda, senão eu mato você! (*dá uma coronhada com o revólver e ele cai*)

BELO – Aiiiiiiii!... Que violência é essa? Eu não sei de nada. Dona Verbena, me ajude!

POCILDA (*joga a cadeira de rodas em cima dele*) – Chega de conversa! Fale, senão eu o mato!

BELO – Jesus Cristo, me proteja!

FALCO – Pela última vez, Seu Belo, onde está o meu filho?

BELO – Vocês estão cometendo um grande erro! Eles vão me matar, Dona Verbena! Eles estão loucos, só pode ser...

Belo se apóia na cadeira de rodas. Pocilda a puxa com violência e a mão dele fica presa entre as ferragens.

POCILDA – Loucura você vai ver agora se não falar. (*aperta a mão dele entre as ferragens*)

BELO (*gritando*) – A senhora está me machucando.

FALCO – Fale logo, Seu Belo, pelo amor de Deus!

VERBENA – Não faça isso, Dona Pocilda! (*puxa a cadeira de rodas*)

BELO – Meu Deus do céu, ela quebrou a minha mão!

FALCO (*com o revólver na cabeça dele*) – Eu vou arrebentar os seus miolos se você não falar. Para onde levaram o menino? O que fizeram com ele? Vamos, diga!

POCILDA (*totalmente descontrolada*) – Responda, infeliz, senão eu meto essa agulha no seu olho.

BELO (*suplicando*) – Não faça isso, pelo amor de Deus! Dona Verbena, não deixe que eles façam isso comigo!

FALCO (*engatilhando o revólver*) – Cale a boca, filho da puta!

BELO – Eu sou inocente! Eu não sei de nada, Doutor.

FALCO – Era você quem passava as informações para os marginais, não era?

POCILDA – Claro que era. Agora está tudo explicado.

BELO – Eu não sei o que dizer, eu não sei do que vocês estão falando!

POCILDA (*pondo a agulha próxima ao olho dele*) – Fala infeliz, fala logo que eu não estou aguentando mais.

VERBENA (*agarra-se com ela*) – Dona Pocilda, cuidado.

BELO – Meu Deus, me ajude!

FALCO – Pela última vez, Seu Belo, fale!

POCILDA – Fala, fala, fala, infeliz!

Enfia a agulha no olho dele com tanta força que o sangue se espalha pelas paredes. Falco se assusta e, descontrolado, dispara o revólver em Belo, que cai gemendo.

VERBENA – Dona Pocilda, Doutor Falco, o que foi que vocês fizeram?

POCILDA (*fora de si*) – Ele sabe onde o Édipo está, Verbena. Ele sabe e não quer dizer...

VERBENA – Chega! Chega! Parem com isso! (*empurra a cadeira de rodas para longe*) Meu Deus, de onde saiu tanta violência?

POCILDA (*de costas*) – Tirem esse maldito daqui!

VERBENA (*tentando socorrer Belo*) – Vocês mataram esse coitado. Ele não respira mais...

FALCO (*em pânico*) – E agora, o que vamos fazer? (*tempo*) Vou levá-lo para o porão.

VERBENA – Não, Doutor! É melhor desaparecer logo com esse homem...

POCILDA – Também acho!

FALCO – Então vou levá-lo para a garagem. (*sai arrastando-o pelos braços*)

Tempo. Verbena troca as velas do castiçal. Um silêncio profundo invade o ambiente, interrompido apenas pelo barulho do corpo sendo arrastado. Verbena limpa o sangue das paredes. Um ruído estranho e cheio de suspense marca a cena.

VERBENA – Sonhos... É melhor acreditar.

POCILDA – Do que você está falando?

VERBENA – Do sonho que a senhora teve.

POCILDA – O que tem o sonho?

VERBENA – O mar de sangue... Aqueles pássaros horrorosos, cheios de cicatrizes, devorando o Édipo... Flores secas...

Pocilda tem uma nova crise. A luz vai caindo lentamente. Escurece total. De repente, Verbena acende uma vela, depois outra e mais outra, todas as velas do castiçal. Ela está só em cena. Vai até a janela e fica olhando pela vidraça. A luz das velas refletida nos vidros ilumina o seu rosto.

VERBENA – A única verdade dessa casa são os sonhos. (*um relâmpago a ilumina por completo*) Vai chover muito esta noite... Vamos ter tempestade. (*os trovões explodem no céu*)

A sombra da mulher aparece novamente na janela do mezanino, cantando a mesma melodia, “El Día Que me Quieras”. O vulto de um homem atravessa o corredor arrastando um corpo e provocando um som horripilante. O dia vai passando e os

relâmpagos e trovões não cessam. O vulto da mulher vai sumindo suavemente da janela e a música também.

VERBENA (*olhando o castiçal*) – Por mais fraca que seja, luz de vela sempre nos afasta da escuridão. (*volta à tristeza na janela*) Mais um dia e só esse vazio...

Silêncio. Somente os relâmpagos e o movimento do corpo sendo arrastado quebram a monotonia deste fim de tarde.

VERBENA – Daqui a pouco anoitece e cadê o sono?

O homem some levando o corpo. Tempo. Pocilda surge inesperadamente, surpreendendo Verbena.

POCILDA – Verbena! Verbena, você enlouqueceu?

VERBENA – Ai, Dona Pocilda, que susto!

POCILDA – Verbena, que diabo você fez?

VERBENA – O que foi que aconteceu, Dona Pocilda?

POCILDA – Quem usou a descarga do seu banheiro?

VERBENA – Do meu banheiro? Não fui eu, Dona Pocilda.

POCILDA – Como não?

VERBENA – Passei a tarde inteira aqui, pensando no Édipo.

POCILDA – Então foi ele, foi o Falco. Isso só pode ser coisa daquele demente.

VERBENA – Que homem maluco, meu Deus, não pensa no filho!

POCILDA – Será que ele não imagina no perigo que o menino está passando nas mãos daqueles assassinos?

VERBENA – Calma, Dona Pocilda, calma...

POCILDA – Ele fez isso de propósito.

VERBENA – Calma, eu vou preparar o seu remédio... (*saindo*) Coitado do Édipo.

POCILDA – Ele está brincando comigo! Idiota, pensa que usando o banheiro da governanta não vão saber... Mas sabem, sabem de tudo que se passa aqui dentro de casa. (*o telefone toca novamente*) Não... Não, pelo amor de Deus, eu não aguento mais ouvir este telefone. É uma tortura.

VERBENA (*voltando com o remédio*) – Eu vou atender.

Ouve-se outro telefone tocando.

POCILDA – Pronto, agora é o telefone do escritório.

O telefone da sala para de tocar.

VERBENA – Posso atender o do escritório?

POCILDA – Não, deixe que ele atenda. Deve ser do fórum. *(o telefone para de tocar)* Que inferno!

VERBENA – O seu remédio, Dona Pocilda, tome.

POCILDA *(toma o remédio)* – Qual foi este?

VERBENA – O calmante.

POCILDA – Onde ele está?

VERBENA – Não sei. No escritório?

POCILDA – Não está, vim de lá agora.

Ouve-se um barulho de água corrente.

POCILDA – Está ouvindo, Verbena?

VERBENA – Estou, tem alguém tomando banho.

POCILDA – É ele... Miserável! *(sai em toda velocidade)*

Verbena apanha o castiçal e sai. Projeta-se em cena um banheiro, com uma cortina de plástico, onde Falco toma banho. Há pouca luz. Pocilda aproxima-se em silêncio, puxa o punhal da bengala, se apóia na cadeira de rodas e levanta-se. Perde o equilíbrio e cai no banheiro, agarrada à cortina de plástico.

FALCO *(assustado)* – Que é isso, Pocilda?

POCILDA – Desgraçado, quer acabar com a vida do nosso filho?

FALCO – Deixa de bobagem, Pocilda! Seja lá quem for, agora não vai ficar sabendo de mais nada do que se passa aqui dentro.

POCILDA – Vai, sim. Ou você continua achando que o Seu Belo agiu sozinho?

FALCO – Não aguentava mais, Pocilda, o meu cheiro estava insuportável.

POCILDA – E a descarga, quem mandou você usar a descarga?

FALCO – Estava cheia, Pocilda! A bacia estava cheia de merda até a borda. Não aguentava mais ficar dentro dessa casa com esse mau cheiro. A gente ia acabar pegando uma doença.

POCILDA – Falaram que não era...

FALCO – Chega, Pocilda, acaba com essa loucura! Não basta o inferno que tem sido a nossa vida? *(fecha o chuveiro)* E esse punhal, o que significa isso?

POCILDA *(ameaçando-o)* – Se souberem disso eu mato você.

FALCO – Mate, Pocilda, mas mate agora. É a melhor coisa que pode me acontecer... Só assim fico livre de você!

POCILDA – Não brinque comigo.

FALCO – Vamos, Pocilda, mate! Pelo amor de Deus, me mate, Pocilda!

POCILDA – Falco, seu louco!

FALCO – Não suporto mais a sua cara. A sua voz me irrita. Sinto nojo de você, esse seu cheiro me dá náuseas. Prefiro mil vezes a morte a viver ao seu lado! Vamos, me mate, pôrra, eu já estou cheio dessa vida de merda que levo!

POCILDA – Odeio você, odeio você...

FALCO – Você é uma velha tirana controladora que não tem nervo, nem sangue! Você me odeia porque é mais velha do que eu, muito mais velha!

POCILDA – Chega, Falco, chega, pelo amor de Deus... (*chorando*) Não é verdade isso que você está dizendo, não é verdade. (*solta o punhal e abraça-se com ele*)

FALCO (*afastando-a*) – Eu sinto pena, muita pena de mim. Perdi a juventude ao lado de uma... De uma coisa dessas...

POCILDA – É mentira, você não me odeia, você me ama, só você não vê. Com toda loucura, ainda existe amor entre nós.

FALCO – Amor? Essa palavra você não sabe pronunciar! Há quanto tempo não existe sexo entre nós?

POCILDA (*envergonhada*) – Não existe porque não quero!

FALCO – Porque não sinto nada por você.

POCILDA – Ridículo! Você não é de nada, aliás, nunca foi. Não sei por que está falando nisso agora.

FALCO – E você, por acaso, já sentiu orgasmo alguma vez na vida, Pocilda? Vamos, responda!

POCILDA – Cretino, me respeite.

FALCO – Vamos, responda!

POCILDA – Falco, por favor!

FALCO – Não vai responder?

POCILDA – Sei o que é respeito, cachorro! Odeio você, odeio você!

FALCO – Não é só a mim que você odeia, você odeia o mundo!

POCILDA – Não sinto necessidade dessas coisas... Sou feliz assim...

FALCO – Feliz como, Pocilda? Sem amor, sem vida, sem sangue fervendo nas veias, sem sacanagem? Em todo esse tempo que estamos juntos nunca ouvi você dizer um palavrão.

POCILDA – Falco, você enlouqueceu?

FALCO – Vamos, Pocilda, fale, fale muita putaria que eu quero ouvir... Fale!

POCILDA – Cachorro, imundo...

FALCO – Fale, Pocilda... Fale “puta que o pariu, pôrra, caralho, buceta”!

POCILDA – Falco... Os vizinhos...

FALCO – Vizinhos? Eu quero que eles se fodam! Que tomem no cu! Você sabe o que é isso, Pocilda? (*gesticula*) Tomem bem no meio do cu, entendeu?

POCILDA – Você agora aderiu completamente ao imoralismo...

FALCO – Sexo, para você, é desprezível, não é? Você é uma dissimulada, uma cadela, uma cadela acuada.

Falco abre o chuveiro e deixa a água jorrando sobre a cabeça dela, avança e rasga a sua roupa. A luz vai caindo, fica somente uma sombra sobre os dois abraçados. Simultaneamente surge Verbena no mezanino, sentada numa cadeira de balanço, ouvindo no rádio “El Dia Que me Quieras” e fazendo flores de papel. Ela canta junto com o rádio. A luz do banheiro desaparece, ouve-se um grito de prazer. Verbena salta da cadeira abraçada com as flores. Black-out. Ainda no escuro, ouve-se o telefone. Depois de várias chamadas surge um foco suave de luz sobre Falco, de pijama, com o castiçal na mão. Pocilda está ao seu lado, na cadeira de rodas. O telefone continua a tocar. Falco toma coragem e atende.

FALCO (*bate o aparelho*) – Desligaram.

POCILDA (*sussurrando*) – Será que foi...?

FALCO (*sussurrando*) – Quem poderia ser a essa hora da manhã?

POCILDA – Meu Deus, o dia mal clareou... (*silêncio*)

Eles tomam outro susto quando o relógio da parede começa a bater seis horas. Um efeito especial de luz acompanha o movimento do relógio, causando um clima de pavor. Falco deixa o castiçal em cima de um móvel e abre a cortina. A luz da manhã invade a sala. Verbena entra correndo aterrorizada, assustando-os mais ainda.

VERBENA – Doutor Falco! Dona Pocilda!...

POCILDA – Verbena?

FALCO – O que está acontecendo?

VERBENA (*transtornada*) – Uma coisa horrível.

FALCO – O que aconteceu?

POCILDA – Responde, Verbena!

VERBENA (*apontando*) – O rádio...

FALCO – O que tem o rádio?

VERBENA – Está falando que encontraram um garoto morto, amarrado numa árvore, com o corpo todo inchado e parte dele devorada pelos bichos! (*cai em prantos*)

POCILDA – Meu Deus!

FALCO (*aflito*) – E disse o nome do garoto?

Verbena acena com a cabeça que sim.

POCILDA – Édipo?

Verbena não para de chorar

FALCO – Responde, Verbena, era ele?

POCILDA – Pelo amor de Deus, Verbena, responde! Era o Édipo?

Verbena continua chorando compulsivamente.

FALCO (*sacudindo-a*) – Responde, Verbena, era o meu filho?

VERBENA (*soluçando*) – Não.

POCILDA (*respira aliviada*) – Graças a Deus!

FALCO – E por que essa frescura toda?

POCILDA – Para com esse histerismo!

VERBENA – Foi um choque muito grande, Dona Pocilda. Pensei logo nele, no Édipo. Ai, meu Deus! (*continua chorando*)

FALCO – Você quer matar a gente de susto, é? Pare com isso!

Ela se desespera mais ainda.

POCILDA – Calma, Verbena, calma! Já passou, já passou... Vá preparar o meu remédio.

Verbena sai chorando copiosamente.

POCILDA – Imagino como deve estar a família dessa criança...

FALCO – Vou até a garagem.

POCILDA – Falco, todo cuidado é pouco. Some logo com esse corpo daqui.

FALCO – É o que eu vou fazer.

POCILDA – Vai logo, antes que apareça alguém.

FALCO – Vou colocá-lo no carro, sentado no banco da frente para não levantar nenhuma suspeita. Assim que anoitecer, desapareço com ele.

POCILDA – Você ainda vai esperar que anoiteça?

FALCO – À noite é mais seguro.

VERBENA – E nós vamos ficar, mais um dia, com esse corpo aqui dentro de casa?

FALCO – É o jeito, não vamos nos arriscar.

POCILDA – Daqui a pouco começa o mau cheiro e vai chamar a atenção dos vizinhos.

FALCO – Calma, Pocilda, calma, ninguém vai desconfiar de nada! *(sai em direção à garagem)*

Pocilda vai até a janela e repete o ritual de sempre: fica contemplando perdidamente o vazio.

POCILDA – Seis dias. Se ele não voltar hoje, sei não... Vou enlouquecer. *(pega o tricô e fica entretida)*

A luz vai caindo suavemente sobre ela e abre em penumbra na garagem, no exato momento em que Falco apóia o corpo no banco do carro. Um silêncio horripilante invade o ambiente. Pocilda sente um calafrio e para de fazer o tricô. Falco fica nervoso como se estivesse sendo observado. O vento sacode as janelas executando um som de pavor e suspense. Volta o silêncio absoluto. Falco bate a porta do carro. O corpo cai sobre a direção, acionando a buzina e os faróis altos que iluminam a plateia. Imediatamente Falco ajeita o corpo e coloca o sintó nele para segurá-lo. Pocilda respira fundo e volta a fazer o tricô. Falco bate a porta do carro com cuidado. Black-out na garagem.

VERBENA *(volta trazendo o remédio)* – O seu remédio, Dona Pocilda.

POCILDA *(com o copo na mão)* – Será que hoje vão telefonar?

VERBENA – Tenho um pressentimento que sim, Dona Pocilda, se Deus quiser.

POCILDA – Amém... *(toma o remédio)* Qual foi esse?

VERBENA – O dos ossos.

Verbena abre a janela. Um vento forte joga a cortina e assanha os seus cabelos. Ela fica admirando atentamente a agilidade de Pocilda com as agulhas do tricô.

VERBENA – Essas cores são lindas.

POCILDA – É um cachecol.

VERBENA – Vai ficar muito bonito.

POCILDA – É para quando ele voltar.

VERBENA – Quando eu era criança tinha a maior vontade de aprender a fazer tricô. Era o sonho da minha vida... Achava lindas aquelas agulhas imensas, aqueles novelos coloridos...

POCILDA – É bom, ajuda a passar o tempo.

VERBENA – Mas nunca consegui aprender. A única coisa que sei fazer mesmo são flores de papel.

POCILDA – Só não gosto de bordar. Acho uma chatice.

VERBENA – Ah, não! Um bordado bem feito é muito bonito. Minha avó é que adorava. Ela fazia cada desenho maravilhoso... Lembro que uma vez ela fez uma borboleta...

POCILDA (*para de tricotar*) – Borboleta?

Falco entra lendo o jornal.

FALCO – Fico revoltado com uma coisa dessas.

POCILDA – Com quê?

FALCO – Com a facilidade com que esses bandidos têm de desmoralizar ao mesmo tempo a família e a polícia.

POCILDA – Do que você está falando?

FALCO – Do caso daquele garoto do rádio.

POCILDA – Alguma novidade?

FALCO – Eles dizem aqui que antes do corpo do garoto ser encontrado a família procurou a polícia e, ao invés deles investigarem o caso, limitaram-se apenas a oferecer explicações levianas.

POCILDA – Como assim?

FALCO – Levantaram a hipótese de desajuste familiar: pais separados, desarmonia no lar e, principalmente, do envolvimento do garoto com homossexuais.

POCILDA – E o que mais?

FALCO (*continua lendo o jornal*) – “E que é possível que o garoto tenha forjado o seu próprio sequestro para tirar dinheiro dos pais”.

Silêncio e reflexão.

FALCO – Não sei se vocês notaram, mas ultimamente o Édipo andava muito estranho.

POCILDA – Não notei nada disso.

VERBENA – O Édipo, estranho?

FALCO – Sim, tinha notado ele agressivo.

VERBENA – Gente, pelo amor de Deus, o senhor não está pensando que o Édipo...

FALCO – É verdade. Vocês não perceberam, mas ele estava diferente.

POCILDA – Como é? O meu filho agressivo, com comportamento diferente? Você só pode estar louco.

FALCO – Então ele só estava diferente comigo... Depois não digam que eu não avisei.

POCILDA – Ô Falco, de onde você tirou isso?

VERBENA – O Édipo é apenas uma criança...

FALCO – Ah, 13 anos, o Édipo tem 13 anos!

POCILDA – Ele estava revoltado, sim, mas era com o pouco dinheiro que você dava para ele. Ele me disse quanto os colegas dele recebem dos pais.

VERBENA – Não posso acreditar no que estou ouvindo. Gostaria muito dele aqui agora para ouvir isso... O próprio pai... (*sai revoltada*)

Silêncio.

FALCO – Não posso acreditar.

POCILDA – Ela tem razão, você sabe que ela tem razão.

FALCO – Você sabe quanto eu dou para ele, Pocilda?

POCILDA – Sei que é pouco, ele não para de reclamar...

FALCO – Mas isso não justifica o seu comportamento.

POCILDA – Que comportamento, Falco? Édipo sempre foi motivo de orgulho para nós. Se há alguém com comportamento estranho aqui, com certeza, não é o do meu filho...

FALCO – Eu sou um juiz, não um milionário. Não quero nenhum alienado aqui em casa.

A vidraça explode jogando pedados de vidros para todos os lados. Uma saboneteira de metal cai no meio da sala aos pés de Falco, que fica assustado.

POCILDA (*apavorada*) – O que é isso?

FALCO – Uma... uma... sabonet...

POCILDA – É o pedido de resgate.

Falco, com muito esforço, consegue apanhar a saboneteira. Verbena entra atraída pelo barulho da vidraça.

VERBENA – O que aconteceu? (*Falco entrega a saboneteira a ela*) O que é isso?

POCILDA – Jogaram pela vidraça, Verbena, é o pedido de resgate. Abra logo.

VERBENA (*abre a saboneteira e grita*) – Nãoooo!!! Tem um olho aqui dentro...

FALCO – Um olho?

POCILDA – Não pode ser verdade.

VERBENA – E é um olho de Édipo...

FALCO – Verbena!

VERBENA – É sim, Doutor, veja... (*mostra*)

POCILDA – Socorro, Verbena...

Pocilda tem outra crise, desta vez bem mais forte. Cai da cadeira de rodas e fica se batendo no chão. O sangue sai pelo nariz e se mistura a uma espuma no canto da boca. Falco sente náuseas, corre para o lavabo e começa a vomitar. Vomita e tem um acesso de tosse, depois fica olhando, penalizado, a agonia de Pocilda. Aos poucos ela vai voltando ao normal. Verbena, com a ajuda de Falco, a coloca de volta na cadeira de rodas.

FALCO – Não me acostumarei nunca... Meu estômago não aceita.

VERBENA (*apanha a saboneteira*) – Um papel! Tem um papel sujo de sangue aqui dentro. (*tira o papel*) É um bilhete.

POCILDA (*com dificuldade para falar*) – Leia... Alto... Ver... Verbena.

VERBENA (*lendo em voz alta*) – “Doutor, se quiser o seu filho de volta, faça tudo que estamos mandando. Preste muita atenção: o senhor vai ter que se vestir de Carmen Miranda e ir até a praça do Mercado Público. Chegando lá, tem que cantar e dançar igual a ela para atrair o público”.

As duas olhando para ele.

FALCO (*sem jeito*) – Estão me olhando assim porquê?

VERBENA (*volta a ler o bilhete*) – “Estaremos esperando a Carmen Miranda, amanhã, às dez e meia”.

FALCO – Tenho cara de palhaço, tenho?

VERBENA (*continuando*) – “Só assim libertaremos o garoto”.

FALCO (*dá uma banana*) – Aqui, ó!

VERBENA (*ainda lendo*) – “Pense bem, hoje estamos mandando o olho do seu filho. Amanhã, o coração”.

FALCO – Isso, nunca... Não vou me prestar a essa palhaçada!

POCILDA – Vai Falco, você vai!

FALCO – Não vou, já disse que não vou. Isso é uma brincadeira de muito mau gosto, um blefe.

POCILDA – Nem que seja morto, carregado, mas você vai.

FALCO – É o que veremos...

POCILDA – Você vai querer que eles matem o nosso filho?

FALCO – Pocilda, que coisa ridícula, você não está vendo que isso não pode ser verdade?

POCILDA – E o olho? O olho é mentira? Os telefonemas, o desaparecimento do menino?

FALCO – E a minha reputação?

POCILDA – Será que ela vale mais que a vida do nosso filho?

FALCO – Sou um juiz, se fizer isso estarei arruinado para sempre.

POCILDA – Falco...

VERBENA – Doutor...

FALCO – Não vou... Não vou fazer nada disso que eles estão pedindo. (*decepcionado*) Não vou, não vou mesmo, não tenho coragem. Então foi para isso que passei a vida inteira, noites e mais noites abraçado aos códigos, tratados e doutrinas, para, no fim da vida, ao invés da glória, do reconhecimento... carregar o fausto da vergonha? Não, Pocilda, não vou!

POCILDA – E o Édipo?

FALCO – Podem até me matar, mas não vou. Não vou negociar com bandidos, é uma questão de honra.

POCILDA – Fique certo de uma coisa, se eles matarem o Édipo...

FALCO – Pocilda...

POCILDA – Chega, quero o meu filho de volta!

FALCO – O que eles estão pedindo é muito sério, pode ser o fim da minha carreira de magistrado.

POCILDA – Magistrado, que magistrado? Um indecente que passou a vida inteira envolvido em falcatruas...

FALCO – Não quero ouvir mais nada, chega!

POCILDA – Verbena, eles vão matar o meu filho!

VERBENA – Calma, Dona Pocilda, calma.

FALCO – Será que você não entende, Pocilda?

POCILDA (*histérica*) – Vá para o inferno, seu desgraçado! Quero o meu filho! (*bate nele com a bengala*) Quero o meu filho de volta! (*gritando*) Édipoooooooo!

FALCO (*sacudindo-a*) – Pare, Pocilda! Pare de chamá-lo de filho, ele não é seu filho! Não é seu filho, ouviu? (*silêncio*) Isso mesmo, ele não é seu filho.

VERBENA – O que é isso, Doutor Falco?

POCILDA (*perplexa*) – Eu sabia, eu sabia que mais cedo ou mais tarde você iria jogar isso na minha cara. (*parte para cima dele*) Você não presta, é um canalha! (*volta a bater nele*) Um cachorro imundo!

VERBENA – Isso é coisa que se diga, Doutor Falco?

FALCO (*fugindo de Pocilda*) – E você também, cale essa boca!

POCILDA – Filho da mãe! (*abre a gaveta e tira o revólver*)

FALCO – Pocilda, pare com isso! Guarde esse revólver, ele está carregado.

POCILDA (*apontando para ele*) – Nunca mais diga isso...

VERBENA – Cuidado, Dona Pocilda!

FALCO – Cuidado com essa arma, Pocilda!

POCILDA – Ele é meu filho, ouviu? Criei, eduquei, dei amor... Ele é meu filho!

FALCO (*acuado*) – É, Pocilda... Ele é seu filho.

POCILDA – Repita novamente que ele não é meu filho... (*grita*) Vamos, repete!

FALCO – Ele é seu filho! Ele é seu filho, Pocilda!

POCILDA – Vamos, repita...

FALCO – É, Pocilda, ele é seu filho...

POCILDA – Covarde, você é um covarde! Um doente mental.

FALCO – Doente aqui ainda não sou eu.

POCILDA (*ameaça atirar*) – Seu miserável, eu atiro em você.

VERBENA – Pelo amor de Deus, Dona Pocilda, guarde essa arma!

FALCO – Foda-se! Quer atirar, então atire, pôrra!

POCILDA – Eu mato você, desgraçado!

FALCO – Víbora, sua víbora estéril!

VERBENA – Doutor Falco, pare, por favor!

FALCO – É isso mesmo, Verbena, essa recalçada não pode ter filhos e quer pôr culpa nos outros.

POCILDA – Infeliz... (*atira nele*)

VERBENA (*desesperada*) – Dona Pocilda!

FALCO (*defende-se*) – Pelo amor de Deus, não atire. Verbena, tome essa arma!

VERBENA (*segurando-a*) – Me dê essa arma, Dona Pocilda!

FALCO (*avança e toma o revólver*) – Louca! Sua louca varrida, você quase me matou.

Pocilda chora.

VERBENA – O senhor também... Não é, Doutor?

FALCO – Não tenho sangue de barata, Verbena! Você presenciou, foi ela quem começou tudo isso... (*silêncio*) Em breve serei um desembargador, não posso fazer essa loucura, não posso. (*deprimindo-se*)

VERBENA – E como fica, Doutor? O senhor vai deixar que...

FALCO (*cansado*) – Pare Verbena, pare!

Tempo. Pocilda continua chorando.

VERBENA – O que é a vida: olho por olho... (*vai saindo*) Vou preparar o seu remédio, Dona Pocilda. (*sai*)

FALCO (*consigo mesmo*) – Merda! Passei a vida inteira carregando nos ombros o peso dos códigos, perseguindo a justiça, aplicando a lei, querendo uma sociedade mais justa e chego a uma situação como essa de que nada serve: nem a lei, nem a justiça, nem a ordem social. Estou inapto e ninguém é complacente comigo. (*sai cabisbaixo*)

VERBENA (*entra, trazendo o remédio*) – Tome, Dona Pocilda.

POCILDA (*tomando o remédio*) – Qual foi esse?

VERBENA – O antidistônico.

POCILDA (*abatida*) – Verbena, mostre aquele bilhete.

VERBENA (*entregando*) – É uma colagem feita com letras recortadas de jornais.

POCILDA – E o olho, é mesmo de Édipo? Você tem certeza?

VERBENA – Infelizmente, Dona Pocilda.

POCILDA – Você acha que tem alguma coisa a ver com o que fiz no olho daquele infeliz?

VERBENA – Não, apenas coincidência.

POCILDA (*suspirando*) – Quem será que está querendo nos destruir?

VERBENA – Ele prejudicou mesmo algumas pessoas?

POCILDA – Muitas... Muitas...

VERBENA – Então deve ter a consciência bem pesada.

POCILDA (*decidida*) – Verbena, nós temos que providenciar, com urgência, essas roupas da Carmen Miranda.

VERBENA – A senhora acha mesmo que ele vai sair assim com essas roupas?

POCILDA – Vai. Eu conheço o meu marido. Sou o seu caminho, ele nunca soube o que é uma senda, até minhas pernas usou. E nas pedras desse caminho ele nunca tropeçou porque tinha o braço firme do desembargador José Demétrio de Paula Mendes segurando a sua mão. Ele seguiu rumo ao bacharelado de Direito de olhos vendados, cego de ambição, mas foi a honradez e o prestígio do desembargador José Demétrio de Paula Mendes que pôs a toga nos seus ombros. Mas é pouco, ele quer mais. Chegou ao Tribunal e quer ser desembargador, mas José Demétrio de Paula Mendes não está mais aqui e hoje ele necessita da presença da filha do desembargador José Demétrio de Paula Mendes para influenciar os amigos em favor da sua nomeação. Vai, Verbena, com certeza, ele vai.

VERBENA – E onde vamos conseguir essas roupas?

POCILDA – Não sei, mas vamos.

VERBENA – Papel. Eu posso fazê-las de papel crepom. A Carmen Miranda era uma vedete e eu acho que muitas dessas vedetes usavam roupas de papel.

POCILDA – Ótima ideia, Verbena.

VERBENA – Tenho bastante papel. Não é amanhã, às dez e meia?

POCILDA – É o que diz o bilhete.

VERBENA – Vai dar tempo, sim.

POCILDA – Então vá logo.

VERBENA – Estou indo. (*recolhe a bandeja e sai*)

Pocilda olha para o relógio da parede que marca vinte e duas horas.

POCILDA – Vinte e duas horas... Deus, outra noite sem fim...

Ela vai até a janela, puxa mas não consegue abri-la. Tenta novamente e nada. De repente a janela abre-se sozinha, desprende-se do portal e fica pendurada. Ela empurra a outra banda e dá de cara com a lua cheia. A lua invade a casa. É tanta luz que deixa Pocilda desnorreada.

POCILDA (*encantada*) – A lua! Há quanto tempo não via uma lua cheia e o céu tão estrelado... (*suspirando*) Acho que a última vez em que vi uma lua assim foi... Foi quando comecei a namorar o Falco. Lembro-me como se fosse hoje: fomos ao cinema assistir a um filme chamado *El Dia Que me Quieras*, com Carlos Gardel. (*sonhando*) Foi o meu primeiro beijo e o primeiro abraço. E a música? Inesquecível! (*solfeja de olhos fechados*) Ah, quantas lembranças essa lua me trouxe! (*triste*) Foi preciso acontecer uma tragédia em minha vida para que eu pudesse ver a lua cheia novamente.

Volta a solfejar enquanto uma lua cinematográfica, cheia de efeitos especiais, embeleza a sala do velho casarão. Até que Pocilda boceja e adormece. Ouve-se o motor do carro. Abre-se a porta da garagem e surge, com imponência, o Ford 51, invadindo a plateia. Ele circula elegantemente em volta do público levando dois passageiros e some na direção oposta à do palco. Enquanto isso, um jato forte de luz cai sobre Verbena no mezanino, cheia de brilhos, vestida de Carmen Miranda. O jato de luz vai sumindo e a lua cheia também, ficando somente Pocilda, que continua dormindo tranquilamente em sua cadeira de rodas. A luz fecha em foco sobre ela. Black-out. A luz volta. Imediatamente, Pocilda está no mesmo lugar, olhando o relógio da parede que marca dez horas.

POCILDA (*agitada*) – Dez horas... Onde essa mulher se meteu? Já era pra ter voltado, faz tempo que ela saiu... Hum! E esse mau cheiro... Está insuportável. (*põe um lenço no nariz e vai até a janela*) Nunca vi essa rua tão movimentada como hoje! De onde saiu tanta gente?

A outra parte da janela cai de vez pelo lado de fora.

POCILDA (*inquieta ainda, rodando de um lado para o outro*) – E Verbena que não chega com esses remédios. Será possível que ela... (*Verbena entra cheia de pacotes*) Que demora foi essa Verbena, você quer me matar do coração?

VERBENA – Tive que ir a três farmácias para encontrar todos os remédios. O de enxaqueca é o mais difícil que tem, toda vez é assim...

POCILDA – Não sei porquê o médico insiste tanto com esse remédio! Sempre que o tomo, passo mal. Vieram todos?

VERBENA – Todos. (*abrindo os pacotes*) O dos ossos, o colírio, o da depressão, as vitaminas, a pomada, o Gardenal, o de enxaqueca e este último que o médico passou que é o da diabetes.

POCILDA – Vá preparar logo o calmante, Verbena, estou que não aguento.

VERBENA – Sim, senhora. (*baixinho*) E ele?

POCILDA – No quarto.

VERBENA – Deixou a roupa lá?

POCILDA – Deixei. Em cima da cama.

VERBENA – Será que ele vai mesmo?

POCILDA – Vai. Ele sabe que tem que ir! Estou preocupada é com esse movimento de gente aí fora... Ele pode cismar e...

VERBENA (*vai à janela*) – Nossa! Essa gente parece que adivinha. (*voltando*) Ainda falta muito tempo, daqui a pouco a rua estará vazia. (*com a mão no nariz*) Hum! Esta casa está apodrecendo! Que mau cheiro horroroso!

POCILDA – Eu também estou sentindo.

VERBENA – É casa de aranha pra todo lado, poeira, lixo, mofo... Não sei como a senhora está aguentando...

POCILDA – Esse pesadelo vai ter fim.

VERBENA – Se Deus quiser.

POCILDA (*feliz*) – Ah, Verbena, esqueci de contar: ontem sonhei com ele à noite inteira. Quero dizer, com a borboleta.

VERBENA – Foi? Conte-me...

POCILDA – Ela entrou janela adentro e ficou aqui brincando, feito uma criança quando começa a andar. Corri atrás, mas não conseguia alcançá-la. Ela entrava no quarto e saía na sala, ficava ziguezagueando em minha volta. Tentei alcançá-la, mas não conseguia, chamei pelo seu nome, mas ela não me ouvia... De repente, num voo suave e cheio de encanto, foi para o jardim. Quando me aproximei ela estava pousando no ombro do Seu Belo.

Pausa.

VERBENA – E depois?

POCILDA – Acordei. Verbena, o que significa isso?

VERBENA – Sonhar com borboleta?

POCILDA – Sim.

VERBENA – Não é nada bom... Sonhar com borboleta é infelicidade, inconsistência, é prenúncio de vida em ruína. Se a borboleta fosse vermelha seria uma grande paixão, mas como ela é azul, é um falso e estúpido amor que só traz sofrimento.

POCILDA – Que horror!

VERBENA – Bobagem. Ignorância pura...

Um quadro imenso do Anjo Gabriel solta-se da parede e se arrebenta no chão, levantando poeira.

VERBENA *(olhando o relógio da parede que marca dez horas e dez minutos)* – Está quase na hora... Vou preparar logo o seu remédio. *(apanha os pacotes e vai saindo)*

POCILDA *(ansiosa)* – Não demore, Verbena, por favor.

VERBENA – Sim, senhora. *(volta-se)* Ih! Esqueci do leite! Vou até a padaria, volto num instante.

POCILDA – Não demore. *(sussurrando)* Quando voltar entre pelos fundos.

VERBENA – Entendi... *(sai apressada)*

Pocilda, nervosa, vai até a janela e fica olhando a rua. Depois volta e para em frente ao relógio de parede, que marca dez horas e quinze minutos.

POCILDA – Está quase na hora e esse homem que não aparece! *(liga o rádio)*

VOZ NO RÁDIO – Será realizada, na próxima sexta-feira, às dezenove horas, na Igreja da Candelária, a missa de sétimo dia em sufrágio da alma de Carmen Miranda...

Pocilda baixa o volume do rádio e vai em direção ao quarto, quando depara-se com Falco vestido de Carmen Miranda.

POCILDA *(sem graça)* – Falco!

Falco caminha sem jeito tentando se equilibrar nas sandálias de plataforma.

POCILDA – Coragem, Falco, ninguém vai reconhecer você. Vamos pôr fim a esse inferno. Só assim saberemos logo quem são os nossos inimigos.

FALCO *(desiludido)* – Inimigos... O meu maior inimigo sou eu mesmo.

O telefone toca e ele atende impulsivamente.

VOZ NO TELEFONE – Bom dia, Carmen Miranda!

Falco bate o telefone.

POCILDA – Vai, Falco!

FALCO – Estou indo, Pocilda, estou indo...

Sai pelo meio do público, cambaleando, cumprindo a sua Via Crucis, enquanto no rádio ouve-se a voz alegre de Carmen Miranda.

POCILDA *(desliga o rádio e respira aliviada)* – Graças a Deus acabou-se o pesadelo. *(sente o mau cheiro, põe o lenço no nariz. Depois vai ao proscênio e fica olhando a caminhada de Falco)*

VERBENA *(entra com um copo de vidro com água, trazendo o remédio)* – Ele já foi?

POCILDA – Já. Agora vamos aguardar a volta de Édipo. Como será que o meu filho está?

VERBENA (*fria*) – E ele?

POCILDA – O Falco? Arrasado.

VERBENA – Revoltado?

POCILDA – Não, humilhado!

VERBENA – O seu remédio.

POCILDA (*toma*) – Qual foi esse? (*Verbena não responde*) Verbena, está me ouvindo, qual foi esse?

VERBENA (*puxa a cadeira de rodas violentamente e fica cara a cara com ela*) – Cianureto!

POCILDA – O quê? Que brincadeira de mau gosto é essa?

VERBENA – Brincadeira? Nunca falei tão sério em toda a minha vida.

POCILDA (*apavorada*) – Verbena...

VERBENA (*irônica*) – Não se preocupe, você ainda tem alguns minutos para me escutar... Coisa que nunca fez!

POCILDA – Você não é louca... Isso não pode ser verdade. Você não teria coragem!

VERBENA – Fique tranquila. Você não vai sofrer... Hitler experimentou esse veneno em seu cozinheiro de estimação. Ele morreu rápido, sem sentir nenhuma dor.

POCILDA (*aflita*) – Por que você está fazendo isso comigo?

VERBENA – É a mim que você está perguntando?

POCILDA – Verbena, eu não tive culpa, esse sequestro...

VERBENA – Não falei nada. Não há culpado nessa história. (*grita*) O Édipo não foi raptado!

POCILDA – O quê?

VERBENA – O que você acabou de ouvir. Ninguém sequestrou o Édipo! Eu o matei, eu matei o Édipo, está ouvindo? E ainda fiz amor com ele morto... (*pausa*) O corpo está lá embaixo, no porão, dentro daquele tonel velho com serragens.

A porta principal da casa desaba de uma vez, fazendo muito barulho.

POCILDA (*pasma*) – Então foi você quem armou tudo isso? (*aperta o copo de vidro com tanta força que ele se quebra. O sangue escorre da sua mão*)

VERBENA – Você ainda tem dúvidas? (*Pocilda olha para ela incrédula*) E não adianta me olhar assim. Tudo que fiz foi para evitar que ele se tornasse cretino, hipócrita, monstruoso como vocês. Sabia que isso ia acontecer um dia. (*pausa*)

Quando Édipo nasceu eu queria entregá-lo à minha mãe, mas vocês não deixaram, tomaram o menino dizendo que assim que ele crescesse vocês diriam para ele que eu é que era a sua verdadeira mãe, não foi? Responda! Não foi?

POCILDA – Você é o Demônio...

VERBENA – Mas isso nunca aconteceu. Pelo contrário, vocês registraram o meu filho, lhe deram um nome e o afastaram completamente de mim.

POCILDA (*agonizando*) – Estou me sentindo mal... Estou sem ar...

VERBENA – Vivi ao lado dele todo esse tempo como uma estranha. Nunca senti o prazer de ficar sozinha com ele para brincar, conversar, dar carinho, porque vocês sempre davam um jeito para que isso não acontecesse. Não suportava mais a situação. Desesperada, procurei o Édipo e contei tudo para ele, toda a verdade. (*transtornada*) Ele riu de mim, riu e me humilhou, meteu o dedo no meu nariz e gritou, gritou muito e cuspiu no meu rosto. Ele me maltratou, disse coisas que não devia, inclusive que não acreditava que eu era a sua mãe...

POCILDA – Bem feito... Você não tinha nada que contar para ele.

VERBENA – Não tive outra alternativa senão dar veneno para ele. Naquele momento senti que o Édipo não era aquele filho que eu pensava. Perdi o encanto por ele, o carinho, o amor de mãe... Perdi o meu filho. Ouvindo-o falar daquele jeito era como se ouvisse a voz do Doutor Falco Leitão...

POCILDA (*quase sem voz*) – Socorro, alguém me socorra! Estou passando mal...

A janela do mezanino cai por cima dos móveis destruindo tudo.

VERBENA – Ele não mentiu quando disse que o Édipo estava mudado, estava agressivo... (*pausa. Fica por trás de Pocilda fazendo a voz do telefone*) A partir de hoje fica proibido acender as luzes...

POCILDA (*tapa os ouvidos*) – Não! Pare com isso, não aguento mais ouvir essa voz...

VERBENA (*sádica e irônica*) – Quando aquele jardineiro idiota apareceu, juro que senti pena dele, mas tive que aproveitar a oportunidade para deixar vocês confusos. A saboneteira com o olho do Édipo joguei do jardim. O resto foi muito fácil, os telefonemas eu dava do escritório. Quanto à roupa da Carmen Miranda, ela já estava pronta há muito tempo... Tinha certeza que ele iria, nunca teve personalidade...

O mau cheiro aumenta, fica insuportável, a ponto do público sentir.

POCILDA – Maldita...

VERBENA – Pensa que terminou? Tem mais uma coisa ainda que não lhe contei. Menti para você quando disse que o pai do Édipo era um caixeiro viajante que havia me abandonado grávida. O verdadeiro pai do meu filho é Falco Leitão!

POCILDA (*nas últimas*) – Maquiavélica! Pensa que vou acreditar nisso?

VERBENA (*rindo*) – Problema seu. Lembra-se do seu acidente? Enquanto você mofava na cama daquele hospital, meses após meses, ele ficava aqui me seduzindo, dizendo que você ia morrer e ele se casaria comigo... Acreditei.

POCILDA – Chega, chega! A minha vista está escurecendo, não estou enxergando mais nada. Socorro...

A casa desmorona de vez: caem os lustres, móveis, paredes...

VERBENA (*com o olhar perdido na rua*) – Ele está pensando que ninguém vai reconhecê-lo. Vai ter uma grande surpresa! (*sussurrando no ouvido de Pocilda*) Não é por acaso que a rua está assim, tão movimentada... Liguei para os vizinhos, para os amigos, para a imprensa. Estão todos esperando por ele na praça.

POCILDA – Você vai direto para o inferno, Demônio! (*agoniza e morre*)

Verbena leva a cadeira de rodas para dentro dos escombros, de onde surgem pequenos focos de fumaça.

VERBENA (*circulando a cadeira de rodas*) – Eu não sou a borboleta que você sonhou! Sou aquela borboleta que queimou as asas na primeira chama que apareceu no caminho. Mas mesmo vindo da larva repugnante, quero ser capaz de transformar o meu renascimento...

O velho casarão é devorado pelo fogo e arde em chamas.

- Fim -

APOIO CULTURAL:



INCENTIVO CULTURAL:



MINISTÉRIO DA
CULTURA



Este livro foi editado em outubro de 2025,
utilizando a família tipográfica
Minion Pro para os textos
e *Finlandica* para os títulos.



INCENTIVO CULTURAL:

FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTES
funarte 50 ANOS

MINISTÉRIO DA
CULTURA

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO

